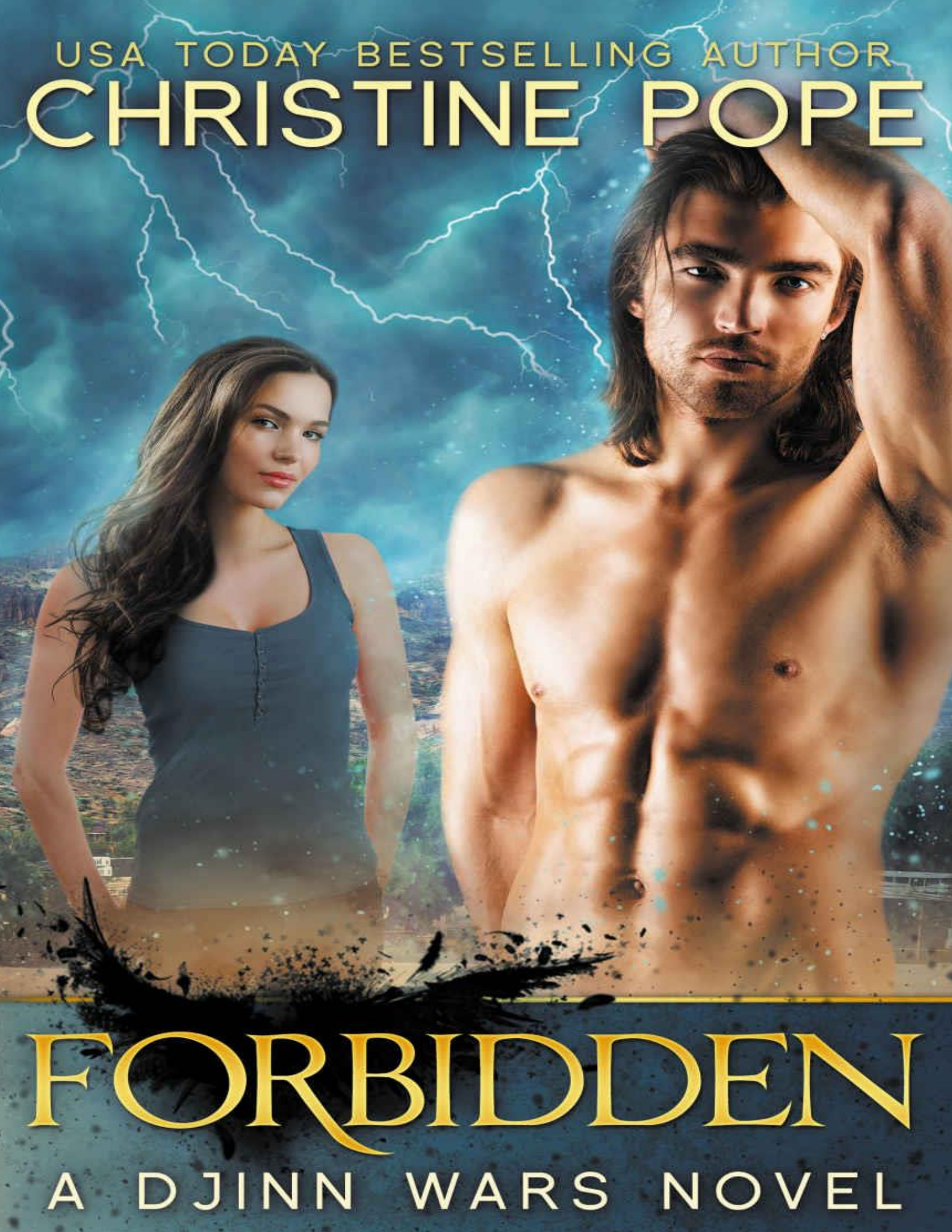


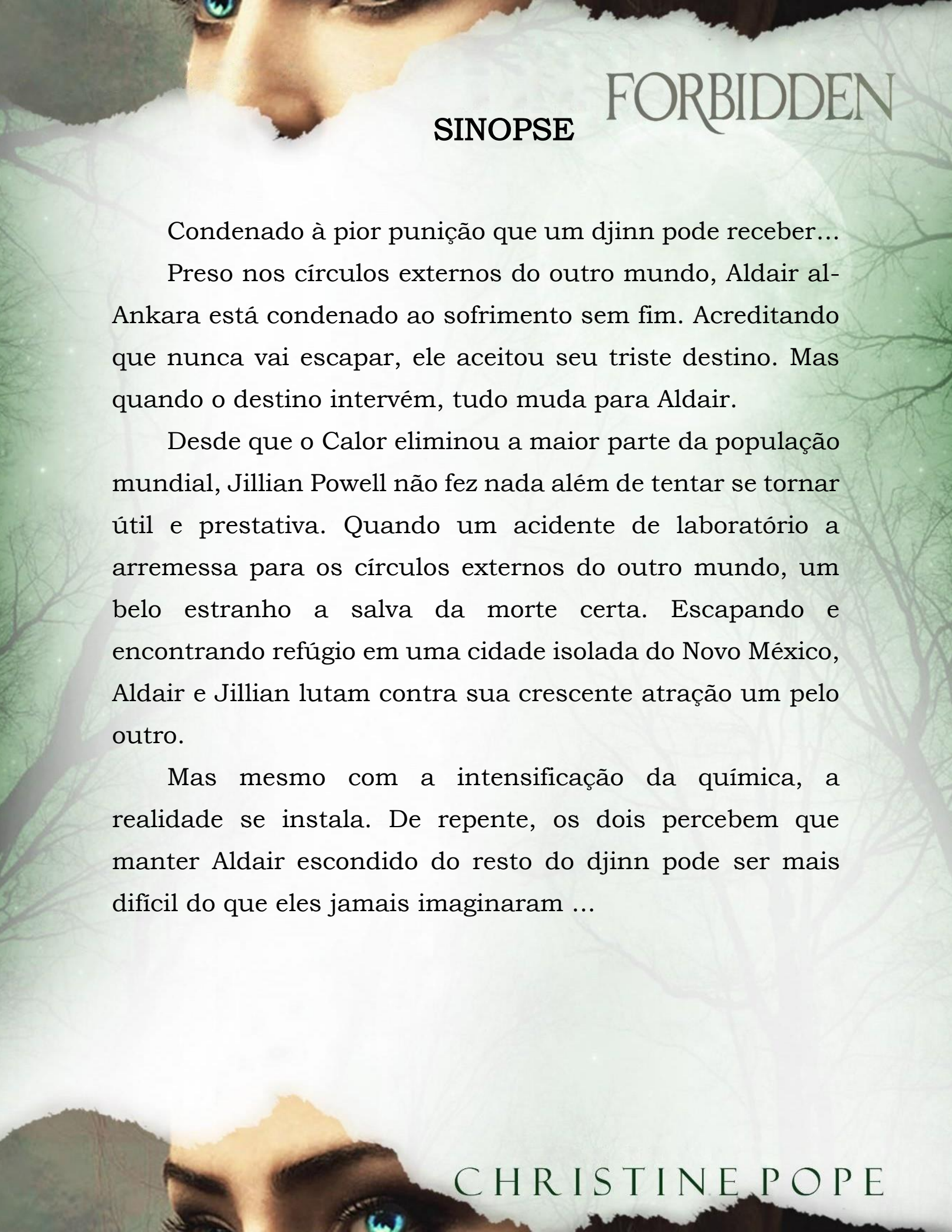


USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
CHRISTINE POPE

FORBIDDEN

A DJINN WARS NOVEL





SINOPSE

FORBIDDEN

Condenado à pior punição que um djinn pode receber...

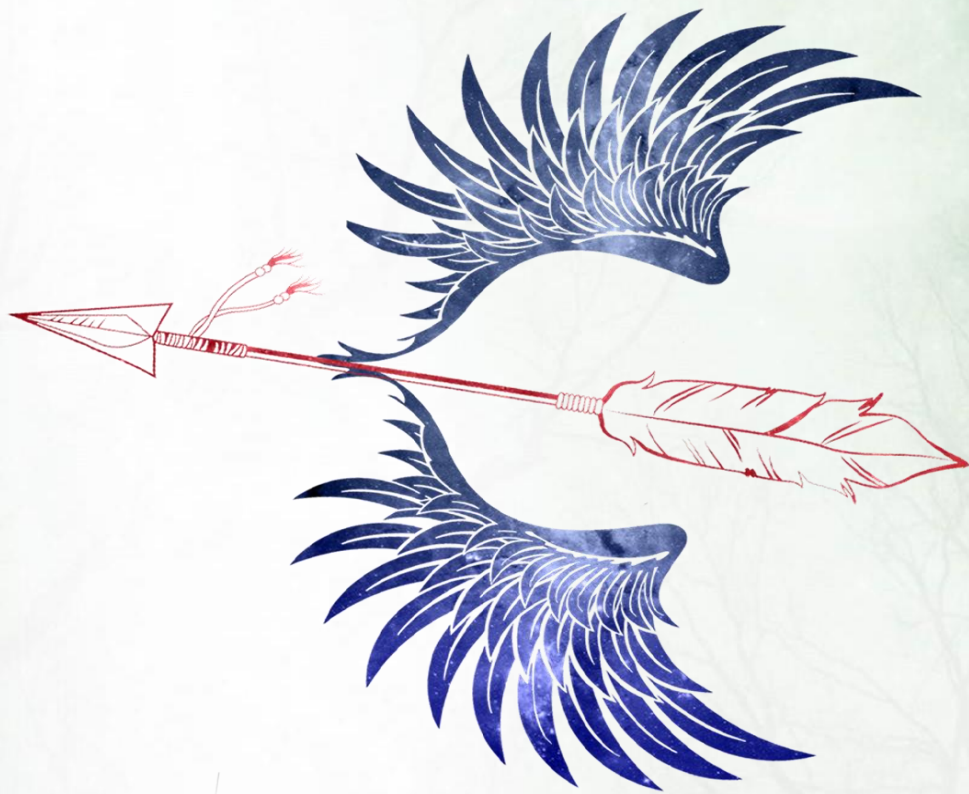
Preso nos círculos externos do outro mundo, Aldair al-Ankara está condenado ao sofrimento sem fim. Acreditando que nunca vai escapar, ele aceitou seu triste destino. Mas quando o destino intervém, tudo muda para Aldair.

Desde que o Calor eliminou a maior parte da população mundial, Jillian Powell não fez nada além de tentar se tornar útil e prestativa. Quando um acidente de laboratório a arremessa para os círculos externos do outro mundo, um belo estranho a salva da morte certa. Escapando e encontrando refúgio em uma cidade isolada do Novo México, Aldair e Jillian lutam contra sua crescente atração um pelo outro.

Mas mesmo com a intensificação da química, a realidade se instala. De repente, os dois percebem que manter Aldair escondido do resto do djinn pode ser mais difícil do que eles jamais imaginaram ...

CHRISTINE POPE

FORBIDDEN
*Parceria Huntress Universe
e Darkness Angel*



Tradução: Astrid Wilkins
Revisão: Nix Angels
Leitura Final: Violet Huntress
Formatação: Astrid Wilkins

CHRISTINE POPE

Capítulo Um

Jillian Powell largou o alicate de ponta fina que ela segurava e espiou dentro do dispositivo que estava à sua frente na mesa de trabalho. Miles havia lhe dado essa tarefa porque ele sabia que ela tinha uma mão firme e um olhar atento, mas naquele momento parecia que todas as horas que passou olhando a confusão de fios dentro da caixinha não haviam conseguido muito mais do que dar a ela uma dor de cabeça.

Talvez fosse hora de fazer uma pausa. Jillian olhou para o relógio pendurado na parede do outro lado do laboratório. Quase cinco. No mundo antigo, antes dos moribundos, há hora teria passo mais rápido, mas Miles Odekirk não fazia muita ideia quando se tratava de horas normais de trabalho. Ele e sua parceira Lindsay pareciam passar a maior parte de suas vidas acordados no laboratório aqui nas instalações de Los Alamos, apesar de alguém pensar que Miles poderia querer que Lindsay se afastasse um pouco, já que ela estava com quase sete meses de gravidez e não podia mais passar horas e horas em pé como costumava.

Mas Jillian realmente não queria pensar sobre isso. Era óbvio ver que Lindsay era feliz - e a expectativa muito mais

contida de Miles - serviu apenas para lembrar Jillian de tudo o que havia perdido quando o Calor varreu o mundo e levou todos que ela conhecia e amava. Alguns podem dizer que a passagem do tempo deveria ter começado a curar essa dor, agora que o segundo aniversário dos mortos estava a pouco mais de um mês, mas, em vez disso, essa dor interior parecia se tornar cada vez mais nítida à medida que as pessoas ao redor dela seguiram em frente com suas vidas e começou uma nova... algo que Jillian não parecia capaz de fazer.

Droga.

Ela se levantou do banquinho onde estava sentada, depois saiu do laboratório e seguiu pelo corredor até o que costumava ser a sala de descanso para esse andar do prédio. Havia uma geladeira com uma jarra de água gelada, e Jillian se serviu um pouco, contente com o ligeiro alívio que lhe dava com o calor de agosto. Los Alamos não ficava tão quente quanto Albuquerque, sua terra natal, mas ainda podia ser desconfortável sem o ar central, outra comodidade que se perdera para sempre quando o velho mundo morrera.

Bem, na verdade, ela ouvira dizer que eles ainda tinham ar condicionado em Santa Fé, já que os djinn que moravam lá podiam manter esses sistemas funcionando sem muito esforço. Aqui em Los Alamos, os meros humanos que povoavam a cidade precisavam conviver com uma

combinação de vento e energia solar, o que significava ser econômico com eletricidade

Pelo menos Miles e Lindsay haviam saído um pouco, pois tinham uma reunião marcada no final da tarde com Shawn Gutierrez, o líder da comunidade de Los Alamos. Caso contrário, Jillian tinha certeza de que Miles estaria lhe dando o olho do mal agora por uma pausa de mais de alguns minutos. Não pela primeira vez, ela se perguntou o que aconteceria se ela saísse do laboratório, fosse até Shawn e lhe dissesse que ele precisava encontrar outra tarefa para ela. Realisticamente, ela sabia que nunca faria uma coisa dessas. Ela era necessária aqui no laboratório, poderia fornecer um conjunto de habilidades que muitos outros não compartilhavam. Quem poderia imaginar que o seu passatempo como eletricista - e um tanto bobo e antiquado - se prestaria a trabalhar com fios e circuitos?

Não que ela realmente soubesse o que estava fazendo. Miles daria a ela um diagrama meticulosamente desenhado para seguir, e ela não se desviaria dele. No começo, ela ajudou a aumentar o estoque da comunidade de seus dispositivos originais, os que podiam repelir todos os djinn de uma determinada área. Ter mais caixinhas significava que a zona segura de Los Alamos poderia ser gradualmente ampliada. Agora eles também tinham um grande pedaço de

espaço protegido, o que significava que os trabalhadores de Los Alamos podiam descer de sua cidade montanhosa para o vale verdejante onde o Rio Grande fluía, cultivar mais comida lá e continuar a vasculhar qualquer item que pudesse ajudar para manter sua comunidade prosperando.

Os Escolhidos, aqueles poucos sortudos que os djinn selecionaram dos sobreviventes do Calor para serem seus companheiros e amantes, podiam ir e vir basicamente como quisessem, mas os djinn tinham que evitar qualquer lugar onde o grupo de Los Alamos operasse, ou enfrentar os efeitos dos dispositivos de Miles.

O objetivo de Miles era modificar os dispositivos para que eles pudessem manter os djinn malignos - aqueles que haviam planejado a destruição da humanidade - longe dos sobreviventes humanos, mas permitir que os djinn benevolentes que estavam dentro da área de efeito dos dispositivos ainda tivessem acesso aos seus poderes. Dessa forma, seria muito mais fácil se misturar com os bons djinn que moravam em Santa Fe.

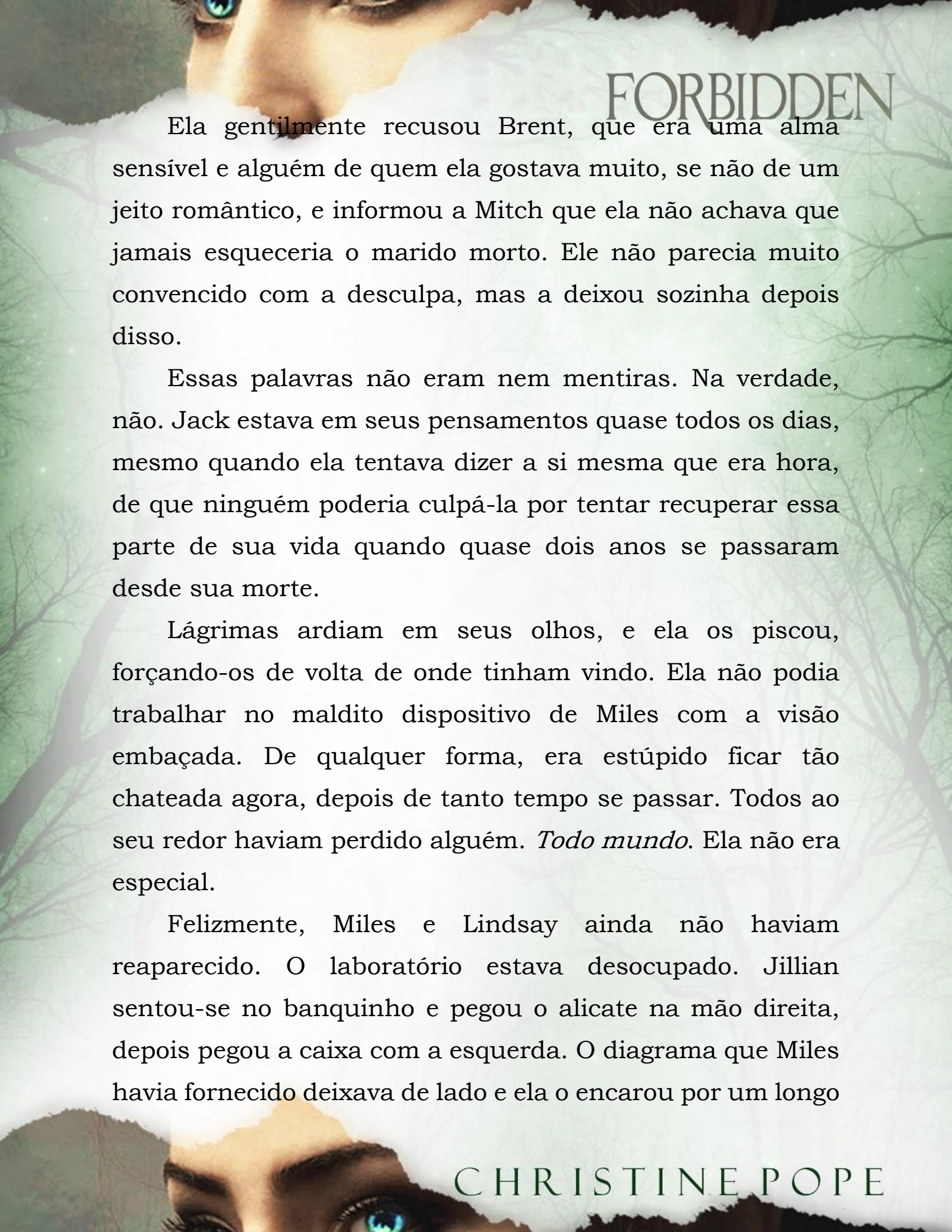
Ele trabalhava obstinado há mais de um ano e até agora não tinha muito o que mostrar por seus esforços. Jillian podia praticamente sentir a frustração irradiando dele na maioria dos dias, embora ela notasse que ultimamente ele fazia o possível para não ficar muito irritado com Lindsay...

agora que ela poderia combiná-lo no departamento de irritação, graças aos hormônios da gravidez. Mas ele criou um novo ângulo durante os últimos dias, um que parecia promissor - e foi por isso que ele precisou de Jillian, com seus dedos hábeis e visão nítida, para fazer a montagem real no dispositivo modificado.

O que também significava que ela deveria sair da cadeira e voltar ao trabalho. Não era como se alguém estivesse esperando por ela de volta na casinha de dois quartos que ela recebeu.

E de quem é a culpa? ela perguntou a si mesma enquanto colocava o copo de água ao lado da pia na sala de descanso e voltava para o laboratório. *Se você realmente queria estar com alguém aqui, você poderia.*

É verdade. As pessoas estavam emparelhando por toda a cidade. O bebê de Lindsay não seria o primeiro filho nascido aqui, nem o último. Jillian havia sido abordada várias vezes, de maneiras que variavam entre o pedido nervoso de Brent Sanderson perguntando se ela gostaria de ir ao Pajarito's para tomar uma bebida, até a suposição meio bêbada de Mitch Kosky de que naturalmente ela deveria estar emocionada por estar recebendo atenções não tão bem-vindas.



FORBIDDEN

Ela gentilmente recusou Brent, que era uma alma sensível e alguém de quem ela gostava muito, se não de um jeito romântico, e informou a Mitch que ela não achava que jamais esqueceria o marido morto. Ele não parecia muito convencido com a desculpa, mas a deixou sozinha depois disso.

Essas palavras não eram nem mentiras. Na verdade, não. Jack estava em seus pensamentos quase todos os dias, mesmo quando ela tentava dizer a si mesma que era hora, de que ninguém poderia culpá-la por tentar recuperar essa parte de sua vida quando quase dois anos se passaram desde sua morte.

Lágrimas ardiam em seus olhos, e ela os piscou, forçando-os de volta de onde tinham vindo. Ela não podia trabalhar no maldito dispositivo de Miles com a visão embaçada. De qualquer forma, era estúpido ficar tão chateada agora, depois de tanto tempo se passar. Todos ao seu redor haviam perdido alguém. *Todo mundo*. Ela não era especial.

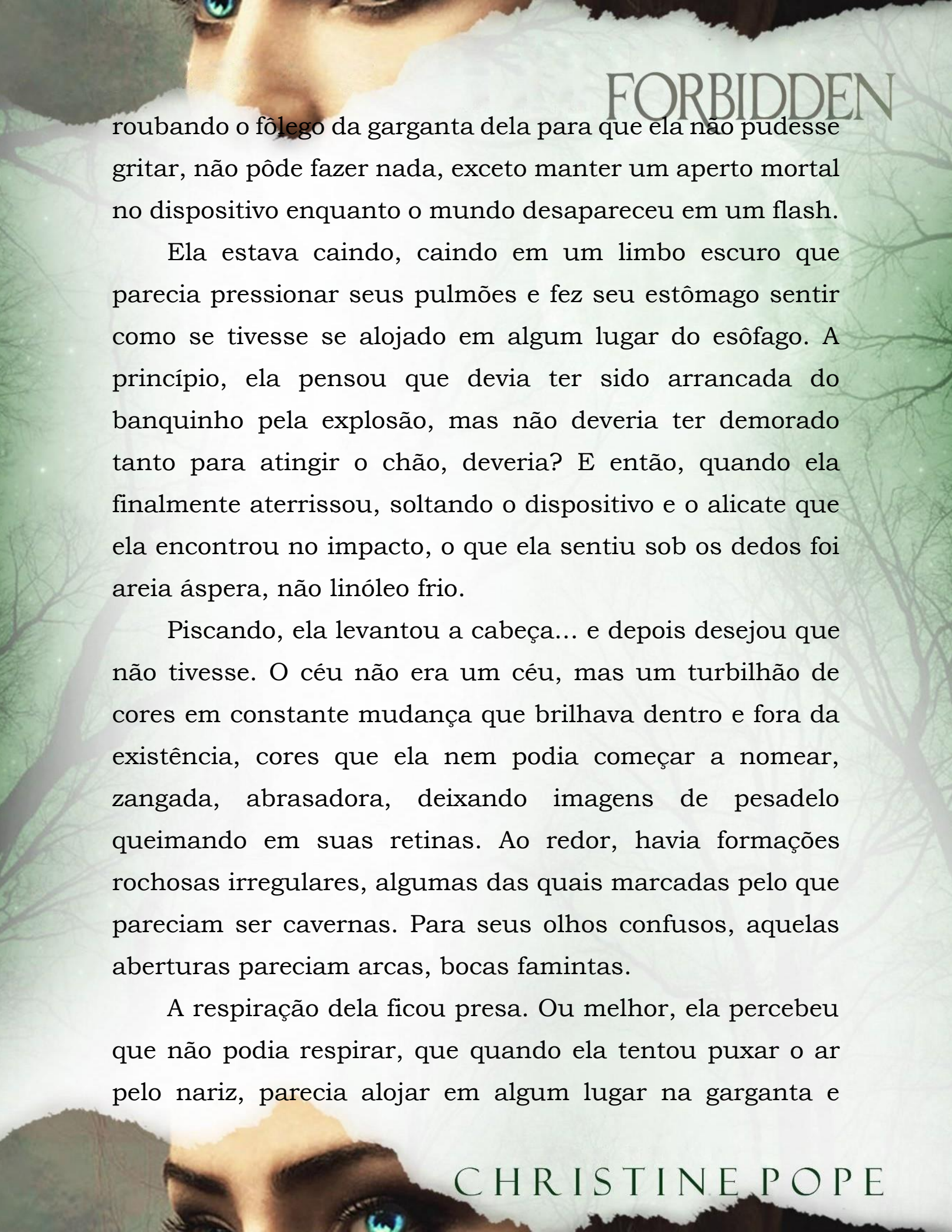
Felizmente, Miles e Lindsay ainda não haviam reaparecido. O laboratório estava desocupado. Jillian sentou-se no banquinho e pegou o alicate na mão direita, depois pegou a caixa com a esquerda. O diagrama que Miles havia fornecido deixava de lado e ela o encarou por um longo

CHRISTINE POPE

momento, para que pudesse memorizar o padrão complexo antes de fazer outra tentativa. Dois dias atrás, ela fritou completamente os circuitos em um dispositivo porque havia feito uma conexão ruim. Sim, os laboratórios aqui tinham mais componentes em seus depósitos do que qualquer um poderia imaginar, mas isso não significava que ela poderia ser descuidada.

Jillian respirou fundo e agarrou o fio fino de cobre com o alicate, enfiando-o no ponto exato da placa de circuito que o diagrama de Miles havia indicado. No último segundo, porém, sua mão tremia levemente, e o fio tocou o circuito apenas uma fração de polegada à esquerda de onde não deveria ir. Com uma maldição, Jillian puxou o fio de volta... e então a própria caixa começou a deslizar da mão esquerda. Desesperadamente, ela se debateu, sabendo que, se atingisse o piso duro de linóleo, as delicadas telas sensíveis ao toque que cobriam sua superfície seriam quebradas. Seus dedos se fecharam na caixinha e ela estava prestes a dar um suspiro de alívio - até perceber que, em sua frenética tentativa de agarrar o dispositivo, um dedo havia pressionado o botão liga / desliga localizado na parte inferior.

Uma faísca saltou da fiação exposta para o alicate que ela segurava. E então uma onda de luz ofuscante a cercou,



FORBIDDEN

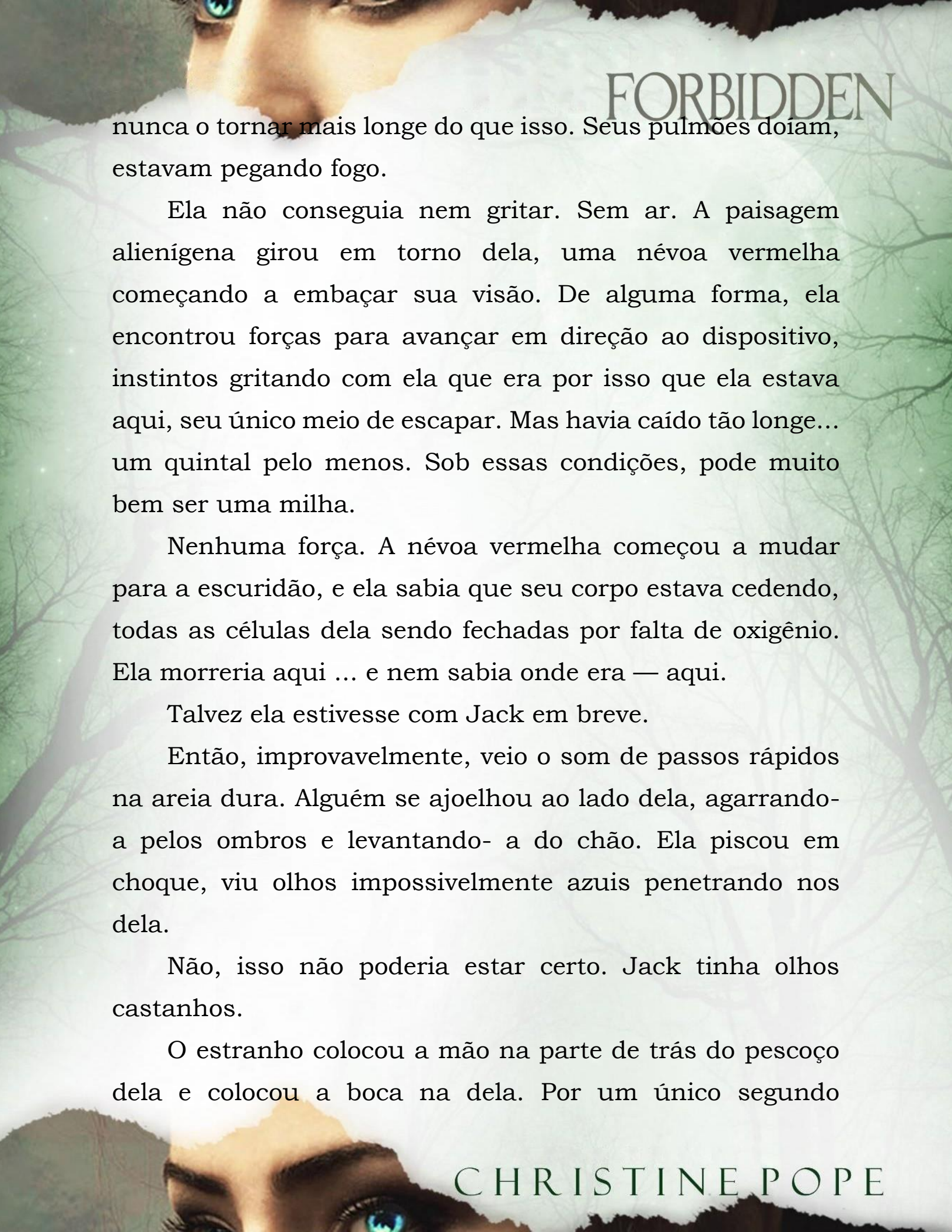
roubando o fôlego da garganta dela para que ela não pudesse gritar, não pôde fazer nada, exceto manter um aperto mortal no dispositivo enquanto o mundo desapareceu em um flash.

Ela estava caindo, caindo em um limbo escuro que parecia pressionar seus pulmões e fez seu estômago sentir como se tivesse se alojado em algum lugar do esôfago. A princípio, ela pensou que devia ter sido arrancada do banquinho pela explosão, mas não deveria ter demorado tanto para atingir o chão, deveria? E então, quando ela finalmente aterrissou, soltando o dispositivo e o alicate que ela encontrou no impacto, o que ela sentiu sob os dedos foi areia áspera, não linóleo frio.

Piscando, ela levantou a cabeça... e depois desejou que não tivesse. O céu não era um céu, mas um turbilhão de cores em constante mudança que brilhava dentro e fora da existência, cores que ela nem podia começar a nomear, zangada, abrasadora, deixando imagens de pesadelo queimando em suas retinas. Ao redor, havia formações rochosas irregulares, algumas das quais marcadas pelo que pareciam ser cavernas. Para seus olhos confusos, aquelas aberturas pareciam arcas, bocas famintas.

A respiração dela ficou presa. Ou melhor, ela percebeu que não podia respirar, que quando ela tentou puxar o ar pelo nariz, parecia alojar em algum lugar na garganta e

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

nunca o tornar mais longe do que isso. Seus pulmões doíam, estavam pegando fogo.

Ela não conseguia nem gritar. Sem ar. A paisagem alienígena girou em torno dela, uma névoa vermelha começando a embaçar sua visão. De alguma forma, ela encontrou forças para avançar em direção ao dispositivo, instintos gritando com ela que era por isso que ela estava aqui, seu único meio de escapar. Mas havia caído tão longe... um quintal pelo menos. Sob essas condições, pode muito bem ser uma milha.

Nenhuma força. A névoa vermelha começou a mudar para a escuridão, e ela sabia que seu corpo estava cedendo, todas as células dela sendo fechadas por falta de oxigênio. Ela morreria aqui ... e nem sabia onde era — aqui.

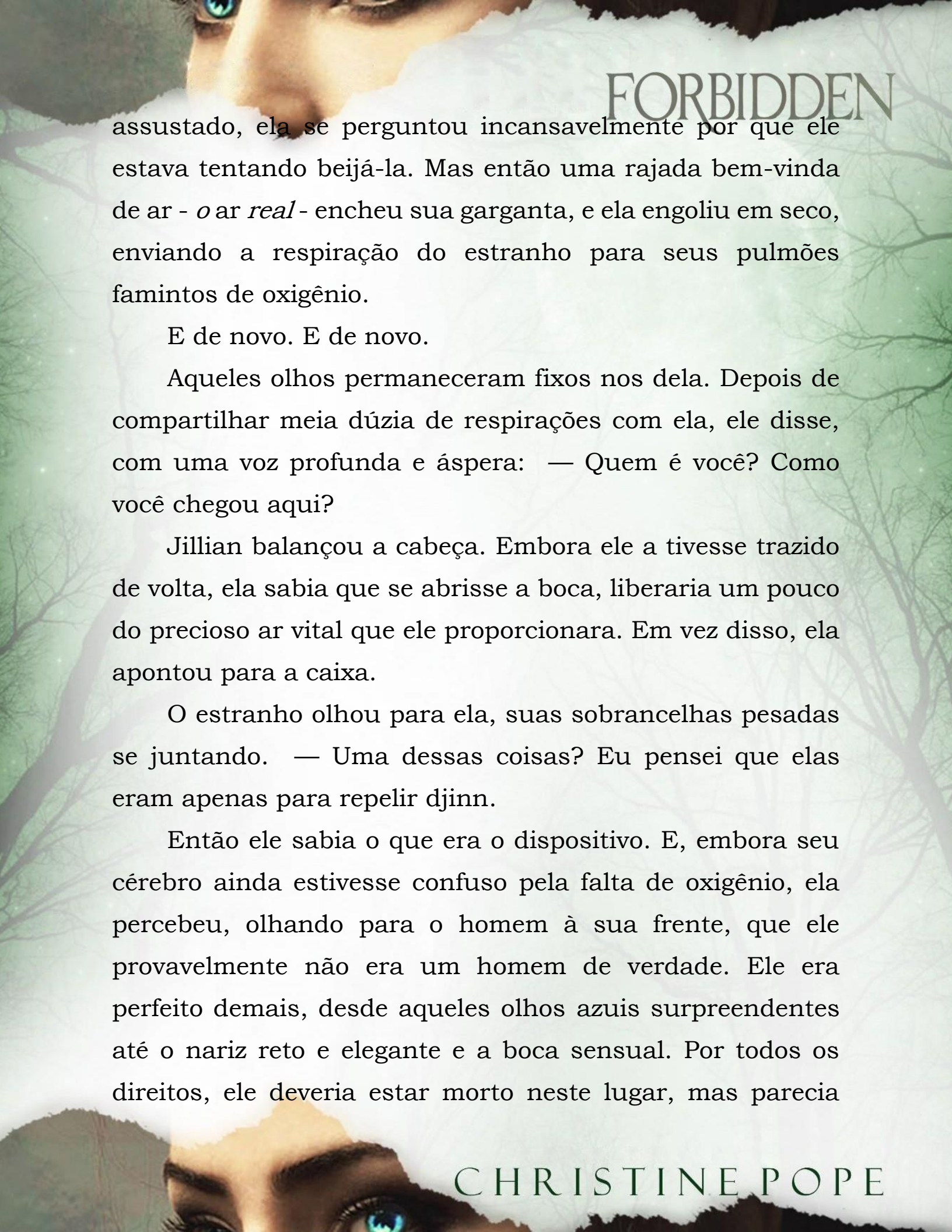
Talvez ela estivesse com Jack em breve.

Então, improvavelmente, veio o som de passos rápidos na areia dura. Alguém se ajoelhou ao lado dela, agarrando-a pelos ombros e levantando-a do chão. Ela piscou em choque, viu olhos impossivelmente azuis penetrando nos dela.

Não, isso não poderia estar certo. Jack tinha olhos castanhos.

O estranho colocou a mão na parte de trás do pescoço dela e colocou a boca na dela. Por um único segundo

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

assustado, ela se perguntou incansavelmente por que ele estava tentando beijá-la. Mas então uma rajada bem-vinda de ar - *o ar real* - encheu sua garganta, e ela engoliu em seco, enviando a respiração do estranho para seus pulmões famintos de oxigênio.

E de novo. E de novo.

Aqueles olhos permaneceram fixos nos dela. Depois de compartilhar meia dúzia de respirações com ela, ele disse, com uma voz profunda e áspera: — Quem é você? Como você chegou aqui?

Jillian balançou a cabeça. Embora ele a tivesse trazido de volta, ela sabia que se abrisse a boca, liberaria um pouco do precioso ar vital que ele proporcionara. Em vez disso, ela apontou para a caixa.

O estranho olhou para ela, suas sobrancelhas pesadas se juntando. — Uma dessas coisas? Eu pensei que elas eram apenas para repelir djinn.

Então ele sabia o que era o dispositivo. E, embora seu cérebro ainda estivesse confuso pela falta de oxigênio, ela percebeu, olhando para o homem à sua frente, que ele provavelmente não era um homem de verdade. Ele era perfeito demais, desde aqueles olhos azuis surpreendentes até o nariz reto e elegante e a boca sensual. Por todos os direitos, ele deveria estar morto neste lugar, mas parecia

CHRISTINE POPE

saudável e forte, músculos esculpidos e cheios sob os farrapos das roupas que vestia.

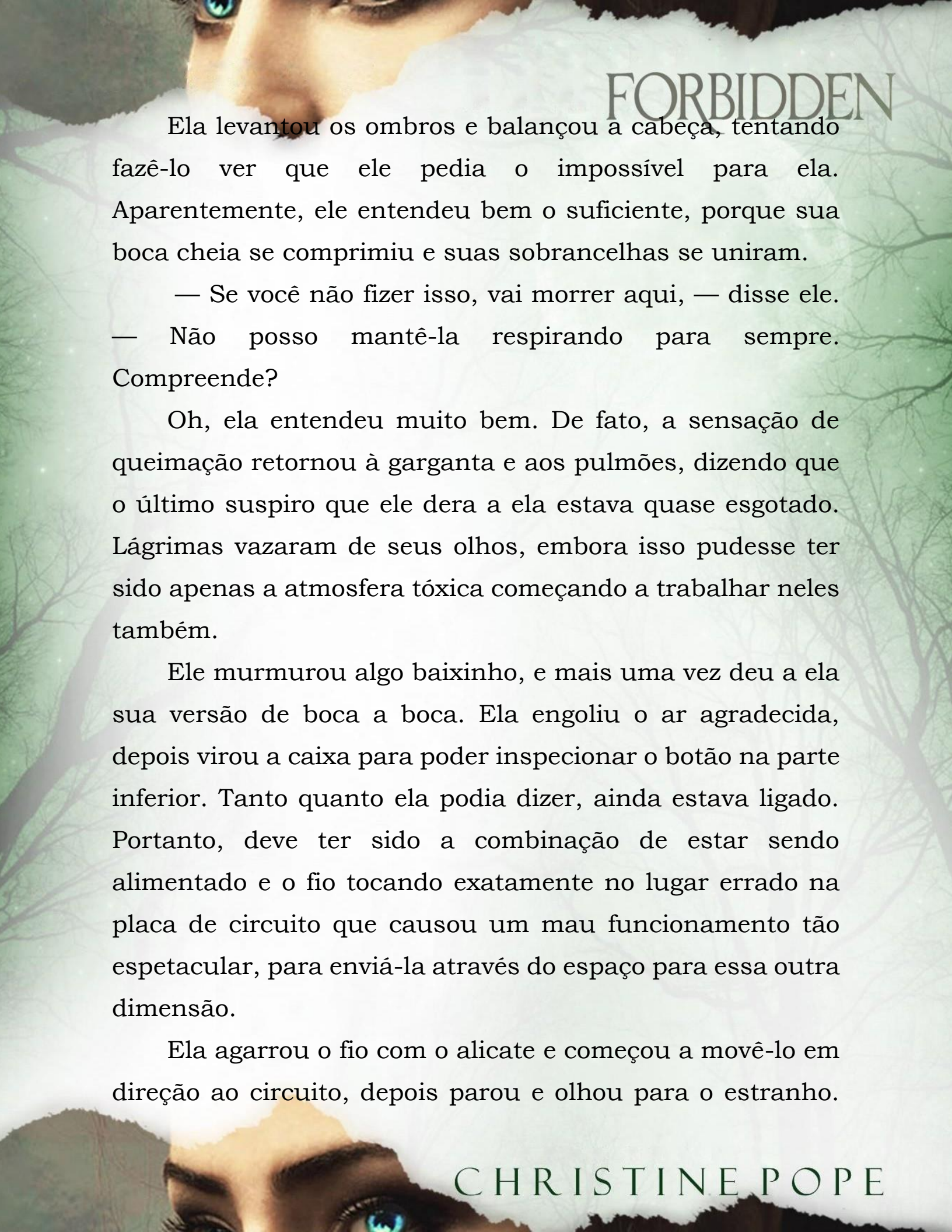
Ele tinha que ser um djinn.

Jillian abriu a boca para responder às palavras dele, mas imediatamente engasgou novamente com o ar tóxico. E imediatamente ele pressionou seus lábios nos dela, para que ela pudesse respirar. A inundou quando ela se agarrou a ele, sabendo que sem ele ela iria morrer.

— Não fale, — disse ele. — Vou pegar o dispositivo. — Depois de soltá-la gentilmente, ele se levantou para recuperar a caixa, junto com o alicate que estava ao lado dela. Então ele voltou e colocou os dois itens nas mãos dela. — Faça funcionar.

Fácil para ele dizer. Ela nem sabia o que diabos tinha feito para que o dispositivo a impulsionasse do laboratório para - bem, para onde diabos esse lugar realmente era. Talvez o mundo djinn, o lugar que alguns deles chamam de outro mundo? Possivelmente, embora ela soubesse que os djinn realmente moravam lá, mesmo que eles preferissem a Terra, enquanto essa paisagem infernal não parecia um lugar onde alguém pudesse viver e sobreviver.

Mas de alguma forma o homem - o djinn - antes dela conseguir fazer exatamente isso.



FORBIDDEN

Ela levantou os ombros e balançou a cabeça, tentando fazê-lo ver que ele pedia o impossível para ela. Aparentemente, ele entendeu bem o suficiente, porque sua boca cheia se comprimiu e suas sobrancelhas se uniram.

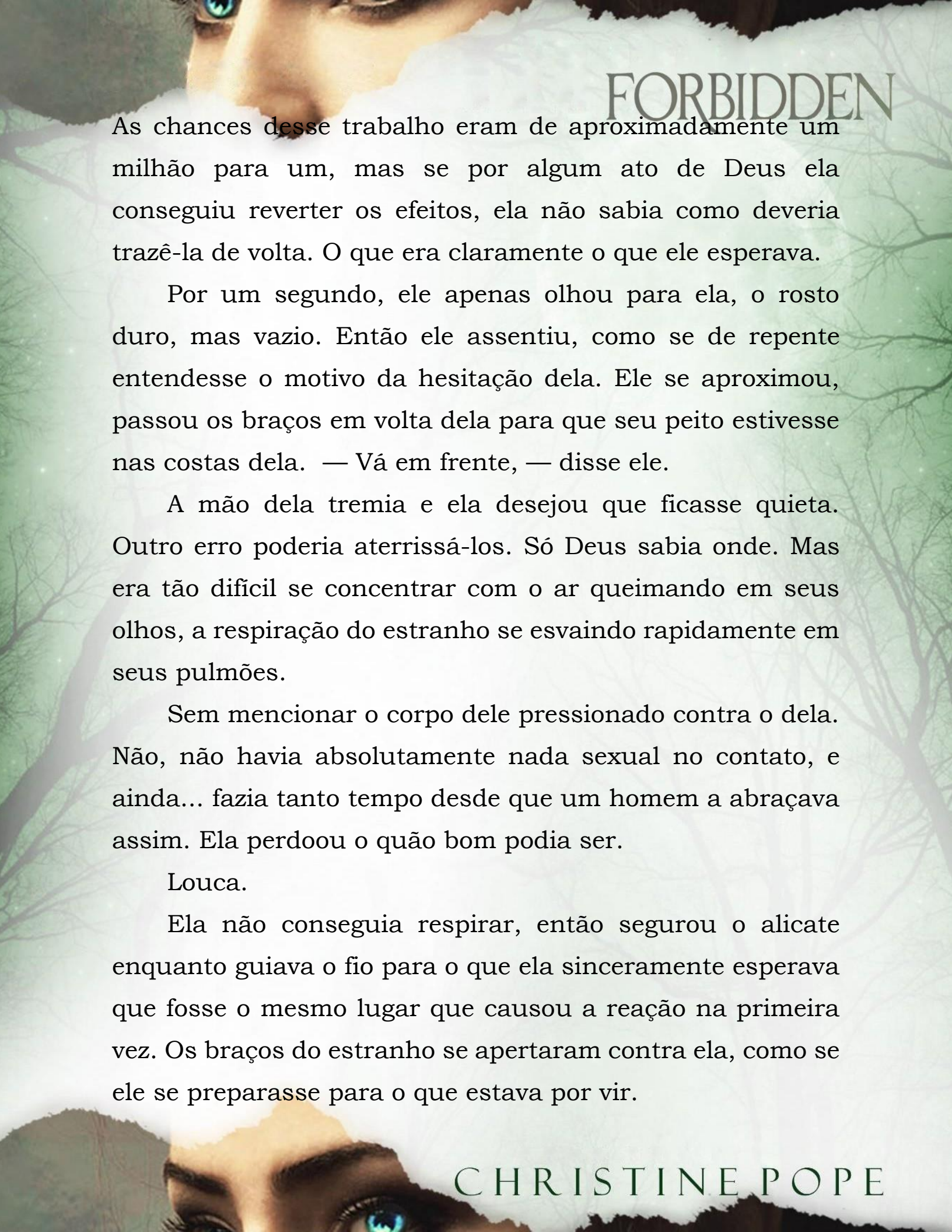
— Se você não fizer isso, vai morrer aqui, — disse ele.
— Não posso mantê-la respirando para sempre. Compreende?

Oh, ela entendeu muito bem. De fato, a sensação de queimação retornou à garganta e aos pulmões, dizendo que o último suspiro que ele dera a ela estava quase esgotado. Lágrimas vazaram de seus olhos, embora isso pudesse ter sido apenas a atmosfera tóxica começando a trabalhar neles também.

Ele murmurou algo baixinho, e mais uma vez deu a ela sua versão de boca a boca. Ela engoliu o ar agradecida, depois virou a caixa para poder inspecionar o botão na parte inferior. Tanto quanto ela podia dizer, ainda estava ligado. Portanto, deve ter sido a combinação de estar sendo alimentado e o fio tocando exatamente no lugar errado na placa de circuito que causou um mau funcionamento tão espetacular, para enviá-la através do espaço para essa outra dimensão.

Ela agarrou o fio com o alicate e começou a movê-lo em direção ao circuito, depois parou e olhou para o estranho.

CHRISTINE POPE

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. Her skin is fair, and her eyes are a light, ethereal blue. The background behind her face is a soft, out-of-focus green, suggesting foliage or trees. The overall tone is mysterious and ethereal.

FORBIDDEN

As chances desse trabalho eram de aproximadamente um milhão para um, mas se por algum ato de Deus ela conseguiu reverter os efeitos, ela não sabia como deveria trazê-la de volta. O que era claramente o que ele esperava.

Por um segundo, ele apenas olhou para ela, o rosto duro, mas vazio. Então ele assentiu, como se de repente entendesse o motivo da hesitação dela. Ele se aproximou, passou os braços em volta dela para que seu peito estivesse nas costas dela. — Vá em frente, — disse ele.

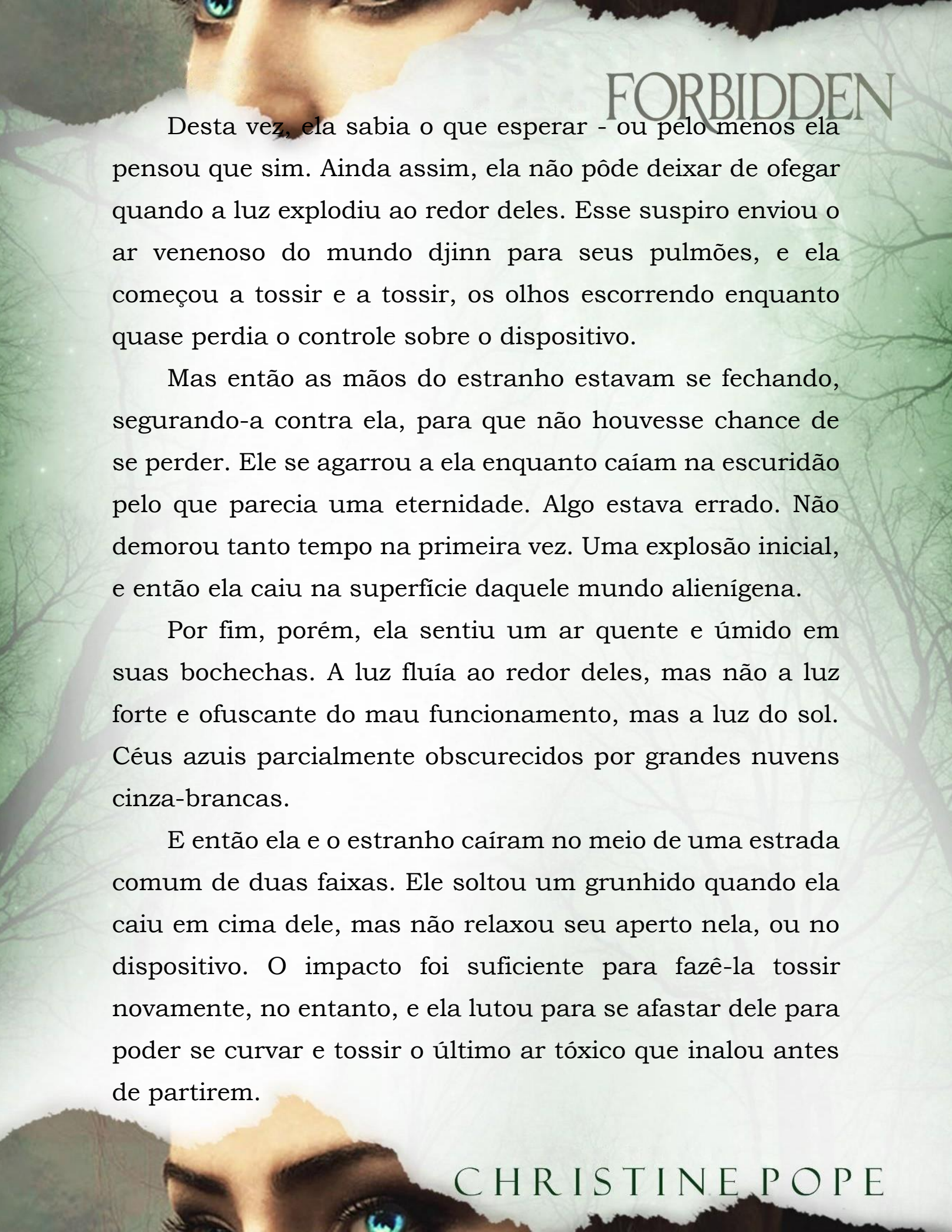
A mão dela tremia e ela desejou que ficasse quieta. Outro erro poderia aterrissá-los. Só Deus sabia onde. Mas era tão difícil se concentrar com o ar queimando em seus olhos, a respiração do estranho se esvaindo rapidamente em seus pulmões.

Sem mencionar o corpo dele pressionado contra o dela. Não, não havia absolutamente nada sexual no contato, e ainda... fazia tanto tempo desde que um homem a abraçava assim. Ela perdoou o quão bom podia ser.

Louca.

Ela não conseguia respirar, então segurou o alicate enquanto guiava o fio para o que ela sinceramente esperava que fosse o mesmo lugar que causou a reação na primeira vez. Os braços do estranho se apertaram contra ela, como se ele se preparasse para o que estava por vir.

CHRISTINE POPE

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a white, torn-paper-like border. The woman has dark hair and is looking upwards. The background is a soft, out-of-focus green, suggesting foliage or trees. The title 'FORBIDDEN' is written in a large, serif font at the top right, and the author's name 'CHRISTINE POPE' is at the bottom right.

FORBIDDEN

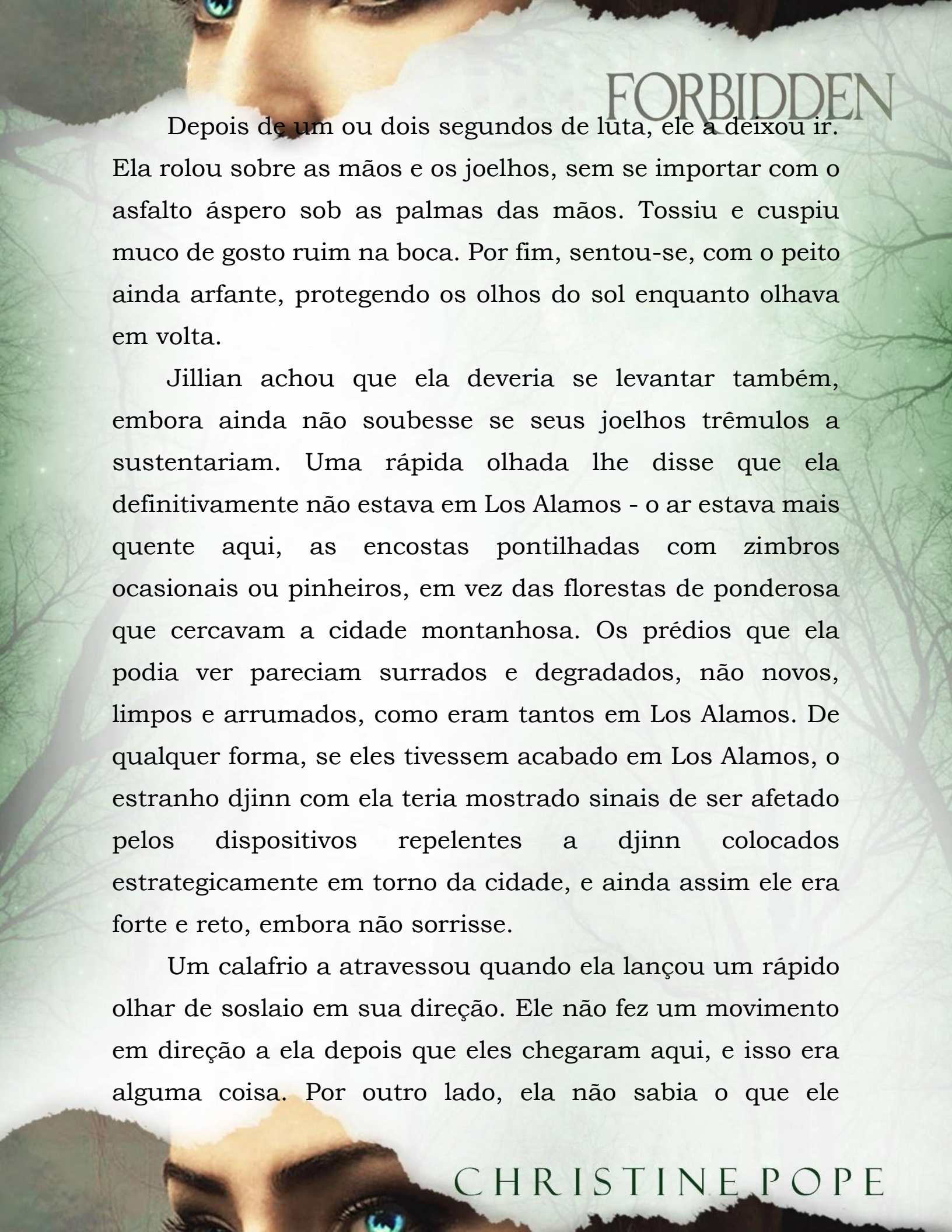
Desta vez, ela sabia o que esperar - ou pelo menos ela pensou que sim. Ainda assim, ela não pôde deixar de ofegar quando a luz explodiu ao redor deles. Esse suspiro enviou o ar venenoso do mundo djinn para seus pulmões, e ela começou a tossir e a tossir, os olhos escorrendo enquanto quase perdia o controle sobre o dispositivo.

Mas então as mãos do estranho estavam se fechando, segurando-a contra ela, para que não houvesse chance de se perder. Ele se agarrou a ela enquanto caíam na escuridão pelo que parecia uma eternidade. Algo estava errado. Não demorou tanto tempo na primeira vez. Uma explosão inicial, e então ela caiu na superfície daquele mundo alienígena.

Por fim, porém, ela sentiu um ar quente e úmido em suas bochechas. A luz fluía ao redor deles, mas não a luz forte e ofuscante do mau funcionamento, mas a luz do sol. Céus azuis parcialmente obscurecidos por grandes nuvens cinza-brancas.

E então ela e o estranho caíram no meio de uma estrada comum de duas faixas. Ele soltou um grunhido quando ela caiu em cima dele, mas não relaxou seu aperto nela, ou no dispositivo. O impacto foi suficiente para fazê-la tossir novamente, no entanto, e ela lutou para se afastar dele para poder se curvar e tossir o último ar tóxico que inalou antes de partirem.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Depois de um ou dois segundos de luta, ele a deixou ir. Ela rolou sobre as mãos e os joelhos, sem se importar com o asfalto áspero sob as palmas das mãos. Tossiu e cuspiu muco de gosto ruim na boca. Por fim, sentou-se, com o peito ainda arfante, protegendo os olhos do sol enquanto olhava em volta.

Jillian achou que ela deveria se levantar também, embora ainda não soubesse se seus joelhos trêmulos a sustentariam. Uma rápida olhada lhe disse que ela definitivamente não estava em Los Alamos - o ar estava mais quente aqui, as encostas pontilhadas com zimbros ocasionais ou pinheiros, em vez das florestas de ponderosa que cercavam a cidade montanhosa. Os prédios que ela podia ver pareciam surrados e degradados, não novos, limpos e arrumados, como eram tantos em Los Alamos. De qualquer forma, se eles tivessem acabado em Los Alamos, o estranho djinn com ela teria mostrado sinais de ser afetado pelos dispositivos repelentes a djinn colocados estrategicamente em torno da cidade, e ainda assim ele era forte e reto, embora não sorrisse.

Um calafrio a atravessou quando ela lançou um rápido olhar de soslaio em sua direção. Ele não fez um movimento em direção a ela depois que eles chegaram aqui, e isso era alguma coisa. Por outro lado, ela não sabia o que ele

CHRISTINE POPE

pretendia fazer. Ela nunca tinha estado perto de um djinn antes. Mas se ele fosse um dos djinn do mal que tinha como objetivo erradicar a humanidade da face do planeta, certamente a teria matado assim que eles estivessem longe de... onde quer que aquele lugar horrível estivesse.

Não querendo insistir nessa perspectiva, Jillian se obrigou a olhar em volta novamente. Algo em seu entorno parecia meio familiar, como se ela tivesse chegado aqui em algum momento do passado. Com um esforço, ela se levantou, engolindo mais ar quente e limpo ao fazê-lo. O cheiro familiar de terra úmida veio ao seu nariz, dizendo que devia ter chovido aqui recentemente. Não é de surpreender, já que era agosto e o Novo México estava nas profundezas da estação das monções.

Se é que eles realmente acabaram no Novo México, é claro.

Quando se virou para olhar a rua, viu um prédio pintado de azul turquesa e uma fila de lojas ao lado, e assentiu para si mesma. Claro. Ela deveria ter reconhecido o lugar imediatamente. Um olhar por cima do ombro, e ela viu o estranho olhando para ela, aquelas sobrancelhas formidáveis dele juntas.

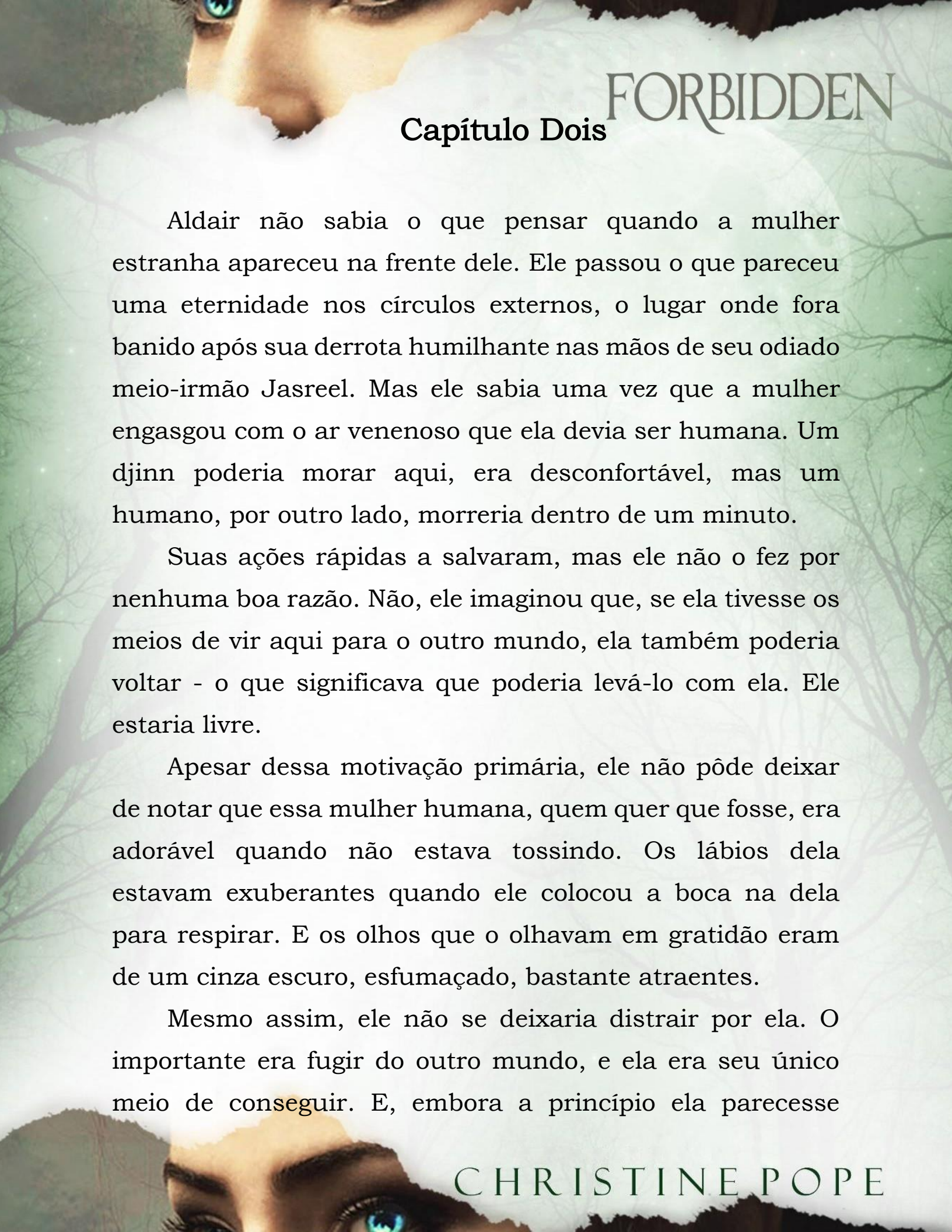
— Onde você me trouxe? — Ele exigiu, mãos plantadas nos quadris. Ele não parecia feliz com ela.



FORBIDDEN

Pena que ela estava fraca demais para correr...

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Capítulo Dois

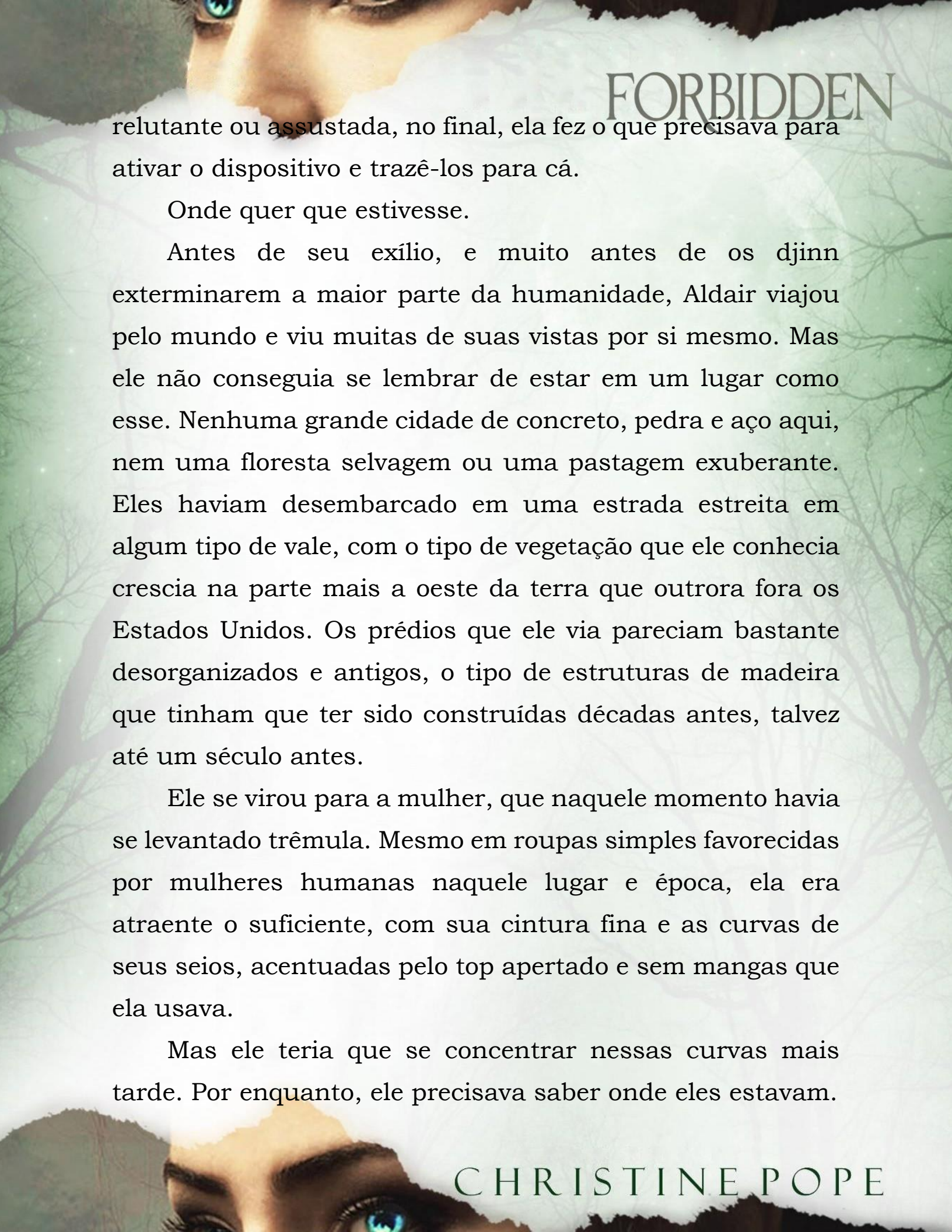
Aldair não sabia o que pensar quando a mulher estranha apareceu na frente dele. Ele passou o que pareceu uma eternidade nos círculos externos, o lugar onde fora banido após sua derrota humilhante nas mãos de seu odiado meio-irmão Jasreel. Mas ele sabia uma vez que a mulher engasgou com o ar venenoso que ela devia ser humana. Um djinn poderia morar aqui, era desconfortável, mas um humano, por outro lado, morreria dentro de um minuto.

Suas ações rápidas a salvaram, mas ele não o fez por nenhuma boa razão. Não, ele imaginou que, se ela tivesse os meios de vir aqui para o outro mundo, ela também poderia voltar - o que significava que poderia levá-lo com ela. Ele estaria livre.

Apesar dessa motivação primária, ele não pôde deixar de notar que essa mulher humana, quem quer que fosse, era adorável quando não estava tossindo. Os lábios dela estavam exuberantes quando ele colocou a boca na dela para respirar. E os olhos que o olhavam em gratidão eram de um cinza escuro, esfumaçado, bastante atraentes.

Mesmo assim, ele não se deixaria distrair por ela. O importante era fugir do outro mundo, e ela era seu único meio de conseguir. E, embora a princípio ela parecesse

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

relutante ou assustada, no final, ela fez o que precisava para ativar o dispositivo e trazê-los para cá.

Onde quer que estivesse.

Antes de seu exílio, e muito antes de os djinn exterminarem a maior parte da humanidade, Aldair viajou pelo mundo e viu muitas de suas vistas por si mesmo. Mas ele não conseguia se lembrar de estar em um lugar como esse. Nenhuma grande cidade de concreto, pedra e aço aqui, nem uma floresta selvagem ou uma pastagem exuberante. Eles haviam desembarcado em uma estrada estreita em algum tipo de vale, com o tipo de vegetação que ele conhecia crescia na parte mais a oeste da terra que outrora fora os Estados Unidos. Os prédios que ele via pareciam bastante desorganizados e antigos, o tipo de estruturas de madeira que tinham que ter sido construídas décadas antes, talvez até um século antes.

Ele se virou para a mulher, que naquele momento havia se levantado trêmula. Mesmo em roupas simples favorecidas por mulheres humanas naquele lugar e época, ela era atraente o suficiente, com sua cintura fina e as curvas de seus seios, acentuadas pelo top apertado e sem mangas que ela usava.

Mas ele teria que se concentrar nessas curvas mais tarde. Por enquanto, ele precisava saber onde eles estavam.

CHRISTINE POPE

— Onde você me trouxe? — Ele disse. — Que lugar é este?

Por alguns segundos, ela não respondeu, mas continuou olhando para a rua, que, ao contrário das estradas de Taos, não havia sido liberada de veículos abandonados. Uma pessoa podia andar ao seu redor, mas um carro nunca poderia transitar a calçada estava cheia. Não que ele precisasse se preocupar com essas coisas; elementais do ar como ele tinha seus próprios meios de se locomover.

— Acho que estamos em Madri, — disse ela finalmente.

Ela pronunciou a palavra estranhamente, com o sotaque da primeira sílaba e um som — A. — Aldair sentiu suas narinas dilacerarem em escárnio. — Mulher tola, — ele disse, — eu estive em Madri. E não parece com isso.

Com esse comentário, ela se voltou para ele, um meio sorriso brincando nos lábios. — Não Madri, Espanha, — respondeu ela, pronunciando corretamente desta vez. — Madri, Novo México. Costumava ser uma cidade mineira. Agora é uma pequena colônia de artistas, destino turístico. — O sorriso dela desapareceu abruptamente quando ela acrescentou: — Ou pelo menos costumava ser... antes.

Ele se importava pouco com isso. O Calor havia feito seu trabalho e ele não tinha energia para gastar com os bilhões

que a doença levara. — Onde no Novo México? — Ele perguntou agudamente.

Pois é claro que não seria muito perto de Santa Fé, onde residia um contingente dos Mil e dos Escolhidos. Onde aquele bastardo Jasreel morava com Jessica Monroe, a mulher que deveria ter sido de Aldair...

— Ao sul de Santa Fé, — disse a mulher que ele resgatou.

— Quão longe?

Se ela estava intrigada com essa linha de questionamento, ela não demonstrou. Ela deu uma pequena tosse antes de falar, no entanto. Eles provavelmente precisariam encontrar água em breve.

— Não tenho certeza ... talvez vinte, trinta quilômetros? Desculpe, só vim aqui uma vez. Jack e eu estávamos dirigindo para Taos, e achamos que seria divertido subir a Trilha Turquesa e almoçar em Madri.

— Quem é Jack?

— Meu marido, — disse ela, com uma expressão sombria. — Meu marido morto, é isso.

Aldair escolheu ignorar esse comentário. Se ela tivesse sobrevivido ao calor, é claro que também teria sofrido suas próprias perdas. Ele não pôde fazer nada sobre isso. Ele não fora um daqueles que inventara a doença, mas também não

se importara muito com o que aconteceu com a humanidade. A única razão pela qual ele havia se juntado às fileiras dos Mil foi que seu odiado meio-irmão Jasreel desejava que uma mulher Imune fosse sua Escolhida, e Aldair viu Jessica Monroe como uma chance de se vingar do irmão que ele desprezava. Infelizmente, nenhum desses planos foi como Aldair esperava.

A mulher tossiu de novo e ele percebeu que eles poderiam fazer pouco mais até encontrar água e talvez algo para comer. Se ele fosse um mortal comum, essa tarefa teria sido um pouco difícil, pois ele imaginou que qualquer comida deixada aqui em Madri depois que seus habitantes morreram estaria há muito tempo estragada. A água engarrafada, no entanto, ainda deve ser viável.

Ele imaginou segurando uma garrafa em cada mão e, no momento seguinte, as garrafas de água desejadas apareceram. — Parece que você precisa disso, — disse ele, estendendo uma das garrafas para a mulher.

Os olhos dela se arregalaram. — O que...?

— É um poder nosso, — interrompeu Aldair. Pareceu-lhe suficientemente claro que ela nunca tinha estado com um djinn antes. Não era uma das Escolhidas, então, embora ela fosse certamente atraente o suficiente para ser uma. Talvez velha demais? Deve ser isso. De qualquer forma, ele

imaginou que ela devia ser uma das sobreviventes de Los Alamos. Isso fazia sentido, já que ele não conseguia pensar em outra maneira que ela teria acesso a um desses dispositivos infernais. — Podemos convocar as coisas que precisamos para nosso sustento. Vá beba.

Ela hesitou por um momento, mas sua sede claramente superou sua cautela, pois foi em frente e removeu a tampa e tomou um gole longo, seguido por outro. — Melhor, — disse ela.

— Bom.

O dispositivo ainda estava no chão onde a mulher o largara. Aldair foi até lá e pegou. Um fio solto pendia de algum lugar do interior. Não parecia estar funcionando no momento, e ele não pôde deixar de ficar satisfeito com isso.

— Pode me devolver, — disse a mulher.

Ele a lançou um olhar divertido. Ela estava ali, olhando para ele com firmeza, mas o efeito foi marcado pelas manchas de sujeira nas bochechas e no queixo, como as mechas de seus cabelos castanhos e macios se soltavam do fecho que o segurava do rosto dela.

— Acho que não, — ele retornou facilmente. — Quero ter certeza de que não pode me enviar de volta para o outro mundo.

— Não vai, — disse ela. Seus dedos apertaram a garrafa de água que ela segurava. — O mau funcionamento ocorre apenas quando o fio atinge a placa de circuito no lugar errado. E tem que estar ligado. Apertei o botão para desligá-lo assim que pousamos aqui.

Ah. Bem, isso explicava parte disso. Ele não tinha nenhuma intenção real de ir para o mundo djinn, muito menos os terríveis círculos externos do mundo. Apenas um acidente de algum tipo. Como isso poderia ter acontecido, Aldair não fazia ideia. Ele não era um cientista. E no momento, ele não se importava muito. O importante era que ele estava livre... por enquanto, pelo menos. Ele teve que rezar para que os anciãos não pudessem descobrir que os cativos haviam escapado. — Mesmo assim, eu vou segurá-lo. — Ele se afastou dela, notou como o sol estava começando a se pôr atrás das colinas a oeste. — Enquanto isso, acho melhor encontrar algum abrigo. Você conhece bem esta cidade?

— Eu te disse, não sei. — Pelo queixo dela, ele pôde ver que ela não estava particularmente satisfeita por ele ter se recusado a entregar o dispositivo a ela. — Eu só passei uma vez. Almoçamos em um lugar chamado The Hollar.

Nome estranho, mas ele decidiu deixar isso de lado. Não era importante. — As pessoas moravam aqui ou são apenas lojas e restaurantes?

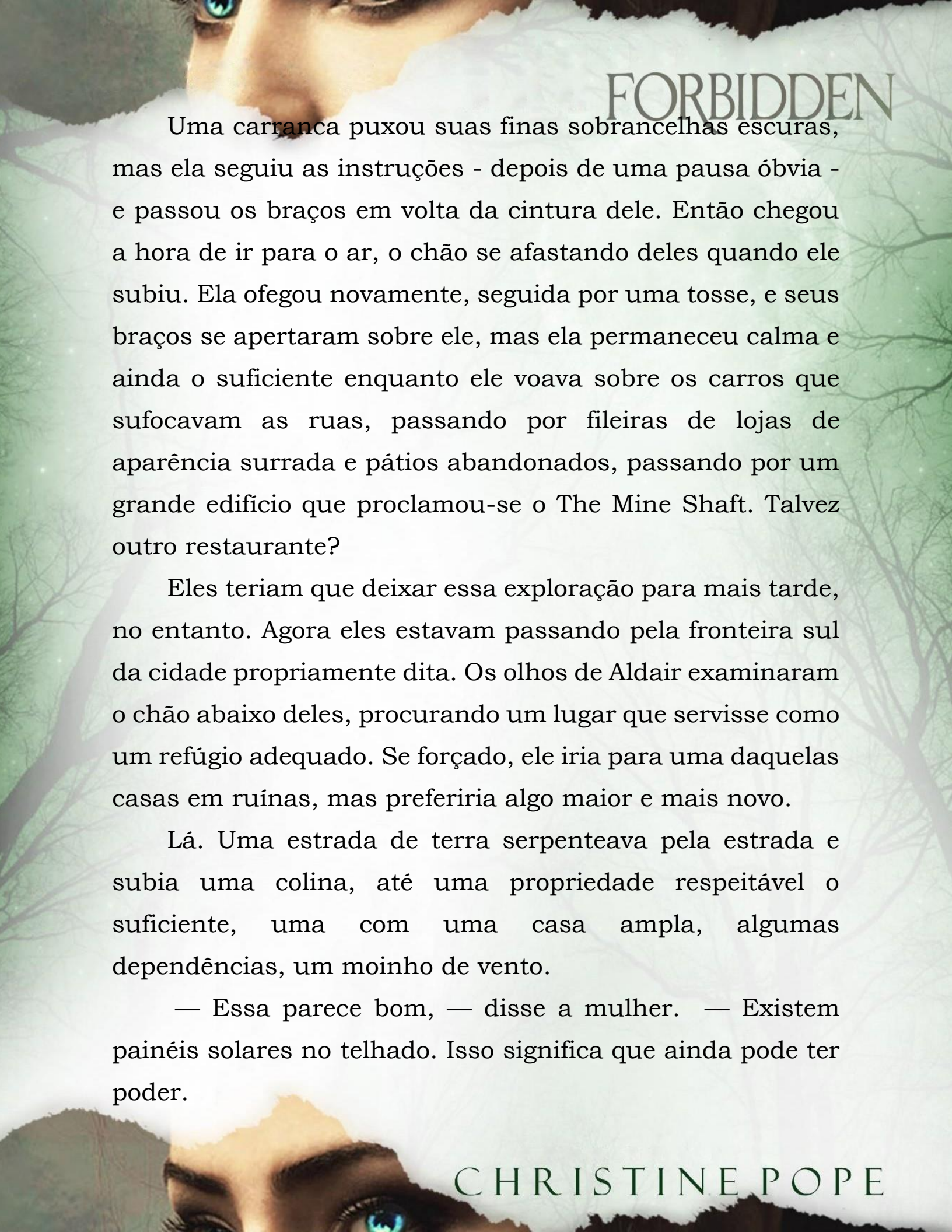
— Sim, alguns sim, eu acho. Não muitos. Provavelmente não mais do que algumas centenas, no máximo. Mas lembro-me de ver casas quando chegamos à cidade. Principalmente nos arredores.

— Mostre-me, — ele ordenou, e um lampejo de irritação veio e foi em seus olhos cor de tempestade. No entanto, ela não protestou, apenas apontou a estrada.

— Deste lado, eu acho. Mas não tenho certeza se consigo uma caminhada agora. Parece que o veneno ainda está em algum lugar no fundo dos meus pulmões.

Provavelmente estava. Embora ele não achasse que ela havia sofrido algum dano duradouro, ele sabia que ela precisaria de algum tempo para se recuperar. Qualquer esforço real só levaria a outro ataque de tosse. O que ela realmente precisava era descansar, beber mais água e comer alguma coisa.

Felizmente, ele poderia impedi-la de andar. Sem responder, ele colocou o dispositivo embaixo do braço esquerdo, depois foi até ela e passou o outro braço pela cintura dela. Ela soltou um suspiro assustado e ele disse: — É melhor você ficar firme.



FORBIDDEN

Uma carranca puxou suas finas sobrancelhas escuras, mas ela seguiu as instruções - depois de uma pausa óbvia - e passou os braços em volta da cintura dele. Então chegou a hora de ir para o ar, o chão se afastando deles quando ele subiu. Ela ofegou novamente, seguida por uma tosse, e seus braços se apertaram sobre ele, mas ela permaneceu calma e ainda o suficiente enquanto ele voava sobre os carros que sufocavam as ruas, passando por fileiras de lojas de aparência surrada e pátios abandonados, passando por um grande edifício que proclamou-se o The Mine Shaft. Talvez outro restaurante?

Eles teriam que deixar essa exploração para mais tarde, no entanto. Agora eles estavam passando pela fronteira sul da cidade propriamente dita. Os olhos de Aldair examinaram o chão abaixo deles, procurando um lugar que servisse como um refúgio adequado. Se forçado, ele iria para uma daquelas casas em ruínas, mas preferiria algo maior e mais novo.

Lá. Uma estrada de terra serpenteava pela estrada e subia uma colina, até uma propriedade respeitável o suficiente, uma com uma casa ampla, algumas dependências, um moinho de vento.

— Essa parece bom, — disse a mulher. — Existem painéis solares no telhado. Isso significa que ainda pode ter poder.

CHRISTINE POPE

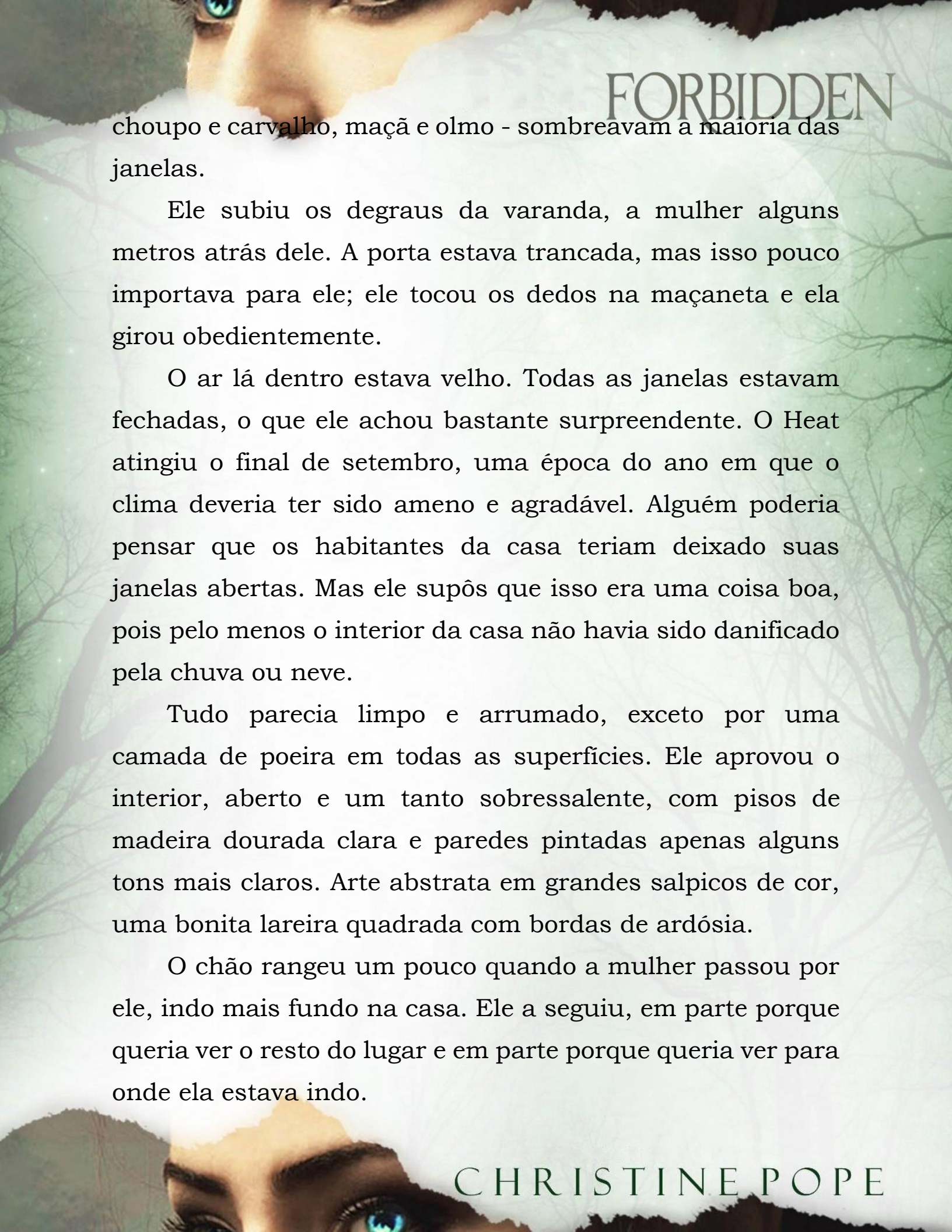
Tais questões técnicas não eram muito preocupantes para ele, pois sabia que poderia poupar energia suficiente para manter uma casa daquele tamanho. Ainda assim, se tivesse energia solar, isso significava que ele não precisaria usar muito, se houver, de sua própria energia.

Ele os trouxe para a área de terra aberta logo depois da garagem. Assim que seus pés tocaram o chão, ele pousou a mulher. Ela tirou os braços da cintura dele e se afastou, parecendo um pouco pálida. O voo deles a perturbara ou a palidez dela era apenas o resultado de sua exposição ao ar dos círculos externos?

Quando ela falou, porém, ela parecia composta o suficiente. — Bem, isso tornou um pouco mais fácil. — Sua voz ainda estava bastante rouca, e ela levou a garrafa de água aos lábios e tomou um longo gole. — Acho que é melhor olharmos em volta.

— Concordo.

Aldair passou por ela para a casa, que não era o tipo de estrutura de estuque de topo plano que ele esperava nesta parte do mundo, mas sim um grande edifício de dois andares com telhado metálico inclinado e varandas amplas que envolviam cerca de três de seus quatro lados. Duas chaminés subiam do telhado e árvores bem cultivadas -



FORBIDDEN

choupo e carvalho, maçã e olmo - sombreavam a maioria das janelas.

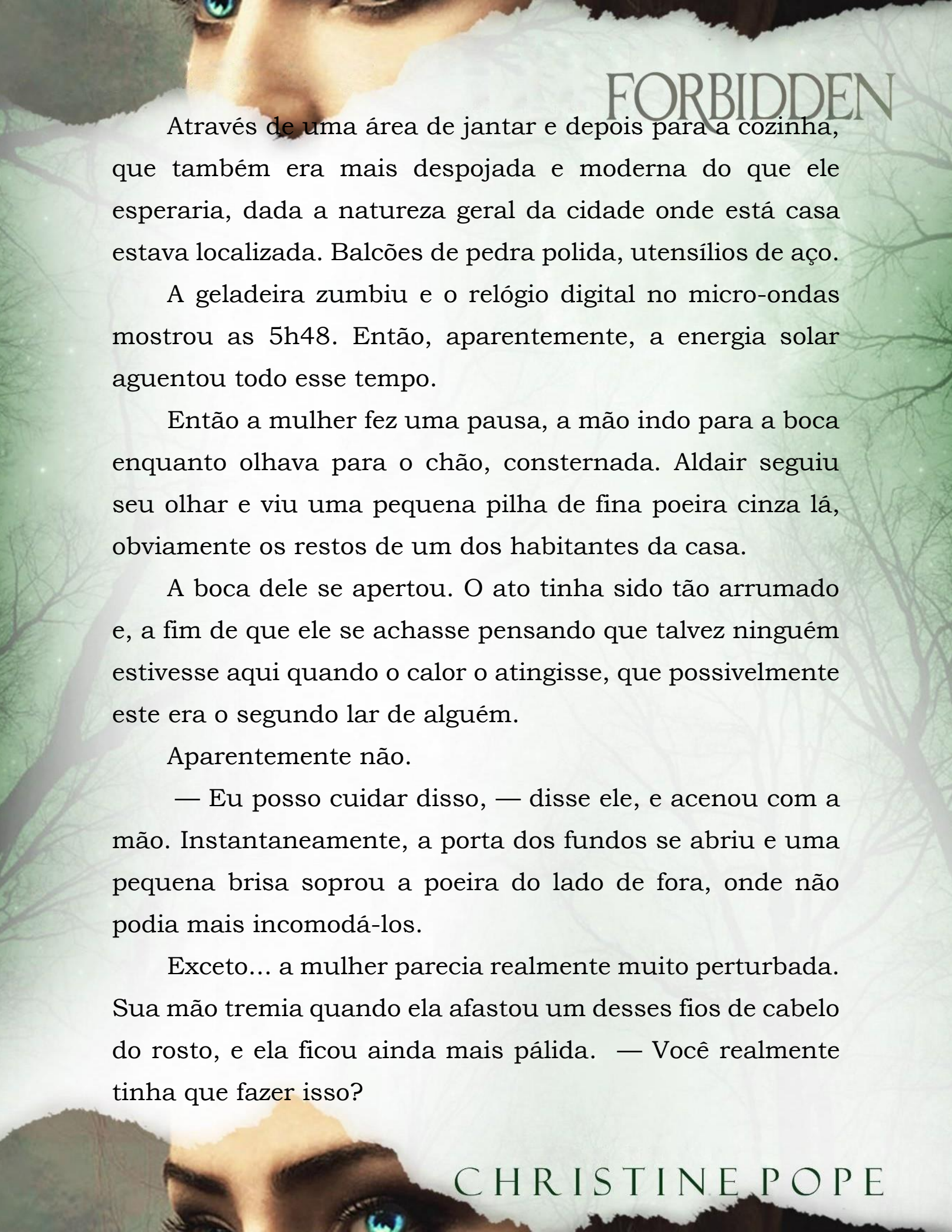
Ele subiu os degraus da varanda, a mulher alguns metros atrás dele. A porta estava trancada, mas isso pouco importava para ele; ele tocou os dedos na maçaneta e ela girou obedientemente.

O ar lá dentro estava velho. Todas as janelas estavam fechadas, o que ele achou bastante surpreendente. O Heat atingiu o final de setembro, uma época do ano em que o clima deveria ter sido ameno e agradável. Alguém poderia pensar que os habitantes da casa teriam deixado suas janelas abertas. Mas ele supôs que isso era uma coisa boa, pois pelo menos o interior da casa não havia sido danificado pela chuva ou neve.

Tudo parecia limpo e arrumado, exceto por uma camada de poeira em todas as superfícies. Ele aprovou o interior, aberto e um tanto sobressalente, com pisos de madeira dourada clara e paredes pintadas apenas alguns tons mais claros. Arte abstrata em grandes salpicos de cor, uma bonita lareira quadrada com bordas de ardósia.

O chão rangeu um pouco quando a mulher passou por ele, indo mais fundo na casa. Ele a seguiu, em parte porque queria ver o resto do lugar e em parte porque queria ver para onde ela estava indo.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Através de uma área de jantar e depois para a cozinha, que também era mais despojada e moderna do que ele esperaria, dada a natureza geral da cidade onde está casa estava localizada. Balcões de pedra polida, utensílios de aço.

A geladeira zumbiu e o relógio digital no micro-ondas mostrou as 5h48. Então, aparentemente, a energia solar aguentou todo esse tempo.

Então a mulher fez uma pausa, a mão indo para a boca enquanto olhava para o chão, consternada. Aldair seguiu seu olhar e viu uma pequena pilha de fina poeira cinza lá, obviamente os restos de um dos habitantes da casa.

A boca dele se apertou. O ato tinha sido tão arrumado e, a fim de que ele se achasse pensando que talvez ninguém estivesse aqui quando o calor o atingisse, que possivelmente este era o segundo lar de alguém.

Aparentemente não.

— Eu posso cuidar disso, — disse ele, e acenou com a mão. Instantaneamente, a porta dos fundos se abriu e uma pequena brisa soprou a poeira do lado de fora, onde não podia mais incomodá-los.

Exceto... a mulher parecia realmente muito perturbada. Sua mão tremia quando ela afastou um desses fios de cabelo do rosto, e ela ficou ainda mais pálida. — Você realmente tinha que fazer isso?

CHRISTINE POPE

— Sim, — ele disse uniformemente. — O que mais você gostaria que eu fizesse? Essa poeira está aqui há quase dois anos. Pelo menos no vento e no sol, pode se tornar um com a terra novamente.

Aparentemente, ela não tinha pensado dessa maneira. Seus olhos ainda pareciam assombrados, mas depois de um momento, ela assentiu com relutância. — Eu suponho que sim.

Boa. Pelo menos não parecia que ela pretendia discutir com ele. Ele foi até a geladeira e a abriu, depois torceu o nariz com o sorriso sujo que o cumprimentou. Sim, a energia continuará ligada durante todo esse tempo, mas a maioria dos itens refrigerados nunca deveria ser mantida por vários anos.

Um aceno da mão, e tudo se foi também, o odor junto.

A mulher emitiu um pequeno som chocado antes de lhe oferecer um sorriso um tanto triste. — Desculpe, — disse ela. — Não estou acostumado a ver um djinn em ação.

— Você vem de Los Alamos, não é?

— Sim, — ela respondeu. — Eu estava prestes a perguntar como você sabia disso, mas acho que é o único lugar por aqui com humanos que não são Escolhidos, não é?

— Isso eu sei sim.

Ela assentiu, parecendo resignada. Talvez ela esperasse que houvesse outros sobreviventes, mas Aldair certamente não sabia de nenhum.

— Eu sou Aldair al-Ankara, — ele disse a ela. — Qual é o seu nome?

Jillian. Jillian Powell.

— Bem, então, Jillian, — disse ele. — Suponho que deveríamos ver o que mais há para encontrar aqui.

Algo no nome dele soara meio familiar, embora Jillian não conseguisse identificá-lo. Talvez ela tenha ouvido em uma conversa uma vez. Os djinns de Santa Fe não podiam visitar Los Alamos, por razões óbvias, e embora Julia Innes voltasse lá a cada poucos meses para ter uma convenção pessoalmente com Miles e Lindsay, e às vezes Shawn Gutierrez, não era como se Jillian já tivesse sido convidada a participar dessas conversas. Ela tinha uma função semi-útil no laboratório, mas não tinha nada a ver com administrar a cidade.

De qualquer forma, ela supôs que isso não importava. Esse Aldair salvou sua vida e ela teve que ser grata a ele por isso. Por que ele não tinha sido capaz de retornar à Terra sob seu próprio poder, quando parecia que o djinn podia se

mover entre os aviões com relativa facilidade, ela não sabia. Algo a perguntar, se ela já teve coragem de fazê-lo. Mas como o nome dele era pelo menos um pouco familiar para ela, ela imaginou que ele também deveria ser um dos djinn de Santa Fe, o que significava que ele tinha que ser um dos mocinhos. Bom djinn. Tanto faz. Seus membros ainda estavam trêmulos, mas o medo de que ele fosse machucá-la havia recuado um pouco. Mesmo assim, ela teve que admitir que era meio esmagador estar tão perto de um djinn. Ela sabia que eles eram perfeitos... ela simplesmente não tinha percebido o *quão* perfeito.

Enquanto isso, eles exploravam a casa, que parecia muito mais moderna do que o tipo de lugar que ela esperaria ver em Madri pouco afastada. Ele tinha ar central, por um lado, embora não estivesse funcionando no momento. A energia solar seria suficiente para suportar o sistema? Jillian não fazia ideia, e ela percebeu que era muito mais importante manter a geladeira funcionando e a bomba para o poço - que ela havia visto quando eles desceram em direção à propriedade - correndo do que era para impedi-la de suar no calor. Além disso, realmente não estava tão quente hoje. Depois de abrirem todas as janelas, a temperatura na casa tornou-se quase tolerável.

Três quartos e dois banheiros no andar de cima, junto com uma sala quase vazia na frente da casa, cheia de luz natural. Apoiadas contra a parede havia várias telas em vários estágios de conclusão, e outra pintura quase acabada repousava sobre um cavalete. Todos os trabalhos eram do mesmo estilo que os quadros pendurados no primeiro andar, tão claramente que o artista morava aqui.

Aquelas eram as cinzas dele no chão da cozinha? Nem Jillian nem Aldair encontraram restos aqui no segundo andar, então parecia que a artista deveria ter vivido sozinho, ou pelo menos estava sozinho quando o Heat abriu caminho pela população.

- Eu vou ficar nesta sala - anunciou Aldair, parado no meio do quarto principal e examinando seus móveis simples, mas bonitos, o tapete de lã plana no chão. — Você pode ter um dos outros dois.

Bastardo arrogante, não era? Jillian lembrou a si mesma que estaria morta se não fosse por ele, e por isso reprimiu o discurso que subia aos lábios. Enfim, por que ele estava assumindo que eles ficariam aqui? Sim, ela estava se sentindo cansada e gostaria de levantar os pés e beber um pouco mais de água, mas, ao mesmo tempo, parecia mais sensato eles irem para Santa Fé. Ele poderia se unir ao seu povo, e então um dos Escolhidos poderia levá-la de volta a

Los Alamos. Ou eles poderiam mandar um recado para alguém vir buscá-la. Se ao menos Aldair não tivesse escondido o dispositivo em algum lugar. Assim que eles entraram na casa, a caixinha desapareceu no ar. Outro truque de djinn, ela supôs.

— Hum... nós vamos ficar aqui? — Ela se aventurou.

Ele deu a ela outro daqueles olhares assustadores. — Claro. Por que mais eu iria me dar ao trabalho de escolher uma casa?

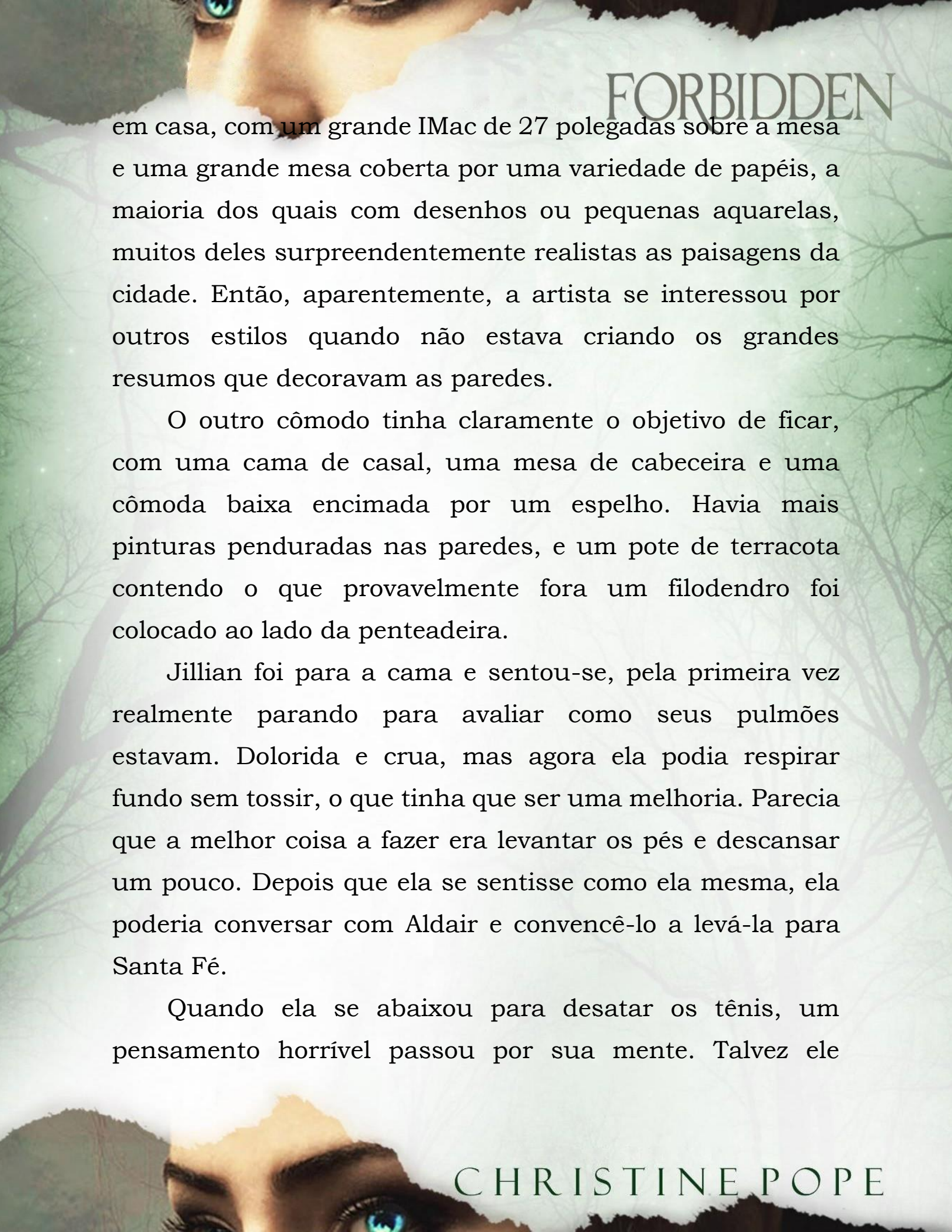
— Bem, você disse que eu deveria descansar um pouco. Mas....

— Sim, você deveria descansar. Escolha um quarto que combina com você. Vou pegar mais água.

— Mas...

A sílaba caiu no ar vazio, porque mesmo enquanto ela falara, ele desapareceu. Era típico dos djinn ir e vir assim, sem uma palavra de aviso? Talvez. Mas ela não pôde deixar de pensar que era muito rude. Ela tentou se lembrar de que não tinha muito contexto para o comportamento dos djinn, mas ainda achava o jeito que ele derreteu no ar enquanto ela falava mais do que um pouco irritante.

Lutando contra um suspiro, ela saiu para o corredor e olhou para os outros dois quartos. Não há muita escolha, na verdade, uma vez que um deles foi criado como um escritório



FORBIDDEN

em casa, com um grande IMac de 27 polegadas sobre a mesa e uma grande mesa coberta por uma variedade de papéis, a maioria dos quais com desenhos ou pequenas aquarelas, muitos deles surpreendentemente realistas as paisagens da cidade. Então, aparentemente, a artista se interessou por outros estilos quando não estava criando os grandes resumos que decoravam as paredes.

O outro cômodo tinha claramente o objetivo de ficar, com uma cama de casal, uma mesa de cabeceira e uma cômoda baixa encimada por um espelho. Havia mais pinturas penduradas nas paredes, e um pote de terracota contendo o que provavelmente fora um filodendro foi colocado ao lado da penteadeira.

Jillian foi para a cama e sentou-se, pela primeira vez realmente parando para avaliar como seus pulmões estavam. Dolorida e crua, mas agora ela podia respirar fundo sem tossir, o que tinha que ser uma melhoria. Parecia que a melhor coisa a fazer era levantar os pés e descansar um pouco. Depois que ela se sentisse como ela mesma, ela poderia conversar com Aldair e convencê-lo a levá-la para Santa Fé.

Quando ela se abaixou para desatar os tênis, um pensamento horrível passou por sua mente. Talvez ele

CHRISTINE POPE

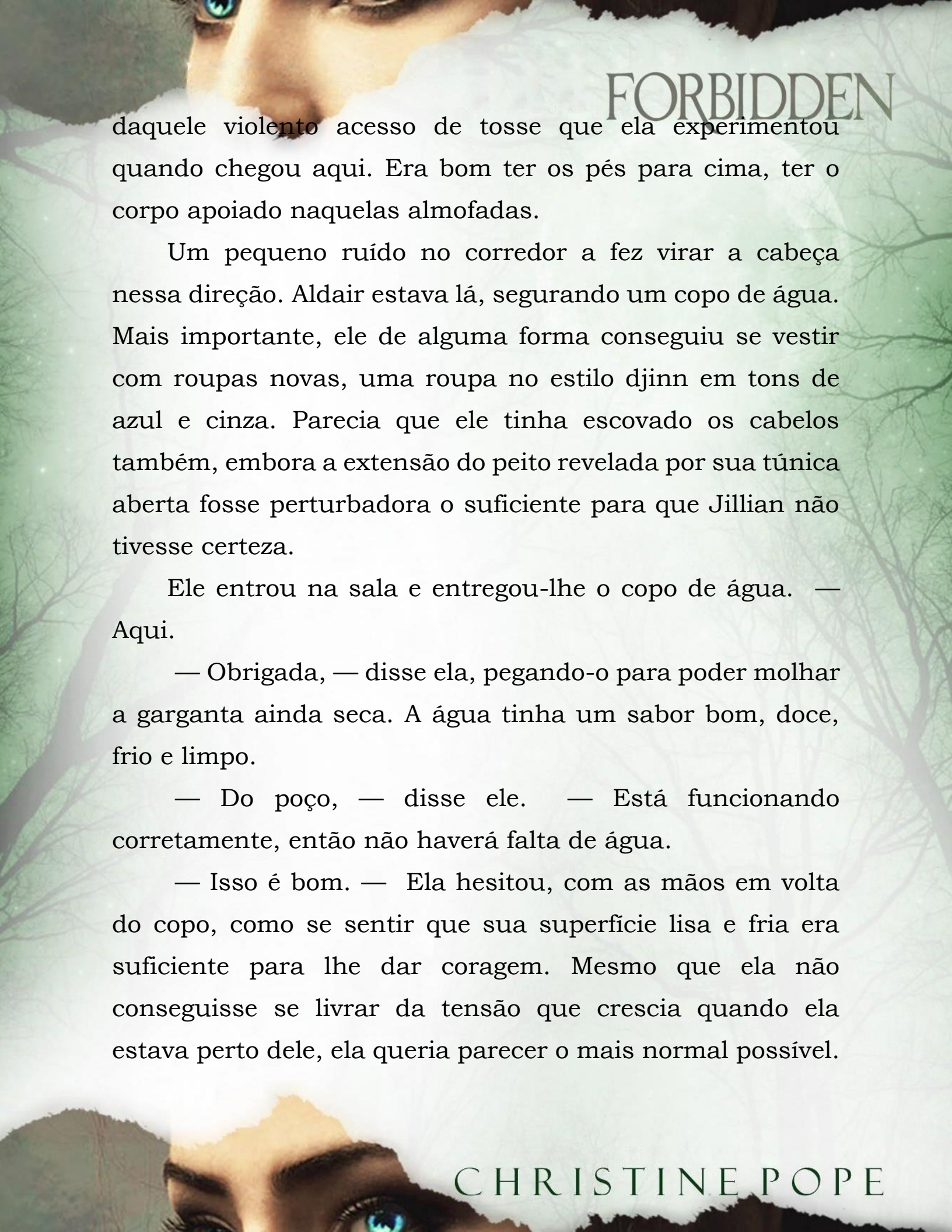
quisesse mantê-la aqui sozinha porque ele queria... bem, porque ele a queria.

Não seja ridícula, ela disse a si mesma enquanto tirava os sapatos. Se ele quisesse tentar alguma coisa, ele já poderia ter feito. Enfim, ele mal deu uma segunda olhada. O que alguém assim se parece com uma mulher humana, afinal?

Isso parecia bastante lógico. Mas claramente havia djinn que se sentiam atraídos por humanos, ou nenhum deles estaria com seus Escolhidos. É verdade, mas isso não significava que Aldair estava atraído por ela. Quando ele a deu de boca em boca, quando a levou para essa casa... em nenhum momento ele tinha agido nem um pouco interessado nela, mesmo com o contato próximo que eles compartilhavam.

Não, tinha que haver outra razão para ele não querer ir para Santa Fé. Talvez ele tivesse tido algum tipo de briga com o djinn lá. Ah, sim, foi um pensamento tranquilizador.

Fazendo o possível para afastar essas suspeitas, Jillian levantou os travesseiros e sacudiu-os para se livrar de qualquer poeira, e então se acomodou contra suas superfícies macias, percebendo naquele momento o quanto seu corpo realmente fazia cada respiração despertar uma série de novas dores nas costas e nos ombros, provavelmente



FORBIDDEN

daquele violento acesso de tosse que ela experimentou quando chegou aqui. Era bom ter os pés para cima, ter o corpo apoiado naquelas almofadas.

Um pequeno ruído no corredor a fez virar a cabeça nessa direção. Aldair estava lá, segurando um copo de água. Mais importante, ele de alguma forma conseguiu se vestir com roupas novas, uma roupa no estilo djinn em tons de azul e cinza. Parecia que ele tinha escovado os cabelos também, embora a extensão do peito revelada por sua túnica aberta fosse perturbadora o suficiente para que Jillian não tivesse certeza.

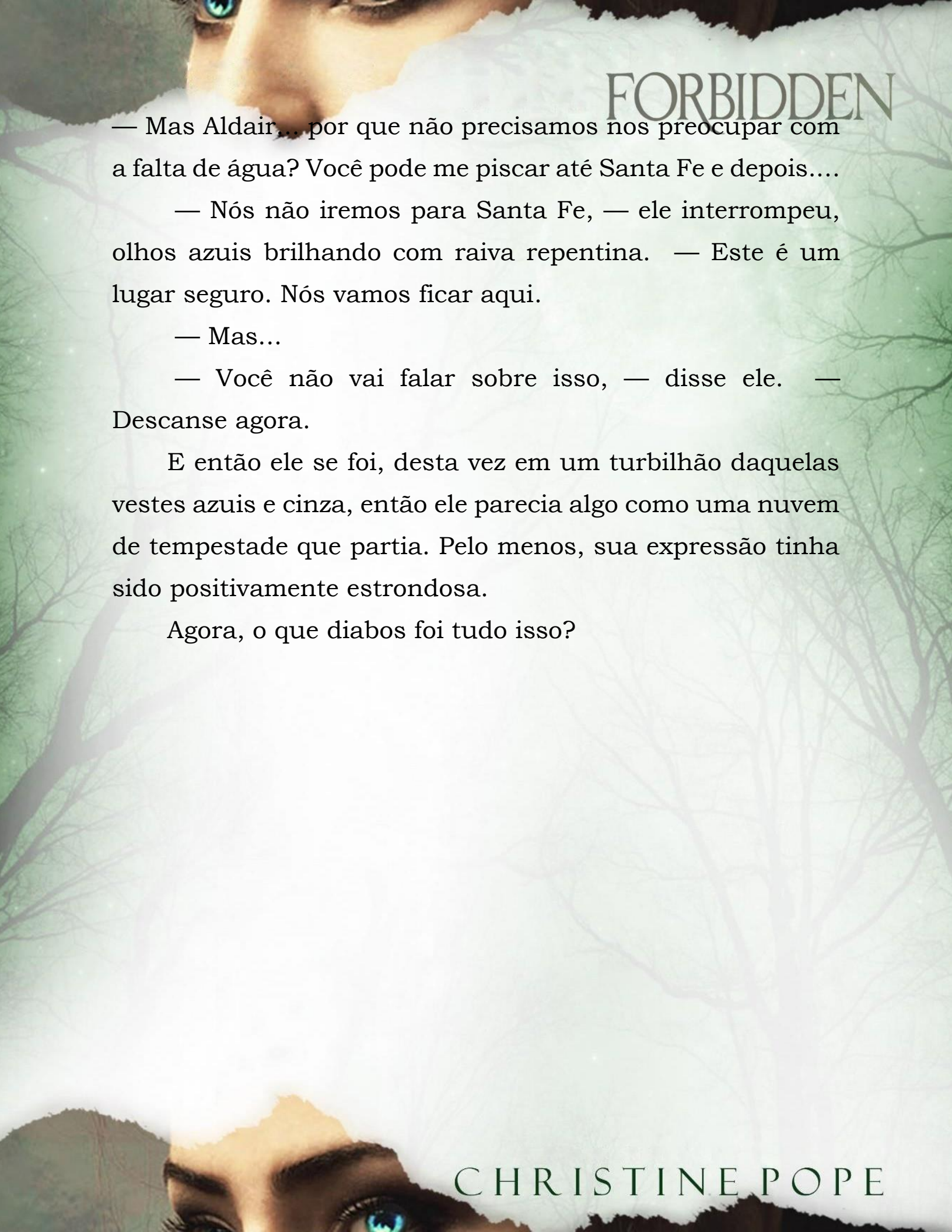
Ele entrou na sala e entregou-lhe o copo de água. — Aqui.

— Obrigada, — disse ela, pegando-o para poder molhar a garganta ainda seca. A água tinha um sabor bom, doce, frio e limpo.

— Do poço, — disse ele. — Está funcionando corretamente, então não haverá falta de água.

— Isso é bom. — Ela hesitou, com as mãos em volta do copo, como se sentir que sua superfície lisa e fria era suficiente para lhe dar coragem. Mesmo que ela não conseguisse se livrar da tensão que crescia quando ela estava perto dele, ela queria parecer o mais normal possível.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

— Mas Aldair... por que não precisamos nos preocupar com a falta de água? Você pode me piscar até Santa Fe e depois....

— Nós não iremos para Santa Fe, — ele interrompeu, olhos azuis brilhando com raiva repentina. — Este é um lugar seguro. Nós vamos ficar aqui.

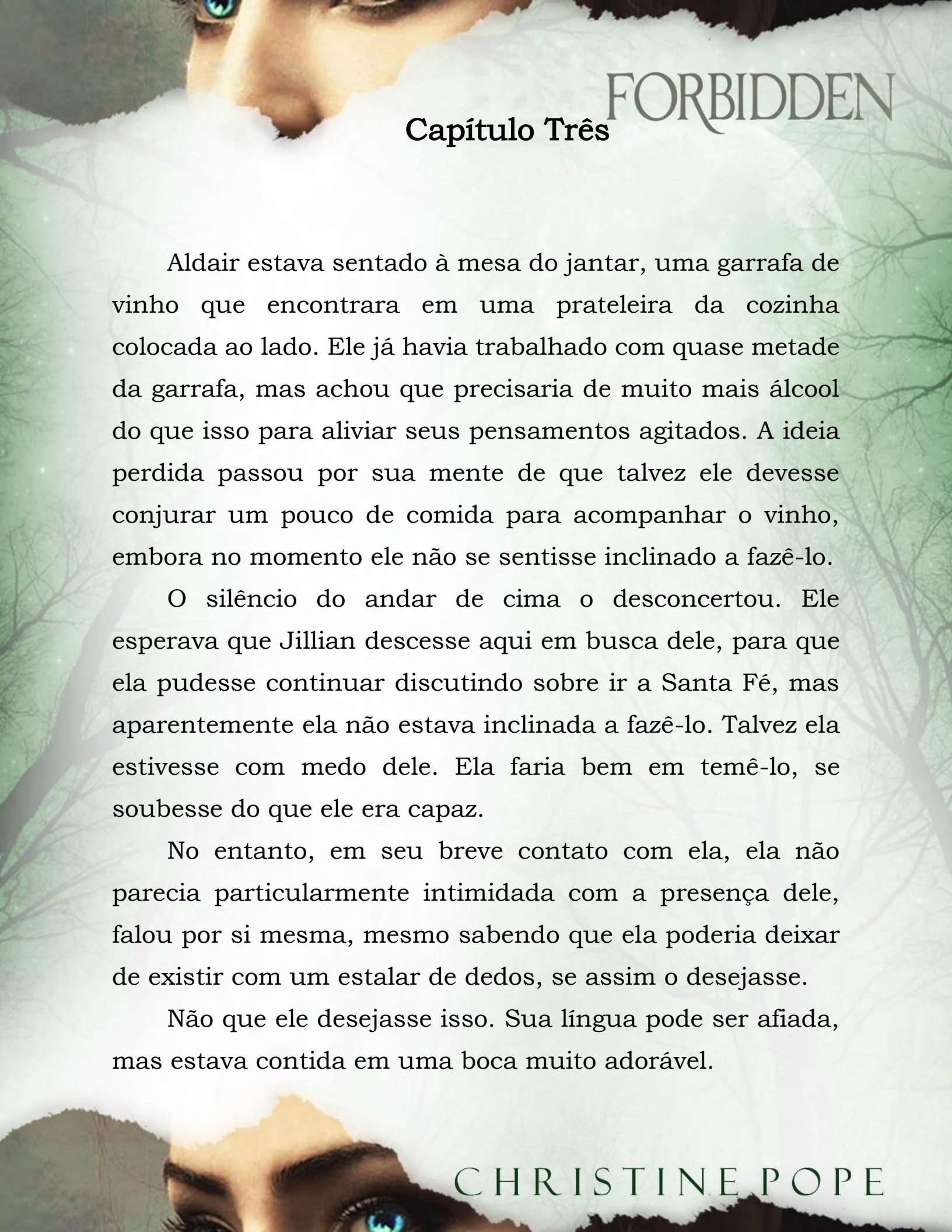
— Mas...

— Você não vai falar sobre isso, — disse ele. — Descanse agora.

E então ele se foi, desta vez em um turbilhão daquelas vestes azuis e cinza, então ele parecia algo como uma nuvem de tempestade que partia. Pelo menos, sua expressão tinha sido positivamente estrondosa.

Agora, o que diabos foi tudo isso?

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Capítulo Três

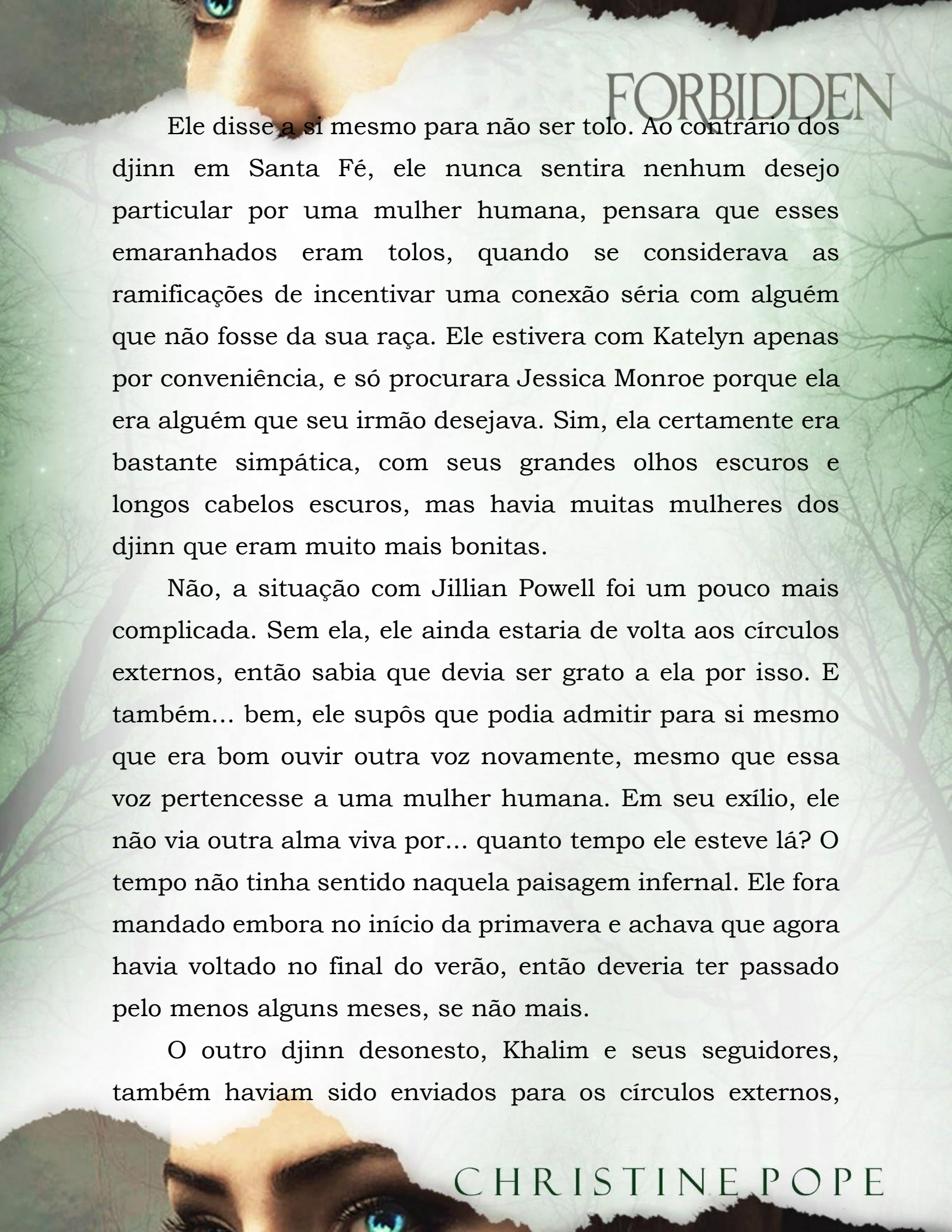
Aldair estava sentado à mesa do jantar, uma garrafa de vinho que encontrara em uma prateleira da cozinha colocada ao lado. Ele já havia trabalhado com quase metade da garrafa, mas achou que precisaria de muito mais álcool do que isso para aliviar seus pensamentos agitados. A ideia perdida passou por sua mente de que talvez ele devesse conjurar um pouco de comida para acompanhar o vinho, embora no momento ele não se sentisse inclinado a fazê-lo.

O silêncio do andar de cima o desconcertou. Ele esperava que Jillian descesse aqui em busca dele, para que ela pudesse continuar discutindo sobre ir a Santa Fé, mas aparentemente ela não estava inclinada a fazê-lo. Talvez ela estivesse com medo dele. Ela faria bem em temê-lo, se soubesse do que ele era capaz.

No entanto, em seu breve contato com ela, ela não parecia particularmente intimidada com a presença dele, falou por si mesma, mesmo sabendo que ela poderia deixar de existir com um estalar de dedos, se assim o desejasse.

Não que ele desejasse isso. Sua língua pode ser afiada, mas estava contida em uma boca muito adorável.

CHRISTINE POPE

The background of the page features a close-up of a person's face, focusing on their eyes which are glowing with a bright blue light. The person has dark skin and hair. The image is partially obscured by the text and the title.

FORBIDDEN

Ele disse a si mesmo para não ser tolo. Ao contrário dos djinn em Santa Fé, ele nunca sentira nenhum desejo particular por uma mulher humana, pensara que esses emaranhados eram tolos, quando se considerava as ramificações de incentivar uma conexão séria com alguém que não fosse da sua raça. Ele estivera com Katelyn apenas por conveniência, e só procurara Jessica Monroe porque ela era alguém que seu irmão desejava. Sim, ela certamente era bastante simpática, com seus grandes olhos escuros e longos cabelos escuros, mas havia muitas mulheres dos djinn que eram muito mais bonitas.

Não, a situação com Jillian Powell foi um pouco mais complicada. Sem ela, ele ainda estaria de volta aos círculos externos, então sabia que devia ser grato a ela por isso. E também... bem, ele supôs que podia admitir para si mesmo que era bom ouvir outra voz novamente, mesmo que essa voz pertencesse a uma mulher humana. Em seu exílio, ele não via outra alma viva por... quanto tempo ele esteve lá? O tempo não tinha sentido naquela paisagem infernal. Ele fora mandado embora no início da primavera e achava que agora havia voltado no final do verão, então deveria ter passado pelo menos alguns meses, se não mais.

O outro djinn desonesto, Khalim e seus seguidores, também haviam sido enviados para os círculos externos,

CHRISTINE POPE

mas Aldair nunca tinha visto nenhum sinal deles - por design, ele tinha certeza. O exílio que ele teve que suportar tinha sido feito muito, muito pior por sua completa solidão. Talvez aqueles outros djinn estivessem mortos. Não pelas duras condições que eles tiveram que suportar, mas por suas próprias mãos. Esse era o destino usual daqueles banidos para os círculos externos. Depois de um tempo suficiente, a morte começou a parecer um alívio bem-vindo.

Não que ele tivesse se curvado para fazer uma coisa dessas. O ódio o mantinha indo, encheu suas veias com um fogo que o sustentou muito mais do que a água suja e as plantas escassas em que ele encontrou para viver. Ele jurara que um dia estaria livre e tentaria se vingar. Sim, ninguém jamais havia escapado dos círculos externos, mas ele havia dito a si mesmo que seria a exceção.

E assim parecia que ele era. Ele havia escapado e agora estava sentado em um refúgio confortável, com um teto sobre a cabeça e uma linda mulher deitada em uma cama no andar de cima.

O pensamento despertou um lampejo de desejo, mas ele o afastou. Ele não podia deixar-se distrair por essas coisas irrelevantes. Ele dissera a Jillian que não a levaria a Santa Fé, mas isso não significava que ele não pretendia ir para lá sozinho, depois de ter planejado um plano infalível. Pois ele

tinha assuntos inacabados naquele lugar, com o mestiço que infelizmente compartilhou o nome de sua família.

Um sussurro suave de um som o fez erguer os olhos do copo de vinho e ele viu Jillian parada na porta da sala de jantar, sua expressão uma estranha mistura de desconfiança e necessidade. Por um segundo selvagem, ele pensou que essa necessidade poderia ser dirigida a ele, mas então ele percebeu que ela estava olhando para a garrafa de vinho na mesa.

— Oh, Deus, — disse ela. — Vinho? E está tudo bem?

— Está tudo bem, — ele respondeu. — Acho que esses dois anos que esperaram por nós apenas serviram para melhorá-lo. Você gostaria de um pouco?

— Sim por favor. — Ela aproximou-se da mesa, puxou a cadeira à sua frente e sentou-se.

Observando-a, ele pensou que ela parecia um pouco melhor. A cor voltou às bochechas e seus olhos não estavam mais vermelhos. Seu cabelo estava ainda mais desarrumado do que a última vez que ele a vira, com mais mechas saindo do fecho que o segurava - talvez por causa da maneira como ela estava deitada contra os travesseiros em sua cama emprestada.

Sua virilha se apertou com a imagem mental, e ele a afastou e em vez disso, convocou uma taça de vinho para ela

do armário da cozinha. Apareceu na mesa diante dela e ela deu um pequeno sobressalto.

— Suponho que deveria tentar me acostumar com isso, — observou ela. — Foi assim que você trouxe o vinho aqui também?

— Não — o disse, enquanto servia uma medida saudável no copo dela. — Estava em uma prateleira na cozinha, com poucas dúzias de outras garrafas. Não precisarei convocar nenhum por um bom tempo.

As sobrancelhas dela se ergueram com esse comentário, e ele se perguntou se ela iria pressioná-lo novamente sobre quanto tempo ele pretendia que eles ficassem aqui. Mas ela não disse nada, em vez disso, levou o copo aos lábios para poder saborear.

— Ah, — disse ela, depois de saborear e depois engoliu o vinho, — isso ajuda.

— Assim será, — disse ele, estendendo a mão em direção ao centro da mesa. Uma bandeja com pão, queijo e uvas apareceu lá. Tarifa leve, é verdade, mas algo para amortecer o vinho.

Desta vez, ela nem sequer piscou. — Sim, acho que sim.

Ela pousou a taça de vinho e estendeu a mão para pegar uma fatia de pão e colocar um pedaço de queijo por cima. Aldair fez o mesmo, um pouco divertido por sua disposição

de ignorar seus poderes djinn, se isso significava que ela receberia comida e vinho. Mas ele estava feliz por tê-la distraída, pois isso significava que ela poderia deixar de lado o assunto de Santa Fé por enquanto.

Eles comeram em silêncio por um momento. Ele saboreava o gosto de comida de verdade, do rico vinho tinto escorrendo por sua língua. Jillian pareceu apreciar a oferta também, embora, é claro, ela não pudesse ter sofrido as mesmas privações que ele tinha no passado... bem, por mais tempo que tenha sido.

— Provavelmente há muito mais aqui na cidade também, — ela ofereceu, e Aldair levantou uma sobrancelha.

— Muito mais?

— Vinho. Eles tinham uma lista de vinhos bastante decente no The Hollar e, do outro lado da rua, fica o Mine Shaft. Embora eu tenha a sensação de que eles gostaram mais de bebida alcoólica por lá.

— Isso foi uma taberna?

— Sim, um restaurante e bar. Jack e eu não comemos lá quando chegamos, mas fomos lá para dar uma olhada. — Ela usava um leve sorriso antes de falar, sem dúvida uma provocada pela comida e pelo vinho, mas desapareceu quando ela pareceu se lembrar da viagem que fizera com o marido que havia perdido.

Aldair sentiu uma pontada de irritação. Os Escolhidos que ele conhecia em Taos certamente pareciam ter poucos problemas em seguir em frente com suas vidas, mesmo com tudo o que haviam perdido, então ele não fazia ideia de por que esse conceito seria tão difícil para a mulher sentada do outro lado da mesa. ele.

Ah, mas ela não era a escolhida, ele pensou. Talvez ela tenha passado esse tempo sozinha, sem um novo parceiro. Por mais tempo que tenha sido.

Ele se sentiu compelido a perguntar: — Que mês é este?

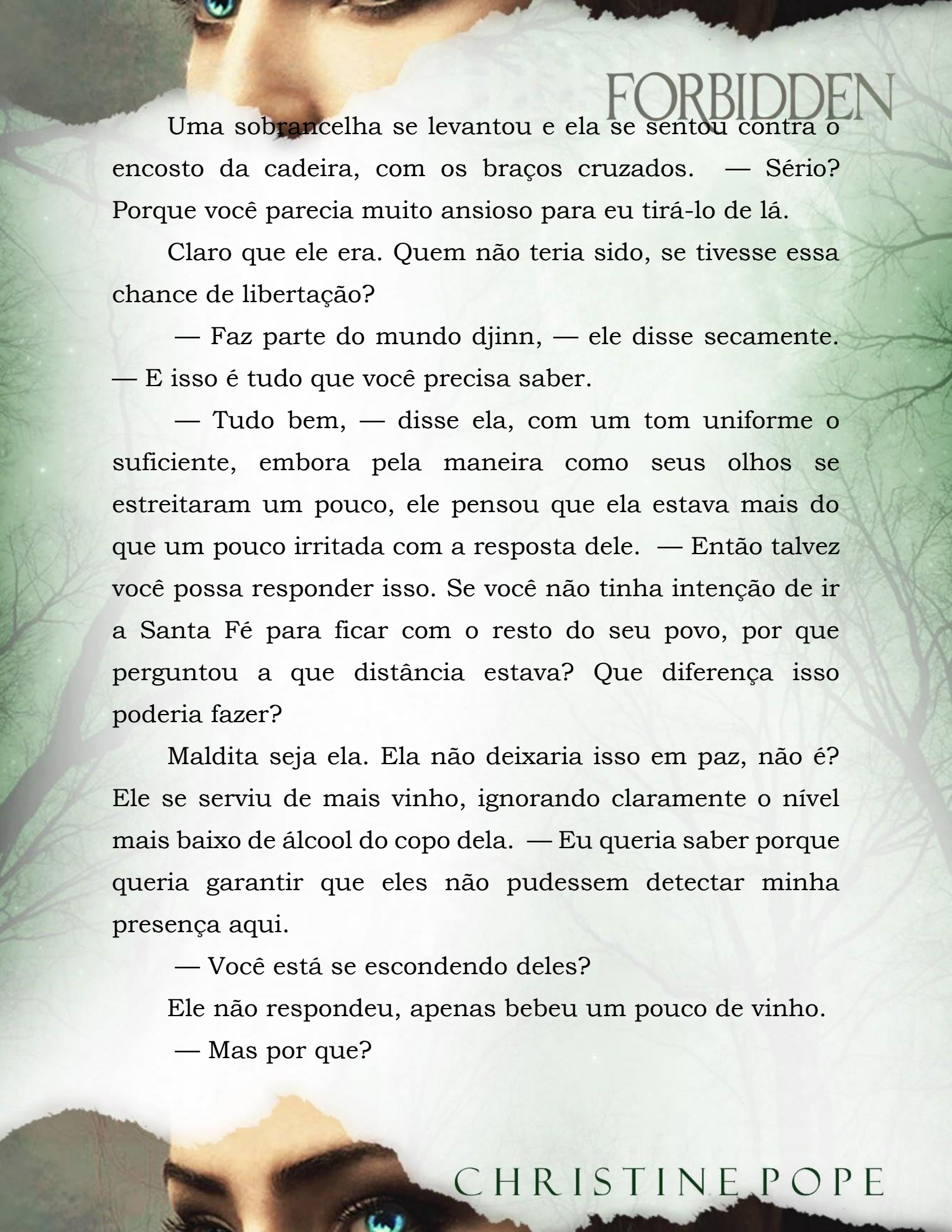
— Agosto, — disse ela, e lançou lhe um olhar curioso. O que ela viu no rosto dele, ele não podia ter certeza, mas ela acrescentou, com um tom gentil: — Passará dois anos desde a Morte no final do próximo mês.

Então isso significava que ele estava preso nos círculos externos por quase um ano e meio no tempo humano. Tais medidas não eram precisamente aplicáveis à vida no outro mundo, mas sempre ajudavam a ter algum contexto.

Ah. Ele ergueu o copo de vinho e se permitiu uma grande tragada para não precisar mais comentar.

Ela ficou em silêncio também, enquanto pegava mais pão e queijo, depois a lavava com o vinho. Por fim, ela disse: — Aldair... o que você estava fazendo naquele lugar?

Ele endureceu. — Temo que isso não seja da sua conta.



FORBIDDEN

Uma sobancelha se levantou e ela se sentou contra o encosto da cadeira, com os braços cruzados. — Sêrio? Porque você parecia muito ansioso para eu tirá-lo de lá.

Claro que ele era. Quem não teria sido, se tivesse essa chance de libertação?

— Faz parte do mundo djinn, — ele disse secamente. — E isso é tudo que você precisa saber.

— Tudo bem, — disse ela, com um tom uniforme o suficiente, embora pela maneira como seus olhos se estreitaram um pouco, ele pensou que ela estava mais do que um pouco irritada com a resposta dele. — Então talvez você possa responder isso. Se você não tinha intenção de ir a Santa Fé para ficar com o resto do seu povo, por que perguntou a que distância estava? Que diferença isso poderia fazer?

Maldita seja ela. Ela não deixaria isso em paz, não é? Ele se serviu de mais vinho, ignorando claramente o nível mais baixo de álcool do copo dela. — Eu queria saber porque queria garantir que eles não pudessem detectar minha presença aqui.

— Você está se escondendo deles?

Ele não respondeu, apenas bebeu um pouco de vinho.

— Mas por que?

CHRISTINE POPE

Aldair começou a pensar que poderia haver alguns limites para sua gratidão. Em seu passado, ele teve muito poucas relações com os mortais antes que ele fingia ser parte dos mil que tinham tomado os amantes humanos para a sua própria, para que eles possam ser poupados da morte certa nas mãos de quem queria que toda a humanidade fosse aniquilada. No entanto, naqueles raros momentos em que ele foi forçado a encontrar-se com humanos, eles o trataram com a deferência que merecia um de sua espécie. Ele não estava acostumado a mulheres que o encaravam com os braços cruzados e que exigiam respostas como se fossem iguais.

— Vamos apenas dizer que não há amor perdido entre mim e os djinn que moram em Santa Fé, — disse ele finalmente.

Ela não respondeu por um momento. Seus dedos bateram na haste do copo de vinho. — Aquele lugar onde eu te encontrei... era algum tipo de prisão de djinn?

Era e ele não gostou muito de como ela tinha sido capaz de fazer esse salto lógico particular. Apesar da provação que ela acabara de sofrer, sua mente parecia rápida o suficiente. Ele teria que assistir o que disse ao seu redor.

Como ela não parecia particularmente preocupada com a perspectiva de seu encarceramento aparente nas mãos de

sua própria espécie, Aldair apenas deu de ombros. — Talvez seja uma palavra tão boa quanto qualquer outra. Os círculos externos são mais como... um lugar de exílio.

Ela ficou em silêncio então, parecendo considerar suas palavras. No entanto, ela não fez a próxima pergunta lógica, e seria por isso que ele havia sido enviado para lá em primeiro lugar. Ela bebeu um pouco mais de seu vinho e depois levantou a cabeça para poder olhá-la diretamente. Pela primeira vez, ele percebeu que ela devia estar usando algum tipo de cosmético quando seu acidente com o dispositivo a levou ao outro mundo; ele notou manchas escuras nos cílios inferiores, marcas negras embaçadas que nada tinham a ver com a própria pele machucada.

— Então... já que estamos a mais de trinta quilômetros de Santa Fé, o outro djinn não será capaz de dizer que você está aqui?

Ele encolheu os ombros. — Mais provável que não. Se eles soubessem que eu estaria nas proximidades, poderiam ter conseguido alcançar e detectar minha presença. Mas duvido que algum deles tenha pensado que voltaria a este mundo.

Esse comentário fez seus olhos se arregalarem. — Aquele lugar para onde você foi enviado, eles esperavam que você estivesse lá para sempre?

— Essa era a intenção. No entanto, a maioria dos que são enviados para os círculos externos não sobrevive lá por muito tempo.

Seus cílios escuros se abriram, escondendo os olhos quando ela apareceu para digerir aquela partícula ou informação. — Isso é ... bárbaro.

O mesmo pensamento passou por sua cabeça uma ou duas vezes - teria sido muito mais misericordioso simplesmente executar aqueles cujas transgressões justificassem o exílio - mas, novamente, ele apenas levantou os ombros. — Possivelmente. Mas eficaz. De qualquer forma, ninguém espera que eu esteja aqui. E também, a topografia deste local pode funcionar como um escudo eficaz. Estar escondido em um vale como esse tornará mais difícil para eles perceberem que não estou mais nos círculos externos.

Sua expressão estava perturbada. No entanto, Aldair não a conhecia bem o suficiente para determinar se sua preocupação era por causa dele ou surgiu de uma simples preocupação com seu próprio bem-estar. Afinal, ela deve ter adivinhado que os círculos externos eram uma punição do último recurso, não algo dado de ânimo leve. E então ela também deve estar se perguntando com que tipo de monstro ela foi presa.

— Entendo, — disse ela finalmente, o que não deu nenhuma indicação de seus sentimentos. Um dedo traçou o grão de madeira da mesa. Ela não usa esmalte ou qualquer anel na mão direita, embora ele tenha notado a faixa de ouro lisa no dedo anelar da esquerda.

Esse lembrete do marido morto deve estar sempre com ela. Não é de admirar que ela claramente tenha passado seus dias desde a sua morte sozinha.

Aldair não se permitiria sentir nenhuma culpa pela morte. Os homens tiveram ampla oportunidade de se tornarem melhores administradores deste maravilhoso mundo que lhes fora dado, e desperdiçaram suas riquezas. Não, ele não tinha sido um dos gênios loucos que inventaram a doença, nem um daqueles que se ofereceram alegremente para a tarefa de espalhar o Calor entre a população, mas também não lamentou a morte da humanidade... especialmente não quando suas consequências dera a ele uma oportunidade tão madura de vingança.

Então Jillian disse: — Obrigado pelo vinho e pela comida. Estou me sentindo um pouco cansada agora, acho que vou subir e me deitar de novo.

— É claro, — respondeu ele, embora no fundo de sua mente ele pensasse que a desculpa dela era apenas isso - uma razão lógica para se afastar de sua presença. Talvez ela

tenha percebido que estava presa aqui com um criminoso, e não um homem comum, mas um djinn, alguém que poderia dominá-la de várias maneiras desagradáveis.

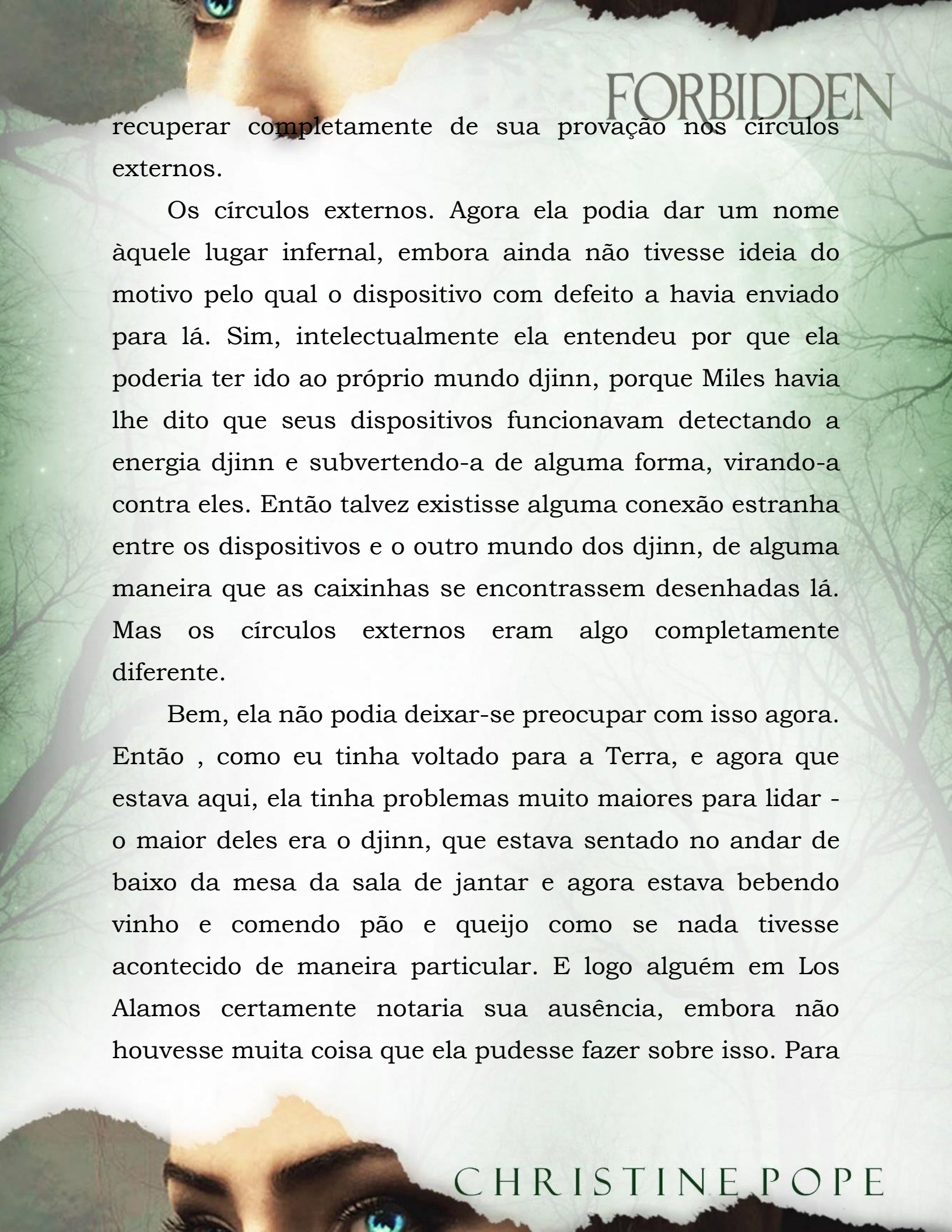
Ela não tinha como saber que ele não pretendia nenhum mal a ela. Pelo menos, a menos que ela o provocasse.

Um sorriso incerto tocou seus lábios, e ela se levantou da mesa e saiu da sala. Um momento depois, Aldair ouviu seus passos leves na escada, seguido pouco depois pelo macio *THUMP* do fechamento da porta do quarto.

Bem, pelo menos parecia que ela não tinha planos imediatos de fugir. Por outro lado, talvez ela quisesse ficar sozinha, para poder inventar algum estratagema para se afastar dele.

Infelizmente, ela não tinha ideia de como seria difícil escapar de um elemental do ar.

Jillian encostou-se à porta do quarto emprestado e respirou fundo, uma que começou a descer e pareceu queimar levemente no fundo de seus pulmões. Sim, ela estava se sentindo muito melhor, mas parecia que ela precisaria de mais tempo do que ela pensara para se



FORBIDDEN

recuperar completamente de sua provação nos círculos externos.

Os círculos externos. Agora ela podia dar um nome àquele lugar infernal, embora ainda não tivesse ideia do motivo pelo qual o dispositivo com defeito a havia enviado para lá. Sim, intelectualmente ela entendeu por que ela poderia ter ido ao próprio mundo djinn, porque Miles havia lhe dito que seus dispositivos funcionavam detectando a energia djinn e subvertendo-a de alguma forma, virando-a contra eles. Então talvez existisse alguma conexão estranha entre os dispositivos e o outro mundo dos djinn, de alguma maneira que as caixinhas se encontrassem desenhadas lá. Mas os círculos externos eram algo completamente diferente.

Bem, ela não podia deixar-se preocupar com isso agora. Então , como eu tinha voltado para a Terra, e agora que estava aqui, ela tinha problemas muito maiores para lidar - o maior deles era o djinn, que estava sentado no andar de baixo da mesa da sala de jantar e agora estava bebendo vinho e comendo pão e queijo como se nada tivesse acontecido de maneira particular. E logo alguém em Los Alamos certamente notaria sua ausência, embora não houvesse muita coisa que ela pudesse fazer sobre isso. Para

CHRISTINE POPE

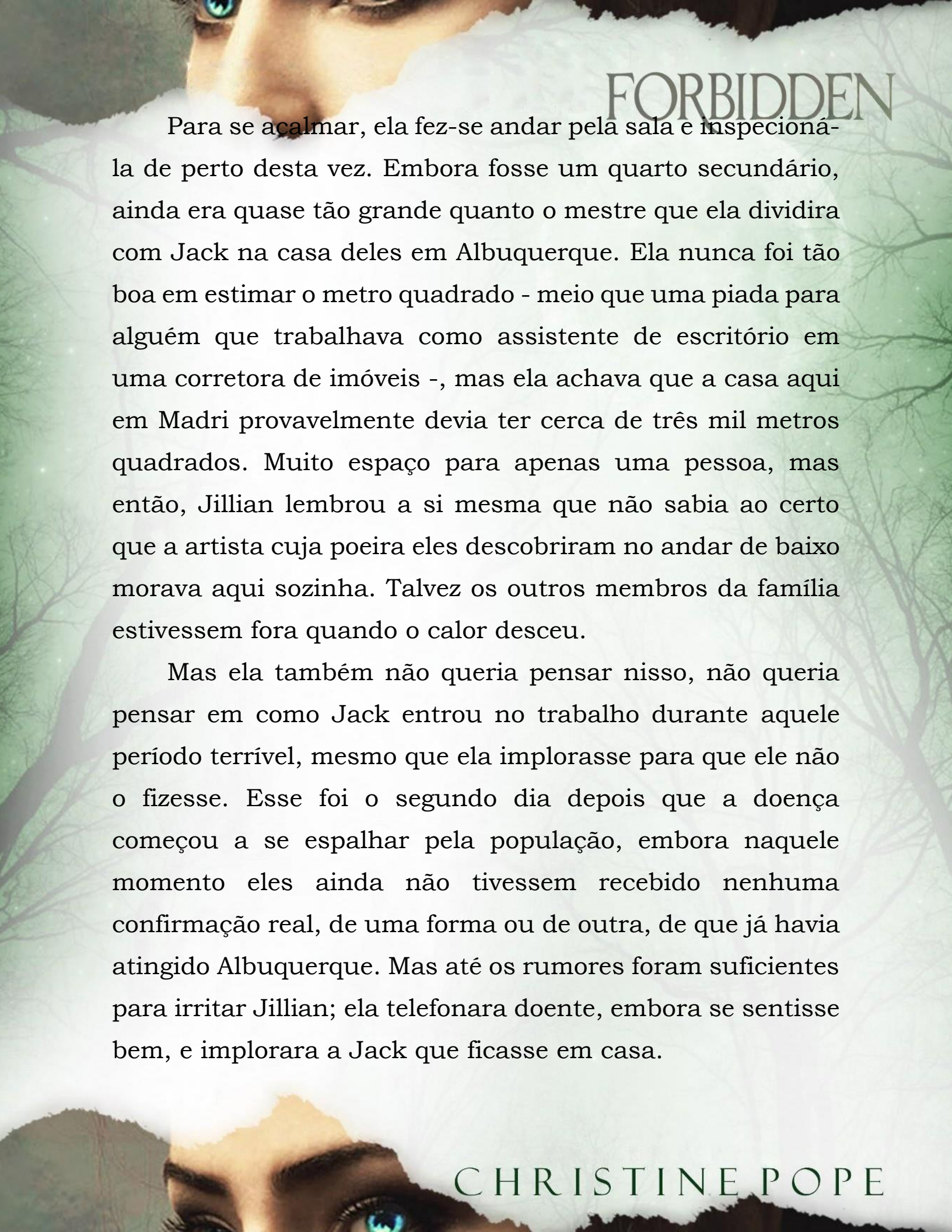
eles, deve parecer como se ela tivesse desaparecido no ar...
o que, de certa forma, ela supunha que tinha.

O que Aldair poderia ter feito para ser enviado aos círculos externos? Deve ter sido algo bastante horrível, porque uma raça de seres que poderia exterminar indiferentemente toda a humanidade tinha que possuir uma moral muito diferente daquela com a qual ela havia sido criada. Talvez ele tivesse matado outro djinn. Ou vários djinn. Ou talvez...

Não, ela não deixaria sua mente ir para lá. Não que ela já tivesse alguém fazendo avanços sexuais indesejados em relação a ela, exceto que alguém se arrastava em uma festa no escritório anos atrás, mas mesmo com sua falta de experiência, ela não havia captado nada como uma vibe de predador em Aldair. Ou pelo menos não esse tipo de predador. De qualquer forma, ele teve ampla oportunidade de atacar se essa era sua verdadeira intenção, e ele não fez uma única jogada. Qualquer que fosse a história dele, ela não achava que isso incluía agredir mulheres.

A menos que parte do jogo dele fosse fazê-la pensar que estava segura, e então obter algum tipo de prazer distorcido em saborear sua traição.

Pare com isso, ela disse a si mesma. Apenas pare.

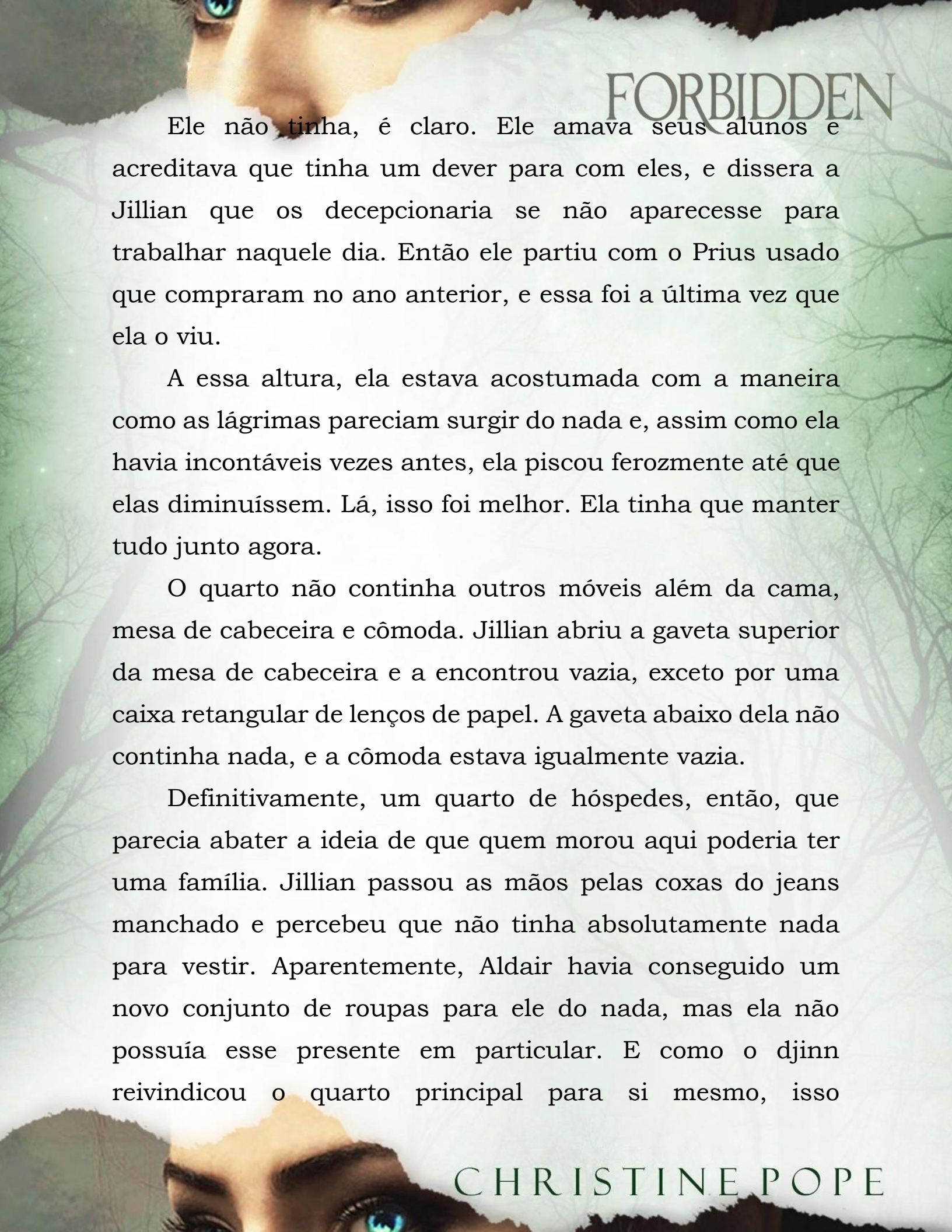
The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a white, torn-paper-like border. The woman has dark hair and is looking directly at the viewer. The background behind her face is a soft, out-of-focus green, suggesting foliage or trees. The overall tone is mysterious and ethereal.

FORBIDDEN

Para se acalmar, ela fez-se andar pela sala e inspecioná-la de perto desta vez. Embora fosse um quarto secundário, ainda era quase tão grande quanto o mestre que ela dividira com Jack na casa deles em Albuquerque. Ela nunca foi tão boa em estimar o metro quadrado - meio que uma piada para alguém que trabalhava como assistente de escritório em uma corretora de imóveis -, mas ela achava que a casa aqui em Madri provavelmente devia ter cerca de três mil metros quadrados. Muito espaço para apenas uma pessoa, mas então, Jillian lembrou a si mesma que não sabia ao certo que a artista cuja poeira eles descobriram no andar de baixo morava aqui sozinha. Talvez os outros membros da família estivessem fora quando o calor desceu.

Mas ela também não queria pensar nisso, não queria pensar em como Jack entrou no trabalho durante aquele período terrível, mesmo que ela implorasse para que ele não o fizesse. Esse foi o segundo dia depois que a doença começou a se espalhar pela população, embora naquele momento eles ainda não tivessem recebido nenhuma confirmação real, de uma forma ou de outra, de que já havia atingido Albuquerque. Mas até os rumores foram suficientes para irritar Jillian; ela telefonara doente, embora se sentisse bem, e implorara a Jack que ficasse em casa.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Ele não tinha, é claro. Ele amava seus alunos e acreditava que tinha um dever para com eles, e dissera a Jillian que os decepcionaria se não aparecesse para trabalhar naquele dia. Então ele partiu com o Prius usado que compraram no ano anterior, e essa foi a última vez que ela o viu.

A essa altura, ela estava acostumada com a maneira como as lágrimas pareciam surgir do nada e, assim como ela havia incontáveis vezes antes, ela piscou ferozmente até que elas diminuíssem. Lá, isso foi melhor. Ela tinha que manter tudo junto agora.

O quarto não continha outros móveis além da cama, mesa de cabeceira e cômoda. Jillian abriu a gaveta superior da mesa de cabeceira e a encontrou vazia, exceto por uma caixa retangular de lenços de papel. A gaveta abaixo dela não continha nada, e a cômoda estava igualmente vazia.

Definitivamente, um quarto de hóspedes, então, que parecia abater a ideia de que quem morou aqui poderia ter uma família. Jillian passou as mãos pelas coxas do jeans manchado e percebeu que não tinha absolutamente nada para vestir. Aparentemente, Aldair havia conseguido um novo conjunto de roupas para ele do nada, mas ela não possuía esse presente em particular. E como o djinn reivindicou o quarto principal para si mesmo, isso

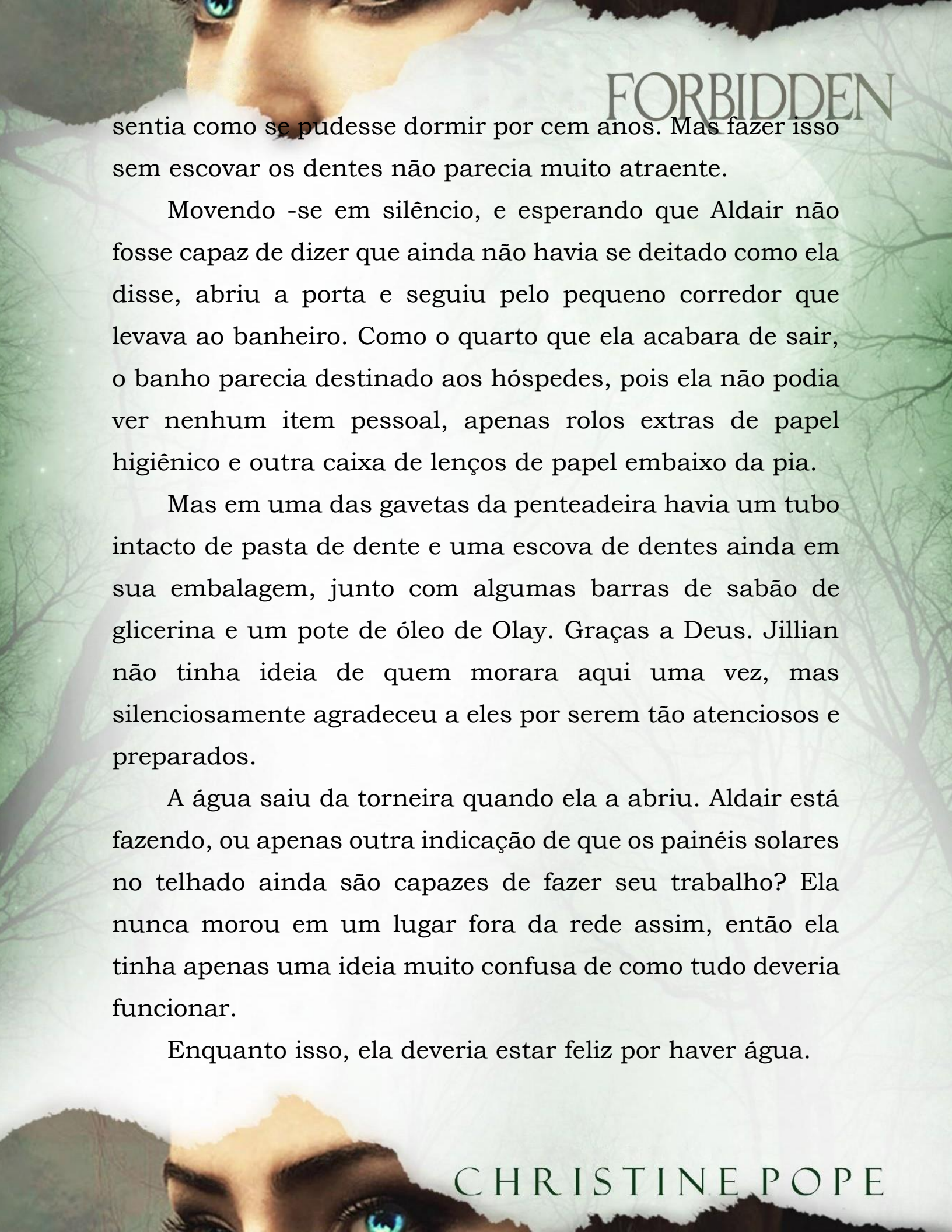
CHRISTINE POPE

significava que Jillian não teria muita oportunidade de entrar lá e ver se havia algo que ela pudesse procurar por si mesma. Pelo menos não sem pedir permissão.

Bem, ela só teria que sobreviver por enquanto, e então talvez amanhã se sentisse turística por Madri para ver se podia encontrar uma muda de roupa. Não a emocionou exatamente saber que ela estaria pegando itens que pertenceram aos moradores daqui, mas ela não tinha muitas opções. Não era como Santa Fé, onde os Escolhidos tinham todas aquelas butikues para invadir, junto com a Target, dois Walmart e as lojas do shopping no extremo sul da cidade. Ou até mesmo como Los Alamos, que não tinha muitas opções de compras, mas pelo menos ostentava o Beall's Outlet, sem mencionar os lugares descendo a colina em Espanhol.

Ela se sentou na cama e tirou as meias; ela já havia tirado os sapatos de corrida mais cedo e desceu as escadas com os pés nas meias. Aldair tinha notado? Provavelmente não. Ele parecia bastante focado no vinho.

Aquele vinho também a ajudou um pouco, apenas para aliviar alguns dos músculos doloridos. A comida também a acalmava de alguma forma com estômago ácido, embora desejasse agora poder escovar os dentes. Era muito cedo, provavelmente apenas seis e meia, e mesmo assim Jillian



FORBIDDEN

sentia como se pudesse dormir por cem anos. Mas fazer isso sem escovar os dentes não parecia muito atraente.

Movendo -se em silêncio, e esperando que Aldair não fosse capaz de dizer que ainda não havia se deitado como ela disse, abriu a porta e seguiu pelo pequeno corredor que levava ao banheiro. Como o quarto que ela acabara de sair, o banho parecia destinado aos hóspedes, pois ela não podia ver nenhum item pessoal, apenas rolos extras de papel higiênico e outra caixa de lenços de papel embaixo da pia.

Mas em uma das gavetas da penteadeira havia um tubo intacto de pasta de dente e uma escova de dentes ainda em sua embalagem, junto com algumas barras de sabão de glicerina e um pote de óleo de Olay. Graças a Deus. Jillian não tinha ideia de quem morara aqui uma vez, mas silenciosamente agradeceu a eles por serem tão atenciosos e preparados.

A água saiu da torneira quando ela a abriu. Aldair está fazendo, ou apenas outra indicação de que os painéis solares no telhado ainda são capazes de fazer seu trabalho? Ela nunca morou em um lugar fora da rede assim, então ela tinha apenas uma ideia muito confusa de como tudo deveria funcionar.

Enquanto isso, ela deveria estar feliz por haver água.

CHRISTINE POPE

Ela escovou os dentes, fazendo o possível para se livrar da acidez residual do ar ácido dos círculos externos, e depois lavou o rosto também, usando o sabão e seguindo com o hidratante que encontrara. Depois, ela pensou que se sentia quase humana, embora, quando se olhasse no espelho, não estivesse muito emocionada com seu reflexo. Sombras apareceram sob seus olhos, e ela notou uma tensão na boca que não existia antes.

Bem, o que ela esperava? Depois de tudo o que acabara de passar, ela pensou que deveria estar feliz por não parecer que andou 80 quilômetros de estrada ruim.

Quando ela se afastou do espelho, porém, não pôde deixar de soltar um suspiro. Aldair estava no corredor do lado de fora do banheiro, encostado na parede, sua experiência curiosa.

— Então você não estava tão cansada, afinal?

Droga, como ele conseguiu aparecer lá sem fazer o menor som? Outro tipo de truque de djinn, ela supunha - extremamente enervante. Ela se recompôs e respondeu: — Eu não queria dormir sem me limpar primeiro. Se você não se importa.

Um pequeno sorriso brincou em seus lábios. — Não, não me importo. Mas ouvi água correndo, então me perguntei.

— Bem, agora você sabe. — Ela colocou o hidratante de volta na gaveta da penteadeira, depois hesitou. Aldair não mostrou sinais de movimento, e ela percebeu que teria que passar por ele para chegar ao quarto. A perspectiva de esbarrar nele não parecia muito atraente. Por outro lado, ela não queria que ele pensasse que ele a havia intimidado, apesar do desejo que ele tinha. Com a mandíbula apertada, ela começou a sair do banheiro e não se permitiu um suspiro de alívio quando ele se afastou um pouco para que ela pudesse passar.

Mas então ele disse: — Você planeja dormir com essas roupas?

Suas palavras a levaram a virar e relutantemente, ela se virou para ele e deu de ombros. — Eu não tenho muita escolha. Não encontrei nenhuma roupa de reposição no quarto que estou usando.

Ele olhou por ela para a porta aberta do quarto, e depois mais abaixo no corredor para o quarto que ele reivindicou como seu. — Talvez você deva tentar o meu quarto.

Essa era a maneira dele de tentar ser útil, ou ele estava apenas convidando-a a procurar lá como uma maneira de colocá-la em seu quarto? Não, isso foi ridículo. Ela realmente precisava parar de olhá-lo como uma espécie de predador

sexual de outro mundo. Caso contrário, ela acabaria ficando louca.

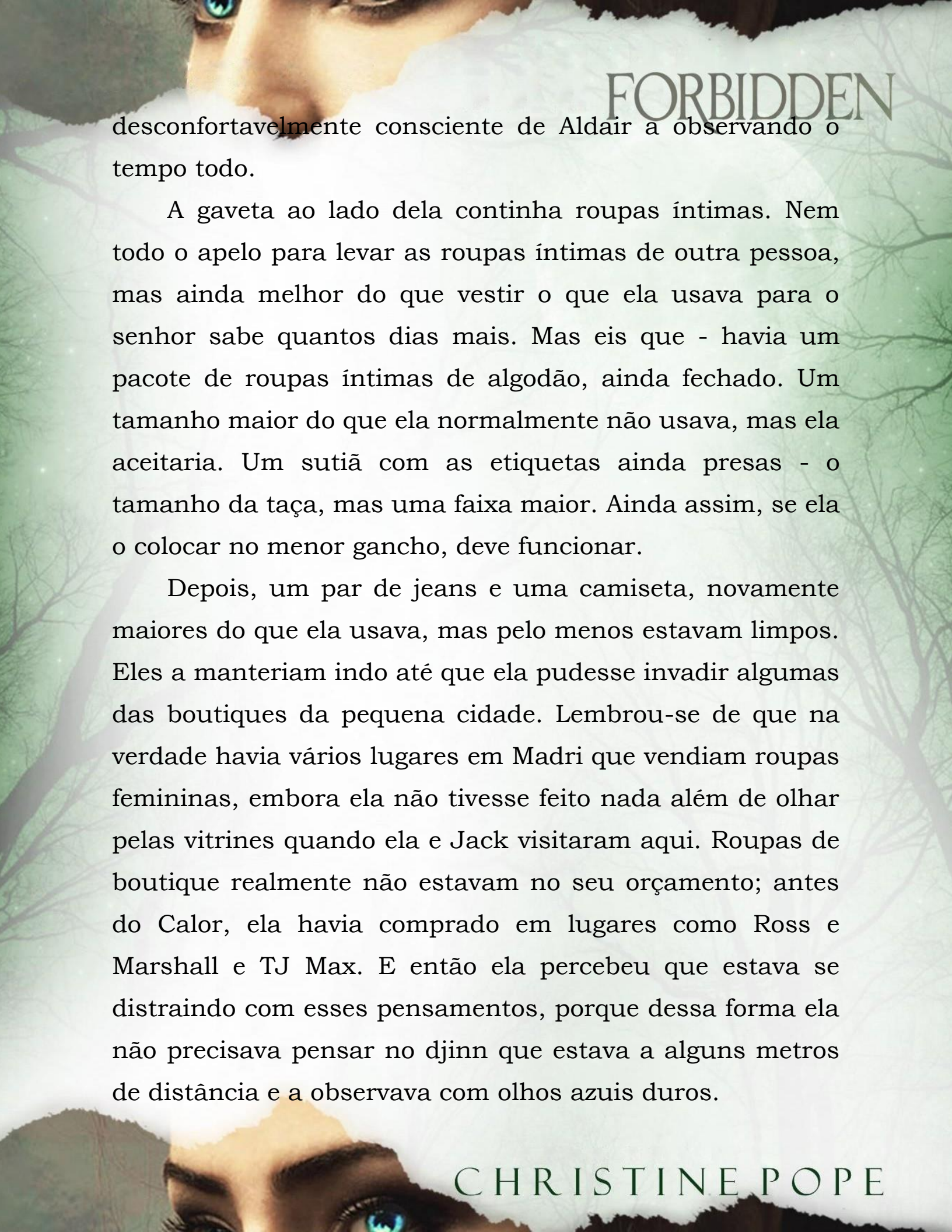
— Você não se importa?

— Se eu me importasse, não teria convidado você a procurar.

Bem, é verdade. Ela quase perguntou por que ele não podia simplesmente conjurar algumas roupas para ela, da maneira que ele havia feito para si mesmo, mas decidiu que era melhor deixar o assunto de lado. Um djinn sabia alguma coisa sobre roupas íntimas femininas, sutiãs e calcinhas e tudo isso? Tentar explicar tudo isso para ele seria humilhante.

Então, ela murmurou um agradecimento e passou para o quarto principal, que era bastante grande, com um banheiro privado e uma pequena área de estar perto da janela da mansarda. Os móveis aqui também eram simples, provavelmente para mostrar mais daquelas pinturas abstratas coloridas penduradas em todas as paredes.

Jillian foi até a cômoda e começou a passar cuidadosamente pela gaveta de cima. Aqui ela encontrou blusas, calças de yoga e moletom, os quais seriam úteis para dormir. Bem, talvez não com esse calor; o tempo estava quente demais para isso. Ela pegou um pouco de cada um e começou a fazer uma pilha em cima da cômoda,



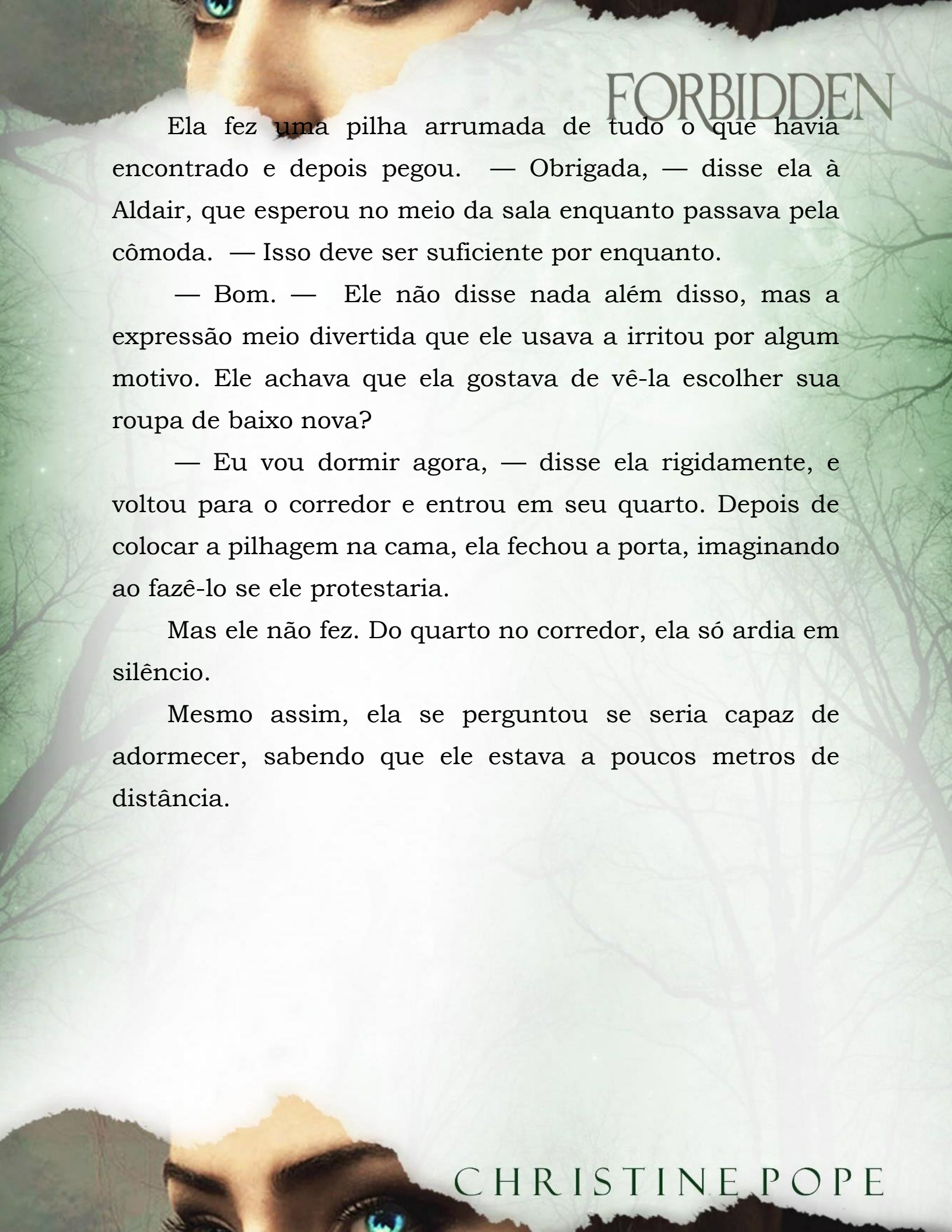
FORBIDDEN

desconfortavelmente consciente de Aldair a observando o tempo todo.

A gaveta ao lado dela continha roupas íntimas. Nem todo o apelo para levar as roupas íntimas de outra pessoa, mas ainda melhor do que vestir o que ela usava para o senhor sabe quantos dias mais. Mas eis que - havia um pacote de roupas íntimas de algodão, ainda fechado. Um tamanho maior do que ela normalmente não usava, mas ela aceitaria. Um sutiã com as etiquetas ainda presas - o tamanho da taça, mas uma faixa maior. Ainda assim, se ela o colocar no menor gancho, deve funcionar.

Depois, um par de jeans e uma camiseta, novamente maiores do que ela usava, mas pelo menos estavam limpos. Eles a manteriam indo até que ela pudesse invadir algumas das boutiques da pequena cidade. Lembrou-se de que na verdade havia vários lugares em Madri que vendiam roupas femininas, embora ela não tivesse feito nada além de olhar pelas vitrines quando ela e Jack visitaram aqui. Roupas de boutique realmente não estavam no seu orçamento; antes do Calor, ela havia comprado em lugares como Ross e Marshall e TJ Max. E então ela percebeu que estava se distraindo com esses pensamentos, porque dessa forma ela não precisava pensar no djinn que estava a alguns metros de distância e a observava com olhos azuis duros.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Ela fez uma pilha arrumada de tudo o que havia encontrado e depois pegou. — Obrigada, — disse ela à Aldair, que esperou no meio da sala enquanto passava pela cômoda. — Isso deve ser suficiente por enquanto.

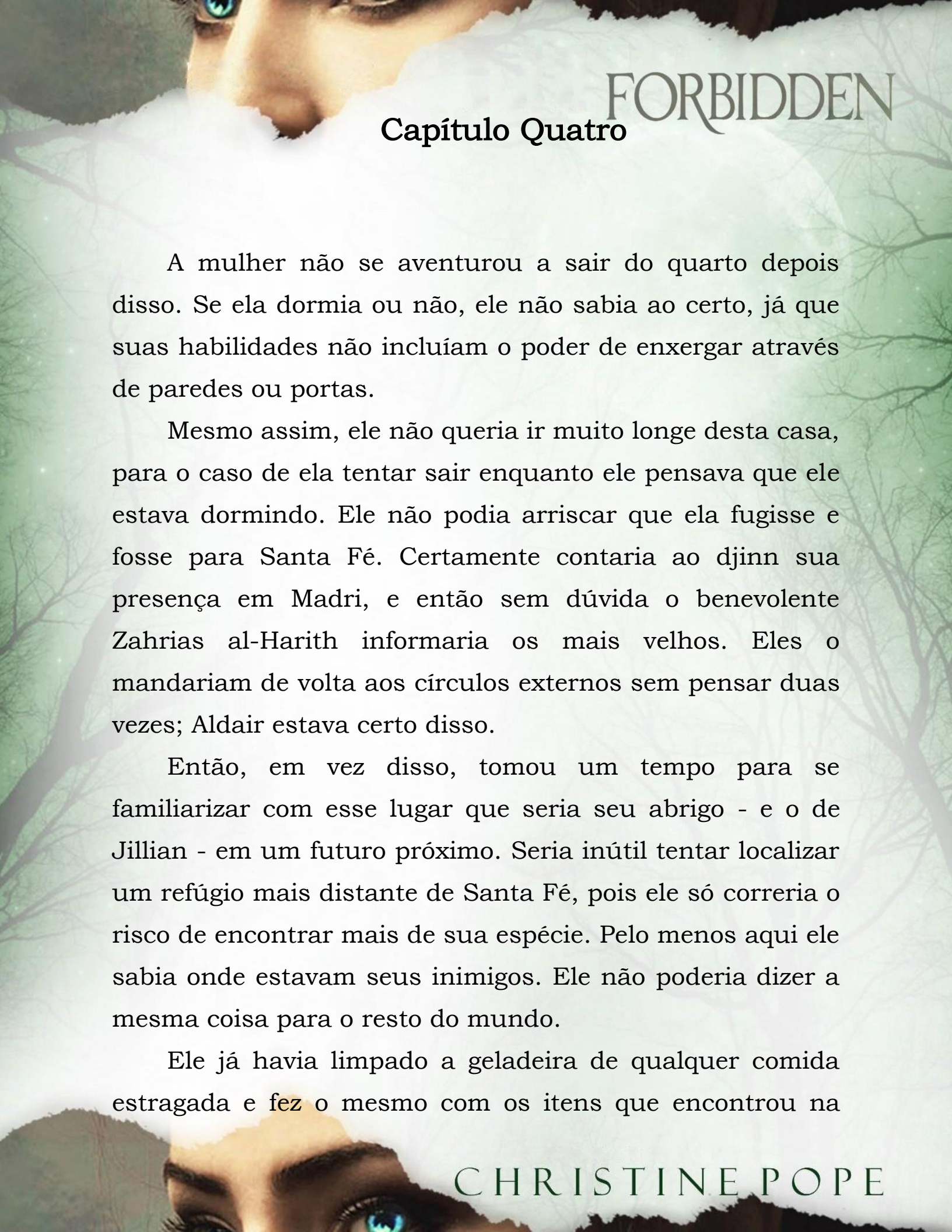
— Bom. — Ele não disse nada além disso, mas a expressão meio divertida que ele usava a irritou por algum motivo. Ele achava que ela gostava de vê-la escolher sua roupa de baixo nova?

— Eu vou dormir agora, — disse ela rigidamente, e voltou para o corredor e entrou em seu quarto. Depois de colocar a pilhagem na cama, ela fechou a porta, imaginando ao fazê-lo se ele protestaria.

Mas ele não fez. Do quarto no corredor, ela só ardia em silêncio.

Mesmo assim, ela se perguntou se seria capaz de adormecer, sabendo que ele estava a poucos metros de distância.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Capítulo Quatro

A mulher não se aventurou a sair do quarto depois disso. Se ela dormia ou não, ele não sabia ao certo, já que suas habilidades não incluíam o poder de enxergar através de paredes ou portas.

Mesmo assim, ele não queria ir muito longe desta casa, para o caso de ela tentar sair enquanto ele pensava que ele estava dormindo. Ele não podia arriscar que ela fugisse e fosse para Santa Fé. Certamente contaria ao djinn sua presença em Madri, e então sem dúvida o benevolente Zahrias al-Harith informaria os mais velhos. Eles o mandariam de volta aos círculos externos sem pensar duas vezes; Aldair estava certo disso.

Então, em vez disso, tomou um tempo para se familiarizar com esse lugar que seria seu abrigo - e o de Jillian - em um futuro próximo. Seria inútil tentar localizar um refúgio mais distante de Santa Fé, pois ele só correria o risco de encontrar mais de sua espécie. Pelo menos aqui ele sabia onde estavam seus inimigos. Ele não poderia dizer a mesma coisa para o resto do mundo.

Ele já havia limpado a geladeira de qualquer comida estragada e fez o mesmo com os itens que encontrou na

CHRISTINE POPE

despensa da cozinha. Normalmente, ele teria exigido mais uma refeição do que o pão e o queijo que havia compartilhado com Jillian, mas fazia tanto tempo desde que ele comera algo adequado para o consumo de djinn que a escassa refeição era suficiente para satisfazer sua fome. Eles precisariam de mais, é claro, embora ele não se preocupasse com isso, pois sabia que poderia convocar o que eles precisavam diretamente das lojas de Santa Fe. Ninguém notaria esses itens ausentes, ele adivinhou. Pelo menos não por enquanto.

A essa altura, a escuridão total caíra, mas a ausência de luz não era um impedimento real. Os olhos de Djinn eram mais nítidos que os humanos, e podiam ver o suficiente, mesmo na escuridão total. De qualquer forma, uma grande lua amarela começou a surgir no Leste, e sua luz ajudou a iluminar seu caminho.

A casa não tinha uma adega, mas possuía várias dependências além da garagem, que ainda continha um veículo grande - um caminhão de carga, ele pensou. Um dos galpões possuía equipamentos de jardinagem e, de fato, ele viu os restos do que provavelmente fora uma horta florescente ao lado da propriedade. Lamentável que não tenha sobrevivido, e Aldair sabia que provavelmente teria pouca sorte em recolocá-lo de volta à vida. Essa era a

província dos elementais da terra, que poderia criar um oásis a partir de um deserto seco.

Ou pelo menos eles poderiam aqui na Terra, um mundo adequado para sustentar a vida. Muito pouco cresceu no avião onde foram exilados, salvo aqueles espécimes que foram cuidadosamente nutridos em pátios e átrios protegidos.

O outro galpão continha apenas um amontoado de máquinas descartadas e utensílios domésticos. Estranho, já que o interior da casa era tão limpo e arrumado. Mas talvez o dono da casa tivesse conseguido mantê-la arrumada, relegando quaisquer pedaços indesejados a este pequeno e desordenado armazém.

Porém, ele não encontrou nada de valor particular e voltou para dentro. O ar da casa parecia abafado depois que a noite brilhava ao ar livre. Enquanto o dia estava quente, com o sol atrás das colinas a oeste, a atmosfera lá fora esfriava rapidamente, mesmo quando a casa retinha seu calor dentro de casa.

Bem, ele poderia fazer algo sobre isso. Ligar o sistema de refrigeração pode sobrecarregar a energia fornecida por energia solar, mas ele a complementar com um impulso próprio. Valeria a pena gastar o sono confortavelmente depois de tantos dias e noites torturados nos círculos

externos, onde seu único travesseiro era um pedaço de areia moldada.

O ar frio começou a soprar das aberturas de ventilação e ele assentiu com satisfação. Muito melhor. Enquanto ele foi forçado a admitir para si mesmo que ainda estava no exílio, esta casa proporcionou uma situação muito mais agradável do que a que ele acabara de escapar. Ele faria bem o suficiente aqui por um tempo, até que pudesse pensar em uma maneira de recuperar sua verdadeira liberdade, a liberdade de deixar este lugar e fazer sua própria casa no mundo... e se vingar de Jasreel.

Pois ele sabia que o que quer que acontecesse, nunca mais seria prisioneiro.

Jillian abriu os olhos, sem saber por que deveria ter despertado. Sim, demorou mais tempo do que o normal para adormecer, em parte por causa do pensamento de Aldair estar tão próximo e em parte porque ela estava dormindo em um lugar perigoso, mas normalmente esse tipo de coisa não a perturbava, mesmo com um djinn possivelmente hostil do outro lado do corredor, dormindo em sua própria cama. Ou seja, ela assumiu que ele devia estar dormindo. Se Djinn não

dormisse, então Aldair não teria motivos para reivindicar um quarto como seu.

O ar frio passou por seu rosto, e ela percebeu que devia ser o que a havia despertado. O quarto estava abafado e quente quando ela dormiu, apesar da janela aberta. No entanto, ela estava tão cansada que nem o calor foi suficiente para impedi-la de desmaiar, seu corpo desejando o resto que tanto precisava. Não havia um relógio no quarto, então ela não tinha ideia de quanto tempo estava dormindo. Em algum momento, porém, o ar condicionado havia ligado.

Ela duvidava que tivesse sido ativado por si só magicamente. Aldair deve ter ativado o sistema. Djinn tinha baixa tolerância ao calor? Provavelmente nem todos eles, já que alguns, ela sabia, eram elementais do fogo. Aldair não havia dito especificamente qual era seu talento, mas, a julgar pela maneira como ele a levantou no ar e a levou para cá, ele deve ser um elemento do ar.

Bem, seja qual for o motivo, ela só poderia agradecê-lo por ligar o A/C. O quarto escuro ao seu redor já estava muito mais confortável. Ela se virou e olhou para a escuridão, que não era tão escura quanto ela esperava, não com a pálida luz prateada da lua fluindo pelas cortinas da janela.

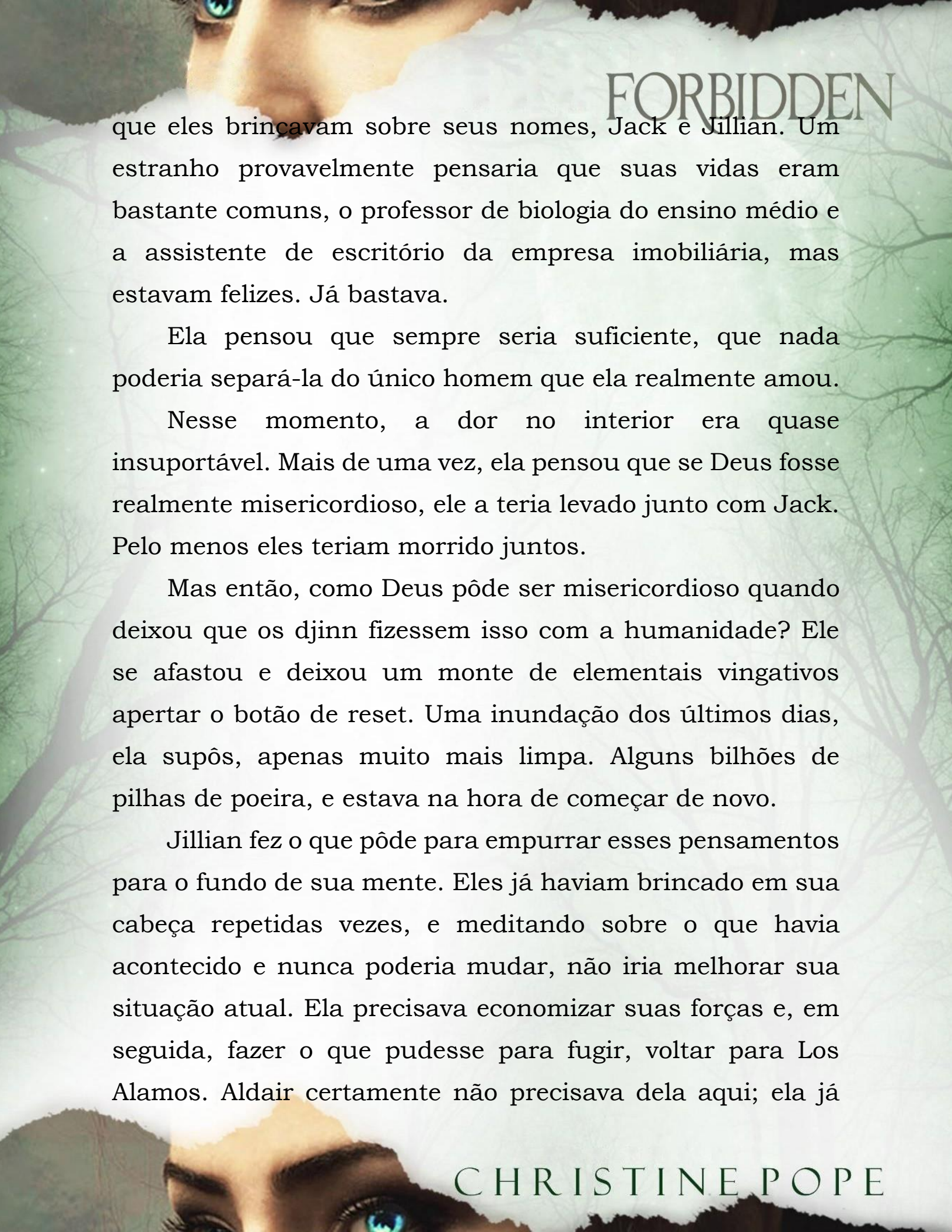
Ela sabia que deveria voltar a dormir. Sua cabeça doía um pouco, um sinal claro de que, por mais que ela estivesse

perdida no barulho, certamente não tinha sido o suficiente. Sim, a situação era além de estranha, ficar presa nesta casa nos arredores de Madri com um djinn que poderia ou não ser algum tipo de criminoso endurecido, e ainda assim ela disse a si mesma que isso significava que ela deveria descansar o máximo possível agora, apenas no caso de a oportunidade se apresentar para fugir.

E voltar ao que, exatamente? ela pensou enquanto rolava para o outro lado e esperava que talvez estivesse mais confortável assim. *Quem vai sentir sua falta?*

Bem, isso não foi inteiramente justo. Ela conheceu alguns em Los Alamos, mas não sabia se algum desses relacionamentos era íntimo o suficiente para que as pessoas em questão realmente lamentassem sua ausência. A culpa foi dela, porque o sofrimento da morte de Jack se traduziu em ela não querer se aproximar demais de ninguém, nem mesmo como amiga. Quando você mantinha as pessoas à distância, não tinha o direito de esperar que elas sentissem sua falta quando se fosse.

O que ela teve com Jack... foi especial. Claro, todo mundo sempre pensava isso em seus relacionamentos, mas no fundo ela sabia a quão sortuda era, sabia o jeito que ela e Jack clicaram desde o momento em que se conheceram que nunca haveria mais ninguém para ela. Até o jeito bobo



FORBIDDEN

que eles brincavam sobre seus nomes, Jack e Jillian. Um estranho provavelmente pensaria que suas vidas eram bastante comuns, o professor de biologia do ensino médio e a assistente de escritório da empresa imobiliária, mas estavam felizes. Já bastava.

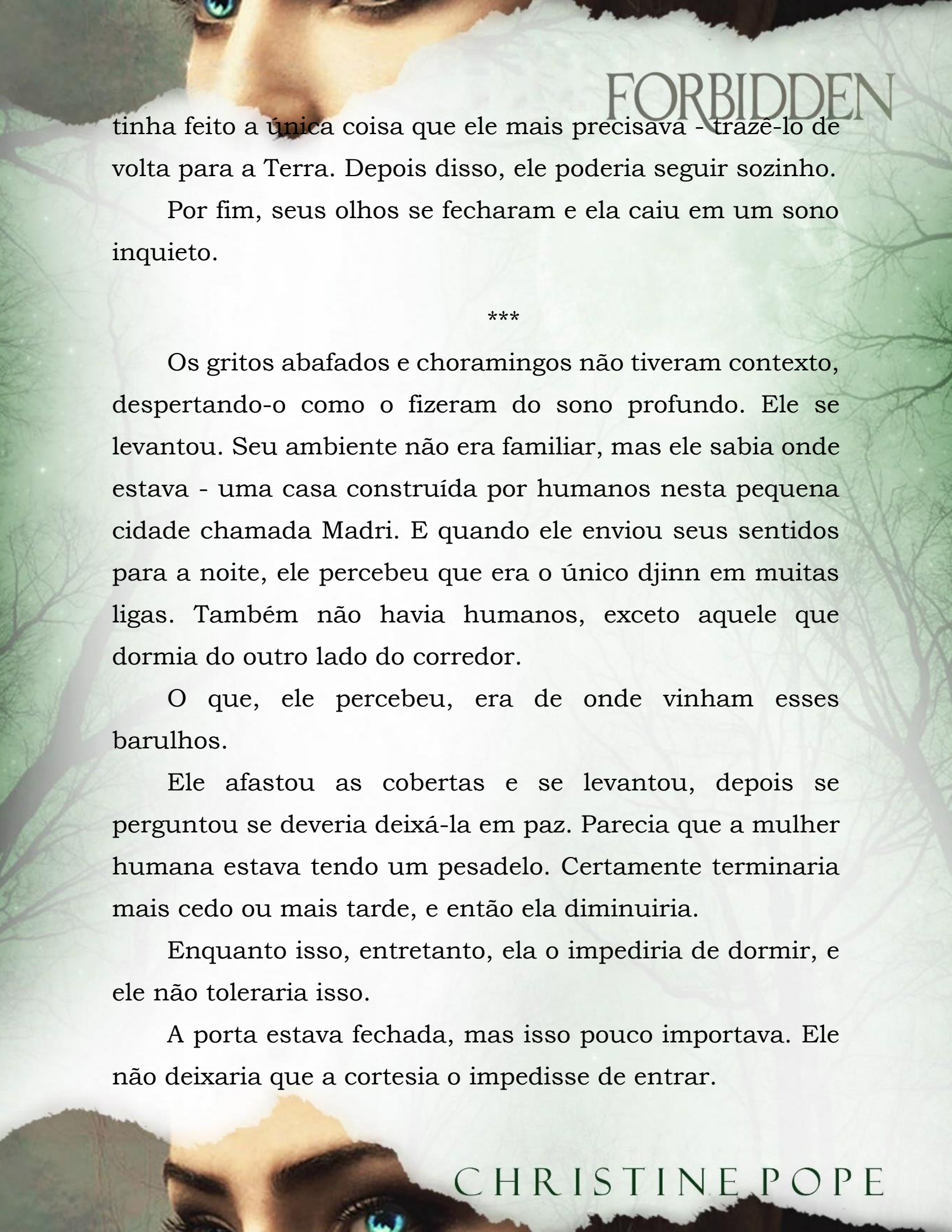
Ela pensou que sempre seria suficiente, que nada poderia separá-la do único homem que ela realmente amou.

Nesse momento, a dor no interior era quase insuportável. Mais de uma vez, ela pensou que se Deus fosse realmente misericordioso, ele a teria levado junto com Jack. Pelo menos eles teriam morrido juntos.

Mas então, como Deus pôde ser misericordioso quando deixou que os djinn fizessem isso com a humanidade? Ele se afastou e deixou um monte de elementais vingativos apertar o botão de reset. Uma inundação dos últimos dias, ela supôs, apenas muito mais limpa. Alguns bilhões de pilhas de poeira, e estava na hora de começar de novo.

Jillian fez o que pôde para empurrar esses pensamentos para o fundo de sua mente. Eles já haviam brincado em sua cabeça repetidas vezes, e meditando sobre o que havia acontecido e nunca poderia mudar, não iria melhorar sua situação atual. Ela precisava economizar suas forças e, em seguida, fazer o que pudesse para fugir, voltar para Los Alamos. Aldair certamente não precisava dela aqui; ela já

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

tinha feito a única coisa que ele mais precisava - trazê-lo de volta para a Terra. Depois disso, ele poderia seguir sozinho.

Por fim, seus olhos se fecharam e ela caiu em um sono inquieto.

Os gritos abafados e choramingos não tiveram contexto, despertando-o como o fizeram do sono profundo. Ele se levantou. Seu ambiente não era familiar, mas ele sabia onde estava - uma casa construída por humanos nesta pequena cidade chamada Madri. E quando ele enviou seus sentidos para a noite, ele percebeu que era o único djinn em muitas ligas. Também não havia humanos, exceto aquele que dormia do outro lado do corredor.

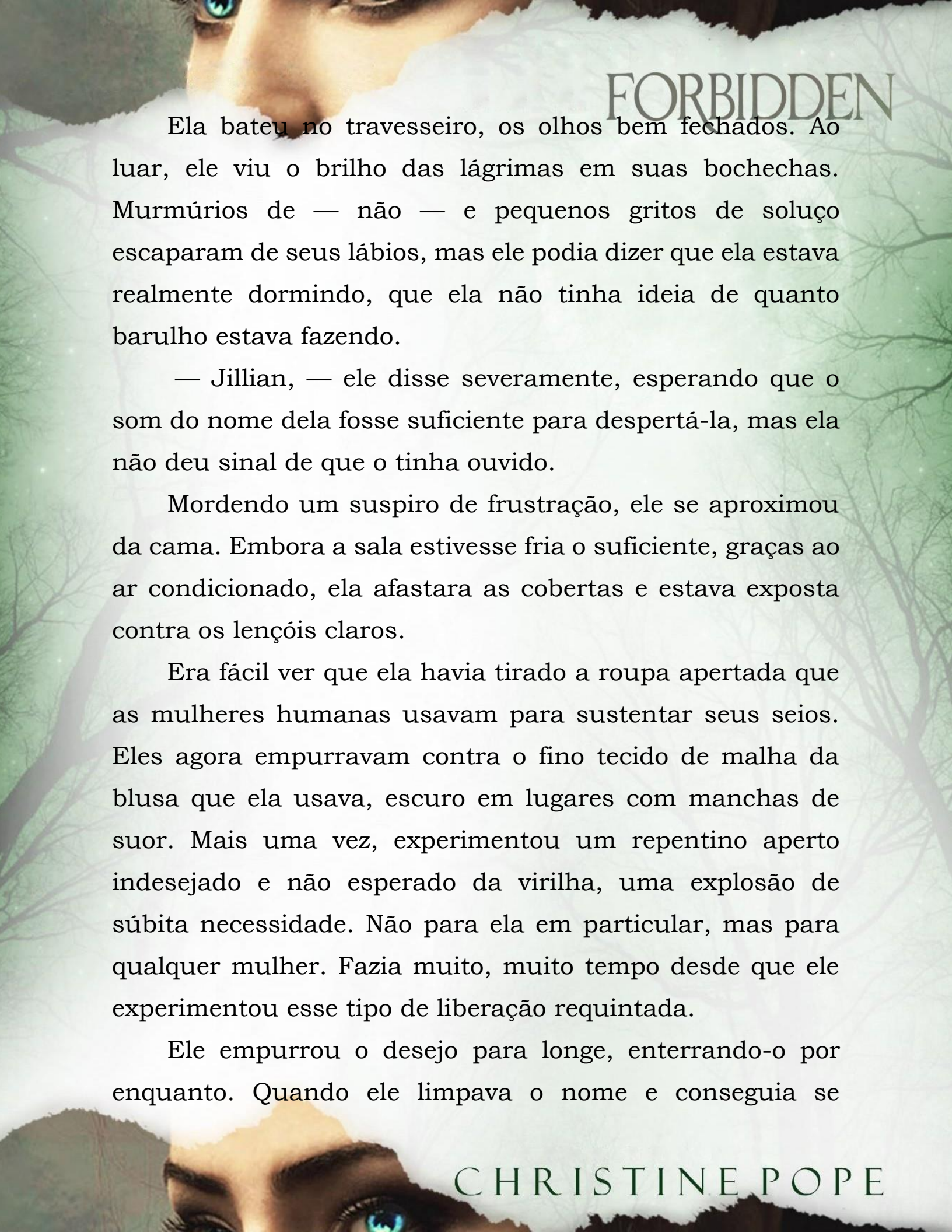
O que, ele percebeu, era de onde vinham esses barulhos.

Ele afastou as cobertas e se levantou, depois se perguntou se deveria deixá-la em paz. Parecia que a mulher humana estava tendo um pesadelo. Certamente terminaria mais cedo ou mais tarde, e então ela diminuiria.

Enquanto isso, entretanto, ela o impediria de dormir, e ele não toleraria isso.

A porta estava fechada, mas isso pouco importava. Ele não deixaria que a cortesia o impedisse de entrar.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Ela bateu no travesseiro, os olhos bem fechados. Ao luar, ele viu o brilho das lágrimas em suas bochechas. Murmúrios de — não — e pequenos gritos de soluço escaparam de seus lábios, mas ele podia dizer que ela estava realmente dormindo, que ela não tinha ideia de quanto barulho estava fazendo.

— Jillian, — ele disse severamente, esperando que o som do nome dela fosse suficiente para despertá-la, mas ela não deu sinal de que o tinha ouvido.

Mordendo um suspiro de frustração, ele se aproximou da cama. Embora a sala estivesse fria o suficiente, graças ao ar condicionado, ela afastara as cobertas e estava exposta contra os lençóis claros.

Era fácil ver que ela havia tirado a roupa apertada que as mulheres humanas usavam para sustentar seus seios. Eles agora empurravam contra o fino tecido de malha da blusa que ela usava, escuro em lugares com manchas de suor. Mais uma vez, experimentou um repentino aperto indesejado e não esperado da virilha, uma explosão de súbita necessidade. Não para ela em particular, mas para qualquer mulher. Fazia muito, muito tempo desde que ele experimentou esse tipo de liberação requintada.

Ele empurrou o desejo para longe, enterrando-o por enquanto. Quando ele limpava o nome e conseguia se

CHRISTINE POPE

considerar verdadeiramente livre, encontrava uma mulher djinn com quem estar. Certamente ela poderia fazer melhor do que essa fêmea humana, por mais atraente que ela fosse.

— Jillian, — ele disse novamente.

Ela estava chorando agora, pequenos soluços enquanto engasgava de terror com uma ameaça que só ela podia ver. Onde quer que ela estivesse, devia estar muito, muito longe do som da voz dele.

Como parecia óbvio o suficiente para ele que apenas falar com ela não tinha efeito, ele foi para a cama e tocou em seu braço, sacudindo-a. — Jillian, você deve acordar. Você está tendo um pesadelo.

Ela se assustou, os olhos abertos, pálidos na escuridão, enquanto se levantava para uma posição sentada. — Jack... o que?

— Não —disse Aldair, pensando que estava sendo notavelmente paciente, — eu não sou Jack. Você está segura, aqui em Madri. Você se lembra?

Por um longo momento, ela não disse nada, apenas o encarou como se nunca o tivesse visto antes. Então ela soltou outro daqueles soluços arranhados e acabou, seu corpo inteiro tremendo, as mãos pressionadas contra o rosto. Antes que ele realmente percebesse o que estava fazendo, sentou-se na cama, abraçou-a e puxou-a para

perto. Ele acariciou seus cabelos, pensando que a carícia poderia confortá-la. Ao mesmo tempo, ele teve que fazer o possível para ignorar a sensação de seus seios cheios empurrados contra seu torso nu. O tecido da blusa que ela usava era muito, muito fino....

Então ela respirou fundo, enquanto se afastava dele, os olhos ainda arregalados. — Sinto muito, — disse ela, com a voz rouca. — Eu não... esqueci onde estava.

— Aparentemente, — ele respondeu secamente. Ele precisava do sarcasmo, precisava dele para impedir que seu corpo reagisse ao dela. Uma parte dele queria nada mais do que empurrá-la na cama para que ele pudesse levá-la ali, mas ele se forçou a ficar calmo e frio. A última coisa que ele queria era ter uma mulher humana fazendo-o perder completamente o controle. — O que foi, afinal?

Ela recuou contra os travesseiros, colocando o máximo de distância possível entre eles, sem que ela realmente se levantasse da cama. — Nada. Um pesadelo.

— Eu percebi isso. Talvez ajude se você me disser?

Um aceno de cabeça. — Não, isso é... não é nada. Eu os tenho algumas vezes, provavelmente é só por dormir em uma cama estranha. Isso é tudo.

Pela maneira como a voz dela tremia, Aldair não achou que fosse nada, mas ele não se incomodou em pressionar o

assunto. Ela era uma estranha, e seus medos e terrores noturnos significavam muito pouco para ele... exceto quando perturbavam seu sono.

— Muito bem, — disse ele, levantando-se. — Talvez ajude se você disser a si mesmo que está segura aqui.

— Estou? — Ainda com aquele pequeno tremor em seu tom.

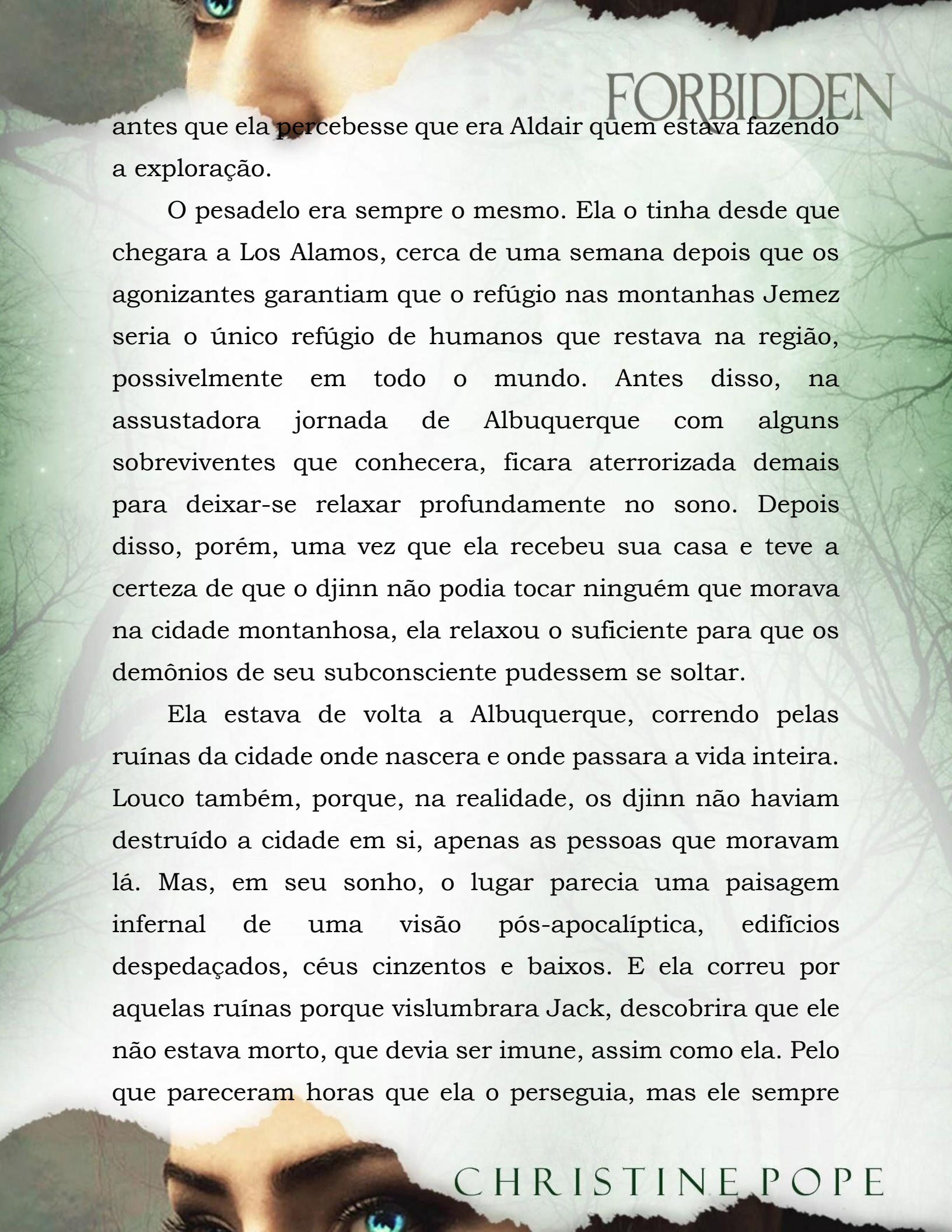
— É claro, — ele disse secamente, feliz por os mortais não conseguirem ler mentes, por ela não saber nada sobre o desejo que o percorreu apenas alguns segundos antes. Ele foi até a porta e parou por um segundo antes de dizer: — Por que você não estaria?

E então ele fechou a porta com firmeza para que ela não tivesse a oportunidade de responder.

Oh Deus.

Como ela poderia ter se perdido na frente daquele djinn de rosto duro?

O que piorou foram aqueles felizes segundos que se passaram quando ele a segurou, mas ela não se lembrava de quem ele era, apenas sentiu o conforto dos braços fortes de um homem ao seu redor. Foi tão bom ser realizada assim...



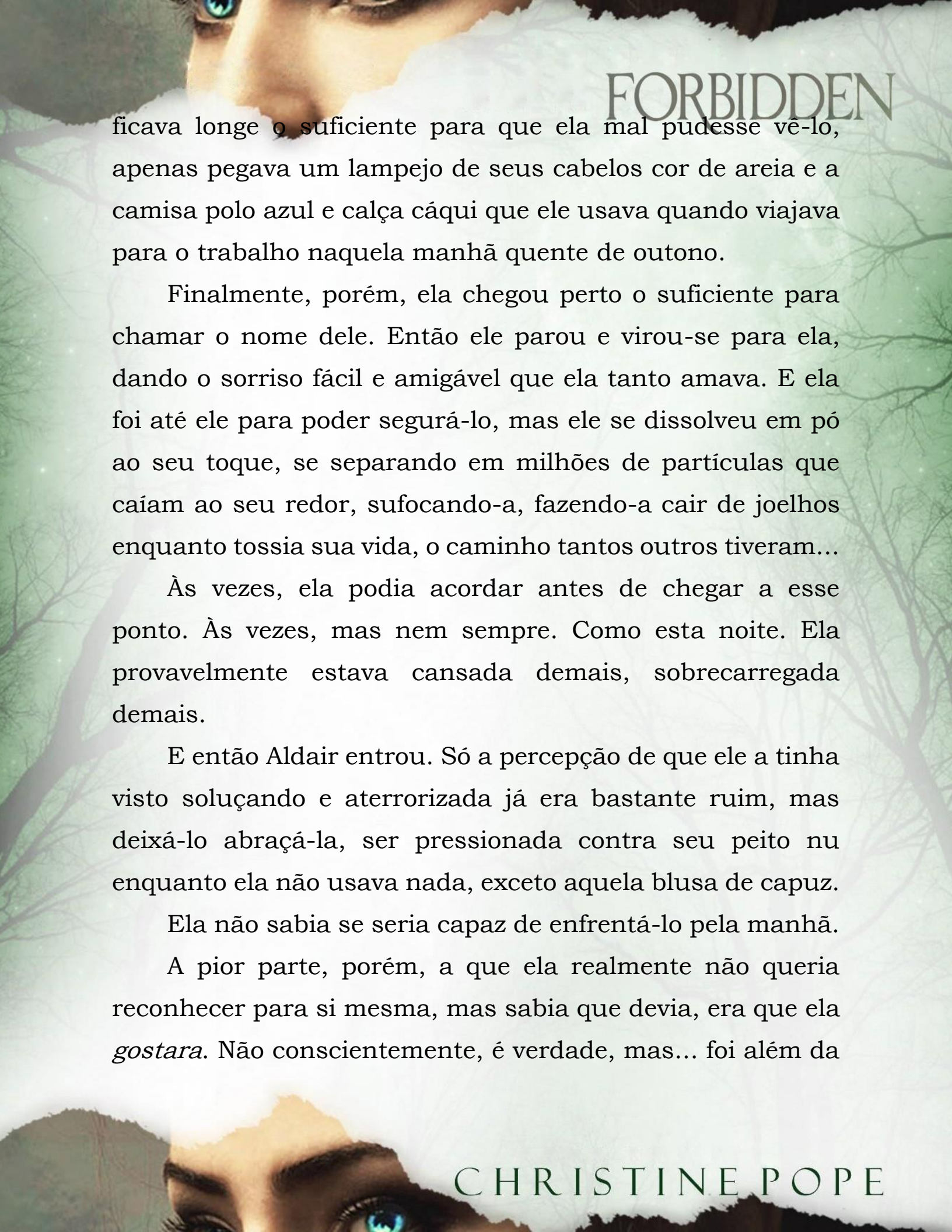
FORBIDDEN

antes que ela percebesse que era Aldair quem estava fazendo a exploração.

O pesadelo era sempre o mesmo. Ela o tinha desde que chegara a Los Alamos, cerca de uma semana depois que os agonizantes garantiam que o refúgio nas montanhas Jemez seria o único refúgio de humanos que restava na região, possivelmente em todo o mundo. Antes disso, na assustadora jornada de Albuquerque com alguns sobreviventes que conhecera, ficara aterrorizada demais para deixar-se relaxar profundamente no sono. Depois disso, porém, uma vez que ela recebeu sua casa e teve a certeza de que o djinn não podia tocar ninguém que morava na cidade montanhosa, ela relaxou o suficiente para que os demônios de seu subconsciente pudessem se soltar.

Ela estava de volta a Albuquerque, correndo pelas ruínas da cidade onde nascera e onde passara a vida inteira. Louco também, porque, na realidade, os djinn não haviam destruído a cidade em si, apenas as pessoas que moravam lá. Mas, em seu sonho, o lugar parecia uma paisagem infernal de uma visão pós-apocalíptica, edifícios despedaçados, céus cinzentos e baixos. E ela correu por aquelas ruínas porque vislumbrara Jack, descobrira que ele não estava morto, que devia ser imune, assim como ela. Pelo que pareceram horas que ela o perseguia, mas ele sempre

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

ficava longe o suficiente para que ela mal pudesse vê-lo, apenas pegava um lampejo de seus cabelos cor de areia e a camisa polo azul e calça cáqui que ele usava quando viajava para o trabalho naquela manhã quente de outono.

Finalmente, porém, ela chegou perto o suficiente para chamar o nome dele. Então ele parou e virou-se para ela, dando o sorriso fácil e amigável que ela tanto amava. E ela foi até ele para poder segurá-lo, mas ele se dissolveu em pó ao seu toque, se separando em milhões de partículas que caíam ao seu redor, sufocando-a, fazendo-a cair de joelhos enquanto tossia sua vida, o caminho tantos outros tiveram...

Às vezes, ela podia acordar antes de chegar a esse ponto. Às vezes, mas nem sempre. Como esta noite. Ela provavelmente estava cansada demais, sobrecarregada demais.

E então Aldair entrou. Só a percepção de que ele a tinha visto soluçando e aterrorizada já era bastante ruim, mas deixá-lo abraçá-la, ser pressionada contra seu peito enquanto ela não usava nada, exceto aquela blusa de capuz.

Ela não sabia se seria capaz de enfrentá-lo pela manhã.

A pior parte, porém, a que ela realmente não queria reconhecer para si mesma, mas sabia que devia, era que ela *gostara*. Não conscientemente, é verdade, mas... foi além da

CHRISTINE POPE

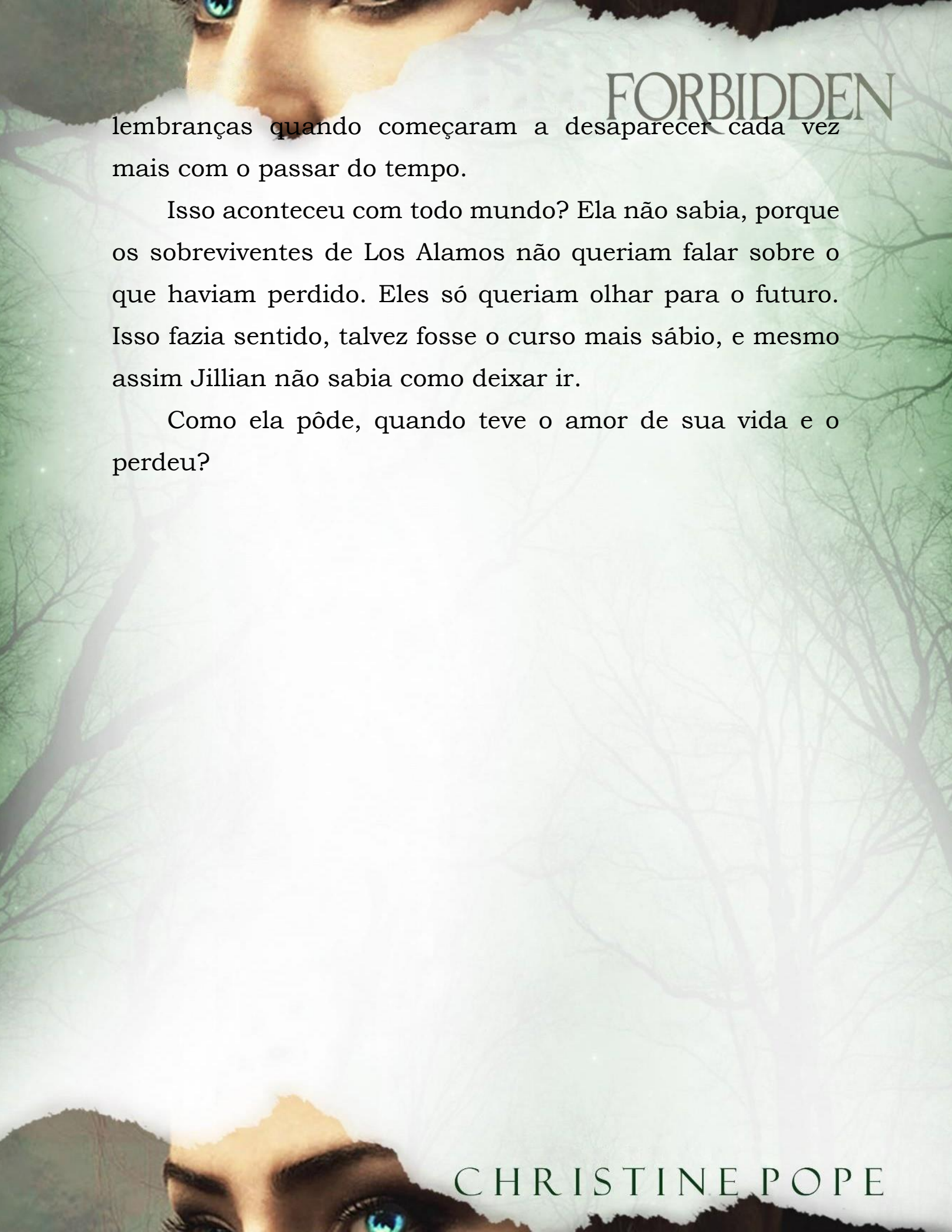
garantia de ter uma presença lá, alguém para abraçá-la e dizer que era apenas um sonho.

Não, uma emoção percorreu seu corpo... uma emoção sexual. Apenas por um segundo, até que ela voltou a si, mas naquele segundo ela sentiu seus mamilos começarem a endurecer, uma dor quente e familiar entre as pernas. Ela o queria, antes que suas funções mais altas aparecessem e lhe dissessem que havia cerca de mil tipos de erros.

Ele tinha sido capaz de dizer? Ela não rezou, porque isso tornaria tudo muito mais estranho. Já era ruim o suficiente ter agido como um idiota aterrorizada na frente dele. Mas se ele sentiu a excitação dela, bem, ele deve estar pensando que ela era uma humana fraca, incapaz de evitar cobiçar um djinn, mesmo depois de um pesadelo horrível.

Ela não o queria. Claro que não. Tudo o que havia sido foi uma reação física, que se explica facilmente. Fazia muito tempo para ela. Ninguém desde Jack. Ela não queria ninguém, porque ninguém que ela conheceu tinha sido capaz de corresponder a ele. Ou, pelo menos, à altura de como ela se lembrava dele.

Hoje em dia, ela realmente não tinha mais certeza de qual era a verdadeira verdade. E isso piorou ainda mais, porque ela começou a se perguntar quão precisas eram suas memórias de Jack, se ela começou a idealizar essas



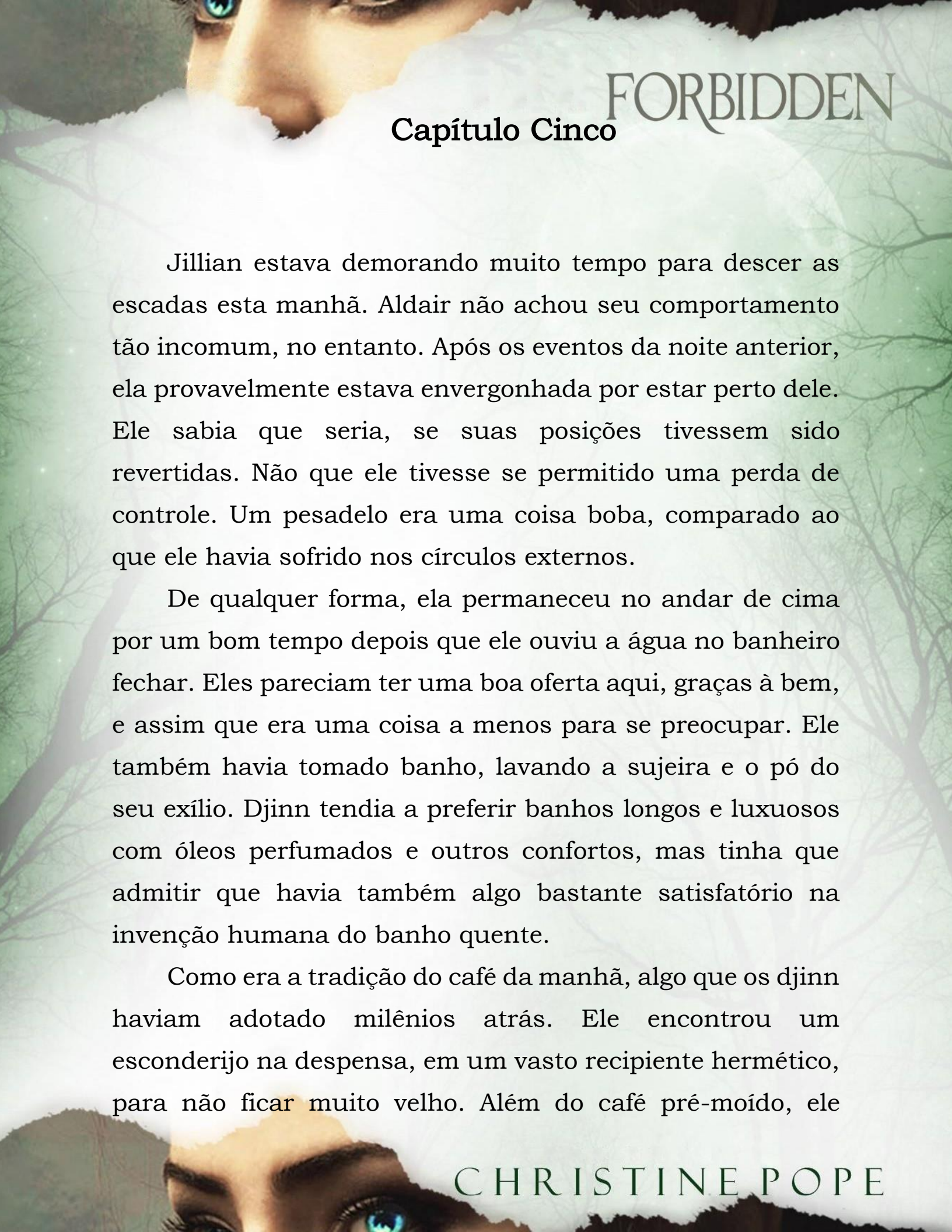
FORBIDDEN

lembranças quando começaram a desaparecer cada vez mais com o passar do tempo.

Isso aconteceu com todo mundo? Ela não sabia, porque os sobreviventes de Los Alamos não queriam falar sobre o que haviam perdido. Eles só queriam olhar para o futuro. Isso fazia sentido, talvez fosse o curso mais sábio, e mesmo assim Jillian não sabia como deixar ir.

Como ela pôde, quando teve o amor de sua vida e o perdeu?

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Capítulo Cinco

Jillian estava demorando muito tempo para descer as escadas esta manhã. Aldair não achou seu comportamento tão incomum, no entanto. Após os eventos da noite anterior, ela provavelmente estava envergonhada por estar perto dele. Ele sabia que seria, se suas posições tivessem sido revertidas. Não que ele tivesse se permitido uma perda de controle. Um pesadelo era uma coisa boba, comparado ao que ele havia sofrido nos círculos externos.

De qualquer forma, ela permaneceu no andar de cima por um bom tempo depois que ele ouviu a água no banheiro fechar. Eles pareciam ter uma boa oferta aqui, graças à bem, e assim que era uma coisa a menos para se preocupar. Ele também havia tomado banho, lavando a sujeira e o pó do seu exílio. Djinn tendia a preferir banhos longos e luxuosos com óleos perfumados e outros confortos, mas tinha que admitir que havia também algo bastante satisfatório na invenção humana do banho quente.

Como era a tradição do café da manhã, algo que os djinn haviam adotado milênios atrás. Ele encontrou um esconderijo na despensa, em um vasto recipiente hermético, para não ficar muito velho. Além do café pré-moído, ele

CHRISTINE POPE

também localizou vários sacos de grãos integrais e um moedor. Levaria muito tempo até que eles tivessem que procurar um suprimento para complementar o que tinham aqui, ou ele teria que pegar o que precisava nas lojas de Santa Fe.

Claro, especular quanto tempo o café duraria levaria seus pensamentos a exatamente quanto tempo ele pretendia ficar aqui. Não para sempre, não, ele não achava que poderia aguentar isso. Mas djinns podiam ser pacientes - eles devem, em vidas medidas em séculos e até milênios, em vez das curtas décadas atribuídas aos mortais - e então ele pensou que levaria algum tempo até que se sentisse compelido a se aventurar neste santuário. Certamente uma extensão suficiente para a tonalidade e chorar para morrer.

Se houvesse mesmo um tom e choro. Ele nunca havia detectado nenhum tipo de vigilância enquanto estava preso nos círculos externos, então não fazia ideia se os anciãos sabiam que ele havia conseguido o impossível escapando do exílio. Eles viram muita coisa, mas ele tentou se assegurar de que eles certamente não viam tudo.

Então, ele pensou que deveria estar seguro o suficiente aqui para o interim. Ou melhor, ele esperava que fosse. Como ele também nunca havia encontrado parte do grupo de Khalim durante seu tempo no equivalente djinn do

mundo a uma prisão, ele também imaginou que não havia ninguém que pudesse denunciá-lo desaparecido. Tudo o que ele precisava fazer era viver em silêncio aqui por um tempo e depois se mudar para o mundo maior quando um período suficiente havia passado.

O leve rangido da escada lhe disse que Jillian finalmente se dignara a descer para a cozinha. Acabara de servir uma xícara de café da imprensa francesa que encontrara no armário quando ela apareceu na porta, parecendo desconfiada.

— Isso é realmente café? — Ela perguntou, sua voz um pouco estudiosamente casual.

— Sim, — ele disse, tomando cuidado para manter seu tom neutro. — Você gostaria de algum?

— Sim por favor.

Ela entrou mais na cozinha e esperou alguns metros de distância enquanto ele pegava outra caneca e a enchia também.

— Eu bebo preto, — disse ele. — Há açúcar, mas se você quiser creme, terei que convocá-lo.

— Não, — ela disse apressadamente. — Preto está bem. Eu me acostumei a beber dessa maneira na faculdade.

Ela pegou a caneca dele e envolveu as duas mãos em torno dela, depois soprou o líquido dentro. Aldair aproveitou

a oportunidade para estudá-la mais de perto. Ela vestiu algumas das roupas que encontrou no quarto principal no dia anterior; eles não se encaixavam muito bem nela, sendo bastante grandes, e ele esperava que ela fosse capaz de localizar outra coisa aqui na pequena cidade, algo que não faria muito para ocultar sua forma. Mesmo que ele não tivesse nenhuma intenção de fazer nada a respeito, ele preferiria vê-la parecendo uma mulher de verdade, não alguém feito sem sexo por roupas largas.

Não, ele percebeu que mesmo as roupas lisonjeiras não eram suficientes para torná-la sem sexo. Não com aquela queda de cabelo castanho quente, ou aqueles lábios carnudos, franzidos agora enquanto ela soprava mais uma vez em seu café. Ela devia ter lavado o cabelo, porque ainda parecia úmido, embora já tivesse começado a secar em ondas longas e soltas. Ele pensara que deviam ter vindo de algum artifício, criado por um dos inumeráveis dispositivos que as mulheres mortais usavam para alterar a textura de seus cabelos, mas ele percebeu que essas ondas deveriam ser naturais. E, embora não parecesse que ela usasse algum cosmético, ele viu que ela não precisava disso, nem com aqueles cílios longos e a suave cremosidade de sua pele.

Então ele percebeu que estava olhando e bebeu um pouco de seu próprio café. Não havia necessidade de esperar

que esfriasse, pois sua espécie poderia suportar o calor e o frio muito melhor do que os humanos.

— Eu pensei que poderíamos explorar a cidade hoje, — disse ele. — Quero ver o que está aqui, o que podemos levar para nosso próprio uso.

Algo em sua expressão mudou, embora ele não pudesse dizer exatamente o que era. Talvez ela estivesse apenas aliviada por ele não ter mencionado os acontecimentos embaraçosos da noite anterior.

— Essa é uma boa ideia, — disse ela. — Não sei quanto vamos encontrar, mas tem algumas coisas úteis nas lojas e nos restaurantes. Algumas dessas butikues provavelmente têm roupas que cabem em mim.

— Bom, — ele disse.

Ele pensou que tinha mantido qualquer tipo de inflexão fora de sua voz, mas não podia deixar de ver o modo como as sobrancelhas dela se ergueram levemente com o comentário dele. — O que, a polícia djinn da moda não aprova jeans folgados?

Recusando-se a ser atraído, ele respondeu: — Acreditamos que as roupas podem ser funcionais e bonitas. Calças jeans mangueira são tudo menos bonita.

Ela realmente riu. — Não, acho que não.

Eles ficaram em um pequeno silêncio depois dessa troca, mas Aldair não achou a falta de conversa embaraçosa. Em vez disso, ficou aliviado por ela não ter tentado continuar a discussão. Jillian tomou um gole de café e comeu um pouco também. Ele afastou as cortinas da janela da cozinha e pôde ver o quintal além - coberto de vegetação, mas adorável a seu modo, com alegres girassóis amarelos balançando na brisa da manhã e outras flores que ele não reconheceu - espigas altas de flores alaranjadas e baixos, espalhando tapetes de roxo pálido - aumentando a beleza do dia.

Fazia muito tempo desde que vira uma paisagem que podia considerar remotamente bonita.

Quando Jillian falou em seguida, ela parecia bastante hesitante. — Então... djinn toma café da manhã?

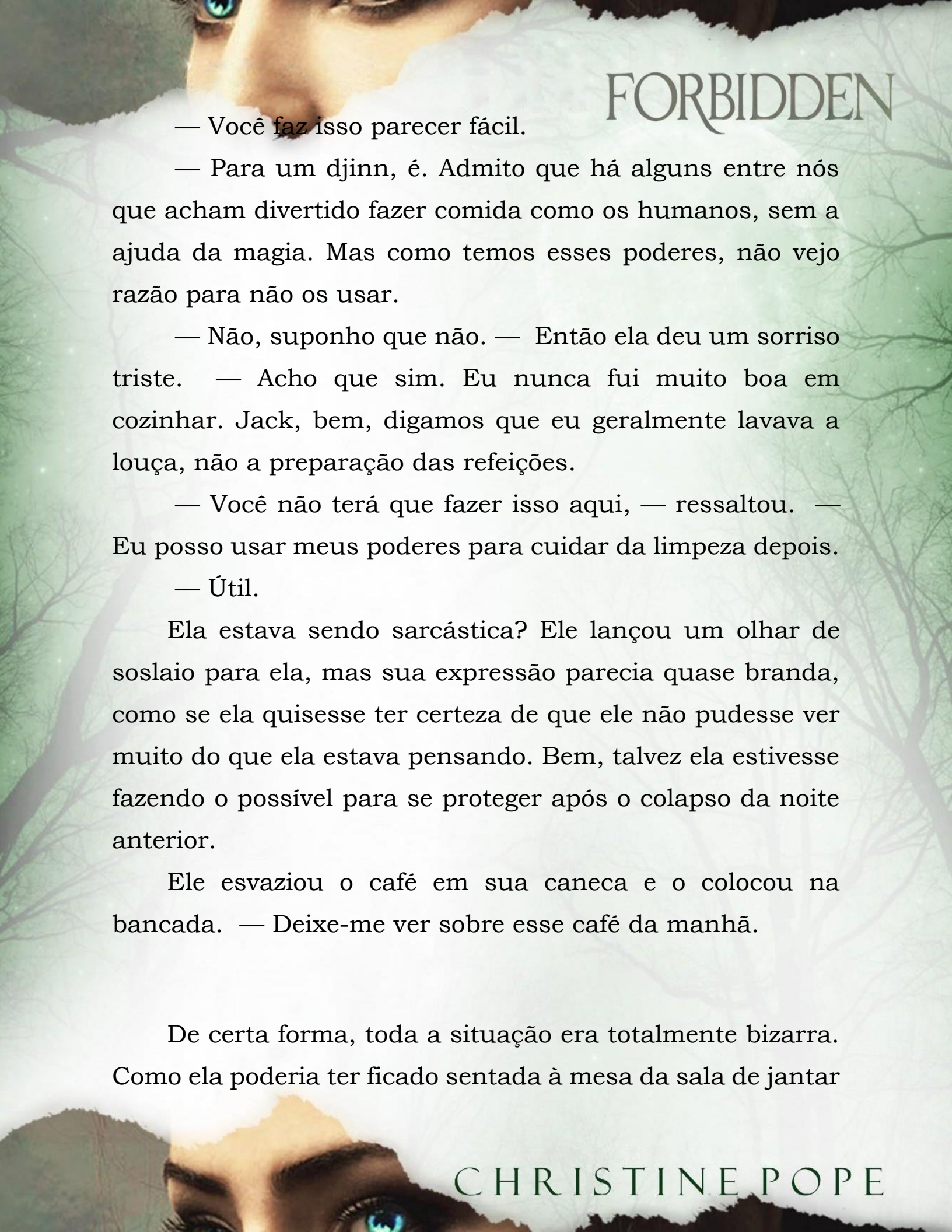
— Claro que nós fazemos. Mas eu gosto de tomar meu café primeiro. Está com fome?

Ela assentiu.

— Há galinhas aqui. Eles parecem ter sobrevivido bem sozinhos e se multiplicaram. Para que possamos ter ovos. Existem componentes para fazer pão e tal. Vou montá-los em breve.

— Bem desse jeito?

Ele inclinou a cabeça para ela. — Bem assim como?



FORBIDDEN

— Você faz isso parecer fácil.

— Para um djinn, é. Admito que há alguns entre nós que acham divertido fazer comida como os humanos, sem a ajuda da magia. Mas como temos esses poderes, não vejo razão para não os usar.

— Não, suponho que não. — Então ela deu um sorriso triste. — Acho que sim. Eu nunca fui muito boa em cozinhar. Jack, bem, digamos que eu geralmente lavava a louça, não a preparação das refeições.

— Você não terá que fazer isso aqui, — ressaltou. — Eu posso usar meus poderes para cuidar da limpeza depois.

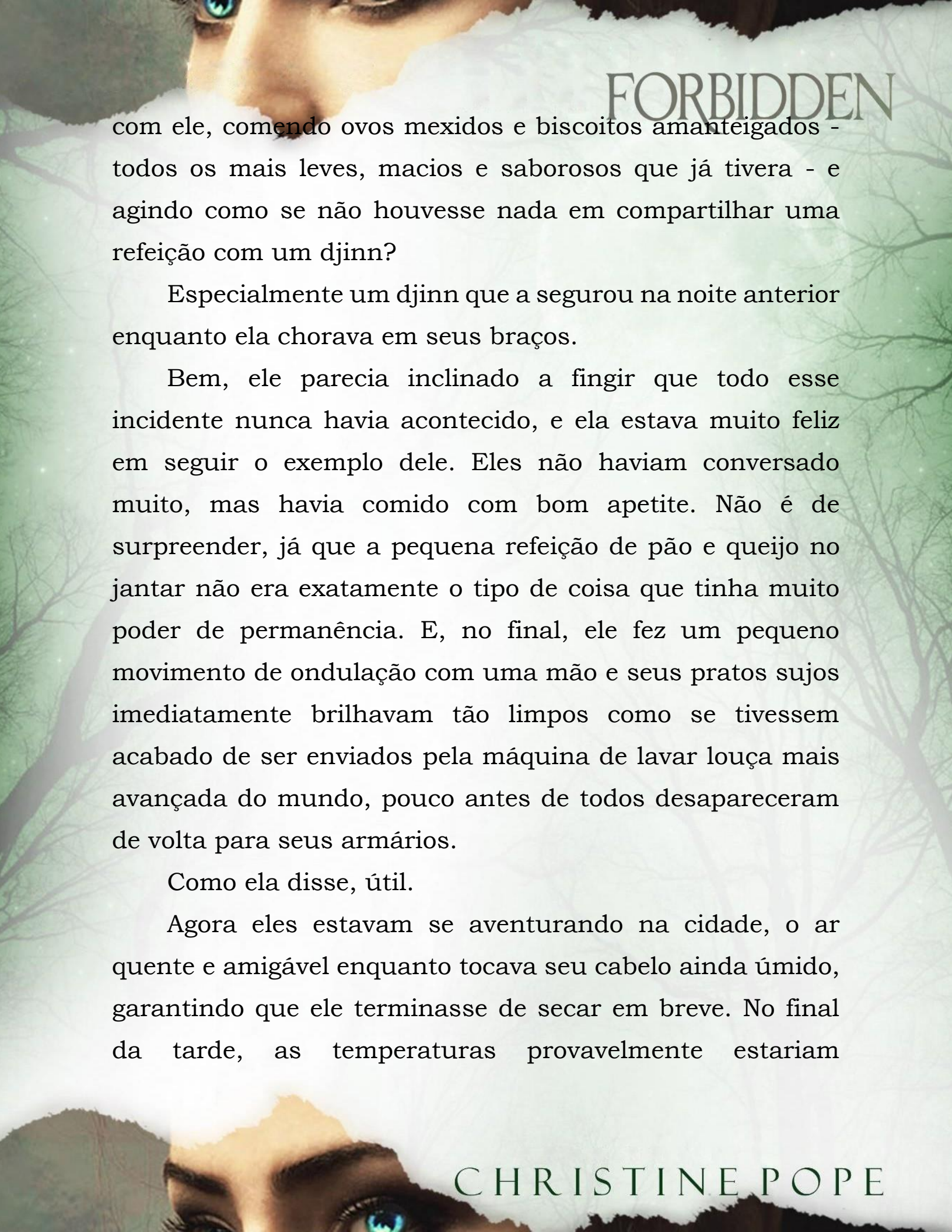
— Útil.

Ela estava sendo sarcástica? Ele lançou um olhar de soslaio para ela, mas sua expressão parecia quase branda, como se ela quisesse ter certeza de que ele não pudesse ver muito do que ela estava pensando. Bem, talvez ela estivesse fazendo o possível para se proteger após o colapso da noite anterior.

Ele esvaziou o café em sua caneca e o colocou na bancada. — Deixe-me ver sobre esse café da manhã.

De certa forma, toda a situação era totalmente bizarra. Como ela poderia ter ficado sentada à mesa da sala de jantar

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

com ele, comendo ovos mexidos e biscoitos amanteigados - todos os mais leves, macios e saborosos que já tivera - e agindo como se não houvesse nada em compartilhar uma refeição com um djinn?

Especialmente um djinn que a segurou na noite anterior enquanto ela chorava em seus braços.

Bem, ele parecia inclinado a fingir que todo esse incidente nunca havia acontecido, e ela estava muito feliz em seguir o exemplo dele. Eles não haviam conversado muito, mas havia comido com bom apetite. Não é de surpreender, já que a pequena refeição de pão e queijo no jantar não era exatamente o tipo de coisa que tinha muito poder de permanência. E, no final, ele fez um pequeno movimento de ondulação com uma mão e seus pratos sujos imediatamente brilhavam tão limpos como se tivessem acabado de ser enviados pela máquina de lavar louça mais avançada do mundo, pouco antes de todos desaparecerem de volta para seus armários.

Como ela disse, útil.

Agora eles estavam se aventurando na cidade, o ar quente e amigável enquanto tocava seu cabelo ainda úmido, garantindo que ele terminasse de secar em breve. No final da tarde, as temperaturas provavelmente estariam

CHRISTINE POPE

absolutamente quentes, mas Jillian decidiu aproveitar a suavidade da manhã enquanto podia.

De longe, ela ouviu o barulho de galinhas. Parecia que um bando inteiro havia se reunido em algum lugar atrás de um dos edifícios. Então Aldair não estava inventando essa parte. Ela se perguntava como as galinhas haviam sobrevivido todo esse tempo, pois sabia que coiotes vagavam por essas colinas.

Outra coisa estava vagando pelas ruas de Madri também. Eles não tinham andado mais de trinta metros antes de um pequeno cachorro preto e branco chegar perto deles, abanando a cauda, orelhas voando, boca aberta em um sorriso feliz de cachorro. Surpreso, Jillian se inclinou para coçar o cachorro atrás das orelhas e ele prontamente cutucou seu joelho para que ela não parasse.

Aldair fez uma pausa e olhou para ela. — Parece que você encontrou um amigo.

— Eu acho. — Ela acariciou as orelhas do cachorro, sentindo seu pelo macio contra as pontas dos dedos. Incrível que ele estivesse em tão boa forma - ele não parecia estar com fome, ou sujo ou sarnento. Talvez a absorção regular das tempestades de monções no final do verão tenha ajudado a mantê-lo limpo. — Estou surpresa que ele tenha

sobrevivido aqui por tanto tempo. Um cachorro desse tamanho, você pensaria que os coiotes o pegariam.

Seu coração vibrou com esse pensamento. O que aconteceu com todos os gatos, cachorros e outros animais de estimação quando todos os seus donos morreram durante o calor? Em Los Alamos, os moradores haviam recolhido os animais abandonados, mas não havia ninguém aqui em Madri que fizesse a mesma coisa. Miles já havia estimado que aproximadamente 0,002% da população mundial havia sobrevivido aos moribundos, o que significava que, estatisticamente, Madri era pequena demais para qualquer um de seus residentes ter vivido. Os animais aqui estariam por conta própria.

— Nós garantimos que eles estivessem seguros, — Aldair disse a ela, e ela olhou para cima do cachorro para encontrar os duros olhos azuis do djinn.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que os animais eram inocentes. Eles foram providenciados. Não estou dizendo que alguns não tenham morrido de velhice, nem de doença ou acidente desde a morte, mas garantimos que eles continuariam a florescer, assim como quando tinham mestres humanos.

Jillian tentou o seu melhor para envolver sua mente em torno dessa ideia. Então os djinn não pensaram em matar

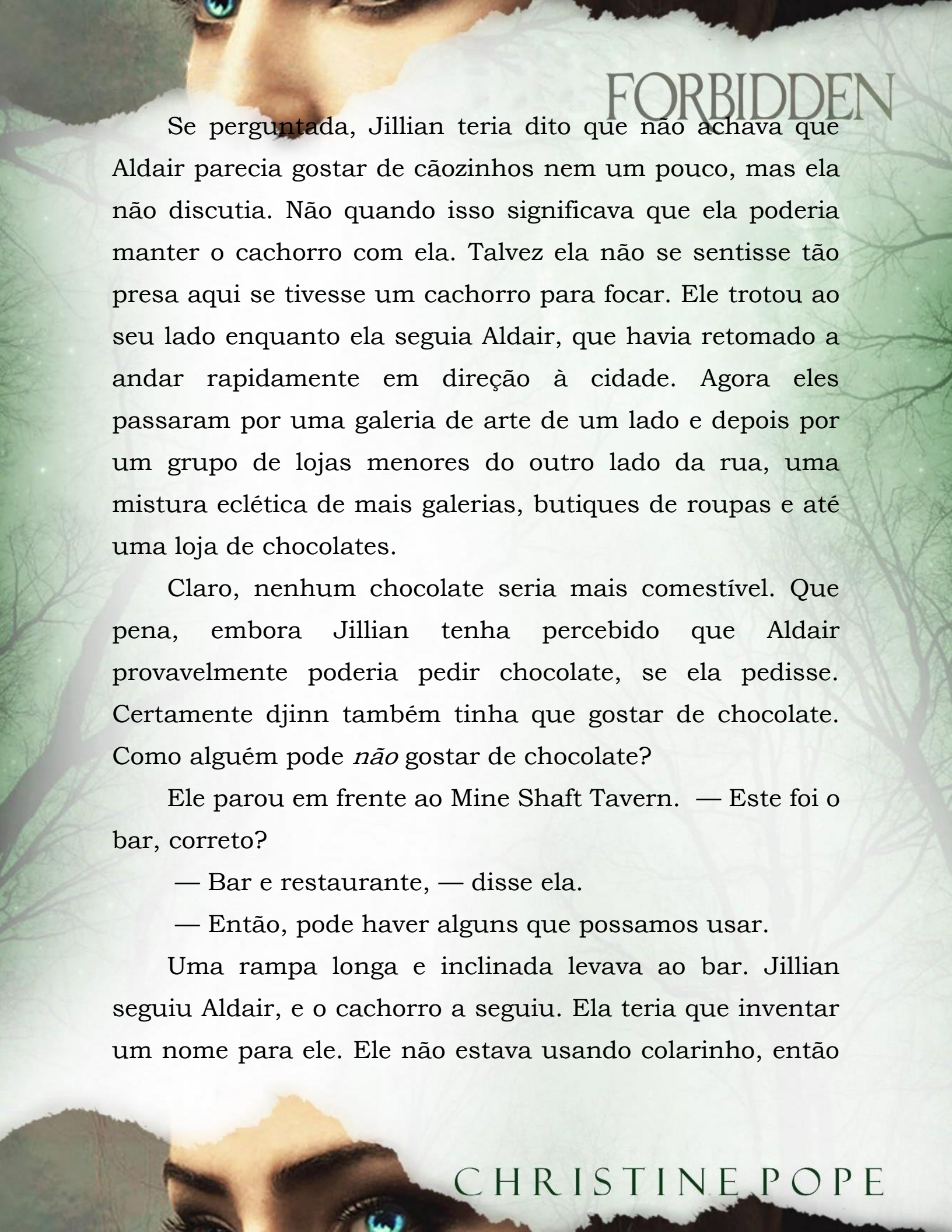
quase toda a humanidade de uma só vez, mas eles fizeram o que podiam para proteger os animais deixados para trás? De certa forma, os dois comportamentos pareciam completamente contraditórios, mas então, pelo que ela ouvira, djinn nem sempre agia da maneira que se poderia pensar que deveriam. Ela supôs que deveria estar feliz que eles pudessem mostrar tanta misericórdia pelo menos.

E quando o Heat chegou, ela e Jack ainda estavam de luto pela perda de seu cachorrinho Alfie, um mestiço de chihuahua que havia morrido apenas alguns meses antes. Naquela época, Jillian não sabia se era melhor ela não ter que se preocupar com o destino de Alfie após a morte, ou se poderia ter ajudado a ter um cachorro para se concentrar. Tinha sentido saudade dele, mas não havia chegado ao ponto de sua vida em Los Alamos, onde estava pronta para enfrentar um novo cachorro.

Bem, parecia que um cachorro a havia encontrado, para melhor ou para pior.

— Você se importa? — Ela perguntou a Aldair. — Quero dizer, parece que ele olhou para mim. E parece que somos os únicos ao redor?

— Eu não me importo se ele ficar com você, — ele disse, e acrescentou, para sua surpresa, — eu gosto de cachorros.



FORBIDDEN

Se perguntada, Jillian teria dito que não achava que Aldair parecia gostar de cãozinhos nem um pouco, mas ela não discutia. Não quando isso significava que ela poderia manter o cachorro com ela. Talvez ela não se sentisse tão presa aqui se tivesse um cachorro para focar. Ele trotou ao seu lado enquanto ela seguia Aldair, que havia retomado a andar rapidamente em direção à cidade. Agora eles passaram por uma galeria de arte de um lado e depois por um grupo de lojas menores do outro lado da rua, uma mistura eclética de mais galerias, butikues de roupas e até uma loja de chocolates.

Claro, nenhum chocolate seria mais comestível. Que pena, embora Jillian tenha percebido que Aldair provavelmente poderia pedir chocolate, se ela pedisse. Certamente djinn também tinha que gostar de chocolate. Como alguém pode *não* gostar de chocolate?

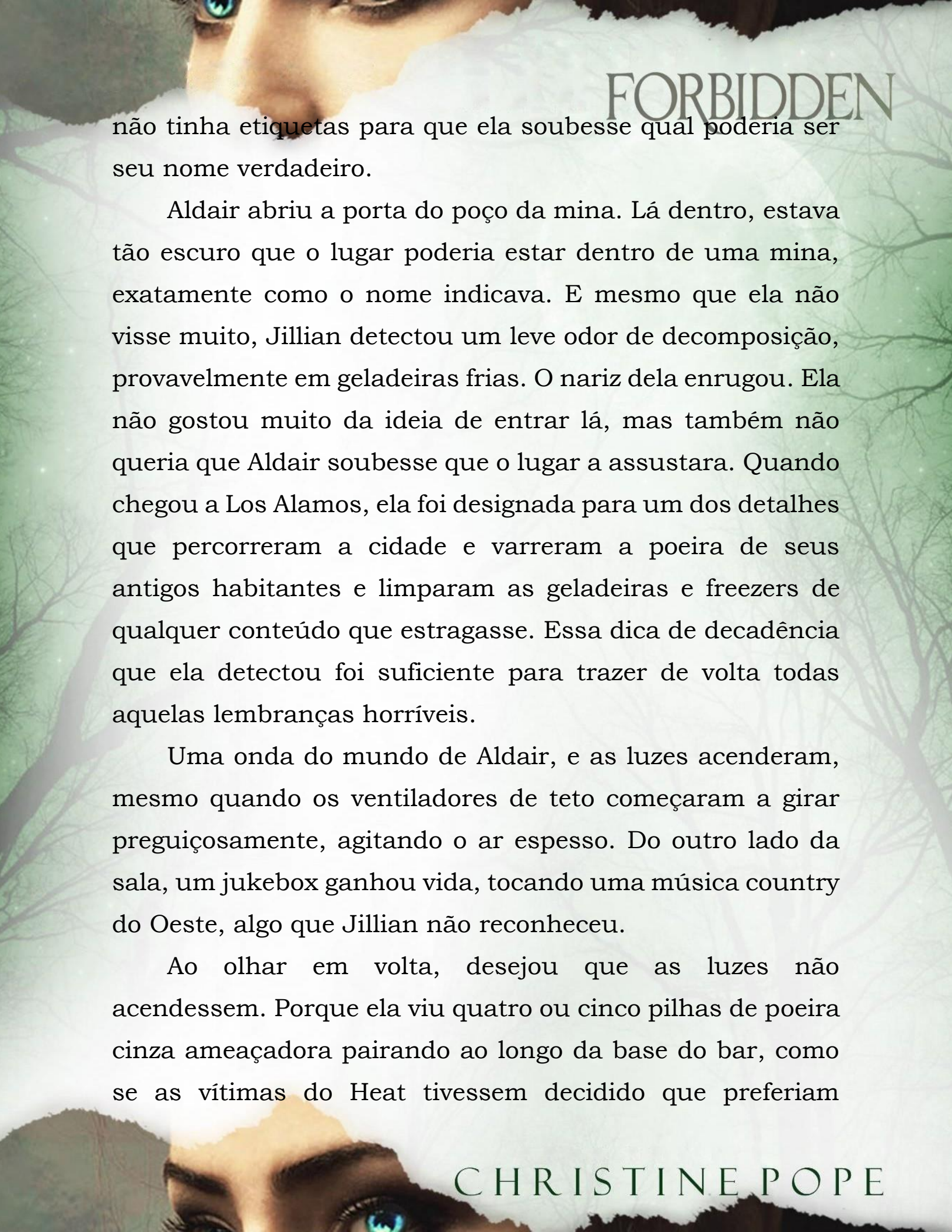
Ele parou em frente ao Mine Shaft Tavern. — Este foi o bar, correto?

— Bar e restaurante, — disse ela.

— Então, pode haver alguns que possamos usar.

Uma rampa longa e inclinada levava ao bar. Jillian seguiu Aldair, e o cachorro a seguiu. Ela teria que inventar um nome para ele. Ele não estava usando colarinho, então

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

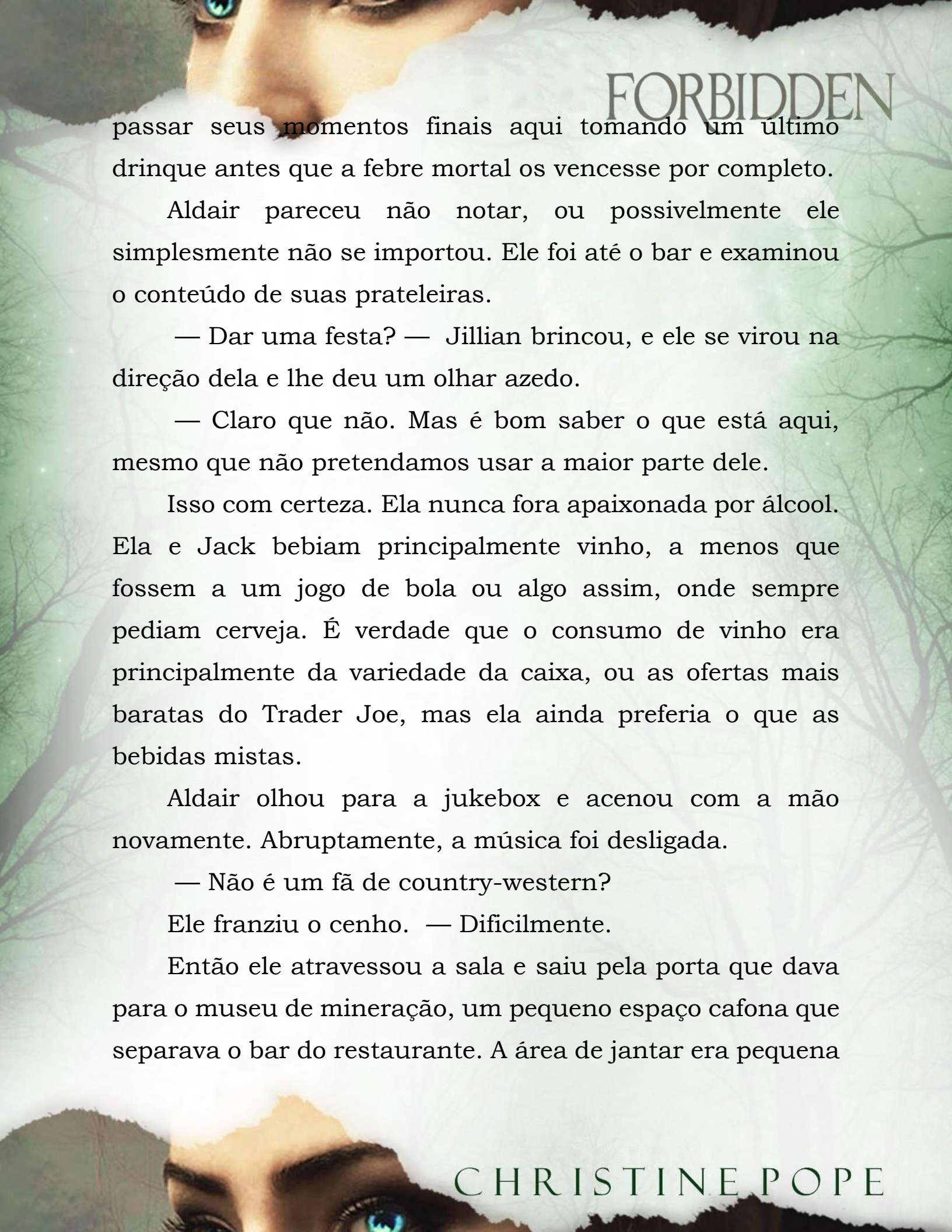
não tinha etiquetas para que ela soubesse qual poderia ser seu nome verdadeiro.

Aldair abriu a porta do poço da mina. Lá dentro, estava tão escuro que o lugar poderia estar dentro de uma mina, exatamente como o nome indicava. E mesmo que ela não visse muito, Jillian detectou um leve odor de decomposição, provavelmente em geladeiras frias. O nariz dela enrugou. Ela não gostou muito da ideia de entrar lá, mas também não queria que Aldair soubesse que o lugar a assustara. Quando chegou a Los Alamos, ela foi designada para um dos detalhes que percorreram a cidade e varreram a poeira de seus antigos habitantes e limparam as geladeiras e freezers de qualquer conteúdo que estragasse. Essa dica de decadência que ela detectou foi suficiente para trazer de volta todas aquelas lembranças horríveis.

Uma onda do mundo de Aldair, e as luzes acenderam, mesmo quando os ventiladores de teto começaram a girar preguiçosamente, agitando o ar espesso. Do outro lado da sala, um jukebox ganhou vida, tocando uma música country do Oeste, algo que Jillian não reconheceu.

Ao olhar em volta, desejou que as luzes não acendessem. Porque ela viu quatro ou cinco pilhas de poeira cinza ameaçadora pairando ao longo da base do bar, como se as vítimas do Heat tivessem decidido que preferiam

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

passar seus momentos finais aqui tomando um último drinque antes que a febre mortal os vencesse por completo.

Aldair pareceu não notar, ou possivelmente ele simplesmente não se importou. Ele foi até o bar e examinou o conteúdo de suas prateleiras.

— Dar uma festa? — Jillian brincou, e ele se virou na direção dela e lhe deu um olhar azedo.

— Claro que não. Mas é bom saber o que está aqui, mesmo que não pretendamos usar a maior parte dele.

Isso com certeza. Ela nunca fora apaixonada por álcool. Ela e Jack bebiam principalmente vinho, a menos que fossem a um jogo de bola ou algo assim, onde sempre pediam cerveja. É verdade que o consumo de vinho era principalmente da variedade da caixa, ou as ofertas mais baratas do Trader Joe, mas ela ainda preferia o que as bebidas mistas.

Aldair olhou para a jukebox e acenou com a mão novamente. Abruptamente, a música foi desligada.

— Não é um fã de country-western?

Ele franziu o cenho. — Dificilmente.

Então ele atravessou a sala e saiu pela porta que dava para o museu de mineração, um pequeno espaço cafona que separava o bar do restaurante. A área de jantar era pequena

CHRISTINE POPE

e transbordava para uma área de refeições ao ar livre em um deck.

O djinn examinou tudo isso com os braços cruzados, a expressão sem sorrir. Jillian esperou alguns passos de distância, seu novo cachorro ao seu lado. Ela poderia dizer que Aldair estava menos do que emocionado com o que ele havia encontrado, mas realmente, o que ele estava esperando? Eles estavam basicamente no meio do nada. Não era como se você fosse encontrar um restaurante Zagat de quatro estrelas na pequena Madri, embora a comida do Hollar tivesse sido muito boa.

Ele parou no meio do convés e olhou em volta. A partir daqui você pode ter uma visão bastante decente da parte principal da cidade - a única parte da cidade, pensou Jillian, já que basicamente Madri consistia nesse pequeno trecho da Rodovia 14 e não muito mais. Havia algumas ruas laterais e, em seguida, propriedades rurais distantes como a que eles costumavam ocupar, mas era principalmente isso.

O vento pegou os cabelos compridos de Aldair, passando-o pelo rosto. Jillian nunca tinha conhecido um djinn antes dele, então ela não sabia se eles tendiam a usar cabelos compridos, ou se o dele tinha sido cortado mais curto e depois cresceu durante seu tempo no exílio. Se perguntado, ela teria dito que não gostava muito de cabelos

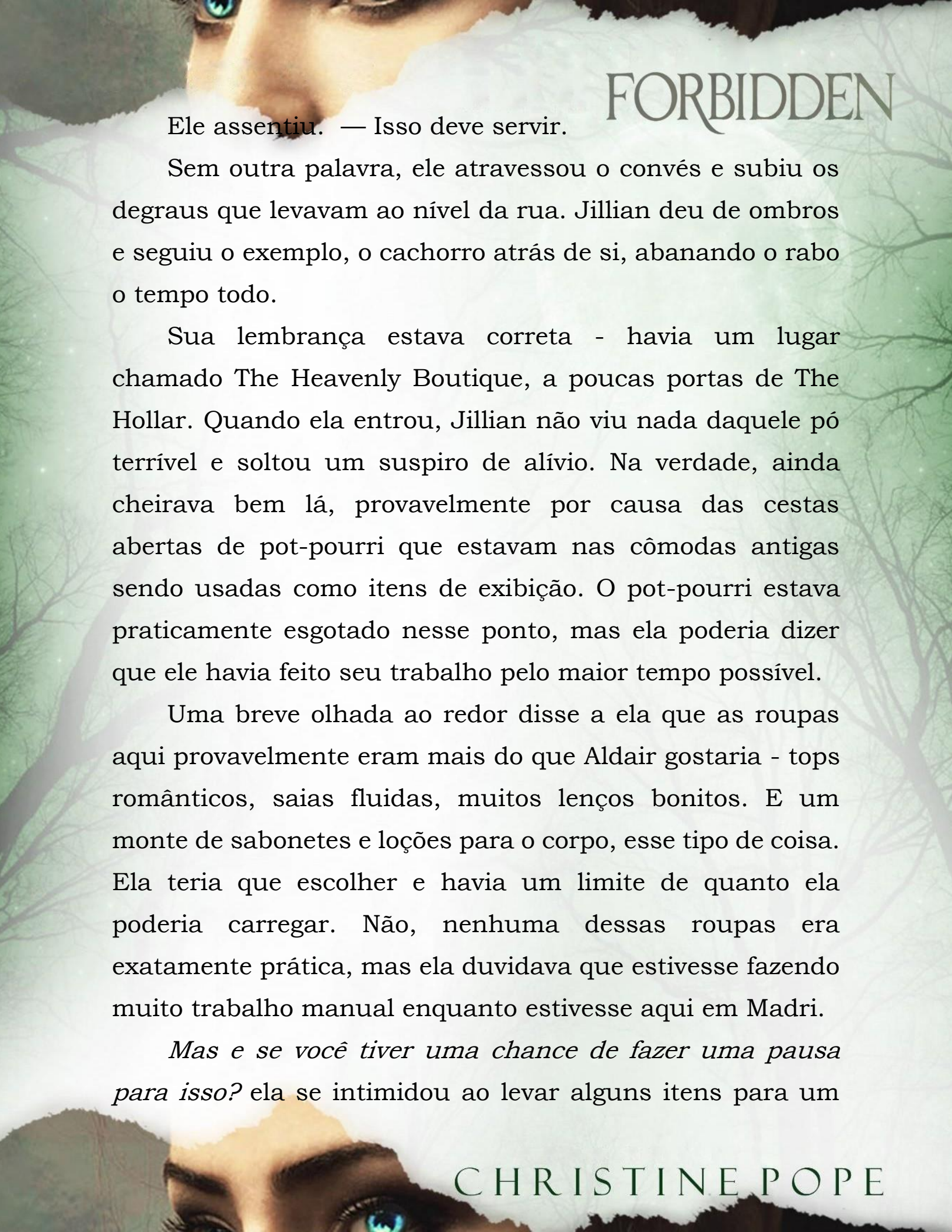
compridos para homens, mas nele era adequado, adequado para as maçãs do rosto altas, olhos amendoados e boca sensual.

Realmente, ele era meio que ridiculamente bom como um rei. Mas então, todos os djinn deveriam ser, não eram? Era por isso que as pessoas que haviam sido escolhidas também eram extremamente atraentes, ela supunha... elas tinham que combinar.

— Há mais lojas por esse caminho, — disse ela quando se aproximou dele. — E acho que talvez uma cafeteria ou algo assim. Não me lembro de quantos restaurantes existem além deste e do The Hollar, do outro lado da rua, mas sei que não há muitos.

— O café deve ter alguns suprimentos que possamos usar, — disse ele, ainda olhando a rua. O vento também brincava com a bainha do roupão de seda aberto que ele usava, fazendo o tecido brilhar como a luz do sol na água. Finalmente, ele olhou para ela, e sua boca puxou uma leve carranca. — E você não vai procurar outra coisa para vestir?

— Sim, — respondeu ela, ciente de como devia estar surrada, em contraste com o esplendor djinn dele. — Por que você não verifica o café, e eu vou para uma dessas lojas do outro lado da rua. Eu acho que havia algum tipo de boutique que poderia ter alguma coisa.



FORBIDDEN

Ele assentiu. — Isso deve servir.

Sem outra palavra, ele atravessou o convés e subiu os degraus que levavam ao nível da rua. Jillian deu de ombros e seguiu o exemplo, o cachorro atrás de si, abanando o rabo o tempo todo.

Sua lembrança estava correta - havia um lugar chamado The Heavenly Boutique, a poucas portas de The Hollar. Quando ela entrou, Jillian não viu nada daquele pó terrível e soltou um suspiro de alívio. Na verdade, ainda cheirava bem lá, provavelmente por causa das cestas abertas de pot-pourri que estavam nas cômodas antigas sendo usadas como itens de exibição. O pot-pourri estava praticamente esgotado nesse ponto, mas ela poderia dizer que ele havia feito seu trabalho pelo maior tempo possível.

Uma breve olhada ao redor disse a ela que as roupas aqui provavelmente eram mais do que Aldair gostaria - tops românticos, saias fluidas, muitos lenços bonitos. E um monte de sabonetes e loções para o corpo, esse tipo de coisa. Ela teria que escolher e havia um limite de quanto ela poderia carregar. Não, nenhuma dessas roupas era exatamente prática, mas ela duvidava que estivesse fazendo muito trabalho manual enquanto estivesse aqui em Madri.

Mas e se você tiver uma chance de fazer uma pausa para isso? ela se intimidou ao levar alguns itens para um

CHRISTINE POPE

dos provadores. *Você vai andar 45 quilômetros em sandálias de cunha e uma saia cigana?*

Bem, provavelmente não. Mas ela tinha os jeans e as camisetas que havia tirado do quarto principal na casa, e havia as roupas que ela usava quando o acidente de laboratório virou seu mundo de cabeça para baixo. Deve haver uma lavanderia na casa; ela acabara de carregar uma carga quando parecia apropriado.

Enquanto isso, havia algo quase decadente em ser capaz de escolher as coisas que ela gostava aqui sem ter que olhar para o preço e se preocupar como ela poderia pagar. O mundo não funcionava mais dessa maneira. Talvez algumas pessoas tivessem chamado esse tipo de pilhagem casual de apropriação, mas, na verdade, como poderia ser pilhagem quando você não estava tirando de alguém? Pelo menos agora essas coisas bonitas teriam a chance de serem apreciadas.

Ela decidiu usar uma saia longa e esvoaçante em um tom de verde azulado escuro, acentuado com lantejoulas de prata, e usar uma blusa de renda branca. As cunhas que ela viu pela primeira vez provavelmente não eram a coisa mais prática a usar por aqui, por causa do terreno irregular e da completa falta de calçadas em Madri; então, ela optou por um par de sandálias planas de couro de cor natural com

prata bordados. Pendurada em um dos guarda-roupas abertos, havia uma bolsa grande de contas, e ela a puxou para baixo para carregá-la com alguns sabonetes e loções de aparência mais agradável, além de mais algumas mudas de roupa.

Que deve ser suficiente por enquanto. Jillian emergiu na varanda, e o cachorro se levantou de onde ele estava esperando lá, abanando a cauda. Ela nunca saberia quem eram seus donos ou de onde exatamente ele veio, mas claramente ele fora bem treinado.

— O que você gostaria de ter um nome? — Ela perguntou a ele. Ele inclinou a cabeça para um lado e uma orelha se ergueu enquanto a outra permaneceu caída. Seu olho esquerdo tinha uma grande mancha preta ao redor, fazendo-o parecer como se estivesse usando um tapa-olho. Bem, isso funcionaria. Ele definitivamente tinha remendos por toda parte. — Patches parece bom para você?

Ele soltou um latido curto e agudo, e até se levantou nas patas traseiras e dançou ao redor, as penas no rabo voando. Uma pata quase pegou sua saia de lantejoulas e ela a segurou antes que ela pudesse causar algum dano.

— Cuidado, — ela o avisou, mas claramente ele não se deixou levar pelo tom dela. Seu rabo balançou ferozmente, e ele compartilhou outro daqueles felizes sorrisos de

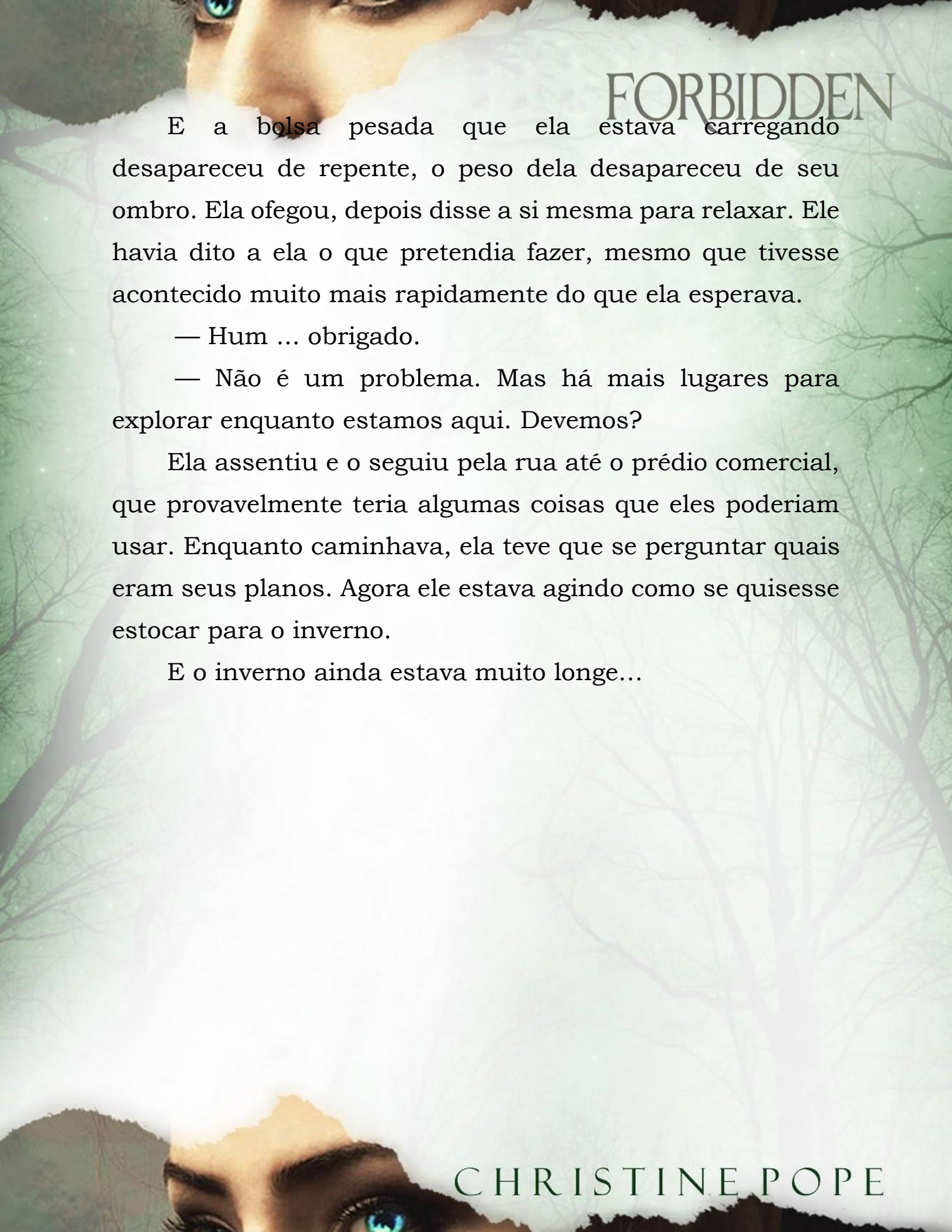
cachorrinho com ela. Olhando para o entusiasmo óbvio dele, ela se perguntou se o nome que ela escolhera para ele era realmente o que sempre fora dele. Era meio óbvio, afinal, considerando sua coloração. Ela não conseguiu descobrir o que ele poderia ser, no entanto. Parte terrier, definitivamente, mas com algumas outras coisas misturadas. Possivelmente Papillon também, por causa daqueles ouvidos tortos. Definitivamente, cem por cento de bom vira-lata americano, e não havia nada de errado nisso.

Ela olhou para a rua e viu Aldair se aproximando. Ao contrário dela, ele estava de mãos vazias, e ela se perguntou se sua viagem ao café tinha sido menos que proveitosa. Quando ele se aproximou, ela perguntou: — Eles estavam sem café?

— Nem um pouco, — respondeu ele. Por um segundo, seu olhar se moveu sobre ela, claramente vendo sua aparência nova e melhorada, mas ele não comentou. Em vez disso, ele continuou: — Encontrei várias coisas úteis, mas as enviei adiante. Por que carregá-los de volta para cima, se não houver necessidade?

— Claro. — Sim, isso seria útil. Localize os itens que você precisa e envie-os instantaneamente para sua casa. Sem carga e descarga, sem carrinhos de compras por aí.

— Como posso fazer por você, — acrescentou.



FORBIDDEN

E a bolsa pesada que ela estava carregando desapareceu de repente, o peso dela desapareceu de seu ombro. Ela ofegou, depois disse a si mesma para relaxar. Ele havia dito a ela o que pretendia fazer, mesmo que tivesse acontecido muito mais rapidamente do que ela esperava.

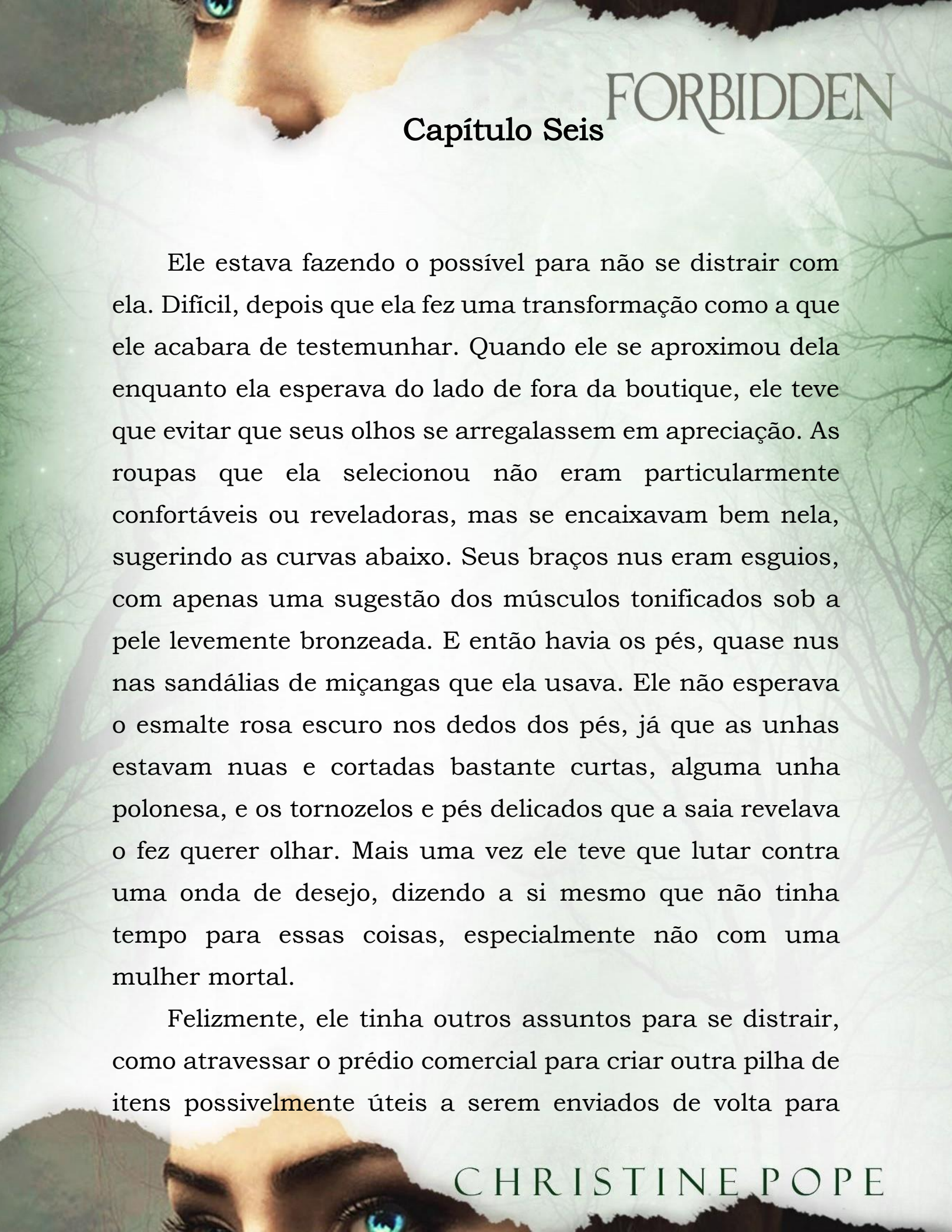
— Hum ... obrigado.

— Não é um problema. Mas há mais lugares para explorar enquanto estamos aqui. Devemos?

Ela assentiu e o seguiu pela rua até o prédio comercial, que provavelmente teria algumas coisas que eles poderiam usar. Enquanto caminhava, ela teve que se perguntar quais eram seus planos. Agora ele estava agindo como se quisesse estocar para o inverno.

E o inverno ainda estava muito longe...

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Capítulo Seis

Ele estava fazendo o possível para não se distrair com ela. Difícil, depois que ela fez uma transformação como a que ele acabara de testemunhar. Quando ele se aproximou dela enquanto ela esperava do lado de fora da boutique, ele teve que evitar que seus olhos se arregalassem em apreciação. As roupas que ela selecionou não eram particularmente confortáveis ou reveladoras, mas se encaixavam bem nela, sugerindo as curvas abaixo. Seus braços nus eram esguios, com apenas uma sugestão dos músculos tonificados sob a pele levemente bronzeada. E então havia os pés, quase nus nas sandálias de miçangas que ela usava. Ele não esperava o esmalte rosa escuro nos dedos dos pés, já que as unhas estavam nuas e cortadas bastante curtas, alguma unha polonesa, e os tornozelos e pés delicados que a saia revelava o fez querer olhar. Mais uma vez ele teve que lutar contra uma onda de desejo, dizendo a si mesmo que não tinha tempo para essas coisas, especialmente não com uma mulher mortal.

Felizmente, ele tinha outros assuntos para se distrair, como atravessar o prédio comercial para criar outra pilha de itens possivelmente úteis a serem enviados de volta para

CHRISTINE POPE

casa. Toda a comida estocada na loja havia apodrecido há muito tempo, e ele certamente não precisava de nenhuma das bebidas açucaradas engarrafadas no estojó refrigerado agora escuro, mesmo se elas ainda fossem viáveis. Mas ele colecionou sacos de nozes que ainda podem ser boas, enquanto Jillian recolhia um grupo de velas de colunas da vitrine em uma mesa colocada contra a parede.

— Não precisamos deles, — ressaltou. — A casa tem energia solar e, mesmo que isso falhe, posso manter as luzes acesas.

— Verdade, — ela respondeu, — mas se a energia falhar e estiver muito quente, prefiro que você use essa energia djinn para manter o ar condicionado ligado. É aí que as velas podem ser úteis.

Ele achou essa perspectiva bastante improvável, mas não discutiu. Se ela queria ter um lote de velas inúteis bagunçando o lugar, que assim seja.

Por fim, eles haviam colhido tudo o que parecia remotamente útil, e ele enviou tudo para a propriedade. Ele olhou para as bonitas, mas frágeis sandálias que ela usava e perguntou: — Você prefere que eu te leve de volta para casa?

Os olhos dela se arregalaram de surpresa, mas então ela balançou a cabeça. — Não, eu estou bem andando. Além

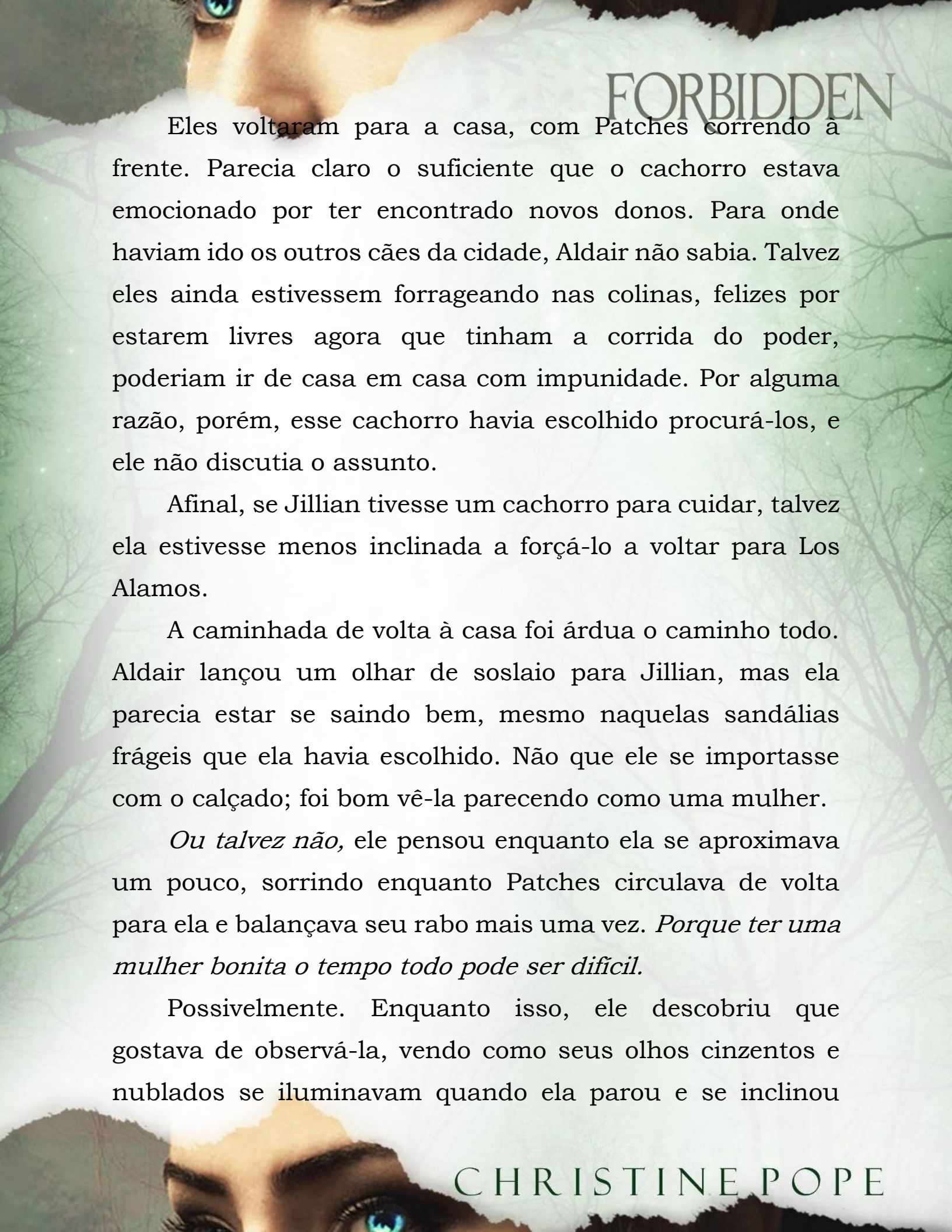
disso, tenho que me preocupar com Patches. Duvido que ele goste de voar pelo ar, quinze metros acima do solo.

O cachorro, é claro. Aldair quase tinha esquecido dele, porque ele estava esperando pacientemente na varanda enquanto eles procuravam o mercantil. Um animal bem-comportado, ao que parecia, e assim ele não discutiu o assunto. — Não, suponho que o cachorro não goste tanto assim. — Ele parou e lançou um olhar interrogativo a Jillian. — Patches?

— Bem, eu tive que dar um nome a ele, e parecia encaixar. E você sabe, nós escolhemos todas essas coisas, mas eu não vi nenhuma comida de cachorro. Talvez eu tenha que começar a procurar nas outras casas abandonadas.

— Não é preciso isso. Posso convocar isso também, se necessário. Ajuda ter certos itens em mãos, pois assim não preciso gastar tanta energia para obtê-los. Mas seria mais fácil para mim trazer a comida de cachorro para cá do que fazer uma pesquisa de casa em casa procurando por ela.

Ela deu um aceno duvidoso, como se ainda estivesse tentando descobrir a mecânica de seus poderes djinn, e o que eles eram e não eram capazes. Mas ela não discutiu o ponto, o que era importante. Aldair não queria ter que se explicar continuamente para ela.



FORBIDDEN

Eles voltaram para a casa, com Patches correndo à frente. Parecia claro o suficiente que o cachorro estava emocionado por ter encontrado novos donos. Para onde haviam ido os outros cães da cidade, Aldair não sabia. Talvez eles ainda estivessem forrageando nas colinas, felizes por estarem livres agora que tinham a corrida do poder, poderiam ir de casa em casa com impunidade. Por alguma razão, porém, esse cachorro havia escolhido procurá-los, e ele não discutia o assunto.

Afinal, se Jillian tivesse um cachorro para cuidar, talvez ela estivesse menos inclinada a forçá-lo a voltar para Los Alamos.

A caminhada de volta à casa foi árdua o caminho todo. Aldair lançou um olhar de soslaio para Jillian, mas ela parecia estar se saindo bem, mesmo naquelas sandálias frágeis que ela havia escolhido. Não que ele se importasse com o calçado; foi bom vê-la parecendo como uma mulher.

Ou talvez não, ele pensou enquanto ela se aproximava um pouco, sorrindo enquanto Patches circulava de volta para ela e balançava seu rabo mais uma vez. Porque ter uma mulher bonita o tempo todo pode ser difícil.

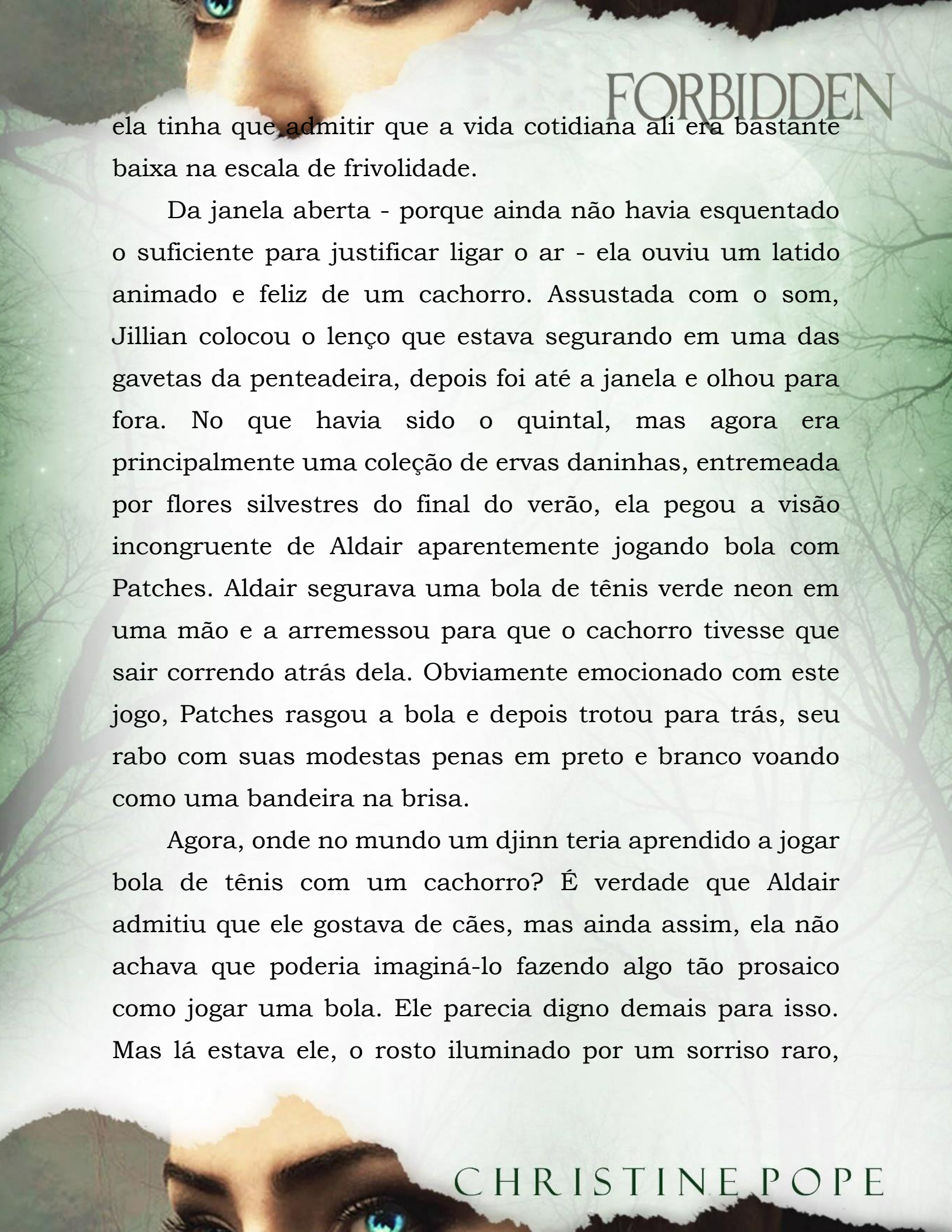
Possivelmente. Enquanto isso, ele descobriu que gostava de observá-la, vendo como seus olhos cinzentos e nublados se iluminavam quando ela parou e se inclinou

CHRISTINE POPE

para arranhar as orelhas do cachorro, observando como a luz do sol capturava ondas de ouro e cobre quente em seus longos cabelos castanhos. Algum peso se eleva dos ombros enquanto ela brinca com o cachorro, e Aldair não pôde deixar de se alegrar com isso. Ele tinha encargos suficientes para carregar; ele não queria sofrer o dela também.

Adiar a viagem não demorou muito tempo, porque Aldair colocou tudo em seus respectivos armários e gavetas antes que Jillian mal pudesse piscar um olho. No entanto, ele não havia tocado nos itens que ela havia comprado, e levou algum tempo pendurando as lindas roupas novas que havia encontrado, organizando-as por cor e tipo, embora mesmo isso não demorasse muito, não era como se ela tivesse limpado a loja inteira, apenas itens selecionados por três ou quatro dias de uso. Ela sempre poderia voltar amanhã para mais, se se sentisse tão inclinada.

Talvez não tenha sido uma boa ideia. Ela deveria estar tentando descobrir uma maneira de convencer Aldair a deixá-la ir não estocando seu guarda-roupa... por mais divertido e frívolo que isso possa ser. Sua gratidão deve sempre ser levada ao povo de Los Alamos por seus esforços em tornar a cidade uma comunidade segura e viável, mas



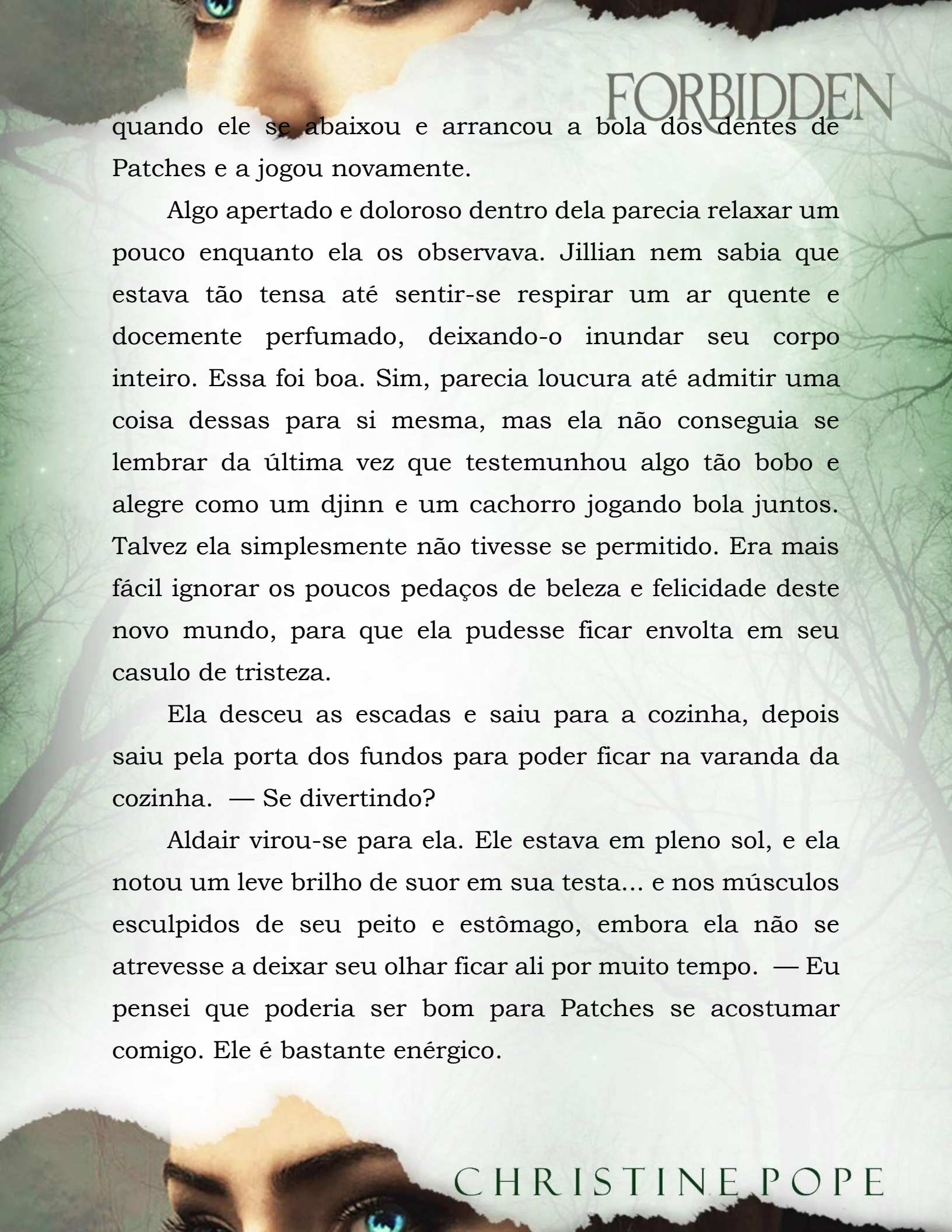
FORBIDDEN

ela tinha que admitir que a vida cotidiana ali era bastante baixa na escala de frivolidade.

Da janela aberta - porque ainda não havia esquentado o suficiente para justificar ligar o ar - ela ouviu um latido animado e feliz de um cachorro. Assustada com o som, Jillian colocou o lenço que estava segurando em uma das gavetas da penteadeira, depois foi até a janela e olhou para fora. No que havia sido o quintal, mas agora era principalmente uma coleção de ervas daninhas, entremeada por flores silvestres do final do verão, ela pegou a visão incongruente de Aldair aparentemente jogando bola com Patches. Aldair segurava uma bola de tênis verde neon em uma mão e a arremessou para que o cachorro tivesse que sair correndo atrás dela. Obviamente emocionado com este jogo, Patches rasgou a bola e depois trotou para trás, seu rabo com suas modestas penas em preto e branco voando como uma bandeira na brisa.

Agora, onde no mundo um djinn teria aprendido a jogar bola de tênis com um cachorro? É verdade que Aldair admitiu que ele gostava de cães, mas ainda assim, ela não achava que poderia imaginá-lo fazendo algo tão prosaico como jogar uma bola. Ele parecia digno demais para isso. Mas lá estava ele, o rosto iluminado por um sorriso raro,

CHRISTINE POPE

The background of the page is a close-up of a person's face, focusing on their eyes which are glowing with a bright blue light. The person has dark hair and skin. The word "FORBIDDEN" is written in a large, serif font across the top right of the image.

FORBIDDEN

quando ele se abaixou e arrancou a bola dos dentes de Patches e a jogou novamente.

Algo apertado e doloroso dentro dela parecia relaxar um pouco enquanto ela os observava. Jillian nem sabia que estava tão tensa até sentir-se respirar um ar quente e docemente perfumado, deixando-o inundar seu corpo inteiro. Essa foi boa. Sim, parecia loucura até admitir uma coisa dessas para si mesma, mas ela não conseguia se lembrar da última vez que testemunhou algo tão bobo e alegre como um djinn e um cachorro jogando bola juntos. Talvez ela simplesmente não tivesse se permitido. Era mais fácil ignorar os poucos pedaços de beleza e felicidade deste novo mundo, para que ela pudesse ficar envolta em seu casulo de tristeza.

Ela desceu as escadas e saiu para a cozinha, depois saiu pela porta dos fundos para poder ficar na varanda da cozinha. — Se divertindo?

Aldair virou-se para ela. Ele estava em pleno sol, e ela notou um leve brilho de suor em sua testa... e nos músculos esculpidos de seu peito e estômago, embora ela não se atrevesse a deixar seu olhar ficar ali por muito tempo. — Eu pensei que poderia ser bom para Patches se acostumar comigo. Ele é bastante enérgico.

CHRISTINE POPE

— Sim, acho que ele é um cachorro bem jovem. —

Jovem o suficiente para ter nascido selvagem depois que o Heat removeu todos os humanos da cidade? Não, isso não parecia certo. O cachorro parecia muito acostumado com as pessoas e seu comportamento. Ainda assim, ela imaginou que ele não era muito mais que um filhote quando o mundo mudou para sempre. Não é à toa que ele se apegou a ela e Aldair tão rapidamente.

Com as palavras dela, Patches veio correndo até a varanda, com uma bola de tênis na boca. Quando ela se abaixou para pegá-lo, ele se afastou um pouco, a cauda caminhando uma milha por minuto. Ela não pôde deixar de sorrir, já que seu cachorro Alfie gostava de jogar o mesmo jogo. Não que a pequena mistura de chihuahua pudesse administrar uma bola de tênis, já que sua boca era muito pequena. Mas ele próprio tinha uma bola de tamanho especial, uma que ele guardava ferozmente... exceto quando chegava a hora de jogar.

— Ah, então você quer brincar de esconderijo? — Ela perguntou com um sorriso.

O cachorro fingiu retroceder e ela correu atrás dele, determinada a não o deixar fugir. Sim, talvez isso fosse mais fácil em tênis, mas ela e Jack haviam brincado com Alfie nas profundezas do verão, quando Jillian só usava chinelos,

então não era como se ela não conseguisse. Embora ela tivesse que admitir que Alfie, com suas pernas muito mais curtas, tinha sido muito mais fácil de alcançar.

Aldair olhou com diversão enquanto Jillian tropeçava no mato, uma ou duas vezes tendo que parar e resgatar sua saia quando ela foi presa em uma haste coberta de mato. Mas Patches parou por um segundo para cheirar algo interessante, e ela foi capaz de pegar a bola de suas mandíbulas e jogá-la na calçada de cascalho que levava em direção à garagem. Ele perseguiu enquanto Jillian o observava em algum triunfo.

— Parece que você já jogou esse jogo antes, — comentou Aldair, quando ele ficou a alguns metros dela.

— Sim, — disse ela, seu tom casual. Ao mesmo tempo, ela fez o que pôde para manter os olhos um pouco nivelados com os dele. As vestes abertas que ele usava exibiam demais. Ela não estava acostumada a estar perto de um homem com tanta pele exposta. Pele quente e brilhante... Droga. Ela respirou fundo e acrescentou: — Costumávamos ter um cachorro. Ele era um resgate, então nós o pegamos, ele era mais velho. Nós o perdemos cerca de seis meses antes... bem, do Heat.

Essa revelação apenas provocou um aceno de cabeça, embora Jillian pensasse que podia ver o modo como os

músculos da mandíbula de Aldair se contraíram. Seria a referência aos moribundos que o incomodara ou a vida que ela teve com o marido?

Não, isso foi definitivamente lisonjeiro. Para esconder seu desconforto, ela voltou para a entrada e gritou: — Venha aqui, Patches!

O cachorro saltou obedientemente em sua direção, mas, fiel à forma, ele se desviou do caminho no segundo em que ela alcançou a bola de tênis. Aldair riu.

— Talvez eu deva mostrar a ele que nós, djinn, temos alguns truques na manga.

Ele curvou os dedos levemente, e imediatamente a bola saiu voando da boca de Patches e aterrissou na palma da mão de Aldair. Os olhos do cachorro se arregalaram, como se ele tivesse percebido que algo não estava muito bem aqui.

— Isso não é trapaça?

— Não, — disse Aldair. Estou apenas usando minhas próprias habilidades para combater as dele. Não vejo isso como trapaça.

Aparentemente, nem Patches, cuja cauda tremia tanto que seus posteriores se moveram junto com ela. Jillian achou que ele parecia encantado com essa ruga no jogo antigo. Mas ela também percebeu o quão quente estava ali, como seus cabelos começaram a grudar na nuca. E ela não

estava usando protetor solar. Ela ia fritar se ficasse fora no quintal por muito mais tempo.

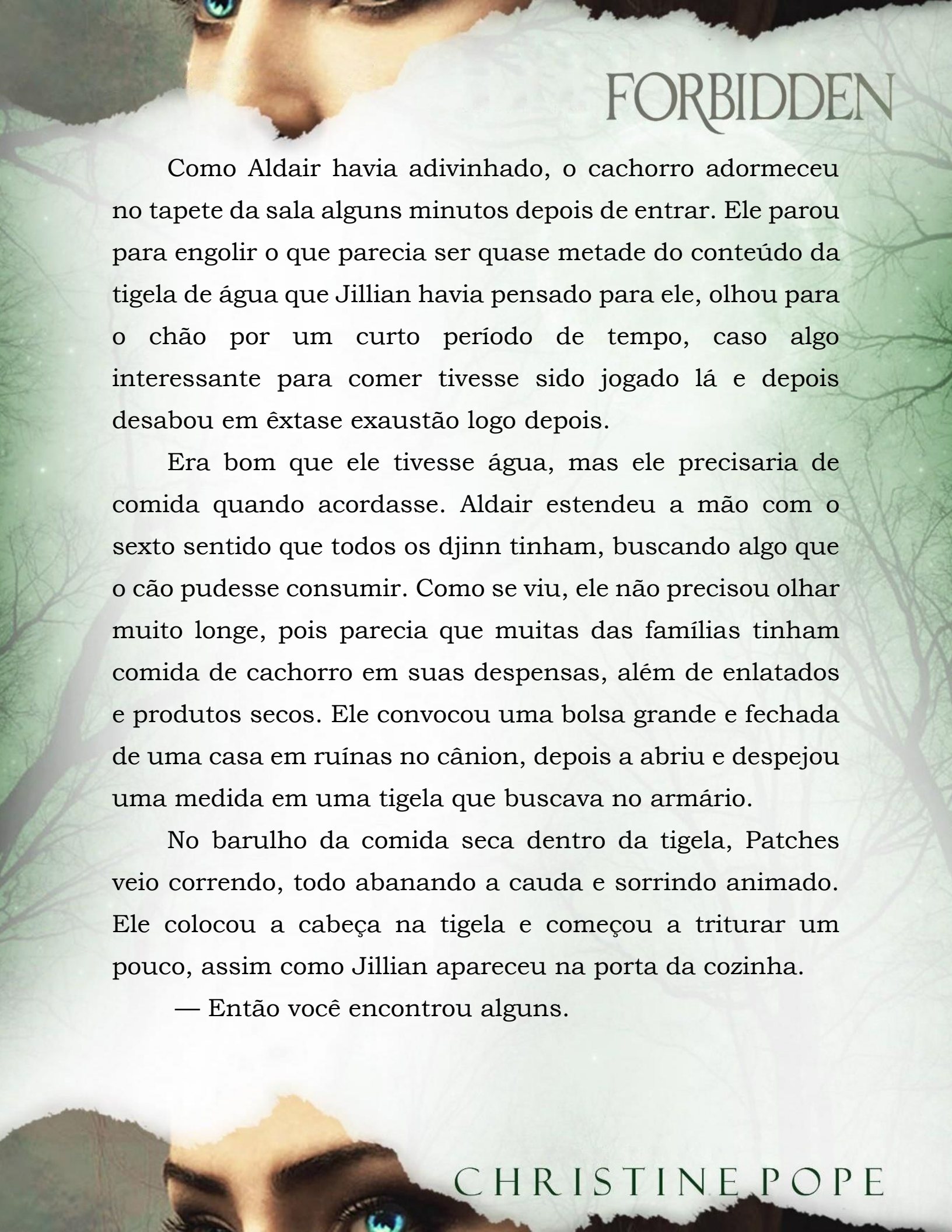
— Bem, vocês se divertem, — disse ela. — Está ficando muito quente para mim aqui fora. Eu vou para dentro.

Aldair olhou para o céu. O dia começou sem nuvens, mas algumas nuvens grandes e inchadas começaram a aparecer, prometendo entrar à noite. Era assim que as coisas costumavam acontecer durante a estação das monções. — Entraremos em breve, — disse ele. — Acho que outros cinco minutos garantirão que Patches tire uma longa soneca esta tarde.

— Provavelmente, — ela concordou, depois se virou e voltou para dentro. O ar da cozinha ainda parecia confortavelmente morno, embora não por muito mais tempo. Quando Aldair chegava, ela verificava se estava tudo bem em ligar o ar condicionado. Ela não sabia se funcionaria corretamente sem ele lá para ver.

Do lado de fora veio outro latido animado de Patches, e Jillian balançou a cabeça. Obviamente, o cachorro não achou nada estranho sobre a situação deles, mas ela não sabia o que deveria pensar. Por alguns minutos, a vida parecia divertida, normal. E estranhamente doméstico.

Ela decidiu que provavelmente era melhor não pensar nisso.



FORBIDDEN

Como Aldair havia adivinhado, o cachorro adormeceu no tapete da sala alguns minutos depois de entrar. Ele parou para engolir o que parecia ser quase metade do conteúdo da tigela de água que Jillian havia pensado para ele, olhou para o chão por um curto período de tempo, caso algo interessante para comer tivesse sido jogado lá e depois desabou em êxtase exaustão logo depois.

Era bom que ele tivesse água, mas ele precisaria de comida quando acordasse. Aldair estendeu a mão com o sexto sentido que todos os djinn tinham, buscando algo que o cão pudesse consumir. Como se viu, ele não precisou olhar muito longe, pois parecia que muitas das famílias tinham comida de cachorro em suas despensas, além de enlatados e produtos secos. Ele convocou uma bolsa grande e fechada de uma casa em ruínas no cânion, depois a abriu e despejou uma medida em uma tigela que buscava no armário.

No barulho da comida seca dentro da tigela, Patches veio correndo, todo abanando a cauda e sorrindo animado. Ele colocou a cabeça na tigela e começou a triturar um pouco, assim como Jillian apareceu na porta da cozinha.

— Então você encontrou alguns.

CHRISTINE POPE

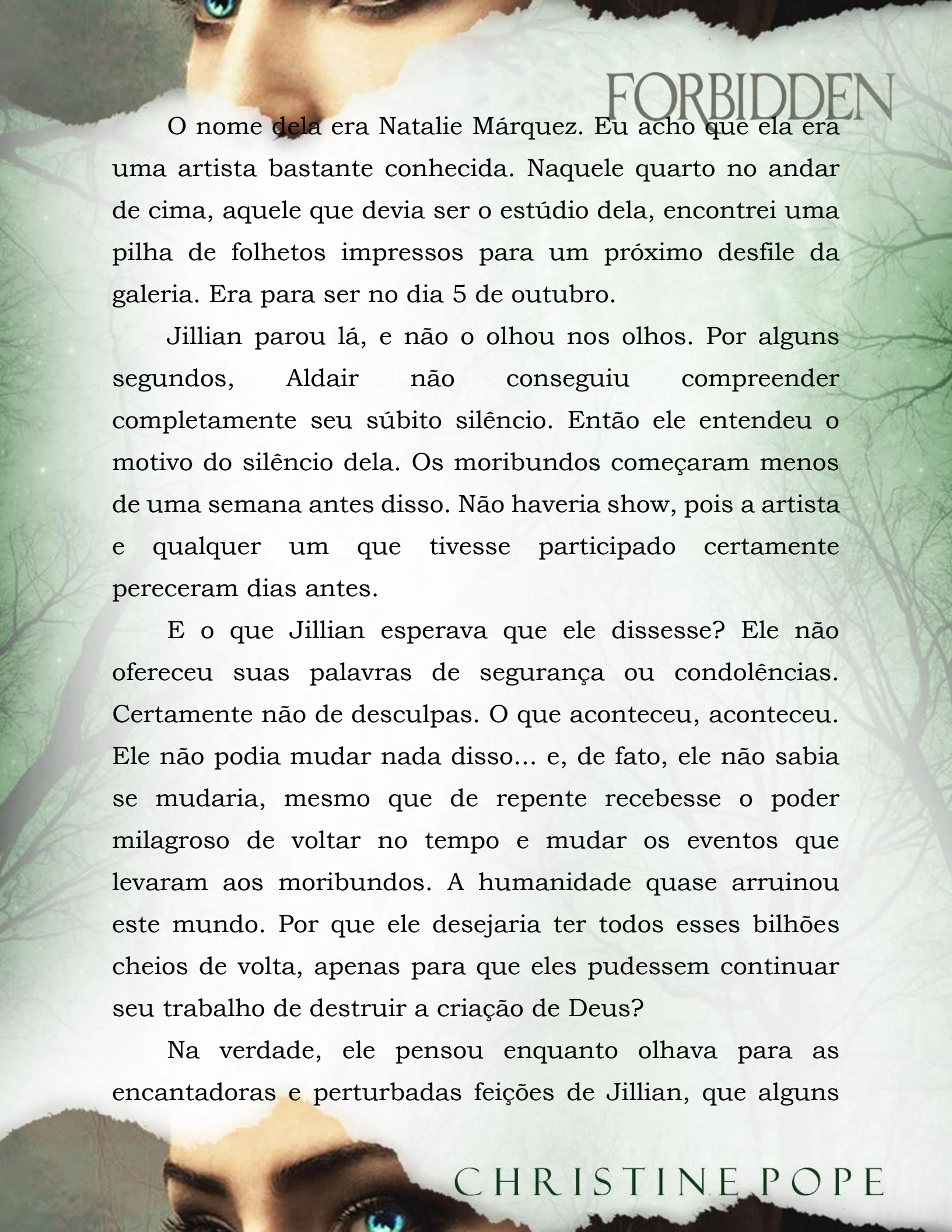
— Sim. Há muita coisa disponível na cidade. Sua ideia de procurar comida de cachorro aqui foi boa, embora eu acreditei ter poupado você de caminhar sob o sol quente.

— Você fez. — A cabeça dela inclinou-se levemente com as palavras dele, como se não tivesse certeza do por que ele lhe mostraria tanta solicitude. — Ainda não sei por que fomos vasculhar essas lojas se você pudesse trazer qualquer coisa que precisássemos diretamente aqui.

— Às vezes é bom ver as coisas por si mesmo, — respondeu ele. Não conheço esta cidade. Agora eu sei um pouco melhor. Ele ergueu uma sobrancelha para ela e se permitiu dar a ela um novo conjunto de olhar penetrante. — Além disso, eu não achei que você gostaria que eu escolhesse suas novas roupas.

Um rubor subiu por suas bochechas, uma que ele não achou que pudesse ser atribuída inteiramente ao sol a que fora exposta pouco tempo antes. — Não, suponho que seja algo que precise fazer por conta própria. — Parecendo se recompor, ela continuou: — Eu descobri a quem essa casa pertencia.

— De fato? — Ele perguntou, tentando parecer educado. Na verdade, ele não conseguia pensar por que isso importava. Quem quer que tenha morado aqui, eles se foram há muito tempo.



FORBIDDEN

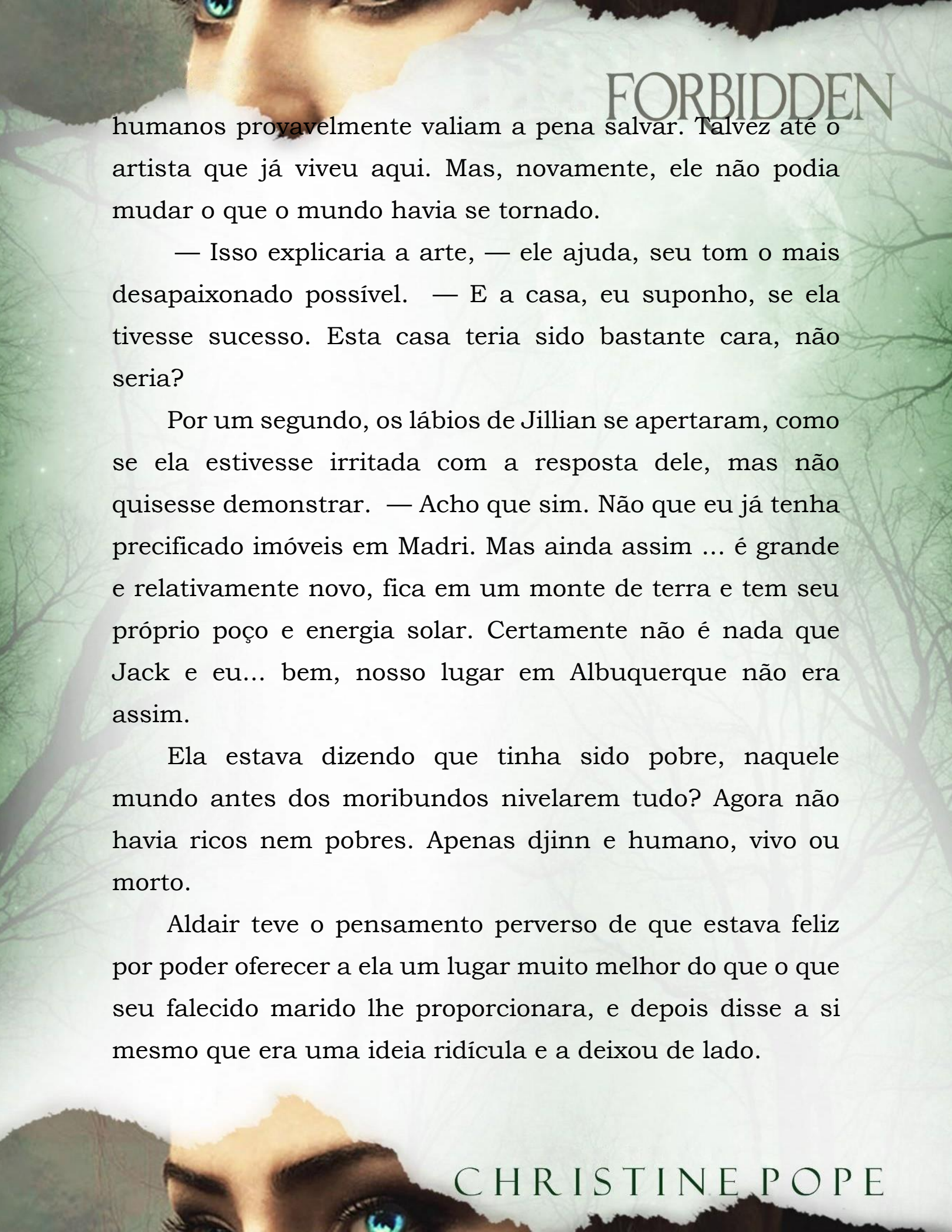
O nome dela era Natalie Márquez. Eu acho que ela era uma artista bastante conhecida. Naquele quarto no andar de cima, aquele que devia ser o estúdio dela, encontrei uma pilha de folhetos impressos para um próximo desfile da galeria. Era para ser no dia 5 de outubro.

Jillian parou lá, e não o olhou nos olhos. Por alguns segundos, Aldair não conseguiu compreender completamente seu súbito silêncio. Então ele entendeu o motivo do silêncio dela. Os moribundos começaram menos de uma semana antes disso. Não haveria show, pois a artista e qualquer um que tivesse participado certamente pereceram dias antes.

E o que Jillian esperava que ele dissesse? Ele não ofereceu suas palavras de segurança ou condolências. Certamente não de desculpas. O que aconteceu, aconteceu. Ele não podia mudar nada disso... e, de fato, ele não sabia se mudaria, mesmo que de repente recebesse o poder milagroso de voltar no tempo e mudar os eventos que levaram aos moribundos. A humanidade quase arruinou este mundo. Por que ele desejaria ter todos esses bilhões cheios de volta, apenas para que eles pudessem continuar seu trabalho de destruir a criação de Deus?

Na verdade, ele pensou enquanto olhava para as encantadoras e perturbadas feições de Jillian, que alguns

CHRISTINE POPE

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a white, torn-paper-like border. The woman has dark hair and striking blue eyes. The background behind her face is a lush green, with silhouettes of trees and foliage. The word "FORBIDDEN" is written in a large, serif font in the upper right corner.

FORBIDDEN

humanos provavelmente valiam a pena salvar. Talvez até o artista que já viveu aqui. Mas, novamente, ele não podia mudar o que o mundo havia se tornado.

— Isso explicaria a arte, — ele ajuda, seu tom o mais desapaixonado possível. — E a casa, eu suponho, se ela tivesse sucesso. Esta casa teria sido bastante cara, não seria?

Por um segundo, os lábios de Jillian se apertaram, como se ela estivesse irritada com a resposta dele, mas não quisesse demonstrar. — Acho que sim. Não que eu já tenha precificado imóveis em Madri. Mas ainda assim ... é grande e relativamente novo, fica em um monte de terra e tem seu próprio poço e energia solar. Certamente não é nada que Jack e eu... bem, nosso lugar em Albuquerque não era assim.

Ela estava dizendo que tinha sido pobre, naquele mundo antes dos moribundos nivelarem tudo? Agora não havia ricos nem pobres. Apenas djinn e humano, vivo ou morto.

Aldair teve o pensamento perverso de que estava feliz por poder oferecer a ela um lugar muito melhor do que o que seu falecido marido lhe proporcionara, e depois disse a si mesmo que era uma ideia ridícula e a deixou de lado.

A close-up of a woman's face, focusing on her eyes and nose. She has dark hair and striking blue eyes. The image is partially obscured by a white, torn-paper-like border.

CHRISTINE POPE

— É adequado às nossas necessidades, — admitiu, embora não dissesse mais nada.

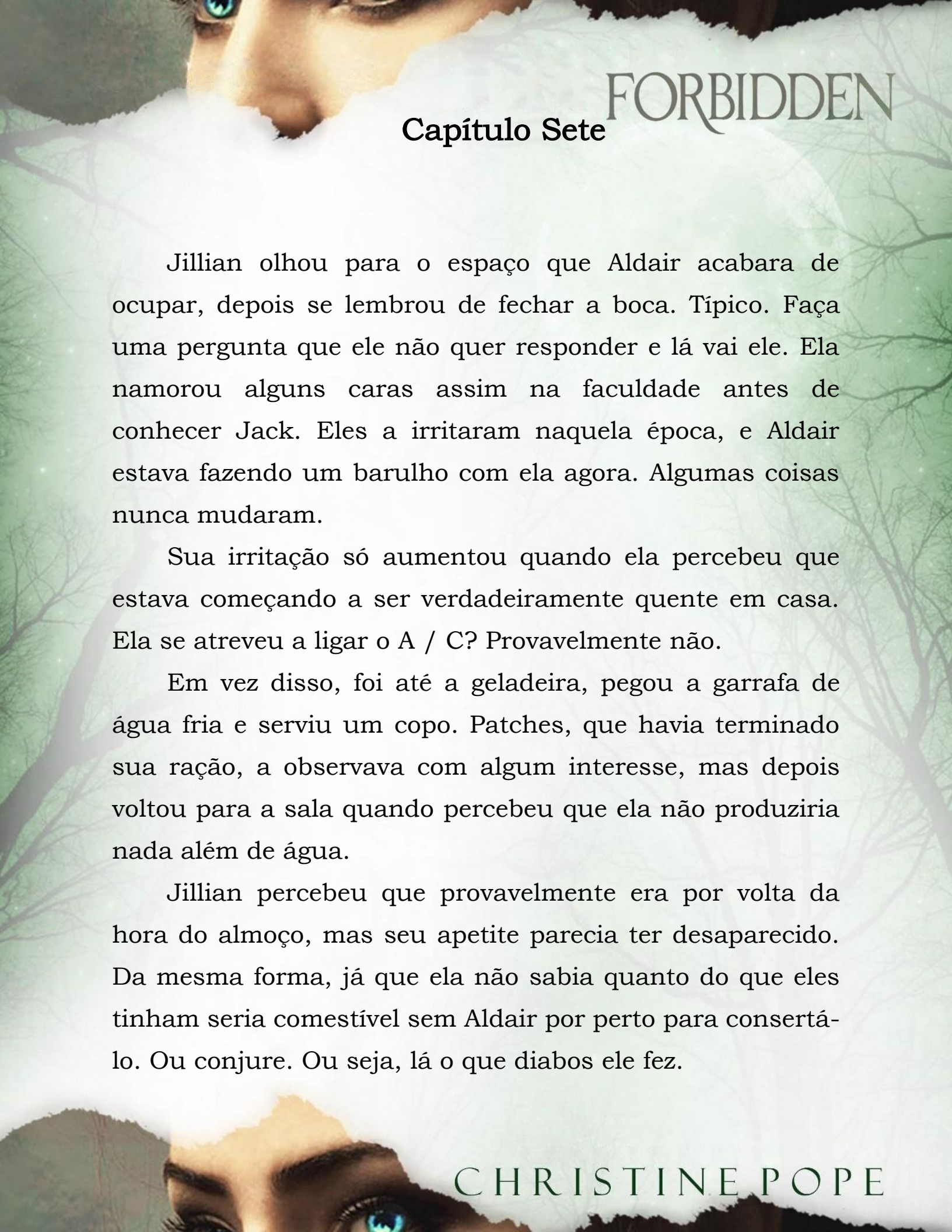
Mas mesmo que a declaração inofensiva pareceu irritá-la. Mais uma vez ele viu o aperto de sua boca e suas sobrancelhas se uniram. — E quais *são* exatamente *as* nossas necessidades, Aldair? Quanto tempo você planeja ficar aqui?

Outra pergunta não dita pairou no ar. *Quanto tempo você pretende me manter aqui?*

Ele não respondeu, pois não se conhecia. Ele só sabia que era muito cedo para libertá-la, ou para ele sair daquele lugar. Se ele se aproximasse demais de Santa Fé, o djinn de lá certamente detectaria sua presença.

— Enquanto for necessário, — disse ele secamente. Como os lábios dela se separaram um pouco, ele sabia que ela não ia deixar passar, iria fazer outra pergunta infernal. Irritado com a persistência dela, ele piscou para o lugar que ela chamara de Mine Shaft antes que ela pudesse fazer mais perguntas.

Ele poderia ter sido um djinn, mas naquele momento estava experimentando um desejo humano demais de tomar uma bebida.



FORBIDDEN

Capítulo Sete

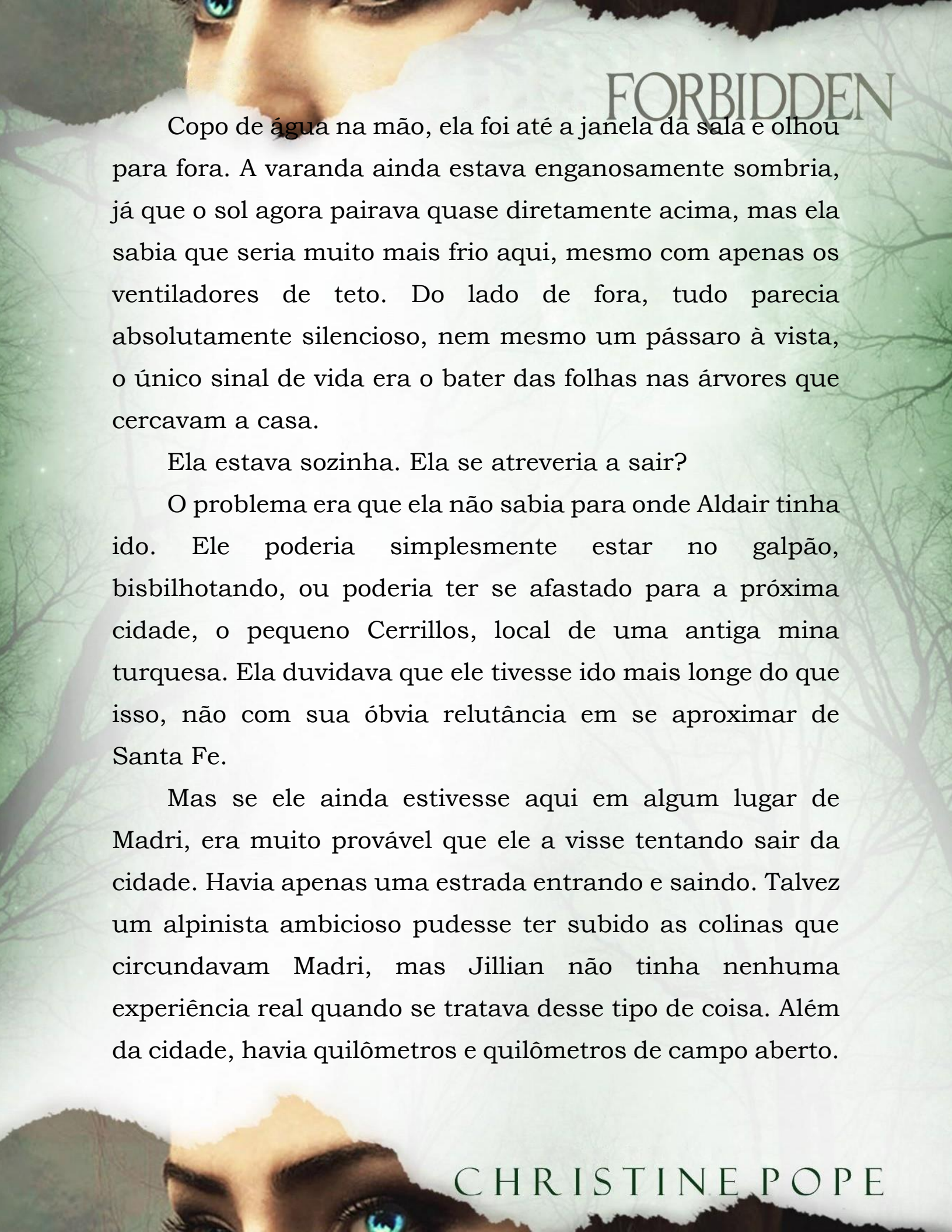
Jillian olhou para o espaço que Aldair acabara de ocupar, depois se lembrou de fechar a boca. Típico. Faça uma pergunta que ele não quer responder e lá vai ele. Ela namorou alguns caras assim na faculdade antes de conhecer Jack. Eles a irritaram naquela época, e Aldair estava fazendo um barulho com ela agora. Algumas coisas nunca mudaram.

Sua irritação só aumentou quando ela percebeu que estava começando a ser verdadeiramente quente em casa. Ela se atreveu a ligar o A / C? Provavelmente não.

Em vez disso, foi até a geladeira, pegou a garrafa de água fria e serviu um copo. Patches, que havia terminado sua ração, a observava com algum interesse, mas depois voltou para a sala quando percebeu que ela não produziria nada além de água.

Jillian percebeu que provavelmente era por volta da hora do almoço, mas seu apetite parecia ter desaparecido. Da mesma forma, já que ela não sabia quanto do que eles tinham seria comestível sem Aldair por perto para consertá-lo. Ou conjure. Ou seja, lá o que diabos ele fez.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Copo de água na mão, ela foi até a janela da sala e olhou para fora. A varanda ainda estava enganosamente sombria, já que o sol agora pairava quase diretamente acima, mas ela sabia que seria muito mais frio aqui, mesmo com apenas os ventiladores de teto. Do lado de fora, tudo parecia absolutamente silencioso, nem mesmo um pássaro à vista, o único sinal de vida era o bater das folhas nas árvores que cercavam a casa.

Ela estava sozinha. Ela se atreveria a sair?

O problema era que ela não sabia para onde Aldair tinha ido. Ele poderia simplesmente estar no galpão, bisbilhotando, ou poderia ter se afastado para a próxima cidade, o pequeno Cerrillos, local de uma antiga mina turquesa. Ela duvidava que ele tivesse ido mais longe do que isso, não com sua óbvia relutância em se aproximar de Santa Fe.

Mas se ele ainda estivesse aqui em algum lugar de Madri, era muito provável que ele a visse tentando sair da cidade. Havia apenas uma estrada entrando e saindo. Talvez um alpinista ambicioso pudesse ter subido as colinas que circundavam Madri, mas Jillian não tinha nenhuma experiência real quando se tratava desse tipo de coisa. Além da cidade, havia quilômetros e quilômetros de campo aberto.

CHRISTINE POPE

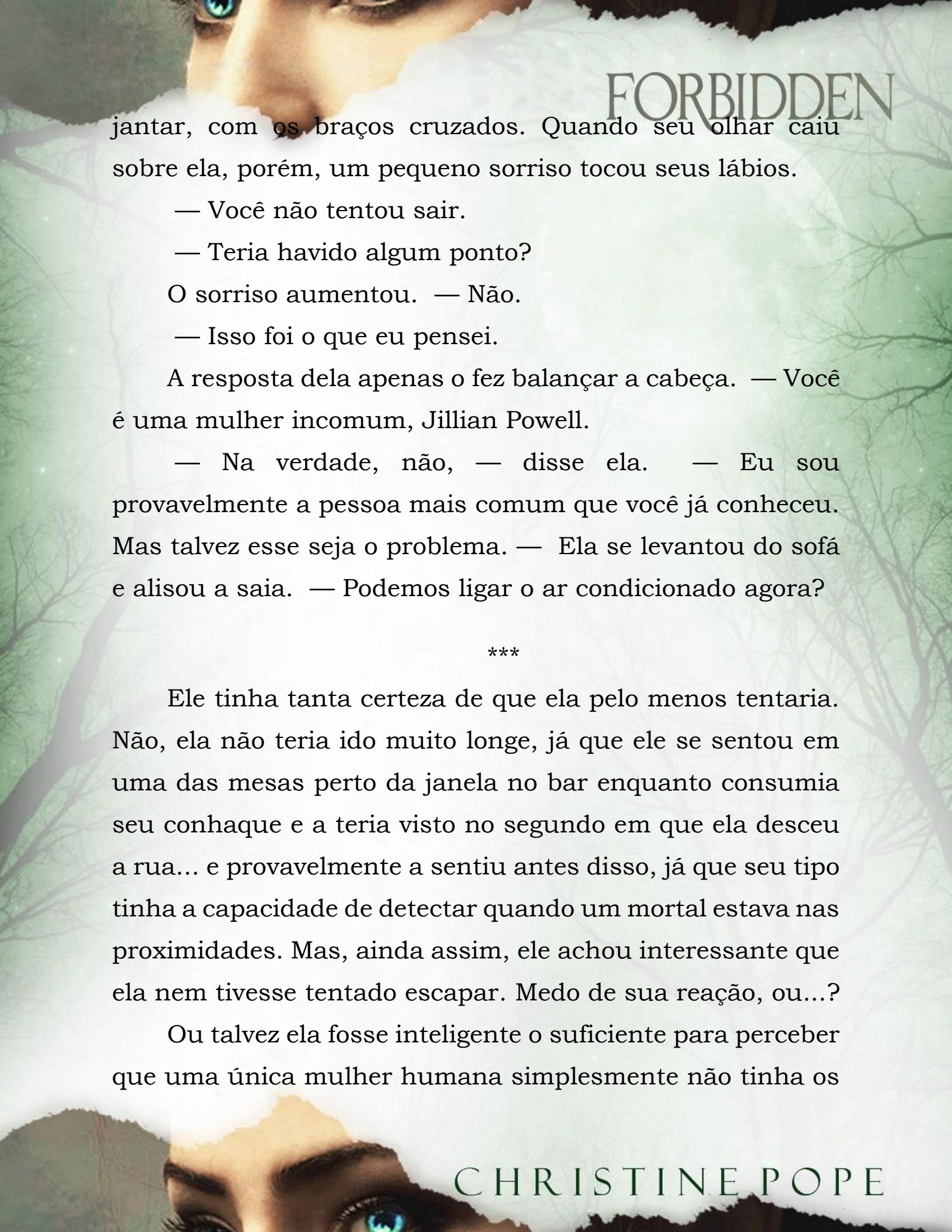
Provavelmente, ela vagaria até lá, perdidamente perdida, até Aldair alcançá-la... ou os coiotes.

Nenhuma das perspectivas parecia muito atraente. Um djinn zangado pode ser tão assustador - se não mais - quanto um maço de coiotes famintos.

Então ela se afastou da janela e sentou-se no sofá. Patches, que dormia a poucos metros de distância, abriu um olho e fechou-o novamente quando viu que ela não pretendia fazer nada mais interessante do que sentar no sofá.

Pelo menos aqui havia o ventilador de teto para impedir que as coisas ficassem muito desconfortáveis, e a varanda e as árvores logo depois também ajudavam a proteger parte da sala do brilho do final de agosto. Se tivessem sorte, as poucas nuvens que pairavam ao redor da área continuariam a se acumular e as tempestades se desenvolveriam para ajudar a diminuir o calor do dia.

Algum tempo se passou. Jillian não tinha certeza de quanto tempo, já que o relógio parado no manto perdia tempo. Estava muito escuro lá para ler, mas ela quase decidiu que pegaria algo da estante de livros no corredor do andar de cima e entraria na sala da família - que não era tão sombreada quanto a da sala de estar - quando o silêncio dá o espaço foi invadido por um pequeno *pop* estranho. Aldair estava parado na abertura do corredor que levava à sala de



FORBIDDEN

jantar, com os braços cruzados. Quando seu olhar caiu sobre ela, porém, um pequeno sorriso tocou seus lábios.

— Você não tentou sair.

— Teria havido algum ponto?

O sorriso aumentou. — Não.

— Isso foi o que eu pensei.

A resposta dela apenas o fez balançar a cabeça. — Você é uma mulher incomum, Jillian Powell.

— Na verdade, não, — disse ela. — Eu sou provavelmente a pessoa mais comum que você já conheceu. Mas talvez esse seja o problema. — Ela se levantou do sofá e alisou a saia. — Podemos ligar o ar condicionado agora?

Ele tinha tanta certeza de que ela pelo menos tentaria. Não, ela não teria ido muito longe, já que ele se sentou em uma das mesas perto da janela no bar enquanto consumia seu conhaque e a teria visto no segundo em que ela desceu a rua... e provavelmente a sentiu antes disso, já que seu tipo tinha a capacidade de detectar quando um mortal estava nas proximidades. Mas, ainda assim, ele achou interessante que ela nem tivesse tentado escapar. Medo de sua reação, ou...?

Ou talvez ela fosse inteligente o suficiente para perceber que uma única mulher humana simplesmente não tinha os

CHRISTINE POPE

recursos para superar um djinn, especialmente um elemento do ar como ele.

Qualquer que fosse sua medida de inteligência, não parecia suficiente para impedir que ela ficasse zangada com ele. Depois que ele ligou o sistema de refrigeração, ela agradeceu-lhe brevemente e depois subiu as escadas. Quase imediatamente depois, a porta do quarto foi fechada com força suficiente para ser quase um golpe, mas não exatamente.

Ele não se importava se ela estava brava com ele ou não. Ela realmente esperava que ele lhe dissesse a verdade? Como ele pôde, quando não sabia por quanto tempo eles permaneceriam aqui? Ele supôs que deveria estar feliz por ela não ter continuado a pressionar a questão, mas, em vez disso, se retirado para o quarto.

Onde ele imaginou que ela devia estar de mau humor agora. Não importa. Ela ainda estava aqui, e isso era importante. O refúgio deles não havia sido comprometido.

Jillian não parecia inclinada a descer, mesmo que a hora do meio-dia tivesse passado e ele assumisse que ela devia estar com fome. Mais uma vez, sua escolha se ela não queria comer. Ele foi em frente e preparou uma refeição leve de frutas, linguiça e pão, ao mesmo tempo dando alguns

pedaços para Patches, que assistiram a todo o procedimento com grande interesse e uma quantidade igual de esperança.

E depois ele foi para a sala, porque estava frio e escuro lá dentro, e ele precisava pensar. Mais do que tudo, ele queria saber o que estava acontecendo em Santa Fé durante sua ausência, e também em Los Alamos. Claramente, a comunidade de sobreviventes ainda prosperou. Ele se perguntava se os dois assentamentos cooperavam de alguma forma ou se eles levavam existências inteiramente separadas. Provavelmente o primeiro, apenas porque sabia que Zahrias al-Harith possuía um coração mole e desejaria fornecer toda a ajuda que pudesse aos humanos que ainda viviam. Uma fraqueza, mas talvez uma que pudesse ser explorada, se Aldair pudesse apenas pensar na maneira correta de fazer as coisas.

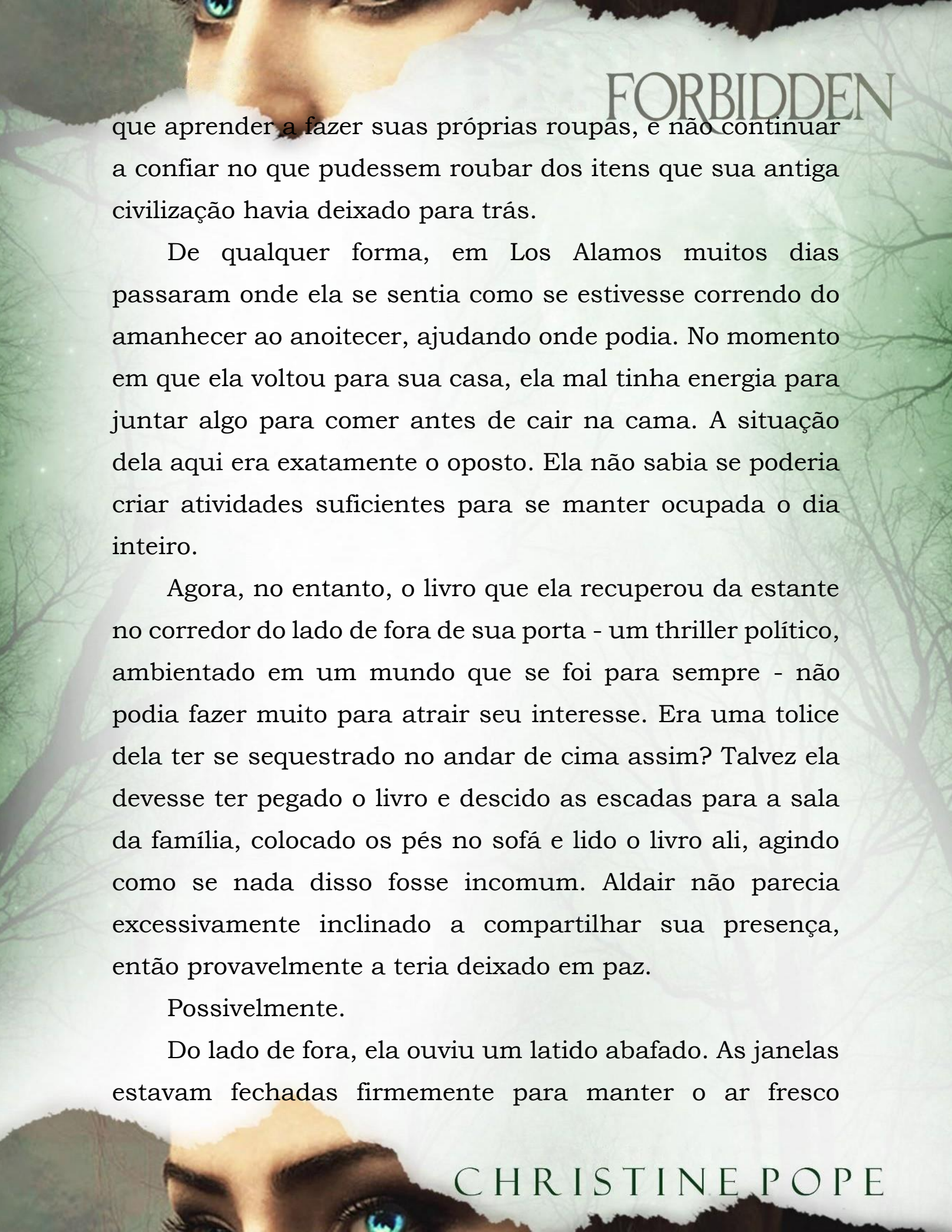
O que, ele decidiu, poderia ser melhor servido ao extrair mais informações de Jillian. Ela não tinha falado muito sobre Los Alamos, ou sobre sua vida lá, então ele teria que persuadir esses detalhes. Infelizmente, ela não parecia estar em um momento muito convincente no momento. Isso deve ser fácil o suficiente para remediar, no entanto.

Ele faria um bom jantar para ela e abriria um pouco do vinho que havia encontrado na cozinha. Os humanos não tinham nem perto da capacidade de conter álcool que os

djinn faziam, e então ele pensou que deveria ser capaz de colocá-la em um estado relaxado e de lances com facilidade. Então ela contaria o que ele precisava saber e ele poderia formular seus planos a partir daí. Provavelmente ela nem seria capaz de decifrar as verdadeiras razões dele para lhe dar uma refeição tão boa. Tudo do melhor. Ele não queria que os dois estivessem perpetuamente em desacordo. Ela pode não acreditar, mas ele não lhe desejou nenhum dano em particular. Ele só queria terminar com este lugar para poder recuperar sua vida.

E depois disso, ela poderia fazer o que quisesse com o dela.

Uma vez, Jillian ficaria feliz com o luxo de poder ler ininterruptamente por horas. Sempre havia muito o que fazer em Los Alamos - as longas horas que ela passava no laboratório e também o trabalho voluntário que fazia com as crianças. Ela não tinha o treinamento para ser professora, mas amava crianças e ajudava onde podia, ensinando-lhes algumas das peças que sua própria avó lhe ensinara. Com as coisas do jeito que estavam agora, costurar era uma habilidade que todos nós podíamos fazer um dia. Mais cedo ou mais tarde, os sobreviventes humanos do mundo teriam



FORBIDDEN

que aprender a fazer suas próprias roupas, e não continuar a confiar no que pudessem roubar dos itens que sua antiga civilização havia deixado para trás.

De qualquer forma, em Los Alamos muitos dias passaram onde ela se sentia como se estivesse correndo do amanhecer ao anoitecer, ajudando onde podia. No momento em que ela voltou para sua casa, ela mal tinha energia para juntar algo para comer antes de cair na cama. A situação dela aqui era exatamente o oposto. Ela não sabia se poderia criar atividades suficientes para se manter ocupada o dia inteiro.

Agora, no entanto, o livro que ela recuperou da estante no corredor do lado de fora de sua porta - um thriller político, ambientado em um mundo que se foi para sempre - não podia fazer muito para atrair seu interesse. Era uma tolice dela ter se sequestrado no andar de cima assim? Talvez ela devesse ter pegado o livro e descido as escadas para a sala da família, colocado os pés no sofá e lido o livro ali, agindo como se nada disso fosse incomum. Aldair não parecia excessivamente inclinado a compartilhar sua presença, então provavelmente a teria deixado em paz.

Possivelmente.

Do lado de fora, ela ouviu um latido abafado. As janelas estavam fechadas firmemente para manter o ar fresco

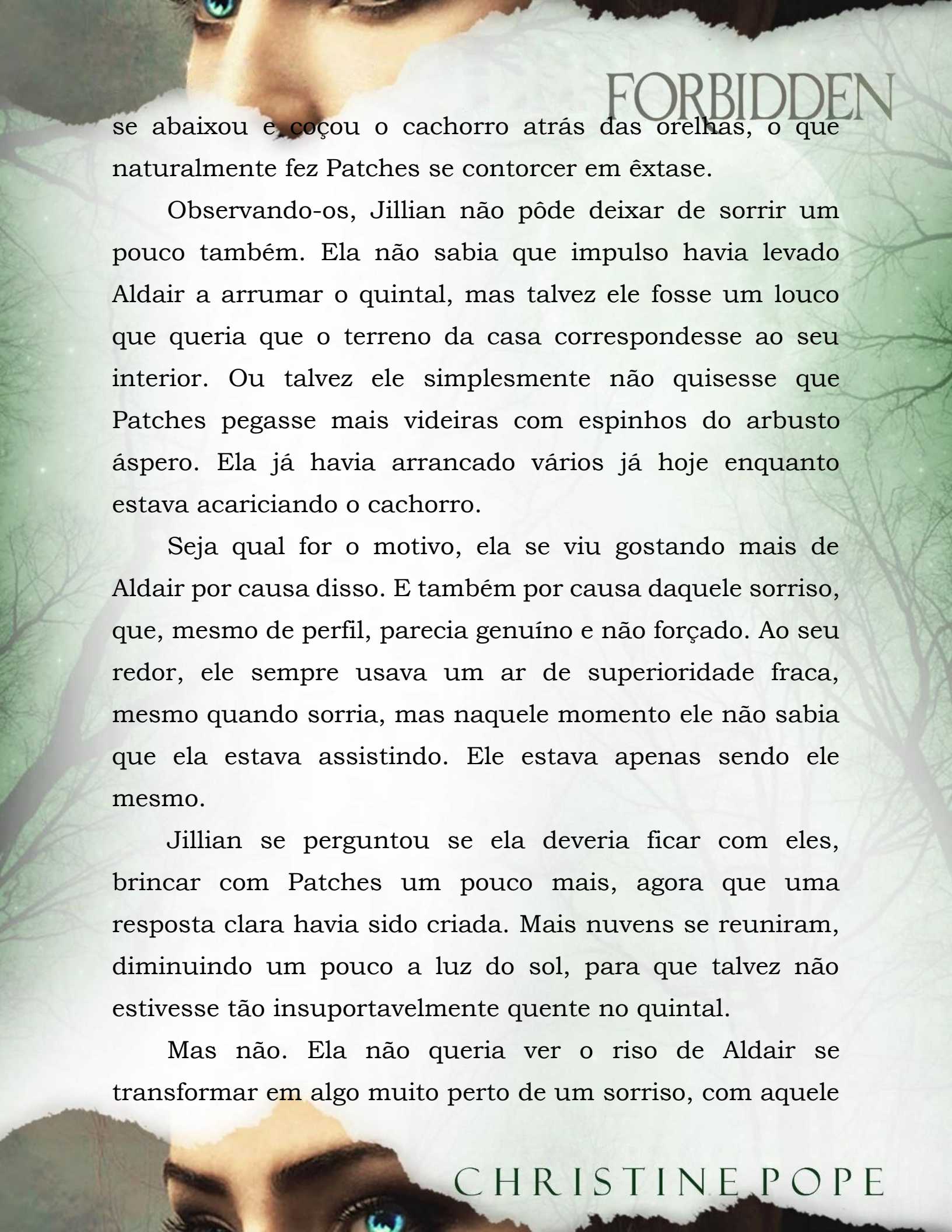
CHRISTINE POPE

dentro, mas não eram exatamente à prova de som. Jillian pousou o livro na cama e foi até a janela para poder espiar o quintal.

Aldair ficou lá, movendo as mãos em arcos graciosos para que ele pudesse... bem, a princípio ela não tinha certeza do que diabos ele estava fazendo. Então ele percebeu que, a cada movimento de suas mãos, outro punhado de ervas daninhas se achatava e caía no chão, como se estivesse usando o próprio ar como uma espécie de foice. Quando ele terminou uma área, a vegetação caída subiu ao ar em uma única massa e o se afastou do djinn, presumivelmente sendo enviado para a terra de ninguém além das linhas da propriedade.

Todo esse procedimento parecia fascinar Patches, que corria atrás das ervas daninhas enquanto se afastavam do quintal. Seu rabo balançava como um louco, e ele até atacou a vegetação transportada pelo ar, como se não tivesse muita certeza do que era, mas havia determinado que poderia muito bem deixá-lo saber que estava observando atentamente.

E Aldair - bem, ele ficou de perfil para ela, então ela não podia ver sua expressão completamente, mas ela pelo menos foi capaz de dizer que ele sorriu, e até pareceu rir quando Patches deu a volta e deu uma patada em sua perna. O djinn



FORBIDDEN

se abaixou e coçou o cachorro atrás das orelhas, o que naturalmente fez Patches se contorcer em êxtase.

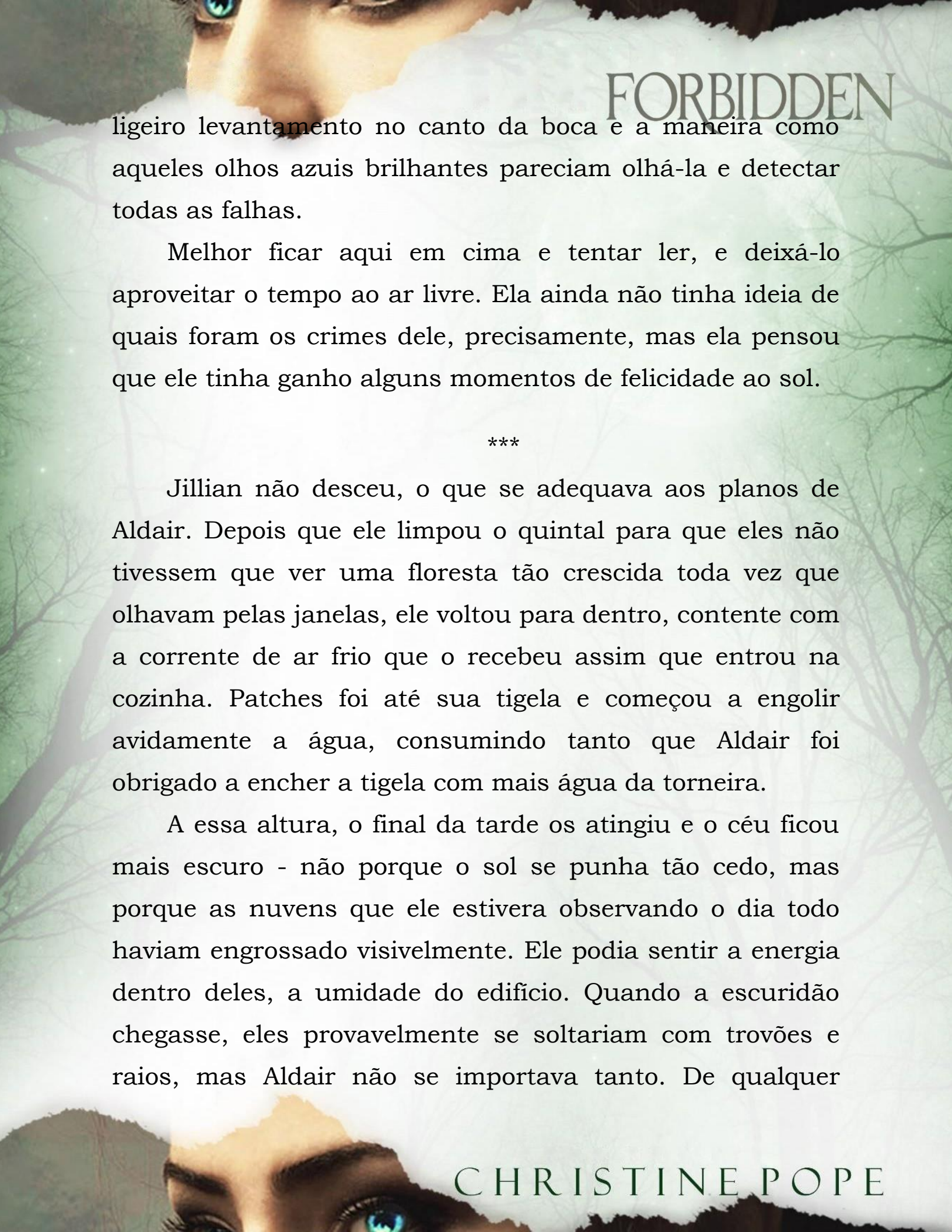
Observando-os, Jillian não pôde deixar de sorrir um pouco também. Ela não sabia que impulso havia levado Aldair a arrumar o quintal, mas talvez ele fosse um louco que queria que o terreno da casa correspondesse ao seu interior. Ou talvez ele simplesmente não quisesse que Patches pegasse mais videiras com espinhos do arbusto áspero. Ela já havia arrancado vários já hoje enquanto estava acariciando o cachorro.

Seja qual for o motivo, ela se viu gostando mais de Aldair por causa disso. E também por causa daquele sorriso, que, mesmo de perfil, parecia genuíno e não forçado. Ao seu redor, ele sempre usava um ar de superioridade fraca, mesmo quando sorria, mas naquele momento ele não sabia que ela estava assistindo. Ele estava apenas sendo ele mesmo.

Jillian se perguntou se ela deveria ficar com eles, brincar com Patches um pouco mais, agora que uma resposta clara havia sido criada. Mais nuvens se reuniram, diminuindo um pouco a luz do sol, para que talvez não estivesse tão insuportavelmente quente no quintal.

Mas não. Ela não queria ver o riso de Aldair se transformar em algo muito perto de um sorriso, com aquele

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

ligeiro levantamento no canto da boca e a maneira como aqueles olhos azuis brilhantes pareciam olhá-la e detectar todas as falhas.

Melhor ficar aqui em cima e tentar ler, e deixá-lo aproveitar o tempo ao ar livre. Ela ainda não tinha ideia de quais foram os crimes dele, precisamente, mas ela pensou que ele tinha ganho alguns momentos de felicidade ao sol.

Jillian não desceu, o que se adequava aos planos de Aldair. Depois que ele limpou o quintal para que eles não tivessem que ver uma floresta tão crescida toda vez que olhavam pelas janelas, ele voltou para dentro, contente com a corrente de ar frio que o recebeu assim que entrou na cozinha. Patches foi até sua tigela e começou a engolir avidamente a água, consumindo tanto que Aldair foi obrigado a encher a tigela com mais água da torneira.

A essa altura, o final da tarde os atingiu e o céu ficou mais escuro - não porque o sol se punha tão cedo, mas porque as nuvens que ele estivera observando o dia todo haviam engrossado visivelmente. Ele podia sentir a energia dentro deles, a umidade do edifício. Quando a escuridão chegasse, eles provavelmente se soltariam com trovões e raios, mas Aldair não se importava tanto. De qualquer

CHRISTINE POPE

forma, uma tempestade poderia criar uma atmosfera mais íntima para o jantar que ele planejava, uma sensação de que ele e Jillian estavam muito atraídos juntos neste local de abrigo.

Ele zombou dela pelas velas, mas na verdade ele pensou que elas o serviriam muito bem. O aparador da sala de jantar ostentava vários castiçais de várias formas, tamanhos e materiais - bronze escuro e cerâmica brilhando com esmaltes vermelho escuro e marrom, madeira esculpida e prata levemente manchada. Colocou-os sobre a mesa e o aparador e julgou o efeito bastante interessante.

Um pano de fundo para cobrir a mesa, bonito contra o grés escuro que o dono desta casa havia escolhido para ela. Talheres simples e pesados. Comparados aos estilos mais ornamentados de seu povo, esses itens poderiam ser considerados como falta de sofisticação, mas, quando vistos juntos, eles tinham um certo encanto. Ele esperava que Jillian os visse da mesma maneira.

O mesmo com a refeição que ele planejava servir. Nada muito elaborado, porque então ela poderia suspeitar que ele havia se esforçado demais, embora, é claro, ele não precisasse usar muita energia para reunir os componentes necessários. Ele não sabia o que comiam em Los Alamos, mas certamente ela deveria receber um jantar de frango

assado, arroz de amêndoa e abóbora com molho de endro de manteiga.

No meio desses preparativos, ele fez uma pausa para permitir que Patches saíssem para que ele pudesse se aliviar antes da tempestade. O cachorro correu para fora, farejou o quintal recém-limpo outra vez e depois cuidou das coisas antes de voltar para dentro. Nem um momento, pois ele entrou na cozinha no momento em que o primeiro trovão ecoou.

Boa. Aldair olhou para a sala de jantar uma última vez, garantiu a si mesmo que tudo parecia bem e depois subiu as escadas para poder bater na porta de Jillian.

Ela não respondeu imediatamente, e ele se perguntou se ela ainda estava irritada por ele ter desaparecido no poço para evitar suas perguntas. A opinião dela não importava muito para ele, mas ele queria evitar ter que convencê-la a sair do quarto.

Mas então a porta se abriu e ela olhou para ele, uma sobrancelha levantada em um ângulo interrogativo. — O que foi?

— Está com fome? — Ele perguntou educadamente. Ele sabia que devia agir o mais agradável possível, para que ela tivesse menos motivos para se opor. — Porque eu pensei

que você poderia gostar de um jantar, especialmente porque você não tinha nada para o almoço.

— Eu.... — Ela hesitou por um longo momento, tanto tempo que Aldair temeu que pudesse recusar, mesmo que isso certamente significasse que ela passaria fome. — Acho que devo comer alguma coisa. — O trovão caiu no alto e ela estremeceu. — Acho que não é o tipo de noite para ficar sozinho. —

Ela estava incomodada com a tempestade? Ela parecia como se fosse feita de coisas mais difíceis do que isso. De qualquer forma, ela concordou em vir comer, mesmo que de maneira bastante relutante. — Não, suponho que não. — E - Ele acrescentou astuciosamente, pensando que talvez apelasse o óbvio carinho dela pelo cachorro adotivo, — acho que Patches gostaria mais se estivéssemos lá embaixo com ele durante a tempestade.

Ela não suspirou, mas ele notou como ela soltou um pequeno suspiro. Um rápido olhar para trás, por cima do ombro, do livro que ela deixara deitado na cama, e ela assentiu. — Você provavelmente está certo. Meu cachorro Alfie não foi incomodado por trovões, mas eu sei que muitos cães são.

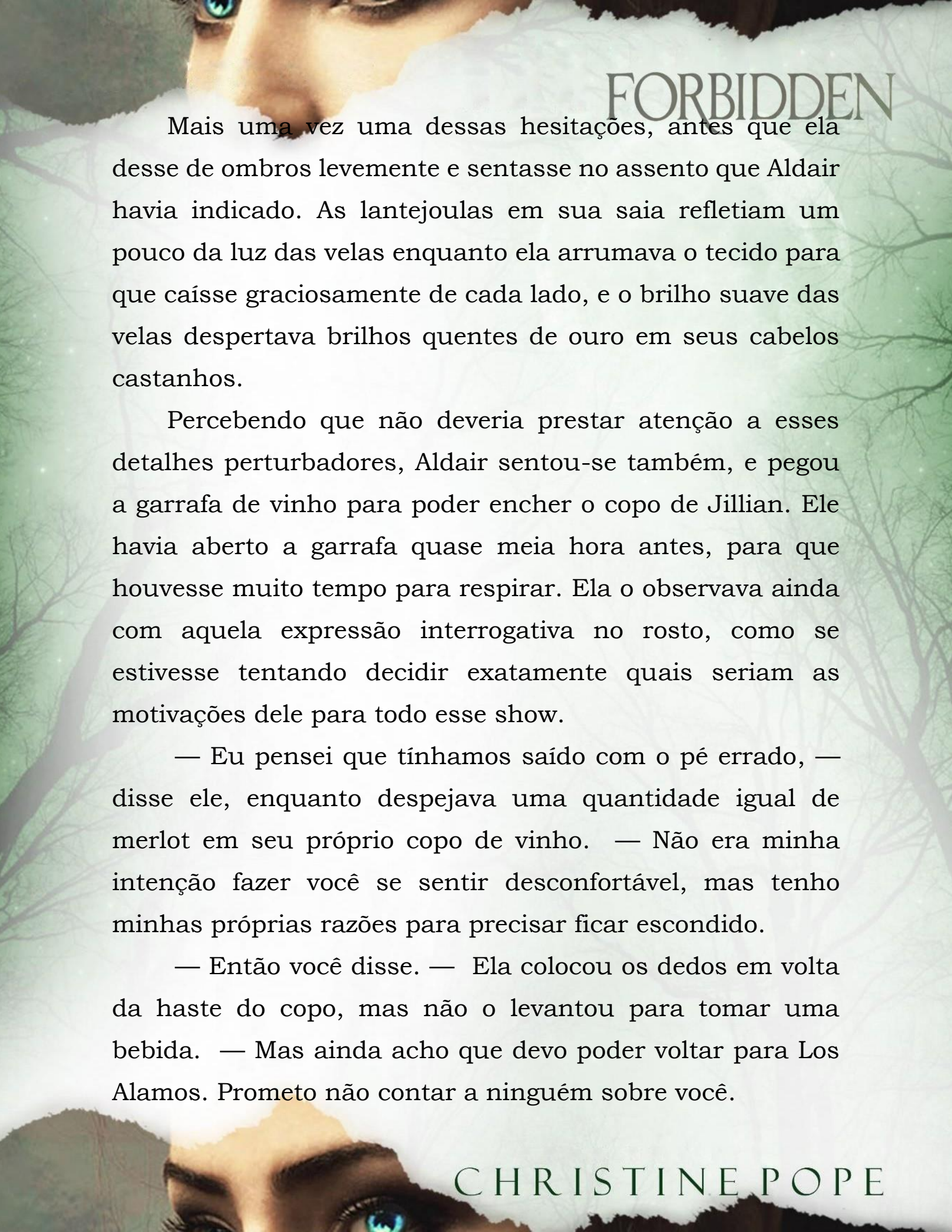
Aldair assentiu. — Então vamos descer as escadas.

Ele a levou para a sala de jantar. Todas aquelas velas criaram um brilho quente no espaço, brilhando no esmalte suave das grés e refletindo calorosamente das facas, garfos e colheres. As cortinas estavam fechadas, mas um relâmpago brilhava atrás deles, seguido por outro estrondo de trovão não muito tempo depois. Do alto, a chuva batia no telhado de metal, um rugido abafado, um tanto abafado por estarem dois andares acima deles.

— É adorável — disse Jillian, embora ela lhe desse um olhar meio desconfiado, como se tentasse determinar a motivação real por trás de tal propagação.

Não é uma sedução, garanto-lhe, pensou, embora pudesse ver por que ela poderia ter essa impressão. Certamente uma mulher tão amável quanto ela deveria ter recebido mais de uma tentativa de levá-la para a cama. No entanto, a única coisa que ele pretendia seduzir dela era mais informações.

— Por favor, sente-se, — ele disse, indicando a cadeira à direita da que estava na cabeceira da mesa. Ouvindo suas vozes, Patches entrou na sala. Ele não parecia terrivelmente desconfortável com a tempestade, mas se encolheu em um canto e os observou com expectativa, como se estivesse esperando o início do evento principal.



FORBIDDEN

Mais uma vez uma dessas hesitações, antes que ela desse de ombros levemente e sentasse no assento que Aldair havia indicado. As lantejoulas em sua saia refletiam um pouco da luz das velas enquanto ela arrumava o tecido para que caísse graciosamente de cada lado, e o brilho suave das velas despertava brilhos quentes de ouro em seus cabelos castanhos.

Percebendo que não deveria prestar atenção a esses detalhes perturbadores, Aldair sentou-se também, e pegou a garrafa de vinho para poder encher o copo de Jillian. Ele havia aberto a garrafa quase meia hora antes, para que houvesse muito tempo para respirar. Ela o observava ainda com aquela expressão interrogativa no rosto, como se estivesse tentando decidir exatamente quais seriam as motivações dele para todo esse show.

— Eu pensei que tínhamos saído com o pé errado, — disse ele, enquanto despejava uma quantidade igual de merlot em seu próprio copo de vinho. — Não era minha intenção fazer você se sentir desconfortável, mas tenho minhas próprias razões para precisar ficar escondido.

— Então você disse. — Ela colocou os dedos em volta da haste do copo, mas não o levantou para tomar uma bebida. — Mas ainda acho que devo poder voltar para Los Alamos. Prometo não contar a ninguém sobre você.

CHRISTINE POPE

Talvez ela não quisesse... ou pelo menos não pretendesse. Mas ele não podia confiar nela para manter a boca fechada indefinidamente. — Então, o que você diria a eles?

— Basicamente, o que realmente aconteceu... exceto que eu deixaria de fora a parte sobre os círculos externos e o conheceria. Só que o dispositivo funcionou mal e que eu me vi transportado quilômetros e quilômetros de distância e tive que encontrar meu caminho de volta para Los Alamos.

— E eles acreditariam nisso?

— Provavelmente. — Agora ela levou o copo aos lábios para tomar um gole. Os olhos dela se fecharam brevemente e ela assentiu, como se aprovasse a qualidade do vinho. — Por que eles não acreditam em mim? No que diz respeito a eles, eu não teria motivos para mentir. E eles não conseguiram muitos detalhes de mim, porque eu não sou um cientista. Até Miles não esperava que eu fosse capaz de explicar o que aconteceu.

— Miles, — repetiu Aldair. Ele já sabia que Miles Odekirk era o cientista que criara aquelas caixas diabólicas que repelem os djinns, mas é claro que Jillian não sabia disso.

— Ele era um cientista do Laboratório Los Alamos... antes. De qualquer forma, os dispositivos são sua invenção.

— Então, por que você estava trabalhando em um deles, se você não é um cientista?

Ela o lançou um olhar de soslaio, mas não era exatamente suspeito. Mais... envergonhado, por algum motivo estranho. — Porquê e eu sou boa com as mãos. Ou seja, sou boa em detalhes de trabalho, e foi isso que eles me fizeram fazer - montar coisas. Eu não sabia o que estava fazendo, na verdade não. Miles me daria um diagrama e eu o seguiria. — Ela parou por aí, o copo de vinho ainda em seu coração e um canto da boca se contraiu. — Você realmente pretendia jantar, ou isso era apenas uma desculpa para me trazer aqui e me encher de vinho?

— Meu perdão, — ele disse imediatamente. Pois ele estava tão decidido a abrir a conversa com ela que quase se esqueceu da comida. — Você deve estar faminta.

Ele acenou com a mão e o jantar que ele imaginou apareceu na frente deles, o frango marrom-dourado quente e cravejado de alecrim, o vapor subindo das tigelas de arroz e legumes. Um lanche estava sentado ao lado, um pano branco dobrado, revelando apenas uma pitada dos pães recém-assados embaixo.

Uma piscada assustada dos olhos cor de tempestade de Jillian, e então ela sorriu. — Eu deveria saber que não seria um problema para você. Isso parece incrível.

— Espero que você ache isso. — Virou-se para o frango na travessa e cortou um pedaço, equilibrando-o na ponta do garfo grande. — Seu prato, se você quiser?

Ela largou a taça de vinho para poder pegar o prato e estendê-lo em sua direção. Ele depositou o grande pedaço de peito para um lado, e ela se ocupou em encher o restante do prato com arroz e legumes, e finalmente um rolo.

Enquanto ela estava ocupada, ele cortou um pedaço maior para si mesmo e depois largou a porção de que faca de trincar. E depois que ela terminou os pratos, ele pegou uma porção de cada um deles também.

— Melhor? — Ele perguntou, uma vez que os dois pratos estavam cheios.

Ela estava prestes a dar uma mordida no frango; ela colocou na boca, mastigou e depois assentiu. — Muito melhor.

— Bom.

Aldair decidiu que pareceria mais natural se ele permitisse que ela comesse em silêncio por alguns momentos antes de fazer mais perguntas. Depois que ela tomou alguns bocados de tudo no prato e os lavou com vinho, ele disse: — Você já havia feito esse tipo de trabalho antes? Montar máquinas, quero dizer.

— Deus não. — Ela lhe ofereceu um sorrisinho triste.

— Eu sou boa em bordados. Minha avó - a mãe de minha mãe - me ensinou. Costurar, é claro, mas o que eu realmente preferia era ponto de agulha e ponto pequeno. Eu já ganhei uma fita azul na feira estadual uma vez. Suponho que parece uma coisa boba e antiquada de se fazer, mas eu gostei. De qualquer forma, porque eu estava acostumada a trabalhar em peças muito detalhadas em espaços pequenos e porque tinha uma visão muito boa, Miles pensou que seria uma boa pessoa para ajudá-lo no laboratório. Isso é tudo. Mas é também por isso que ele não seria capaz de obter detalhes técnicos sobre o acidente comigo. Eu não saberia o que começar a dizer a ele.

Essa explicação parecia plausível o suficiente. Ainda assim, Aldair não tinha como saber que Miles não continuaria pressionando Jillian para obter mais informações e que, eventualmente, ela não deixaria escapar algo que sabia, mesmo que não o fizesse por malícia.

Ele simplesmente não podia correr esse risco. — Suponho que não, — disse ele com cuidado. — Havia mais alguém que poderia fazer um trabalho semelhante?

— Lindsay ajudou, mas ela não era tão boa quanto eu.

— Lindsay? — O nome também parecia familiar, embora Aldair não conseguisse se lembrar exatamente quem ela era.

— Lindsay Adarian. Ou acho que Lindsay Odekirk agora, embora ela e Miles não sejam oficialmente casados. Mas, ainda assim, ela começou a passar por isso, porque eles vão ter um bebê em alguns meses.

Essa revelação foi suficiente para fazer girar a cabeça de Aldair. Agora ele se lembrava de onde ouvira o nome de Lindsay. Ela fora uma das escolhidas em Taos. Seu parceiro djinn era Rafi, que havia sido morto por alguns dos homens de Khalim quando ele tentou escapar para o outro mundo djinn em busca de ajuda. Sim, essa morte teria deixado Lindsay sozinha no mundo, sem um companheiro djinn, mas nunca em toda a sua vida Aldair pensaria que ela mudaria de um espécime magnífico como Rafi para aquele cientista decadente, Miles Odekirk. Ele era o tipo de homem que poderia ser quebrado pela metade por um djinn. Mas Lindsay havia transferido suas afeições para ele, estava tendo um filho com ele?

Claramente, muita coisa havia ocorrido durante aqueles meses em que Aldair estava preso nos círculos externos.

— Entendo, — disse ele, embora ainda não entendesse o que poderia ter atraído uma mulher bonita como Lindsay

Adarian para alguém como Miles Odekirk. — Vocês têm muitos filhos em Los Alamos?

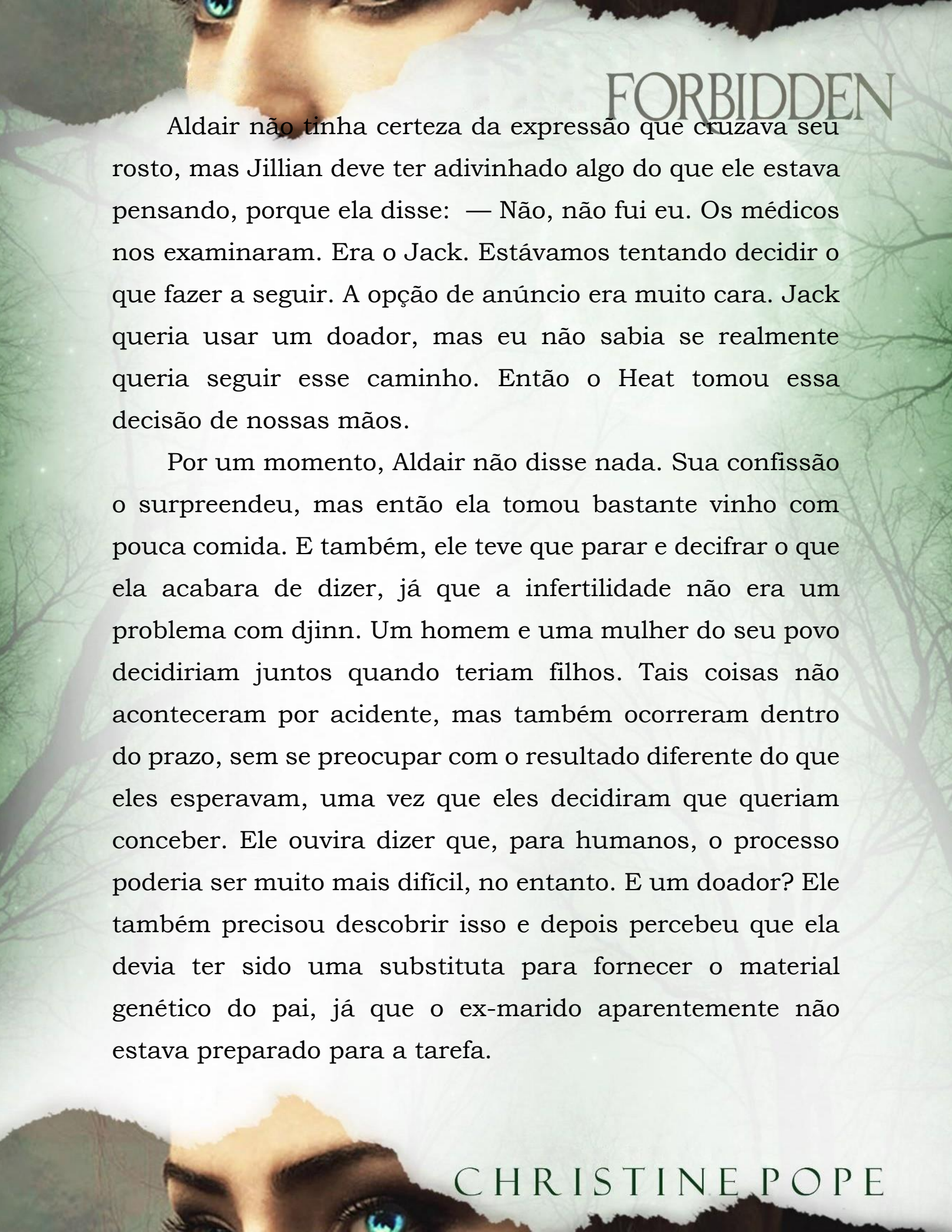
— Um pouco. — Jillian engoliu mais um pouco de vinho, seu olhar voltado para dentro, como se a pergunta a tivesse perturbado de alguma forma. — Havia nove deles entre os sobreviventes que chegaram primeiro, mas agora as pessoas começaram a ter bebês também. — Sua boca se apertou e ela bebeu novamente, tanto que Aldair se sentiu compelido a derramar outra medida de vinho em seu copo.

Ah, um assunto dolorido. Ela também perdeu um filho quando perdeu o marido? Mas ela não mencionara uma tragédia tão grande que a tocava, e Aldair achou que ela teria dito alguma coisa. Ele fez uma pausa, imaginando se deveria investigar a ferida e decidiu que poderia perguntar.

— Uma dessas crianças é sua?

Ela se assustou com a pergunta e depois balançou a cabeça. — Não. Eu - Jack e eu não tivemos filhos. Tentamos, mas....

Então ela era estéril? Infeliz... ou talvez não, dado o quão incerto o mundo era hoje em dia. Aldair não pôde deixar de se maravilhar com os sobreviventes humanos que se arriscariam a ter filhos, quando nenhum deles poderia ter certeza de que o escudo que Miles Odekirk havia inventado continuaria a mantê-los seguros.



FORBIDDEN

Aldair não tinha certeza da expressão que cruzava seu rosto, mas Jillian deve ter adivinhado algo do que ele estava pensando, porque ela disse: — Não, não fui eu. Os médicos nos examinaram. Era o Jack. Estávamos tentando decidir o que fazer a seguir. A opção de anúncio era muito cara. Jack queria usar um doador, mas eu não sabia se realmente queria seguir esse caminho. Então o Heat tomou essa decisão de nossas mãos.

Por um momento, Aldair não disse nada. Sua confissão o surpreendeu, mas então ela tomou bastante vinho com pouca comida. E também, ele teve que parar e decifrar o que ela acabara de dizer, já que a infertilidade não era um problema com djinn. Um homem e uma mulher do seu povo decidiriam juntos quando teriam filhos. Tais coisas não aconteceram por acidente, mas também ocorreram dentro do prazo, sem se preocupar com o resultado diferente do que eles esperavam, uma vez que eles decidiram que queriam conceber. Ele ouvira dizer que, para humanos, o processo poderia ser muito mais difícil, no entanto. E um doador? Ele também precisou descobrir isso e depois percebeu que ela devia ter sido uma substituta para fornecer o material genético do pai, já que o ex-marido aparentemente não estava preparado para a tarefa.

CHRISTINE POPE

Ela acreditaria nele se ele murmurasse alguma palavra de simpatia? Provavelmente não. Mesmo agora, ela estava sentada, com uma expressão perturbada e fechada, como se tivesse percebido que acabara de dizer muito mais do que deveria.

— Isso é... lamentável, — ele permitiu finalmente. — Mas talvez uma bênção no final. A imunidade ao calor não era genética. Mas pelo menos a doença também se apagou do mundo depois de ter cumprido sua função.

— Nós adivinhávamos, — disse ela, ainda parecendo muito pedregosa e fria. Ela não olhou para ele e acrescentou: — Isto é, parecia lógico para nós, considerando que nenhuma família sobreviveu juntos e, no entanto, as crianças nascidas depois eram saudáveis o suficiente. — Uma breve hesitação, e então ela disse: — Posso comer mais frango, por favor?

Ele cortou mais o peito e o depositou no prato dela, depois observou enquanto ela comia em silêncio, seu olhar ainda obviamente desviado dele. Ele a irritou de alguma forma ou suas perguntas trouxeram lembranças que ela preferiria evitar?

— Desculpe, — disse ela depois de alguns minutos desconfortáveis. — Eu tentei muito não pensar em nada disso.

— Está tudo bem, — respondeu ele, mais para tranquilizá-la do que porque as palavras eram realmente verdadeiras.

— É isso? — Ela largou o garfo e finalmente olhou para ele - *realmente* olhou para ele, seu olhar encontrando o dele. — Eu deveria esquecer isso. Jack se foi. Não posso mudar nada sobre o que poderia ter sido. — Ela pegou seu copo de vinho, mas não bebeu; em vez disso, segurou-o embalado na palma da mão. — Então, por que não conversamos sobre você por um tempo?

— Receio que isso seja um assunto muito chato.

Uma sobrancelha levantou um pouco. — Acho isso difícil de acreditar. Vou lhe dizer uma coisa, Aldair. — Acrescentou ela, inclinando-se um pouco para ele. — Você me diz algo sobre você, e eu não vou incomodá-lo por me deixar voltar a Los Alamos por... bem, digamos um dia. Combinado?

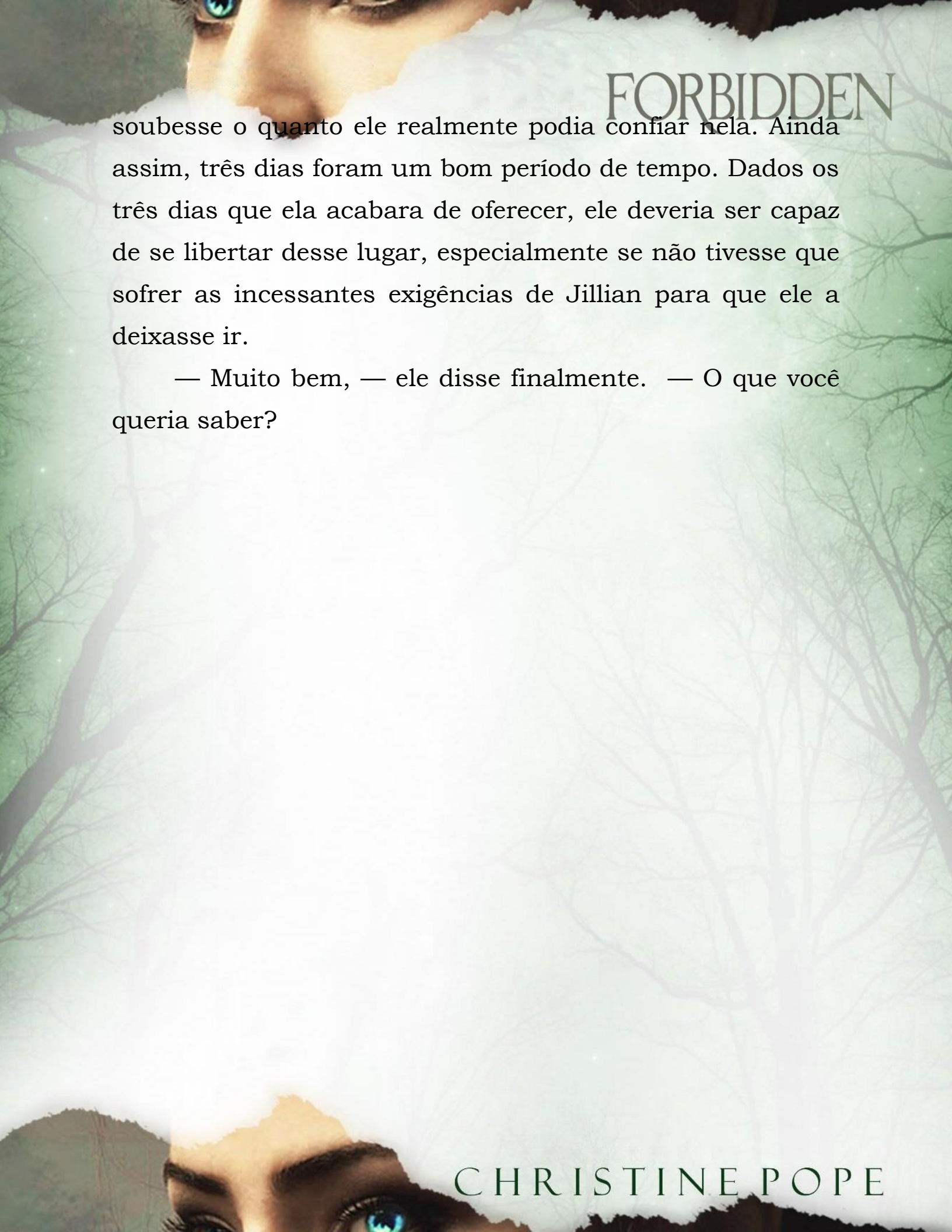
Ele não gostou do som disso. — Apenas um dia?

— Dois dias?

Foi a vez dele de levantar uma sobrancelha.

— Três, — ela admitiu. — Eu acho que isso está sendo bastante generoso.

Ele a observou cuidadosamente por um momento. Ela olhou de volta para ele, expressão inocente, embora ele não

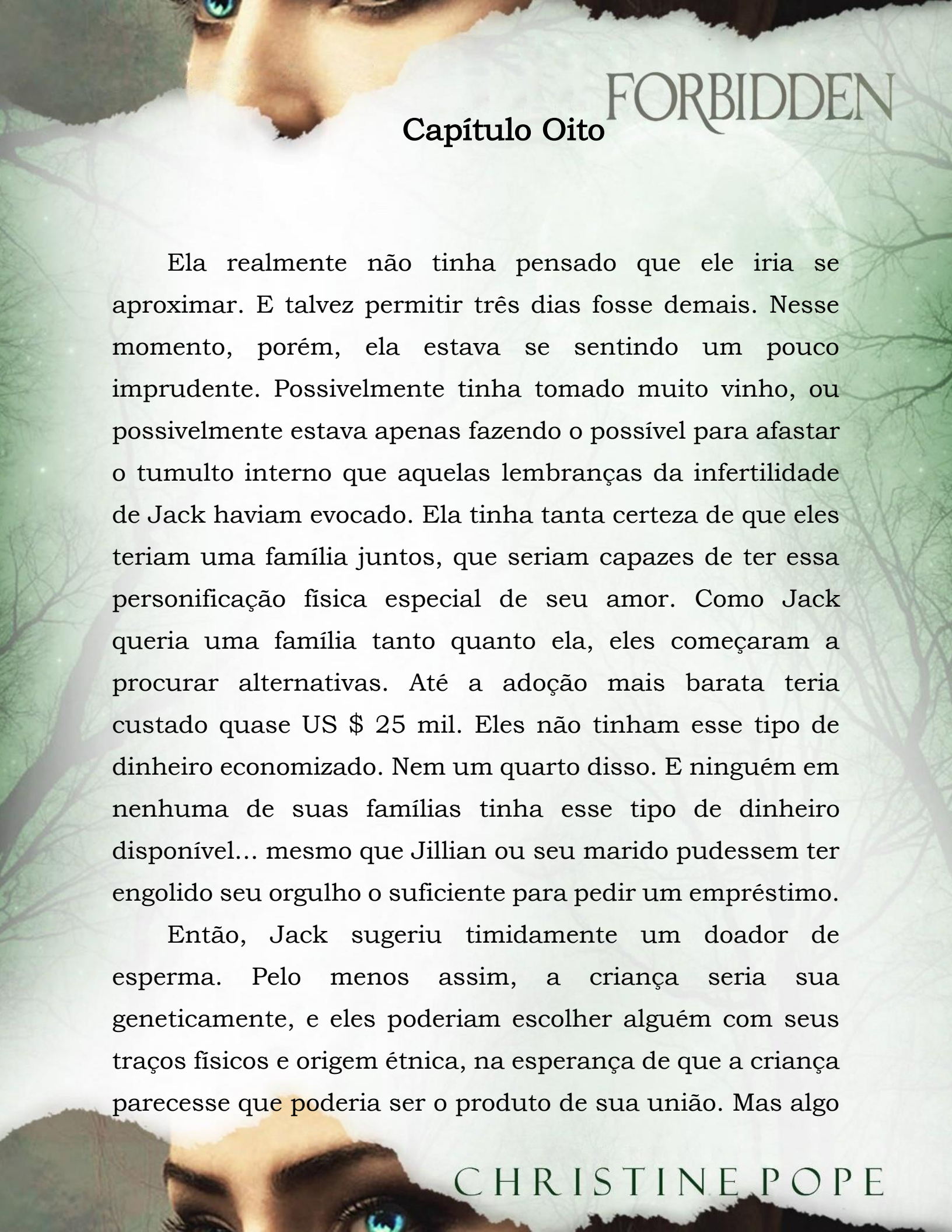


FORBIDDEN

soubesse o quanto ele realmente podia confiar nela. Ainda assim, três dias foram um bom período de tempo. Dados os três dias que ela acabara de oferecer, ele deveria ser capaz de se libertar desse lugar, especialmente se não tivesse que sofrer as incessantes exigências de Jillian para que ele a deixasse ir.

— Muito bem, — ele disse finalmente. — O que você queria saber?

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Capítulo Oito

Ela realmente não tinha pensado que ele iria se aproximar. E talvez permitir três dias fosse demais. Nesse momento, porém, ela estava se sentindo um pouco imprudente. Possivelmente tinha tomado muito vinho, ou possivelmente estava apenas fazendo o possível para afastar o tumulto interno que aquelas lembranças da infertilidade de Jack haviam evocado. Ela tinha tanta certeza de que eles teriam uma família juntos, que seriam capazes de ter essa personificação física especial de seu amor. Como Jack queria uma família tanto quanto ela, eles começaram a procurar alternativas. Até a adoção mais barata teria custado quase US \$ 25 mil. Eles não tinham esse tipo de dinheiro economizado. Nem um quarto disso. E ninguém em nenhuma de suas famílias tinha esse tipo de dinheiro disponível... mesmo que Jillian ou seu marido pudessem ter engolido seu orgulho o suficiente para pedir um empréstimo.

Então, Jack sugeriu timidamente um doador de esperma. Pelo menos assim, a criança seria sua geneticamente, e eles poderiam escolher alguém com seus traços físicos e origem étnica, na esperança de que a criança parecesse que poderia ser o produto de sua união. Mas algo

CHRISTINE POPE

em Jillian havia se recusado com a ideia. Ela não queria o filho de outro homem. Ela queria o bebê de Jack. Salvo isso, melhor uma criança que precisasse de um lar, em vez de tentar criar alguém que pudesse convencer seus amigos e vizinhos a pensar que a criança havia sido concebida naturalmente. Na sua opinião, a adoção teria sido melhor... se eles tivessem o dinheiro.

De qualquer forma, ela não tinha certeza do que a fez deixar essa confissão para Aldair, entre todas as pessoas, mas não podia voltar atrás agora. Tampouco poderia retomar a barganha que acabara de fazer com ele... se ela quisesse. Afinal, ele ficou extremamente calado o tempo todo, e ela definitivamente queria aprender mais sobre ele.

— Você disse que os djinn em Santa Fé sabem quem você é, — ela se aventurou, e ele assentiu.

— Eu morei entre eles por um tempo, mas não em Santa Fe. Eles primeiro se estabeleceram em Taos e depois se mudaram para sua capital depois que nossos anciãos disseram que eles não poderiam permanecer em Taos, afinal.

— Por que eles não ficam lá?

O olhar de Aldair se afastou do dela. — Digamos apenas que um certo poder existe naquela região, um poder que vem da terra. É o tipo de poder que poderia dar a um grupo de

djinn uma vantagem injusta, caso decidissem explorar seus segredos. Os anciãos decidiram que era melhor que nenhum djinn pudesse morar lá, e então o grupo se mudou para Santa Fé.

— E você foi com eles?

— Não. — Os músculos de sua mandíbula se contraíram, mas ele respondeu uniformemente: — Até então, eu já estava exilado.

Jillian se permitiu digerir sua afirmação por um momento. Estava claro o suficiente para ela que Aldair não gostara muito de divulgar aquele pequeno detalhe - mas, tanto quanto ela podia dizer, ele havia lhe dito a verdade. Então, ele estava fazendo algo para manter o fim da pechincha.

Tudo bem, então ele esteve em Taos com os membros do grupo lá. Mas pelo que ela ouviu, todos aqueles djinn foram combinados com humanos, seus Escolhidos. Isso significava que Aldair tinha um parceiro lá atrás? O que aconteceu com ela quando ele foi enviado para os círculos externos?

— Você estava com o djinn em Taos, — disse ela lentamente, enquanto tentava decidir a melhor maneira de formular a pergunta. — Então isso significa que você deve ter sido outro objeter de consciência.

— Um dos mil, sim. — Novamente com a mandíbula cerrada. Sim, ele estava lhe dando as respostas que ela queria, mas ela podia dizer que ele não gostou muito.

— E você teve um escolhido.

Ele soltou um suspiro, depois pegou seu copo de vinho e bebeu, engolindo tanto que quase esvaziou o copo. Não que o copo permanecesse vazio por muito tempo, desde que ele pegou a garrafa de vinho e substituiu o que acabara de consumir. A luz das velas não revelou tudo, suavizou as bordas da sala e emprestou um brilho mágico ao espaço, mas Jillian poderia dizer que eles quase terminaram a garrafa.

Ela tinha a sensação de que ele convocaria outro assim que isso acontecesse.

— Sim, — ele disse finalmente, a única sílaba tão relutante que ela ficou uma tanta surpresa que ele a pronunciou.

— O que aconteceu com ela?

— Eu não sei. Eu não estava em posição de saber nada do que estava acontecendo aqui no seu mundo depois que fui banido para os círculos externos.

O que os levou à pergunta que ela mais queria fazer. — Então... por que exatamente você *foi* banido?

Os dedos da mão livre tamborilaram na mesa. — Acho que estou cansado deste jogo. Eu acho que o que eu disse a você vale pelo menos dois dias livres de sua importação. Devemos deixar aqui, eu acho.

Jillian cruzou os braços e lançou lhe um olhar irritado. — Você está falando sério? Nós tínhamos um acordo.

— E agora estou repensando esse acordo. — Os olhos dele se estreitaram, e ela não pôde deixar de experimentar uma pequena emoção de medo com o olhar que ele lhe enviou. Por apenas um momento, ela quase esqueceu que ele era um djinn, e por isso conseguiu seus próprios medos e se esforçou demais. Ela precisava lembrar que ele poderia explodi-la na próxima semana, se ele quisesse. Não que ela realmente pensasse que ele faria.

Mas ela também não queria ter certeza.

Mesmo assim, ela se recusou a deixá-lo intimidá-la. Ele já havia chamado todas as doses até agora, e ela estava condenada se ela apenas sentasse lá e a pegasse como um capacho. — Suponho que seja típico de você, djinn, não é? Você pode distorcer as coisas da maneira que quiser, só porque acha que tem todo o poder. — Uma explosão particularmente forte de trovão caiu no alto, e ela não conseguiu se impedir de estremecer. *É uma maneira de parecer durona, Jillian*, ela pensou, mas ela não deixou que

aquela pontada momentânea de fraqueza a impedisse de acrescentar: — E talvez você tenha todo o poder. Mas isso ainda não significa que vou jogar seus jogos.

— Jillian, — disse Aldair, seu nome um aviso claro, mas ela o ignorou e, em vez disso, pegou o guardanapo do colo e o deitou na mesa, depois se levantou.

— O jantar foi adorável, — ela disse a ele. — Mas acho que vou dormir agora.

— Ah, você vai? — Ele perguntou, seu tom sedoso.

Ela começou a se afastar da mesa - e percebeu que não conseguia se mexer. Era como se uma barreira invisível tivesse sido erguida ao seu redor, uma que ela não conseguisse passar, por mais que tentasse.

— Pare com isso, — ela rangeu entre os dentes cerrados.

— Parar o que?

— Você sabe exatamente o que, — ela respondeu. — Seja o que for que você esteja fazendo agora. Tudo o que você está fazendo está me provando que estou certa, jogando seu peso, usando magia em alguém que não tem nenhum para se defender. Isso não faz você forte. Isso te deixa fraco. Um valentão.

Assim que cuspiu essas palavras, a barreira ao seu redor desapareceu. Por estar se esforçando contra isso, ela

tropeçou um pouco, depois se recuperou com tanta dignidade quanto pôde. Embora ela realmente não quisesse olhá-lo, ela se forçou a levantar o queixo e encontrar o olhar furioso dele. Aqueles olhos azuis que a encaravam estavam tão quentes de raiva que poderiam muito bem ter sido o centro colorido de cobalto de uma tocha de solda.

— Você não sabe nada, — ele rosnou.

— Talvez não. Mas sei de uma coisa: já tive o bastante de você está noite.

E ela saiu da sala de jantar, tensa de preocupação o tempo todo, certa de que ele jogaria outra daquelas barreiras na frente dela, ou chamaria os ventos para girar em torno dela e fazê-la tropeçar e cair. Ou até que ele iria atrás dela e a agarraria pelo braço, forçando-a a voltar para a mesa de jantar. Se ele tentasse algo físico, ela sabia que não havia muito que pudesse fazer sobre isso. Afinal, ele era um djinn, e ela era apenas humana... e uma humana muito comum nisso. Ela nunca havia participado de nenhum tipo de artes marciais, ou mesmo o tipo de aulas de defesa que costumavam ser oferecidas a mulheres na faculdade comunitária local.

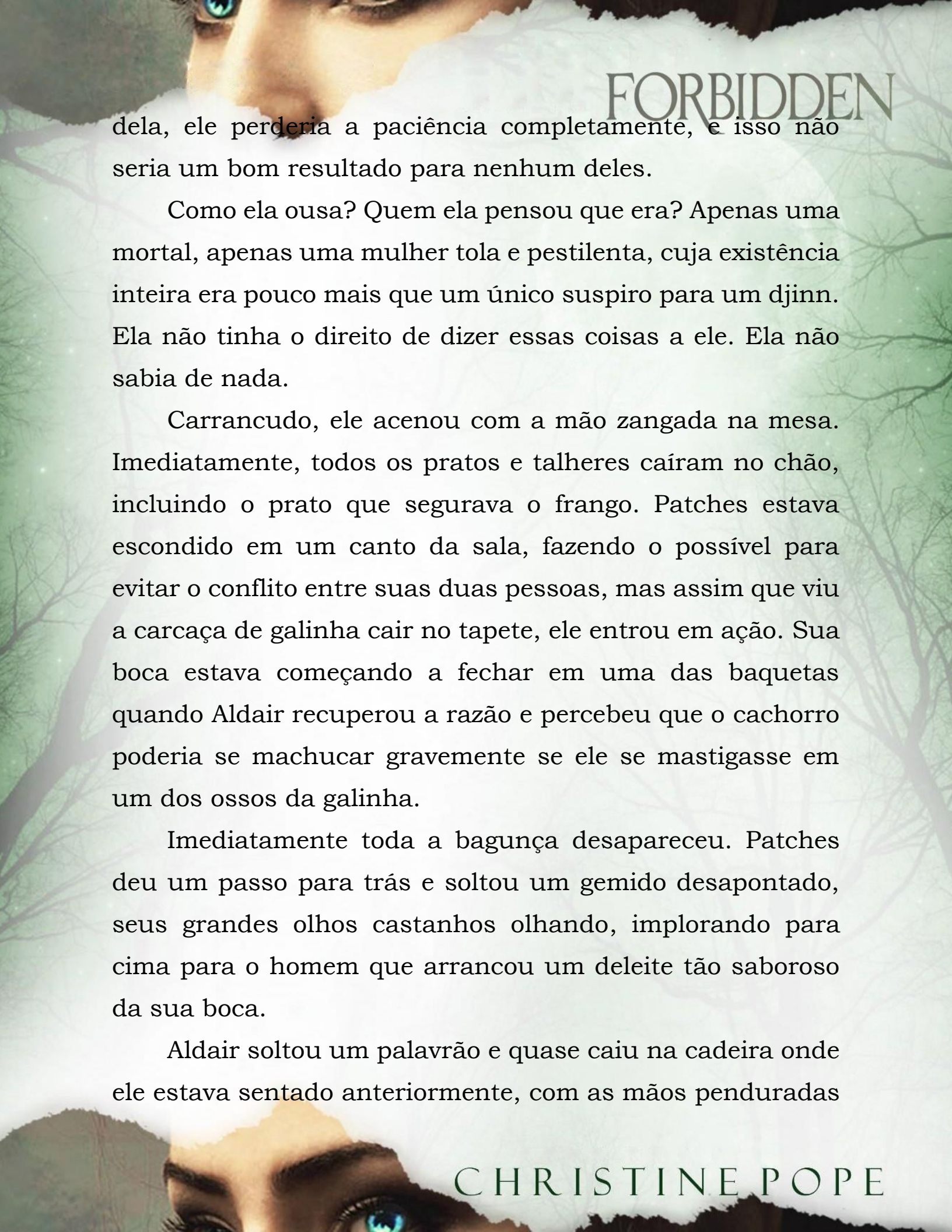
No entanto, Aldair não fez nada do que temia. Ela sentiu o olhar zangado dele bater na parte de trás do pescoço, mas ele não a impediu enquanto ela caminhava para os céus e

seguia para o quarto. Ele também não a parou quando ela entrou no quarto e bateu a porta. Mãos trêmulas, ela girou a fechadura. Não, isso provavelmente não faria muito para mantê-lo fora se ele estivesse realmente determinado a entrar, mas pelo menos isso a fazia sentir como se tivesse feito algo para se proteger.

E então ela se sentou na cama, seus joelhos trêmulos finalmente cederam, então ela realmente caiu na beira da cama em vez de se abaixar com qualquer tipo de graça. Ela não podia acreditar que tinha acabado de entrar no rosto de um djinn e praticamente gritou com ele. Isso não era como ela. Não que ela não pudesse ficar com muita raiva quando pressionada, mas ela nunca foi de confrontos. E agir assim na frente de alguém que pudesse apagar sua existência como se ela não passasse de um mosquito... bem, ela devia estar bêbada ou seriamente embriagada.

Enquanto estava sentada ali, apertando as mãos entre si, ela se perguntou o que Aldair faria em seguida.

Ele permaneceu na mesa por um longo momento. Era a única coisa que ele podia fazer, porque temia que, se subisse as escadas e enfrentasse Jillian por causa da insolência



FORBIDDEN

dela, ele perderia a paciência completamente, e isso não seria um bom resultado para nenhum deles.

Como ela ousa? Quem ela pensou que era? Apenas uma mortal, apenas uma mulher tola e pestilenta, cuja existência inteira era pouco mais que um único suspiro para um djinn. Ela não tinha o direito de dizer essas coisas a ele. Ela não sabia de nada.

Carrancudo, ele acenou com a mão zangada na mesa. Imediatamente, todos os pratos e talheres caíram no chão, incluindo o prato que segurava o frango. Patches estava escondido em um canto da sala, fazendo o possível para evitar o conflito entre suas duas pessoas, mas assim que viu a carcaça de galinha cair no tapete, ele entrou em ação. Sua boca estava começando a fechar em uma das baquetas quando Aldair recuperou a razão e percebeu que o cachorro poderia se machucar gravemente se ele se mastigasse em um dos ossos da galinha.

Imediatamente toda a bagunça desapareceu. Patches deu um passo para trás e soltou um gemido desapontado, seus grandes olhos castanhos olhando, implorando para cima para o homem que arrancou um deleite tão saboroso da sua boca.

Aldair soltou um palavrão e quase caiu na cadeira onde ele estava sentado anteriormente, com as mãos penduradas

CHRISTINE POPE

ao lado do corpo. Imediatamente, o cachorro se aproximou e apoiou a cabeça em seu joelho, e Aldair começou a acariciá-lo atrás das orelhas, deixando que a sensação reconfortante de seu pelo macio ajudasse a acalmá-lo, a recuperá-lo.

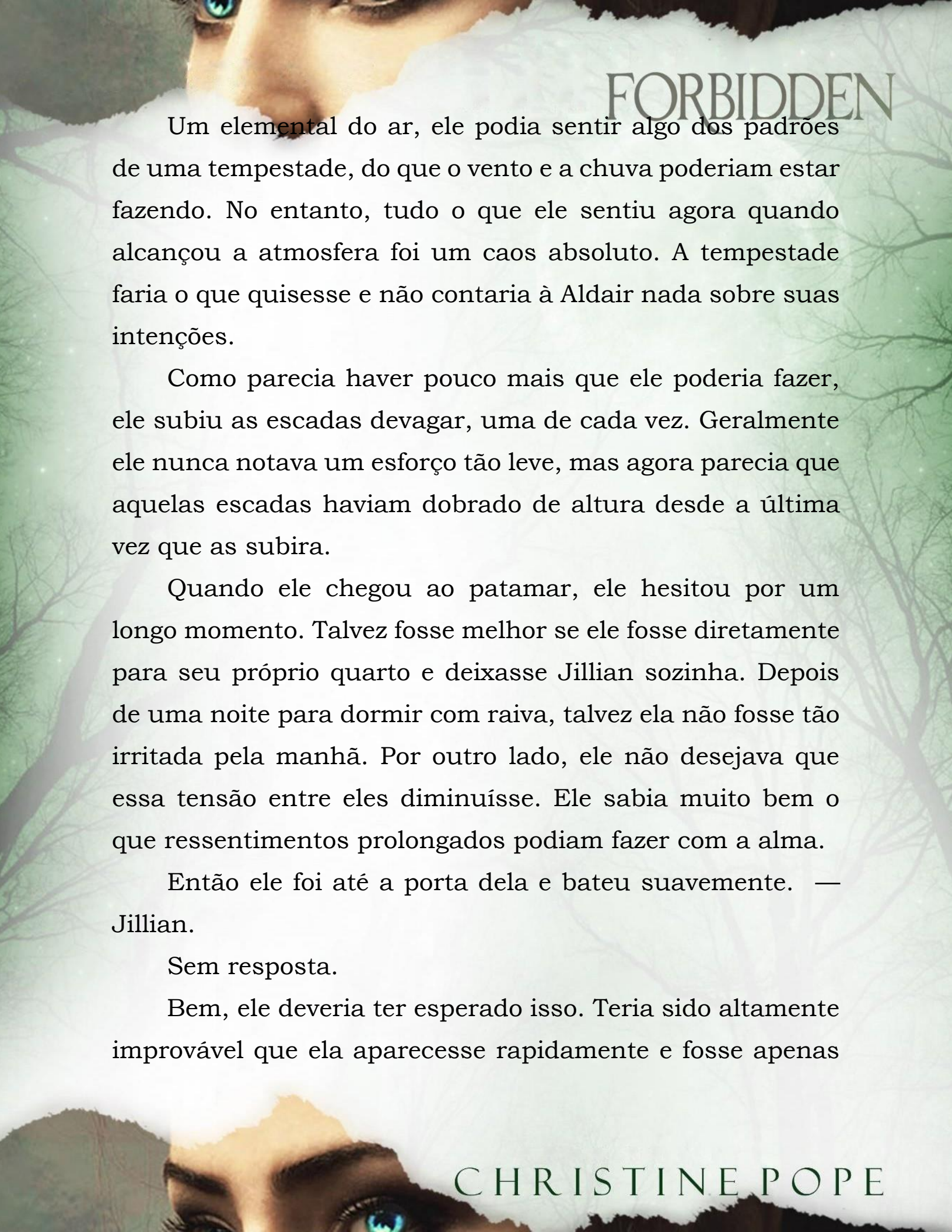
Quantas vezes ele deixou sua raiva derrotá-lo?

Muitos para contar, ele temia.

Mais algumas respirações, e Aldair começou a sentir algo mais parecido com ele. — Sem medo, meu amigo, — disse ele a Patches. — Acho que posso lhe dar algo melhor do que uma carcaça de frango. — Ele estendeu a mão, que agora segurava uma grande costela de carne. O rabo do cachorro começou a bater freneticamente, e ele pegou o prêmio da mão de Aldair e se sentou em um canto para poder trabalhar o osso a sério.

Bem, consertei uma ponte, pensou Aldair. Infelizmente, o outro será muito mais difícil de reparar.

Ele se levantou e saiu para o corredor para poder olhar para cima, em direção ao quarto de Jillian. Tudo parecia quieto o suficiente lá em cima, embora, com a maneira como o trovão continuasse batendo e rolando, ele achou difícil ter certeza. Foi uma tempestade bastante violenta, com mais força do que ele poderia ter imaginado. Continuaría a se enfurecer a noite toda, ou finalmente desapareceria depois que toda a sua energia fosse gasta?

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a white, torn-paper-like border. The woman has dark hair and striking blue eyes. The background behind her face is a lush green, with silhouettes of bare tree branches visible, suggesting a forest or garden setting. The overall tone is mysterious and ethereal.

FORBIDDEN

Um elemental do ar, ele podia sentir algo dos padrões de uma tempestade, do que o vento e a chuva poderiam estar fazendo. No entanto, tudo o que ele sentiu agora quando alcançou a atmosfera foi um caos absoluto. A tempestade faria o que quisesse e não contaria à Aldair nada sobre suas intenções.

Como parecia haver pouco mais que ele poderia fazer, ele subiu as escadas devagar, uma de cada vez. Geralmente ele nunca notava um esforço tão leve, mas agora parecia que aquelas escadas haviam dobrado de altura desde a última vez que as subira.

Quando ele chegou ao patamar, ele hesitou por um longo momento. Talvez fosse melhor se ele fosse diretamente para seu próprio quarto e deixasse Jillian sozinha. Depois de uma noite para dormir com raiva, talvez ela não fosse tão irritada pela manhã. Por outro lado, ele não desejava que essa tensão entre eles diminuísse. Ele sabia muito bem o que ressentimentos prolongados podiam fazer com a alma.

Então ele foi até a porta dela e bateu suavemente. — Jillian.

Sem resposta.

Bem, ele deveria ter esperado isso. Teria sido altamente improvável que ela aparecesse rapidamente e fosse apenas

CHRISTINE POPE

um sorriso, um pedido de desculpas naqueles lábios adoráveis.

Ele tentou de novo. — Jillian.

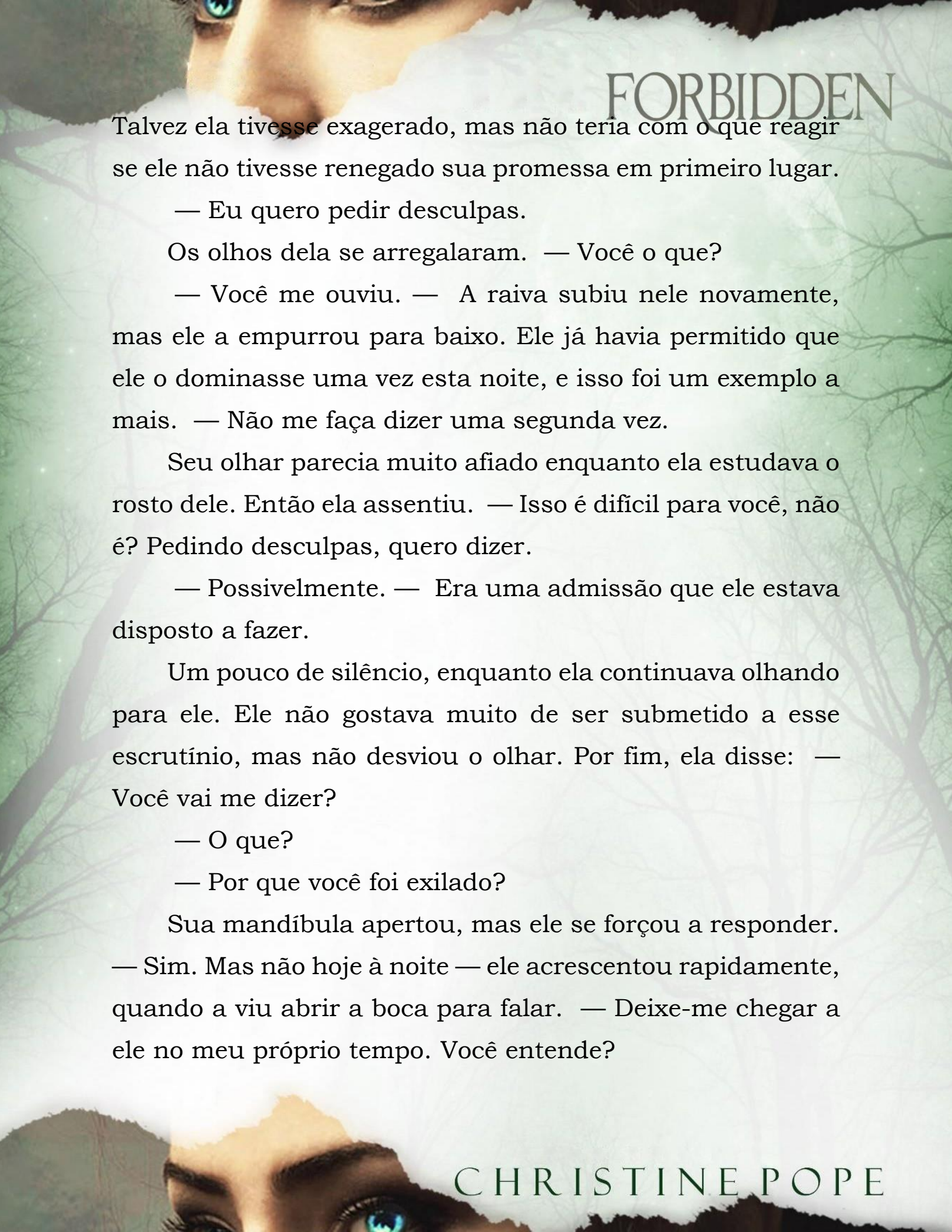
Mais uma vez ele não ouviu nada. Parecia que ela pretendia congelá-lo. Mas se ela iria transformá-lo em uma disputa de vontades, logo descobriria que havia escolhido o oponente errado. Djinn sabia tudo sobre paciência.

Para sua surpresa, no entanto, a porta se abriu alguns segundos depois. Jillian olhou para ele, o rosto quase inexpressivo - exceto pelo brilho intenso de seus olhos cinzentos. Não, não parecia que ela estivesse chorando, mas parecia estar prestes a perder o pouco controle que lhe restava.

— O que você quer?

Sua pergunta o surpreendeu. O *que* ele queria? Não estar em desacordo, por um lado. E ter sua liberdade novamente - verdadeira liberdade, não o tipo espúrio que ele havia conseguido escondendo-se aqui em Madri.

Mas Jillian não pôde fazer muito para ajudá-lo com o segundo assunto. Quanto ao primeiro, bem, ele teria que oferecer a ela o ramo verde-oliva. Fazer isso foi contra tudo o que ele acreditava sobre si mesmo, mas, embora ele não gostasse de admitir esse fato, ele era o transgressor aqui.



FORBIDDEN

Talvez ela tivesse exagerado, mas não teria com o que reagir se ele não tivesse renegado sua promessa em primeiro lugar.

— Eu quero pedir desculpas.

Os olhos dela se arregalaram. — Você o que?

— Você me ouviu. — A raiva subiu nele novamente, mas ele a empurrou para baixo. Ele já havia permitido que ele o dominasse uma vez esta noite, e isso foi um exemplo a mais. — Não me faça dizer uma segunda vez.

Seu olhar parecia muito afiado enquanto ela estudava o rosto dele. Então ela assentiu. — Isso é difícil para você, não é? Pedindo desculpas, quero dizer.

— Possivelmente. — Era uma admissão que ele estava disposto a fazer.

Um pouco de silêncio, enquanto ela continuava olhando para ele. Ele não gostava muito de ser submetido a esse escrutínio, mas não desviou o olhar. Por fim, ela disse: — Você vai me dizer?

— O que?

— Por que você foi exilado?

Sua mandíbula apertou, mas ele se forçou a responder. — Sim. Mas não hoje à noite — ele acrescentou rapidamente, quando a viu abrir a boca para falar. — Deixe-me chegar a ele no meu próprio tempo. Você entende?

CHRISTINE POPE

— Sim. — Improvavelmente, ela ofereceu um sorriso.

— Nós provavelmente já tivemos bastante tumulto hoje à noite. Sempre que você sentir vontade, Aldair.

Tão graciosa, como uma rainha digna de lhe dar um grande presente. Mas não, ele não deveria pensar na resposta dela dessa maneira. Na verdade, ele não havia detectado nada de condescendência em seu tom. Ela estava tentando ser razoável.

Por que isso era tão difícil para ele?

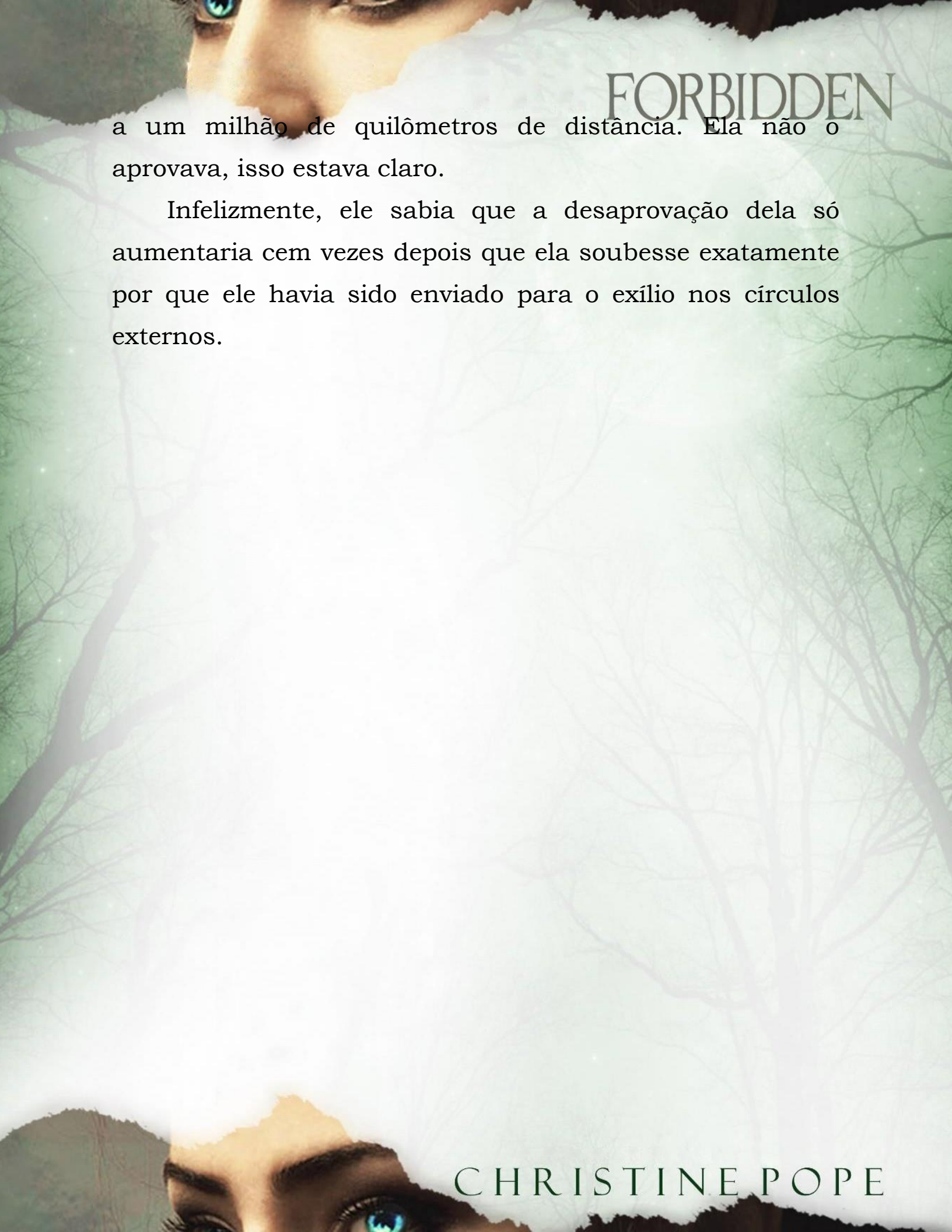
— Obrigado, Jillian, — disse ele. — Vou dizer boa noite, então.

— Boa noite, — ela ecoou e fechou a porta do quarto.

Ele soltou um suspiro e atravessou o corredor até o seu próprio quarto. Enquanto conversava com Jillian, Patches subiu as escadas e se acomodou a alguns metros de distância. Ele seguiu Aldair para o quarto, depois deu um pulo e se enrolou em uma bola ao pé da cama.

— Por favor, fique à vontade, — disse Aldair, com tom irônico. Apesar dessas palavras, ele se sentiu estranhamente consolado pela presença do cachorro. Pelo menos Patches não o chamaria de tarefa por seu mau comportamento.

Ele pensou na curta distância que separava esse quarto da casa de Jillian. Tão perto, e ainda assim ela poderia estar

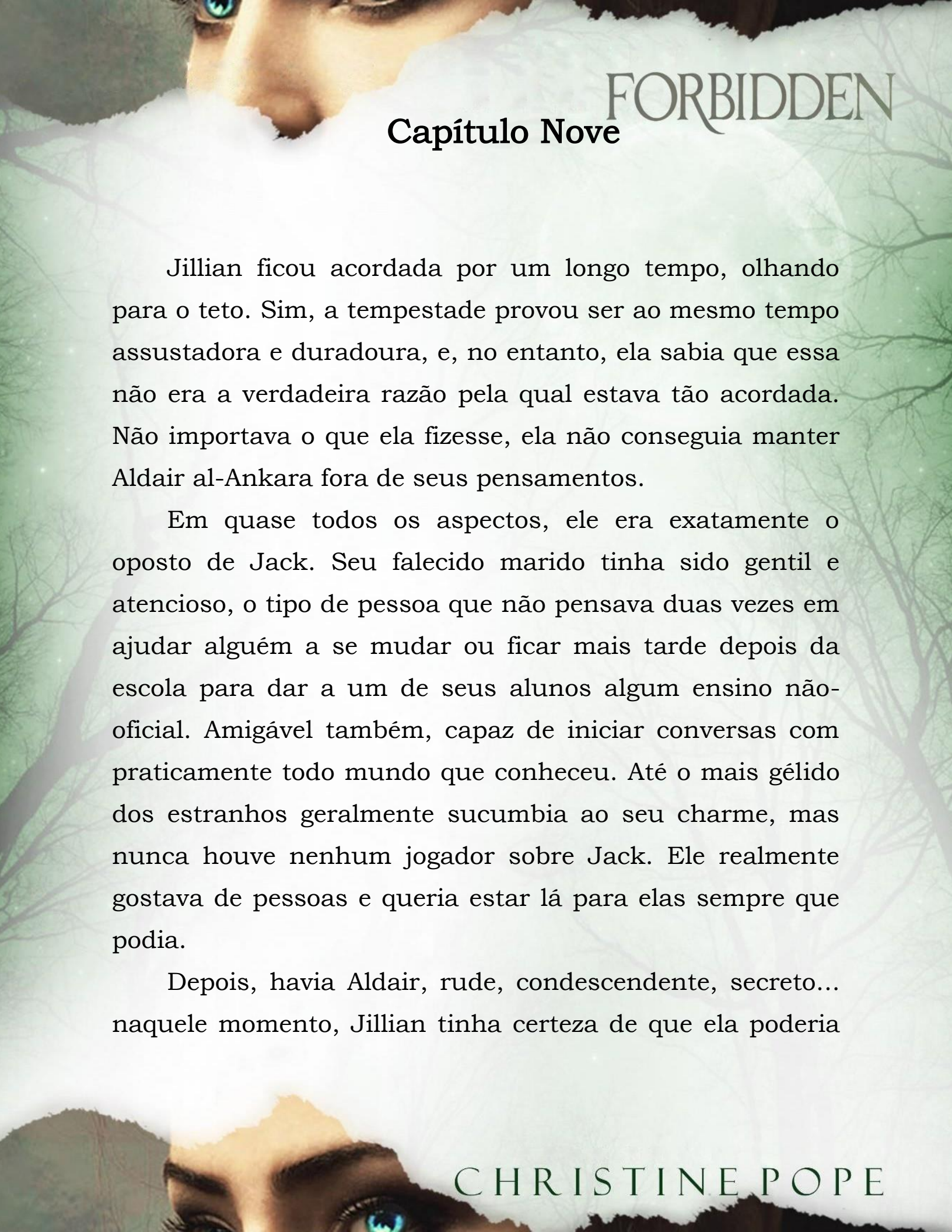


FORBIDDEN

a um milhão de quilômetros de distância. Ela não o aprovava, isso estava claro.

Infelizmente, ele sabia que a desaprovação dela só aumentaria cem vezes depois que ela soubesse exatamente por que ele havia sido enviado para o exílio nos círculos externos.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Capítulo Nove

Jillian ficou acordada por um longo tempo, olhando para o teto. Sim, a tempestade provou ser ao mesmo tempo assustadora e duradoura, e, no entanto, ela sabia que essa não era a verdadeira razão pela qual estava tão acordada. Não importava o que ela fizesse, ela não conseguia manter Aldair al-Ankara fora de seus pensamentos.

Em quase todos os aspectos, ele era exatamente o oposto de Jack. Seu falecido marido tinha sido gentil e atencioso, o tipo de pessoa que não pensava duas vezes em ajudar alguém a se mudar ou ficar mais tarde depois da escola para dar a um de seus alunos algum ensino não-oficial. Amigável também, capaz de iniciar conversas com praticamente todo mundo que conheceu. Até o mais gélido dos estranhos geralmente sucumbia ao seu charme, mas nunca houve nenhum jogador sobre Jack. Ele realmente gostava de pessoas e queria estar lá para elas sempre que podia.

Depois, havia Aldair, rude, condescendente, secreto... naquele momento, Jillian tinha certeza de que ela poderia

CHRISTINE POPE

aparecer com uma lista extremamente abrangente de adjetivos negativos para descrevê-lo.

E ainda...

Ele veio aqui para pedir desculpas a ela. Ela podia dizer, por sua maneira rígida, que esse comportamento não era exatamente familiar ou agradável para ele, e ainda assim ele fez o que pôde para consertar as coisas entre eles. Quais eram realmente as motivações dele, ela não sabia ao certo, mas ele parecia quase genuíno naquele momento.

O estranho era que ela tinha a impressão de que muitas de suas ações eram motivadas por algum tipo de mágoa enterrada há muito tempo, o tipo de coisa que ele não queria admitir nem para si mesmo. De alguma maneira, ela duvidava que ele admitisse tal fraqueza nela.

Ela não iria empurrar. Naquele momento, ela nem tinha certeza se ele cumpriria sua promessa de contar a história por trás de seu exílio. Ela esperava que sim, porque queria saber a verdade. No entanto, ela também sabia que não tinha muita influência. Realmente, ela não tinha uma única coisa que ele poderia querer. Ela prestou a ele o serviço de levá-lo aqui e longe do inferno que eram os círculos externos, mas agora tudo o que ela realmente podia oferecer era algum conhecimento da área local, e isso também havia sido explorado.

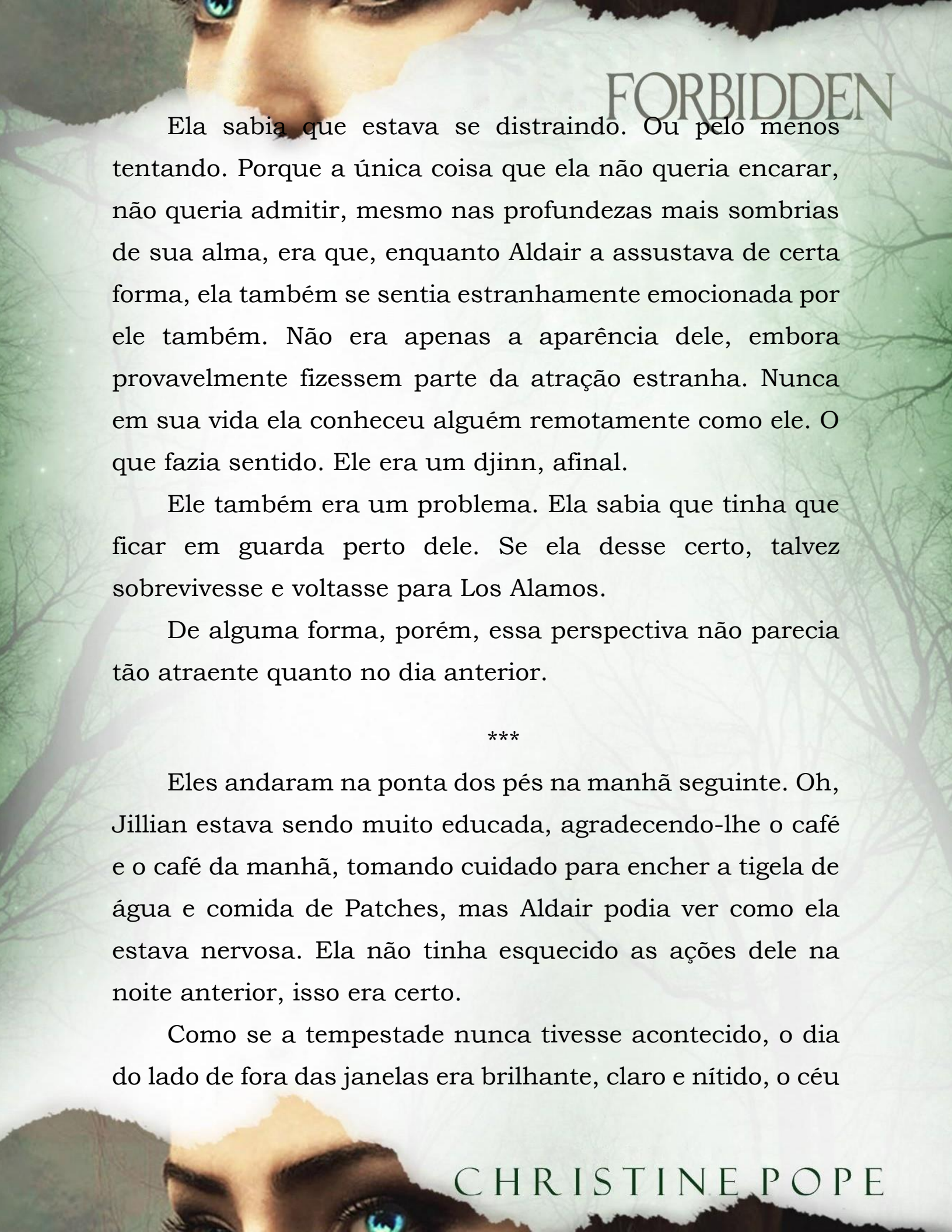
Então ela estava aqui no sofrimento dele. Tudo o que ela podia esperar era que ele não decidisse que ela era uma obrigação, algo a ser descartado porque ela apresentava um risco muito grande.

Não, ele não faria algo assim. Pelo menos, ela esperava muito que ele não o fizesse. Havia mais dias do que ela queria contar quando se viu prestes a se perguntar se realmente valeria a pena viver, mas, ao mesmo tempo, não queria que aquela vida lhe fosse arrancada.

Se você está tentando adormecer, não está fazendo um trabalho muito bom, ela disse a si mesma com um pouco de irritação, e depois se virou. *Aldair não vai fazer nada com você. Veja como ele estava com raiva esta noite, mas nada aconteceu.*

Bem, nada, exceto ser preso por um estranho campo de força invisível. Ela imaginou que ele devia ter usado o próprio ar contra ela, formando uma barreira que era impossível romper. E se ele pudesse fazer isso, ele provavelmente também poderia fazer muitas outras coisas.

Não está ajudando, ela pensou, e apertou o travesseiro de penas para fazê-lo ficar um pouco abaixo da bochecha. Ela sempre odiou as malditas coisas por causa da maneira como elas foram perpetuamente planas. Ainda bem que ela não tinha alergias em cima de tudo o resto.



FORBIDDEN

Ela sabia que estava se distraíndo. Ou pelo menos tentando. Porque a única coisa que ela não queria encarar, não queria admitir, mesmo nas profundezas mais sombrias de sua alma, era que, enquanto Aldair a assustava de certa forma, ela também se sentia estranhamente emocionada por ele também. Não era apenas a aparência dele, embora provavelmente fizessem parte da atração estranha. Nunca em sua vida ela conheceu alguém remotamente como ele. O que fazia sentido. Ele era um djinn, afinal.

Ele também era um problema. Ela sabia que tinha que ficar em guarda perto dele. Se ela desse certo, talvez sobrevivesse e voltasse para Los Alamos.

De alguma forma, porém, essa perspectiva não parecia tão atraente quanto no dia anterior.

Eles andaram na ponta dos pés na manhã seguinte. Oh, Jillian estava sendo muito educada, agradecendo-lhe o café e o café da manhã, tomando cuidado para encher a tigela de água e comida de Patches, mas Aldair podia ver como ela estava nervosa. Ela não tinha esquecido as ações dele na noite anterior, isso era certo.

Como se a tempestade nunca tivesse acontecido, o dia do lado de fora das janelas era brilhante, claro e nítido, o céu

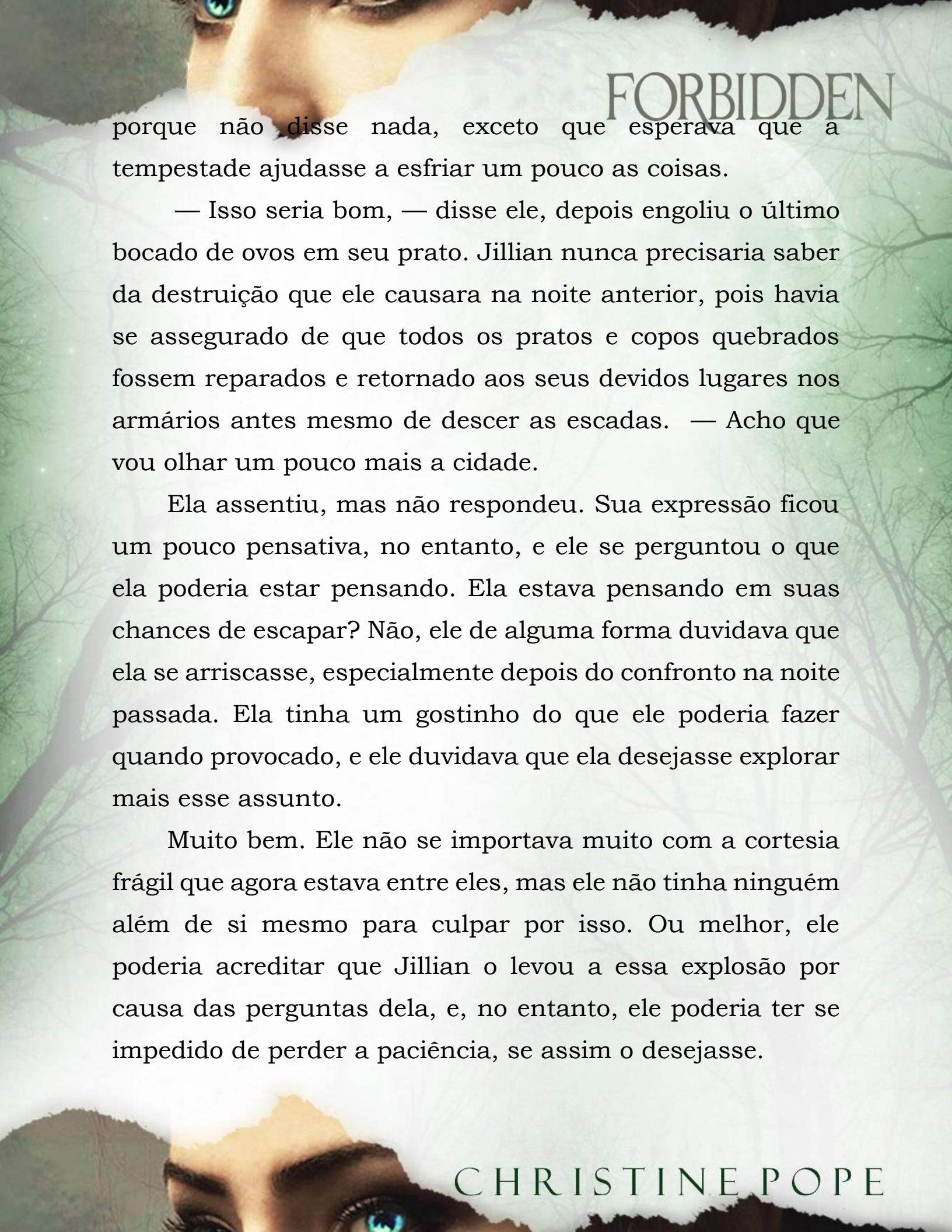
CHRISTINE POPE

era de um azul perfeito, sem nuvens. A única evidência da chuva que caíra sobre a casa era um número de poças na área recém limpa, logo depois da varanda da frente.

Embora o clima não o animasse exatamente, Aldair ficou satisfeito ao ver que a tempestade havia passado. Ele queria explorar um pouco mais esta manhã - mais para sair de casa do que porque eles realmente precisavam de alguma coisa - e essa atividade teria sido complicada por outra chuva torrencial.

Ele observou Jillian por baixo dos cílios enquanto ela soprava o café e bebia um pouco, depois quebrou um pedaço de biscoito e o entregou a Patches, que estava esperando pacientemente embaixo da mesa por qualquer pedacinho de escolha que pudesse aparecer em seu caminho. Aldair queria levantar uma sobrancelha diante dessa indulgência, mas, afinal, ele havia fornecido um osso para o cachorro na noite anterior, então não era exatamente inocente quando se tratava de estragar o animal.

Durante a refeição principalmente silenciosa, ele ficou imaginando se Jillian o pressionaria a falar sobre seu exílio, mesmo que ele tivesse dito a ela na noite anterior que ele não iria abordar o assunto até que estivesse pronto. No entanto, ela parecia entender que deveria segurar a língua,



FORBIDDEN

porque não disse nada, exceto que esperava que a tempestade ajudasse a esfriar um pouco as coisas.

— Isso seria bom, — disse ele, depois engoliu o último bocado de ovos em seu prato. Jillian nunca precisaria saber da destruição que ele causara na noite anterior, pois havia se assegurado de que todos os pratos e copos quebrados fossem reparados e retornado aos seus devidos lugares nos armários antes mesmo de descer as escadas. — Acho que vou olhar um pouco mais a cidade.

Ela assentiu, mas não respondeu. Sua expressão ficou um pouco pensativa, no entanto, e ele se perguntou o que ela poderia estar pensando. Ela estava pensando em suas chances de escapar? Não, ele de alguma forma duvidava que ela se arriscasse, especialmente depois do confronto na noite passada. Ela tinha um gostinho do que ele poderia fazer quando provocado, e ele duvidava que ela desejasse explorar mais esse assunto.

Muito bem. Ele não se importava muito com a cortesia frágil que agora estava entre eles, mas ele não tinha ninguém além de si mesmo para culpar por isso. Ou melhor, ele poderia acreditar que Jillian o levou a essa explosão por causa das perguntas dela, e, no entanto, ele poderia ter se impedido de perder a paciência, se assim o desejasse.

CHRISTINE POPE

Ele se levantou da mesa e colocou a louça na pia. Mais tarde, quando ele pensava nisso, ele os limpava e os guardava, mas por enquanto ele só queria ficar fora do banheiro, longe da presença de Jillian por um tempo. Um pouco de ar fresco clarearia sua cabeça.

Assim que ele foi para a porta dos fundos, Patches saiu de debaixo da mesa e correu para ir com ele. Aldair olhou para Jillian, mas ela apenas ergueu os ombros com resignação. Parecia claro o suficiente que ela não o impediria de levar o cachorro nas explorações de hoje.

O ar ainda estava fresco e cheirava a grama molhada e terra úmida. Ele inalou profundamente quando Patches foi pulando para a frente, aparentemente determinado a ungir cada grupo de ervas daninhas que encontrou. Estar do lado de fora parecia melhor; a casa parecia pesada com o peso das palavras não ditas, a tensão espessa como o ar úmido.

Como ele não tinha nenhum objetivo específico em mente, Aldair serpenteava, passando de uma rua para a outra, entrando em lojas como quisesse. Ele percebeu imediatamente que nenhum saque havia ocorrido ali; todas as mercadorias das lojas ainda permaneciam onde seus donos as haviam deixado, nada se mexia, tocava ou perturbava. Os itens principais da venda pareciam joias, o que o surpreendeu um pouco, pois ele não pensara que um

assentamento pequeno e de aparência pobre como essa pudesse suportar tantas mercadorias caras. Mas então ele se lembrou de como Jillian havia lhe dito que aquela era uma cidade turística e, portanto, imaginou que a maioria dessas peças brilhantes de prata se destinava a outras pessoas além daquelas que realmente moravam aqui.

Alguns deles seriam muito bonitos contra a pele lisa de sua garganta, ou enrolados em torno de seus pulsos finos ou pendurados em seus delicados ouvidos. No passado, ele gostava de dar presentes de joias aos seus amantes, de ver sua beleza pessoal realçada pela beleza das joias que usavam. Talvez ele devesse levar algo para Jillian, uma espécie de oferta de paz, mesmo que ela certamente não fosse sua amante.

Ah, mas você se importaria muito se ela estivesse?

Ele se lembrou de como ela o encarara ontem à noite, de como seus seios haviam arfado com as respirações de raiva que ela soltou. Havia algo quase magnífico em sua raiva, em seu destemor enquanto o encarava. Ele poderia ter esperado tanta coragem de outro djinn, pois eles teriam sido iguais em tal confronto, mas humano? Definitivamente não.

E ela parecia tão bonita.

Seu olhar caiu em um colar pesado em uma das vitrines diante dele. Feito de prata, estava decorado com pedras

turquesas de um azul claro e requintado, quase da cor do céu acima. Se ele não soubesse melhor, teria dito que aquelas pedras perfeitamente compatíveis deveriam ter sido extraídas na Pérsia, mas ele duvidava disso. Tudo aqui parecia ser feito no Sudoeste, provavelmente por membros das tribos indígenas locais. Eles eram muito hábeis em ourivesaria, pelo que ele se lembrava.

Onde quer que o colar tivesse vindo, era lindo e serviria muito bem a Jillian. Ele levaria para ela, e esperava que ela entendesse o gesto.

E se ela perguntar sobre o seu exílio?

Então ele diria a verdade. Ela provavelmente o desprezaria depois, mas pelo menos ele não esconderia mais segredos dela.

Bem, não são muitos.

Ele enfiou o colar no bolso do roupão e voltou para a casa, Patches trotando alegremente à sua frente. Embora fosse necessário muito menos tempo para levar o ar à maneira de sua espécie, Aldair andou por causa do cachorro. Além disso, havia algo a ser dito sobre uma boa caminhada, especialmente em uma bela manhã de verão como está.

Alguma parte dele temia que Jillian não estivesse lá, teria aproveitado a oportunidade para fugir, mas esses medos foram por nada. Ela estava sentada em um banco

pintado de vermelho na sombra da varanda da frente, o mesmo livro que estava lendo no dia anterior aberto em seu colo. Quando ele se aproximou, no entanto, ela fechou e ofereceu a ele um sorriso hesitante.

— Já voltou?

Estava decepcionado em seu tom? Não, ele não pensava assim, mais do que, numa tentativa de ter uma conversa inconsequente, ela deixou escapar a primeira coisa que pensava.

— Começou a esquentar.

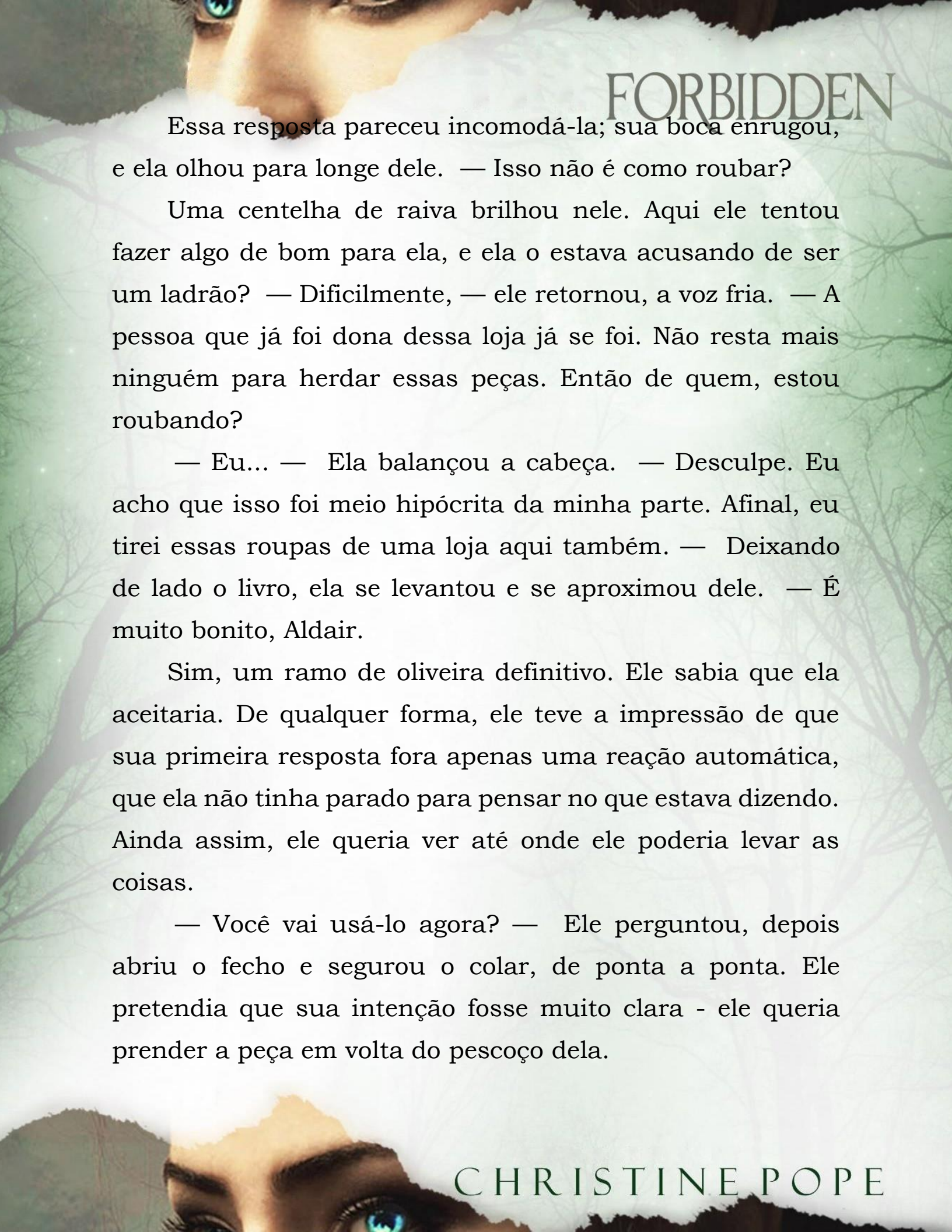
— Sim, acho que sim.

Eles se entreolharam por um momento embaraçoso. Hoje ela usava outra saia esvoaçante, essa em um vermelho quente, embora a blusa marrom clara que a acompanhava fosse mais próxima do tipo que ela usava quando a conheceu - sem mangas, de uma malha fina que se agarrava ao corpo dela. Os contornos de suas criações completas eram claramente visíveis.

Ele engoliu em seco. — Eu pensei que você poderia gostar disso, — disse ele, e puxou o colar do bolso.

Os olhos dela se arregalaram. — Eu... onde você conseguiu isso?

— De uma das lojas da cidade.



FORBIDDEN

Essa resposta pareceu incomodá-la; sua boca enrugou, e ela olhou para longe dele. — Isso não é como roubar?

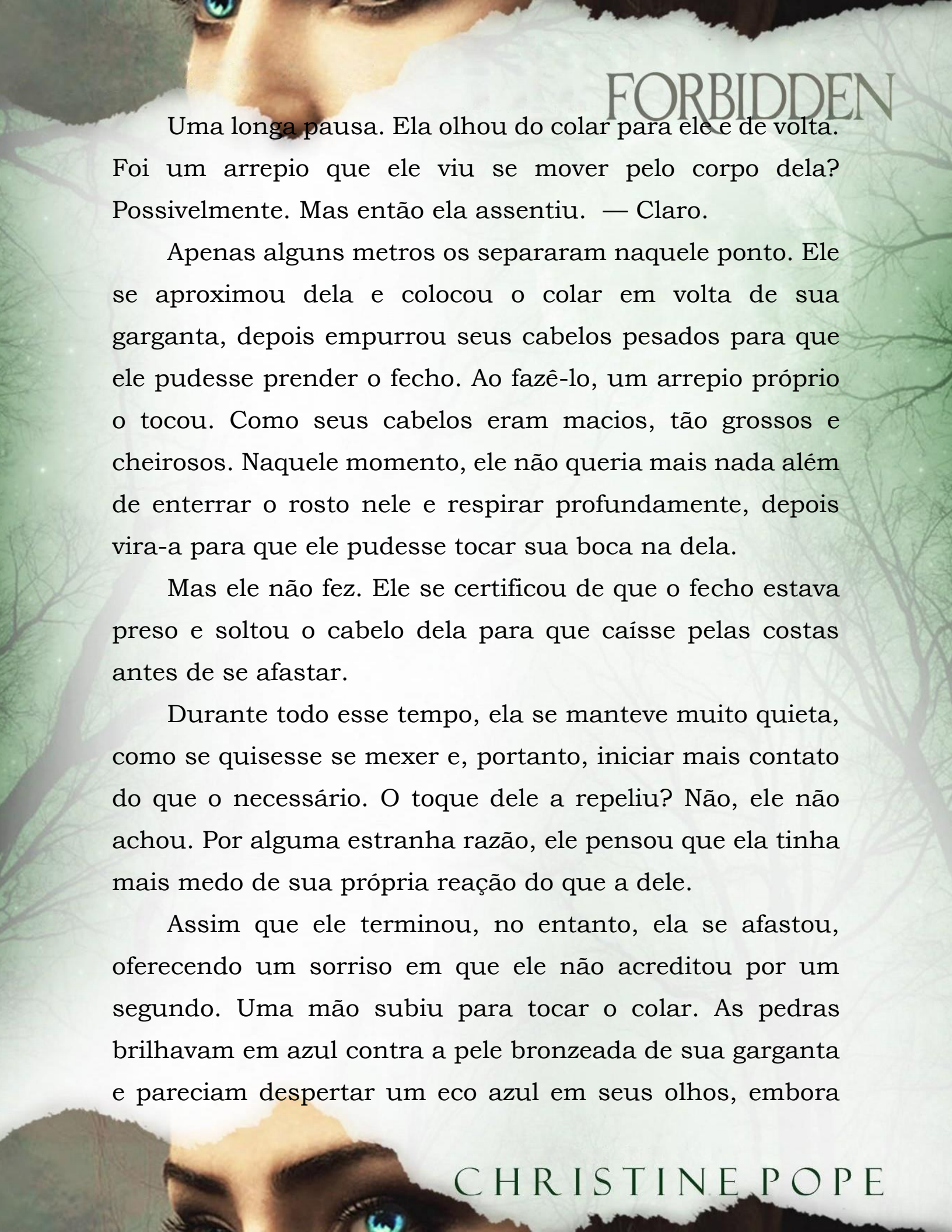
Uma centelha de raiva brilhou nele. Aqui ele tentou fazer algo de bom para ela, e ela o estava acusando de ser um ladrão? — Dificilmente, — ele retornou, a voz fria. — A pessoa que já foi dona dessa loja já se foi. Não resta mais ninguém para herdar essas peças. Então de quem, estou roubando?

— Eu... — Ela balançou a cabeça. — Desculpe. Eu acho que isso foi meio hipócrita da minha parte. Afinal, eu tirei essas roupas de uma loja aqui também. — Deixando de lado o livro, ela se levantou e se aproximou dele. — É muito bonito, Aldair.

Sim, um ramo de oliveira definitivo. Ele sabia que ela aceitaria. De qualquer forma, ele teve a impressão de que sua primeira resposta fora apenas uma reação automática, que ela não tinha parado para pensar no que estava dizendo. Ainda assim, ele queria ver até onde ele poderia levar as coisas.

— Você vai usá-lo agora? — Ele perguntou, depois abriu o fecho e segurou o colar, de ponta a ponta. Ele pretendia que sua intenção fosse muito clara - ele queria prender a peça em volta do pescoço dela.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Uma longa pausa. Ela olhou do colar para ele e de volta. Foi um arrepio que ele viu se mover pelo corpo dela? Possivelmente. Mas então ela assentiu. — Claro.

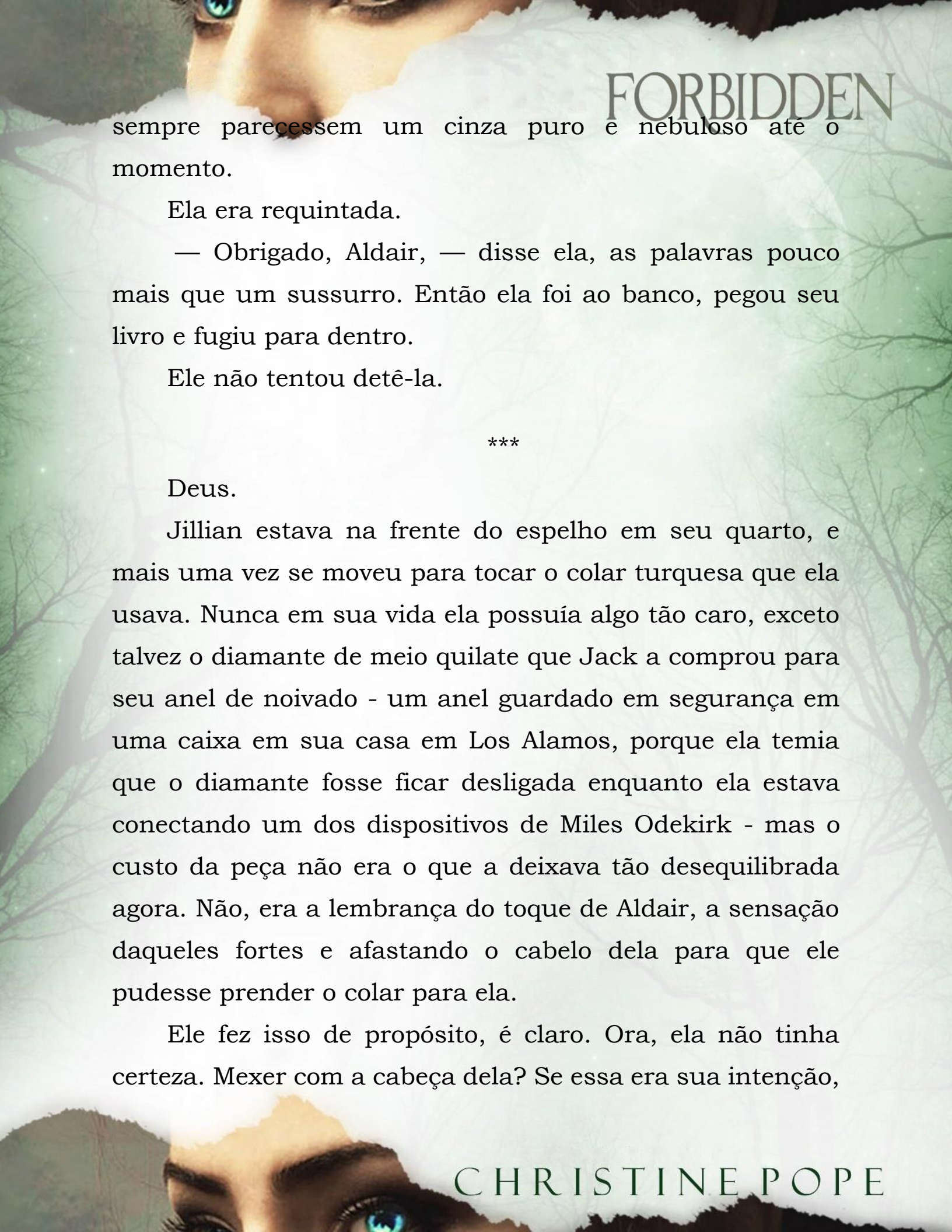
Apenas alguns metros os separaram naquele ponto. Ele se aproximou dela e colocou o colar em volta de sua garganta, depois empurrou seus cabelos pesados para que ele pudesse prender o fecho. Ao fazê-lo, um arrepio próprio o tocou. Como seus cabelos eram macios, tão grossos e cheirosos. Naquele momento, ele não queria mais nada além de enterrar o rosto nele e respirar profundamente, depois vira-a para que ele pudesse tocar sua boca na dela.

Mas ele não fez. Ele se certificou de que o fecho estava preso e soltou o cabelo dela para que caísse pelas costas antes de se afastar.

Durante todo esse tempo, ela se manteve muito quieta, como se quisesse se mexer e, portanto, iniciar mais contato do que o necessário. O toque dele a repeliu? Não, ele não achou. Por alguma estranha razão, ele pensou que ela tinha mais medo de sua própria reação do que a dele.

Assim que ele terminou, no entanto, ela se afastou, oferecendo um sorriso em que ele não acreditou por um segundo. Uma mão subiu para tocar o colar. As pedras brilhavam em azul contra a pele bronzeada de sua garganta e pareciam despertar um eco azul em seus olhos, embora

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

sempre parecessem um cinza puro e nebuloso até o momento.

Ela era requintada.

— Obrigado, Aldair, — disse ela, as palavras pouco mais que um sussurro. Então ela foi ao banco, pegou seu livro e fugiu para dentro.

Ele não tentou detê-la.

Deus.

Jillian estava na frente do espelho em seu quarto, e mais uma vez se moveu para tocar o colar turquesa que ela usava. Nunca em sua vida ela possuía algo tão caro, exceto talvez o diamante de meio quilate que Jack a comprou para seu anel de noivado - um anel guardado em segurança em uma caixa em sua casa em Los Alamos, porque ela temia que o diamante fosse ficar desligada enquanto ela estava conectando um dos dispositivos de Miles Odekirk - mas o custo da peça não era o que a deixava tão desequilibrada agora. Não, era a lembrança do toque de Aldair, a sensação daqueles fortes e afastando o cabelo dela para que ele pudesse prender o colar para ela.

Ele fez isso de propósito, é claro. Ora, ela não tinha certeza. Mexer com a cabeça dela? Se essa era sua intenção,

CHRISTINE POPE

ele fez um ótimo trabalho. Ela não deveria estar pensando no modo que ele sentiu por estar tão perto, para sentir o calor do seu corpo na pele nua de seus braços e pescoço. Mais alguns centímetros, e ele teria sido pressionado contra ela.

E uma parte dela não se importaria com isso. Nem um pouco.

Você está perdendo, ela disse a si mesma. *Você não pode se deixar atrair por ele. Não importa o quão lindo ele possa ser.*

O problema era que sua mente poderia estar dizendo a si mesma essas coisas, mas seu corpo só queria mais. Queria que ele a puxasse para perto, para que ela pudesse sentir aqueles músculos incríveis pressionados contra ela. Sem sequer tentar, ela conseguia se lembrar do toque da boca dele na dela. Sim, no momento em que ele só estava dando boca a boca, estava fazendo o possível para mantê-la viva, mas isso não parecia importar agora. Ela conhecia a forma dos lábios dele, sabia como era ter o cabelo comprido roçando sua bochecha quando ele se inclinou para perto.

— Pare com isso, — disse ela em voz alta, olhando para seu reflexo. Não ajudou que, naquele momento, ela parecesse úmida e excitada, a transpiração brilhando sobre

ela na testa e no peito. Droga, ela parecia - bem, ela parecia alguém que *realmente* queria transar.

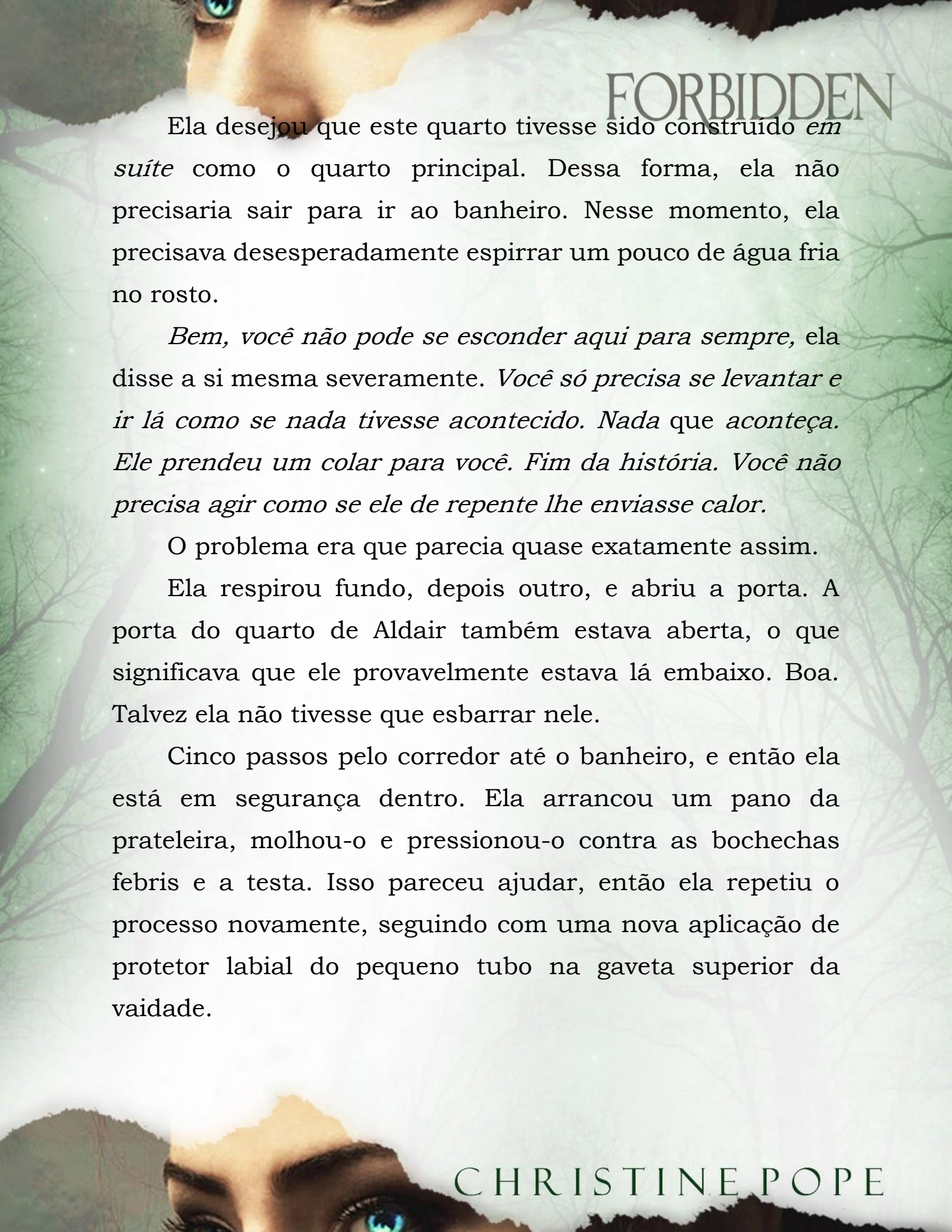
Ela não mentiria para si mesma. Fazia muito tempo e, embora sentisse saudades de Jack a cada segundo de cada dia, de vez em quando ela mantinha o pensamento de ter uma noite com alguém razoavelmente atraente em Los Alamos, para poder coçar a coceira biológica e voltar ao luto. No entanto, ela nunca cedeu a esse impulso, sabendo que se odiaria depois da guerra. Seu coração tinha que estar comprometido para que seu corpo apreciasse completamente a experiência.

Então, como isso explica a atração pela Aldair? Ela certamente não estava apaixonada por ele. Ela nem gostava muito dele. Mas, por alguma razão, seu corpo parecia almejá-lo da maneira que um viciado poderia desejar outro golpe de heroína.

Espere, no entanto... os djinn não tinham a capacidade de fazer os humanos se apaixonarem por eles, ou pelo menos na luxúria? Ela ouvira rumores nesse sentido, embora, é claro, ela nunca tivesse tido a chance de ter esses relatórios provados de uma maneira ou de outra.

Até agora.

Talvez.



FORBIDDEN

Ela desejou que este quarto tivesse sido construído *em suíte* como o quarto principal. Dessa forma, ela não precisaria sair para ir ao banheiro. Nesse momento, ela precisava desesperadamente espirrar um pouco de água fria no rosto.

Bem, você não pode se esconder aqui para sempre, ela disse a si mesma severamente. Você só precisa se levantar e ir lá como se nada tivesse acontecido. Nada que aconteça. Ele prendeu um colar para você. Fim da história. Você não precisa agir como se ele de repente lhe enviasse calor.

O problema era que parecia quase exatamente assim.

Ela respirou fundo, depois outro, e abriu a porta. A porta do quarto de Aldair também estava aberta, o que significava que ele provavelmente estava lá embaixo. Boa. Talvez ela não tivesse que esbarrar nele.

Cinco passos pelo corredor até o banheiro, e então ela está em segurança dentro. Ela arrancou um pano da prateleira, molhou-o e pressionou-o contra as bochechas febris e a testa. Isso pareceu ajudar, então ela repetiu o processo novamente, seguindo com uma nova aplicação de protetor labial do pequeno tubo na gaveta superior da vaidade.

CHRISTINE POPE

Depois de guardar o protetor labial, ela abriu a porta do banheiro. Aldair ficou imediatamente do lado de fora e deu um pequeno suspiro.

— Sinto muito por ter te assustado, — disse ele.

— Não... quero dizer, sim, você me assustou, mas isso é tudo. — Deus, ela parecia uma idiota. Além disso, não ajudou em nada que ela estivesse agora tão perto dele mais uma vez. Ele se elevou sobre ela, e parecia que quanto mais ela tentava não olhar para os músculos de seu peito e estômago, mais seu olhar era inexoravelmente atraído para aquela região muito perigosa.

— Eu pensei que poderíamos tentar algo diferente hoje à noite, — disse ele, e ela levantou uma sobrancelha.

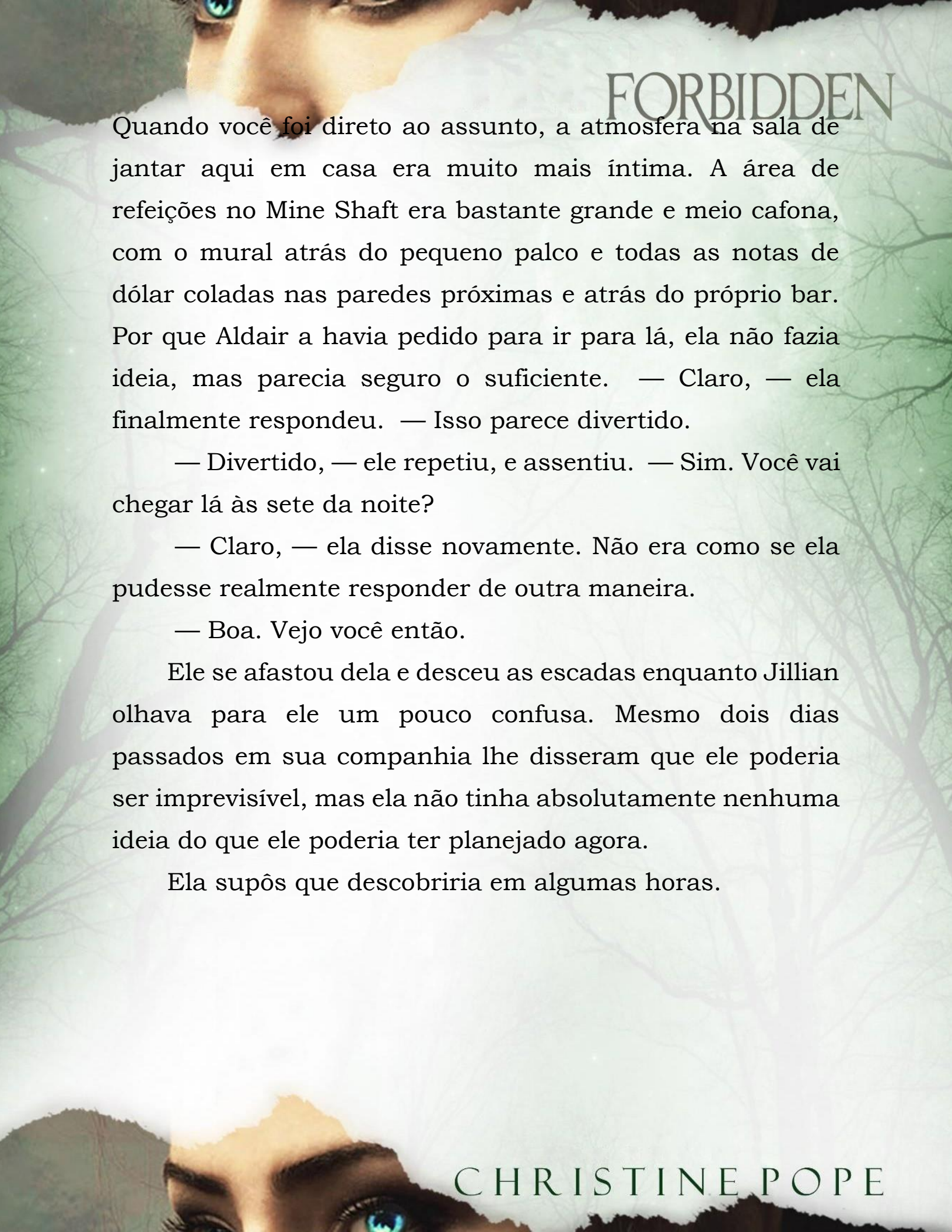
— Diferente? — Droga, sua voz soou terrível. Apenas aquela única palavra saiu estrangulada, quase quebrando a última sílaba.

— Sim. — Se ele se divertiu com o desconforto dela, ela não conseguiu detectar nenhum sinal disso. — Você vai jantar comigo no Mine Shaft?

— O bar?

— O mesmo. Uma mudança de cenário, como eles dizem.

— Bem, eu... — Jillian se debateu por um minuto, depois decidiu que a sugestão parecia bastante inofensiva.



FORBIDDEN

Quando você foi direto ao assunto, a atmosfera na sala de jantar aqui em casa era muito mais íntima. A área de refeições no Mine Shaft era bastante grande e meio cafona, com o mural atrás do pequeno palco e todas as notas de dólar coladas nas paredes próximas e atrás do próprio bar. Por que Aldair a havia pedido para ir para lá, ela não fazia ideia, mas parecia seguro o suficiente. — Claro, — ela finalmente respondeu. — Isso parece divertido.

— Divertido, — ele repetiu, e assentiu. — Sim. Você vai chegar lá às sete da noite?

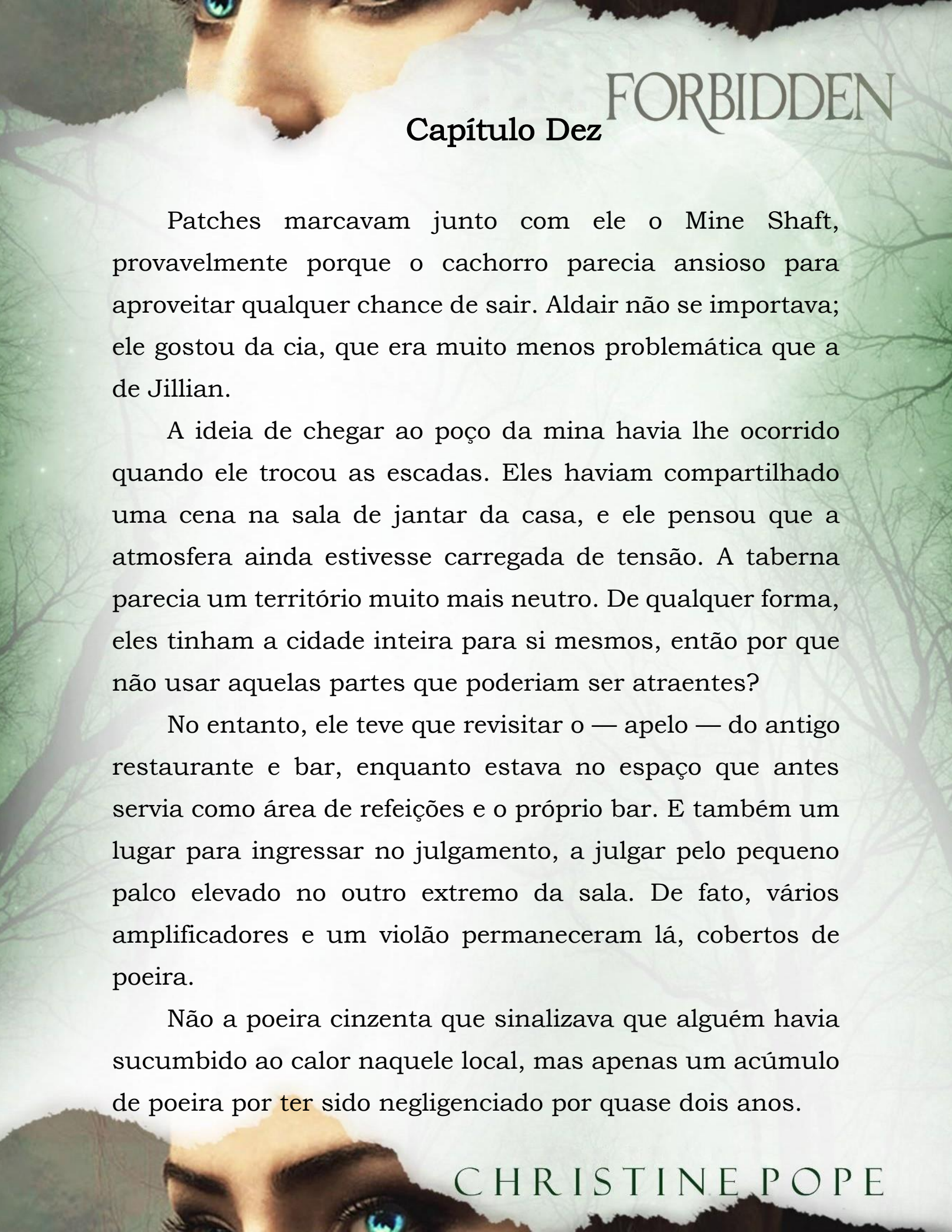
— Claro, — ela disse novamente. Não era como se ela pudesse realmente responder de outra maneira.

— Boa. Vejo você então.

Ele se afastou dela e desceu as escadas enquanto Jillian olhava para ele um pouco confusa. Mesmo dois dias passados em sua companhia lhe disseram que ele poderia ser imprevisível, mas ela não tinha absolutamente nenhuma ideia do que ele poderia ter planejado agora.

Ela supôs que descobriria em algumas horas.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Capítulo Dez

Patches marcavam junto com ele o Mine Shaft, provavelmente porque o cachorro parecia ansioso para aproveitar qualquer chance de sair. Aldair não se importava; ele gostou da cia, que era muito menos problemática que a de Jillian.

A ideia de chegar ao poço da mina havia lhe ocorrido quando ele trocou as escadas. Eles haviam compartilhado uma cena na sala de jantar da casa, e ele pensou que a atmosfera ainda estivesse carregada de tensão. A taberna parecia um território muito mais neutro. De qualquer forma, eles tinham a cidade inteira para si mesmos, então por que não usar aquelas partes que poderiam ser atraentes?

No entanto, ele teve que revisitar o — apelo — do antigo restaurante e bar, enquanto estava no espaço que antes servia como área de refeições e o próprio bar. E também um lugar para ingressar no julgamento, a julgar pelo pequeno palco elevado no outro extremo da sala. De fato, vários amplificadores e um violão permaneceram lá, cobertos de poeira.

Não a poeira cinzenta que sinalizava que alguém havia sucumbido ao calor naquele local, mas apenas um acúmulo de poeira por ter sido negligenciado por quase dois anos.

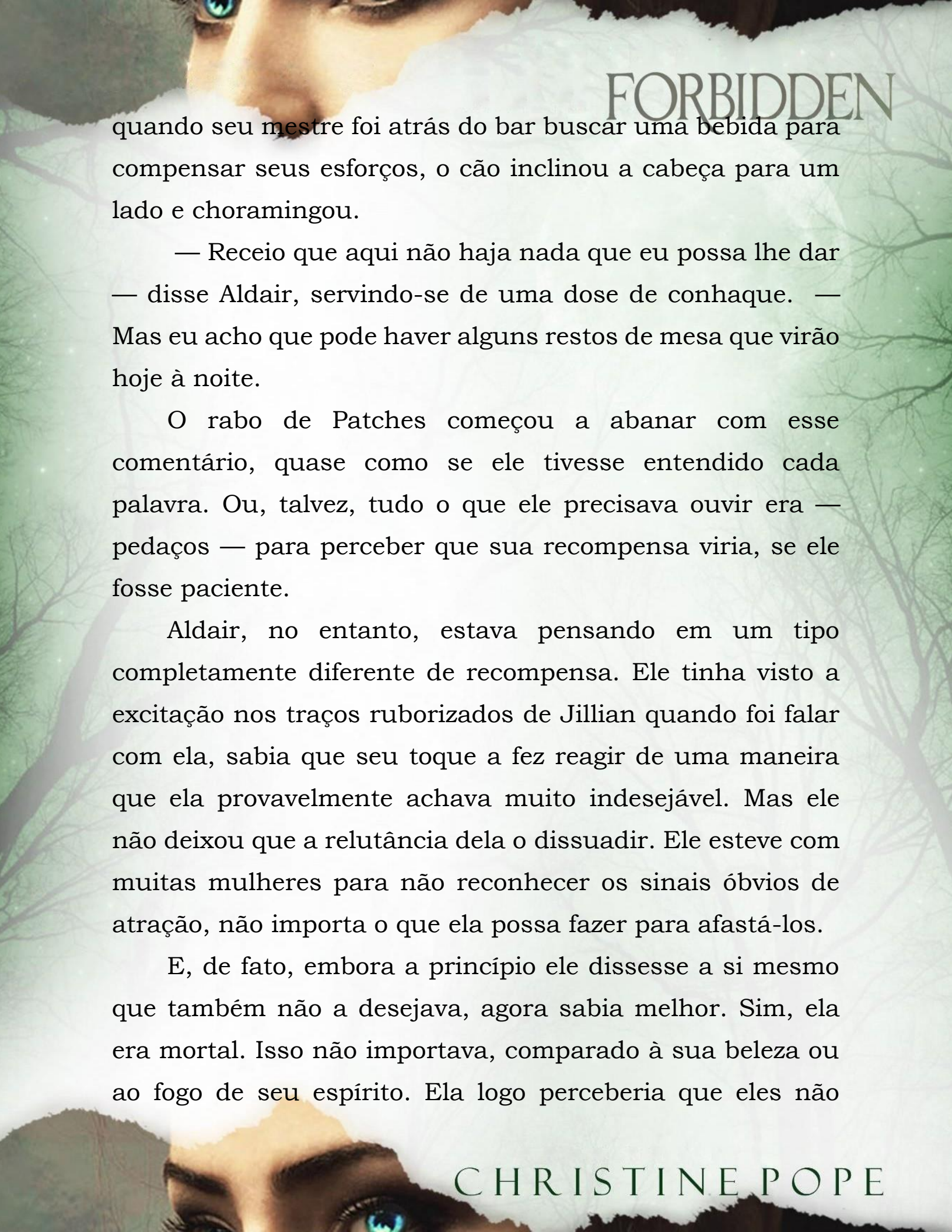
CHRISTINE POPE

De fato, todo o lugar precisava de uma boa limpeza. Para um djinn, isso era apenas uma preocupação menor - um movimento da mão dele, e ventos invisíveis juntaram a poeira e as teias de aranha e as explodiram pela porta lateral. O espelho atrás da barra brilhava, e o cromo nas torneiras brilhava como se tivesse sido aplicado novamente.

Muito melhor. Ele achava que havia muitas cadeiras e mesas na sala e, por isso, ordenou que se empilhassem e depois saíssem para fora, para serem empilhadas sob os remanescentes de um grande pavilhão de lona. Para que finalidade a barraca servia, ele não fazia ideia, mas ainda assim fornecia algum abrigo, embora agora estivesse manchado e começando a mostrar rasgos e lágrimas no tecido.

Ele mantinha uma mesa, colocando-a de lado, perto de uma das janelas, com vista para uma varanda substancial. A sala já estava decorada com os tipos de pequenas luzes brancas que os mortais costumavam decorar no Natal, então tudo o que ele precisava fazer era tocar um dedo no arame para acordá-los novamente. Eles vieram à vida, emprestando um ar festivo ao espaço, pois, embora o sol ainda brilhava lá fora, o bar permaneceu bastante escuro.

Durante tudo isso, Patches sentou-se a um lado, observando Aldair realizar suas transformações sutis. Mas



FORBIDDEN

quando seu mestre foi atrás do bar buscar uma bebida para compensar seus esforços, o cão inclinou a cabeça para um lado e choramingou.

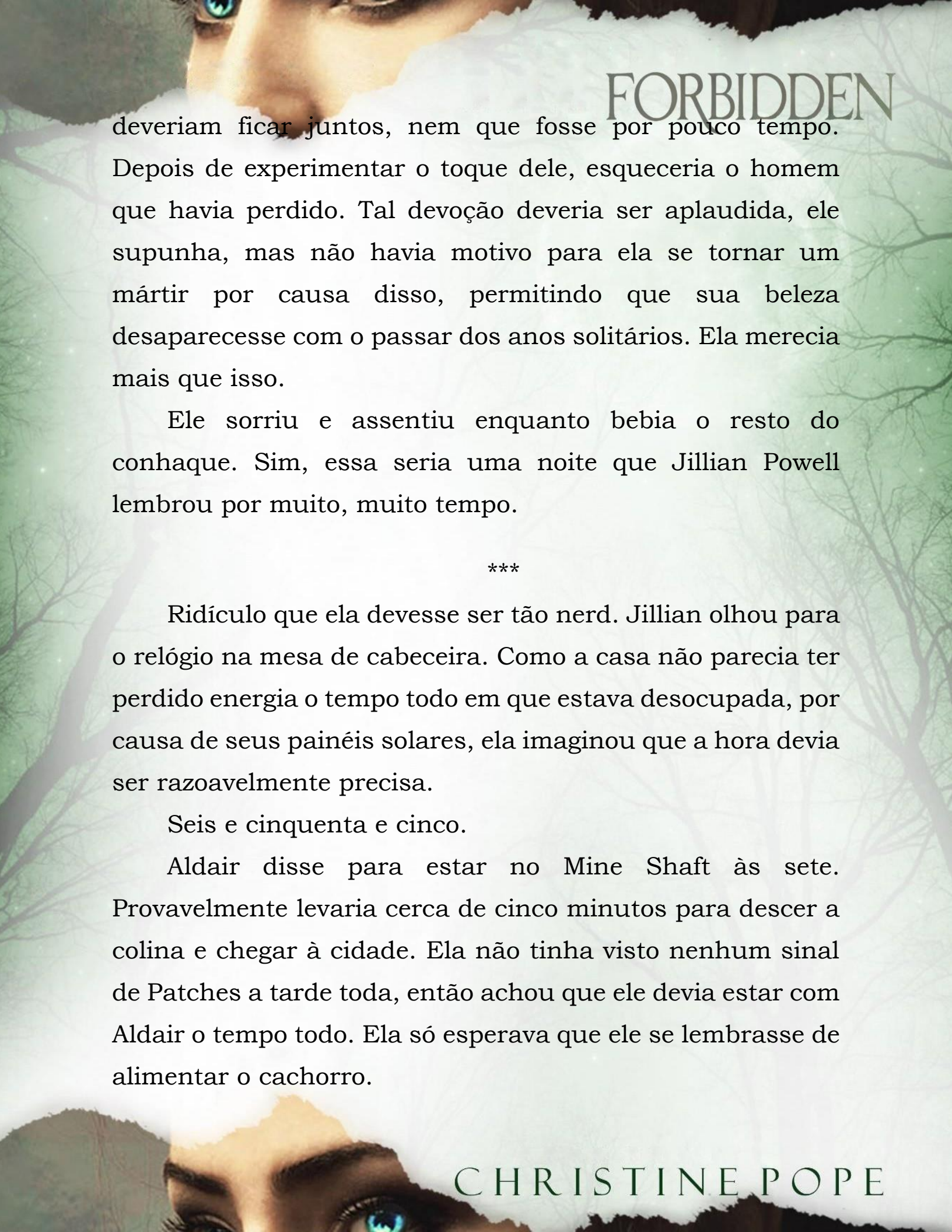
— Receio que aqui não haja nada que eu possa lhe dar — disse Aldair, servindo-se de uma dose de conhaque. — Mas eu acho que pode haver alguns restos de mesa que virão hoje à noite.

O rabo de Patches começou a abanar com esse comentário, quase como se ele tivesse entendido cada palavra. Ou, talvez, tudo o que ele precisava ouvir era — pedaços — para perceber que sua recompensa viria, se ele fosse paciente.

Aldair, no entanto, estava pensando em um tipo completamente diferente de recompensa. Ele tinha visto a excitação nos traços ruborizados de Jillian quando foi falar com ela, sabia que seu toque a fez reagir de uma maneira que ela provavelmente achava muito indesejável. Mas ele não deixou que a relutância dela o dissuadir. Ele esteve com muitas mulheres para não reconhecer os sinais óbvios de atração, não importa o que ela possa fazer para afastá-los.

E, de fato, embora a princípio ele dissesse a si mesmo que também não a desejava, agora sabia melhor. Sim, ela era mortal. Isso não importava, comparado à sua beleza ou ao fogo de seu espírito. Ela logo perceberia que eles não

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

deveriam ficar juntos, nem que fosse por pouco tempo. Depois de experimentar o toque dele, esqueceria o homem que havia perdido. Tal devoção deveria ser aplaudida, ele supunha, mas não havia motivo para ela se tornar um mártir por causa disso, permitindo que sua beleza desaparecesse com o passar dos anos solitários. Ela merecia mais que isso.

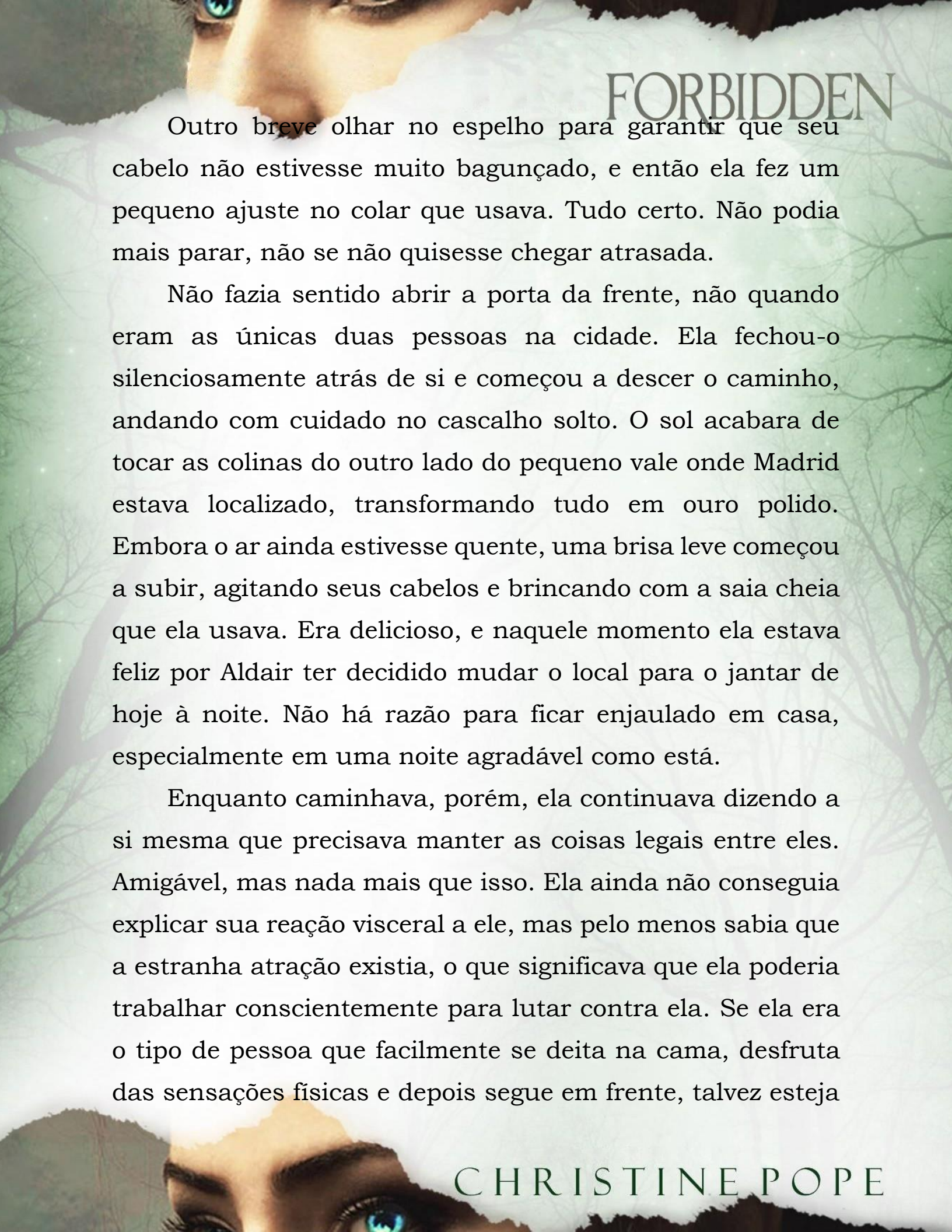
Ele sorriu e assentiu enquanto bebia o resto do conhaque. Sim, essa seria uma noite que Jillian Powell lembrou por muito, muito tempo.

Ridículo que ela devesse ser tão nerd. Jillian olhou para o relógio na mesa de cabeceira. Como a casa não parecia ter perdido energia o tempo todo em que estava desocupada, por causa de seus painéis solares, ela imaginou que a hora devia ser razoavelmente precisa.

Seis e cinquenta e cinco.

Aldair disse para estar no Mine Shaft às sete. Provavelmente levaria cerca de cinco minutos para descer a colina e chegar à cidade. Ela não tinha visto nenhum sinal de Patches a tarde toda, então achou que ele devia estar com Aldair o tempo todo. Ela só esperava que ele se lembrasse de alimentar o cachorro.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Outro breve olhar no espelho para garantir que seu cabelo não estivesse muito bagunçado, e então ela fez um pequeno ajuste no colar que usava. Tudo certo. Não podia mais parar, não se não quisesse chegar atrasada.

Não fazia sentido abrir a porta da frente, não quando eram as únicas duas pessoas na cidade. Ela fechou-o silenciosamente atrás de si e começou a descer o caminho, andando com cuidado no cascalho solto. O sol acabara de tocar as colinas do outro lado do pequeno vale onde Madrid estava localizado, transformando tudo em ouro polido. Embora o ar ainda estivesse quente, uma brisa leve começou a subir, agitando seus cabelos e brincando com a saia cheia que ela usava. Era delicioso, e naquele momento ela estava feliz por Aldair ter decidido mudar o local para o jantar de hoje à noite. Não há razão para ficar enjaulado em casa, especialmente em uma noite agradável como está.

Enquanto caminhava, porém, ela continuava dizendo a si mesma que precisava manter as coisas legais entre eles. Amigável, mas nada mais que isso. Ela ainda não conseguia explicar sua reação visceral a ele, mas pelo menos sabia que a estranha atração existia, o que significava que ela poderia trabalhar conscientemente para lutar contra ela. Se ela era o tipo de pessoa que facilmente se deita na cama, desfruta das sensações físicas e depois segue em frente, talvez esteja

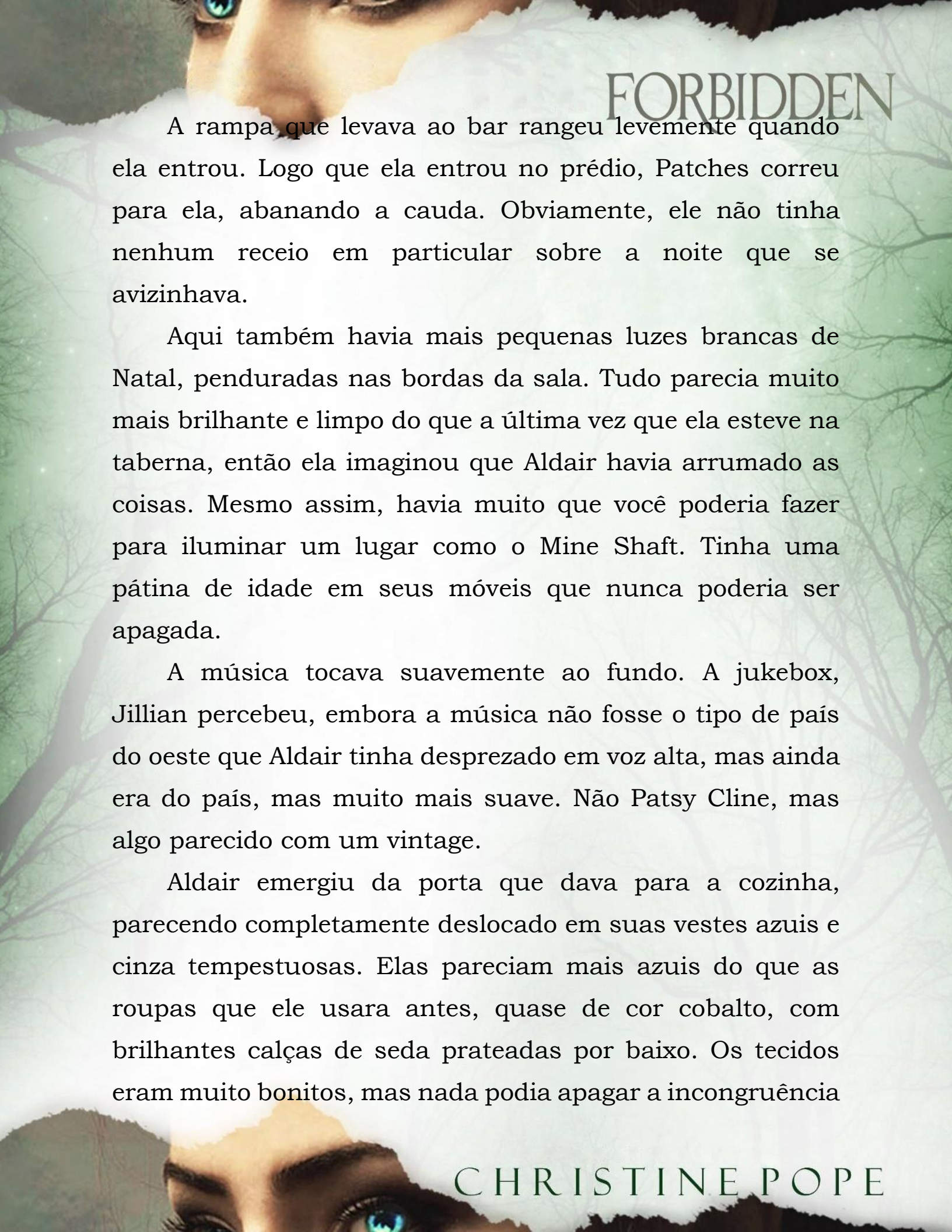
CHRISTINE POPE

olhando Aldair sob uma nova luz. De certa forma, isso tornaria as coisas muito mais fáceis. Ela poderia dar ao corpo a liberação necessária sem ter que comprometer seu coração - ou seu amor por Jack - de maneira significativa.

Mas ela não era essa pessoa. Nunca tinha sido. Tudo o que ela pôde fazer foi encontrar uma maneira de coexistir com Aldair até que ele determinasse o melhor plano para deixá-la para trás, evitando o djinn em Santa Fé. Então ele poderia voltar à vida dela em Los Alamos, e ele poderia - bem, ele poderia sair e fazer o que quer que djinn fizesse. Ela ainda estava um pouco enevoada nessa parte. Certamente eles devem fazer algo para preencher todos esses longos e longos anos, mas ela não tinha ideia do que poderia ser. Seria uma longa caminhada até Santa Fe, mas uma vez lá, ela sabia que poderia conseguir que um dos Escolhidos da cidade a levasse a Los Alamos.

Ao se aproximar do Mine Shaft, viu que pequenas luzes brancas de fada brilhavam na varanda do lado de fora do bar. Aqueles sempre estiveram lá? Ela não sabia, porque a única vez em que passara pela cidade com Jack, era dia.

Ela meio que esperava que as luzes sempre estivessem lá. Isso significaria que Aldair não havia se esforçado muito nesse jantar.



FORBIDDEN

A rampa que levava ao bar rangeu levemente quando ela entrou. Logo que ela entrou no prédio, Patches correu para ela, abanando a cauda. Obviamente, ele não tinha nenhum receio em particular sobre a noite que se avizinhava.

Aqui também havia mais pequenas luzes brancas de Natal, penduradas nas bordas da sala. Tudo parecia muito mais brilhante e limpo do que a última vez que ela esteve na taberna, então ela imaginou que Aldair havia arrumado as coisas. Mesmo assim, havia muito que você poderia fazer para iluminar um lugar como o Mine Shaft. Tinha uma pátina de idade em seus móveis que nunca poderia ser apagada.

A música tocava suavemente ao fundo. A jukebox, Jillian percebeu, embora a música não fosse o tipo de país do oeste que Aldair tinha desprezado em voz alta, mas ainda era do país, mas muito mais suave. Não Patsy Cline, mas algo parecido com um vintage.

Aldair emergiu da porta que dava para a cozinha, parecendo completamente deslocado em suas vestes azuis e cinza tempestuosas. Elas pareciam mais azuis do que as roupas que ele usara antes, quase de cor cobalto, com brilhantes calças de seda prateadas por baixo. Os tecidos eram muito bonitos, mas nada podia apagar a incongruência

CHRISTINE POPE

de um homem vestindo algo que parecia sair diretamente das mil e uma noites enquanto ele estava em um bar de mergulho em Madri, Novo México.

— Jillian, — disse ele com um sorriso, depois gesticulou em direção à sala e em volta deles. — Você gosta?

— Parece mil por cento melhor, — respondeu ela. — Estou feliz que você tenha pensado nisso.

— Bom, aqui - é aqui que vamos nos sentar.

Ele apontou para uma mesa perto da janela. Pela primeira vez, ela percebeu que ele havia limpado a sala de todas as outras mesas e cadeiras. Parecia muito maior, embora ela não tivesse certeza de que gostou do acordo. Remover a maioria dos móveis e deixar apenas a mesa e as duas cadeiras pareciam indicar como eles eram os únicos dois na cidade.

Mas ela não quis comentar sobre isso. Ela conseguiu sorrir enquanto se sentava à mesa. De algum lugar, ele localizou uma toalha de mesa - não era exatamente uma questão comum aqui - e uma velha garrafa de cor azul estava cheia dos girassóis que cresciam em todos os terrenos baldios e ao longo das estradas. Eles acrescentaram uma nota alegre, que Jillian apreciou.

— Eu deveria fazer isso de volta em casa, — disse ela, apontando para as flores. — Eles crescem em todos os

lugares, por isso não é como se eu tivesse que me sentir culpada por cortar alguns.

— Eles são onipresentes, — concordou Aldair. — Mas estou feliz que você goste delas. — Do nada ele produziu uma garrafa de vinho e ela piscou. Sim, ele era um djinn e podia conjurar itens do nada como quisesse, mas ainda assim era bastante desconcertante assistir.

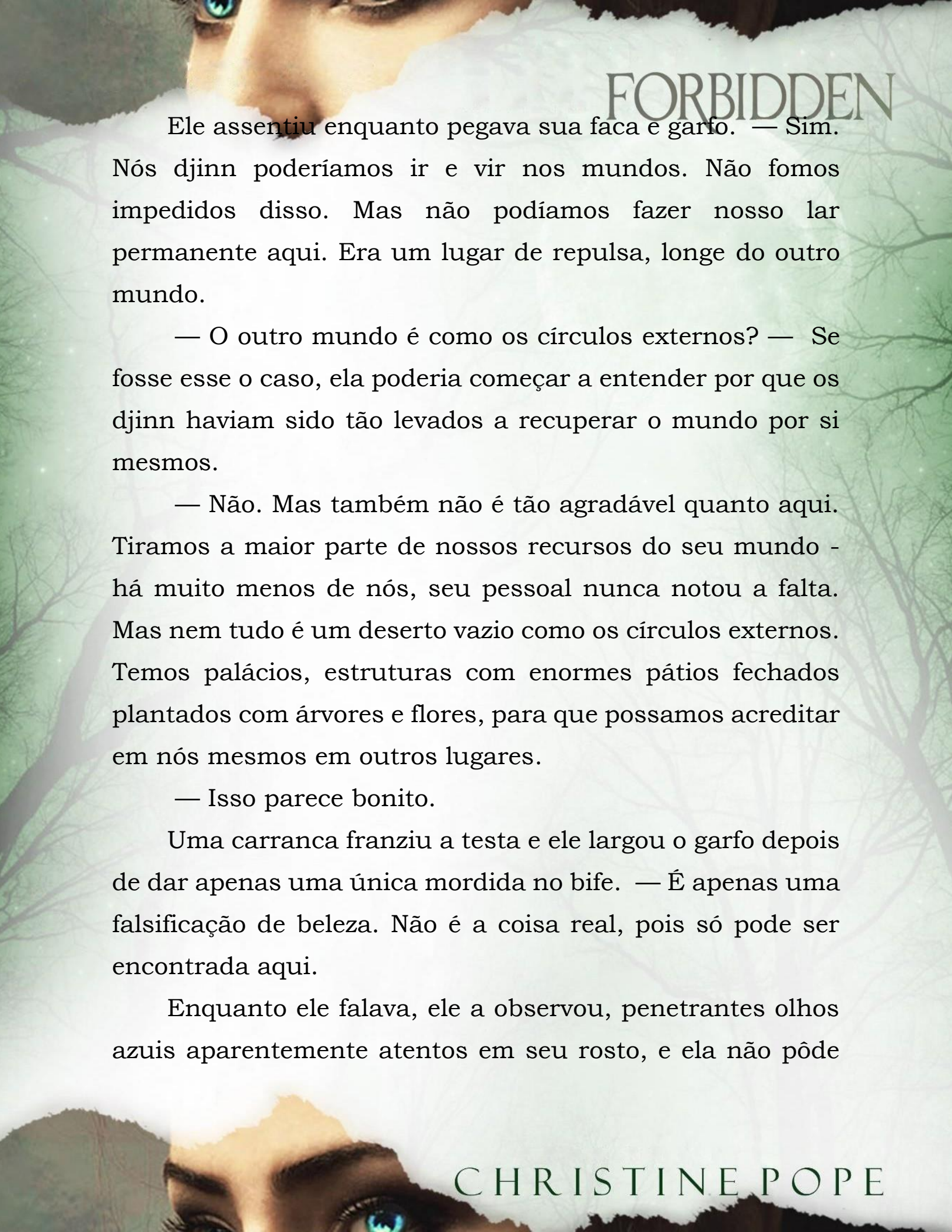
Mas ela não fez nenhum comentário quando ele derramou vinho escuro nos copos sobre a mesa, depois se sentou. Patches, que estava deitado de um lado, se aproximou assim que ele percebeu que suas chances de pedir alguns pedaços de mesa estavam prestes a aumentar exponencialmente.

E então os pratos apareceram diante de ambos, cada um com um bife de costela perfeitamente formado, coberto com queijo Blue derretido, lanças de aspargos ao lado e uma pilha de batatas gratinadas no outro. Era o tipo de refeição que Jillian não tinha feito antes do calor, e não com muita frequência então. Talvez algo muito especial, como um aniversário ou um aniversário.

— Isso parece maravilhoso, — disse ela.

— Boa. Provei muitos pratos de seu povo, mas essa foi uma refeição que tive vários anos atrás e queria me divertir.

— Então você passou um tempo aqui na Terra... antes?



FORBIDDEN

Ele assentiu enquanto pegava sua faca e garfo. — Sim. Nós djinn poderíamos ir e vir nos mundos. Não fomos impedidos disso. Mas não podíamos fazer nosso lar permanente aqui. Era um lugar de repulsa, longe do outro mundo.

— O outro mundo é como os círculos externos? — Se fosse esse o caso, ela poderia começar a entender por que os djinn haviam sido tão levados a recuperar o mundo por si mesmos.

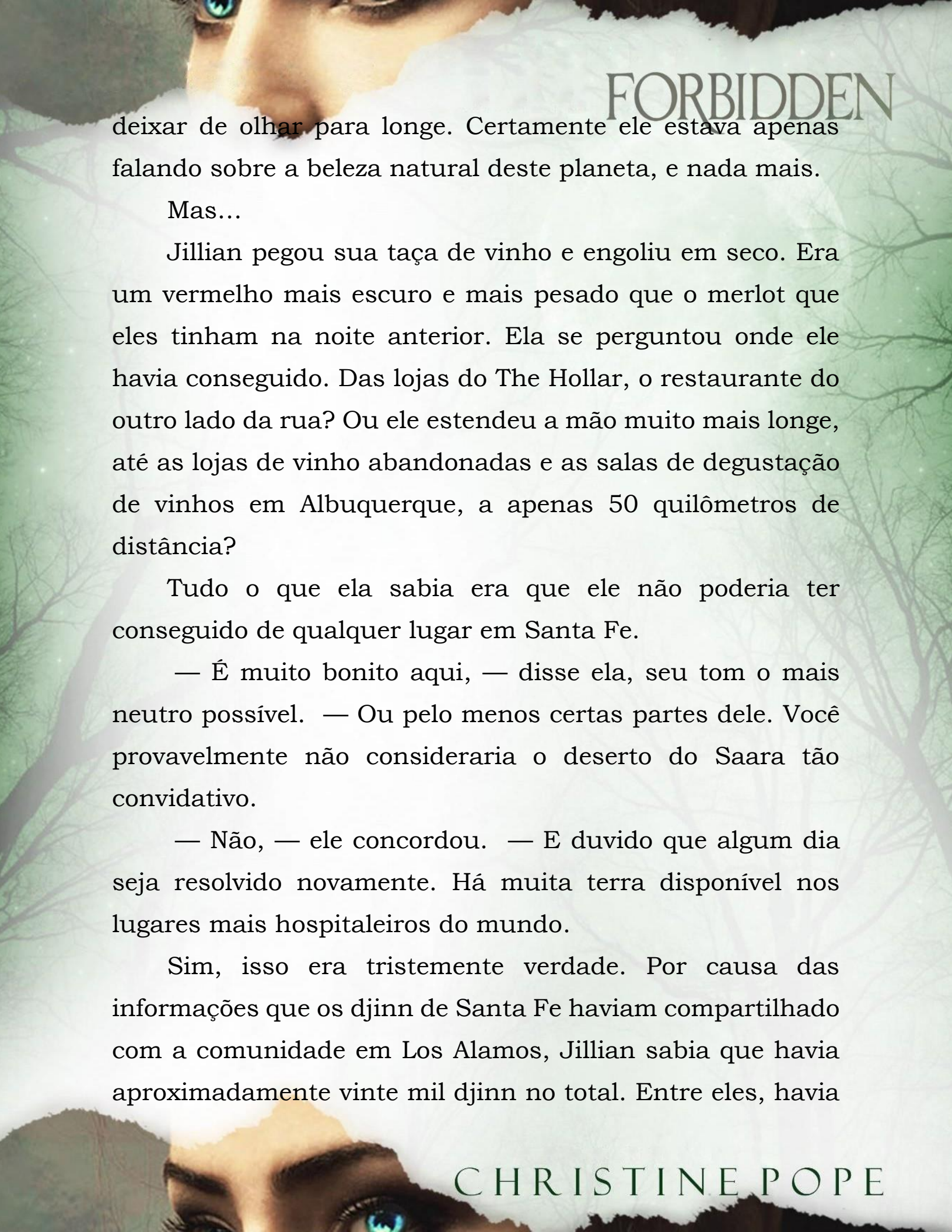
— Não. Mas também não é tão agradável quanto aqui. Tiramos a maior parte de nossos recursos do seu mundo - há muito menos de nós, seu pessoal nunca notou a falta. Mas nem tudo é um deserto vazio como os círculos externos. Temos palácios, estruturas com enormes pátios fechados plantados com árvores e flores, para que possamos acreditar em nós mesmos em outros lugares.

— Isso parece bonito.

Uma carranca franziu a testa e ele largou o garfo depois de dar apenas uma única mordida no bife. — É apenas uma falsificação de beleza. Não é a coisa real, pois só pode ser encontrada aqui.

Enquanto ele falava, ele a observou, penetrantes olhos azuis aparentemente atentos em seu rosto, e ela não pôde

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

deixar de olhar para longe. Certamente ele estava apenas falando sobre a beleza natural deste planeta, e nada mais.

Mas...

Jillian pegou sua taça de vinho e engoliu em seco. Era um vermelho mais escuro e mais pesado que o merlot que eles tinham na noite anterior. Ela se perguntou onde ele havia conseguido. Das lojas do The Hollar, o restaurante do outro lado da rua? Ou ele estendeu a mão muito mais longe, até as lojas de vinho abandonadas e as salas de degustação de vinhos em Albuquerque, a apenas 50 quilômetros de distância?

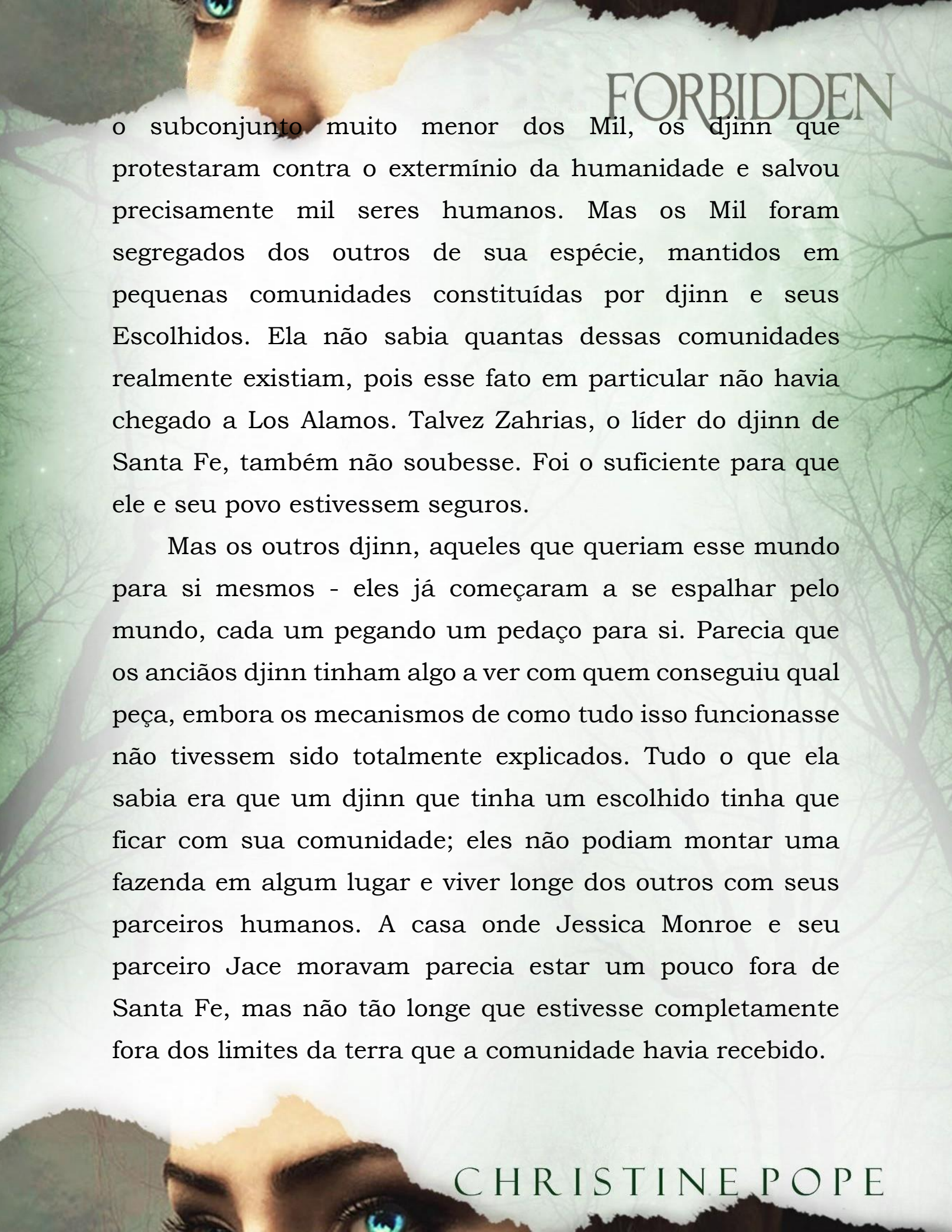
Tudo o que ela sabia era que ele não poderia ter conseguido de qualquer lugar em Santa Fe.

— É muito bonito aqui, — disse ela, seu tom o mais neutro possível. — Ou pelo menos certas partes dele. Você provavelmente não consideraria o deserto do Saara tão convidativo.

— Não, — ele concordou. — E duvido que algum dia seja resolvido novamente. Há muita terra disponível nos lugares mais hospitaleiros do mundo.

Sim, isso era tristemente verdade. Por causa das informações que os djinn de Santa Fe haviam compartilhado com a comunidade em Los Alamos, Jillian sabia que havia aproximadamente vinte mil djinn no total. Entre eles, havia

CHRISTINE POPE

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. Her hair is dark and voluminous. The background is a soft, out-of-focus green, suggesting foliage or trees. The title 'FORBIDDEN' is written in a large, serif font at the top right. The author's name 'CHRISTINE POPE' is at the bottom right. The text of the book is in a black, serif font, centered on the page.

FORBIDDEN

o subconjunto muito menor dos Mil, os djinn que protestaram contra o extermínio da humanidade e salvou precisamente mil seres humanos. Mas os Mil foram segregados dos outros de sua espécie, mantidos em pequenas comunidades constituídas por djinn e seus Escolhidos. Ela não sabia quantas dessas comunidades realmente existiam, pois esse fato em particular não havia chegado a Los Alamos. Talvez Zahrias, o líder do djinn de Santa Fe, também não soubesse. Foi o suficiente para que ele e seu povo estivessem seguros.

Mas os outros djinn, aqueles que queriam esse mundo para si mesmos - eles já começaram a se espalhar pelo mundo, cada um pegando um pedaço para si. Parecia que os anciãos djinn tinham algo a ver com quem conseguiu qual peça, embora os mecanismos de como tudo isso funcionasse não tivessem sido totalmente explicados. Tudo o que ela sabia era que um djinn que tinha um escolhido tinha que ficar com sua comunidade; eles não podiam montar uma fazenda em algum lugar e viver longe dos outros com seus parceiros humanos. A casa onde Jessica Monroe e seu parceiro Jace moravam parecia estar um pouco fora de Santa Fe, mas não tão longe que estivesse completamente fora dos limites da terra que a comunidade havia recebido.

CHRISTINE POPE

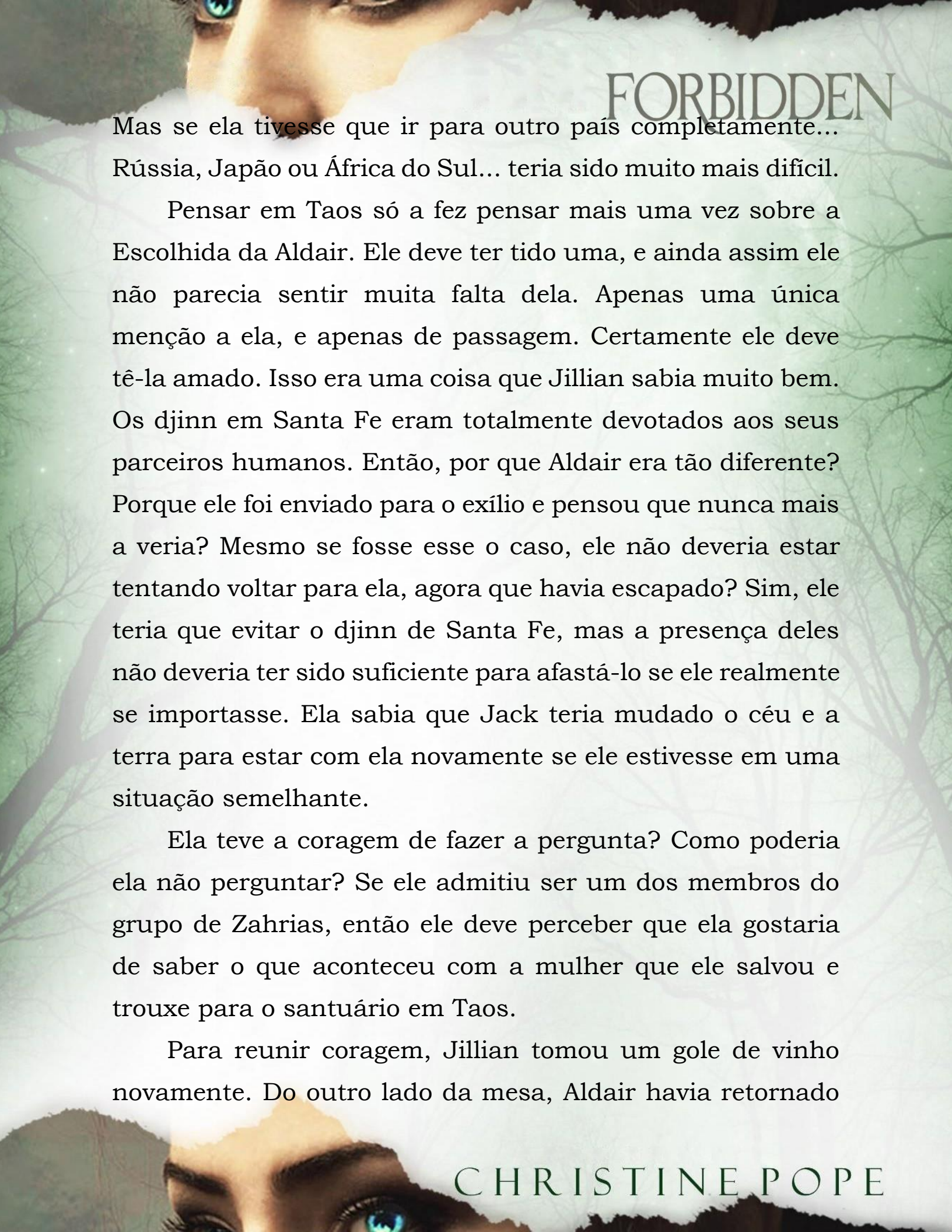
— Por que Taos? — Ela perguntou então, e Aldair levantou uma sobrancelha para ela.

— O que você quer dizer?

— Bem, seu grupo esteve em Taos antes de se mudarem para Santa Fé. Então, por que lá?

Seus ombros se levantaram e ele pegou sua taça de vinho. — Essa foi a decisão de Zahrias. Eu não sei porque. Não é uma escolha muito boa, como se vê, já que os pesquisadores não aprovaram a localização. Mas por que certos djinn dos Mil acabaram em um lugar e não em outro... foi por causa de seus Escolhidos. Esses parceiros teriam sofrido choques suficientes e, portanto, foram feitos todos os esforços para que eles se instalassem na mesma região em que haviam vivido antes que o mundo mudasse.

Isso fez sentido. Perder todos que você já conheceu e amou foi um golpe inimaginável por si só. Mas ser tirado do lugar que você conhecia e trazido para outro lugar inteiramente para morar - isso seria quase difícil demais de suportar. Sim, ela era de Albuquerque e tinha visitado Los Alamos apenas algumas vezes, mas ainda não lhe parecia completamente estranho. As estações do ano, a vegetação, as formas das montanhas - elas estavam próximas o suficiente para que ela pudesse se ajustar bastante bem.



FORBIDDEN

Mas se ela tivesse que ir para outro país completamente... Rússia, Japão ou África do Sul... teria sido muito mais difícil.

Pensar em Taos só a fez pensar mais uma vez sobre a Escolhida da Aldair. Ele deve ter tido uma, e ainda assim ele não parecia sentir muita falta dela. Apenas uma única menção a ela, e apenas de passagem. Certamente ele deve tê-la amado. Isso era uma coisa que Jillian sabia muito bem. Os djinn em Santa Fe eram totalmente devotados aos seus parceiros humanos. Então, por que Aldair era tão diferente? Porque ele foi enviado para o exílio e pensou que nunca mais a veria? Mesmo se fosse esse o caso, ele não deveria estar tentando voltar para ela, agora que havia escapado? Sim, ele teria que evitar o djinn de Santa Fe, mas a presença deles não deveria ter sido suficiente para afastá-lo se ele realmente se importasse. Ela sabia que Jack teria mudado o céu e a terra para estar com ela novamente se ele estivesse em uma situação semelhante.

Ela teve a coragem de fazer a pergunta? Como poderia ela não perguntar? Se ele admitiu ser um dos membros do grupo de Zahrias, então ele deve perceber que ela gostaria de saber o que aconteceu com a mulher que ele salvou e trouxe para o santuário em Taos.

Para reunir coragem, Jillian tomou um gole de vinho novamente. Do outro lado da mesa, Aldair havia retornado

CHRISTINE POPE

ao bife, mas ela sentiu com certa tensão em seus ombros que ele estava antecipando quais seriam as próximas palavras dela.

— E o seu escolhido? — Ela perguntou. — O que aconteceu com ela?

— Isso eu não sei ao certo, — respondeu ele, embora seu olhar não encontrasse o dela. Ele tinha que estar escondendo alguma coisa. Precisamente o que, Jillian não conseguia adivinhar. — O nome dela era Katelyn e ela veio de Roswell. Mas....

— Katelyn? — Jillian repetiu, se perguntando se o ouvira corretamente. — Katelyn Fonseca?

Aqueles brilhantes olhos azuis brilharam de surpresa. — Você a conhece? Como isso é possível?

— Eu não a conheço bem, mas sim, eu a conheci. — Fale sobre suas coincidências. Observando as sobrelanceiras de Aldair se juntarem, Jillian continuou: — Ela veio morar em Los Alamos há cerca de um ano. Julia nos disse que havia perdido seu parceiro djinn mais cedo naquele inverno, mas ela não deu muitos detalhes, apenas disse que todos haviam decidido que ela se sentiria mais confortável em Los Alamos do que em Santa Fe, cercada por Djinn que poderia lembrá-la de sua perda. E Katelyn nunca fala sobre isso.

Mas, eventualmente, ela voltou, encontrou seu ritmo na comunidade. Ela está com Shawn agora.

Quase nenhuma alteração na expressão de Aldair. — Shawn?

Jillian engoliu em seco. Ele não deveria ter reagido muito mais ao ouvir que a mulher que ele escolhera estava agora com outro homem? Mas, uma vez que ela havia entrado nessa discussão, sabia que não tinha escolha a não ser continuar. — Shawn Gutierrez. Ele dirige as coisas desde que Julia saiu para ficar com Zahrias. Também temos uma espécie de conselho da cidade, mas ele é quem dá o voto decisivo.

— Ah.

Apenas aquela sílaba, o que poderia ter significado qualquer coisa. Jillian pegou o garfo e comeu um bocado de purê de batatas, já que realmente não sabia o que dizer em seguida. Talvez ela devesse esquecer. Seria possível que um djinn renunciasse à reivindicação de uma mulher humana? Ela não tinha ideia, porque nunca havia encontrado essa situação em particular antes. Pelo que sabia, o exílio de Aldair nos círculos externos também cortou sua conexão com Katelyn, fazendo dela uma agente livre.

Jillian olhou em cima da mesa para Aldair. Ele ainda estava com aquele olhar fechado e fechado, então ela estava

tendo um momento ainda mais difícil do que o normal tentando ler sua expressão. Mas como já havia levantado o assunto, ela imaginou que poderia seguir adiante.

— Então você não sabia? Ou seja, eu ouvi dizer que deveria haver algum tipo de conexão entre djinn e os Escolhidos deles.

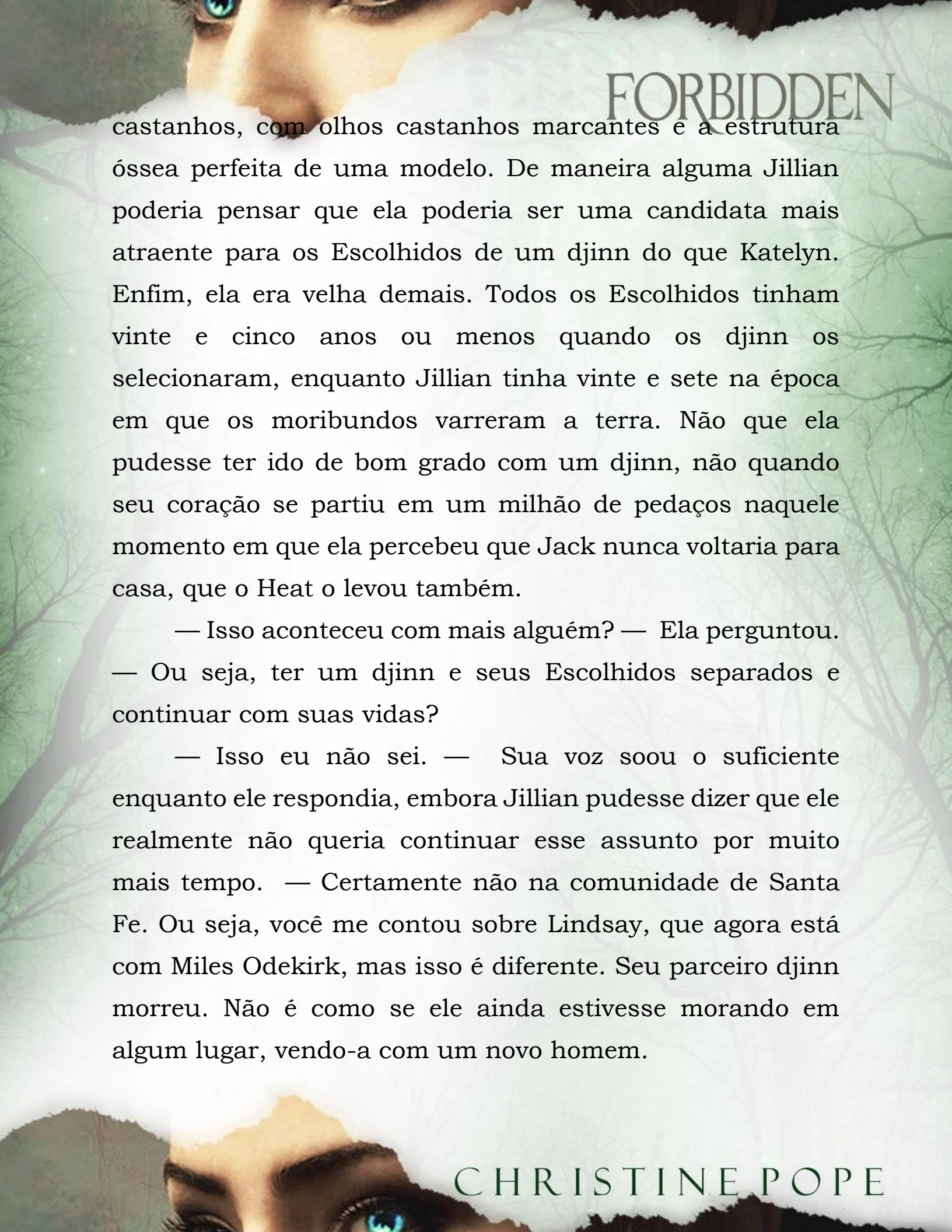
— Ela não era mais minha escolhida, — disse Aldair abruptamente. — Eu fui para o exílio. O destino dela era dela depois disso.

Então, o palpite de Jillian estava correto. Ela não sentiu nenhuma satisfação em saber que, no entanto, não quando era claramente um assunto dolorido para Aldair. — E você não é... você não vai tentar recuperá-la?

— Porque eu faria isso? Ela decidiu o caminho que sua vida seguirá agora. Não vou interferir. Além disso... — acrescentou ele, depois de pegar sua taça de vinho e engolir um bocado grande. — Estou começando a perceber que talvez não tivesse feito as escolhas mais sábias quando se tratava de selecioná-la.

Enquanto ele falava, seus olhos se fixaram nos de Jillian, e um calafrio percorreu seu corpo. Ele estava dizendo o que ela pensou que ele estava dizendo?

Não, ela tinha que estar lisonjeada, Katelyn Fonseca era cinco anos mais nova que ela, uma jovem de cabelos

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a torn paper effect. The background is a soft green with faint, dark outlines of trees or foliage. The title 'FORBIDDEN' is written in a large, serif font at the top right, and the author's name 'CHRISTINE POPE' is at the bottom right.

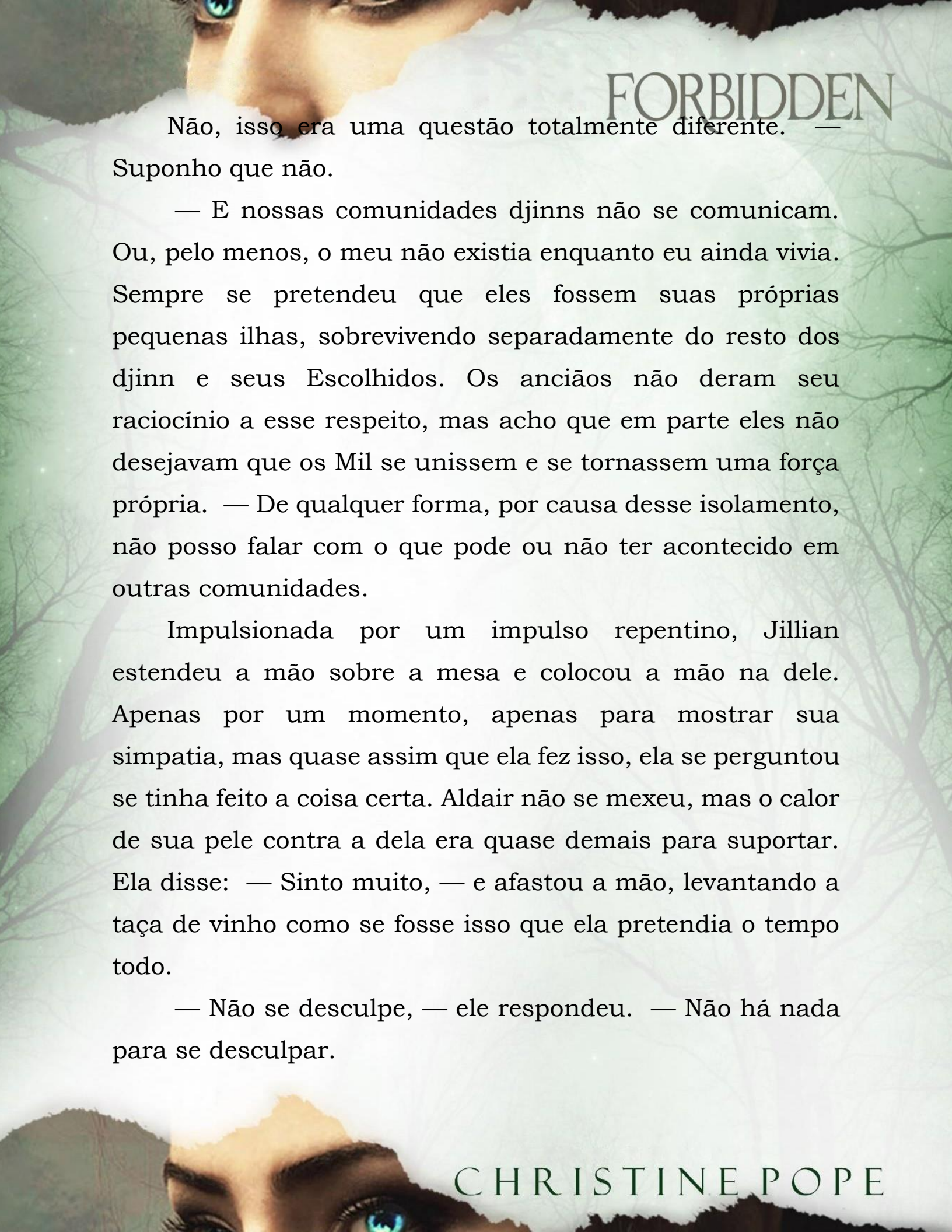
FORBIDDEN

castanhos, com olhos castanhos marcantes e a estrutura óssea perfeita de uma modelo. De maneira alguma Jillian poderia pensar que ela poderia ser uma candidata mais atraente para os Escolhidos de um djinn do que Katelyn. Enfim, ela era velha demais. Todos os Escolhidos tinham vinte e cinco anos ou menos quando os djinn os selecionaram, enquanto Jillian tinha vinte e sete na época em que os moribundos varreram a terra. Não que ela pudesse ter ido de bom grado com um djinn, não quando seu coração se partiu em um milhão de pedaços naquele momento em que ela percebeu que Jack nunca voltaria para casa, que o Heat o levou também.

— Isso aconteceu com mais alguém? — Ela perguntou.
— Ou seja, ter um djinn e seus Escolhidos separados e continuar com suas vidas?

— Isso eu não sei. — Sua voz soou o suficiente enquanto ele respondia, embora Jillian pudesse dizer que ele realmente não queria continuar esse assunto por muito mais tempo. — Certamente não na comunidade de Santa Fe. Ou seja, você me contou sobre Lindsay, que agora está com Miles Odekirk, mas isso é diferente. Seu parceiro djinn morreu. Não é como se ele ainda estivesse morando em algum lugar, vendo-a com um novo homem.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

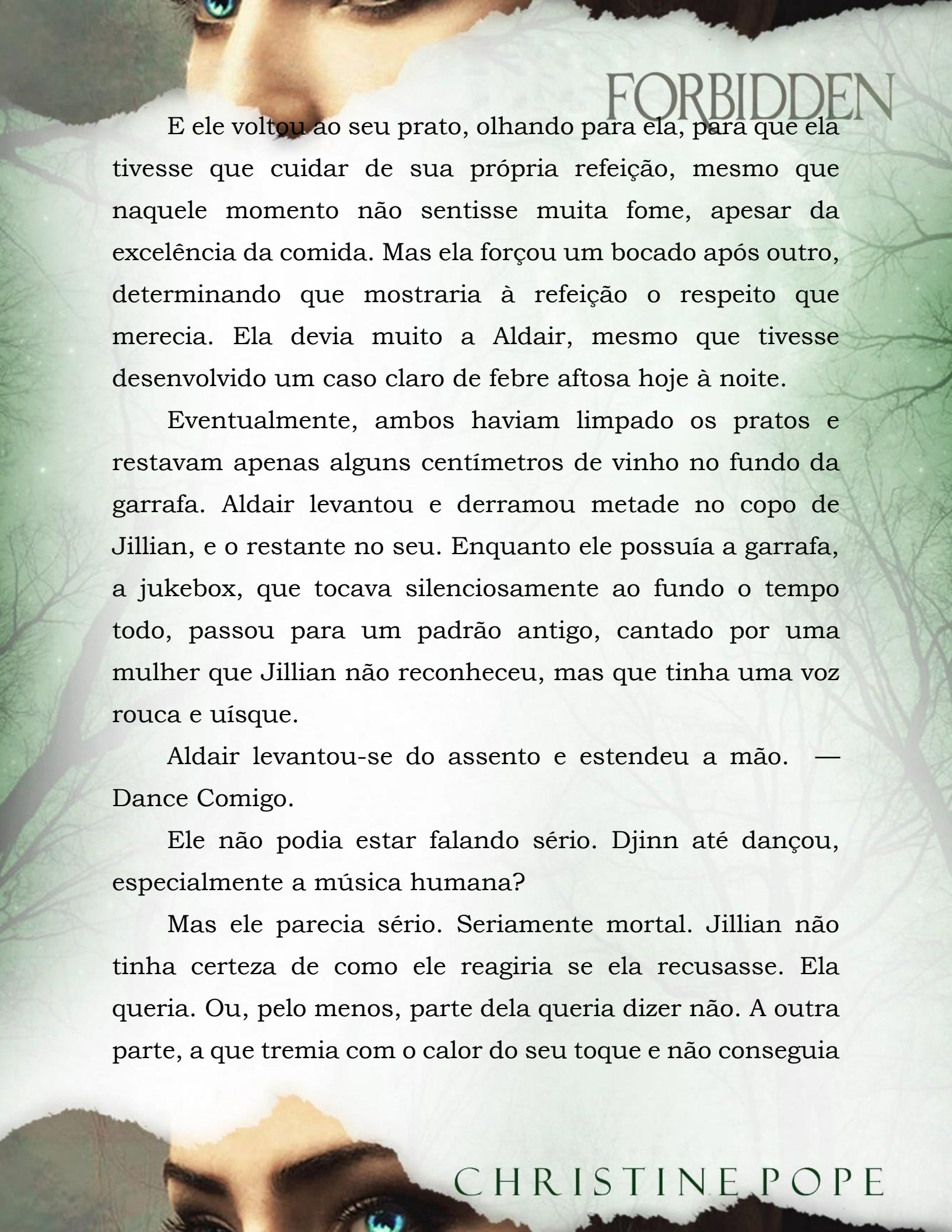
Não, isso era uma questão totalmente diferente. —
Suponho que não.

— E nossas comunidades djinns não se comunicam. Ou, pelo menos, o meu não existia enquanto eu ainda vivia. Sempre se pretendeu que eles fossem suas próprias pequenas ilhas, sobrevivendo separadamente do resto dos djinn e seus Escolhidos. Os anciãos não deram seu raciocínio a esse respeito, mas acho que em parte eles não desejavam que os Mil se unissem e se tornassem uma força própria. — De qualquer forma, por causa desse isolamento, não posso falar com o que pode ou não ter acontecido em outras comunidades.

Impulsionada por um impulso repentino, Jillian estendeu a mão sobre a mesa e colocou a mão na dele. Apenas por um momento, apenas para mostrar sua simpatia, mas quase assim que ela fez isso, ela se perguntou se tinha feito a coisa certa. Aldair não se mexeu, mas o calor de sua pele contra a dela era quase demais para suportar. Ela disse: — Sinto muito, — e afastou a mão, levantando a taça de vinho como se fosse isso que ela pretendia o tempo todo.

— Não se desculpe, — ele respondeu. — Não há nada para se desculpar.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

E ele voltou ao seu prato, olhando para ela, para que ela tivesse que cuidar de sua própria refeição, mesmo que naquele momento não sentisse muita fome, apesar da excelência da comida. Mas ela forçou um bocado após outro, determinando que mostraria à refeição o respeito que merecia. Ela devia muito a Aldair, mesmo que tivesse desenvolvido um caso claro de febre aftosa hoje à noite.

Eventualmente, ambos haviam limpado os pratos e restavam apenas alguns centímetros de vinho no fundo da garrafa. Aldair levantou e derramou metade no copo de Jillian, e o restante no seu. Enquanto ele possuía a garrafa, a jukebox, que tocava silenciosamente ao fundo o tempo todo, passou para um padrão antigo, cantado por uma mulher que Jillian não reconheceu, mas que tinha uma voz rouca e uísque.

Aldair levantou-se do assento e estendeu a mão. — Dance Comigo.

Ele não podia estar falando sério. Djinn até dançou, especialmente a música humana?

Mas ele parecia sério. Seriamente mortal. Jillian não tinha certeza de como ele reagiria se ela recusasse. Ela queria. Ou, pelo menos, parte dela queria dizer não. A outra parte, a que tremia com o calor do seu toque e não conseguia

CHRISTINE POPE

parar de se lembrar de como era ter a boca dele contra a dela, queria muito.

Quase sem pensar, ela se levantou da cadeira e pegou a mão dele. — Eu não sou uma boa dançarina.

Sua boca se contorceu em diversão. — Eu já vi esse tipo de dança. Não requer muita habilidade.

Bem, ela realmente não podia argumentar com essa afirmação. Quando se tratava de dança lenta, tudo o que você precisava fazer era se abraçar e andar um pouco pela pista de dança.

Então ela o deixou puxá-la em seus braços e não se atreveu a olhar em seu rosto quando começaram a se mover lentamente com a música. Era bom, porém - parecia muito melhor do que ela queria admitir para si mesma. E ela sempre adoraria essa música. Deve ter sido o vinho, mas ela se viu cantando suavemente.

— *Apenas lembre-se, querida, o tempo todo.*

— *Você pertence a mim.*

Então, para sua mortificação, ela percebeu que a música havia parado, que Aldair estava olhando para ela com uma expressão inescrutável em seus traços. Por fim, ele disse: — Você tem uma voz muito adorável.

O sangue correu para suas bochechas. — Não, eu...

— Você tem, muito mais agradável do que a mulher na gravação. — Ele olhou para a jukebox e depois olhou para Jillian. — Por que eu não ouvi você cantar antes disso?

Apesar de si mesma, ela não conseguia evitar sorrir. — Bem, não é exatamente como se eu tivesse tido uma chance de cantar ultimamente.

— Verdade. Eu deveria lhe dar mais oportunidades.

O calor em sua voz era impossível de perder. Jillian sabia que deveria fazer ou dizer algo para amenizar a situação, mas condenou se pudesse pensar em alguma coisa. Percebendo que a jukebox permaneceu em silêncio, ela se aventurou: — Hum... é meio difícil dançar quando não há música tocando.

— Verdade. — Ele parou então, os olhos azuis ainda fixos no rosto dela. — Talvez tenha chegado a hora da dança. Dançamos um ao outro, não acha?

Sem saber como responder, Jillian só pôde permitir um único aceno cauteloso. Isso parecia suficiente para Aldair, no entanto, porque ele soltou a mão dela para poder levantar a sua para afastar uma mecha solta de cabelo do rosto dela. Então ele moveu a mão para baixo, levemente, para que ele pudesse tocar sua bochecha.

Um calafrio a atravessou. Aquele toque curiosamente gentil foi suficiente para enviar calor queimando por todos

os membros. Seus olhos ainda a observavam, como se aferissem a cada reação. Ele estava esperando-a se afastar? Ela sabia que deveria. Ela deveria fazer algo para detê-lo.

De alguma forma, porém, ela não conseguia encontrar forças para fazer nada, exceto ficar ali.

Ah. Uma sílaba, um reconhecimento de algo que ela não queria enfrentar.

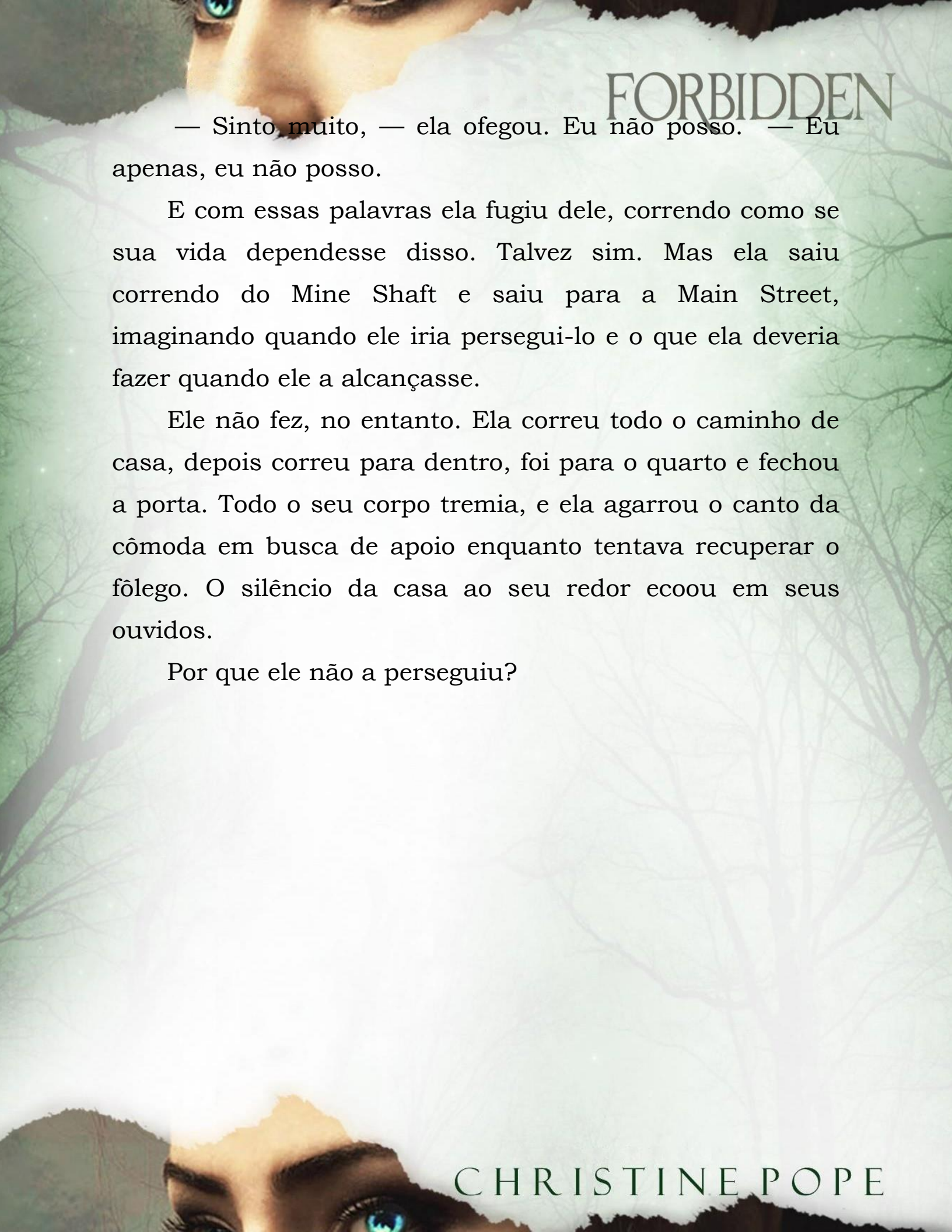
Então ele se inclinou e colocou a boca na dela.

Doce fogo, correndo por todo o corpo. Fazia muito tempo desde que ela sentiu algo assim, acordando partes dela que se sentiam mortas nos últimos dois anos. Sua língua a tocou gentilmente, com gosto de vinho e algo mais, talvez apenas seu próprio sabor exótico de djinn. Ela não sabia, e naquele momento não se importava muito, só queria que ele continuasse a beijá-la.

Mas ele não deveria estar a beijando. Isso estava errado - tão errado. Ela não era a escolhida dele. Ela não era alguém que jamais chamaria a atenção de um djinn. E como ela podia deixá-lo abraçá-la assim quando tinha sido seu povo que destruiu toda a humanidade?

Quem matou Jack.

Com um suspiro, ela se afastou. Choque e raiva brilharam nos olhos de Aldair, mas ela sabia que tinha feito a coisa certa.



FORBIDDEN

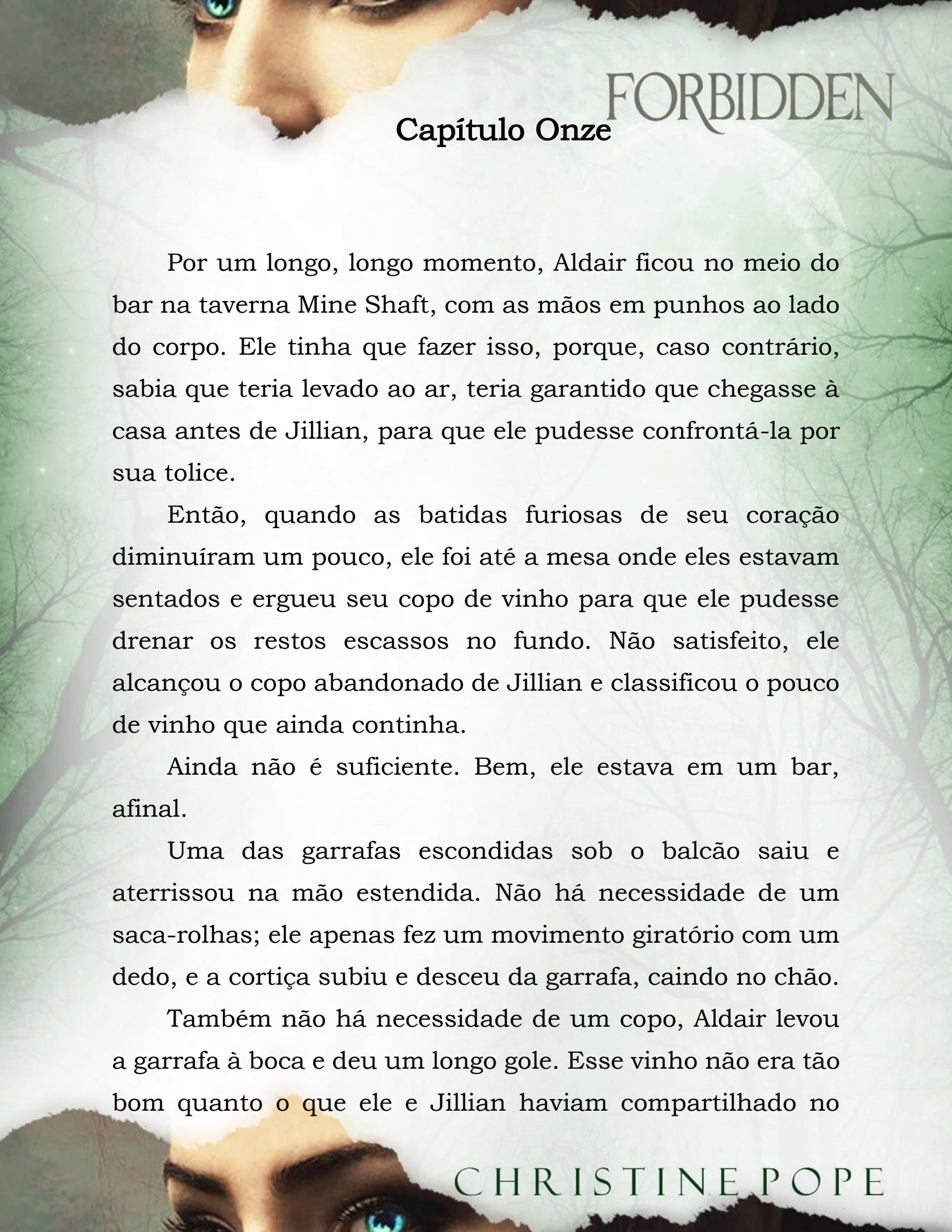
— Sinto muito, — ela ofegou. Eu não posso. — Eu apenas, eu não posso.

E com essas palavras ela fugiu dele, correndo como se sua vida dependesse disso. Talvez sim. Mas ela saiu correndo do Mine Shaft e saiu para a Main Street, imaginando quando ele iria persegui-lo e o que ela deveria fazer quando ele a alcançasse.

Ele não fez, no entanto. Ela correu todo o caminho de casa, depois correu para dentro, foi para o quarto e fechou a porta. Todo o seu corpo tremia, e ela agarrou o canto da cômoda em busca de apoio enquanto tentava recuperar o fôlego. O silêncio da casa ao seu redor ecoou em seus ouvidos.

Por que ele não a perseguiu?

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Capítulo Onze

Por um longo, longo momento, Aldair ficou no meio do bar na taverna Mine Shaft, com as mãos em punhos ao lado do corpo. Ele tinha que fazer isso, porque, caso contrário, sabia que teria levado ao ar, teria garantido que chegasse à casa antes de Jillian, para que ele pudesse confrontá-la por sua tolice.

Então, quando as batidas furiosas de seu coração diminuíram um pouco, ele foi até a mesa onde eles estavam sentados e ergueu seu copo de vinho para que ele pudesse drenar os restos escassos no fundo. Não satisfeito, ele alcançou o copo abandonado de Jillian e classificou o pouco de vinho que ainda continha.

Ainda não é suficiente. Bem, ele estava em um bar, afinal.

Uma das garrafas escondidas sob o balcão saiu e aterrisou na mão estendida. Não há necessidade de um saca-rolhas; ele apenas fez um movimento giratório com um dedo, e a cortiça subiu e desceu da garrafa, caindo no chão.

Também não há necessidade de um copo, Aldair levou a garrafa à boca e deu um longo gole. Esse vinho não era tão bom quanto o que ele e Jillian haviam compartilhado no

CHRISTINE POPE

jantar, mas saborear sua safra não era a razão pela qual ele bebia agora.

Ele tinha tanta certeza dela. Apenas o olhar em seus olhos, o calor em seu sorriso enquanto ela olhava para ele. E então, quando ela estendeu a mão para colocar a mão em cima da dele, ele viu o gesto como mais do que simples simpatia pela perda percebida de seu escolhido. Ele realmente pensara que Jillian pretendia lhe enviar um sinal sutil de que esse contato era bem-vindo para ela.

E ela concordou em dançar com ele.

Por alguns momentos requintados, ele a abraçou, sentiu as curvas quentes de seu corpo pressionadas contra as dele. A voz dela também - aquilo tinha sido uma surpresa. Doce, suave e baixa, tão adorável quanto ela mesma. No geral, ele não tinha motivos para pensar que ela não o queria tanto quanto ele a queria.

O maldito era que ele quase podia jurar que ela estava tão iluminada pelo desejo. Algo a tinha parado. Lealdade equivocada ao marido maldito dela? Nesse momento, Aldair achou bom que esse modelo, esse Jack, já estivesse morto. Caso contrário, Aldair teria sido tentado a matá-lo.

Muito bem. Ele tinha calculado mal aqui, e teria que pensar na melhor maneira de abordar Jillian novamente. Ele não a teria chamado de tímida, mas claramente havia uma

parte dela que ela mantinha bem escondida. Caso contrário, ela não daria todos os sinais de atração e depois se afastaria assim que agisse sobre eles.

Patches, que estava sentado ao lado o tempo todo, se aproximou e encostou a cabeça na perna de Aldair. Embora ele achasse que ser incomodado por um cachorro era a última coisa que ele queria naquele momento, ainda assim ele se agachou atrás das orelhas de Patches, feliz com a chance de pensar em algo além desse último encontro desastroso com Jillian Powell.

— Mulheres, — ele murmurou, e Patches olhou para cima, expressão esperançosa. Bem, sobrou um pouco de bife.

Ele voltou para a mesa e sentou-se, depois colocou a garrafa de vinho na frente dele. O cão observou esses movimentos de perto, esperando sua chance.

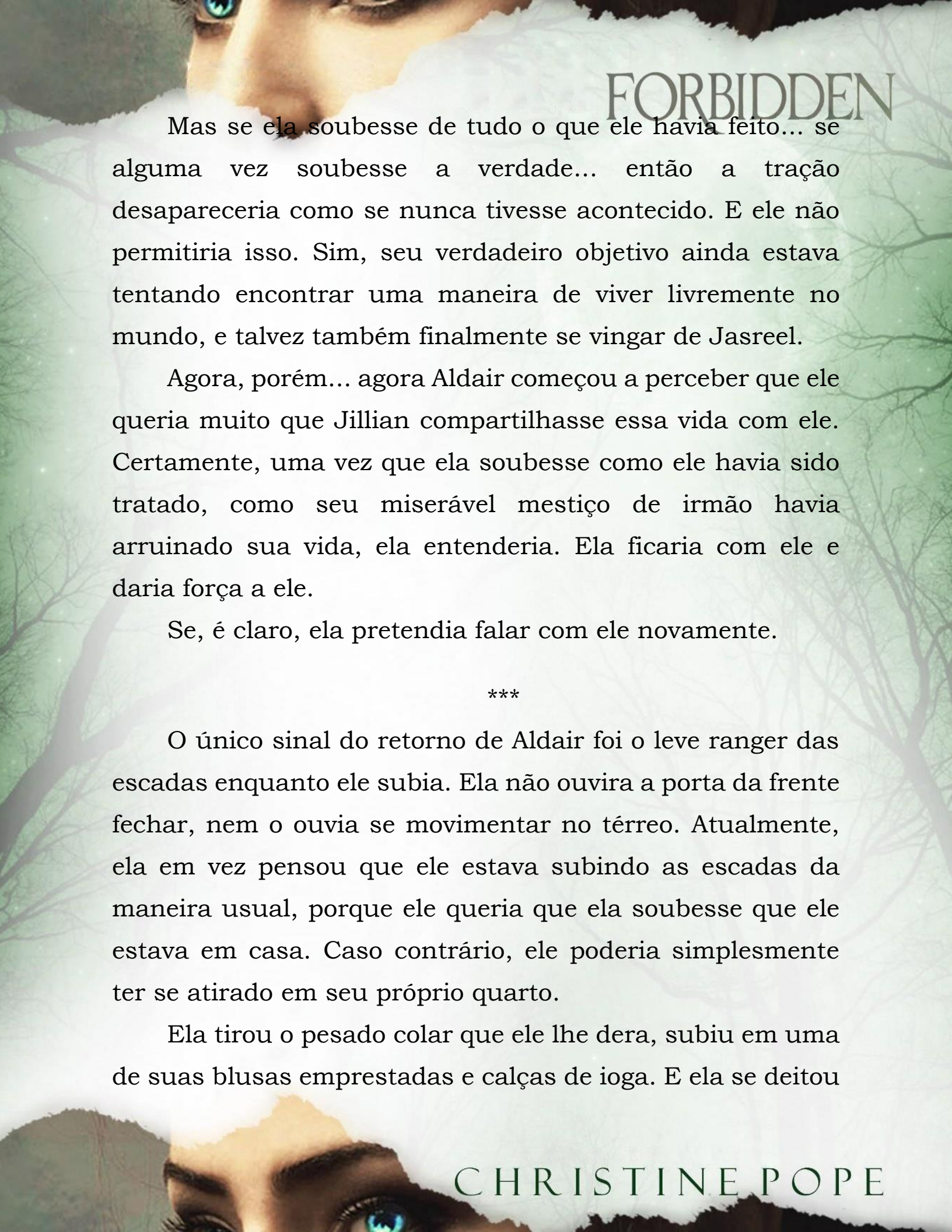
— Aqui está você — disse Aldair, passando um pedaço de lombo para o cachorro. Essa oferta provocou um aceno de cauda feroz. É bom que pelo menos os Patches possam aproveitar o restante da noite. — Algum conselho — ele continuou. — Pois claramente eu não pareço saber o que estou fazendo.

Mais abanar a cauda, e Aldair deu mais um pouco de bife ao cachorro. O que Jillian estava fazendo neste exato

momento? Ou estava no quarto dela, aliviado por um djinn zangado não ter vindo atrás dela? Ou ela se perguntou exatamente por que ele não fez nenhuma busca?

Ele queria, mas até que pudesse pensar exatamente na coisa certa a dizer, esse esforço seria apenas um exercício de futilidade. Além disso, naquele momento, ele não queria admitir que havia despertado sua simpatia, dizendo-lhe uma série de mentiras. Sim, era verdade que ele não tinha apego a Katelyn Fonseca, seu suposto Escolhido..., mas o que ele havia esquecido de mencionar era que o apego deles havia sido cortado há muito tempo. Não foi o exílio que causou a separação deles, mas a busca pela vingança. Ela fora capturada pelos homens de Khalim, mas ele não se preocupara em resgatá-la. De fato, ele havia permitido que ela fosse levada por Ali, prima de Khalim. Por que se preocupar com seu destino final, quando na época Aldair tinha tanta certeza de que logo teria Jessica Monroe ao seu alcance?

Essas verdades desagradáveis eram aquelas que ele não tinha intenção de divulgar a Jillian. Agora ela estava apenas nervosa e talvez um pouco assustada, sem saber o que fazer sobre sua atração por ele. Porque Aldair sabia que ela estava atraída. Ela simplesmente não podia aceitar o fato.



FORBIDDEN

Mas se ela soubesse de tudo o que ele havia feito... se alguma vez soubesse a verdade... então a tração desapareceria como se nunca tivesse acontecido. E ele não permitiria isso. Sim, seu verdadeiro objetivo ainda estava tentando encontrar uma maneira de viver livremente no mundo, e talvez também finalmente se vingar de Jasreel.

Agora, porém... agora Aldair começou a perceber que ele queria muito que Jillian compartilhasse essa vida com ele. Certamente, uma vez que ela soubesse como ele havia sido tratado, como seu miserável mestiço de irmão havia arruinado sua vida, ela entenderia. Ela ficaria com ele e daria força a ele.

Se, é claro, ela pretendia falar com ele novamente.

O único sinal do retorno de Aldair foi o leve ranger das escadas enquanto ele subia. Ela não ouvira a porta da frente fechar, nem o ouvia se movimentar no térreo. Atualmente, ela em vez pensou que ele estava subindo as escadas da maneira usual, porque ele queria que ela soubesse que ele estava em casa. Caso contrário, ele poderia simplesmente ter se atirado em seu próprio quarto.

Ela tirou o pesado colar que ele lhe dera, subiu em uma de suas blusas emprestadas e calças de ioga. E ela se deitou

CHRISTINE POPE

na cama e fechou os olhos, mas sabia que não seria capaz de dormir. Não com o coração ainda acelerado, o sangue ainda batendo nas veias. Não com o coração e o corpo, então em guerra um com o outro.

Será que ele bateria na porta dela como no dia anterior, tentaria falar com ela? Ou ele perceberia que ela era uma causa perdida e iria direto para a cama?

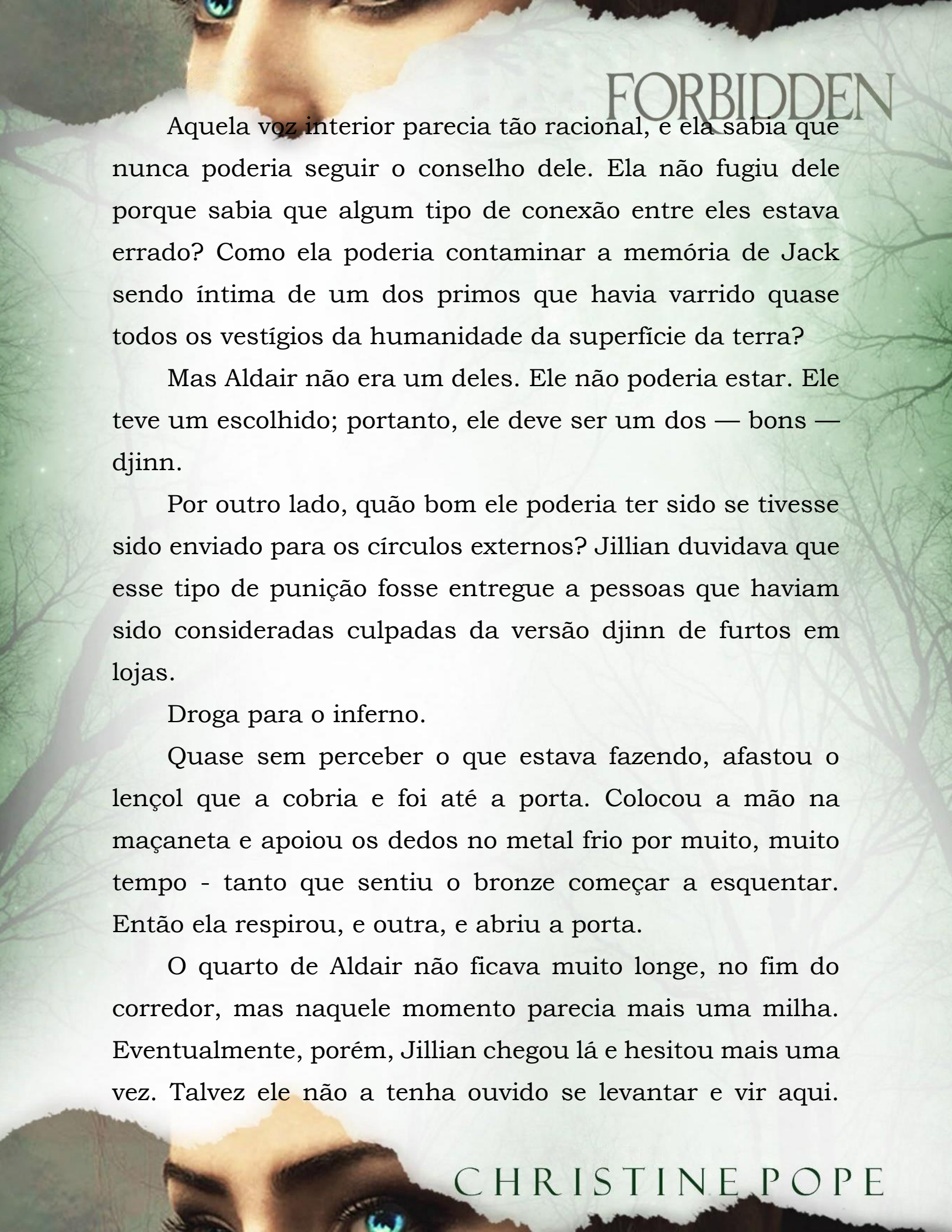
Jillian não sabia o que seria pior.

Ela mal se atreveu a respirar enquanto estava lá, ouvindo seus passos pesados. Eles pararam no patamar por mais tempo, tanto que ela quase se levantou e foi até a porta, só porque ela não achava que poderia aguentar mais o suspense. Por fim, porém, ele se afastou e sua porta se fechou - mas suavemente, como se não quisesse fazer barulho suficiente para acordá-la.

Merda.

A oportunidade perdida, ela rolou para o lado e olhou para a porta fechada a alguns metros dela. Ela podia vê-lo com muita clareza por causa da luz da lua atravessando as cortinas da janela - o acabamento em bronze da maçaneta redonda da porta, os vários — olhos — do pinheiro nodoso. Todos os detalhes ardiam em seu cérebro enquanto ela ficava ali pelo que pareceu uma eternidade.

Você pode se levantar e ir falar com ele, ela pensou.



FORBIDDEN

Aquela voz interior parecia tão racional, e ela sabia que nunca poderia seguir o conselho dele. Ela não fugiu dele porque sabia que algum tipo de conexão entre eles estava errado? Como ela poderia contaminar a memória de Jack sendo íntima de um dos primos que havia varrido quase todos os vestígios da humanidade da superfície da terra?

Mas Aldair não era um deles. Ele não poderia estar. Ele teve um escolhido; portanto, ele deve ser um dos — bons — djinn.

Por outro lado, quão bom ele poderia ter sido se tivesse sido enviado para os círculos externos? Jillian duvidava que esse tipo de punição fosse entregue a pessoas que haviam sido consideradas culpadas da versão djinn de furtos em lojas.

Droga para o inferno.

Quase sem perceber o que estava fazendo, afastou o lençol que a cobria e foi até a porta. Colocou a mão na maçaneta e apoiou os dedos no metal frio por muito, muito tempo - tanto que sentiu o bronze começar a esquentar. Então ela respirou, e outra, e abriu a porta.

O quarto de Aldair não ficava muito longe, no fim do corredor, mas naquele momento parecia mais uma milha. Eventualmente, porém, Jillian chegou lá e hesitou mais uma vez. Talvez ele não a tenha ouvido se levantar e vir aqui.

CHRISTINE POPE

Talvez ela pudesse voltar para o quarto na ponta dos pés e agir como se nunca tivesse sofrido um lapso de julgamento tão terrível.

Mas não, ela não seria esse tipo de covarde.

Ela levantou a mão e bateu na porta. — Um Aldair.

Ele abriu tão rapidamente que ela se perguntou se ele estaria esperando por ela. Mesmo na penumbra, ela podia ver o brilho zangado de seus olhos azuis. — Jillian.

Você chegou até aqui. Apenas diga. Ela engoliu em seco e disse rapidamente: — Quero que você me diga.

— Diga a você o que?

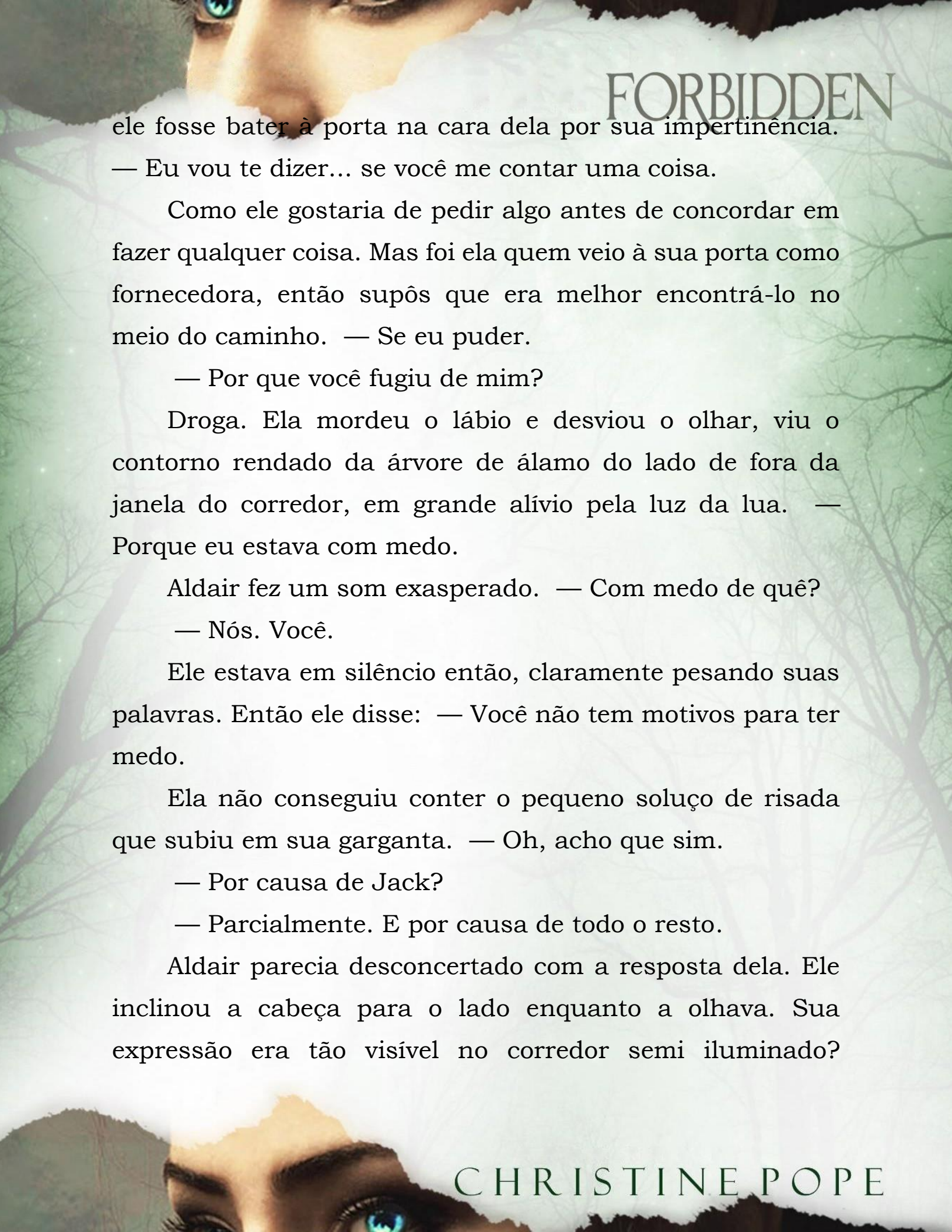
— Por que você foi exilado?

Ele não falou. Ele só ficou lá, a poucos centímetros de distância. O peito dele subiu e desceu, e ela percebeu que ele não estava vestindo as roupas cintilantes de djinn do jantar, mas um par de calças escuras soltas e nada mais. Uma vela cintilou em algum lugar na sala atrás dele, lavando um brilho quente sobre os contornos impressionantes de seu peito e braços.

Por fim, ele disse: — Por quê?

Ela engoliu em seco. — Porque eu preciso saber.

Outra longa pausa, enquanto seus batimentos cardíacos batiam em seus ouvidos e ela ficava vermelha se



FORBIDDEN

ele fosse bater à porta na cara dela por sua impertinência.

— Eu vou te dizer... se você me contar uma coisa.

Como ele gostaria de pedir algo antes de concordar em fazer qualquer coisa. Mas foi ela quem veio à sua porta como fornecedora, então supôs que era melhor encontrá-lo no meio do caminho. — Se eu puder.

— Por que você fugiu de mim?

Droga. Ela mordeu o lábio e desviou o olhar, viu o contorno rendado da árvore de álamo do lado de fora da janela do corredor, em grande alívio pela luz da lua. — Porque eu estava com medo.

Aldair fez um som exasperado. — Com medo de quê?

— Nós. Você.

Ele estava em silêncio então, claramente pesando suas palavras. Então ele disse: — Você não tem motivos para ter medo.

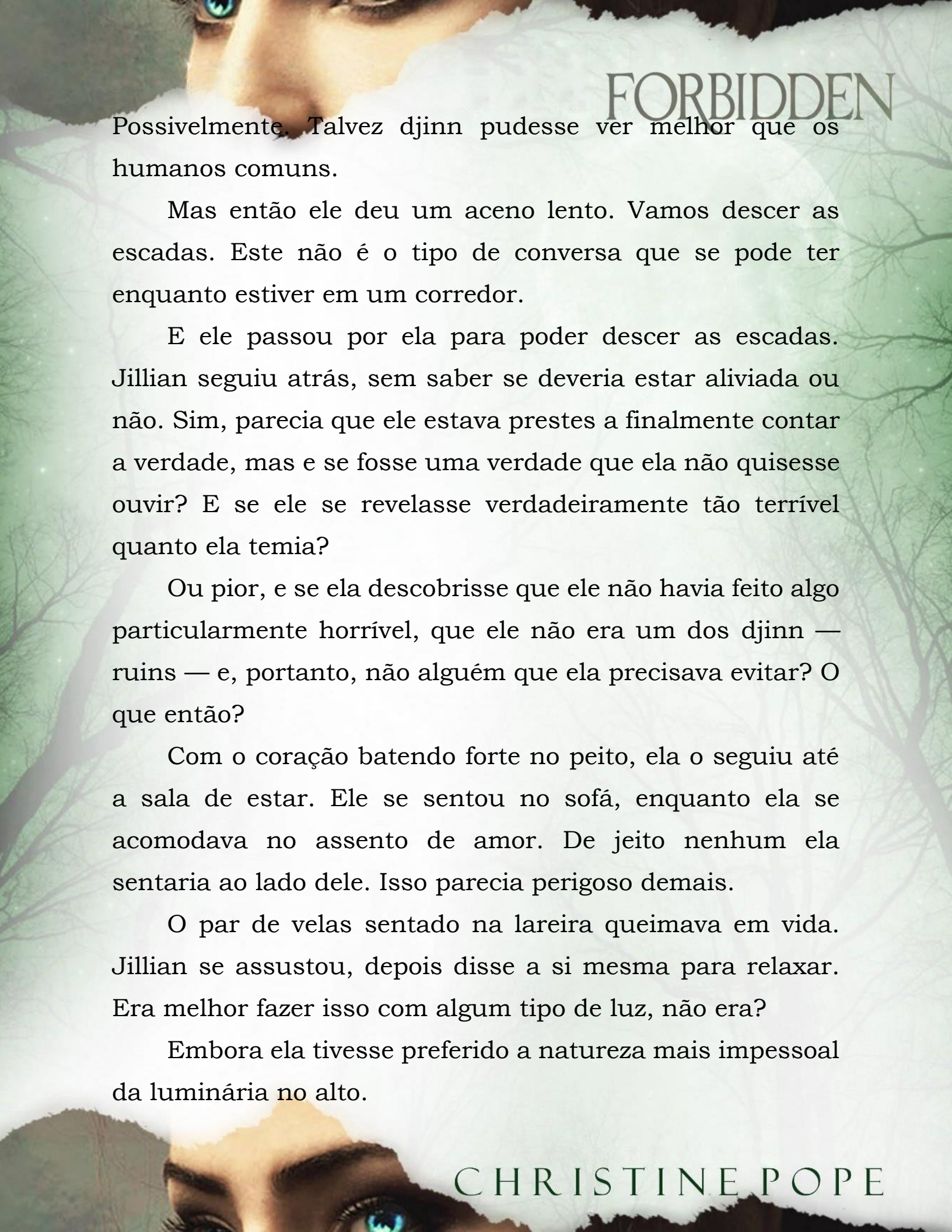
Ela não conseguiu conter o pequeno soluço de risada que subiu em sua garganta. — Oh, acho que sim.

— Por causa de Jack?

— Parcialmente. E por causa de todo o resto.

Aldair parecia desconcertado com a resposta dela. Ele inclinou a cabeça para o lado enquanto a olhava. Sua expressão era tão visível no corredor semi iluminado?

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Possivelmente. Talvez djinn pudesse ver melhor que os humanos comuns.

Mas então ele deu um aceno lento. Vamos descer as escadas. Este não é o tipo de conversa que se pode ter enquanto estiver em um corredor.

E ele passou por ela para poder descer as escadas. Jillian seguiu atrás, sem saber se deveria estar aliviada ou não. Sim, parecia que ele estava prestes a finalmente contar a verdade, mas e se fosse uma verdade que ela não quisesse ouvir? E se ele se revelasse verdadeiramente tão terrível quanto ela temia?

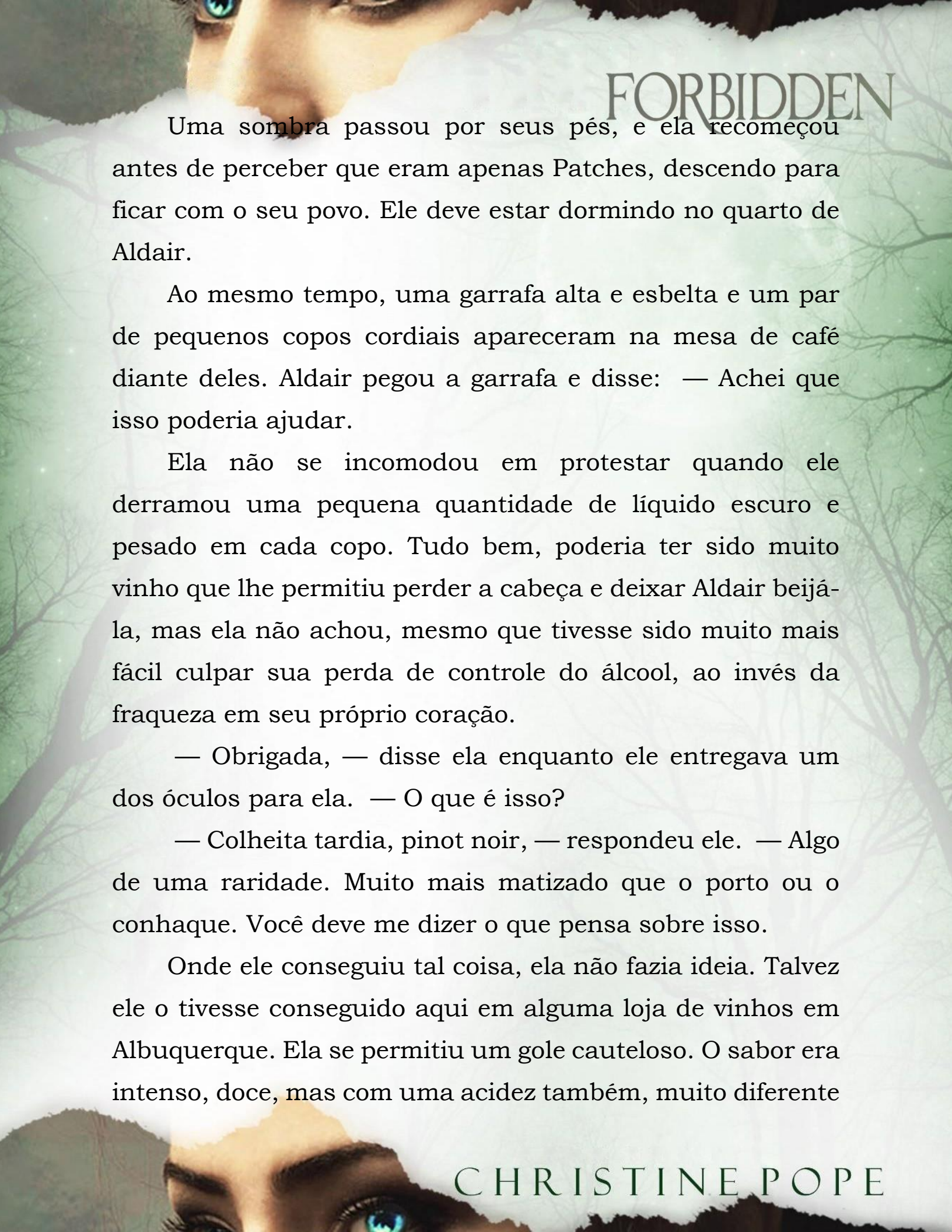
Ou pior, e se ela descobrisse que ele não havia feito algo particularmente horrível, que ele não era um dos djinn — ruins — e, portanto, não alguém que ela precisava evitar? O que então?

Com o coração batendo forte no peito, ela o seguiu até a sala de estar. Ele se sentou no sofá, enquanto ela se acomodava no assento de amor. De jeito nenhum ela sentaria ao lado dele. Isso parecia perigoso demais.

O par de velas sentado na lareira queimava em vida. Jillian se assustou, depois disse a si mesma para relaxar. Era melhor fazer isso com algum tipo de luz, não era?

Embora ela tivesse preferido a natureza mais impessoal da luminária no alto.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Uma sombra passou por seus pés, e ela começou antes de perceber que eram apenas Patches, descendo para ficar com o seu povo. Ele deve estar dormindo no quarto de Aldair.

Ao mesmo tempo, uma garrafa alta e esbelta e um par de pequenos copos cordiais apareceram na mesa de café diante deles. Aldair pegou a garrafa e disse: — Achei que isso poderia ajudar.

Ela não se incomodou em protestar quando ele derramou uma pequena quantidade de líquido escuro e pesado em cada copo. Tudo bem, poderia ter sido muito vinho que lhe permitiu perder a cabeça e deixar Aldair beijá-la, mas ela não achou, mesmo que tivesse sido muito mais fácil culpar sua perda de controle do álcool, ao invés da fraqueza em seu próprio coração.

— Obrigada, — disse ela enquanto ele entregava um dos óculos para ela. — O que é isso?

— Colheita tardia, pinot noir, — respondeu ele. — Algo de uma raridade. Muito mais matizado que o porto ou o conhaque. Você deve me dizer o que pensa sobre isso.

Onde ele conseguiu tal coisa, ela não fazia ideia. Talvez ele o tivesse conseguido aqui em alguma loja de vinhos em Albuquerque. Ela se permitiu um gole cauteloso. O sabor era intenso, doce, mas com uma acidez também, muito diferente

CHRISTINE POPE

da vez em que ele provou o porto e julgou que não era para ela, muito grosso e xaroposo. Este vinho era leve, por todo o seu sabor concentrado.

Jillian pensou que ela gostasse, o que significava que ela tinha que ter cuidado. Seria muito fácil continuar bebendo e soltando sua língua e suas inibições, enquanto Aldair se entregou à sua fraqueza e de alguma forma conseguiu mais uma vez evitar contar a ela tudo o que precisava desesperadamente saber.

— Está tudo bem, — disse ela.

— Bem?

Ela inclinou um olhar para ele enquanto colocava o pequeno copo cordial sobre a mesa de café. — Gosto mais do que porto. OK?

Uma sobrancelha subiu. — OK. — Ele claramente não parecia ter as mesmas reservas em beber o potente vinho de sobremesa, pois bebeu o que estava em seu copo e depois se serviu um pouco mais.

Ele não parecia inclinado a dizer mais nada, e a impaciência se agitou dentro dela. Ele a trouxe aqui apenas para ver se ela ficaria bêbada o suficiente para se render aos beijos dele? Se esse fosse o seu plano, ele ficaria um pouco decepcionado.

Ela cruzou os braços e desejou estar vestindo algo mais substancial do que uma blusa. Não, Aldair não parecia estar prestando muita atenção à quantidade de decotes atualmente em exibição, mas ainda assim se sentiria muito mais confortável em uma camiseta folgada.

— Então? — Ela perguntou, e sua boca se apertou.

— Não acho que seja uma história que você goste muito.

— Talvez não. Mesmo assim, quero que você me diga. Não posso.... — Ela hesitou e se perguntou quanta honestidade ele poderia aguentar. Para ela, havia algo de cru e honesto em compartilhar um beijo, em abrir o suficiente para permitir até essa pequena intimidade. Ela não deveria dançar em torno de quem ela era, o que sentia. — Talvez para você um beijo não seja grande coisa. É para mim, no entanto. Eu preciso saber mais sobre o homem que estava beijando. —

— O djinn que você estava beijando, — ele a corrigiu, e ela ergueu os ombros.

— Se você gostar. Mas não vou, não *posso* fazer mais nada sem você me dizer a verdade.

Mesmo na sala mal iluminada, ela podia ver como o corpo dele ficou tenso. E que corpo magnífico, pintado em sombras e luzes, os músculos parecendo mais esculpidos

por causa da maneira como o brilho das velas se movia sobre sua pele. Mas ela não podia deixar-se distrair pelas aparências. Não mais do que ela já tinha sido, de qualquer maneira.

— A verdade, — ele disse finalmente, seu tom pesado. — De quem verdade, Jillian? Pois tenho certeza de que o que acredito ser a verdade é diferente da verdade, como Zahrias, o líder do djinn de Santa Fé, pode ter visto, ou como os anciãos a viram... ou mesmo como meu bastardo de meia-idade. irmão viu.

— Você tem um irmão? — Ela perguntou, assustada, e depois se perguntou por que deveria estar tão surpresa. Afinal, os djinn tinham suas próprias famílias; não era como se tivessem surgido no mundo inteiro. O próprio Zahrias tinha um irmão que parecia ser seu amigo mais próximo e confidente.

— Infelizmente sim. Ele está lá, com o djinn de Santa Fe. — Aldair bebeu mais um pouco do pinot noir, quase metade do copo pequeno que ele segurava. Isso não poderia ser um bom sinal, mas Jillian não protestou, apenas se sentou em silêncio no banco do amor e esperou que ele continuasse. — Meu pai gostava de uma mulher humana, era uma vez, e teve um filho nela.

— E a sua própria mãe? — Jillian perguntou.

— Meus pais haviam seguido seus caminhos separados muitos anos antes. Não é a maneira djinn de ficar com um parceiro por milênios, embora quando eles concordam em ter um filho, eles também concordem em permanecer juntos até que seu filho atinja a maturidade, que é vinte dos seus anos.

Ela supôs que isso era algo, especialmente quando você considerava quantos casamentos humanos se separavam muito antes de os filhos crescerem. Ao mesmo tempo, ela não gostava muito de como os djinn aparentemente não valorizavam relacionamentos de longo prazo. Era assim que Aldair via seu futuro possível, algo transitório, para ser desfrutado por um tempo até que não fosse mais conveniente para ele?

Não é à toa que ela fugiu. Talvez seu coração já tivesse adivinhado algo que sua mente não havia entendido.

— E os djinn e seus Escolhidos? — Ela perguntou. — Tive a impressão de que eles deveriam estar ligados o tempo todo.

— Eles são, — ele admitiu. — Essa é uma situação completamente diferente, que não tem relação com os relacionamentos que os djinn têm com outros djinn.

— Ah, — disse ela, embora ainda não entendesse como os djinn poderiam tratar as relações com os seres humanos

de maneira tão diferente da maneira como viam contatos com sua própria espécie. Enfim, ela decidiu deixar isso de lado por enquanto, para voltar ao tópico do irmão de Aldair.

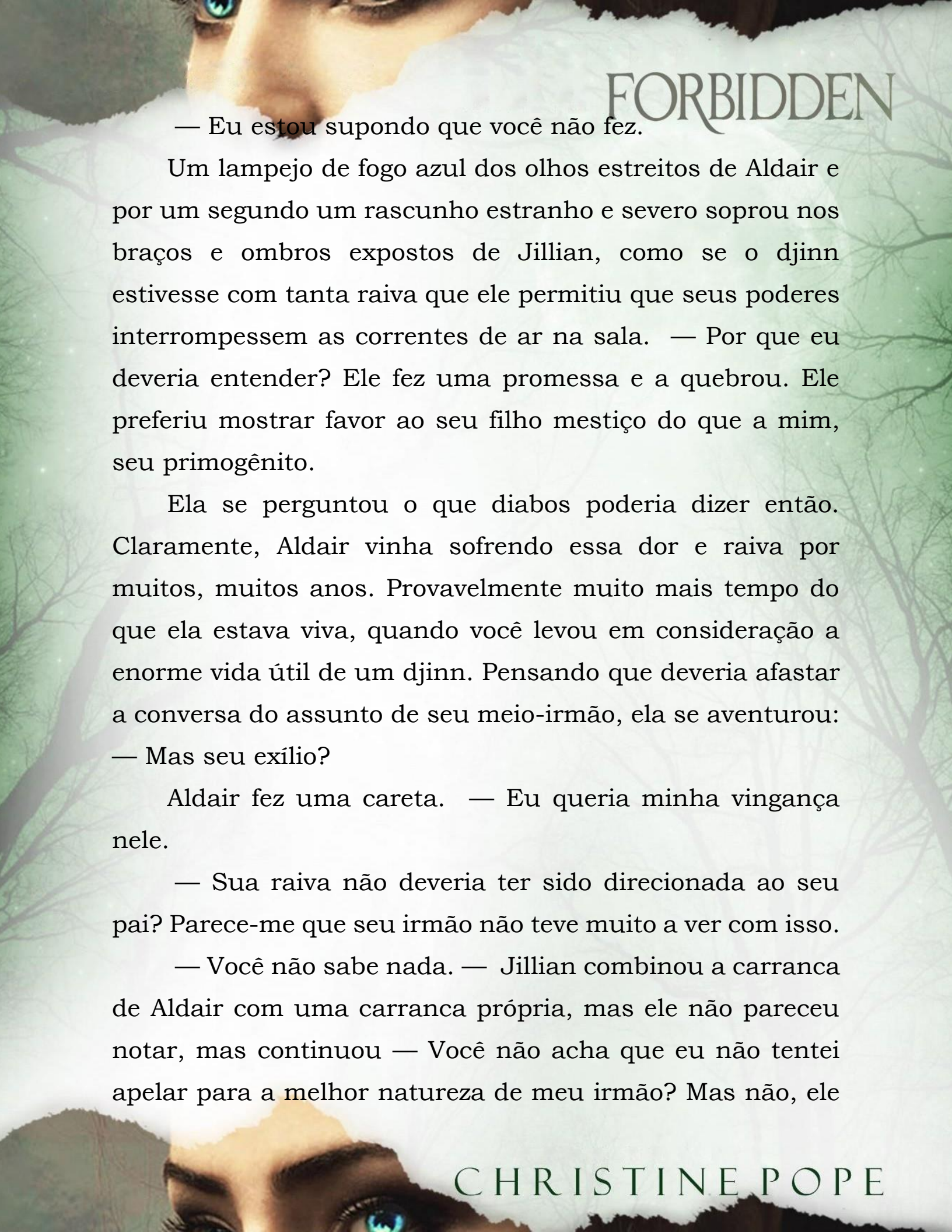
— Então seu irmão é meio djinn?

— Sim, — respondeu Aldair, torcendo a boca com desgosto. — Mas quando um mestiço é criado no mundo dos djinns, ele desenvolve seus poderes como qualquer outro djinn. Por alguma razão, meu pai gostava de meu irmão, mostrava-lhe um favor antinatural - inclusive presenteando-o com riqueza e propriedades que deveriam ter sido minhas.

Bem, isso parecia uma coisa terrível a se fazer. Mesmo assim, ela não conseguia ver como isso seria suficiente para fazer Aldair ver seu irmão desfavoravelmente - o que ele deve, a julgar pela expressão azeda que passava por seus belos traços sempre que mencionava seu meio-irmão. A raiva de Aldair não deveria ter sido reservada para o pai?

— Acho que não foi muito justo, — ela começou, mas ele imediatamente a interrompeu.

— Era exatamente o oposto de feira. Protestei, disse que não era certo que me prometessem essas coisas, apenas para tê-las tiradas. Mas ele me disse que eu deveria ter uma herança boa o suficiente de minha mãe, onde a mãe do meu irmão não poderia lhe dar nada. Meu pai disse que eu deveria entender.

The background of the page features a close-up of a person's face, focusing on their eyes which are glowing with a bright blue light. The person has dark hair and skin. The image is partially obscured by the text and the title.

FORBIDDEN

— Eu estou supondo que você não fez.

Um lampejo de fogo azul dos olhos estreitos de Aldair e por um segundo um rascunho estranho e severo soprou nos braços e ombros expostos de Jillian, como se o djinn estivesse com tanta raiva que ele permitiu que seus poderes interrompessem as correntes de ar na sala. — Por que eu deveria entender? Ele fez uma promessa e a quebrou. Ele preferiu mostrar favor ao seu filho mestiço do que a mim, seu primogênito.

Ela se perguntou o que diabos poderia dizer então. Claramente, Aldair vinha sofrendo essa dor e raiva por muitos, muitos anos. Provavelmente muito mais tempo do que ela estava viva, quando você levou em consideração a enorme vida útil de um djinn. Pensando que deveria afastar a conversa do assunto de seu meio-irmão, ela se aventurou: — Mas seu exílio?

Aldair fez uma careta. — Eu queria minha vingança nele.

— Sua raiva não deveria ter sido direcionada ao seu pai? Parece-me que seu irmão não teve muito a ver com isso.

— Você não sabe nada. — Jillian combinou a carranca de Aldair com uma carranca própria, mas ele não pareceu notar, mas continuou — Você não acha que eu não tentei apelar para a melhor natureza de meu irmão? Mas não, ele

CHRISTINE POPE

apenas disse que os desejos de nosso pai eram suficientemente claros e que ele não iria contra eles. Ele certamente não tinha vontade de fazer o que era certo.

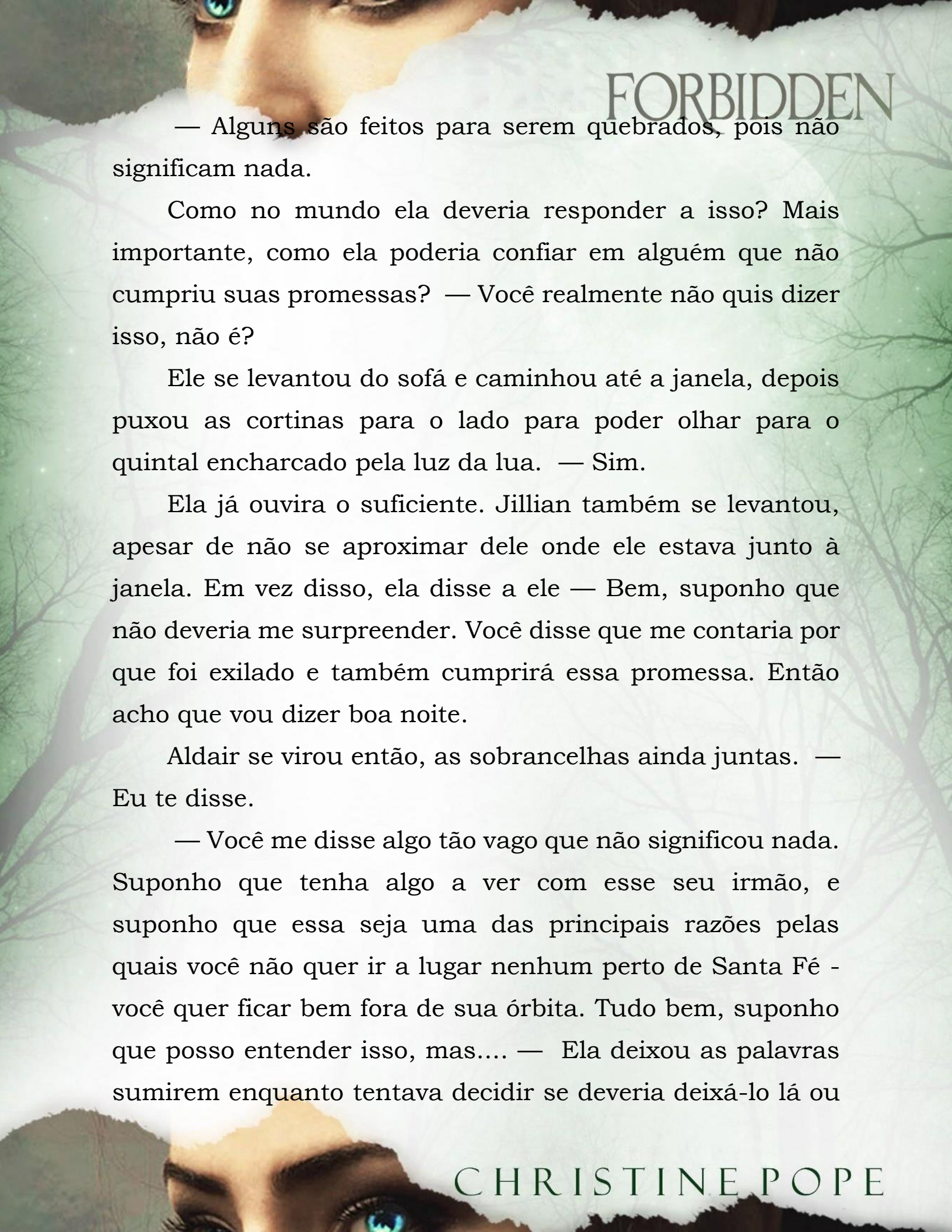
Ela decidiu deixar para lá. Como ela não estava lá, ela não podia comentar o que poderia ter acontecido entre os dois irmãos. Filha única, ela não tinha certeza do que teria feito em uma situação semelhante, presa entre a generosidade equivocada de um pai e o ressentimento real de um irmão. — Ok, então você queria recuperar algo do seu irmão. Como isso levou a ser banido para os círculos externos?

Nenhuma resposta a princípio. Aldair pegou a garrafa de vinho da colheita tardia, depois pareceu pensar melhor, pois parou no meio do movimento e, em vez disso, apertou a mão em punho. — Entre os djinn, juramentos são obrigatórios. Eu quebrei um juramento que fiz, e isso foi o suficiente.

— Que tipo de juramento?

— O que isso importa? — Ele disse com raiva. — Os anciãos acharam oportuno me punir, e eu fui exilado. É tudo o que você precisa saber.

— Você está brincando comigo? — Ela explodiu, sem se importar se o irritava ainda mais. — Você não me disse nada, exceto que você é alguém que quebra suas promessas.



FORBIDDEN

— Alguns são feitos para serem quebrados, pois não significam nada.

Como no mundo ela deveria responder a isso? Mais importante, como ela poderia confiar em alguém que não cumpriu suas promessas? — Você realmente não quis dizer isso, não é?

Ele se levantou do sofá e caminhou até a janela, depois puxou as cortinas para o lado para poder olhar para o quintal encharcado pela luz da lua. — Sim.

Ela já ouvira o suficiente. Jillian também se levantou, apesar de não se aproximar dele onde ele estava junto à janela. Em vez disso, ela disse a ele — Bem, suponho que não deveria me surpreender. Você disse que me contaria por que foi exilado e também cumprirá essa promessa. Então acho que vou dizer boa noite.

Aldair se virou então, as sobrancelhas ainda juntas. — Eu te disse.

— Você me disse algo tão vago que não significou nada. Suponho que tenha algo a ver com esse seu irmão, e suponho que essa seja uma das principais razões pelas quais você não quer ir a lugar nenhum perto de Santa Fé - você quer ficar bem fora de sua órbita. Tudo bem, suponho que posso entender isso, mas.... — Ela deixou as palavras sumirem enquanto tentava decidir se deveria deixá-lo lá ou

CHRISTINE POPE

se deveria dizer a ele o que realmente estava pensando. No entanto, evitar a verdade a faria quase tão ruim quanto ele, não? — Mas eu não vou fazer parte disso. Amanhã de manhã, estou voltando para Los Alamos. Não vou contar a ninguém sobre você. Eu prometo e *eu* mantenho minhas promessas. Mas não vejo sentido em ficar aqui.

Em um instante, ele estava longe da janela e ao lado dela, uma mão segurando seu braço com dedos que pareciam uma tira de aço ao redor de seu bíceps. Com uma voz discreta, ele disse: — Acredito que já lhe impressionei a importância de você permanecer em Madri.

Uma gota de suor gelado desceu por suas costas, mas Jillian se forçou a não reagir, a permanecer quieta e calma ao seu alcance. — Sim, você fez. E eu disse que não revelaria seu paradeiro a ninguém. Por que você não pode simplesmente aceitar isso?

— Porque não vejo razão para isso.

Com o maxilar cerrado, ela respondeu: — O que você vai fazer-me amarre a uma cadeira ou algo assim?

— Se eu precisar. Embora não haja razão para eu ser tão extremo. Não há nenhum lugar onde você possa ir a pé, onde eu não possa alcançá-la muito antes de você começar a se aproximar de Santa Fe.

O que era apenas a verdade. Ela viu como ele poderia ir ao ar, cobrir muito mais terreno do que uma pessoa a pé. Sim, ela poderia vencê-lo se estivesse dirigindo um carro, mas todos os carros de Madri estavam abandonados há quase dois anos. Suas baterias tinham que estar gastas. Ela não poderia mais usar um deles para efetuar sua fuga do que poderia voar.

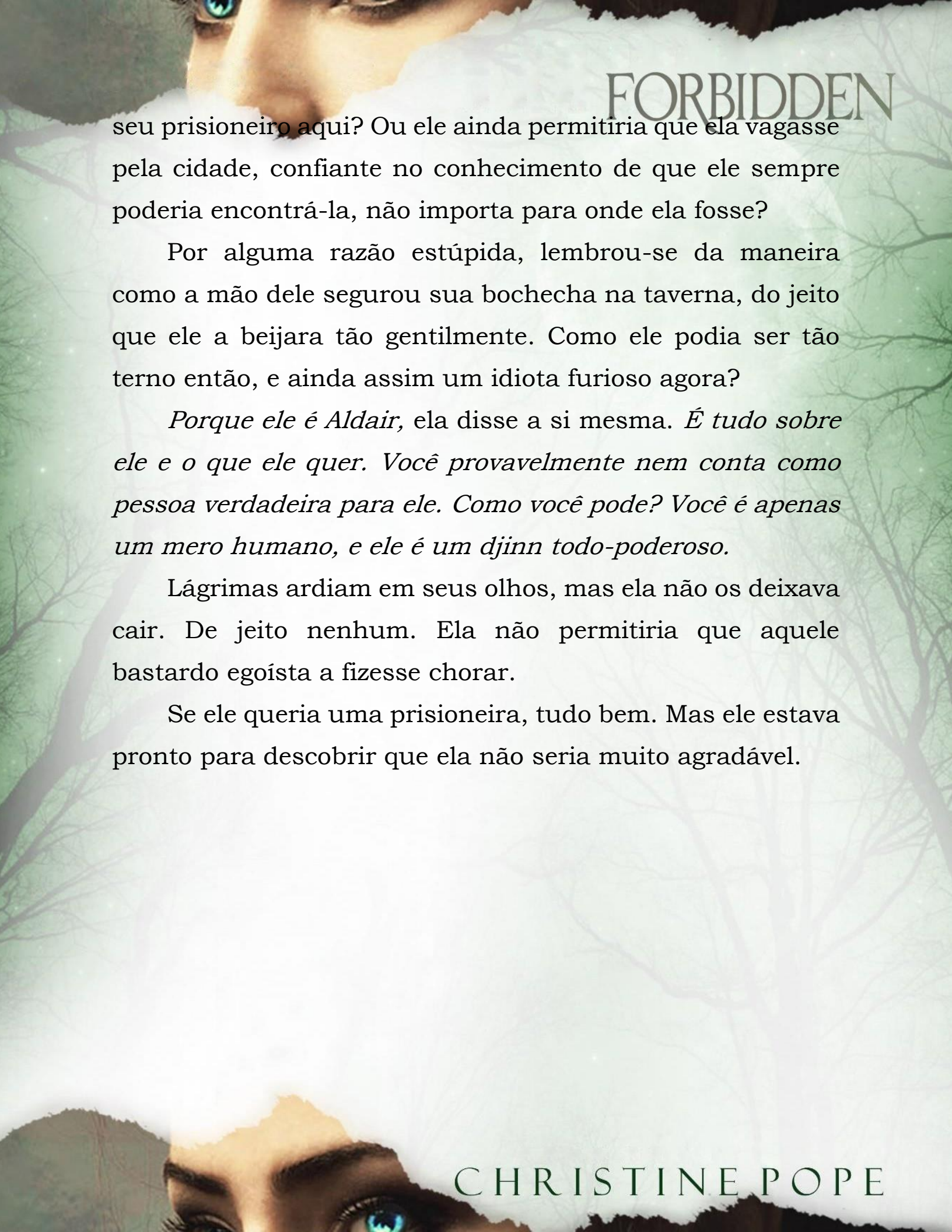
— Tudo bem, — disse ela, a fúria fervendo nela quando viu um sorriso arrepiante tocar seus lábios. — Você ganha. Mas não se incomode em me convidar para mais jantares românticos. Aquele navio navegou, Aldair. — Para enfatizar seu argumento, ela afastou o braço dele. Ele soltou, ainda sorrindo.

— Como desejar, Jillian.

Se ela tivesse que olhar para aquele sorriso horrível por mais um segundo, ela iria gritar. Ela girou nos calcanhares e saiu do quarto, subindo as escadas correndo para poder dar uma batida satisfatória na porta do quarto.

Assim que ela ficou sozinha, todo o seu corpo começou a tremer. Seu braço palpitava onde Aldair a segurara, e ela esticou a mão esquerda para esfregar a pele macia. Amanhã haveria uma contusão, ela tinha certeza disso.

E então ela se sentou na cama e olhou inexpressivamente para a porta fechada. O djinn manteria



FORBIDDEN

seu prisioneiro aqui? Ou ele ainda permitiria que ela vagasse pela cidade, confiante no conhecimento de que ele sempre poderia encontrá-la, não importa para onde ela fosse?

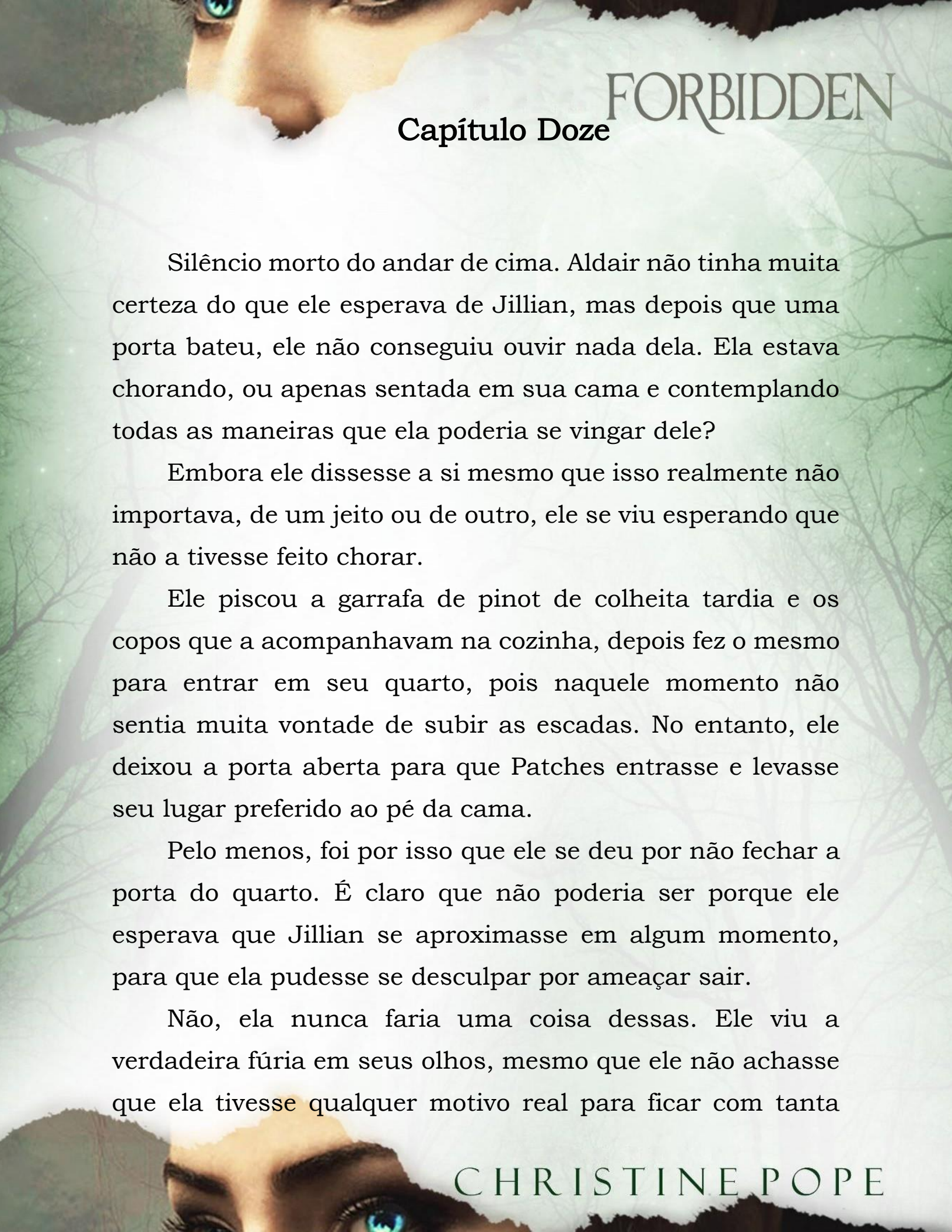
Por alguma razão estúpida, lembrou-se da maneira como a mão dele segurou sua bochecha na taverna, do jeito que ele a beijara tão gentilmente. Como ele podia ser tão terno então, e ainda assim um idiota furioso agora?

Porque ele é Aldair, ela disse a si mesma. É tudo sobre ele e o que ele quer. Você provavelmente nem conta como pessoa verdadeira para ele. Como você pode? Você é apenas um mero humano, e ele é um djinn todo-poderoso.

Lágrimas ardiam em seus olhos, mas ela não os deixava cair. De jeito nenhum. Ela não permitiria que aquele bastardo egoísta a fizesse chorar.

Se ele queria uma prisioneira, tudo bem. Mas ele estava pronto para descobrir que ela não seria muito agradável.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Capítulo Doze

Silêncio morto do andar de cima. Aldair não tinha muita certeza do que ele esperava de Jillian, mas depois que uma porta bateu, ele não conseguiu ouvir nada dela. Ela estava chorando, ou apenas sentada em sua cama e contemplando todas as maneiras que ela poderia se vingar dele?

Embora ele dissesse a si mesmo que isso realmente não importava, de um jeito ou de outro, ele se viu esperando que não a tivesse feito chorar.

Ele piscou a garrafa de pinot de colheita tardia e os copos que a acompanhavam na cozinha, depois fez o mesmo para entrar em seu quarto, pois naquele momento não sentia muita vontade de subir as escadas. No entanto, ele deixou a porta aberta para que Patches entrasse e levasse seu lugar preferido ao pé da cama.

Pelo menos, foi por isso que ele se deu por não fechar a porta do quarto. É claro que não poderia ser porque ele esperava que Jillian se aproximasse em algum momento, para que ela pudesse se desculpar por ameaçar sair.

Não, ela nunca faria uma coisa dessas. Ele viu a verdadeira fúria em seus olhos, mesmo que ele não achasse que ela tivesse qualquer motivo real para ficar com tanta

CHRISTINE POPE

raiva. Ele não havia dito a ela que estava exilado por ter feito um juramento? O que mais ela precisava saber?

De fato, ele achou que tinha sido bastante esperto em lidar com o assunto, já que tinha sido capaz de revelar o motivo de seu banimento sem entrar em nenhum dos detalhes por trás de seu castigo. Ela não precisaria saber sobre seus planos de possuir Jessica Monroe para que ele pudesse conquistar a felicidade de seu meio-irmão, ou como ele havia participado de Khalim e seus seguidores quando seus planos deram errado. Sua vingança contra Jasreel era algo que os mais velhos poderiam ter esquecido, pois em geral eles não se intrometiam na vida pessoal da comunidade djinn. No entanto, unir-se a Khalim foi a verdadeira razão pela qual ele invocou a ira deles, pois, ao fazê-lo, voltou ao juramento que todos os djinn juraram não causar nenhum dano aos Escolhidos. Khalim machucou um escolhido e matou outro, e isso foi o suficiente para fazer todos os seus seguidores compartilharem igualmente de sua culpa.

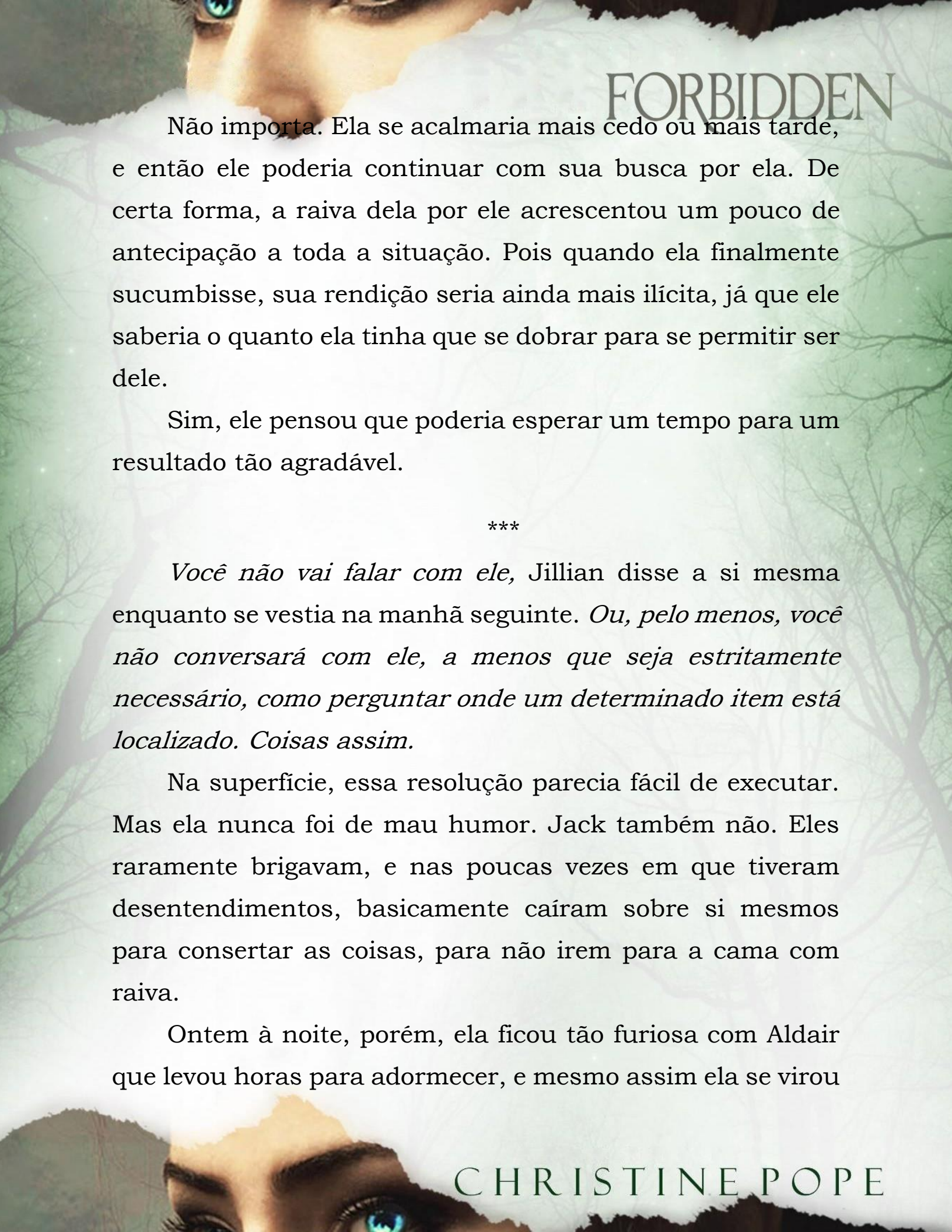
Mas parecia claro o suficiente que Jillian não o achava inteligente. Não, ela o acusou de quebrar sua promessa para ela. Por que isso lhe importava tanto, ele não sabia, a menos que ela tivesse começado a nutrir sentimentos em relação a ele, e agora se sentisse duplamente traída. Era verdade que

ela havia respondido ao beijo dele muito mais favoravelmente do que ele esperava - até que a realização começou, e ela fugiu dele.

Franzindo a testa, ele se sentou em sua cama e, em seguida, ouviu o clique suave das unhas dos pés de Patches no chão de madeira no corredor, rapidamente abafado quando o cachorro atravessou o tapete. Aldair balançou o braço sobre o lado da cama. Alguns segundos depois, o cachorro enfiou o nariz frio e úmido na palma da mão de Aldair e se acalmou para que seu mestre pudesse acariciar seus ouvidos.

A presença do cachorro era um pouco de conforto, mas é claro que não poderia começar a corresponder ao prazer que Aldair teria sentido ao ter Jillian aqui com ele. Era assim que ele esperava que a noite terminasse - que eles comessem e bebessem, e talvez dançassem, e no final ele a pegaria nos braços e a subiria pelas escadas, e a deitaria em sua cama para que ele pudesse fazer amor a ela. Provar sua carne sedutora e fazer ela dele.

Mas ela havia se mostrado muito teimosa e aparentemente possuía muitos escrúpulos para que isso acontecesse. Ele não acreditava que ela fosse o tipo de pessoa que guardaria rancor, mas também não sabia quanto tempo ela poderia se permitir queimar com justa indignação.



FORBIDDEN

Não importa. Ela se acalmaria mais cedo ou mais tarde, e então ele poderia continuar com sua busca por ela. De certa forma, a raiva dela por ele acrescentou um pouco de antecipação a toda a situação. Pois quando ela finalmente sucumbisse, sua rendição seria ainda mais ilícita, já que ele saberia o quanto ela tinha que se dobrar para se permitir ser dele.

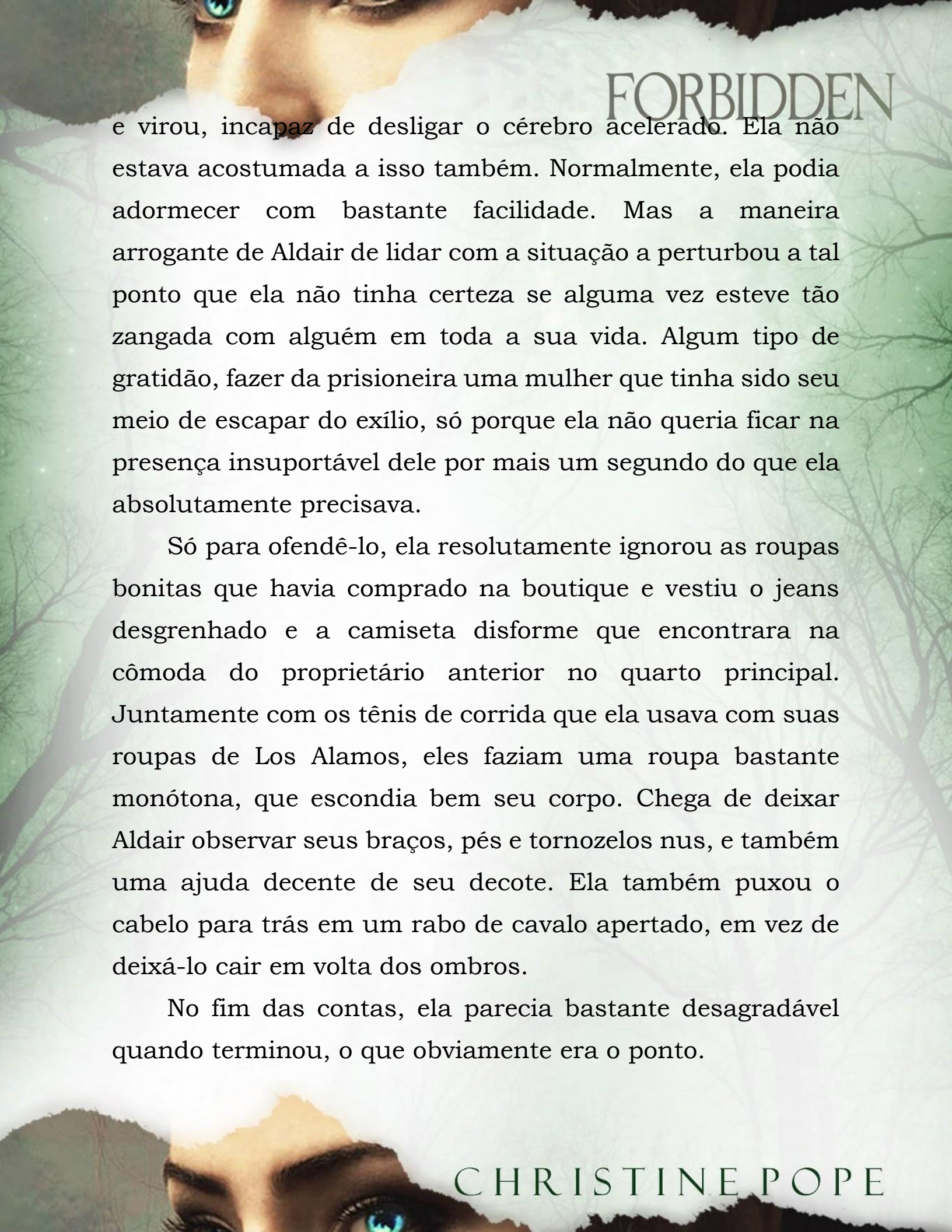
Sim, ele pensou que poderia esperar um tempo para um resultado tão agradável.

Você não vai falar com ele, Jillian disse a si mesma enquanto se vestia na manhã seguinte. Ou, pelo menos, você não conversará com ele, a menos que seja estritamente necessário, como perguntar onde um determinado item está localizado. Coisas assim.

Na superfície, essa resolução parecia fácil de executar. Mas ela nunca foi de mau humor. Jack também não. Eles raramente brigavam, e nas poucas vezes em que tiveram desentendimentos, basicamente caíram sobre si mesmos para consertar as coisas, para não irem para a cama com raiva.

Ontem à noite, porém, ela ficou tão furiosa com Aldair que levou horas para adormecer, e mesmo assim ela se virou

CHRISTINE POPE



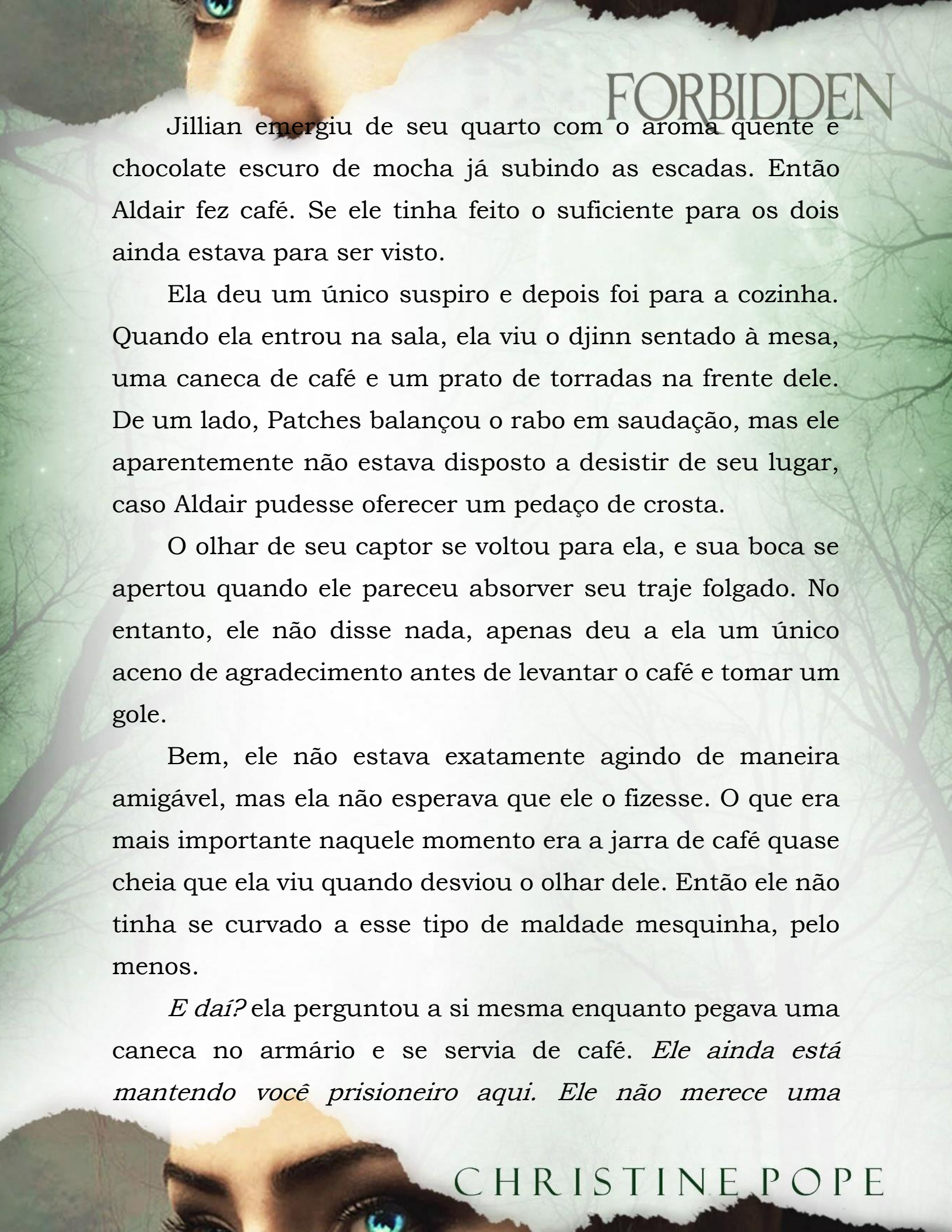
FORBIDDEN

e virou, incapaz de desligar o cérebro acelerado. Ela não estava acostumada a isso também. Normalmente, ela podia adormecer com bastante facilidade. Mas a maneira arrogante de Aldair de lidar com a situação a perturbou a tal ponto que ela não tinha certeza se alguma vez esteve tão zangada com alguém em toda a sua vida. Algum tipo de gratidão, fazer da prisioneira uma mulher que tinha sido seu meio de escapar do exílio, só porque ela não queria ficar na presença insuportável dele por mais um segundo do que ela absolutamente precisava.

Só para ofendê-lo, ela resolutamente ignorou as roupas bonitas que havia comprado na boutique e vestiu o jeans desgrenhado e a camiseta disforme que encontrara na cômoda do proprietário anterior no quarto principal. Juntamente com os tênis de corrida que ela usava com suas roupas de Los Alamos, eles faziam uma roupa bastante monótona, que escondia bem seu corpo. Chega de deixar Aldair observar seus braços, pés e tornozelos nus, e também uma ajuda decente de seu decote. Ela também puxou o cabelo para trás em um rabo de cavalo apertado, em vez de deixá-lo cair em volta dos ombros.

No fim das contas, ela parecia bastante desagradável quando terminou, o que obviamente era o ponto.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Jillian emergiu de seu quarto com o aroma quente e chocolate escuro de mocha já subindo as escadas. Então Aldair fez café. Se ele tinha feito o suficiente para os dois ainda estava para ser visto.

Ela deu um único suspiro e depois foi para a cozinha. Quando ela entrou na sala, ela viu o djinn sentado à mesa, uma caneca de café e um prato de torradas na frente dele. De um lado, Patches balançou o rabo em saudação, mas ele aparentemente não estava disposto a desistir de seu lugar, caso Aldair pudesse oferecer um pedaço de crosta.

O olhar de seu captor se voltou para ela, e sua boca se apertou quando ele pareceu absorver seu traje folgado. No entanto, ele não disse nada, apenas deu a ela um único aceno de agradecimento antes de levantar o café e tomar um gole.

Bem, ele não estava exatamente agindo de maneira amigável, mas ela não esperava que ele o fizesse. O que era mais importante naquele momento era a jarra de café quase cheia que ela viu quando desviou o olhar dele. Então ele não tinha se curvado a esse tipo de maldade mesquinha, pelo menos.

E daí? ela perguntou a si mesma enquanto pegava uma caneca no armário e se servia de café. *Ele ainda está mantendo você prisioneiro aqui. Ele não merece uma*

CHRISTINE POPE

medalha apenas por não começar a manhã com um comentário sarcástico.

É verdade. Embora, em geral, ela gostasse de beber a maior parte do café antes de começar a comer, o silêncio na sala parecia estranho, então ela tirou o pão da caixa de pão, cortou várias fatias e as colocou na torradeira. O tempo todo ela podia sentir o olhar de Aldair nela, mas ele não falou.

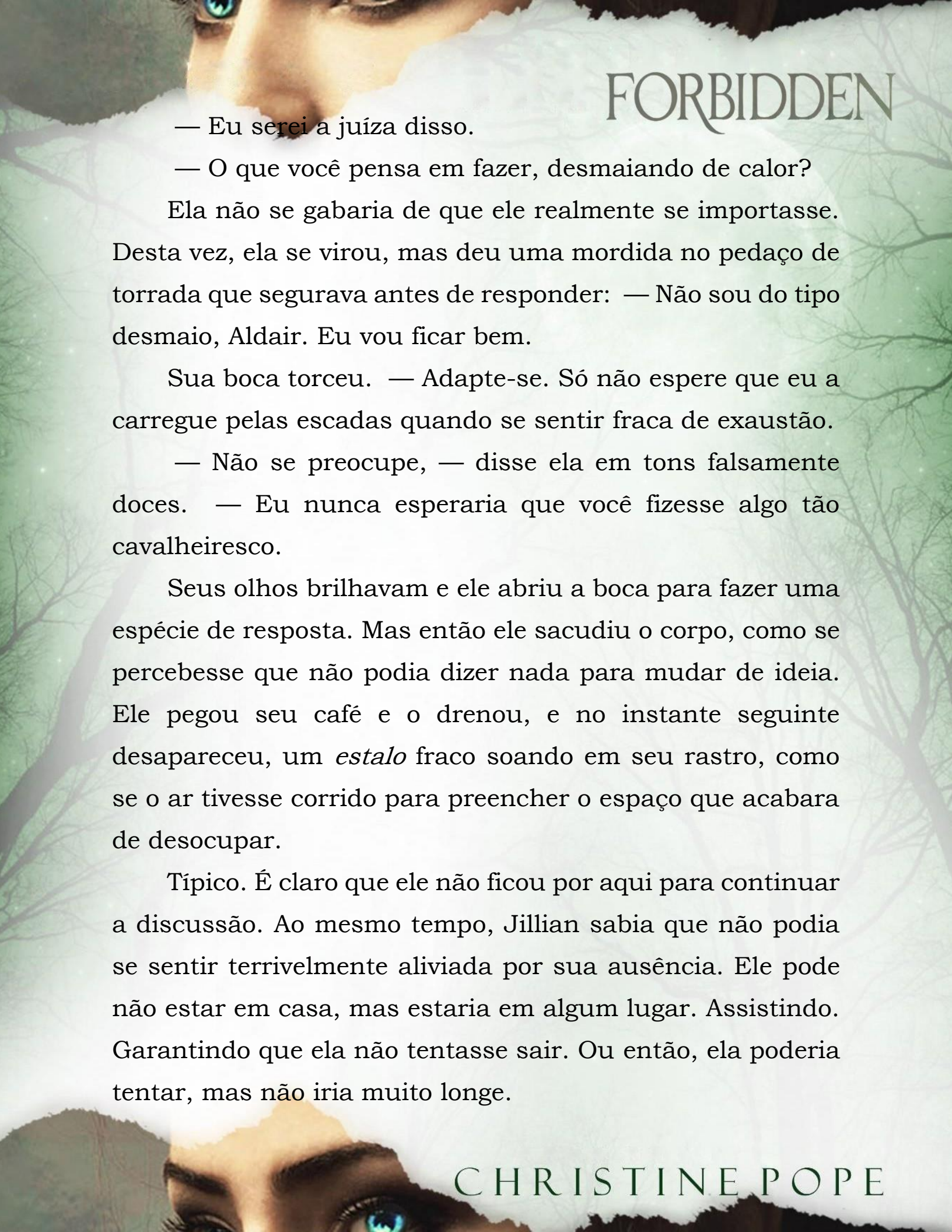
No momento em que ela puxava a torrada do forno, ele disse brevemente: — Isso não vai funcionar, você sabe.

Ela não se virou, mas começou a espalhar metodicamente manteiga na torrada. — O que não vai funcionar?

— As roupas. Você acha que não consigo me lembrar de como seu corpo... parece?

Sangue quente correu para suas bochechas, mas ela disse a si mesma que ele estava apenas tentando incomodá-la. Ele poderia saber algo sobre como ela era, ou como era, mas certamente não tudo. Nem mesmo perto. — Elas são confortáveis, — disse ela uniformemente. — Pensei em fazer algum trabalho no jardim hoje... não é como se eu tivesse algo melhor para fazer.

— Que trabalho? Eu limpei as ervas daninhas. É muito tarde na estação para cultivar legumes. E é muito quente para você passar um tempo considerável lá fora.



FORBIDDEN

— Eu serei a juíza disso.

— O que você pensa em fazer, desmaiando de calor?

Ela não se gabaria de que ele realmente se importasse. Desta vez, ela se virou, mas deu uma mordida no pedaço de torrada que segurava antes de responder: — Não sou do tipo desmaio, Aldair. Eu vou ficar bem.

Sua boca torceu. — Adapte-se. Só não espere que eu a carregue pelas escadas quando se sentir fraca de exaustão.

— Não se preocupe, — disse ela em tons falsamente doces. — Eu nunca esperaria que você fizesse algo tão cavalheiresco.

Seus olhos brilhavam e ele abriu a boca para fazer uma espécie de resposta. Mas então ele sacudiu o corpo, como se percebesse que não podia dizer nada para mudar de ideia. Ele pegou seu café e o drenou, e no instante seguinte desapareceu, um *estalo* fraco soando em seu rastro, como se o ar tivesse corrido para preencher o espaço que acabara de desocupar.

Típico. É claro que ele não ficou por aqui para continuar a discussão. Ao mesmo tempo, Jillian sabia que não podia se sentir terrivelmente aliviada por sua ausência. Ele pode não estar em casa, mas estaria em algum lugar. Assistindo. Garantindo que ela não tentasse sair. Ou então, ela poderia tentar, mas não iria muito longe.

CHRISTINE POPE

Para ser sincera, ela realmente não queria trabalhar no quintal. Ela mencionou o projeto porque sabia que isso iria incomodar Aldair. Mas agora que ela havia feito tanto barulho com a coisa toda, sabia que teria que dedicar algumas horas, apenas para salvar a cara. Se houvesse algumas horas de trabalho a fazer lá fora. Ele tinha sido bastante eficaz no uso de suas habilidades de djinn para limpar a área, para se livrar das ervas daninhas, deixando intacta a mais bonita das flores silvestres.

Mas talvez ela pudesse limpar os restos da horta. Até onde ela sabia, Aldair havia deixado isso em paz, provavelmente porque você não podia ver muito da casa.

Primeiro, porém, para terminar o café e a torrada, depois retire o prato e a caneca e coloque-os de volta no armário. Com a saída de Aldair, ela teve que cuidar da limpeza à moda antiga, mas não se importava muito. Havia algo de reconfortante no ritual, de garantir que a cozinha estivesse impecável antes de ela sair.

Ou talvez ela só estivesse parando porque realmente não estava ansiosa pelas próximas horas.

Patches correram para fora assim que ela abriu a porta dos fundos. Mais uma vez, o dia estava quase brutalmente claro, o céu puro. Ela não conseguia ver uma única nuvem. Era provável que algumas nuvens tivessem começado a se

acumular ao redor da cordilheira de Sangre de Cristo, a nordeste, mas, enterradas neste vale, ela não conseguiria vê-las até que começassem a flutuar nessa direção.

Enquanto o cachorro vagava pelo perímetro do jardim, farejando alegremente, ela foi até o galpão e fez um balanço do equipamento que continha. Várias pás, uma espátula e um cortador de ervas daninhas, apesar de não ter um cortador de grama. Bem, ela duvidava que houvesse um gramado para cortar a relva antes mesmo que o dono da casa morresse e o local tivesse mudado.

Jillian também viu uma engenhoca aparentemente projetada para usar uma chama de propano para queimar ervas daninhas particularmente irritantes. Embora ela achasse que isso pudesse ser útil, ela também não queria correr o risco de iniciar um incêndio que não podia apagar... especialmente agora que não podia confiar em Aldair para ajudá-la.

Não, isso provavelmente não foi particularmente justo. Ele estava agindo como um idiota de classe mundial, mas nem ele seria estúpido o suficiente para deixá-la incendiar a casa, especialmente porque era provavelmente a moradia mais agradável em toda a área de Madri.

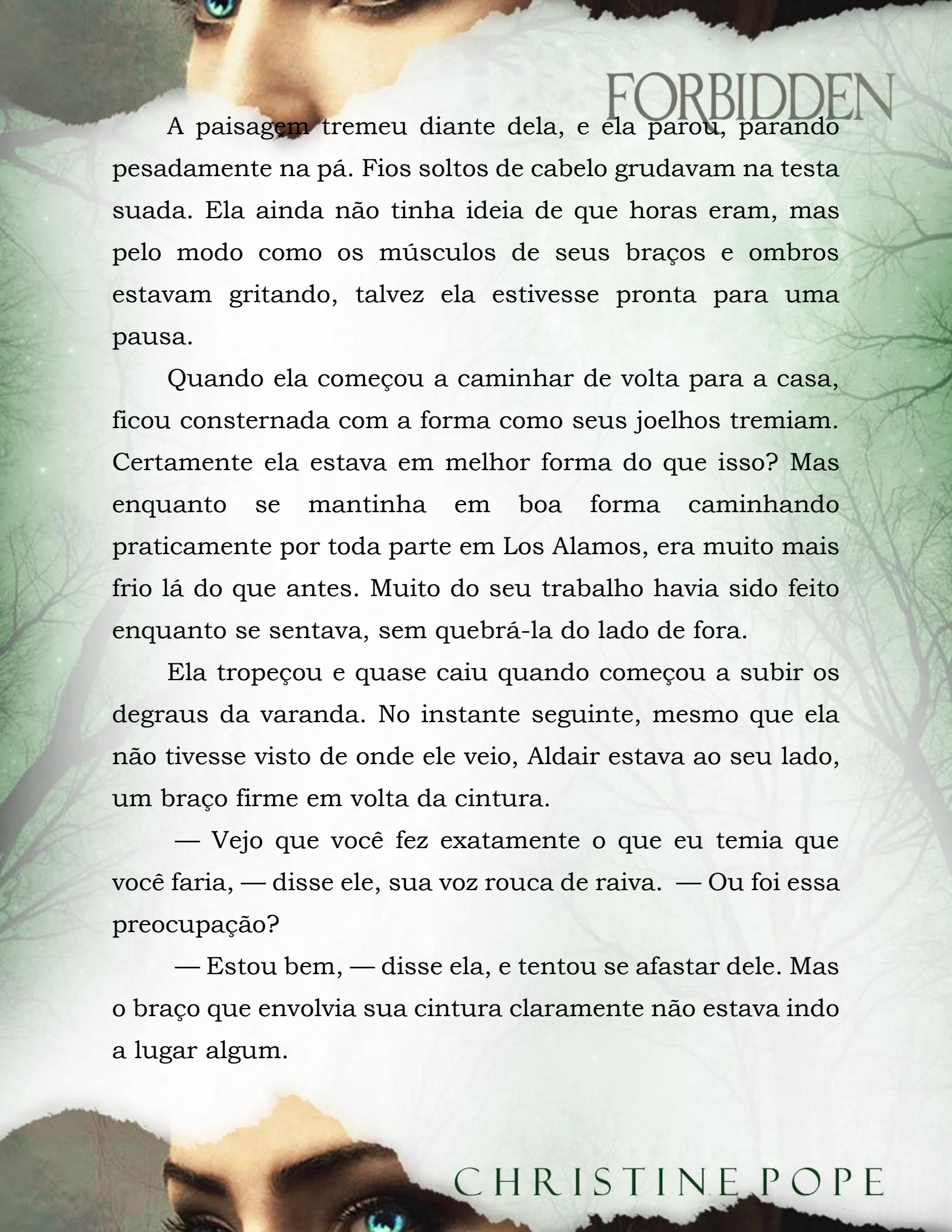
Ela pegou a luz das duas pás e seguiu para o local onde ficavam os restos da horta. Parecia que a abóbora

provavelmente estava pendurada no primeiro ano, mas agora só restavam algumas folhas secas e corredores ressecados que pareciam mais um monte de cobras mortas do que os restos de uma videira.

Mesmo que não passasse das nove da manhã, de acordo com os relógios da casa, o sol já parecia um peso físico na parte de trás do pescoço quando ela começou a virar a orelha seca. O suor escorria por sua testa, e ela desejou ter pensado em procurar algum tipo de chapéu na casa. Certamente a mulher que viveu aqui antes tinha usado algo para proteger sua cabeça enquanto trabalhava no jardim.

Se tivesse, provavelmente esse chapéu estava guardado no armário do quarto de Aldair, e Jillian não se arriscaria a entrar lá. Ela só teria que cerrar os dentes e aguentar.

Ela não usava relógio, então não tinha uma ideia real do tempo passando, apenas o movimento sutil do sol sobre a cabeça. Os canteiros logo se cansaram de olhar o jardim e deitaram-se na sombra infinitamente mais confortável da varanda. A certa altura, Jillian pensou que talvez devesse parar, mas havia se estabelecido em um ritmo. Além disso, ela estava tão concentrada que quase se esquecera de Aldair, deixara tudo escapar de sua mente, exceto o chão imediatamente à sua frente e a pilha crescente de ervas daninhas descartadas e plantas mortas.



FORBIDDEN

A paisagem tremeu diante dela, e ela parou, parando pesadamente na pá. Fios soltos de cabelo grudavam na testa suada. Ela ainda não tinha ideia de que horas eram, mas pelo modo como os músculos de seus braços e ombros estavam gritando, talvez ela estivesse pronta para uma pausa.

Quando ela começou a caminhar de volta para a casa, ficou consternada com a forma como seus joelhos tremiam. Certamente ela estava em melhor forma do que isso? Mas enquanto se mantinha em boa forma caminhando praticamente por toda parte em Los Alamos, era muito mais frio lá do que antes. Muito do seu trabalho havia sido feito enquanto se sentava, sem quebrá-la do lado de fora.

Ela tropeçou e quase caiu quando começou a subir os degraus da varanda. No instante seguinte, mesmo que ela não tivesse visto de onde ele veio, Aldair estava ao seu lado, um braço firme em volta da cintura.

— Vejo que você fez exatamente o que eu temia que você faria, — disse ele, sua voz rouca de raiva. — Ou foi essa preocupação?

— Estou bem, — disse ela, e tentou se afastar dele. Mas o braço que envolvia sua cintura claramente não estava indo a lugar algum.

CHRISTINE POPE

— Você está? Pois eu vi você quase cair. Não é assim que eu chamaria de bem.

Mais protestos subiram aos seus lábios, mas claramente Aldair não pretendia ouvi-los. Antes que ela pudesse piscar, ele a levou daquele jeito perturbador e djinn da varanda até a abençoada frieza da sala de estar, onde a sentou no sofá. Um segundo depois, um copo de água gelada estava sendo pressionado em suas mãos.

Ela não era tão tola a ponto de recusar a bebida. Em vez disso, ela levou o copo aos lábios e deu um longo gole, seguida de outra. O líquido frio derramou por sua garganta ressecada, descendo todo o caminho, enviando alívio ao seu corpo sobrecarregado.

— Obrigado, — disse ela.

Ele não sorriu. Aqueles olhos azuis duros estavam fixos em seu rosto. Você é muito pálida. Você poderia ter ficado doente.

— Sol demais. Eu vou ficar bem daqui a pouco.

— Então, pelo menos, você admite que não está bem agora.

Jillian não queria admitir nada, muito menos que ela tinha sido teimosa e tola. Nunca em sua vida ela experimentara qualquer tipo de problema em estar ao sol, mas passear pelo ar do condado em temperaturas mais altas

de oitenta graus não era a mesma coisa que experimentar esse mesmo tipo de calor enquanto trabalhava com pá. uma horta extinta.

— Pode ter sido um pouco demais, — disse ela finalmente. — Da próxima vez eu vou usar um chapéu.

— Não haverá tempo suficiente, — disse ele dessa maneira arrogante. — Pois vou me certificar de que não resta mais nada para você fazer aqui, se é isso que planeja fazer com seu tempo ocioso.

Oh, o nervo dele! Então, aparentemente, não era suficiente para ele mantê-la presa aqui - agora ele também estava dizendo a ela o que ela podia e não podia fazer para impedir-se de enlouquecer de tédio?

Se ela falasse, estava preocupada com o que poderia sair da sua boca. Por mais irritante que ele fosse, Aldair comandava poderes que ela ainda não entendia completamente. Entrar em uma briga de gritos com ele - se ela conseguisse se envolver nesse tipo de comportamento - não era apenas tolice. Pode ser absolutamente perigoso.

Então, ela manteve o olhar atentamente longe dele enquanto engolia um pouco mais de água antes de colocar o copo em uma montanha-russa e se levantar.

— Onde você vai? — Ele perguntou.

— Para o meu quarto, — disse ela friamente. — Estou cansada, ou você também vai ditar quando eu posso e não posso deitar?

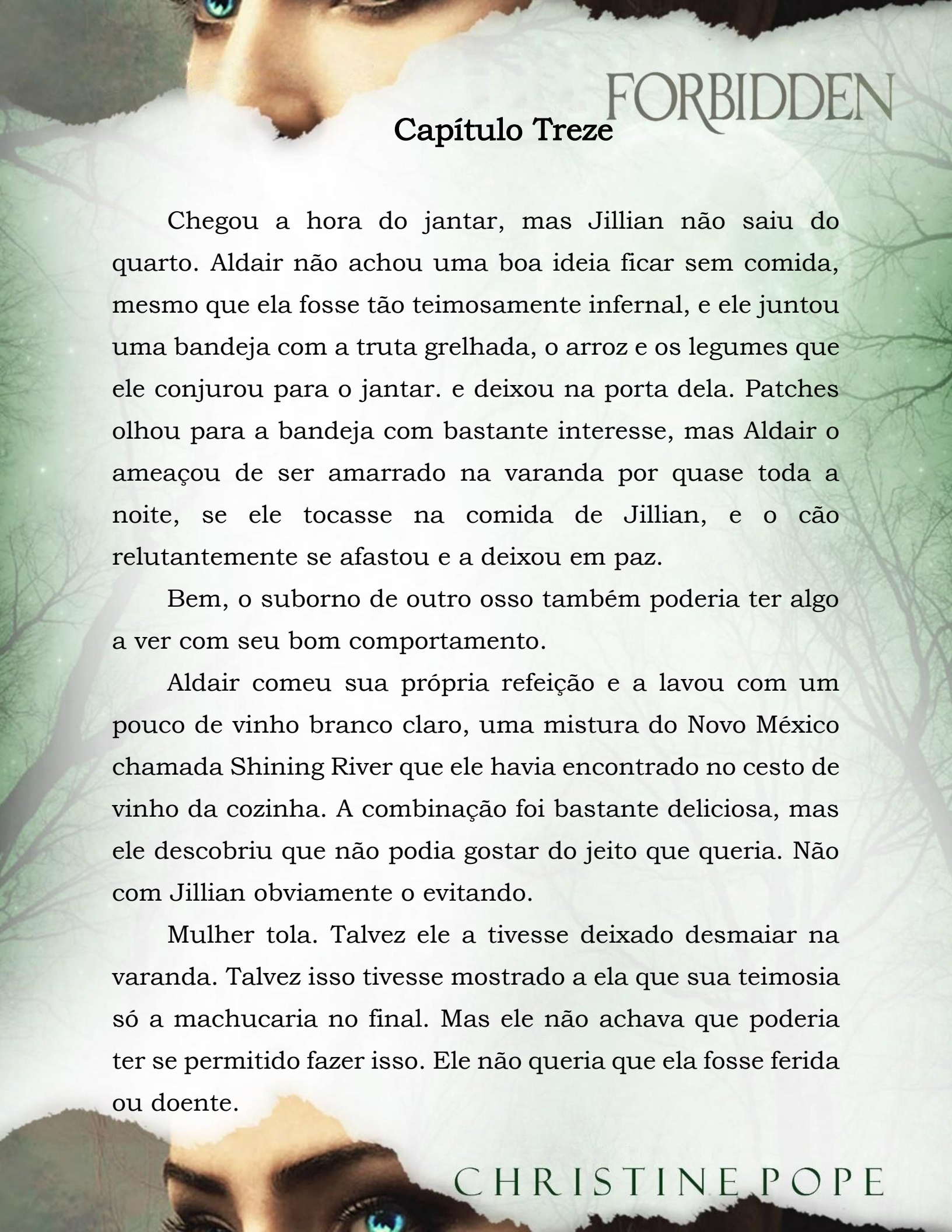
— Não, — disse ele, e agora ela notou um brilho nos olhos de safira dele, como se ele estivesse se divertindo com a resposta dela. — Eu acho que seria bom para você descansar.

E você me impediria se não o fizesse? ela pensou então, mas ela não respondeu. Em vez disso, ela se afastou dele e subiu as escadas. Seus joelhos ainda estavam trêmulos, e ela teve que se segurar no corrimão para se arrastar, mas estava condenada se pedisse alguma ajuda. Ele já tinha feito o suficiente.

Enquanto seguia, ela pensou que podia ouvi-lo rindo baixinho. Então, seu lamentável ato de desafio o divertiu. Todo o seu corpo ficou rígido, mas ela se forçou a continuar. A última coisa que ela queria era que ele visse o quanto tinha ficado sob sua pele.

Desgraçado. E pensar que ela realmente o deixou beijá-lo.

Bem, isso certamente não iria acontecer novamente.



FORBIDDEN

Capítulo Treze

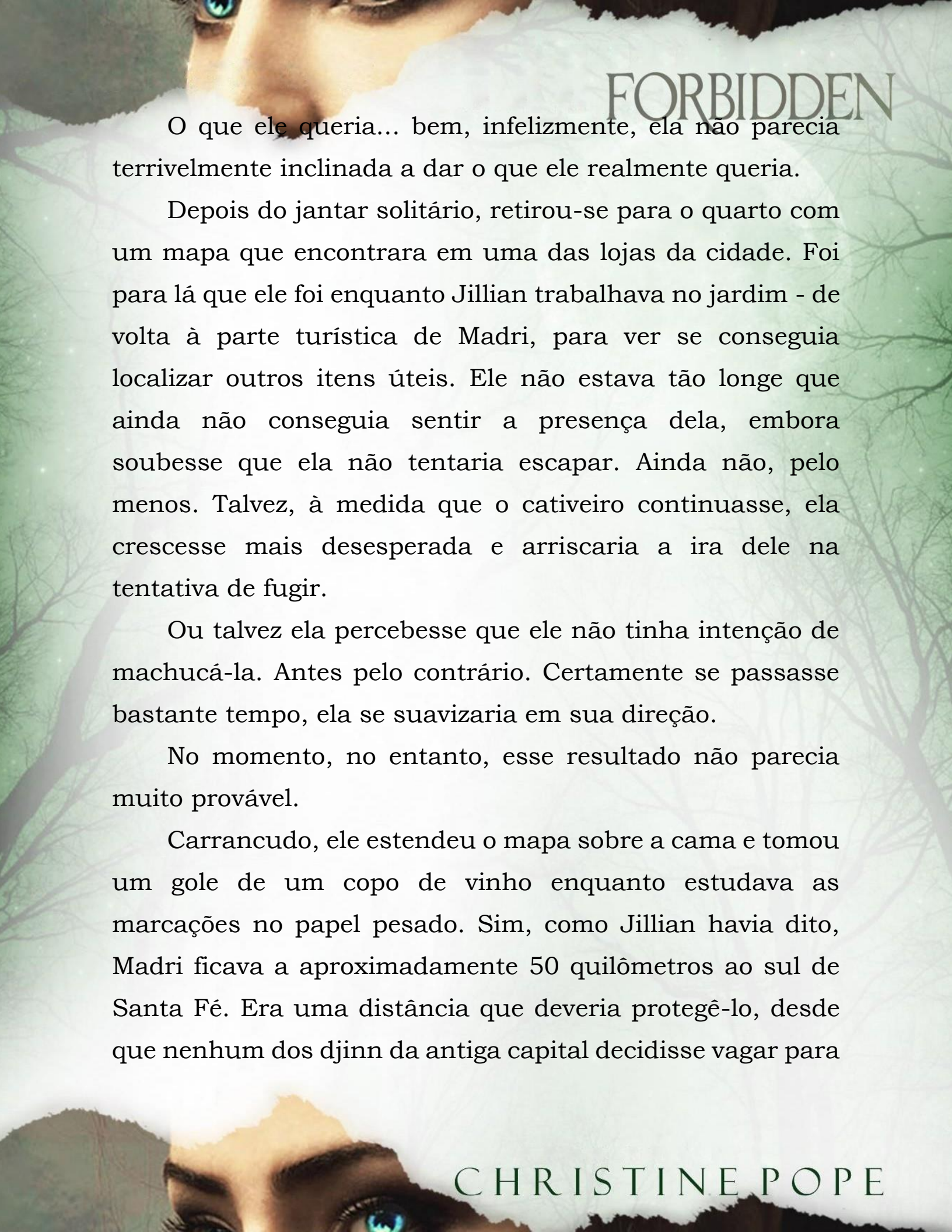
Chegou a hora do jantar, mas Jillian não saiu do quarto. Aldair não achou uma boa ideia ficar sem comida, mesmo que ela fosse tão teimosamente infernal, e ele juntou uma bandeja com a truta grelhada, o arroz e os legumes que ele conjurou para o jantar. e deixou na porta dela. Patches olhou para a bandeja com bastante interesse, mas Aldair o ameaçou de ser amarrado na varanda por quase toda a noite, se ele tocasse na comida de Jillian, e o cão relutantemente se afastou e a deixou em paz.

Bem, o suborno de outro osso também poderia ter algo a ver com seu bom comportamento.

Aldair comeu sua própria refeição e a lavou com um pouco de vinho branco claro, uma mistura do Novo México chamada Shining River que ele havia encontrado no cesto de vinho da cozinha. A combinação foi bastante deliciosa, mas ele descobriu que não podia gostar do jeito que queria. Não com Jillian obviamente o evitando.

Mulher tola. Talvez ele a tivesse deixado desmaiar na varanda. Talvez isso tivesse mostrado a ela que sua teimosia só a machucaria no final. Mas ele não achava que poderia ter se permitido fazer isso. Ele não queria que ela fosse ferida ou doente.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

O que ele queria... bem, infelizmente, ela não parecia terrivelmente inclinada a dar o que ele realmente queria.

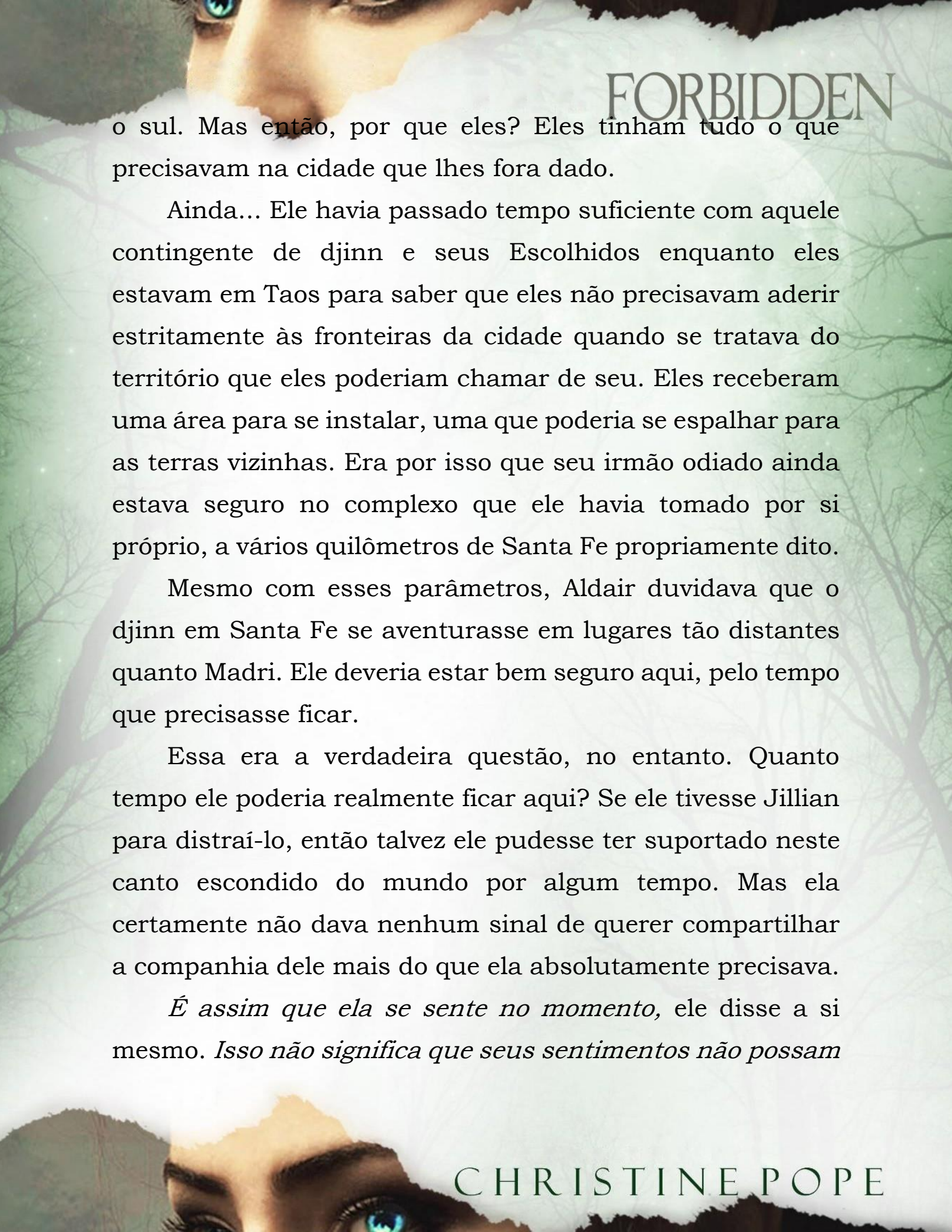
Depois do jantar solitário, retirou-se para o quarto com um mapa que encontrara em uma das lojas da cidade. Foi para lá que ele foi enquanto Jillian trabalhava no jardim - de volta à parte turística de Madri, para ver se conseguia localizar outros itens úteis. Ele não estava tão longe que ainda não conseguia sentir a presença dela, embora soubesse que ela não tentaria escapar. Ainda não, pelo menos. Talvez, à medida que o cativeiro continuasse, ela crescesse mais desesperada e arriscaria a ira dele na tentativa de fugir.

Ou talvez ela percebesse que ele não tinha intenção de machucá-la. Antes pelo contrário. Certamente se passasse bastante tempo, ela se suavizaria em sua direção.

No momento, no entanto, esse resultado não parecia muito provável.

Carrancudo, ele estendeu o mapa sobre a cama e tomou um gole de um copo de vinho enquanto estudava as marcações no papel pesado. Sim, como Jillian havia dito, Madri ficava a aproximadamente 50 quilômetros ao sul de Santa Fé. Era uma distância que deveria protegê-lo, desde que nenhum dos djinn da antiga capital decidisse vagar para

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

o sul. Mas então, por que eles? Eles tinham tudo o que precisavam na cidade que lhes fora dado.

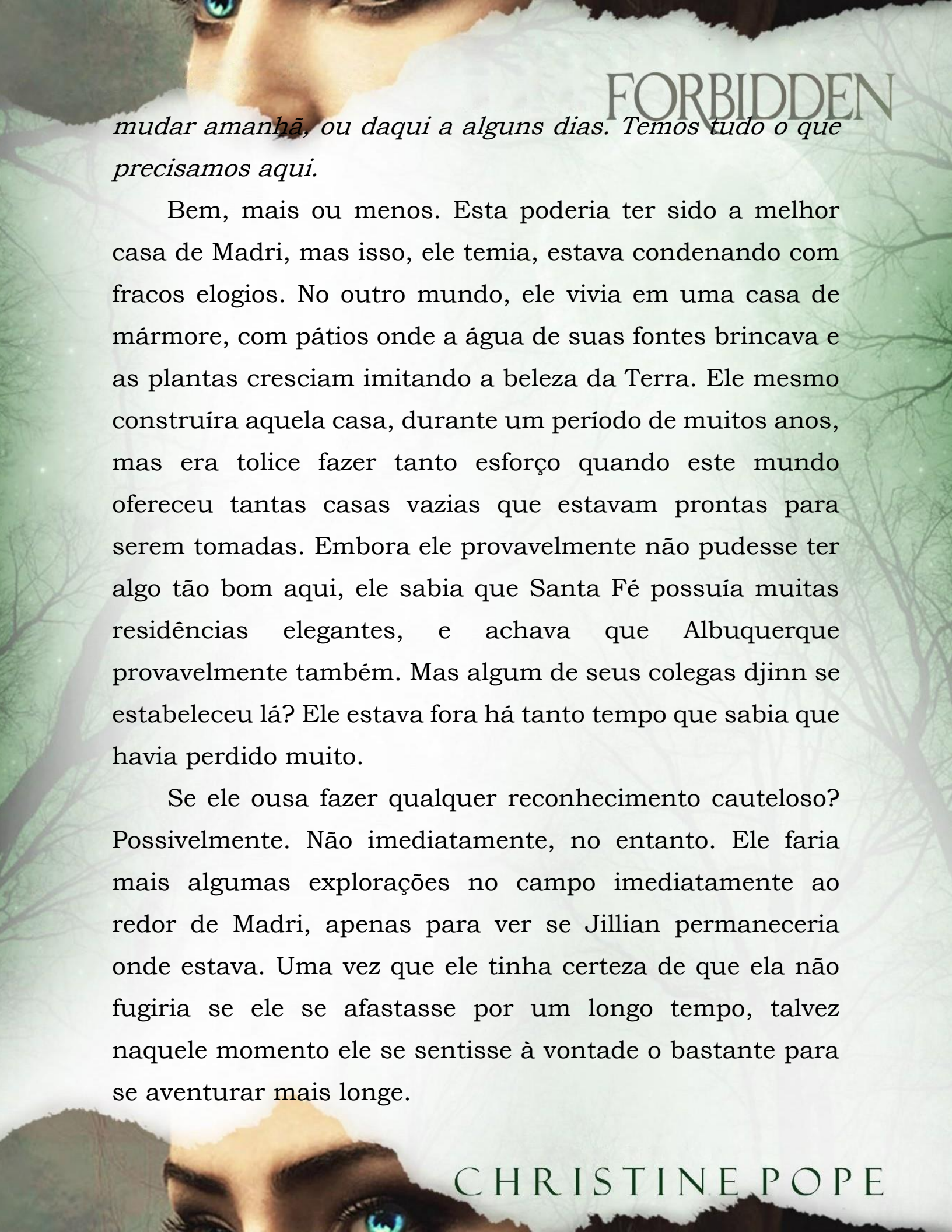
Ainda... Ele havia passado tempo suficiente com aquele contingente de djinn e seus Escolhidos enquanto eles estavam em Taos para saber que eles não precisavam aderir estritamente às fronteiras da cidade quando se tratava do território que eles poderiam chamar de seu. Eles receberam uma área para se instalar, uma que poderia se espalhar para as terras vizinhas. Era por isso que seu irmão odiado ainda estava seguro no complexo que ele havia tomado por si próprio, a vários quilômetros de Santa Fe propriamente dito.

Mesmo com esses parâmetros, Aldair duvidava que o djinn em Santa Fe se aventurasse em lugares tão distantes quanto Madri. Ele deveria estar bem seguro aqui, pelo tempo que precisasse ficar.

Essa era a verdadeira questão, no entanto. Quanto tempo ele poderia realmente ficar aqui? Se ele tivesse Jillian para distraí-lo, então talvez ele pudesse ter suportado neste canto escondido do mundo por algum tempo. Mas ela certamente não dava nenhum sinal de querer compartilhar a companhia dele mais do que ela absolutamente precisava.

É assim que ela se sente no momento, ele disse a si mesmo. Isso não significa que seus sentimentos não possam

CHRISTINE POPE



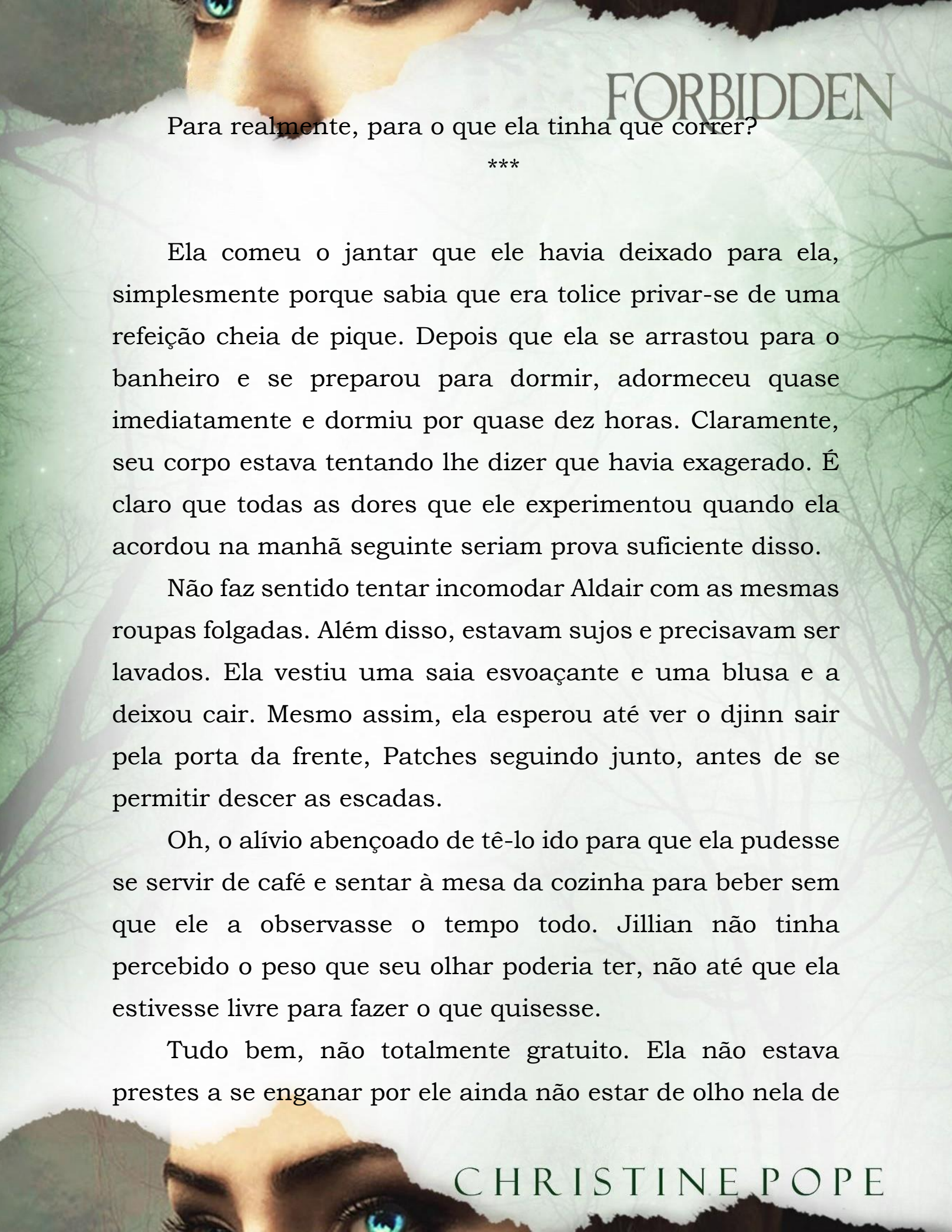
FORBIDDEN

mudar amanhã, ou daqui a alguns dias. Temos tudo o que precisamos aqui.

Bem, mais ou menos. Esta poderia ter sido a melhor casa de Madri, mas isso, ele temia, estava condenando com fracos elogios. No outro mundo, ele vivia em uma casa de mármore, com pátios onde a água de suas fontes brincava e as plantas cresciam imitando a beleza da Terra. Ele mesmo construía aquela casa, durante um período de muitos anos, mas era tolice fazer tanto esforço quando este mundo ofereceu tantas casas vazias que estavam prontas para serem tomadas. Embora ele provavelmente não pudesse ter algo tão bom aqui, ele sabia que Santa Fé possuía muitas residências elegantes, e achava que Albuquerque provavelmente também. Mas algum de seus colegas djinn se estabeleceu lá? Ele estava fora há tanto tempo que sabia que havia perdido muito.

Se ele ousa fazer qualquer reconhecimento cauteloso? Possivelmente. Não imediatamente, no entanto. Ele faria mais algumas explorações no campo imediatamente ao redor de Madri, apenas para ver se Jillian permaneceria onde estava. Uma vez que ele tinha certeza de que ela não fugiria se ele se afastasse por um longo tempo, talvez naquele momento ele se sentisse à vontade o bastante para se aventurar mais longe.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Para realmente, para o que ela tinha que correr?

Ela comeu o jantar que ele havia deixado para ela, simplesmente porque sabia que era tolice privar-se de uma refeição cheia de pique. Depois que ela se arrastou para o banheiro e se preparou para dormir, adormeceu quase imediatamente e dormiu por quase dez horas. Claramente, seu corpo estava tentando lhe dizer que havia exagerado. É claro que todas as dores que ele experimentou quando ela acordou na manhã seguinte seriam prova suficiente disso.

Não faz sentido tentar incomodar Aldair com as mesmas roupas folgadas. Além disso, estavam sujos e precisavam ser lavados. Ela vestiu uma saia esvoaçante e uma blusa e a deixou cair. Mesmo assim, ela esperou até ver o djinn sair pela porta da frente, Patches seguindo junto, antes de se permitir descer as escadas.

Oh, o alívio abençoado de tê-lo ido para que ela pudesse se servir de café e sentar à mesa da cozinha para beber sem que ele a observasse o tempo todo. Jillian não tinha percebido o peso que seu olhar poderia ter, não até que ela estivesse livre para fazer o que quisesse.

Tudo bem, não totalmente gratuito. Ela não estava prestes a se enganar por ele ainda não estar de olho nela de

CHRISTINE POPE

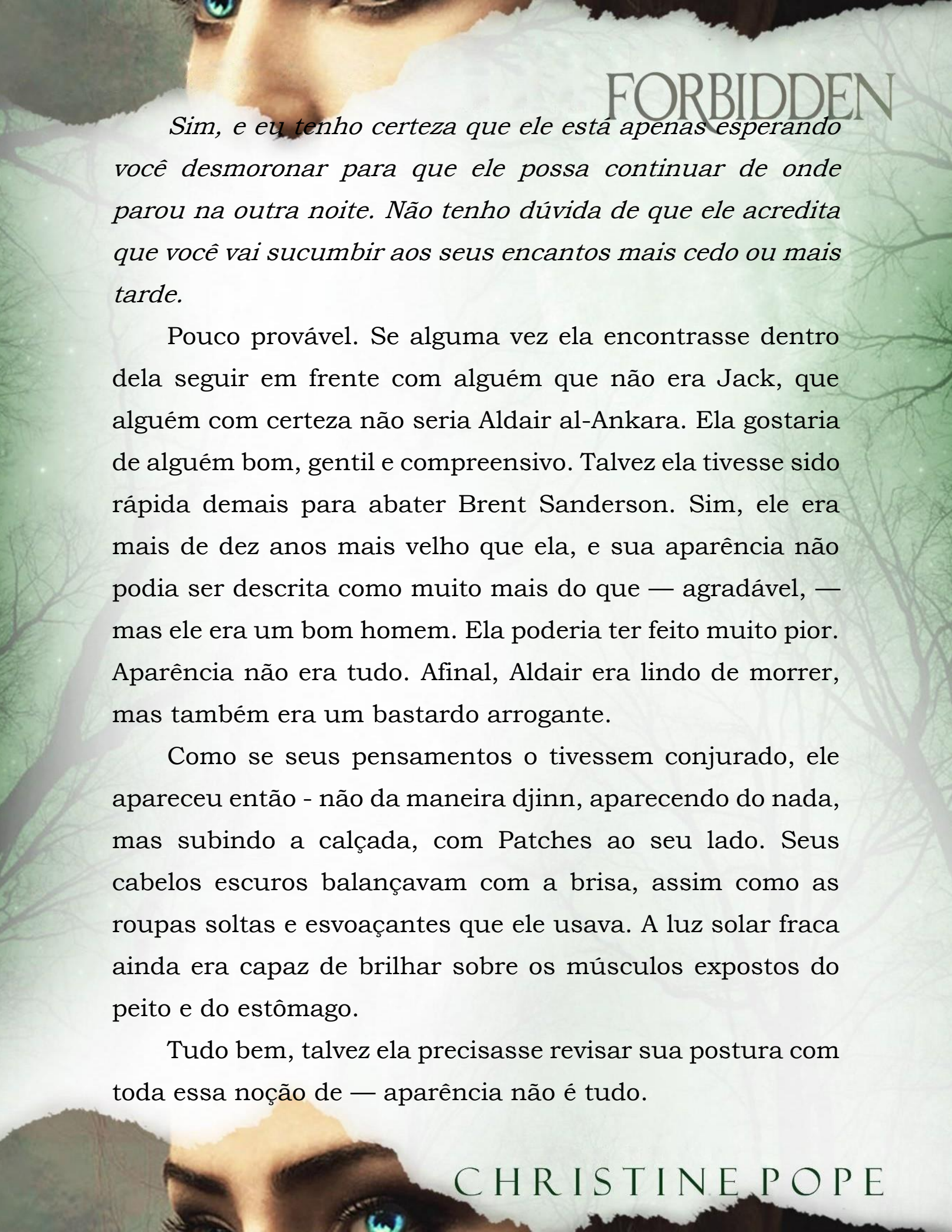
alguma maneira. Ela ouvira como os djinn podiam sentir quando os mortais estavam por perto, mesmo que não estivessem diretamente na linha de visão deles. Então, mudar para algo mais prático e seguir para as colinas realmente não estavam nos cartões.

Em vez disso, saboreava o café, fazia uma torrada e depois fritava um ovo para si mesma. Não, não era tão bom quanto o café da manhã que Aldair conjurou, mas ela não se importou. O sabor de estar sozinha mais do que compensava qualquer falta de sabor.

Depois, ela limpou a cozinha antes de sair para a varanda para poder sentar no banco. Hoje o tempo estava um pouco mais frio, com nuvens já se formando acima. Parecia que eles poderiam estar em outra rodada de tempestades de monções. Ela estava bem com isso. Qualquer coisa para manter o calor longe.

Ela se perguntou para onde Aldair tinha ido, e imediatamente quis se repreender por se importar. Não era importante que ele estivesse em outro lugar?

É verdade, mas ela sabia que mais cedo ou mais tarde eles teriam que fazer algo para superar o desconforto desconfortável que estavam compartilhando no momento. Eles não poderiam continuar assim indefinidamente.

The background of the page features a close-up of a person's face, focusing on their eyes which are glowing with a bright blue light. The person has dark hair and skin. The image is partially obscured by the text and has a torn-paper edge effect at the top and bottom.

FORBIDDEN

Sim, e eu tenho certeza que ele está apenas esperando você desmoronar para que ele possa continuar de onde parou na outra noite. Não tenho dúvida de que ele acredita que você vai sucumbir aos seus encantos mais cedo ou mais tarde.

Pouco provável. Se alguma vez ela encontrasse dentro dela seguir em frente com alguém que não era Jack, que alguém com certeza não seria Aldair al-Ankara. Ela gostaria de alguém bom, gentil e compreensivo. Talvez ela tivesse sido rápida demais para abater Brent Sanderson. Sim, ele era mais de dez anos mais velho que ela, e sua aparência não podia ser descrita como muito mais do que — agradável, — mas ele era um bom homem. Ela poderia ter feito muito pior. Aparência não era tudo. Afinal, Aldair era lindo de morrer, mas também era um bastardo arrogante.

Como se seus pensamentos o tivessem conjurado, ele apareceu então - não da maneira djinn, aparecendo do nada, mas subindo a calçada, com Patches ao seu lado. Seus cabelos escuros balançavam com a brisa, assim como as roupas soltas e esvoaçantes que ele usava. A luz solar fraca ainda era capaz de brilhar sobre os músculos expostos do peito e do estômago.

Tudo bem, talvez ela precisasse revisar sua postura com toda essa noção de — aparência não é tudo.

CHRISTINE POPE

— Você está se sentindo melhor esta manhã? — Ele perguntou, formalmente.

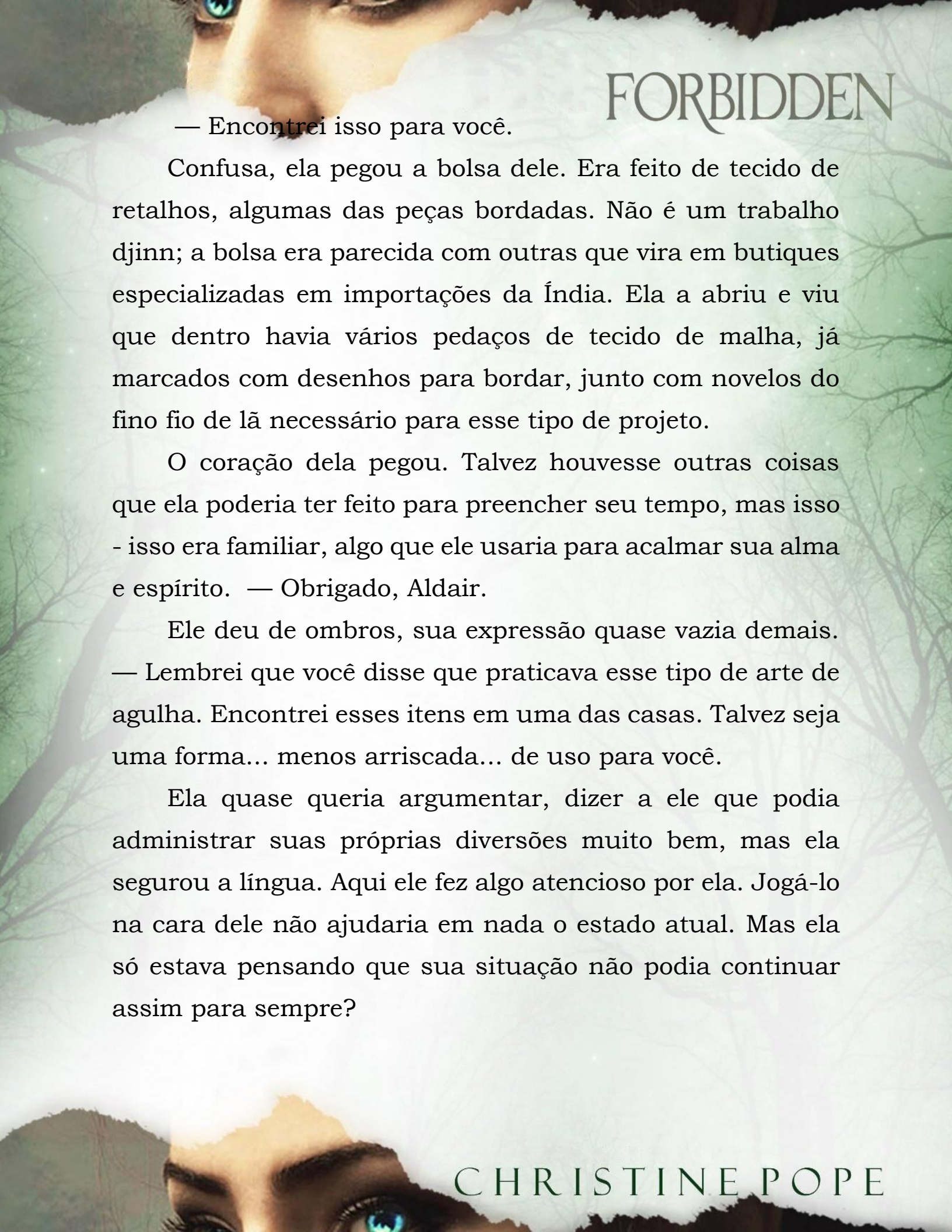
— Sim, — ela respondeu. — Parece que você e Patches estão tendo um bom dia também.

— Fizemos uma longa caminhada. Isso o agrada, eu acho. E eu queria ver mais da periferia da cidade.

Ela se perguntou o que ele estava procurando. Não que ela tivesse feito muitas caminhadas na área, mas pelo que vira, não havia muito o que encontrar. Algumas herdades nas fronteiras da cidade, nenhuma delas tão boa quanto à onde estavam hospedadas. No extremo norte da cidade, um antigo campo de bola, que ela pensou ter lido, fora construído nos dias de mineração de Madri, embora ainda fosse usado para festivais e coisas do tipo. Mas ainda assim, não há muito que um djinn ache interessante.

— É um bom dia para uma caminhada, — disse ela, e parou ali. A última coisa que ela queria era que ele a iniciasse novamente por sua tolice no sol quente ontem.

Do jeito que estava, ele parecia estar pensando na mesma coisa, pois a menor das sobrancelhas franziu as sobrancelhas enquanto lançava um rápido olhar para o céu nublado. Para seu alívio, no entanto, ele não fez mais comentários do que isso. Em vez disso, ele tirou uma bolsa de tecido de um ombro e a estendeu para ela.



FORBIDDEN

— Encontrei isso para você.

Confusa, ela pegou a bolsa dele. Era feito de tecido de retalhos, algumas das peças bordadas. Não é um trabalho djinn; a bolsa era parecida com outras que vira em butikues especializadas em importações da Índia. Ela a abriu e viu que dentro havia vários pedaços de tecido de malha, já marcados com desenhos para bordar, junto com novelos do fino fio de lã necessário para esse tipo de projeto.

O coração dela pegou. Talvez houvesse outras coisas que ela poderia ter feito para preencher seu tempo, mas isso - isso era familiar, algo que ele usaria para acalmar sua alma e espírito. — Obrigado, Aldair.

Ele deu de ombros, sua expressão quase vazia demais. — Lembrei que você disse que praticava esse tipo de arte de agulha. Encontrei esses itens em uma das casas. Talvez seja uma forma... menos arriscada... de uso para você.

Ela quase queria argumentar, dizer a ele que podia administrar suas próprias diversões muito bem, mas ela segurou a língua. Aqui ele fez algo atencioso por ela. Jogá-lo na cara dele não ajudaria em nada o estado atual. Mas ela só estava pensando que sua situação não podia continuar assim para sempre?

CHRISTINE POPE

— Bem, isso definitivamente me ajudará a ficar calma
— disse ela. — Na verdade, acho que vou entrar e começar agora.

— Boa. Patches já teve exercícios suficientes para a manhã, acho que vou deixá-lo aqui com você.

— Você vai voltar?

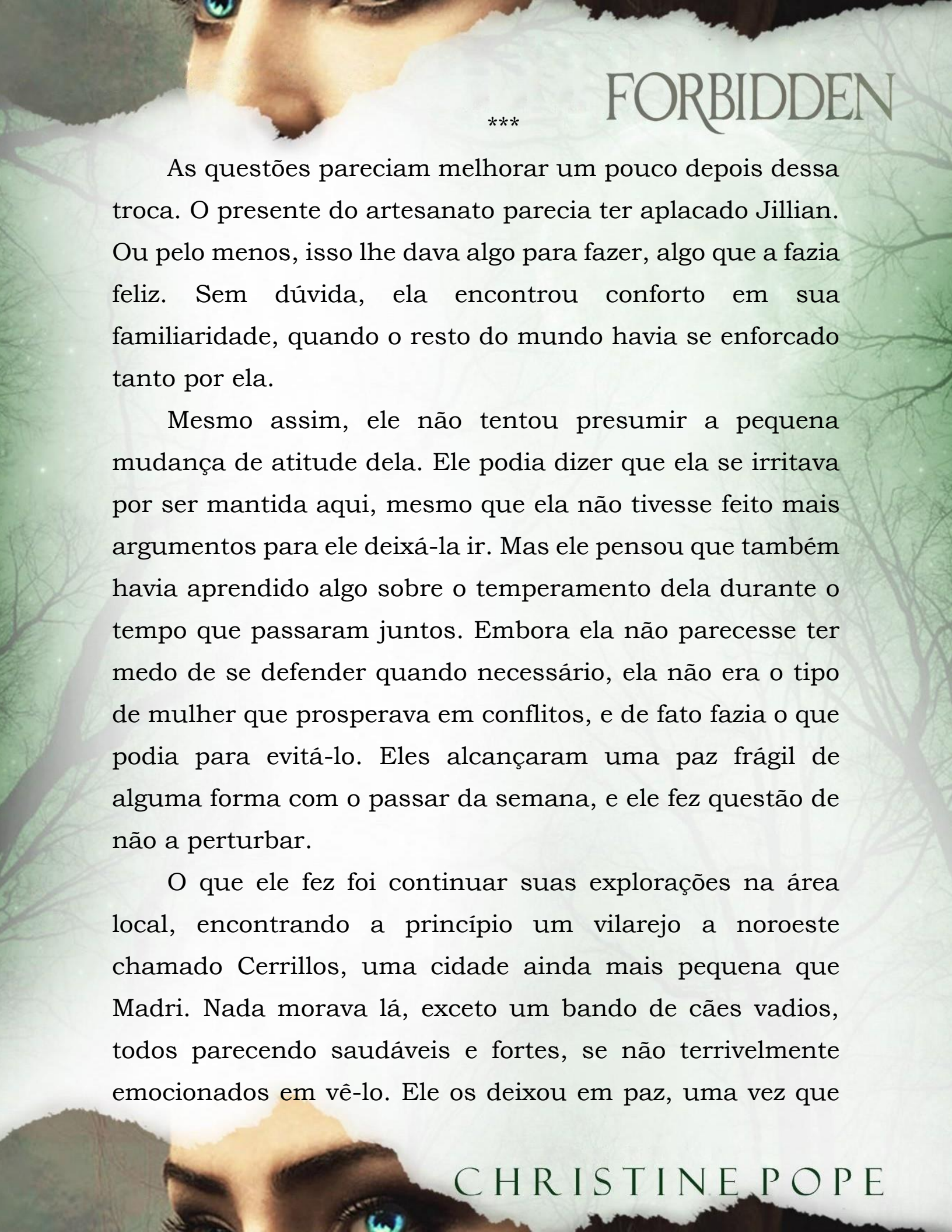
Olhos azuis penetrantes encontraram os dela, e ela olhou para baixo rapidamente, fingindo mexer na alça da bolsa que segurava. — Sim, — ele disse. — Eu ainda não tinha terminado.

Ela não se atreveu a perguntar, *terminou com o que?* Em vez disso, ela fez que sim com a cabeça e acrescentou: — Bem, fique de olho no tempo. Acho que vai chover mais cedo ou mais tarde.

— Não se preocupe. Eu sou um djinn do ar. Eu sempre sei quando uma tempestade está chegando.

E então ele se foi desaparecendo no ar que era seu elemento. A respiração de Jillian ficou presa, embora ela tentasse dizer a si mesma que deveria estar acostumada com esse tipo de coisa agora. A seus pés, Patches se mexeu, depois olhou implorando para o rosto dela.

— Bem, criança, — disse ela. — Parece que somos você e eu por um tempo.



FORBIDDEN

As questões pareciam melhorar um pouco depois dessa troca. O presente do artesanato parecia ter aplacado Jillian. Ou pelo menos, isso lhe dava algo para fazer, algo que a fazia feliz. Sem dúvida, ela encontrou conforto em sua familiaridade, quando o resto do mundo havia se enforcado tanto por ela.

Mesmo assim, ele não tentou presumir a pequena mudança de atitude dela. Ele podia dizer que ela se irritava por ser mantida aqui, mesmo que ela não tivesse feito mais argumentos para ele deixá-la ir. Mas ele pensou que também havia aprendido algo sobre o temperamento dela durante o tempo que passaram juntos. Embora ela não parecesse ter medo de se defender quando necessário, ela não era o tipo de mulher que prosperava em conflitos, e de fato fazia o que podia para evitá-lo. Eles alcançaram uma paz frágil de alguma forma com o passar da semana, e ele fez questão de não a perturbar.

O que ele fez foi continuar suas explorações na área local, encontrando a princípio um vilarejo a noroeste chamado Cerrillos, uma cidade ainda mais pequena que Madri. Nada morava lá, exceto um bando de cães vadios, todos parecendo saudáveis e fortes, se não terrivelmente emocionados em vê-lo. Ele os deixou em paz, uma vez que

CHRISTINE POPE

ele determinou que não havia mais nada no lugar que pudesse ajudar ele e Jillian.

Depois disso, ele seguiu para o sul, encontrando quilômetros e quilômetros de terreno aberto, com um rancho ocasional ou outro assentamento para acabar com a monotonia. Também não há sobreviventes aqui, o que não o surpreendeu. Mesmo que alguém nesses lugares tivesse passado pelos moribundos, eles possuíam bastante sorte ou sorte para se juntar ao resto dos imunes em Los Alamos, ou foram escolhidos pelos djinn cujo papel era vasculhar a Terra. quaisquer humanos que permaneceram depois que o Heat fez seu trabalho.

Também estava claro o suficiente para ele que essa área havia sido considerada indigna de ser colonizada por djinn, pois ele não sentia outros de sua espécie, ninguém. Encorajado, ele finalmente se aventurou por Albuquerque, onde encontrou uma visão incomum. Os quilômetros e quilômetros de expansão urbana e suburbana eram totalmente desprovidos de qualquer sinal de vida que passasse sobre duas pernas; no entanto, no centro da cidade, ele viu evidências de que alguém estava trabalhando aqui - um elemento da terra, se seus olhos e seus instintos não o enganaram. Quase todos os edifícios daquela área foram derrubados, exceto um edifício alto que parecia ter

sido um hotel. Pastos abertos ondulavam ao redor, pontilhados de arbustos e árvores indígenas, e um riacho serpenteava antes de terminar em um pequeno lago. Flores silvestres, alimentadas pelas chuvas das monções, floresciam em todos os lugares.

Se ele não soubesse melhor, teria dito que um de seus colegas djinn havia começado a reconstruir a cidade em algo que o agradava mais, apenas para ser interrompido nesse trabalho. Quem - ou o que - poderia ter interrompido aquele djinn desconhecido, Aldair não pôde começar a adivinhar. Uma vez que os anciãos concederam um subsídio de terra, ele não pôde ser retirado. Era para ser eterno.

Mas claramente ninguém morava aqui agora. Aldair entrou no hotel e viu que era decorado com o tipo de esplendor que um djinn poderia querer reivindicar por si próprio, com tetos esculpidos acima e grutas onde as fontes brincavam. Por um momento, ele se perguntou se poderia trazer Jillian para cá, pois certamente esse era um lugar que o atraía muito mais do que a gloriosa casa de fazenda onde eles moravam atualmente.

No entanto, depois de ponderar a ideia por um momento, ele decidiu que não serviria. Se esse lugar já pertencera a outro djinn, isso significava que não estava totalmente fora do radar, para usar uma frase humana. Pode

acontecer que alguém aconteça, ou talvez os djinns, cujas terras originalmente eram, possam retornar para inspecionar suas propriedades.

Aldair voltou para a rua e ficou na calçada que ainda restava. Ao seu redor havia um silêncio absoluto, exceto o murmúrio do vento na grama alta. Mais uma vez, ele enviou seus sentidos à busca, mas não sentiu nada - certamente nenhum humano e nenhum djinn.

Olhando para o norte e leste, ele viu a impressionante parte da cordilheira conhecida como Sandias. Aninhado entre seus pés, ele conseguia distinguir o brilho das janelas, indicando que as casas deveriam ter sido construídas lá. Grandes também, se seu senso de perspectiva significasse alguma coisa. Talvez uma dessas propriedades justifique um olhar mais atento. Era difícil dizer com certeza a essa distância, mas parecia que eles estavam bem distantes. Privado. E empoleirados lá em cima, eles teriam uma vista imponente do vale onde ficava a maior parte de Albuquerque. Seria uma posição bastante defensável.

Assentindo em aprovação, ele voltou ao ar, deixando que as correntes do vento o levassem ao seu destino. Enquanto voava, seus pensamentos se voltaram para Jillian. Se ele encontrasse o refúgio perfeito para os dois, ela viria

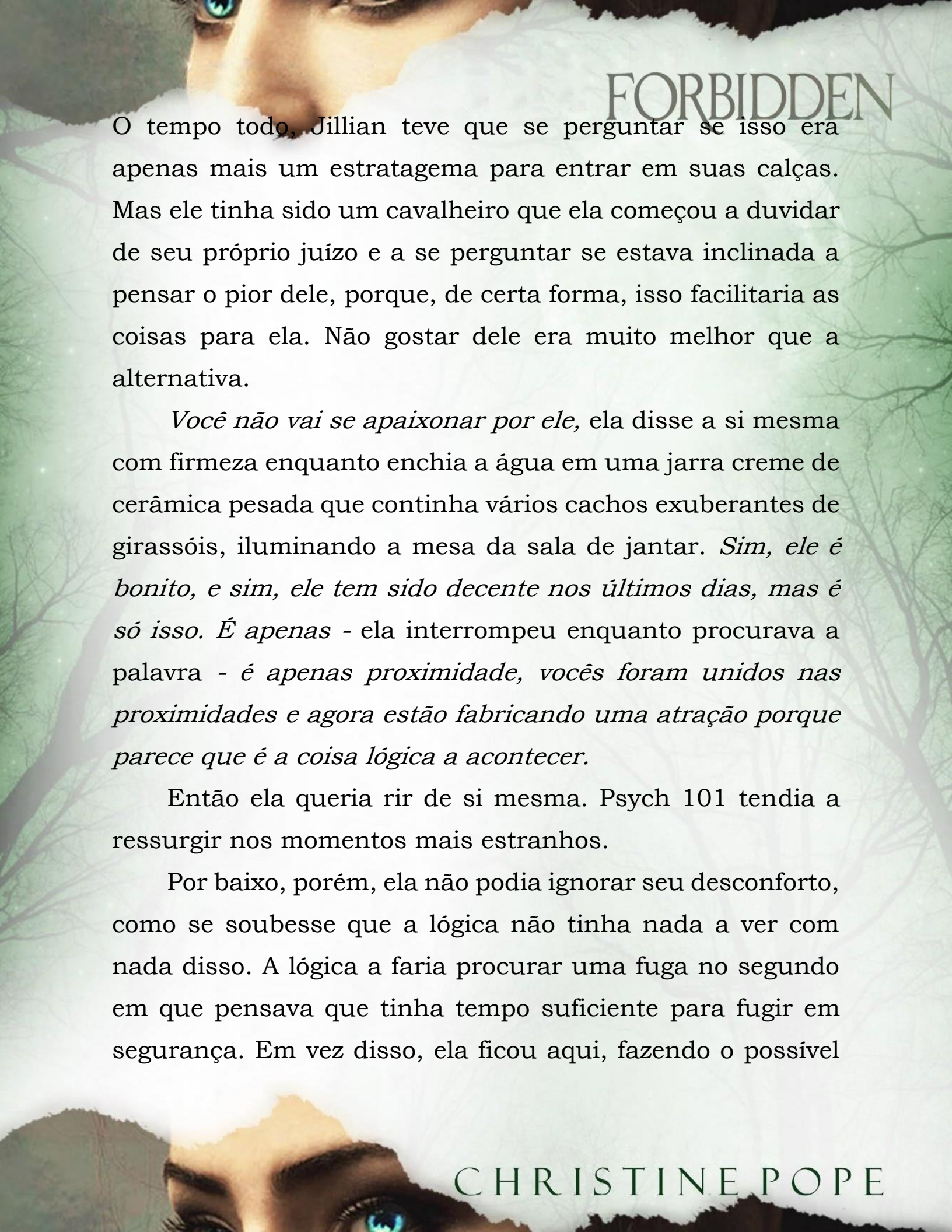
de bom grado? Ou ela veria a mudança de localização como outra chance de escapar?

Só o tempo diria, ele supôs.

Aldair já se foi há muito tempo. Na semana passada, ele começou a desaparecer por períodos cada vez mais longos, mas ainda assim algo impedira Jillian de tentar fugir. Talvez fosse apenas porque ela nunca soube quando ele reapareceria - e ele o fez nos momentos mais inesperados -, tornando difícil para ela determinar a melhor forma de planejar sua fuga.

E também... bem, ela realmente não queria admitir para si mesma que não estava tão ansiosa para se afastar dele como estivera apenas alguns dias antes.

Os dois tinham sido educados, Jillian, porque sabia que seu tempo aqui seria muito mais exaustivo se continuasse a lutar com ele a cada segundo do dia, e Aldair porque, na verdade, ela não sabia ao certo por que ele estava. sendo tão legal. Ele havia trazido a ela os suprimentos para bordar, e isso ajudou muito a passar o tempo, mas era mais do que isso. Ele perguntou o que ela gostaria de jantar, trouxe flores silvestres para a decoração e comeu a mesa, convidou-a para passear à noite com Patches, se não estivesse muito quente.



FORBIDDEN

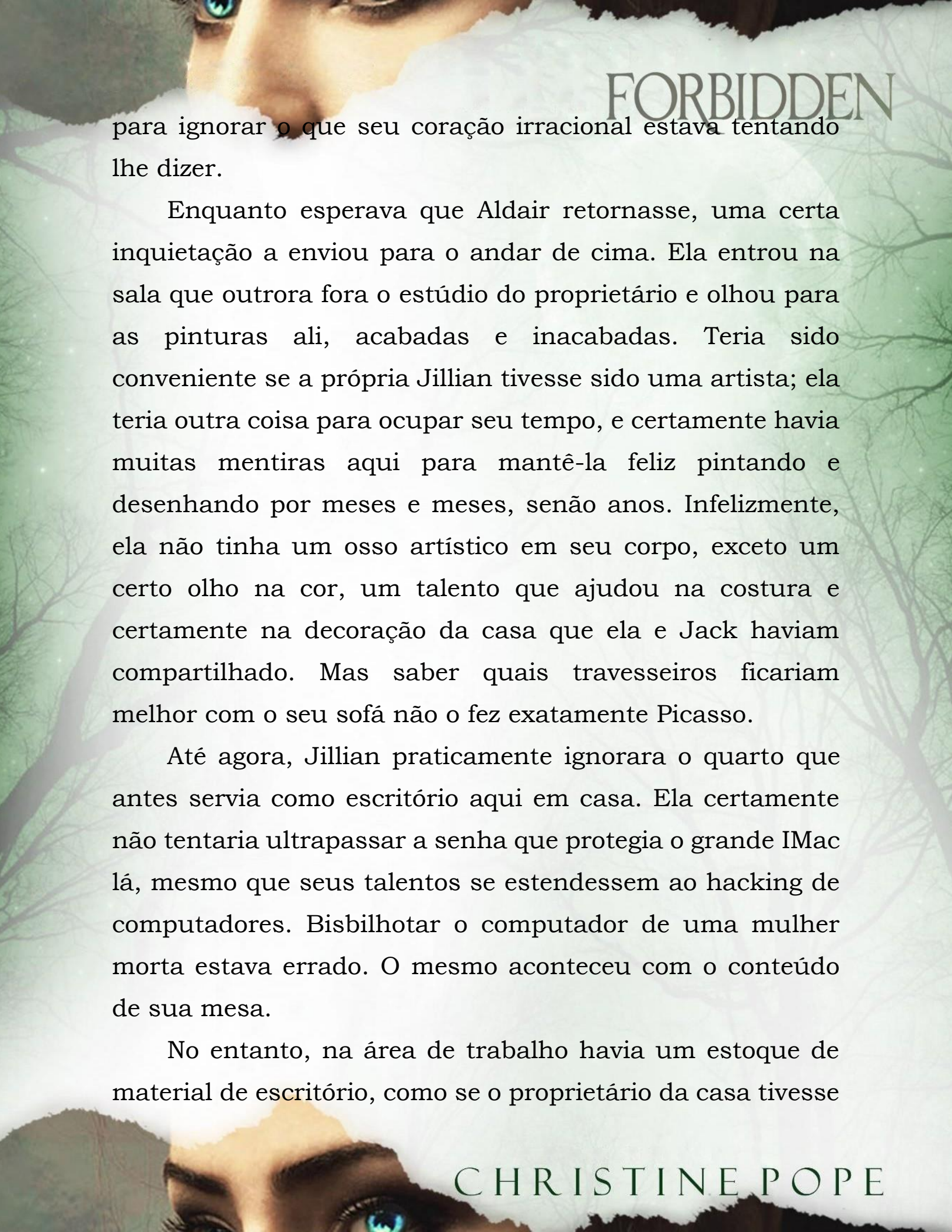
O tempo todo, Jillian teve que se perguntar se isso era apenas mais um estratagema para entrar em suas calças. Mas ele tinha sido um cavalheiro que ela começou a duvidar de seu próprio juízo e a se perguntar se estava inclinada a pensar o pior dele, porque, de certa forma, isso facilitaria as coisas para ela. Não gostar dele era muito melhor que a alternativa.

Você não vai se apaixonar por ele, ela disse a si mesma com firmeza enquanto enchia a água em uma jarra creme de cerâmica pesada que continha vários cachos exuberantes de girassóis, iluminando a mesa da sala de jantar. *Sim, ele é bonito, e sim, ele tem sido decente nos últimos dias, mas é só isso. É apenas* - ela interrompeu enquanto procurava a palavra - *é apenas proximidade, vocês foram unidos nas proximidades e agora estão fabricando uma atração porque parece que é a coisa lógica a acontecer.*

Então ela queria rir de si mesma. Psych 101 tendia a ressurgir nos momentos mais estranhos.

Por baixo, porém, ela não podia ignorar seu desconforto, como se soubesse que a lógica não tinha nada a ver com nada disso. A lógica a faria procurar uma fuga no segundo em que pensava que tinha tempo suficiente para fugir em segurança. Em vez disso, ela ficou aqui, fazendo o possível

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

para ignorar o que seu coração irracional estava tentando lhe dizer.

Enquanto esperava que Aldair retornasse, uma certa inquietação a enviou para o andar de cima. Ela entrou na sala que outrora fora o estúdio do proprietário e olhou para as pinturas ali, acabadas e inacabadas. Teria sido conveniente se a própria Jillian tivesse sido uma artista; ela teria outra coisa para ocupar seu tempo, e certamente havia muitas mentiras aqui para mantê-la feliz pintando e desenhando por meses e meses, senão anos. Infelizmente, ela não tinha um osso artístico em seu corpo, exceto um certo olho na cor, um talento que ajudou na costura e certamente na decoração da casa que ela e Jack haviam compartilhado. Mas saber quais travesseiros ficariam melhor com o seu sofá não o fez exatamente Picasso.

Até agora, Jillian praticamente ignorara o quarto que antes servia como escritório aqui em casa. Ela certamente não tentaria ultrapassar a senha que protegia o grande IMac lá, mesmo que seus talentos se estendessem ao hacking de computadores. Bisbilhotar o computador de uma mulher morta estava errado. O mesmo aconteceu com o conteúdo de sua mesa.

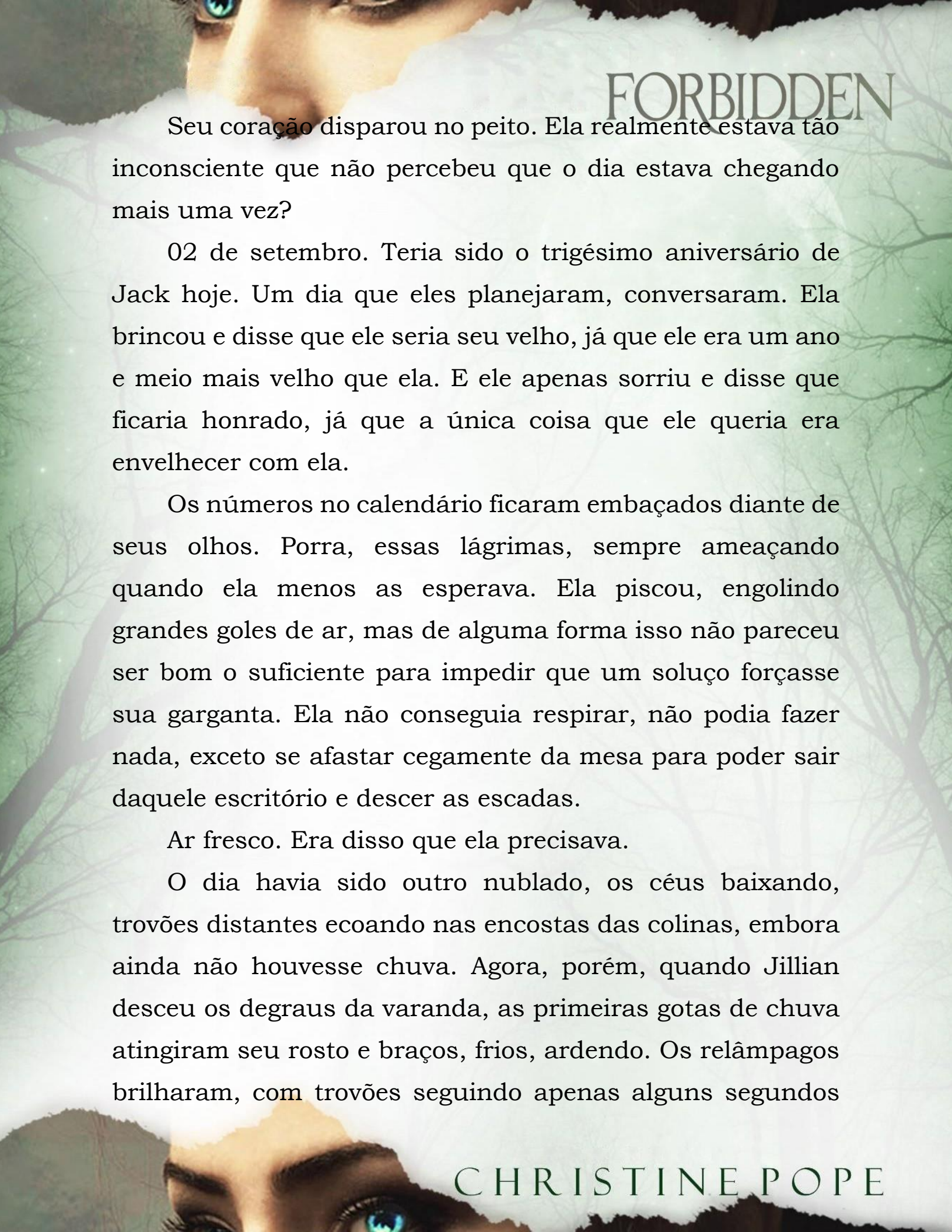
No entanto, na área de trabalho havia um estoque de material de escritório, como se o proprietário da casa tivesse

CHRISTINE POPE

recebido recentemente um material enviado pouco antes do Heat tornar todo esse tipo de coisa inútil. Tudo bem, não totalmente inútil; as pilhas de post-its e caixas de grampos provavelmente poderiam ter sido usadas em Los Alamos, onde costumavam passar por materiais de escritório a um ritmo que não podia ser sustentável.

O que chamou a atenção de Jillian, no entanto, foram os dois refis para o calendário de mesa, ambos ainda embrulhados em plástico. Em e já era para o ano passado, e ela a ignorou. Mas o outro ainda poderia ser útil. Ela tirou o celofane e inseriu a pilha de páginas do calendário no pequeno suporte de plástico, alinhando os furos no papel com os aros de metal que o mantinham no lugar. E então ela começou a folhear o calendário, folheando o que esperava ser a data de hoje. Ela sabia que o acidente de laboratório havia acontecido em 27 de agosto, porque Miles sempre escrevia a data atual em um dos quadros brancos anteriores - provavelmente para ajudá-lo a acompanhar o andamento de seu progresso. E, passando os dias de folga, percebeu que estava aqui em Madri havia uma semana inteira. Então ela virou as páginas, deixando a data de hoje para encará-la.

02 de setembro.



FORBIDDEN

Seu coração disparou no peito. Ela realmente estava tão inconsciente que não percebeu que o dia estava chegando mais uma vez?

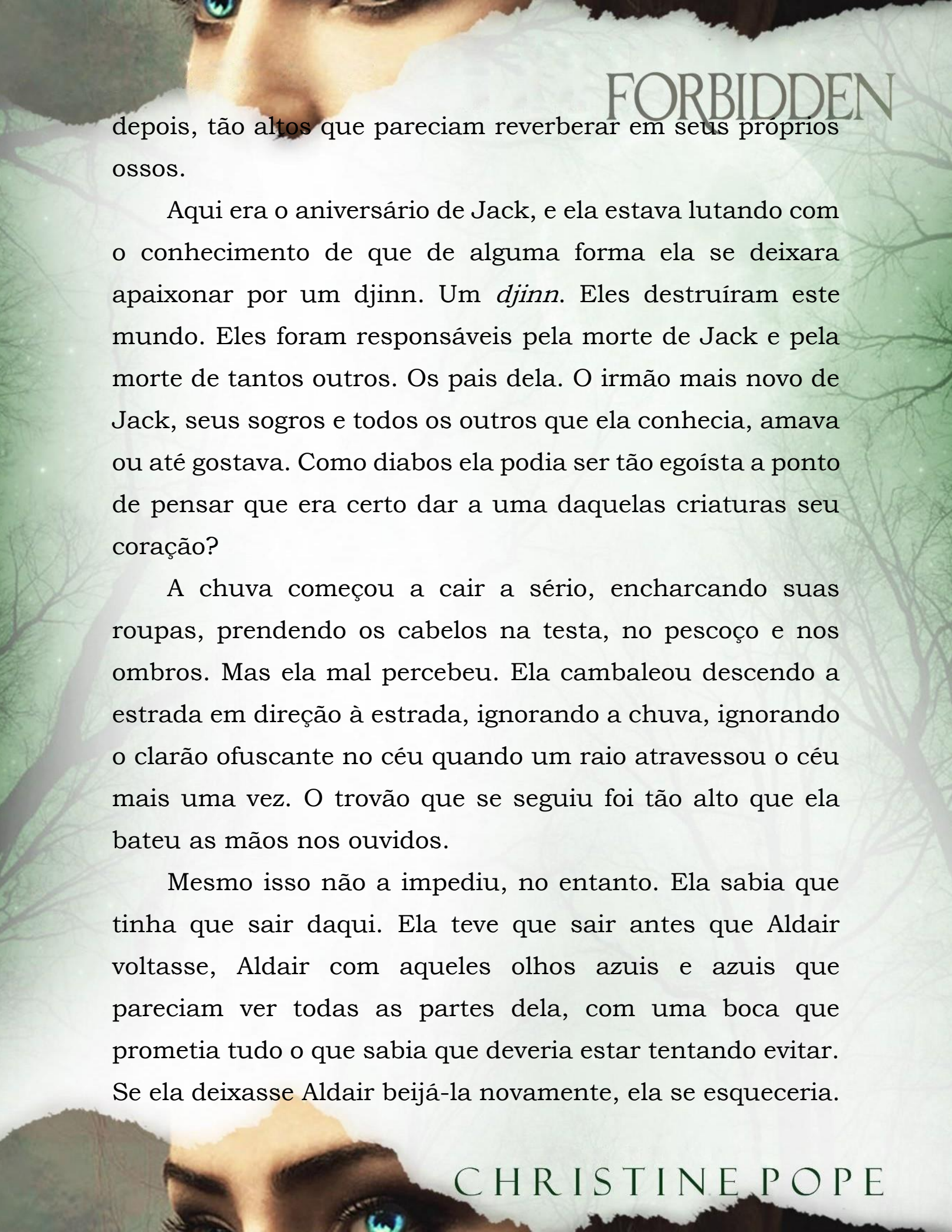
02 de setembro. Teria sido o trigésimo aniversário de Jack hoje. Um dia que eles planejaram, conversaram. Ela brincou e disse que ele seria seu velho, já que ele era um ano e meio mais velho que ela. E ele apenas sorriu e disse que ficaria honrado, já que a única coisa que ele queria era envelhecer com ela.

Os números no calendário ficaram embaçados diante de seus olhos. Porra, essas lágrimas, sempre ameaçando quando ela menos as esperava. Ela piscou, engolindo grandes goles de ar, mas de alguma forma isso não pareceu ser bom o suficiente para impedir que um soluço forçasse sua garganta. Ela não conseguia respirar, não podia fazer nada, exceto se afastar cegamente da mesa para poder sair daquele escritório e descer as escadas.

Ar fresco. Era disso que ela precisava.

O dia havia sido outro nublado, os céus baixando, trovões distantes ecoando nas encostas das colinas, embora ainda não houvesse chuva. Agora, porém, quando Jillian desceu os degraus da varanda, as primeiras gotas de chuva atingiram seu rosto e braços, frios, ardendo. Os relâmpagos brilharam, com trovões seguindo apenas alguns segundos

CHRISTINE POPE

The background of the page features a close-up of a person's face, focusing on their eyes which are glowing with a bright blue light. The person has dark hair and skin. The image is partially obscured by the text and the title.

FORBIDDEN

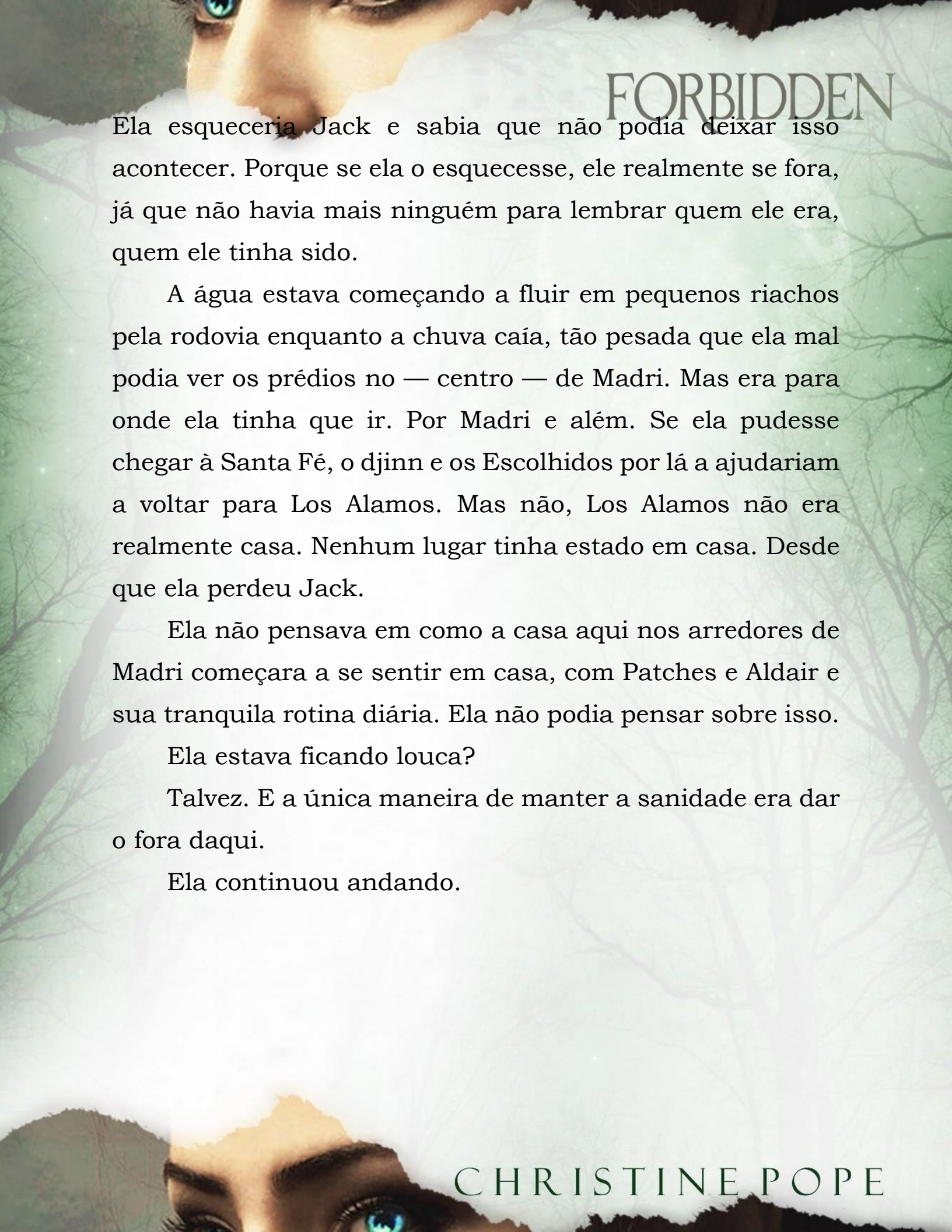
depois, tão altos que pareciam reverberar em seus próprios ossos.

Aqui era o aniversário de Jack, e ela estava lutando com o conhecimento de que de alguma forma ela se deixara apaixonar por um djinn. Um *djinn*. Eles destruíram este mundo. Eles foram responsáveis pela morte de Jack e pela morte de tantos outros. Os pais dela. O irmão mais novo de Jack, seus sogros e todos os outros que ela conhecia, amava ou até gostava. Como diabos ela podia ser tão egoísta a ponto de pensar que era certo dar a uma daquelas criaturas seu coração?

A chuva começou a cair a sério, encharcando suas roupas, prendendo os cabelos na testa, no pescoço e nos ombros. Mas ela mal percebeu. Ela cambaleou descendo a estrada em direção à estrada, ignorando a chuva, ignorando o clarão ofuscante no céu quando um raio atravessou o céu mais uma vez. O trovão que se seguiu foi tão alto que ela bateu as mãos nos ouvidos.

Mesmo isso não a impediu, no entanto. Ela sabia que tinha que sair daqui. Ela teve que sair antes que Aldair voltasse, Aldair com aqueles olhos azuis e azuis que pareciam ver todas as partes dela, com uma boca que prometia tudo o que sabia que deveria estar tentando evitar. Se ela deixasse Aldair beijá-la novamente, ela se esqueceria.

CHRISTINE POPE

The background of the book cover features a close-up of a woman's face, showing her eyes and nose, with a green, leafy texture overlaying the image. The word "FORBIDDEN" is written in a large, serif font at the top right.

FORBIDDEN

Ela esqueceria Jack e sabia que não podia deixar isso acontecer. Porque se ela o esquecesse, ele realmente se fora, já que não havia mais ninguém para lembrar quem ele era, quem ele tinha sido.

A água estava começando a fluir em pequenos riachos pela rodovia enquanto a chuva caía, tão pesada que ela mal podia ver os prédios no — centro — de Madri. Mas era para onde ela tinha que ir. Por Madri e além. Se ela pudesse chegar à Santa Fé, o djinn e os Escolhidos por lá a ajudariam a voltar para Los Alamos. Mas não, Los Alamos não era realmente casa. Nenhum lugar tinha estado em casa. Desde que ela perdeu Jack.

Ela não pensava em como a casa aqui nos arredores de Madri começara a se sentir em casa, com Patches e Aldair e sua tranquila rotina diária. Ela não podia pensar sobre isso.

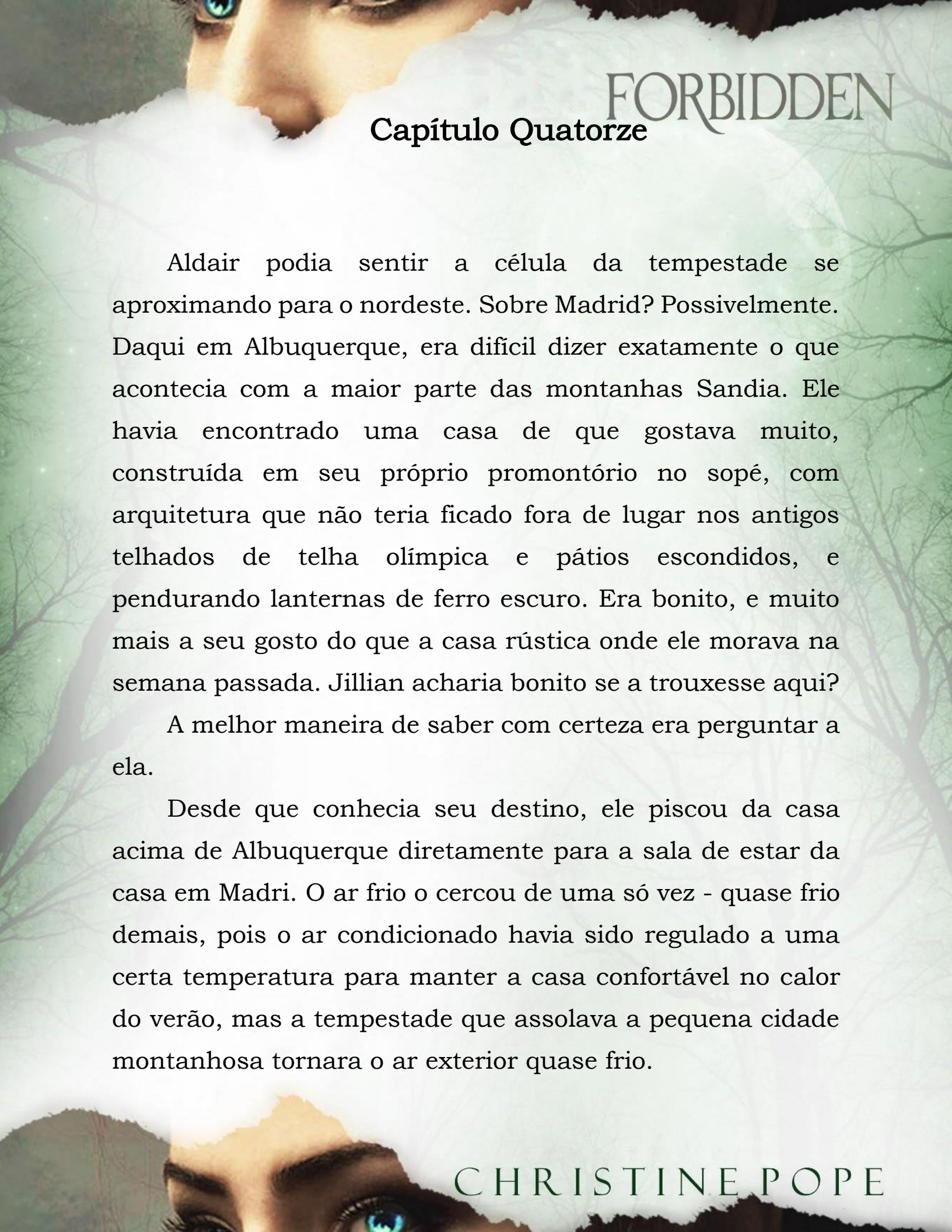
Ela estava ficando louca?

Talvez. E a única maneira de manter a sanidade era dar o fora daqui.

Ela continuou andando.

A close-up of a woman's face, focusing on her eyes which are glowing with a bright blue light. The background is dark and textured.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

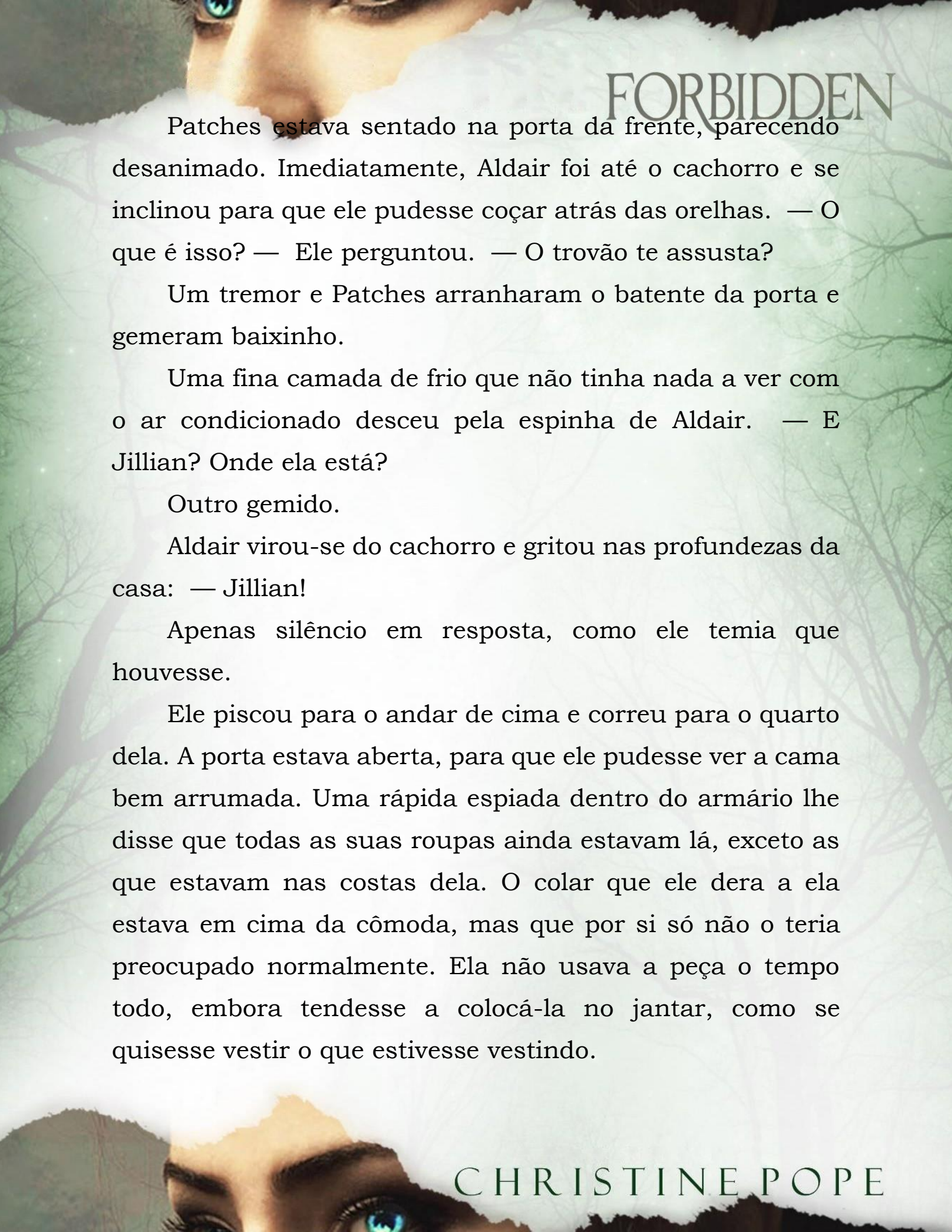
Capítulo Quatorze

Aldair podia sentir a célula da tempestade se aproximando para o nordeste. Sobre Madrid? Possivelmente. Daqui em Albuquerque, era difícil dizer exatamente o que acontecia com a maior parte das montanhas Sandia. Ele havia encontrado uma casa de que gostava muito, construída em seu próprio promontório no sopé, com arquitetura que não teria ficado fora de lugar nos antigos telhados de telha olímpica e pátios escondidos, e pendurando lanternas de ferro escuro. Era bonito, e muito mais a seu gosto do que a casa rústica onde ele morava na semana passada. Jillian acharia bonito se a trouxesse aqui?

A melhor maneira de saber com certeza era perguntar a ela.

Desde que conhecia seu destino, ele piscou da casa acima de Albuquerque diretamente para a sala de estar da casa em Madri. O ar frio o cercou de uma só vez - quase frio demais, pois o ar condicionado havia sido regulado a uma certa temperatura para manter a casa confortável no calor do verão, mas a tempestade que assolava a pequena cidade montanhosa tornara o ar exterior quase frio.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Patches estava sentado na porta da frente, parecendo desanimado. Imediatamente, Aldair foi até o cachorro e se inclinou para que ele pudesse coçar atrás das orelhas. — O que é isso? — Ele perguntou. — O trovão te assusta?

Um tremor e Patches arranharam o batente da porta e gemeram baixinho.

Uma fina camada de frio que não tinha nada a ver com o ar condicionado desceu pela espinha de Aldair. — E Jillian? Onde ela está?

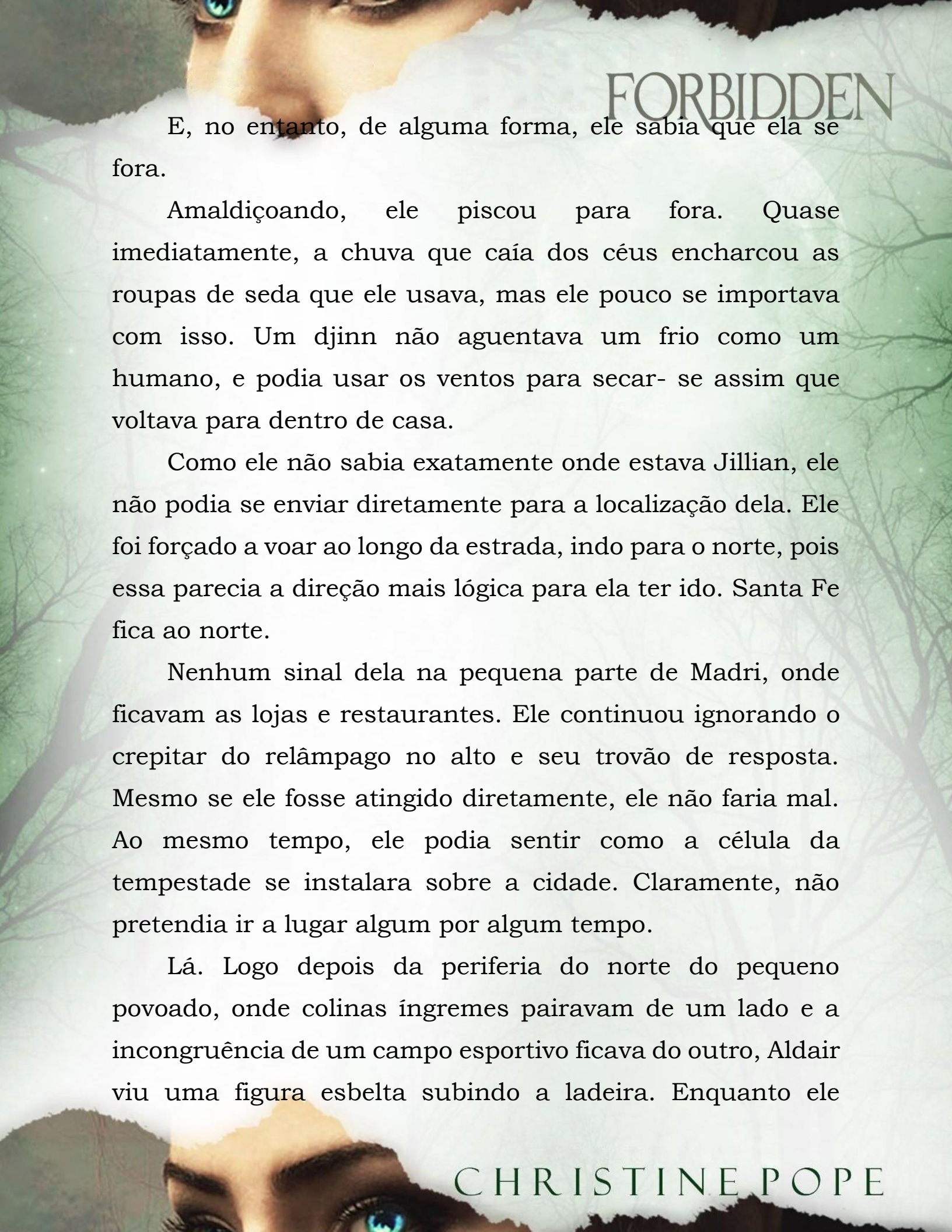
Outro gemido.

Aldair virou-se do cachorro e gritou nas profundezas da casa: — Jillian!

Apenas silêncio em resposta, como ele temia que houvesse.

Ele piscou para o andar de cima e correu para o quarto dela. A porta estava aberta, para que ele pudesse ver a cama bem arrumada. Uma rápida espiada dentro do armário lhe disse que todas as suas roupas ainda estavam lá, exceto as que estavam nas costas dela. O colar que ele dera a ela estava em cima da cômoda, mas que por si só não o teria preocupado normalmente. Ela não usava a peça o tempo todo, embora tendesse a colocá-la no jantar, como se quisesse vestir o que estivesse vestindo.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

E, no entanto, de alguma forma, ele sabia que ela se fora.

Amaldiçoando, ele piscou para fora. Quase imediatamente, a chuva que caía dos céus encharcou as roupas de seda que ele usava, mas ele pouco se importava com isso. Um djinn não aguentava um frio como um humano, e podia usar os ventos para secar-se assim que voltava para dentro de casa.

Como ele não sabia exatamente onde estava Jillian, ele não podia se enviar diretamente para a localização dela. Ele foi forçado a voar ao longo da estrada, indo para o norte, pois essa parecia a direção mais lógica para ela ter ido. Santa Fé fica ao norte.

Nenhum sinal dela na pequena parte de Madri, onde ficavam as lojas e restaurantes. Ele continuou ignorando o crepitar do relâmpago no alto e seu trovão de resposta. Mesmo se ele fosse atingido diretamente, ele não faria mal. Ao mesmo tempo, ele podia sentir como a célula da tempestade se instalara sobre a cidade. Claramente, não pretendia ir a lugar algum por algum tempo.

Lá. Logo depois da periferia do norte do pequeno povoado, onde colinas íngremes pairavam de um lado e a incongruência de um campo esportivo ficava do outro, Aldair viu uma figura esbelta subindo a ladeira. Enquanto ele

CHRISTINE POPE

observava, ela se abaixou para brincar com uma das sandálias frágeis que usava. Deve ter quebrado, porque ele a viu arremessá-lo, seguido por seu companheiro. Então ela ergueu os ombros e retomou sua marcha lamentável.

Não. Ele não permitiria que ela andasse naquela estrada pedregosa com a chuva caindo por toda parte. Estava dolorosamente claro que ela tentara fugir, mas ele não se importava com isso agora. Ele deve levá-la para dentro, aquecê-la. Só então ele começaria a pedir respostas.

Depois de se empurrar para a frente através da chuva, ele a ultrapassou alguns metros para poder descansar diretamente em seu caminho. Mesmo através da chuva, ele viu como os olhos dela se arregalaram quando ele desceu para o asfalto à sua frente.

— Não, — ela disse. — Não!

Não era exatamente o acolhimento que esperava, mas também não estava terrivelmente surpreso. Afinal, ela estava tentando escapar. — Jillian, você está encharcada. Deixe-me levá-la de volta para casa.

Imediatamente ela balançou a cabeça. — Não. Não posso voltar lá. Não vou.

Ela perdeu a cabeça? Com o rosto encharcado pela chuva, era difícil para ele perceber, mas ela parecia estar chorando, gotas de lágrimas se misturando com pingos de

chuva, então era quase impossível distinguir um do outro. O que poderia ter acontecido para incomodá-la tanto? Ele não tinha saído há tanto tempo, não mais do que algumas horas no máximo.

Ele estendeu a mão para segurá-la pelo braço, mas ela balançou a cabeça e se afastou.

— Não me toque.

Isso estava ficando ridículo. Mesmo quando a impaciência e a raiva aumentaram, ele disse a si mesmo que não deveria assustá-la. Ela obviamente não estava pensando claramente no momento.

Enquanto ele observava, ela colocou as mãos no rosto e caiu de joelhos na estrada rochosa, a chuva batendo nos cabelos bagunçados. Todo o seu corpo tremia - de frio, ou algum tipo de tormento interno. Ele não sabia ao certo. Tudo que ele sabia era que tinha que tirá-la de lá.

Ignorando os riachos enlameados que atravessavam a estrada, ele se ajoelhou ao lado dela, depois estendeu a mão e a puxou para perto. Por alguns segundos, seu corpo inteiro ficou tenso, como se quisesse resistir a ele mais uma vez. Então ela desabou contra ele, soluçando de uma maneira desesperada que o fez pensar mais uma vez o que poderia levá-la a esse estado de agitação.

Mas ele se preocuparia com isso mais tarde. Por enquanto, bastava que ela não tivesse lutado com ele. Seus braços se apertaram ao redor dela, e ele piscou os dois para longe daquele trecho abandonado da estrada, de volta para a casa - para o banheiro principal, onde a colocou com cuidado no balcão, para que pudesse pegar uma das toalhas penduradas da prateleira e enrolar nos ombros. Ao mesmo tempo, ele convocou os ventos mais suaves para girar sobre ela, secando as massas pingando de seus cabelos.

Ela olhou para ele, olhos arregalados, quase da mesma cor das nuvens de tempestade que pairavam sobre o vale. — Aldair....

— Shh, — disse ele, em seguida, pegou um canto da toalha para que ele pudesse enxugar a última das lágrimas dela. Quando ele terminou, ele soltou a toalha e segurou o rosto dela em suas mãos. Sua pele ainda estava fria, mas pelo menos ela não estava tão gelada quanto antes. — Deixe-me te aquecer.

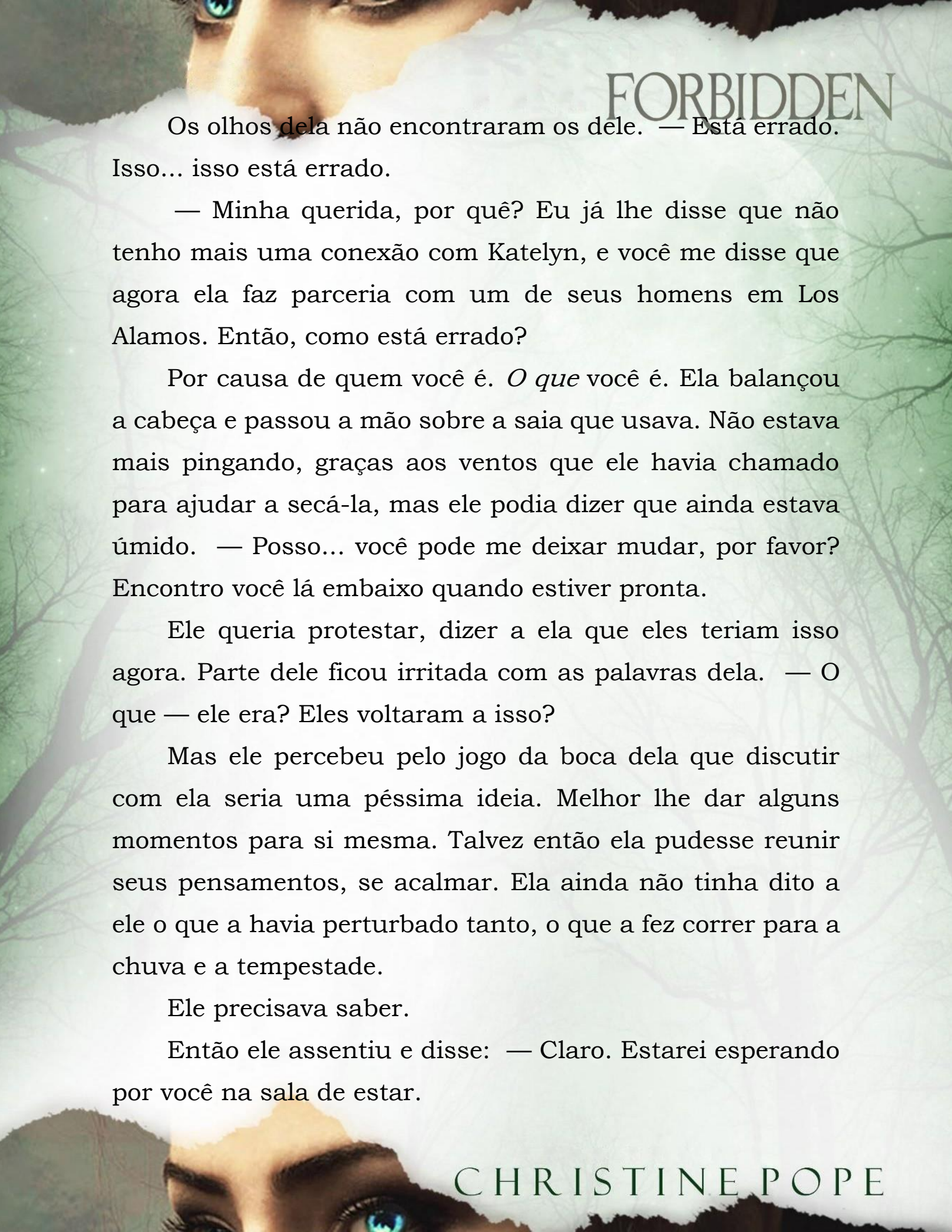
E ele levou a boca à dela, provou sal nos lábios dela. Por um momento, ela ficou totalmente quieta, e ele temeu que ela o rejeitasse mais uma vez. Mas então sua boca se abriu na dele, e ela o estava beijando de volta, beijando-o com o tipo de abandono selvagem que ele esperava, mas não tinha certeza de que ela seria realmente capaz. Ele a puxou para

perto, ignorando suas roupas molhadas, pois sabia que o toque de seu corpo as secaria em breve.

Eles ficaram trancados dessa maneira pelo que parecia ser a mais doce das eternidades. Por fim, porém, ela se afastou, com a mão na boca. — Eu não posso acreditar que fiz isso, — ela sussurrou.

— Minha querida, — disse ele. Estranho, porque ele nunca usou esse carinho antes, não com nenhum de seus amantes anteriores. Mas parecia certo para ele, assim como o toque de seus lábios nele parecia mais certo do que qualquer coisa que ele já havia feito. O que quer que a tenha perturbado, ele deve encontrar os meios para confortá-la da melhor maneira possível. — Por que você não deveria acreditar? Não é a primeira vez que eu te beijo, e espero que não seja a última.

Essas palavras não pareciam tranquilizá-la. Ela balançou a cabeça e se levantou do balcão para poder descer. Aldair pensou em detê-la, mas decidiu que era melhor deixá-la ter sua liberdade - por enquanto. Todo o seu corpo palpitava com a necessidade, e mesmo assim ele sabia que devia recuar por um momento. Ela era tão frágil... muito, muito frágil. Se ele a contivesse da maneira errada, ela quebraria, e ele temia que nunca fosse capaz de reparar o dano.



FORBIDDEN

Os olhos dela não encontraram os dele. — Está errado. Isso... isso está errado.

— Minha querida, por quê? Eu já lhe disse que não tenho mais uma conexão com Katelyn, e você me disse que agora ela faz parceria com um de seus homens em Los Alamos. Então, como está errado?

Por causa de quem você é. *O que* você é. Ela balançou a cabeça e passou a mão sobre a saia que usava. Não estava mais pingando, graças aos ventos que ele havia chamado para ajudar a secá-la, mas ele podia dizer que ainda estava úmido. — Posso... você pode me deixar mudar, por favor? Encontro você lá embaixo quando estiver pronta.

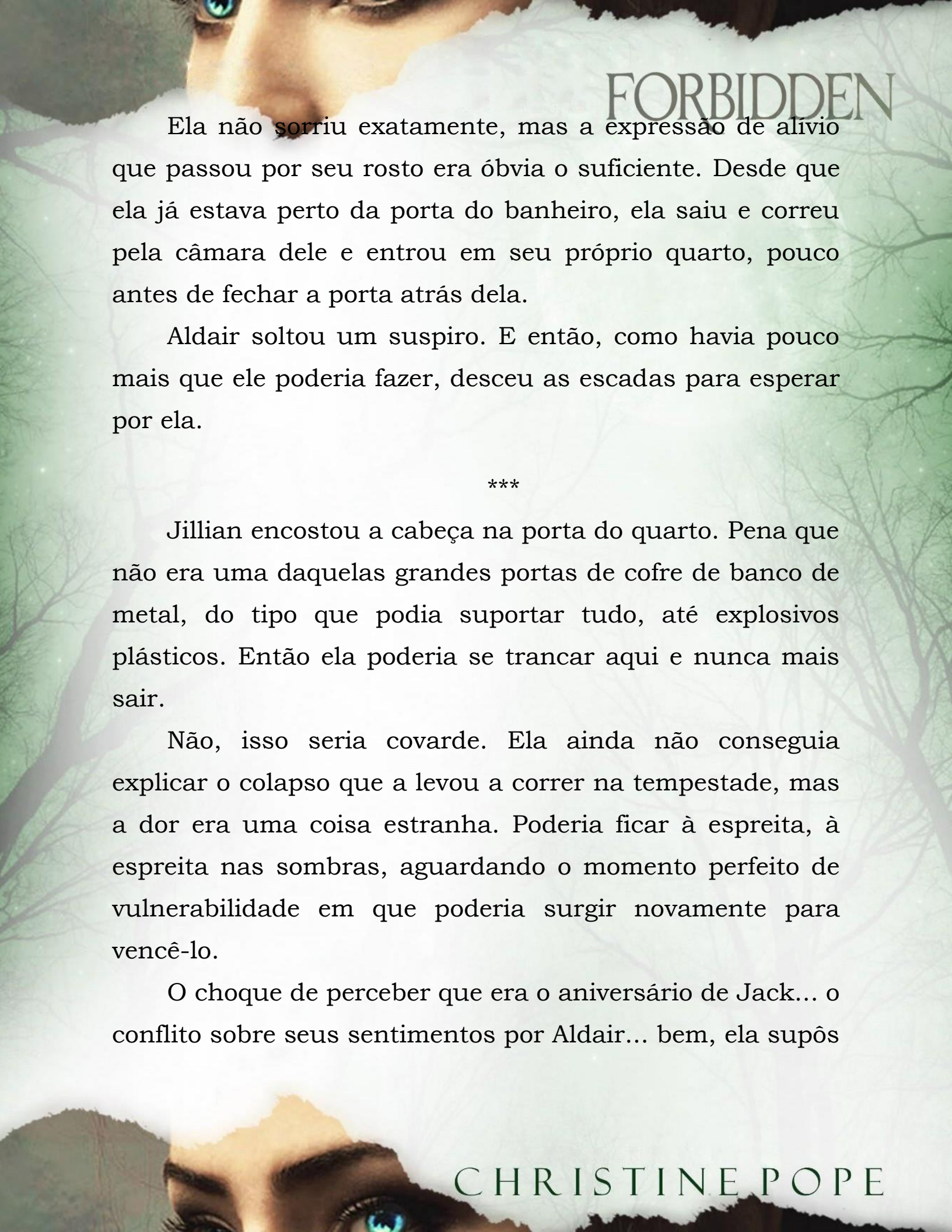
Ele queria protestar, dizer a ela que eles teriam isso agora. Parte dele ficou irritada com as palavras dela. — O que — ele era? Eles voltaram a isso?

Mas ele percebeu pelo jogo da boca dela que discutir com ela seria uma péssima ideia. Melhor lhe dar alguns momentos para si mesma. Talvez então ela pudesse reunir seus pensamentos, se acalmar. Ela ainda não tinha dito a ele o que a havia perturbado tanto, o que a fez correr para a chuva e a tempestade.

Ele precisava saber.

Então ele assentiu e disse: — Claro. Estarei esperando por você na sala de estar.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Ela não sorriu exatamente, mas a expressão de alívio que passou por seu rosto era óbvia o suficiente. Desde que ela já estava perto da porta do banheiro, ela saiu e correu pela câmara dele e entrou em seu próprio quarto, pouco antes de fechar a porta atrás dela.

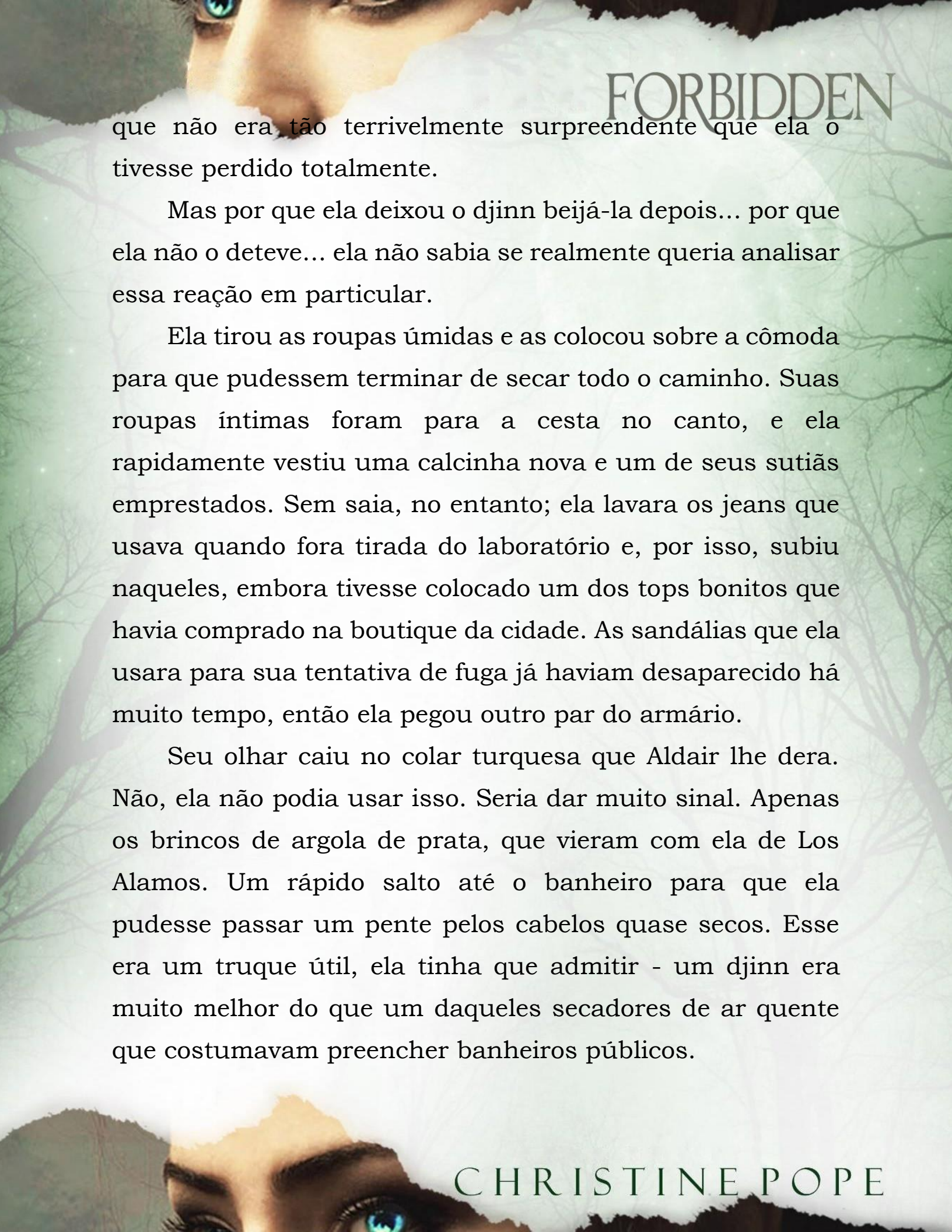
Aldair soltou um suspiro. E então, como havia pouco mais que ele poderia fazer, desceu as escadas para esperar por ela.

Jillian encostou a cabeça na porta do quarto. Pena que não era uma daquelas grandes portas de cofre de banco de metal, do tipo que podia suportar tudo, até explosivos plásticos. Então ela poderia se trancar aqui e nunca mais sair.

Não, isso seria covarde. Ela ainda não conseguia explicar o colapso que a levou a correr na tempestade, mas a dor era uma coisa estranha. Poderia ficar à espreita, à espreita nas sombras, aguardando o momento perfeito de vulnerabilidade em que poderia surgir novamente para vencê-lo.

O choque de perceber que era o aniversário de Jack... o conflito sobre seus sentimentos por Aldair... bem, ela supôs

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

que não era tão terrivelmente surpreendente que ela o tivesse perdido totalmente.

Mas por que ela deixou o djinn beijá-la depois... por que ela não o deteve... ela não sabia se realmente queria analisar essa reação em particular.

Ela tirou as roupas úmidas e as colocou sobre a cômoda para que pudessem terminar de secar todo o caminho. Suas roupas íntimas foram para a cesta no canto, e ela rapidamente vestiu uma calcinha nova e um de seus sutiãs emprestados. Sem saia, no entanto; ela lavara os jeans que usava quando fora tirada do laboratório e, por isso, subiu naqueles, embora tivesse colocado um dos tops bonitos que havia comprado na boutique da cidade. As sandálias que ela usara para sua tentativa de fuga já haviam desaparecido há muito tempo, então ela pegou outro par do armário.

Seu olhar caiu no colar turquesa que Aldair lhe dera. Não, ela não podia usar isso. Seria dar muito sinal. Apenas os brincos de argola de prata, que vieram com ela de Los Alamos. Um rápido salto até o banheiro para que ela pudesse passar um pente pelos cabelos quase secos. Esse era um truque útil, ela tinha que admitir - um djinn era muito melhor do que um daqueles secadores de ar quente que costumavam preencher banheiros públicos.

CHRISTINE POPE

Seu reflexo no espelho não inspirou exatamente confiança. Ela parecia pálida e trágica, embora pelo menos ela não estivesse usando maquiagem, então não precisava se preocupar com rímel. Aparentemente, o artista que morava naquela casa não usava cosméticos, então não havia nada que Jillian pudesse ter emprestado. Ela estava ficando nua desde que chegou aqui, embora Aldair não parecesse se importar muito.

Ok, não há mais empate. Ele estava esperando por ela, e seria rude continuar brincando por aqui quando ela realmente não tinha mais nada que pudesse fazer para reparar sua aparência. Seria muito difícil olhá-lo no rosto e dizer a verdade, mas ela o faria. Ele poderia gostar de evasão, mas esse não era o estilo dela. Uma vez que ele soubesse o que ela estava pensando e sentindo, ele teria que deixá-la ir. Por que diabos ele a manteria por perto depois que soubesse que não tinha esperança de estar com ela?

Isso parecia muito nobre. Se ao menos ela não sentisse o toque dos lábios dele contra os dela, a delicadeza de seus dedos quando ele segurou seu rosto...

Não.

Ela não pensaria nisso.

Ela não conseguiu.

Um passo de cada vez, ela desceu as escadas. O ar frio se moveu contra o rosto dela, mas não estava tão frio quanto quando ela saiu de casa. Aldair deve ter ajustado a temperatura no termostato. A chuva ainda batia no telhado e os raios ainda tremeluziam do lado de fora. As nuvens estavam tão baixas, o dia tão escuro que parecia que a noite estava chegando, mesmo que ela soubesse que faltavam algumas horas para sair.

Ele acendeu uma das lâmpadas da sala de estar. Ela podia ver seu brilho quente quando se aproximou. E havia Patches, deitados no tapete em frente à lareira, embora, é claro, nenhum fogo tivesse queimado na lareira.

Uma jarra de água e dois copos estavam sobre a mesa de café, junto com uma caneca de chá, que emitia uma leve mecha de vapor. Um lampejo de surpresa passou por ela; ela pensou que uma garrafa de vinho era mais do estilo de Aldair. Mas talvez ele quisesse ter certeza de que ambos estavam completamente sóbrios para essa discussão.

De alguma forma, ela se mudou para a sala de estar e sentou-se no banco do amor. Aldair a observou, sua expressão grave. Enquanto ela estava mudando, obviamente ele também havia mudado. A nova roupa era de um cinza-carvão escuro, com uma borda de azul cobalto profundo na túnica aberta. As cores eram mais sombrias do que o que ela

o vira usar anteriormente, embora supusesse que não deveria ficar surpresa demais. Eles não se encontraram exatamente aqui para uma festa de coquetel.

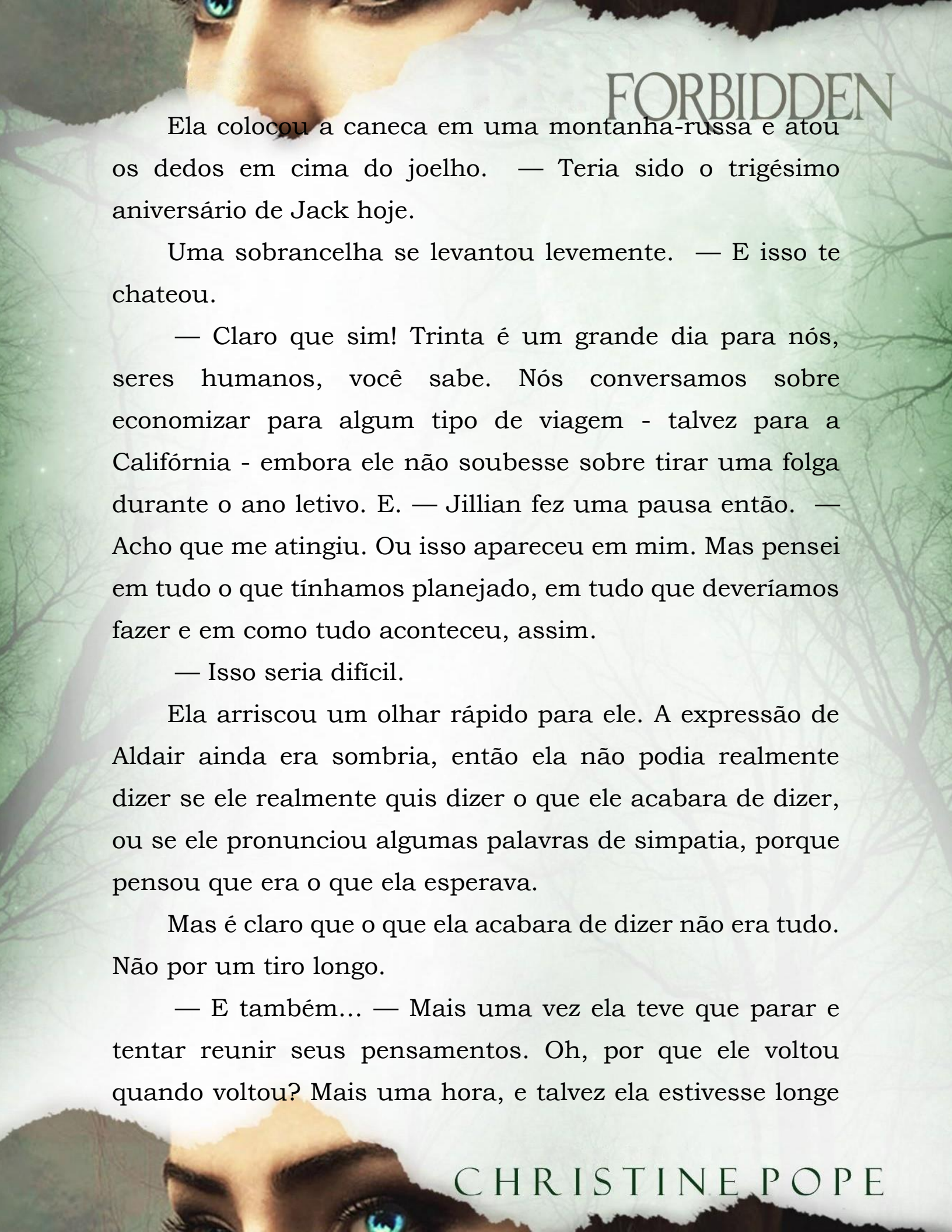
Sem falar, ele levantou a caneca de chá e estendeu para ela. Ela pegou e depois bebeu. O líquido estava quente enquanto corria por sua garganta, calmante. Sim, isso foi um pouco melhor.

— Você está se sentindo melhorado? — Ele perguntou.

— Sim, obrigada. — Ela colocou as mãos em volta da caneca, segurando-a como se fosse uma tábua de salvação, em vez de uma simples caneca de chá. Seu calor ajudou a tirar o resto do frio do corpo. — Eu... acho que você acha que eu o perdi completamente.

— Eu não sei, — ele disse francamente. Suponho que é para você me dizer. Eu pensei.... — As palavras sumiram e ele deu de ombros. — Por enquanto, não é importante o que eu pensava. Por favor, me diga o que aconteceu.

Quantas vezes Aldair disse — por favor — em sua longa vida? Provavelmente não com muita frequência. Ele não parecia do tipo. E isso fazia parte do problema, não era? Como ela poderia ter desenvolvido sentimentos por alguém que era o completo oposto do tipo de homem que sempre achou admirável?



FORBIDDEN

Ela colocou a caneca em uma montanha-russa e atou os dedos em cima do joelho. — Teria sido o trigésimo aniversário de Jack hoje.

Uma sobrancelha se levantou levemente. — E isso te chateou.

— Claro que sim! Trinta é um grande dia para nós, seres humanos, você sabe. Nós conversamos sobre economizar para algum tipo de viagem - talvez para a Califórnia - embora ele não soubesse sobre tirar uma folga durante o ano letivo. E. — Jillian fez uma pausa então. — Acho que me atingiu. Ou isso apareceu em mim. Mas pensei em tudo o que tínhamos planejado, em tudo que deveríamos fazer e em como tudo aconteceu, assim.

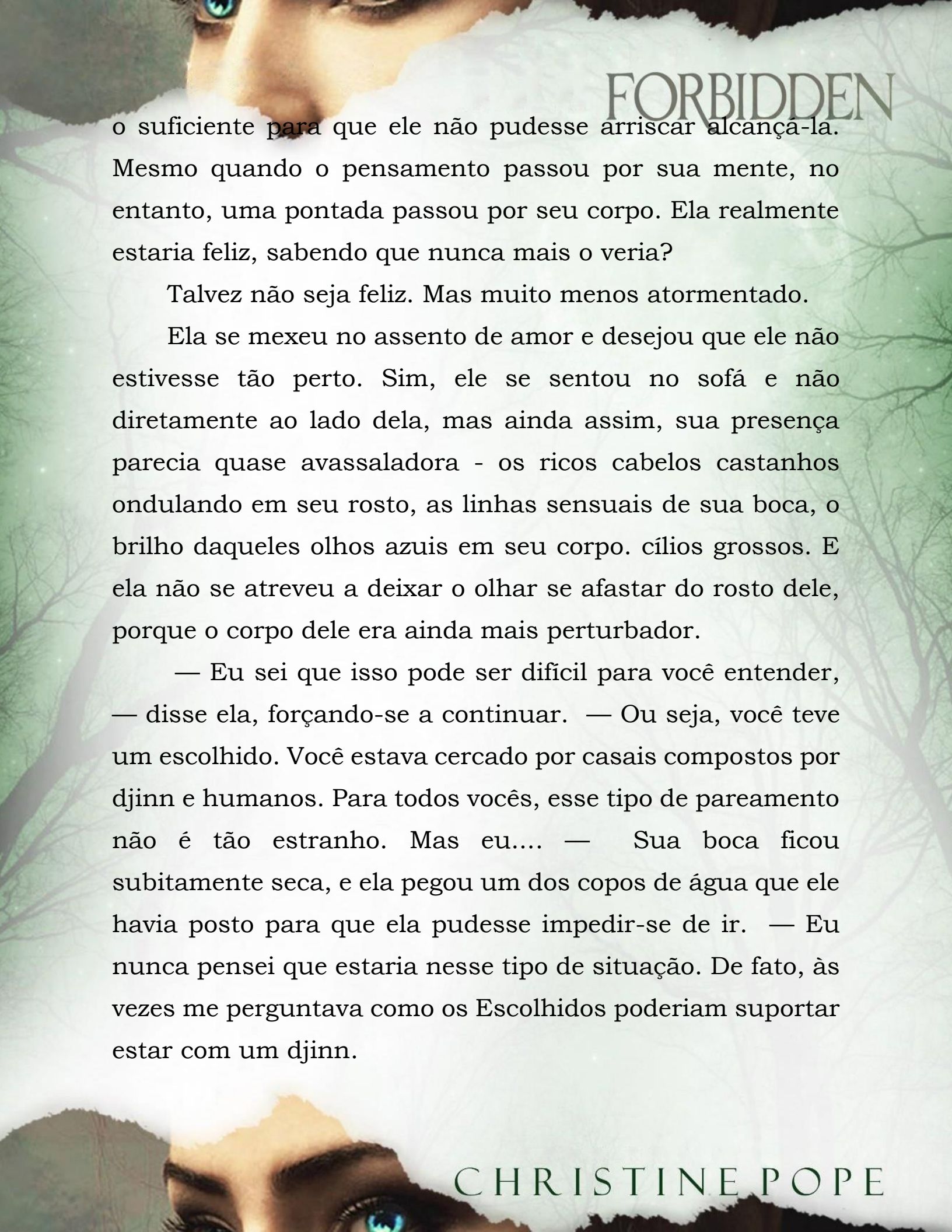
— Isso seria difícil.

Ela arriscou um olhar rápido para ele. A expressão de Aldair ainda era sombria, então ela não podia realmente dizer se ele realmente quis dizer o que ele acabara de dizer, ou se ele pronunciou algumas palavras de simpatia, porque pensou que era o que ela esperava.

Mas é claro que o que ela acabara de dizer não era tudo. Não por um tiro longo.

— E também... — Mais uma vez ela teve que parar e tentar reunir seus pensamentos. Oh, por que ele voltou quando voltou? Mais uma hora, e talvez ela estivesse longe

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

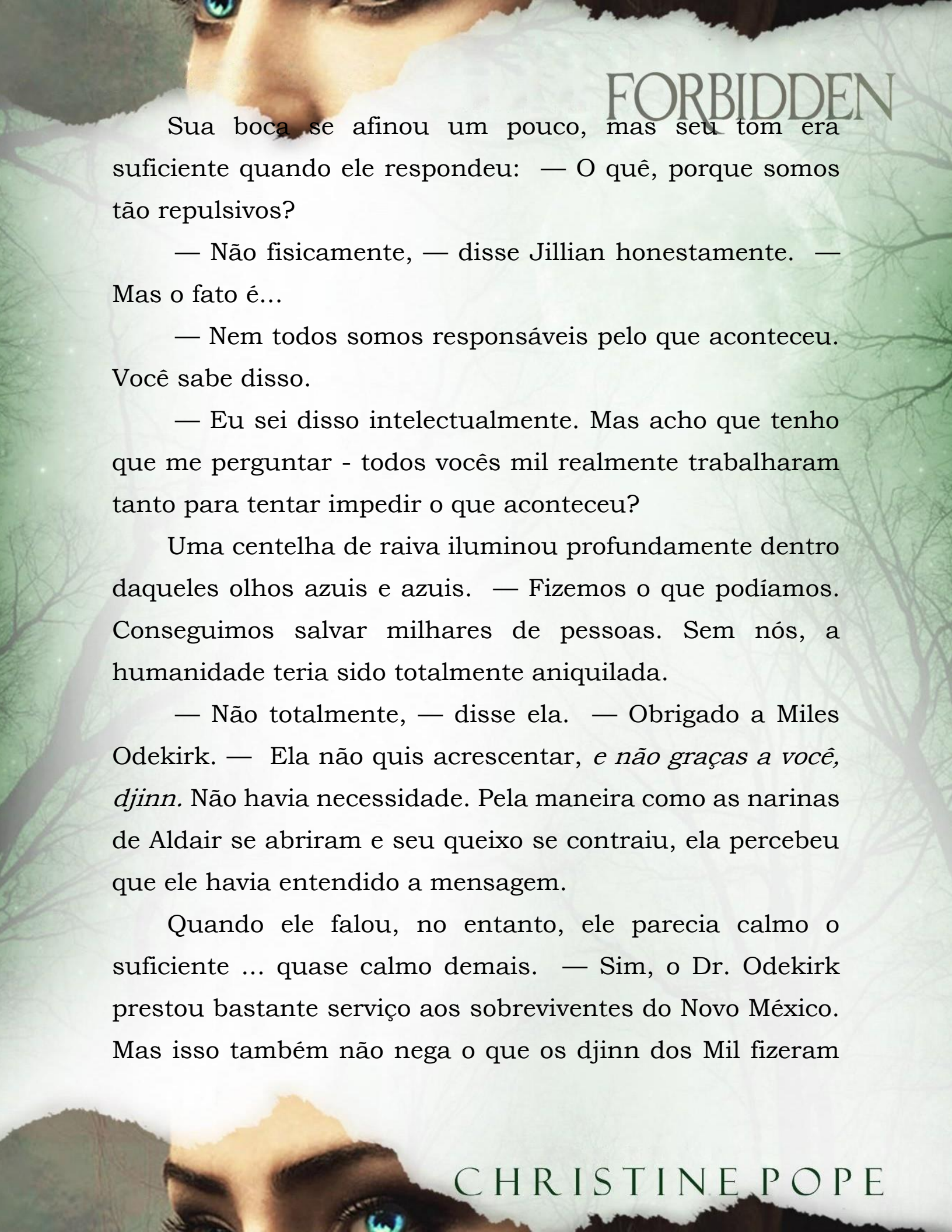
o suficiente para que ele não pudesse arriscar alcançá-la. Mesmo quando o pensamento passou por sua mente, no entanto, uma pontada passou por seu corpo. Ela realmente estaria feliz, sabendo que nunca mais o veria?

Talvez não seja feliz. Mas muito menos atormentado.

Ela se mexeu no assento de amor e desejou que ele não estivesse tão perto. Sim, ele se sentou no sofá e não diretamente ao lado dela, mas ainda assim, sua presença parecia quase avassaladora - os ricos cabelos castanhos ondulando em seu rosto, as linhas sensuais de sua boca, o brilho daqueles olhos azuis em seu corpo. cílios grossos. E ela não se atreveu a deixar o olhar se afastar do rosto dele, porque o corpo dele era ainda mais perturbador.

— Eu sei que isso pode ser difícil para você entender, — disse ela, forçando-se a continuar. — Ou seja, você teve um escolhido. Você estava cercado por casais compostos por djinn e humanos. Para todos vocês, esse tipo de pareamento não é tão estranho. Mas eu.... — Sua boca ficou subitamente seca, e ela pegou um dos copos de água que ele havia posto para que ela pudesse impedir-se de ir. — Eu nunca pensei que estaria nesse tipo de situação. De fato, às vezes me perguntava como os Escolhidos poderiam suportar estar com um djinn.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Sua boca se afinou um pouco, mas seu tom era suficiente quando ele respondeu: — O quê, porque somos tão repulsivos?

— Não fisicamente, — disse Jillian honestamente. — Mas o fato é...

— Nem todos somos responsáveis pelo que aconteceu. Você sabe disso.

— Eu sei disso intelectualmente. Mas acho que tenho que me perguntar - todos vocês mil realmente trabalharam tanto para tentar impedir o que aconteceu?

Uma centelha de raiva iluminou profundamente dentro daqueles olhos azuis e azuis. — Fizemos o que podíamos. Conseguimos salvar milhares de pessoas. Sem nós, a humanidade teria sido totalmente aniquilada.

— Não totalmente, — disse ela. — Obrigado a Miles Odekirk. — Ela não quis acrescentar, *e não graças a você, djinn*. Não havia necessidade. Pela maneira como as narinas de Aldair se abriram e seu queixo se contraiu, ela percebeu que ele havia entendido a mensagem.

Quando ele falou, no entanto, ele parecia calmo o suficiente ... quase calmo demais. — Sim, o Dr. Odekirk prestou bastante serviço aos sobreviventes do Novo México. Mas isso também não nega o que os djinn dos Mil fizeram

CHRISTINE POPE

também. — Ele parou por aí e seu olhar deslizou para longe dela.

Jillian não teve muita experiência em lidar com mentiras e erros de interpretação, mas mais uma vez teve a sensação de que Aldair estava escondendo algo. No passado, suas evasões a irritavam, mas agora, com seu coração e alma tão machucados e crus quanto eram, aquele olhar furtivo para os lados era suficiente para fazer seu sangue ferver. — Ah, sim, acho que tudo foi muito nobre. Não posso comentar sobre isso, já que não fui um dos poucos afortunados. Mas você me diz, Aldair - foi um senso de responsabilidade cósmica que o levou a escolher Katelyn Fonseca como sua parceira ou havia algo mais acontecendo? Porque fico com a sensação de que há muito mais na história do que você está me dizendo.

Por um longo momento, ele não disse nada. Os dedos dele apertaram os joelhos de seda, o tecido ondulando com o movimento. Então, sem responder, ele se inclinou para frente para poder levantar o copo de água e tomar uma bebida.

Observando-o, Jillian mais uma vez experimentou a picada de lágrimas indesejadas em seus olhos. Claramente, não importava o que ela dissesse ou o que pensasse - ele tinha segredos que nunca divulgaria. Mesmo que de alguma

maneira eles conseguissem superar seus problemas com ele ser um djinn, isso não importaria no final, porque ele mantinha alguma parte do seu coração trancada, algo a ser mantido a todo custo.

Ela ficou de pé e ele a encarou surpreso. — O que você está fazendo?

— Eu vou para o meu quarto, — ela respondeu. — E de manhã, vou embora daqui e vou para Los Alamos. E não tente me impedir desta vez.

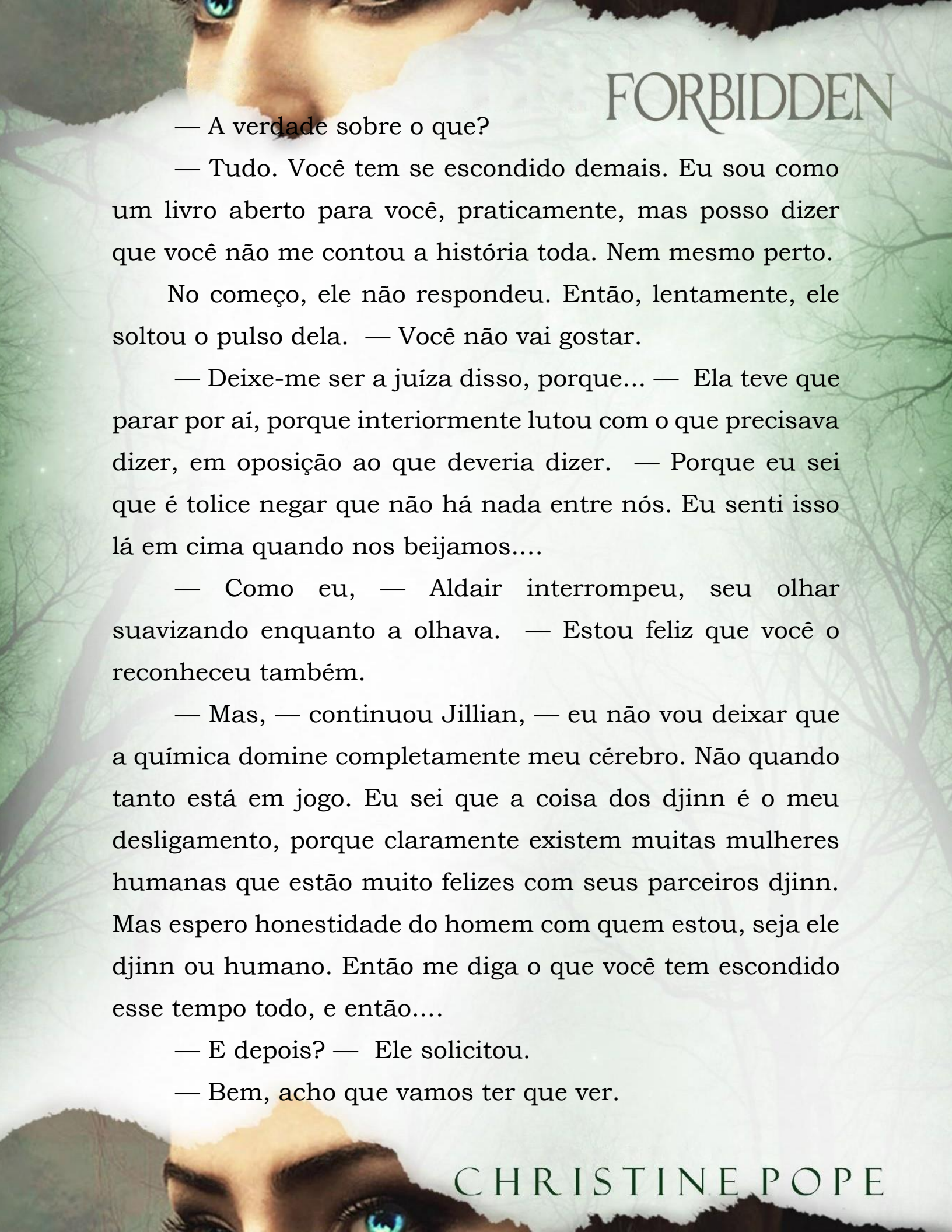
Depois de entregar este ultimato, ela se virou para poder sair - apenas para que ele se levantasse também. A mão dele se fechou no pulso dela. — Não vá.

Sua mandíbula apertou, mas ela não tentou se afastar. Não havia sentido em brigar com ele. Ele era muito forte. — Solte-me.

— Eu vou, se você ficar e falar comigo. Por favor.

Lá estava novamente. *Por favor.* Relutantemente, ela olhou para o rosto dele. Sua expressão não era particularmente suplicante, mas algo naqueles olhos parecia ter mudado. Estavam bem abertos, quase nus com seriedade.

— Tudo bem, — disse ela, cedendo, e acrescentou quando viu o alívio começar a se espalhar pelo rosto dele, — mas apenas se você me disser a verdade.



FORBIDDEN

— A verdade sobre o que?

— Tudo. Você tem se escondido demais. Eu sou como um livro aberto para você, praticamente, mas posso dizer que você não me contou a história toda. Nem mesmo perto.

No começo, ele não respondeu. Então, lentamente, ele soltou o pulso dela. — Você não vai gostar.

— Deixe-me ser a juíza disso, porque... — Ela teve que parar por aí, porque interiormente lutou com o que precisava dizer, em oposição ao que deveria dizer. — Porque eu sei que é tolice negar que não há nada entre nós. Eu senti isso lá em cima quando nos beijamos....

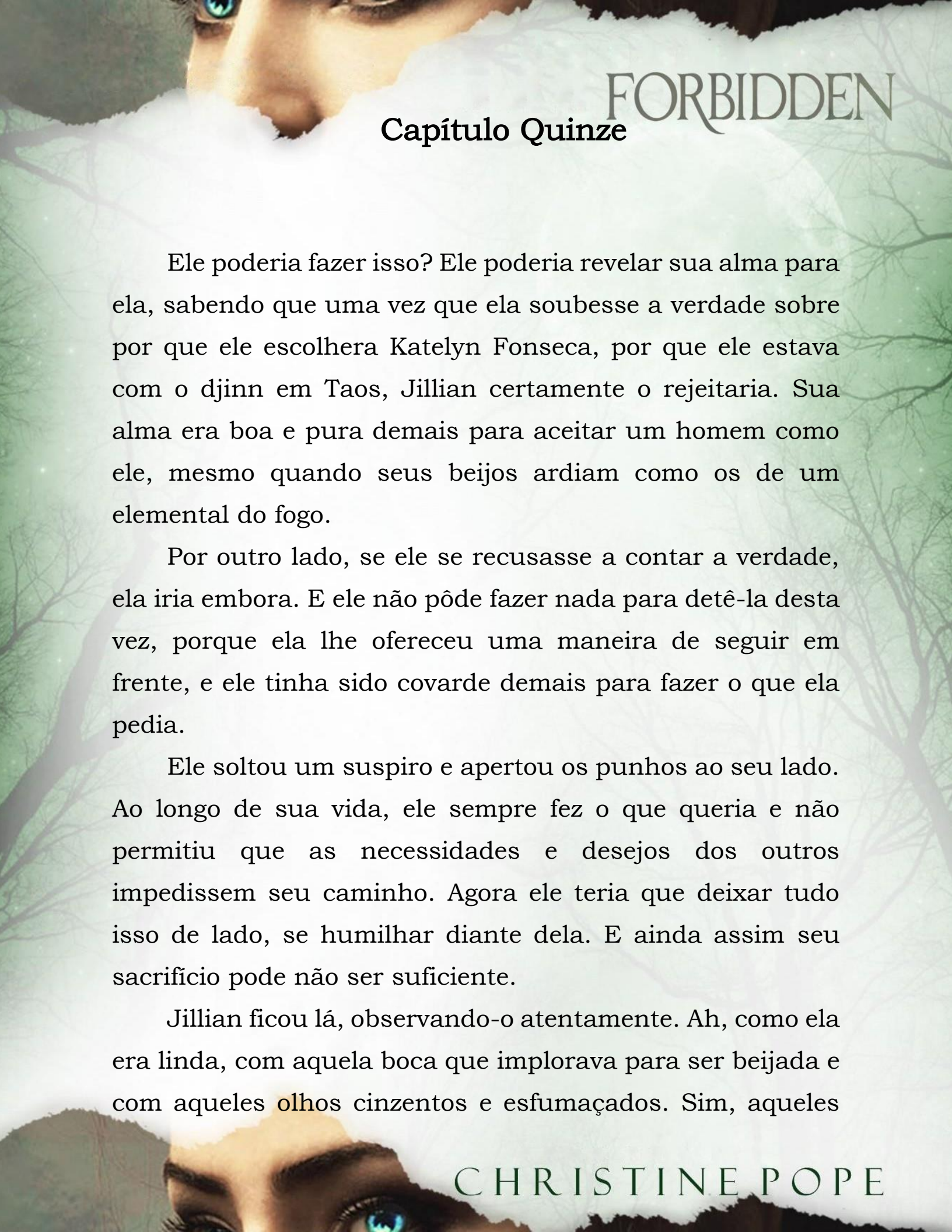
— Como eu, — Aldair interrompeu, seu olhar suavizando enquanto a olhava. — Estou feliz que você o reconheceu também.

— Mas, — continuou Jillian, — eu não vou deixar que a química domine completamente meu cérebro. Não quando tanto está em jogo. Eu sei que a coisa dos djinn é o meu desligamento, porque claramente existem muitas mulheres humanas que estão muito felizes com seus parceiros djinn. Mas espero honestidade do homem com quem estou, seja ele djinn ou humano. Então me diga o que você tem escondido esse tempo todo, e então....

— E depois? — Ele solicitou.

— Bem, acho que vamos ter que ver.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Capítulo Quinze

Ele poderia fazer isso? Ele poderia revelar sua alma para ela, sabendo que uma vez que ela soubesse a verdade sobre por que ele escolhera Katelyn Fonseca, por que ele estava com o djinn em Taos, Jillian certamente o rejeitaria. Sua alma era boa e pura demais para aceitar um homem como ele, mesmo quando seus beijos ardiam como os de um elemental do fogo.

Por outro lado, se ele se recusasse a contar a verdade, ela iria embora. E ele não pôde fazer nada para detê-la desta vez, porque ela lhe ofereceu uma maneira de seguir em frente, e ele tinha sido covarde demais para fazer o que ela pedia.

Ele soltou um suspiro e apertou os punhos ao seu lado. Ao longo de sua vida, ele sempre fez o que queria e não permitiu que as necessidades e desejos dos outros impedissem seu caminho. Agora ele teria que deixar tudo isso de lado, se humilhar diante dela. E ainda assim seu sacrifício pode não ser suficiente.

Jillian ficou lá, observando-o atentamente. Ah, como ela era linda, com aquela boca que implorava para ser beijada e com aqueles olhos cinzentos e esfumaçados. Sim, aqueles

CHRISTINE POPE

olhos ainda estavam um pouco avermelhados por causa de seu choro anterior, mas ele descobriu que isso fazia muito pouco para prejudicar sua aparência. Ele alguma vez achou uma mulher djinn tão adorável? No momento, ele preferia pensar que não tinha.

Melhor arriscar tudo, com a chance de ele tê-la, em vez de ignorar seu pedido e saber que ela sairia da vida dele para sempre.

— Muito bem, — ele disse finalmente. — Mas por favor, sente-se. Eu acho que é melhor.

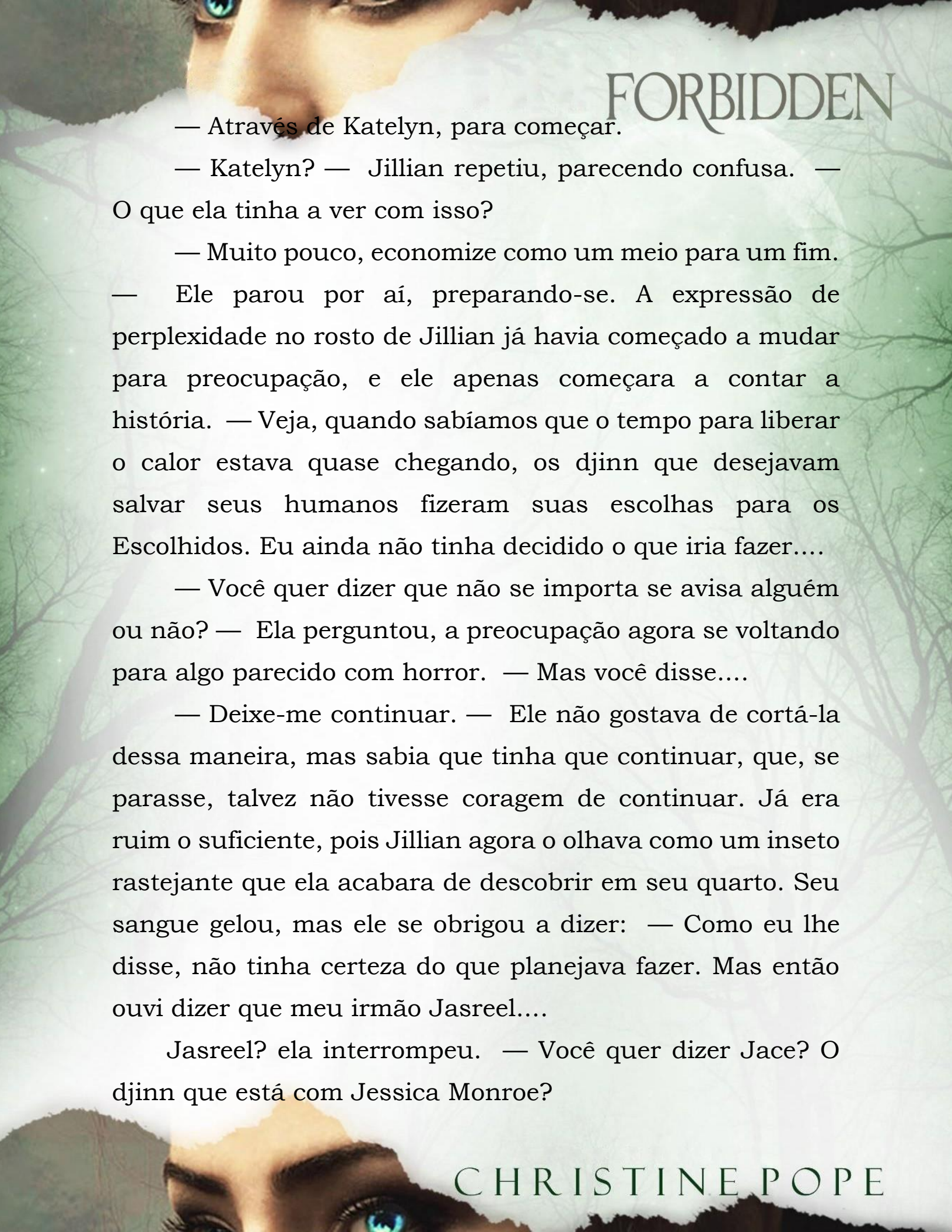
Ela assentiu e voltou a sentar. Aldair notou que ela ainda parecia muito tensa, como se soubesse que não gostaria do que estava prestes a ouvir, e que já havia se preparado contra isso.

Mulher sábia.

Ele também se sentou e lançou um olhar irritado para a água que estava sobre a mesa antes de voltar sua atenção para Jillian. Naquele momento, ele ansiava por um pouco de vinho para lhe dar coragem, mas fazer a substituição agora seria óbvio demais. Ele teria que se forçar a isso sem ajuda.

— Eu te falei do meu irmão, — disse ele.

— Sim. Como seu pai o favoreceu e como você queria se vingar. — A cabeça dela inclinou-se um pouco. — Mas você não disse como.



FORBIDDEN

— Através de Katelyn, para começar.

— Katelyn? — Jillian repetiu, parecendo confusa. —
O que ela tinha a ver com isso?

— Muito pouco, economize como um meio para um fim.

— Ele parou por aí, preparando-se. A expressão de perplexidade no rosto de Jillian já havia começado a mudar para preocupação, e ele apenas começara a contar a história. — Veja, quando sabíamos que o tempo para liberar o calor estava quase chegando, os djinn que desejavam salvar seus humanos fizeram suas escolhas para os Escolhidos. Eu ainda não tinha decidido o que iria fazer....

— Você quer dizer que não se importa se avisa alguém ou não? — Ela perguntou, a preocupação agora se voltando para algo parecido com horror. — Mas você disse....

— Deixe-me continuar. — Ele não gostava de cortá-la dessa maneira, mas sabia que tinha que continuar, que, se parasse, talvez não tivesse coragem de continuar. Já era ruim o suficiente, pois Jillian agora o olhava como um inseto rastejante que ela acabara de descobrir em seu quarto. Seu sangue gelou, mas ele se obrigou a dizer: — Como eu lhe disse, não tinha certeza do que planejava fazer. Mas então ouvi dizer que meu irmão Jasreel....

Jasreel? ela interrompeu. — Você quer dizer Jace? O djinn que está com Jessica Monroe?

CHRISTINE POPE

— Sim, — respondeu Aldair. Ele percebeu então que era a primeira vez que pronunciara o nome de seu irmão na presença de Jillian. — Você o conhece?

— Não exatamente. Eu conheci Jessica, no entanto e...

— Jillian se deteve lá. — Isso realmente não importa. Eu acho que isso me assustou. Suponho que, se realmente pensasse nisso, teria conectado você pelo seu sobrenome. Mas acho que só ouvi uma vez, e de vez em quando. De qualquer forma, por favor, continue.

Bem, pelo menos ela não conhecia muito bem seu odiado meio-irmão. Isso foi alguma coisa. Aldair assentiu e continuou: — Como eu estava dizendo, ouvi dizer que Jasreel havia escolhido uma mulher para si e achei que seria uma maneira muito boa de me vingar dele - reivindicar a mesma mulher que ele queria. meu próprio.

— Você não a amava, no entanto.

— Não. Ela é uma mulher muito bonita, no entanto, e eu pensei que faria bem o suficiente com ela. Mas porque Jasreel e eu tínhamos apontado o mesmo escolhido, os anciãos decretaram que devemos lutar um contra o outro pelo direito de tê-la.

Jillian parecia absorver tudo isso enquanto usava uma leve testa. — Então ... eu presumo que ele ganhou, já que você estava com Katelyn.

Oh, a ignomínia de ter que admitir isso, especialmente para Jillian. Os punhos de Aldair se fecharam, mas ele conseguiu manter o tom de voz o suficiente ao responder: — Ainda não tenho certeza de que ele não trapaceou de alguma forma. Mas sim, os anciãos acreditavam que ele não estava à frente nesse conflito, e então ele reivindicou Jessica Monroe como sua.

— Bem, — disse Jillian, — ela é muito bonita.

— Nem de longe tão bonita quanto você.

Esse comentário provocou uma sobrancelha levantada e um olhar incrédulo, mas Jillian não respondeu. Talvez ela simplesmente não quis perder tempo com argumentos tolos quando a história ainda estava à frente. — Então você se mudou para Katelyn Fonseca.

— Eu a selecionei como minha segunda escolha. Mas meu verdadeiro objetivo era apenas ser aceito como membro da comunidade Taos, para que eu pudesse estar perto de Jasreel e Jessica e, portanto, esperar até que outra oportunidade se apresentasse. O que aconteceu logo, pois Jasreel foi capturado por seu povo em Los Alamos. Pensei então que talvez tudo isso pudesse ser resolvido sem mais conflitos, pois Katelyn também desapareceu pouco antes disso, quando saiu com uma equipe de observação para aprender mais sobre as pessoas em Los Alamos.

— Mas ela nunca esteve em Los Alamos, — protestou Jillian. — Ou seja, eu nunca ouvi nada sobre isso.

— Você não ouviu nada porque não foi o capitão Margolis e seus homens que a capturaram. Ela foi levada por Khalim e seus seguidores, e entregue a um dos primos de Khalim como prêmio.

— Isso é horrível. — O rosto de Jillian ficou branco e ela cruzou os braços, abraçando-se, como se tivesse subitamente tomado um calafrio.

Era ali que Aldair desejava muito que ele pudesse deixar de lado, pois teria que admitir que sentia muito pouca preocupação com o destino de Katelyn. Ele nunca a amou, apenas a usou. Naquele momento, ele estava tão consumido por seu próprio desejo de vingança contra Jasreel que os pensamentos e sentimentos de uma mulher humana importavam muito pouco para ele. Agora, porém, ele só conseguia refletir sobre o que havia feito com ela e perceber o quão vergonhoso, covarde, seu próprio comportamento havia sido.

— Sim, — ele disse brevemente. — Embora quando ela desapareceu, eu realmente não tinha ideia do que poderia ter acontecido com ela. Eu só pensei que, com ela e Jasreel se fosse, então eu poderia tomar Jessica como minha. Na verdade, fui a Zahrias, o líder da nossa comunidade, e pedi

a ele que interceda em meu nome. Ele não chegou ao ponto de simplesmente entregá-la para mim, embora ele tentasse convencê-la de que não havia como salvar Jasreel, e que, se ela se tornasse minha Escolhida, ela ainda poderia permanecer na comunidade. Claro, ela não aceitou nada e foi resgatá-lo. — Apesar de seus próprios esforços para manter seu rosto o mais inexpressivo possível, ele podia sentir sua boca se contorcendo ao pensar na devoção de Jessica ao odiado Jasreel, em como ela absolutamente se recusou a levá-lo, Aldair, como seu amante substituto.

— Mas você não podia deixar para lá, poderia?

— Não, — ele respondeu. Quão bem Jillian já o conhecia. Claro que ele não podia abandonar sua vingança. Ele simplesmente a levou em outra direção. — Deixei a comunidade de Taos e fui me juntar a Khalim e seus seguidores.

— Mas. — O olhar confuso estava de volta, embora em algum lugar atrás dela, Aldair pudesse detectar a mesma preocupação e horror, como se soubesse a resposta para a pergunta e, no entanto, não pudesse se impedir de perguntar de qualquer maneira. — Esse Khalim não estava por trás dos ataques a Taos? Ele não machucou um dos seus Escolhidos e matou outro?

Aldair soltou um suspiro pesado. — É mais do que isso, pois ele também atacou a equipe de observação de Katelyn, matou os homens do grupo e levou as mulheres como reféns. Ele não se importava com o pacto com o qual todos os djinn haviam concordado, que os Escolhidos deviam ser sacrossantos e que nenhum dano fosse causado a eles.

— Como diabos você poderia se juntar a alguém assim?
— Agora Jillian havia recuado contra as almofadas do assento de amor, como se precisasse colocar uma distância ainda menor entre eles. — Ele era um monstro.

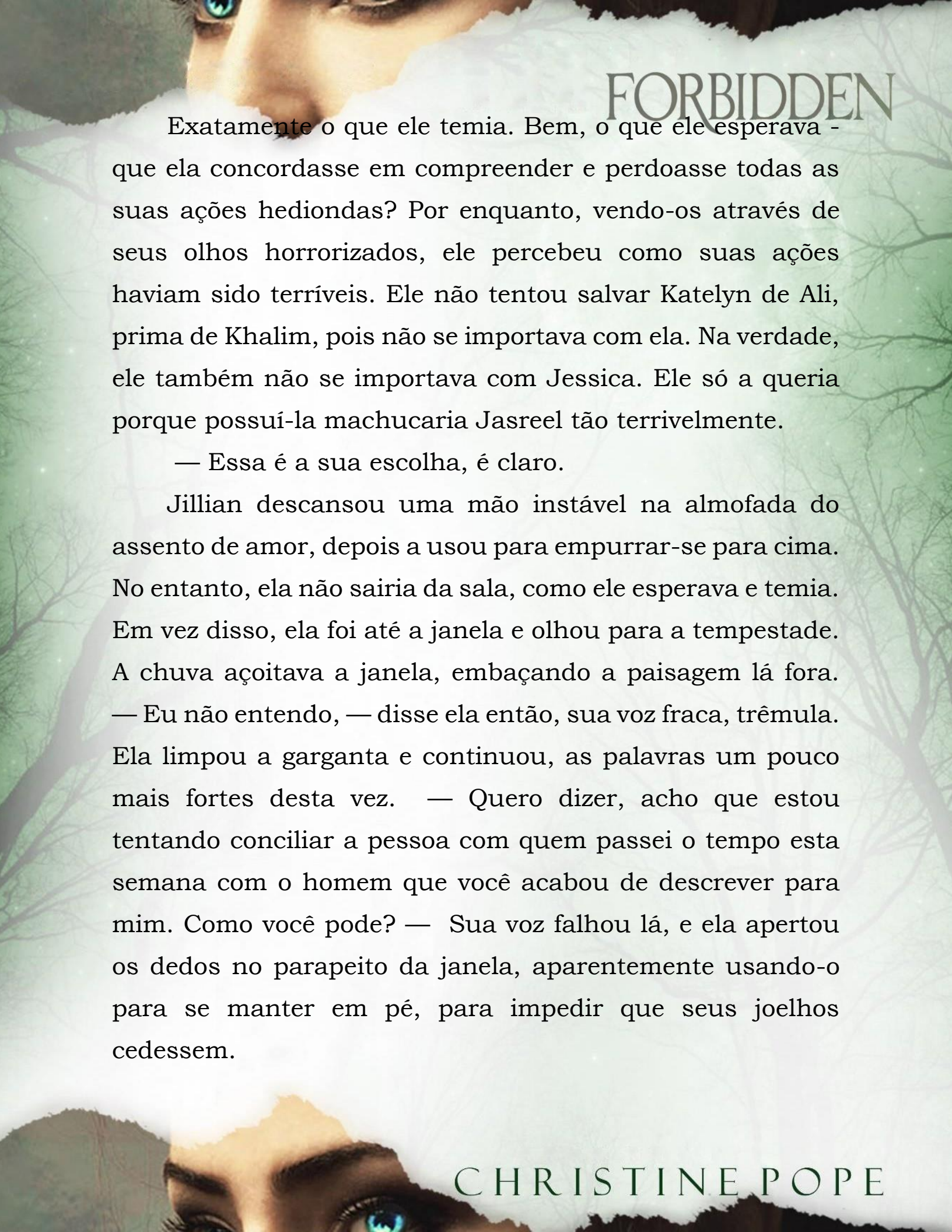
Pelo tom de sua voz, Aldair adivinhou que ela devia pensar que ele também era um monstro. Bem, ela não seria a primeira pessoa a acreditar nisso. — Eu estava com raiva e não estava pensando claramente. Eu....

— E você tentou afastar Katelyn daqueles djinn?

— Não.

Silêncio mortal. A boca de Jillian trabalhou, e ela desviou o olhar dele, olhando para a abertura que levava à sala de jantar. Os girassóis que ele trouxera ainda estavam em cima da mesa, notas incongruentemente brilhantes na casa escurecida pela tempestade.

Por fim, ela disse: — Não tenho certeza se quero ouvir mais isso.



FORBIDDEN

Exatamente o que ele temia. Bem, o que ele esperava - que ela concordasse em compreender e perdoasse todas as suas ações hediondas? Por enquanto, vendo-os através de seus olhos horrorizados, ele percebeu como suas ações haviam sido terríveis. Ele não tentou salvar Katelyn de Ali, prima de Khalim, pois não se importava com ela. Na verdade, ele também não se importava com Jessica. Ele só a queria porque possuí-la machucaria Jasreel tão terrivelmente.

— Essa é a sua escolha, é claro.

Jillian descansou uma mão instável na almofada do assento de amor, depois a usou para empurrar-se para cima. No entanto, ela não sairia da sala, como ele esperava e temia. Em vez disso, ela foi até a janela e olhou para a tempestade. A chuva açoitava a janela, embaçando a paisagem lá fora. — Eu não entendo, — disse ela então, sua voz fraca, trêmula. Ela limpou a garganta e continuou, as palavras um pouco mais fortes desta vez. — Quero dizer, acho que estou tentando conciliar a pessoa com quem passei o tempo esta semana com o homem que você acabou de descrever para mim. Como você pode? — Sua voz falhou lá, e ela apertou os dedos no parapeito da janela, aparentemente usando-o para se manter em pé, para impedir que seus joelhos cedessem.

CHRISTINE POPE

Ele se levantou do sofá e foi até ela. No entanto, ele se esforçou para permanecer a uma distância segura, embora naquele momento ele desejasse apenas pegá-la em seus braços e segurá-la, dizer a ela que havia mudado, que ele não era o mesmo homem que havia deixado Katelyn aos lobos e tentara roubar a mulher que seu irmão amava mais do que a própria vida.

Mas ele era o mesmo homem. Ou melhor, a raiva e o ressentimento que o levaram a tais ações faziam parte dele tanto quanto o carinho que ele agora sabia que sentia por essa mulher, esse mortal. Se ela poderia aprender a aceitar tudo dele - bem, ele não sabia a resposta para isso.

— É difícil, — ele diz. — Não tenho desculpas, pois isso não vai mudar o que fiz. Nada pode mudar nada disso. Mas tudo que fiz foi conseguir tornar o amor de Jasreel e Jessica mais forte do que nunca, e parece que Katelyn também encontrou sua própria felicidade, com esse homem Shawn Gutierrez que lidera sua comunidade. E eu, eu lhe disse que fui banido por quebrar um juramento. O juramento que quebrei foi o que prometi manter a segurança de todos os Escolhidos do mundo, pois, ao jogar meu lote com Khalim, também participei de seus crimes. Foi por isso que você me encontrou lá nos círculos externos. Os anciãos e o povo de Taos e agora Santa Fé achavam que eu recebera uma

punição justa. É por isso que fiz o meu melhor para evitá-los. Pois, se souberem onde estou, certamente me enviarão de volta. E é isso que eu não posso suportar. Sim, posso suportar os círculos externos novamente, se for necessário. O que não posso suportar é o pensamento de estar ali por toda a eternidade e nunca mais ver seu rosto.

Lágrimas brilhavam nos olhos de Jillian. Mas ela não se mexeu, ficou onde estava, segurando o peitoril da janela como se fosse a única coisa que a sustentava. Quando ela falou, as palavras saíram em um sussurro rachado. — Aldair... você está tornando isso tão difícil para mim. Eu não posso - eu - ela parou ali, respirando fundo. Eu quero te odiar. Eu deveria. Mas....

— Mas? — Ele repetiu. Ele não queria ter esperança em seu coração. A esperança machuca. E, no entanto, ela ainda estava lá. Ela não tinha fugido. Certamente, se o desprezasse, não quisesse mais nada com ele, teria fugido.

— Mas... — Outra daquelas pausas. Ele quase podia ver os pensamentos disparando em sua mente enquanto ela tentava decidir o que deveria dizer. — Mas também sei que segurar o ódio não é o caminho para seguir em frente. Não tenho certeza se posso perdoar verdadeiramente os djinn pelo que eles fizeram. Acho que estou tentando descobrir se posso te perdoar pelo que você fez. — Ela olhou para a

paisagem encharcada, passando pela janela, onde os caules dos girassóis eram dobrados quase pelo dobro da força da chuva e onde novos pequenos rios haviam se formado na sujeira do quintal da frente. — Você me promete - você *jura* - que não teve nada a ver com o Heat, em deixá-lo solto no mundo?

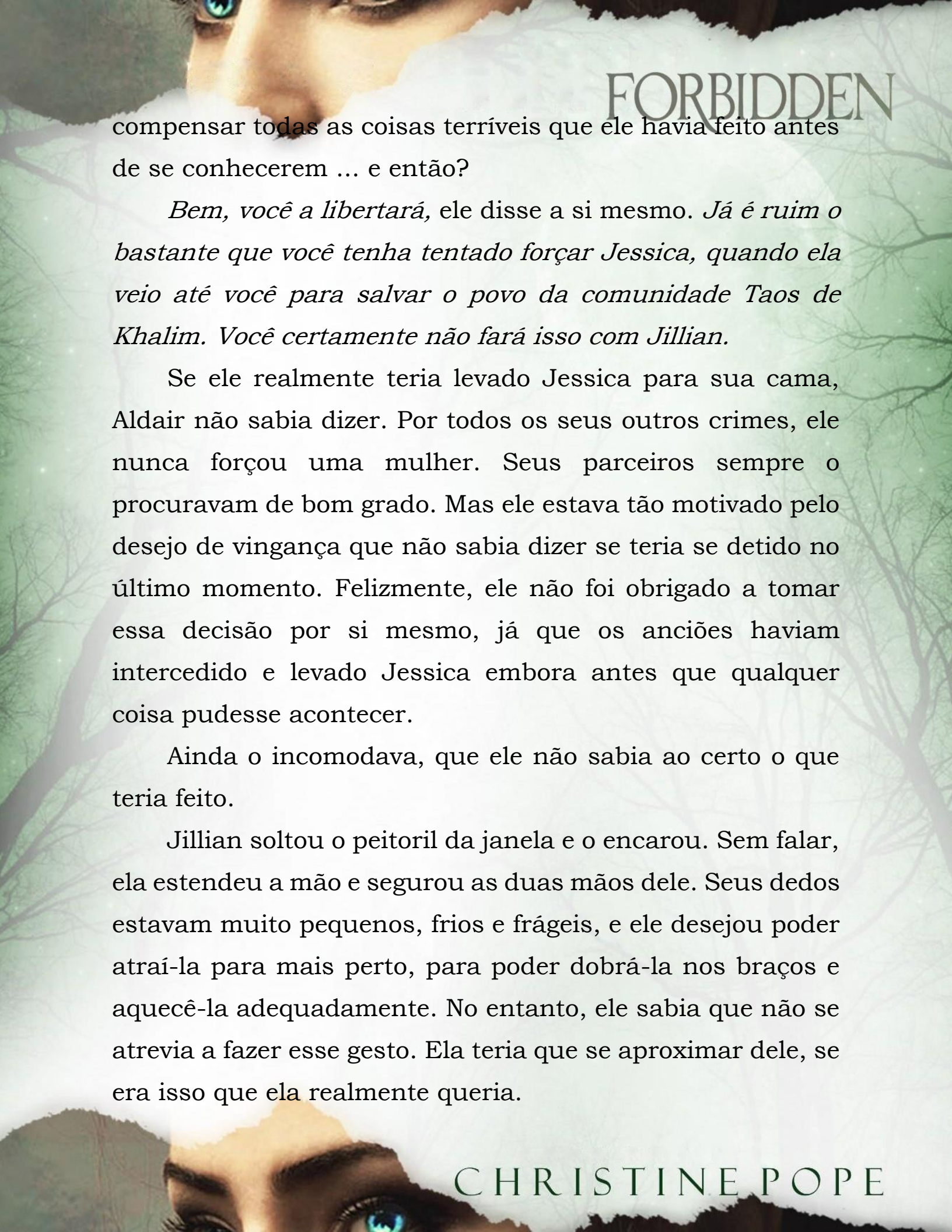
Pelo menos isso era uma coisa que ele poderia fazer, sem reservas. — Eu juro, — ele disse calmamente. — Admito que também não fiz nada para detê-lo. Não que eu pudesse ter. A decisão havia sido tomada, e muito mais do meu povo desejava que o mundo fosse purificado do que desejava preservá-lo como ele existia. Mas, embora meus motivos estivessem longe de serem puros, impedi Katelyn de perecer no flagelo que se seguiu aos moribundos.

A boca cheia de Jillian se torceu em um sorriso torto. — Então eu acho que você fez a coisa certa pelas razões erradas.

— Sim, suponho que você possa ver dessa maneira.

Ela assentiu, mas não respondeu. Mais uma vez, ele percebeu que a mente dela corria a toda velocidade, tentando processar tudo o que havia lhe dito. Pesando o que ele havia feito.

E se ele o achava carente, se ela encontrasse as pequenas gentilezas que ele lhe mostrara, não poderiam



FORBIDDEN

compensar todas as coisas terríveis que ele havia feito antes de se conhecerem ... e então?

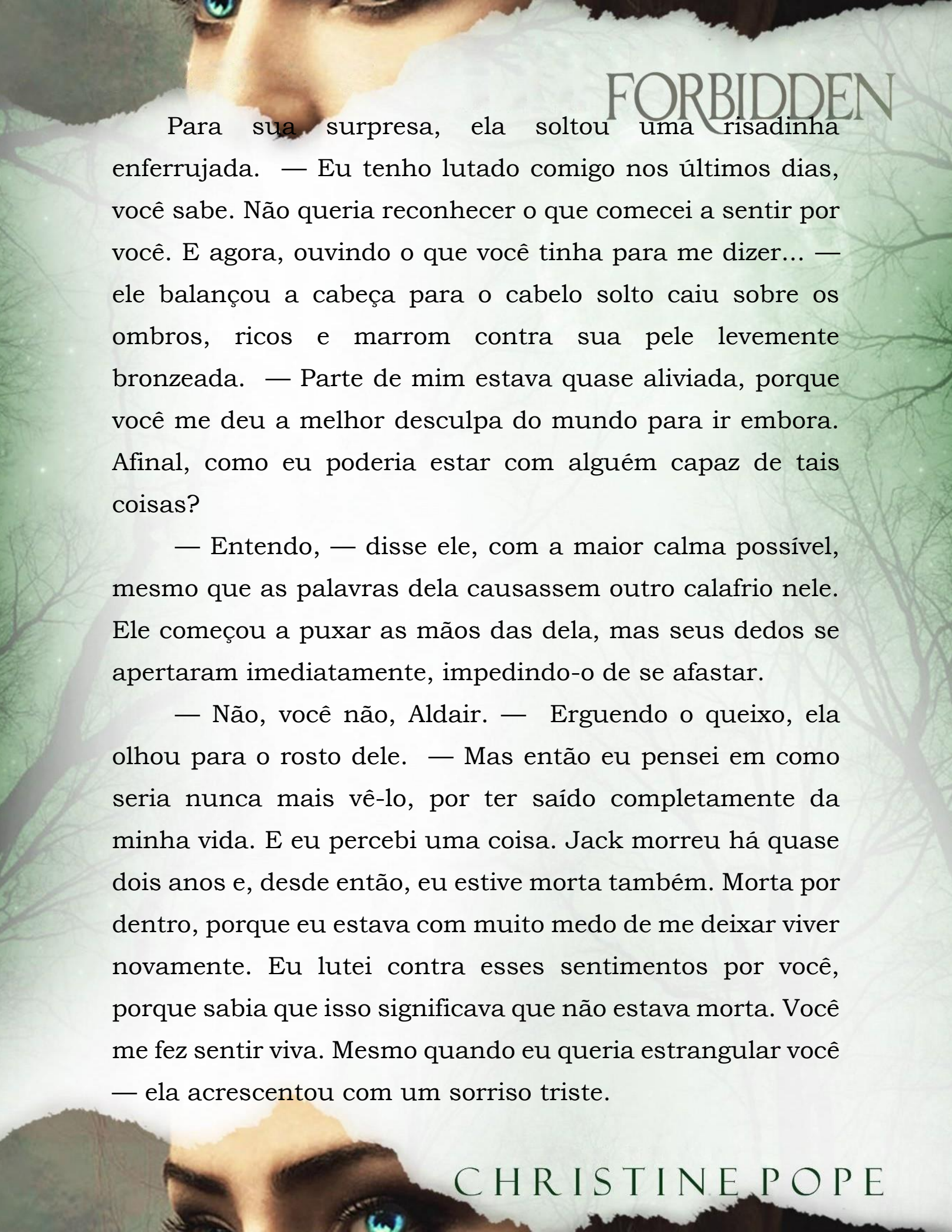
Bem, você a libertará, ele disse a si mesmo. Já é ruim o bastante que você tenha tentado forçar Jessica, quando ela veio até você para salvar o povo da comunidade Taos de Khalim. Você certamente não fará isso com Jillian.

Se ele realmente teria levado Jessica para sua cama, Aldair não sabia dizer. Por todos os seus outros crimes, ele nunca forçou uma mulher. Seus parceiros sempre o procuravam de bom grado. Mas ele estava tão motivado pelo desejo de vingança que não sabia dizer se teria se detido no último momento. Felizmente, ele não foi obrigado a tomar essa decisão por si mesmo, já que os anciões haviam intercedido e levado Jessica embora antes que qualquer coisa pudesse acontecer.

Ainda o incomodava, que ele não sabia ao certo o que teria feito.

Jillian soltou o peitoril da janela e o encarou. Sem falar, ela estendeu a mão e segurou as duas mãos dele. Seus dedos estavam muito pequenos, frios e frágeis, e ele desejou poder atraí-la para mais perto, para poder dobrá-la nos braços e aquecê-la adequadamente. No entanto, ele sabia que não se atrevia a fazer esse gesto. Ela teria que se aproximar dele, se era isso que ela realmente queria.

CHRISTINE POPE



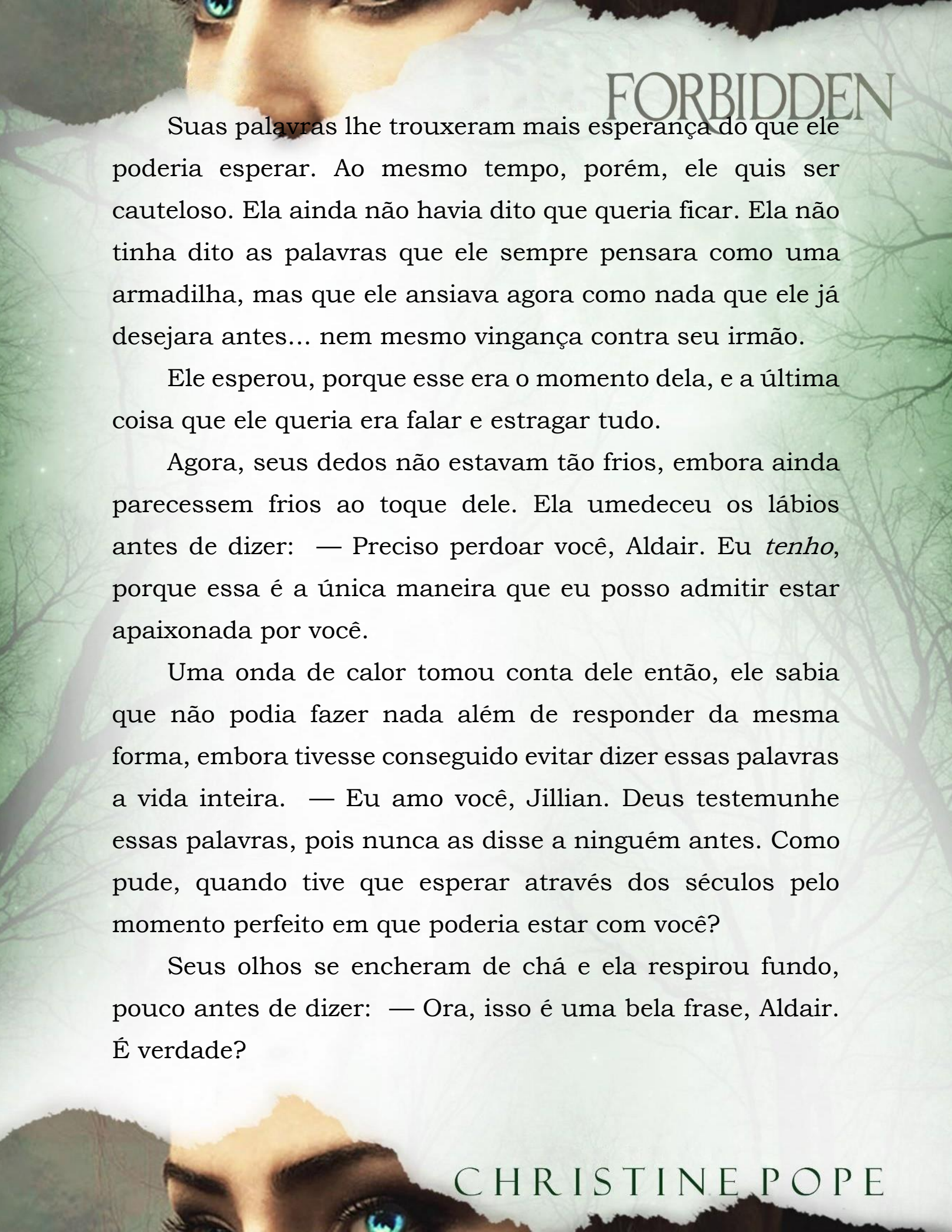
FORBIDDEN

Para sua surpresa, ela soltou uma risadinha enferrujada. — Eu tenho lutado comigo nos últimos dias, você sabe. Não queria reconhecer o que comecei a sentir por você. E agora, ouvindo o que você tinha para me dizer... — ele balançou a cabeça para o cabelo solto caiu sobre os ombros, ricos e marrom contra sua pele levemente bronzeada. — Parte de mim estava quase aliviada, porque você me deu a melhor desculpa do mundo para ir embora. Afinal, como eu poderia estar com alguém capaz de tais coisas?

— Entendo, — disse ele, com a maior calma possível, mesmo que as palavras dela causassem outro calafrio nele. Ele começou a puxar as mãos das dela, mas seus dedos se apertaram imediatamente, impedindo-o de se afastar.

— Não, você não, Aldair. — Erguendo o queixo, ela olhou para o rosto dele. — Mas então eu pensei em como seria nunca mais vê-lo, por ter saído completamente da minha vida. E eu percebi uma coisa. Jack morreu há quase dois anos e, desde então, eu estive morta também. Morta por dentro, porque eu estava com muito medo de me deixar viver novamente. Eu lutei contra esses sentimentos por você, porque sabia que isso significava que não estava morta. Você me fez sentir viva. Mesmo quando eu queria estrangular você — ela acrescentou com um sorriso triste.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Suas palavras lhe trouxeram mais esperança do que ele poderia esperar. Ao mesmo tempo, porém, ele quis ser cauteloso. Ela ainda não havia dito que queria ficar. Ela não tinha dito as palavras que ele sempre pensara como uma armadilha, mas que ele ansiava agora como nada que ele já desejara antes... nem mesmo vingança contra seu irmão.

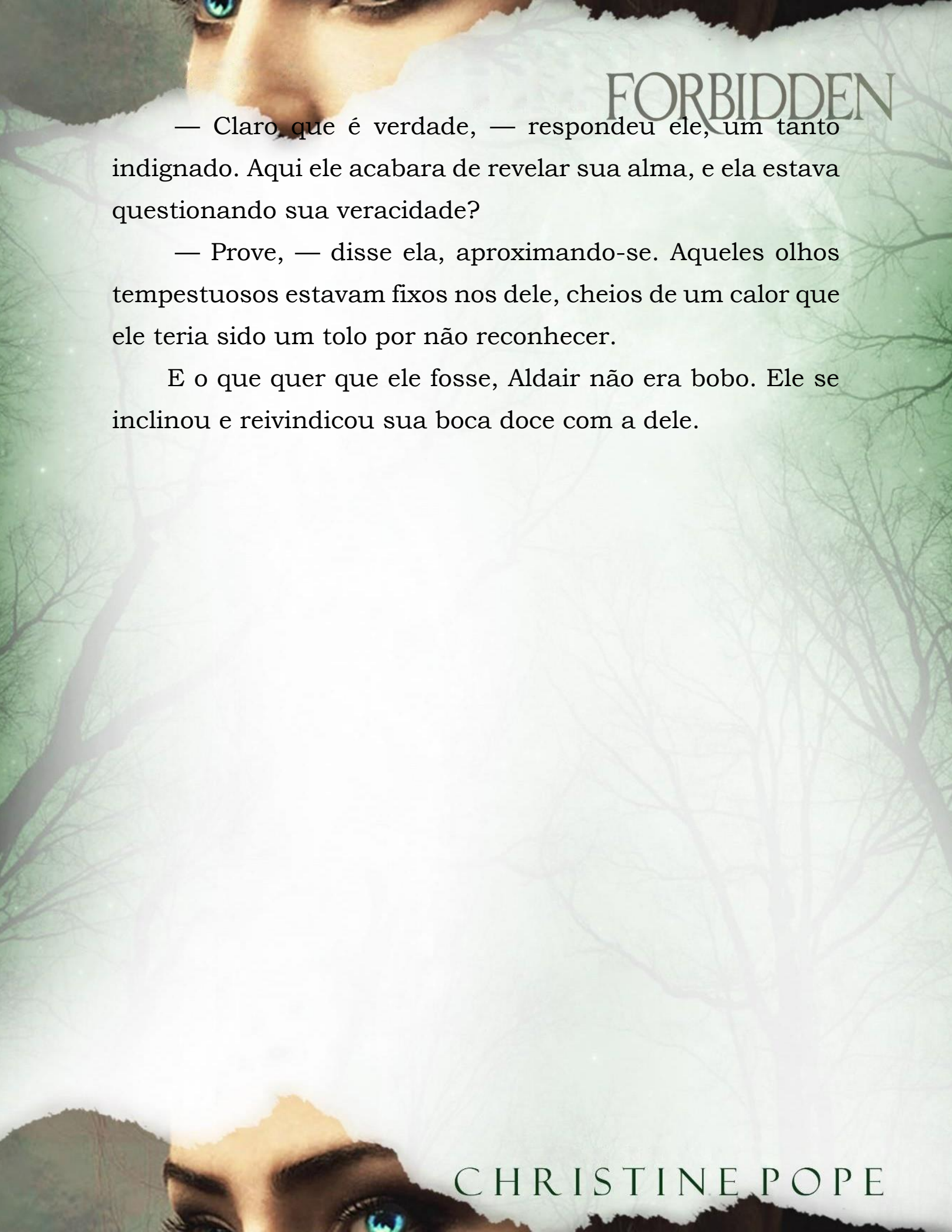
Ele esperou, porque esse era o momento dela, e a última coisa que ele queria era falar e estragar tudo.

Agora, seus dedos não estavam tão frios, embora ainda parecessem frios ao toque dele. Ela umedeceu os lábios antes de dizer: — Preciso perdoar você, Aldair. Eu *tenho*, porque essa é a única maneira que eu posso admitir estar apaixonada por você.

Uma onda de calor tomou conta dele então, ele sabia que não podia fazer nada além de responder da mesma forma, embora tivesse conseguido evitar dizer essas palavras a vida inteira. — Eu amo você, Jillian. Deus testemunhe essas palavras, pois nunca as disse a ninguém antes. Como pude, quando tive que esperar através dos séculos pelo momento perfeito em que poderia estar com você?

Seus olhos se encheram de chá e ela respirou fundo, pouco antes de dizer: — Ora, isso é uma bela frase, Aldair. É verdade?

CHRISTINE POPE



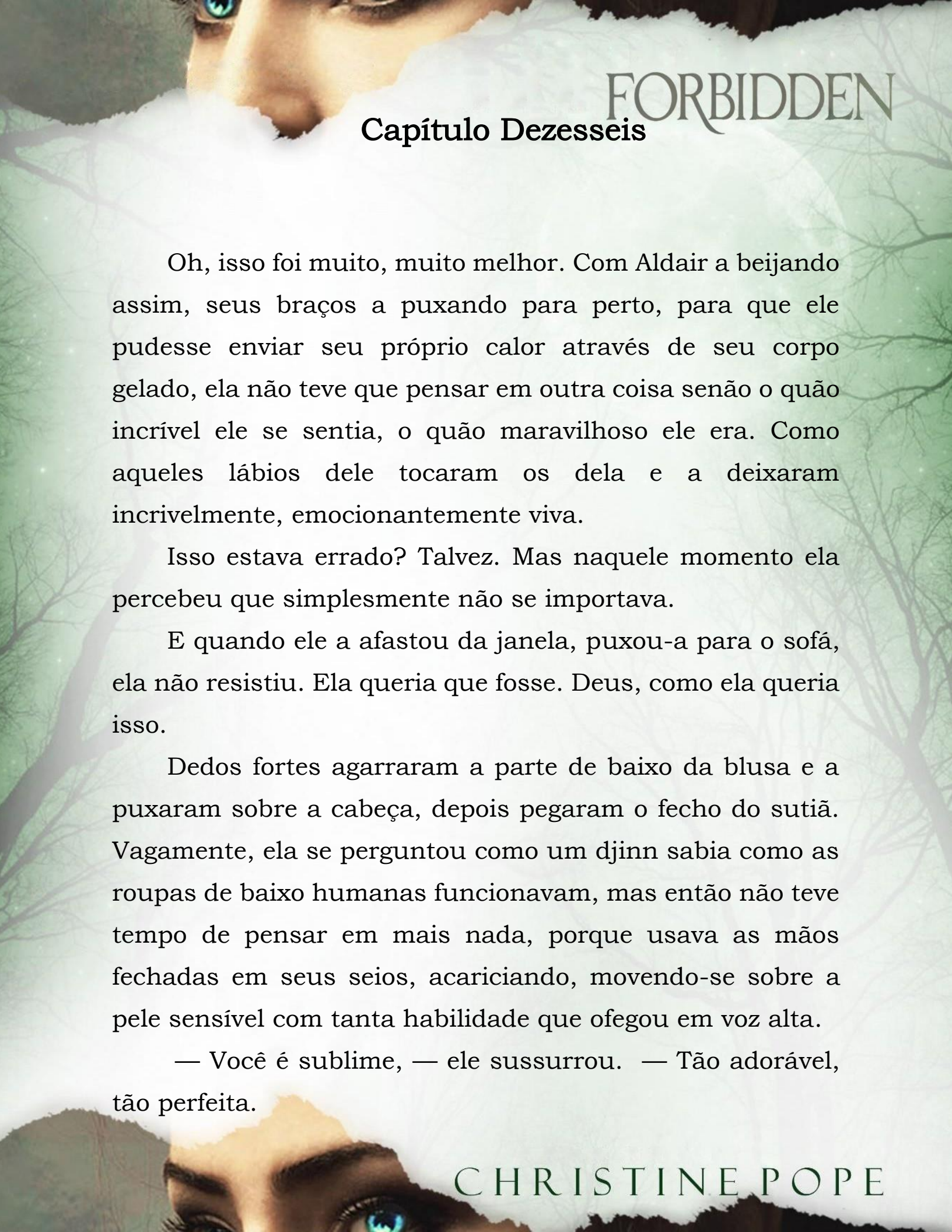
FORBIDDEN

— Claro, que é verdade, — respondeu ele, um tanto indignado. Aqui ele acabara de revelar sua alma, e ela estava questionando sua veracidade?

— Prove, — disse ela, aproximando-se. Aqueles olhos tempestuosos estavam fixos nos dele, cheios de um calor que ele teria sido um tolo por não reconhecer.

E o que quer que ele fosse, Aldair não era bobo. Ele se inclinou e reivindicou sua boca doce com a dele.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Capítulo Dezesseis

Oh, isso foi muito, muito melhor. Com Aldair a beijando assim, seus braços a puxando para perto, para que ele pudesse enviar seu próprio calor através de seu corpo gelado, ela não teve que pensar em outra coisa senão o quão incrível ele se sentia, o quão maravilhoso ele era. Como aqueles lábios dele tocaram os dela e a deixaram incrivelmente, emocionantemente viva.

Isso estava errado? Talvez. Mas naquele momento ela percebeu que simplesmente não se importava.

E quando ele a afastou da janela, puxou-a para o sofá, ela não resistiu. Ela queria que fosse. Deus, como ela queria isso.

Dedos fortes agarraram a parte de baixo da blusa e a puxaram sobre a cabeça, depois pegaram o fecho do sutiã. Vagamente, ela se perguntou como um djinn sabia como as roupas de baixo humanas funcionavam, mas então não teve tempo de pensar em mais nada, porque usava as mãos fechadas em seus seios, acariciando, movendo-se sobre a pele sensível com tanta habilidade que ofegou em voz alta.

— Você é sublime, — ele sussurrou. — Tão adorável, tão perfeita.

CHRISTINE POPE

Ela queria argumentar que não era perfeita. Como ela poderia ser? Mas então a boca dele se fechou em seu mamilo, chupando, e a onda de excitação que passou por ela era tão forte que ela quase chegou ao clímax de vez em quando. Uma das mãos dele permaneceu no peito dela, mas a outra se moveu para baixo, encontrando o botão da calça jeans para que ele pudesse desfazê-lo e depois puxar o zíper.

Naquele momento, ela desejou ter colocado uma saia - isso tornaria tudo muito mais fácil. Ela ajudou o melhor que pôde, tirando os jeans justos enquanto Aldair os trabalhava, seguida por suas roupas íntimas.

Exatamente como um casal de crianças do ensino médio indo para uma rapidinha no sofá, ela pensou, mas ela percebeu que ela não se importava tanto. Ela estava com ele e, no sofá ou no andar de cima da cama dele, sabia que seria incrível.

Ele fez uma pausa para poder tirar o roupão aberto que usava, depois desfez o cordão das calças e as deixou cair no chão. Jillian já o sentiu pressionado contra ela, mas vendo-o agora, vendo o tamanho de sua excitação, ela não pôde deixar de soltar um pequeno suspiro. Jack certamente não estava faltando nesse departamento, mas Aldair....

Seus dedos pareciam ir para ele por vontade própria, envolvendo-o ao redor de seu corpo para que ela pudesse

sentir seu calor, sua força. Ele gemeu e pressionou contra ela, deslizando a mão entre as pernas dela, mergulhando no delicioso calor em seu núcleo.

Oh Deus, sim. Lá. Ali.

Ela agarrou-se a ele com uma mão enquanto a outra o acariciava, os deliciosos pequenos arrepios que a inundavam dizendo a ela que não demoraria tanto tempo agora. Como ela poderia aguentar, quando ele a estava fazendo se sentir assim?

O orgasmo a atravessou como uma tempestade atingindo um paredão do mar. Ela teve que largar o pênis dele então, porque precisava das duas mãos para segurá-lo enquanto chegava ao clímax, tudo em seu arrepio se separava e depois se juntava novamente.

— Aldair, — ela ofegou, e os lábios dele estavam quentes contra o rosto dela quando ele respondeu.

— Meu amor. Minha querida. Sim. Deixe ir.

Ela nunca veio assim antes. Como ela pôde, quando nunca se demorou tanto tempo sem se libertar? Ela o segurou e sentiu ventos quentes soprando ao redor deles, levantando-os do sofá. Com olhos curiosos, ela olhou para o rosto dele, depois para o chão, uns seis ou sete pés abaixo deles. Ainda bem que a casa tinha tetos de três metros. — O que...?

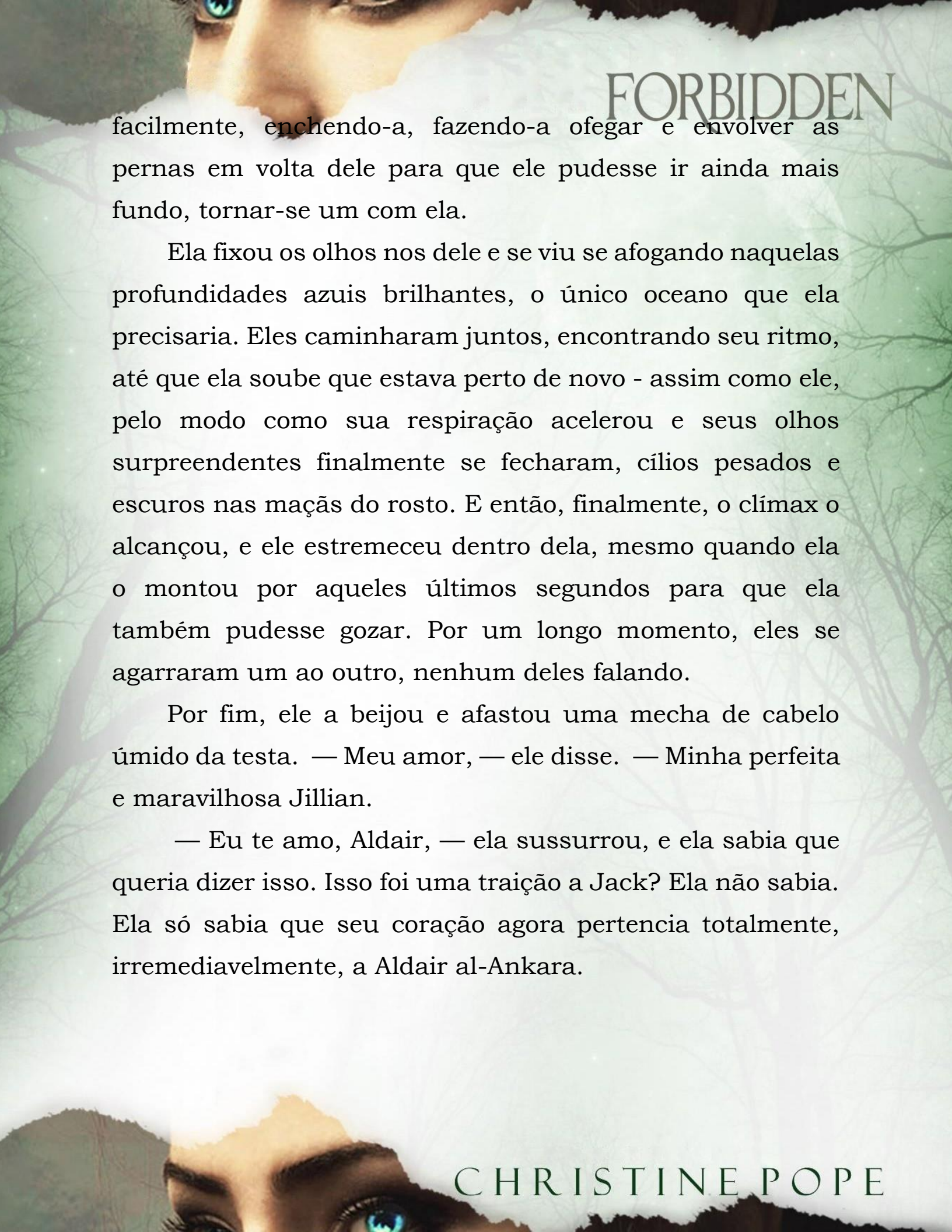
— Quero fazer amor com você assim, como um elemental do ar. Isso te assusta?

Sem hesitar, ela balançou a cabeça. — Não. É maravilhoso, como ser sustentado por uma nuvem. De qualquer forma, eu sei que você nunca me deixaria cair.

— Não, meu amor, — disse ele, e a beijou. — Eu nunca vou deixar você cair.

E ele começou a se mover pelo pescoço dela, beijando-a o tempo todo, parando para acariciar seus seios por um momento, mas ela sabia então o que ele pretendia fazer, sabia que ele queria amá-la da maneira mais profunda e terna que pudesse. Sua língua a tocou, lenta e languidamente, como se ele quisesse saboreá-la como a iguaria mais rara do mundo. Tudo o que ela podia fazer era recostar-se naqueles ventos parecidos com nuvens, deixá-los segurá-la enquanto ele fazia amor com ela com a boca, até que outro daqueles orgasmos alucinantes a atravessou, desta vez com tanta força que ela tinha. para gritar, teve que dar voz ao prazer que palpitava em cada terminação nervosa.

O último daqueles arrepios deliciosos não havia terminado de fluir até as pontas dos dedos antes de ele levantar a cabeça e se mover ao longo de seu corpo, a pele pressionada contra a pele, até que ela o sentiu empurrando contra ela, empurrando nela. Ele era grande, mas deslizou



FORBIDDEN

facilmente, enchendo-a, fazendo-a ofegar e envolver as pernas em volta dele para que ele pudesse ir ainda mais fundo, tornar-se um com ela.

Ela fixou os olhos nos dele e se viu se afogando naquelas profundidades azuis brilhantes, o único oceano que ela precisaria. Eles caminharam juntos, encontrando seu ritmo, até que ela soube que estava perto de novo - assim como ele, pelo modo como sua respiração acelerou e seus olhos surpreendentes finalmente se fecharam, cílios pesados e escuros nas maçãs do rosto. E então, finalmente, o clímax o alcançou, e ele estremeceu dentro dela, mesmo quando ela o montou por aqueles últimos segundos para que ela também pudesse gozar. Por um longo momento, eles se agarraram um ao outro, nenhum deles falando.

Por fim, ele a beijou e afastou uma mecha de cabelo úmido da testa. — Meu amor, — ele disse. — Minha perfeita e maravilhosa Jillian.

— Eu te amo, Aldair, — ela sussurrou, e ela sabia que queria dizer isso. Isso foi uma traição a Jack? Ela não sabia. Ela só sabia que seu coração agora pertencia totalmente, irremediavelmente, a Aldair al-Ankara.

CHRISTINE POPE

Ele não os abaixou no sofá, mas, em vez disso, piscou a si mesmo e a Jillian até o banheiro principal, para que pudessem se deleitar com o calor do chuveiro juntos. O que eles fizeram, com Jillian passando as mãos escorregadias sobre ele, como se estivesse maravilhada com a sensação dos músculos dele entre os dedos dela.

Bem, ela era bem-vinda para se maravilhar, se isso significava que ele poderia ficar ali olhando para ela, para os luxuriantes contornos de seu corpo enquanto a água do chuveiro batia neles. Ela era tão perfeita, seios maiores do que ele imaginara, com a cintura mais fina, mas definida pelas curvas arredondadas de seu delicioso traseiro. Aldair decidiu então que nunca mais deveria usar aquelas roupas folgadas e emprestadas. Eles eram um crime contra a beleza dela.

Finalmente eles emergiram do chuveiro e secaram um ao outro. Ele endureceu com o toque dela, e ela o lançou um olhar malicioso através dos cílios. — Se começarmos tudo de novo, então qual era o sentido do banho?

— Porque me senti bem, — disse ele. — Assim como isso vai.

Antes que ela pudesse protestar, ele a pegou em seus braços e a levou para a cama, onde a beijou repetidamente, seus dedos encontrando a umidade quente em seu centro

feminino. Então ele a levantou para que ela pudesse montá-lo, todo o seu calor delicioso ao redor dele enquanto ele acariciava seus seios, trazendo -o a um clímax no que ele poderia ter pensado anteriormente como um período de tempo embaraçosamente curto. Agora, porém, ele só podia pensar nisso como um elogio aos encantos dela.

Ela não parecia se importar. Depois de descansar contra ele por um longo momento, sua bochecha apertou seu peito, como se estivesse ouvindo as batidas do coração, ela escorregou e deitou ao lado dele, a curva do quadril e da perna alinhadas com o próprio corpo, um perfeito simetria.

Ele tocou a queda sedosa dos cabelos dela, maravilhado com a suavidade que passava por seus dedos. Como ela era requintada. Pela primeira vez, ele sentiu uma pena de seu falecido marido, que ele deveria ser tirado da perfeição dela.

No entanto, Alda sabia que não devia expressar esse sentimento em voz alta. Ele não queria atrapalhar a perfeição desse momento com nenhuma menção ao homem que ela havia perdido. Em vez disso, ele deu um beijo na bochecha dela e disse: — Está tarde. Está com fome?

Ela se esticou, um gracioso movimento de gato. Ele podia se sentir agitado, apenas observando-a, mas na maior parte, ele estava saciado. Naquele momento, ele achou melhor se eles satisfizessem outro tipo de fome.

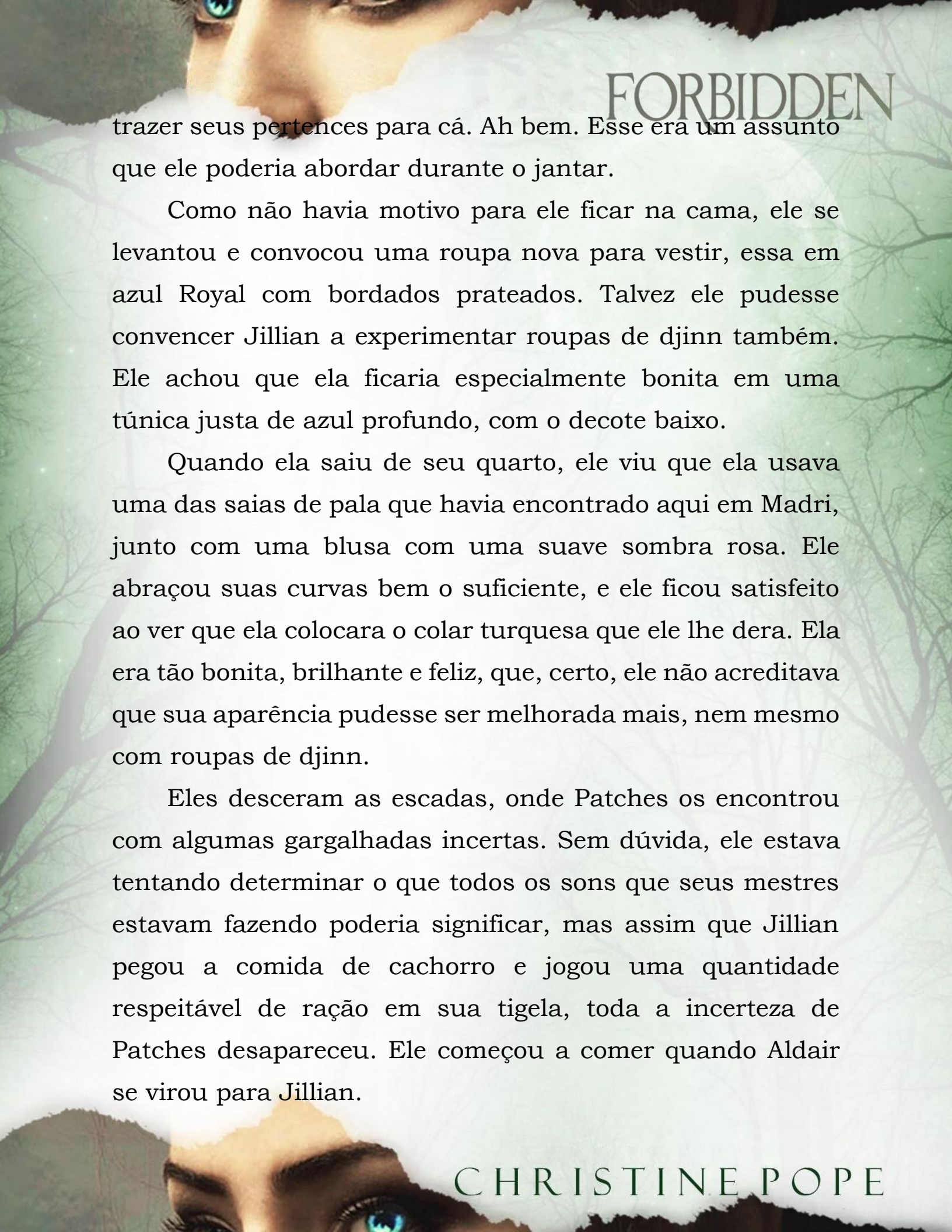
— Agora que você mencionou, eu estou, — disse ela sorrindo. — Eu tive que parar e pensar sobre isso por um minuto. — Uma mudança de posição para poder olhar para a janela, a chuva que ainda caía do lado de fora. Suponho que perdi a noção do tempo, especialmente com a tempestade tornando-o tão escuro. Definitivamente, está por aí. Estranho - geralmente as tempestades de monções se espalham em menos de uma hora.

— Eu gosto disso. — O que era apenas a verdade. Ele sempre gostara do estrondo do trovão, do brilho dos raios, sentindo os movimentos das correntes de ar e as energias transitórias que alimentavam os estoques.

— Eu também. Faz tudo parecer aconchegante. — Ela estendeu a mão e apertou a mão dele, depois escorregou da beira da cama e se levantou. Enquanto Aldair sentia falta do calor do corpo dela pressionado contra o dele, ele tinha que admitir que ela proporcionava uma visão muito melhor quando estava ali parada assim.

Não que ela permanecesse naquele local por muito tempo. — Eu preciso vestir algumas roupas, — disse ela, depois saiu pelo corredor até o quarto.

Ele teria que fazer algo sobre isso. Agora que haviam se tornado íntimos, ela deveria dividir este quarto com ele e

A close-up of a person's face, focusing on their eyes which are glowing with a bright blue light. The person has dark hair and is looking slightly to the side. The background is a soft, out-of-focus green, suggesting foliage or trees.

FORBIDDEN

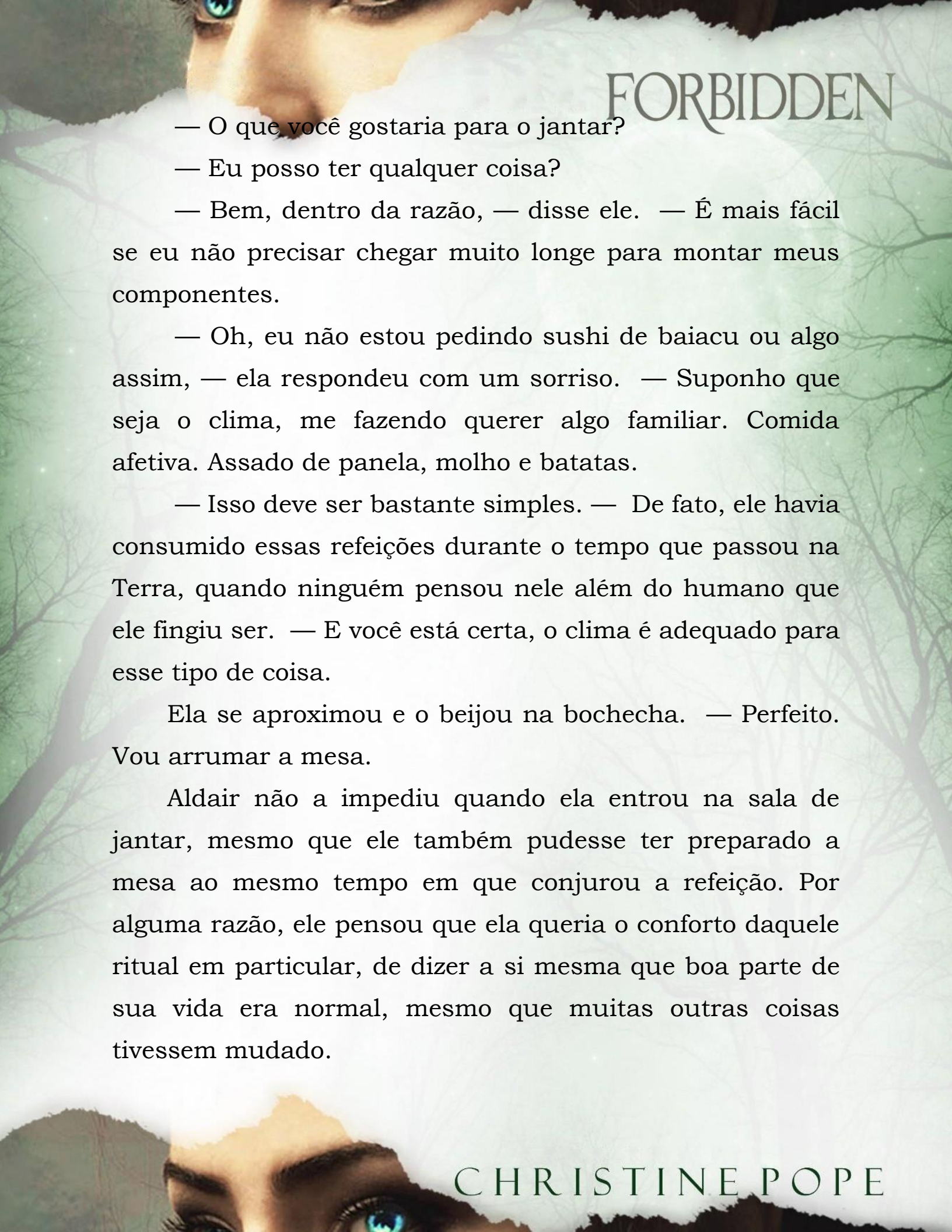
trazer seus pertences para cá. Ah bem. Esse era um assunto que ele poderia abordar durante o jantar.

Como não havia motivo para ele ficar na cama, ele se levantou e convocou uma roupa nova para vestir, essa em azul Royal com bordados prateados. Talvez ele pudesse convencer Jillian a experimentar roupas de djinn também. Ele achou que ela ficaria especialmente bonita em uma túnica justa de azul profundo, com o decote baixo.

Quando ela saiu de seu quarto, ele viu que ela usava uma das saias de pala que havia encontrado aqui em Madri, junto com uma blusa com uma suave sombra rosa. Ele abraçou suas curvas bem o suficiente, e ele ficou satisfeito ao ver que ela colocara o colar turquesa que ele lhe dera. Ela era tão bonita, brilhante e feliz, que, certo, ele não acreditava que sua aparência pudesse ser melhorada mais, nem mesmo com roupas de djinn.

Eles desceram as escadas, onde Patches os encontrou com algumas gargalhadas incertas. Sem dúvida, ele estava tentando determinar o que todos os sons que seus mestres estavam fazendo poderia significar, mas assim que Jillian pegou a comida de cachorro e jogou uma quantidade respeitável de ração em sua tigela, toda a incerteza de Patches desapareceu. Ele começou a comer quando Aldair se virou para Jillian.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

— O que você gostaria para o jantar?

— Eu posso ter qualquer coisa?

— Bem, dentro da razão, — disse ele. — É mais fácil se eu não precisar chegar muito longe para montar meus componentes.

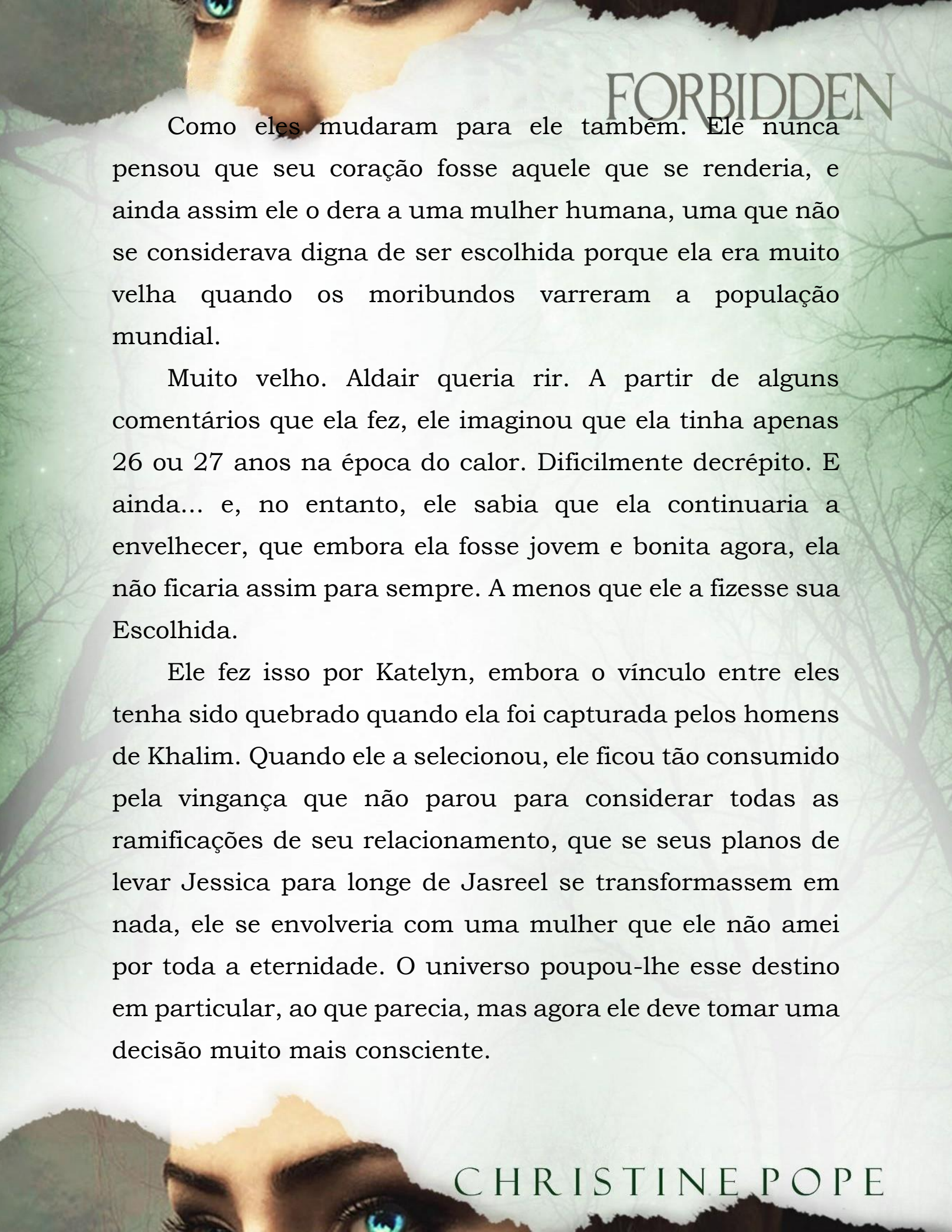
— Oh, eu não estou pedindo sushi de baiacu ou algo assim, — ela respondeu com um sorriso. — Suponho que seja o clima, me fazendo querer algo familiar. Comida afetiva. Assado de panela, molho e batatas.

— Isso deve ser bastante simples. — De fato, ele havia consumido essas refeições durante o tempo que passou na Terra, quando ninguém pensou nele além do humano que ele fingiu ser. — E você está certa, o clima é adequado para esse tipo de coisa.

Ela se aproximou e o beijou na bochecha. — Perfeito. Vou arrumar a mesa.

Aldair não a impediu quando ela entrou na sala de jantar, mesmo que ele também pudesse ter preparado a mesa ao mesmo tempo em que conjurou a refeição. Por alguma razão, ele pensou que ela queria o conforto daquele ritual em particular, de dizer a si mesma que boa parte de sua vida era normal, mesmo que muitas outras coisas tivessem mudado.

CHRISTINE POPE

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a white, torn-paper-like border. The woman has dark hair and striking blue eyes. The background is a soft, out-of-focus green, suggesting foliage or trees. The title 'FORBIDDEN' is written in a large, serif font at the top right, and the author's name 'CHRISTINE POPE' is at the bottom right.

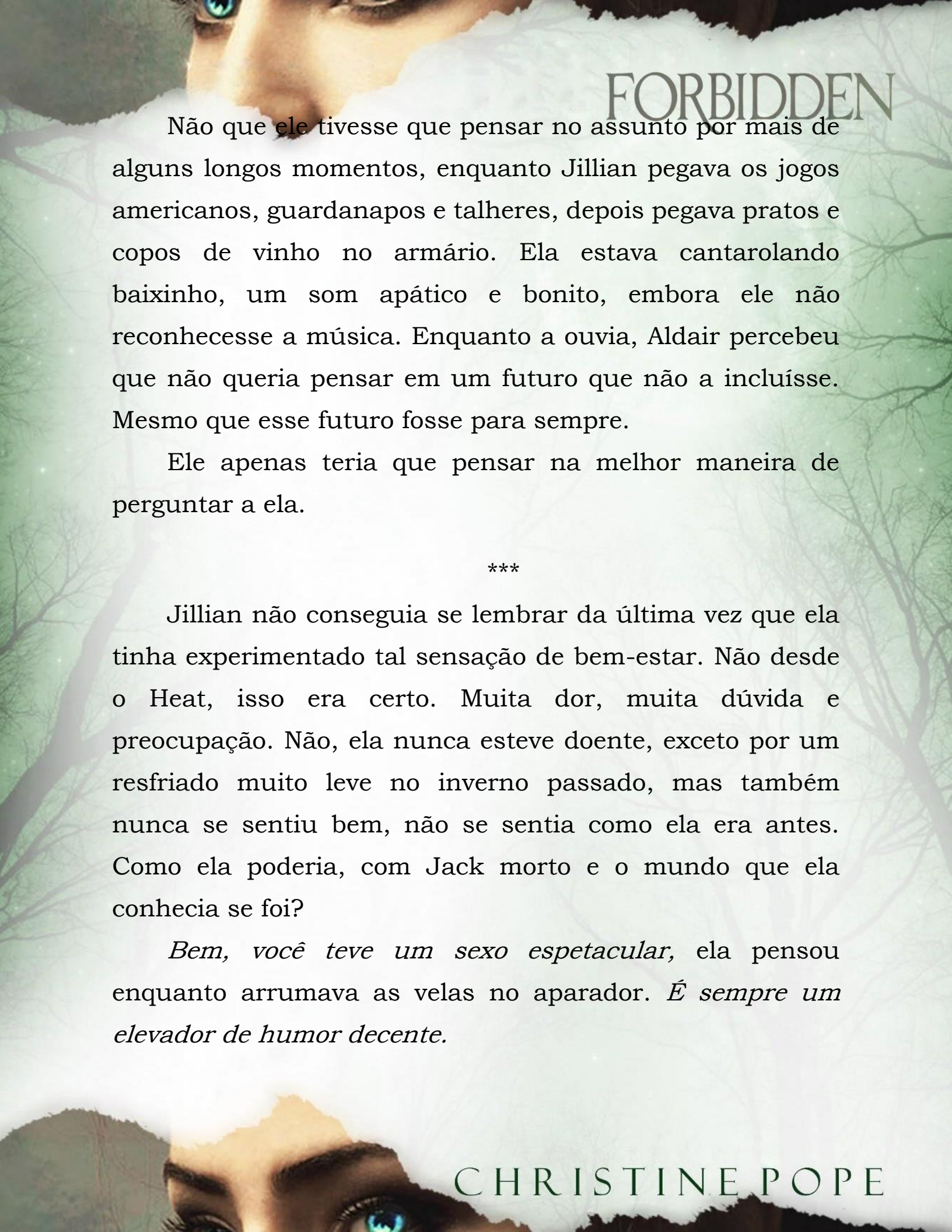
FORBIDDEN

Como eles mudaram para ele também. Ele nunca pensou que seu coração fosse aquele que se renderia, e ainda assim ele o dera a uma mulher humana, uma que não se considerava digna de ser escolhida porque ela era muito velha quando os moribundos varreram a população mundial.

Muito velho. Aldair queria rir. A partir de alguns comentários que ela fez, ele imaginou que ela tinha apenas 26 ou 27 anos na época do calor. Dificilmente decrépito. E ainda... e, no entanto, ele sabia que ela continuaria a envelhecer, que embora ela fosse jovem e bonita agora, ela não ficaria assim para sempre. A menos que ele a fizesse sua Escolhida.

Ele fez isso por Katelyn, embora o vínculo entre eles tenha sido quebrado quando ela foi capturada pelos homens de Khalim. Quando ele a selecionou, ele ficou tão consumido pela vingança que não parou para considerar todas as ramificações de seu relacionamento, que se seus planos de levar Jessica para longe de Jasreel se transformassem em nada, ele se envolveria com uma mulher que ele não amei por toda a eternidade. O universo poupou-lhe esse destino em particular, ao que parecia, mas agora ele deve tomar uma decisão muito mais consciente.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

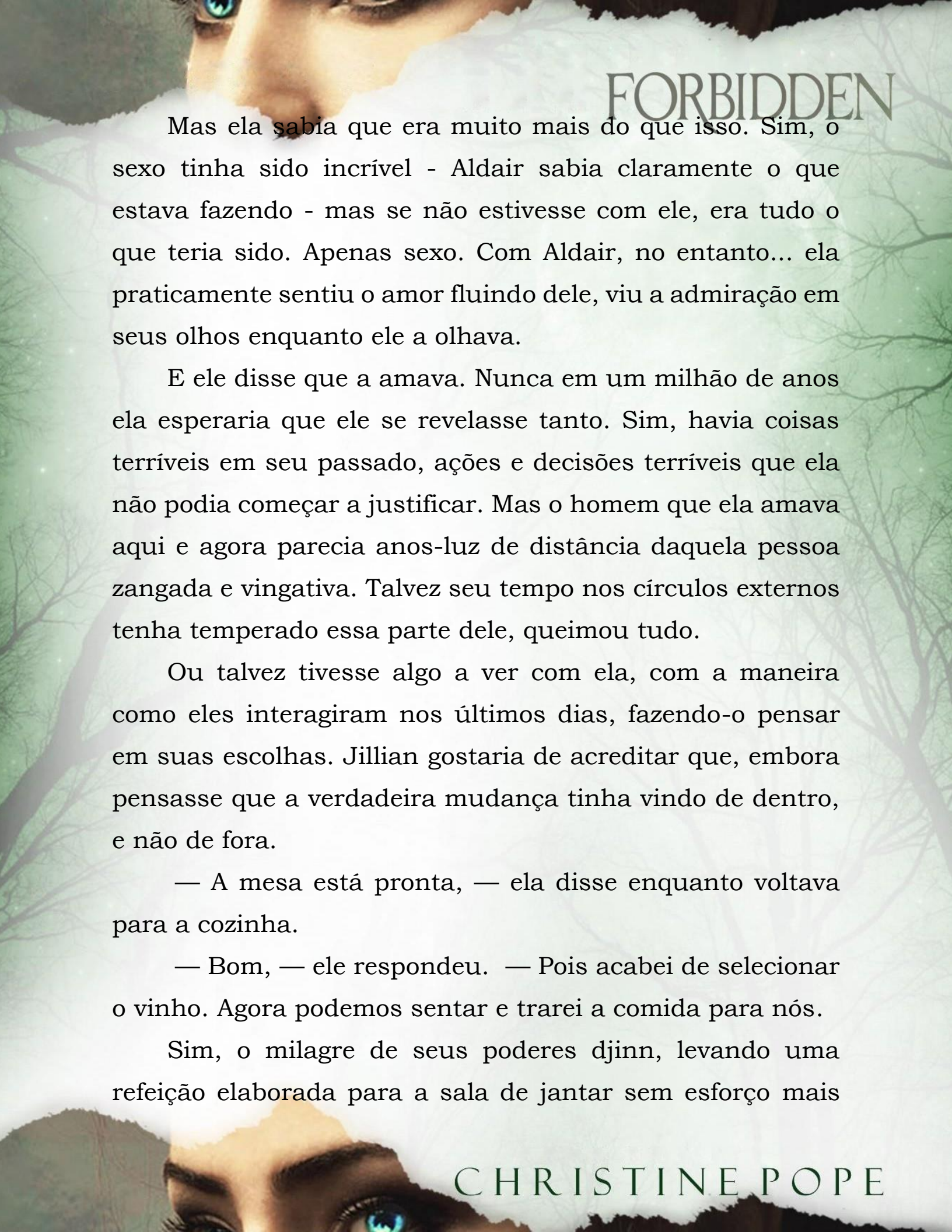
Não que ele tivesse que pensar no assunto por mais de alguns longos momentos, enquanto Jillian pegava os jogos americanos, guardanapos e talheres, depois pegava pratos e copos de vinho no armário. Ela estava cantarolando baixinho, um som apático e bonito, embora ele não reconhecesse a música. Enquanto a ouvia, Aldair percebeu que não queria pensar em um futuro que não a incluísse. Mesmo que esse futuro fosse para sempre.

Ele apenas teria que pensar na melhor maneira de perguntar a ela.

Jillian não conseguia se lembrar da última vez que ela tinha experimentado tal sensação de bem-estar. Não desde o Heat, isso era certo. Muita dor, muita dúvida e preocupação. Não, ela nunca esteve doente, exceto por um resfriado muito leve no inverno passado, mas também nunca se sentiu bem, não se sentia como ela era antes. Como ela poderia, com Jack morto e o mundo que ela conhecia se foi?

Bem, você teve um sexo espetacular, ela pensou enquanto arrumava as velas no aparador. É sempre um elevador de humor decente.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Mas ela sabia que era muito mais do que isso. Sim, o sexo tinha sido incrível - Aldair sabia claramente o que estava fazendo - mas se não estivesse com ele, era tudo o que teria sido. Apenas sexo. Com Aldair, no entanto... ela praticamente sentiu o amor fluindo dele, viu a admiração em seus olhos enquanto ele a olhava.

E ele disse que a amava. Nunca em um milhão de anos ela esperaria que ele se revelasse tanto. Sim, havia coisas terríveis em seu passado, ações e decisões terríveis que ela não podia começar a justificar. Mas o homem que ela amava aqui e agora parecia anos-luz de distância daquela pessoa zangada e vingativa. Talvez seu tempo nos círculos externos tenha temperado essa parte dele, queimou tudo.

Ou talvez tivesse algo a ver com ela, com a maneira como eles interagiram nos últimos dias, fazendo-o pensar em suas escolhas. Jillian gostaria de acreditar que, embora pensasse que a verdadeira mudança tinha vindo de dentro, e não de fora.

— A mesa está pronta, — ela disse enquanto voltava para a cozinha.

— Bom, — ele respondeu. — Pois acabei de selecionar o vinho. Agora podemos sentar e trarei a comida para nós.

Sim, o milagre de seus poderes djinn, levando uma refeição elaborada para a sala de jantar sem esforço mais

CHRISTINE POPE

aparente do que um piscar de olhos. Demorou apenas cerca de tanto tempo assim; Jillian mal se sentou antes que a mesa estivesse cheia de um delicioso assado em uma travessa e um molheira cheio de um líquido escuro e de cheiro rico, com várias tigelas contendo batatas e legumes assados e salada ao redor do prato principal. E pão, também, o cheiro quente e dourado de pães recém-assados, subindo de uma cesta para um lado.

Ainda bem que trabalhei com tantas calorias antes, pensou Jillian, reprimindo um sorriso. Em voz alta, ela disse: — Tudo isso parece incrível.

— Espero que seja comida de conforto suficiente para você.

— Oh, eu tenho certeza disso.

Eles ficaram em silêncio por alguns instantes enquanto Aldair servia a comida, depois abriu a garrafa que ele trouxera e despejou uma medida decente em cada um de seus copos. Quando ele terminou, ele levantou o copo de vinho e disse: — Gostaria de saudar a mulher mais bonita e maravilhosa do mundo.

O sangue correu para suas bochechas. Ela nunca foi tão boa com elogios, especialmente aqueles tão hiperbólicos quanto os elogios que Aldair acabara de fazer. — Bem....

— Eu acho que você é a mulher mais incrível que eu já conheci, e eu vivi muito tempo, — ele interrompeu. — Então eu acho que você deveria adiar o meu julgamento sobre isso.

Com essas palavras, o que ela poderia fazer além de dar de ombros e rir? Afinal, era apenas a verdade... em parte, pelo menos. Aldair viveu muito tempo - mais do que ela provavelmente queria contemplar - e, portanto, é claro que a experiência dele deve ser bastante ampla e variada.

Ela deveria perguntar a ele exatamente quanto tempo ele viveu? Não, qual seria o sentido disso? Ela sabia que ele tinha centenas de anos, possivelmente milhares. Quando a diferença era tão grande, mal contava mais.

— Eu também acho você incrível, — disse ela.

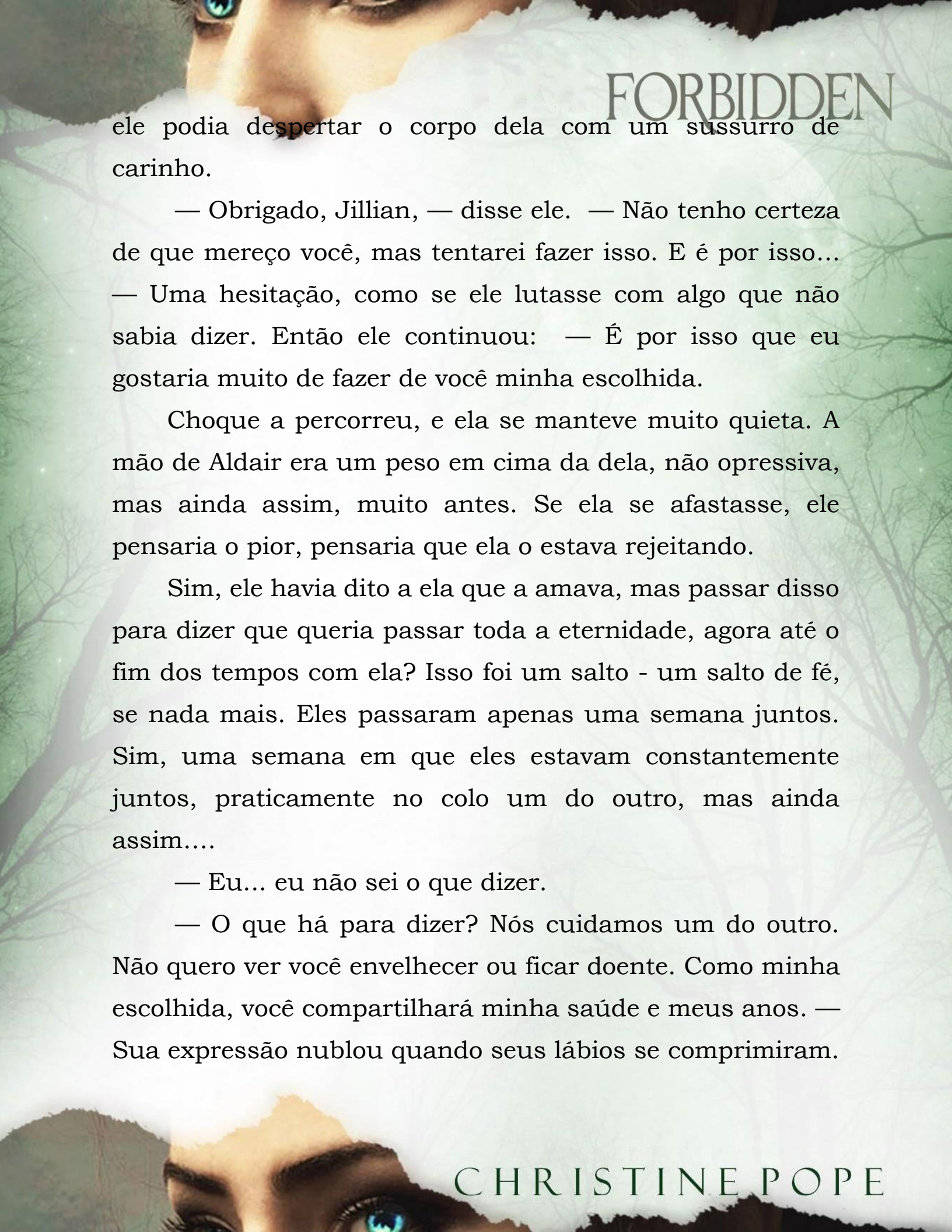
Ele sorriu, mas ela notou como o sorriso não encontrou seus olhos. — Mais incrível do que Jack?

Certamente ele não podia ficar com ciúmes de um homem que estava morto há quase dois anos. Então, novamente, este era Aldair. Ela viu o lado bom dele, viu a paixão e o fogo dentro dele, mas também sabia que a mesma natureza ardente se prestava a extremos de emoção. — Isso não é uma competição, — disse ela gentilmente. — De qualquer forma, eu não perguntei sobre as mulheres que vieram antes de mim.

— Isso é porque elas não significavam nada, algumas horas de paixão, nada mais. — Ele ergueu o copo de vinho e engoliu um pouco do cabernet que continha, mas devagar, como se estivesse avaliando seu sabor. — Mas você era casada com Jack. Eu ouvi você falar muito bem dele. Então é uma coisa muito diferente.

Ela supôs que sim. Mas o que ela sentia por Jack certamente não mudou seus sentimentos por Aldair. — Um homem sábio disse uma vez que as comparações são odiosas. Então, eu não vou começar a comparar vocês dois. Eu amei Jack. Não vou mentir e dizer que não. Mas ele se foi. — Ela teve que parar ali e respirar fundo, porque mesmo agora o pensamento disso doía. Não apenas no sentido do que ela mesma havia perdido, mas do que o mundo havia perdido também. A presença dele seria constante neste mundo pós-morte. — Passei muito tempo pensando que poderia muito bem ter morrido com ele. Você é maravilhoso, Aldair, porque me fez querer viver novamente.

Com essas palavras, um pouco da preocupação deixou seus olhos, e ele largou o copo para poder alcançá-la e colocar a mão em cima da dela. Aqueles dedos eram longos, fortes e quentes, e ao toque deles um pequeno calafrio passou por ela. Sim, ele era incrível, com a maneira como



FORBIDDEN

ele podia despertar o corpo dela com um sussurro de carinho.

— Obrigado, Jillian, — disse ele. — Não tenho certeza de que mereço você, mas tentarei fazer isso. E é por isso... — Uma hesitação, como se ele lutasse com algo que não sabia dizer. Então ele continuou: — É por isso que eu gostaria muito de fazer de você minha escolhida.

Choque a percorreu, e ela se manteve muito quieta. A mão de Aldair era um peso em cima da dela, não opressiva, mas ainda assim, muito antes. Se ela se afastasse, ele pensaria o pior, pensaria que ela o estava rejeitando.

Sim, ele havia dito a ela que a amava, mas passar disso para dizer que queria passar toda a eternidade, agora até o fim dos tempos com ela? Isso foi um salto - um salto de fé, se nada mais. Eles passaram apenas uma semana juntos. Sim, uma semana em que eles estavam constantemente juntos, praticamente no colo um do outro, mas ainda assim....

— Eu... eu não sei o que dizer.

— O que há para dizer? Nós cuidamos um do outro. Não quero ver você envelhecer ou ficar doente. Como minha escolhida, você compartilhará minha saúde e meus anos. — Sua expressão nublou quando seus lábios se comprimiram.

CHRISTINE POPE

— Ou a sua conversa sobre amor foi algo que só surgiu do calor do momento e você teme que isso não possa durar?

— Não, — ela disse em seguida. Ela precisava corrigi-lo quando se tratava dessa noção, não importa o que mais acontecesse. — O que eu disse, o que eu te disse, não é o tipo de coisa que digo levianamente. Apenas um outro homem já ouviu isso de mim, e ele era meu marido.

Algo no conjunto dos ombros de Aldair pareceu relaxar um pouco. — Então não vejo qual é o problema. Não é a juventude eterna e a vida sem fim algo com que os humanos sonham desde o início dos tempos?

Jillian não podia discutir com isso. Exceto... ela nunca foi do tipo que ansiava por mais do que aquilo que lhe fora dado. Seu único sonho era passar uma vida longa e feliz com Jack e que, quando ela passou deste mundo, soube que teve filhos que poderiam continuar depois que ela se fosse. As crianças a haviam negado, assim como a vida que ela sonhara.

Crianças. Ela nem tinha pensado nisso, apanhada no momento em que estava, mas naquele momento percebeu que tinha feito sexo desprotegido com Aldair. Duas vezes. Um tremor a atravessou, mesmo enquanto tentava dizer a si mesma que as chances de engravidar eram bastante remotas, já que seu último período terminou poucos dias

antes do acidente de laboratório que a levou a colidir com Aldair al-Ankara.

— É algo que alguns humanos sonharam, — ela admitiu. — Sempre pensei que uma vida bem vivida era melhor do que uma vida que durava para sempre.

— Bem, agora você pode ter os dois.

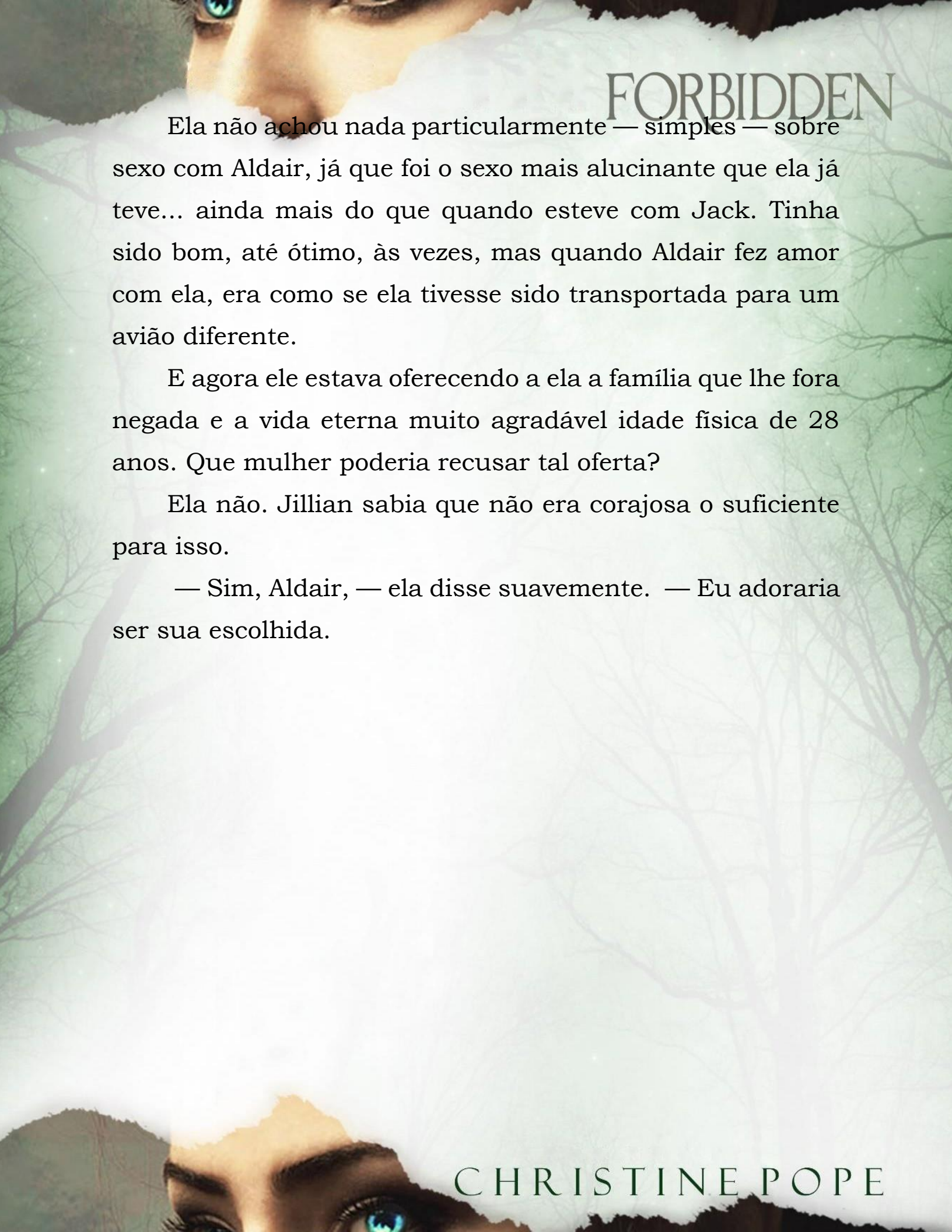
Seria uma vida bem vivida, essa vida que seu djinn lhe ofereceu? Difícil dizer, quando eles moravam aqui como fugitivos. Sim, ela aproveitou parte de seu tempo aqui em Madri, a paz tranquila deste vale, a maneira como ela, Aldair e Patches se tornaram uma família pequena e estranha. Mas ela sabia que o que eles tinham aqui era terrivelmente frágil.

— E uma família? — Ela perguntou. — Você já quis filhos?

Aqueles penetrantes olhos azuis pegaram os dela e seguraram. — Não até agora.

Um calafrio a atravessou. — Então você estaria disposto a ter filhos comigo.

— Quantas você quiser. — Uma das sobrancelhas dele se ergueu em um ângulo irônico, e ele acrescentou: — Não que nós tenhamos iniciado nossa família ainda, caso você esteja se perguntando. Entre os djinn, devemos decidir conscientemente procriar. Até aquele momento, fazer amor é simplesmente isso, prazer compartilhado, nada mais.



FORBIDDEN

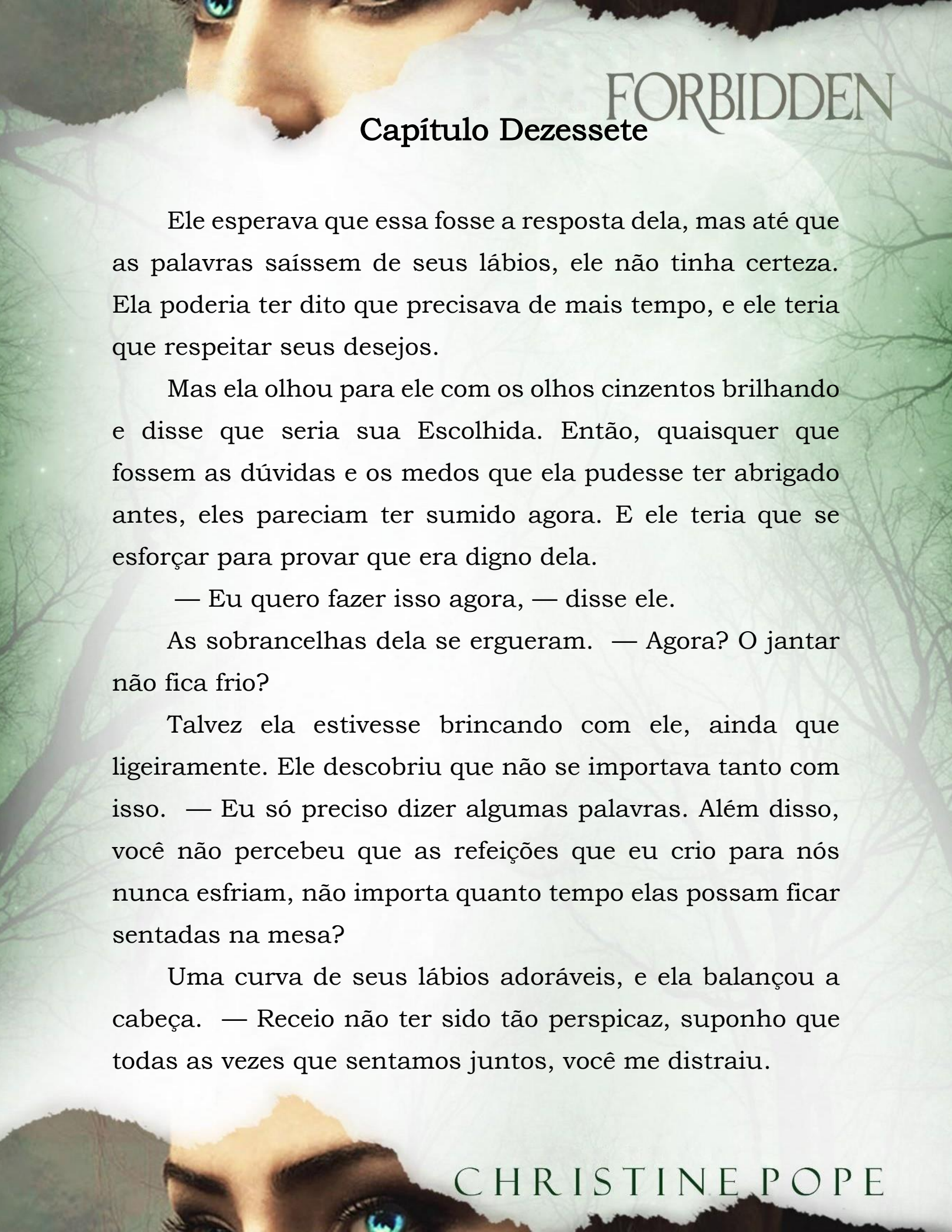
Ela não achou nada particularmente — simples — sobre sexo com Aldair, já que foi o sexo mais alucinante que ela já teve... ainda mais do que quando esteve com Jack. Tinha sido bom, até ótimo, às vezes, mas quando Aldair fez amor com ela, era como se ela tivesse sido transportada para um avião diferente.

E agora ele estava oferecendo a ela a família que lhe fora negada e a vida eterna muito agradável idade física de 28 anos. Que mulher poderia recusar tal oferta?

Ela não. Jillian sabia que não era corajosa o suficiente para isso.

— Sim, Aldair, — ela disse suavemente. — Eu adoraria ser sua escolhida.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Capítulo Dezessete

Ele esperava que essa fosse a resposta dela, mas até que as palavras saíssem de seus lábios, ele não tinha certeza. Ela poderia ter dito que precisava de mais tempo, e ele teria que respeitar seus desejos.

Mas ela olhou para ele com os olhos cinzentos brilhando e disse que seria sua Escolhida. Então, quaisquer que fossem as dúvidas e os medos que ela pudesse ter abrigado antes, eles pareciam ter sumido agora. E ele teria que se esforçar para provar que era digno dela.

— Eu quero fazer isso agora, — disse ele.

As sobrancelhas dela se ergueram. — Agora? O jantar não fica frio?

Talvez ela estivesse brincando com ele, ainda que ligeiramente. Ele descobriu que não se importava tanto com isso. — Eu só preciso dizer algumas palavras. Além disso, você não percebeu que as refeições que eu crio para nós nunca esfriam, não importa quanto tempo elas possam ficar sentadas na mesa?

Uma curva de seus lábios adoráveis, e ela balançou a cabeça. — Receio não ter sido tão perspicaz, suponho que todas as vezes que sentamos juntos, você me distraiu.

CHRISTINE POPE

Ah, bem, ele não podia reclamar disso. — Farei o meu melhor para não a distrair no futuro.

— Não, eu gosto disso. Eu me preocuparia se você não estivesse me distraindo.

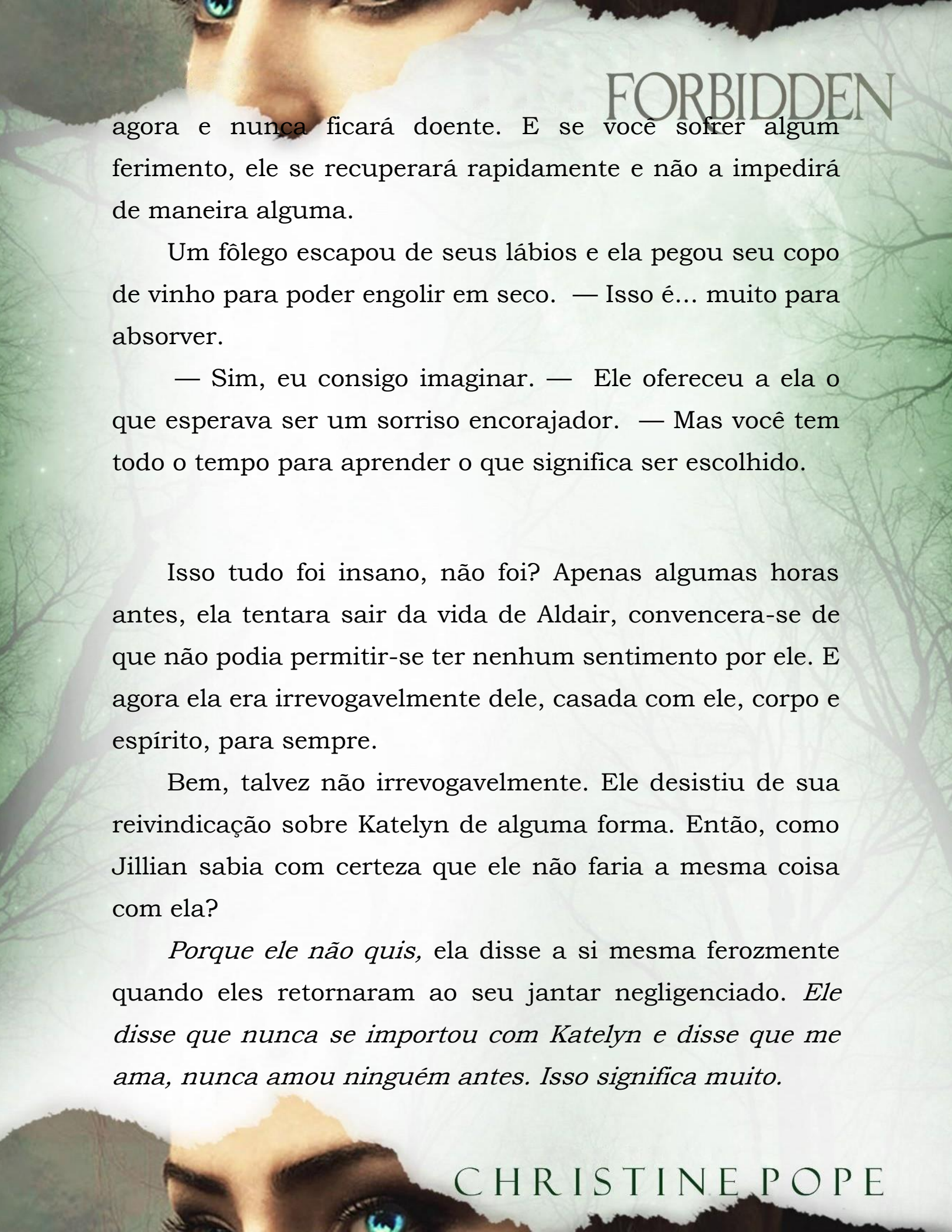
Ele só podia pensar com esse comentário. Mesmo assim, ele não queria ser expulso da pista. Como ele disse a ela, as palavras que a ligariam a ele como sua Escolhida não eram tantas. Ele limpou a garganta, depois encontrou o olhar dela enquanto ele dizia, lenta e deliberadamente. — Eu reivindico esta mulher humana como minha. Jillian Powell será para sempre conhecida como minha Escolhida, e agora estamos unidos por toda a eternidade.

Um pequeno silêncio caiu depois que ele pronunciou essas palavras. Então Jillian disse: — Então... é isso? Agora sou seu escolhido? Devo dizer alguma coisa?

— Não... a ligação de um escolhido é feita pelo djinn. E sim, agora você é escolhido. Já lhe disse, não há tantas palavras envolvidas.

Ela olhou para longe dele e para si mesma, como se esperasse ver alguma mudança material em sua pessoa. — Eu não me sinto diferente.

— Nem você deveria. Mas meu ser agora está vinculado ao seu. Embora você não tenha nenhuma habilidade djinn verdadeira, você nunca terá um dia além da idade que tem



FORBIDDEN

agora e nunca ficará doente. E se você sofrer algum ferimento, ele se recuperará rapidamente e não a impedirá de maneira alguma.

Um fôlego escapou de seus lábios e ela pegou seu copo de vinho para poder engolir em seco. — Isso é... muito para absorver.

— Sim, eu consigo imaginar. — Ele ofereceu a ela o que esperava ser um sorriso encorajador. — Mas você tem todo o tempo para aprender o que significa ser escolhido.

Isso tudo foi insano, não foi? Apenas algumas horas antes, ela tentara sair da vida de Aldair, convencera-se de que não podia permitir-se ter nenhum sentimento por ele. E agora ela era irrevogavelmente dele, casada com ele, corpo e espírito, para sempre.

Bem, talvez não irrevogavelmente. Ele desistiu de sua reivindicação sobre Katelyn de alguma forma. Então, como Jillian sabia com certeza que ele não faria a mesma coisa com ela?

Porque ele não quis, ela disse a si mesma ferozmente quando eles retornaram ao seu jantar negligenciado. *Ele disse que nunca se importou com Katelyn e disse que me ama, nunca amou ninguém antes. Isso significa muito.*

CHRISTINE POPE

Ela o observou por baixo dos cílios enquanto ele comia. Quão bonito ele era. Mas era mais do que aquelas boas aparências ridículas - ela agora via algo relaxado nele, como se ele estivesse segurando uma certa tensão desde que chegaram aqui a Madri, e agora ele poderia finalmente deixar para lá.

Embora talvez não o caminho todo. Seus pensamentos voltaram ao que ela estava pensando mais cedo. Sim, ela estava ligada a ele agora, mas a alteração no relacionamento deles não mudou o fato de que ele ainda era, para todos os efeitos, um fugitivo da justiça. Talvez o djinn de Santa Fe nunca os encontrasse, escondido aqui em Madri..., mas e se eles o encontrassem?

— Você está muito quieta, meu amor, — disse Aldair então.

— Eu estou? Apenas processando, eu acho. — Ela largou o pedaço de rolo que segurava e olhou para ele do outro lado da mesa. — Acho que estou preocupada.

— Preocupada? Não lhe assegurei que você é a única mulher no mundo para mim?

Apesar de sua ansiedade, Jillian não conseguiu conter o calor que a inundou com suas palavras. Ele parecia tão seguro de si, tão seguro dela, como se o amor e a felicidade

deles fossem um fato tão irrefutável que ele ficou levemente surpreso por ela ter qualquer dúvida.

— Não, não foi isso que eu quis dizer. É só que... — ela hesitou, olhando na direção da janela. A noite já havia caído, mas ela sabia que olhava mais ou menos para o norte, em direção a Santa Fé. — É que eles estão fora do mercado. O djinn de Santa Fe, quero dizer. Não posso deixar de me preocupar com o que acontecerá se eles nos encontrarem.

— Eles não vão, — disse ele calmamente, embora ela não tenha perdido o brilho de seus olhos em direção à janela, como se algo de sua ansiedade tivesse se comunicado a ele. — Embora eles tenham algum espaço para percorrer seu território, eles não chegariam tão longe. Ninguém vai nos encontrar.

— Nem mesmo um dos outros djinn? — Ela perguntou. Embora nunca os tivesse visto em ação, ouvira histórias de como eram os céus acima de Taos quando ferviam com djinn zangado, aqueles que juraram livrar a terra de qualquer humano que não fosse escolhido.

Desta vez, Aldair não respondeu imediatamente. Os dedos dele apertaram a haste do copo de vinho, com tanta força que Jillian se preocupou que ele pudesse quebrá-lo em dois. De alguma forma, porém, o vidro frágil não cedeu. Com a mandíbula apertada, ele respondeu: — Eles não têm

motivos para vir aqui. Está claro que todos nesta cidade morreram no Heat, e certamente não há nada que valha a pena saquear.

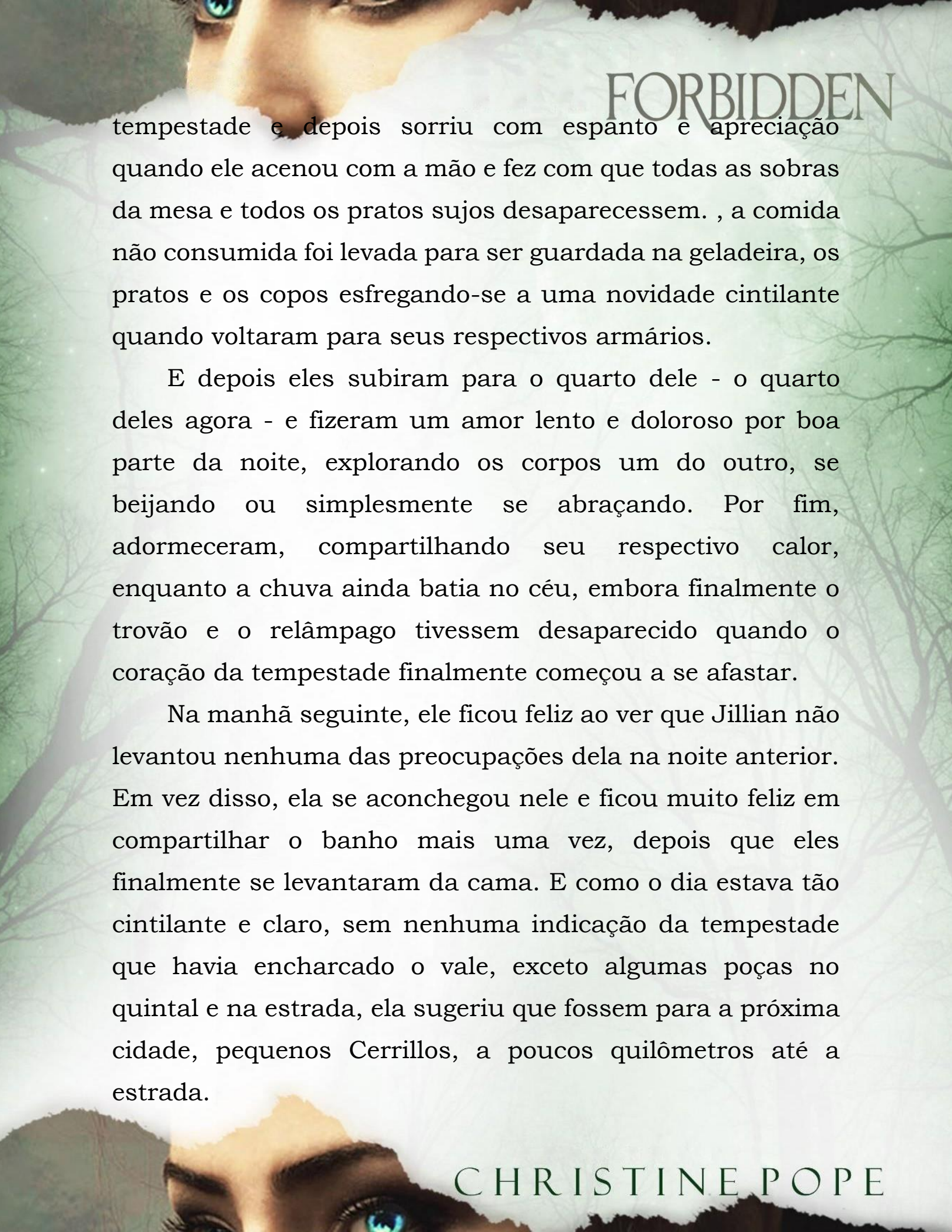
Bem, exceto dezenas de milhares de dólares em joias nativas americanas nas várias lojas. Mas ela supôs que, se aqueles djinn assassinos de repente quisessem começar a usar turquesa, eles poderiam fazê-lo nas boutiques e lojas muito maiores de Albuquerque. — Você tem certeza? — Ela perguntou.

— Positivo, — disse ele, estendendo a mão livre para que pudesse derramar mais vinho no copo dela.

Ela desejou que suas palavras a tivessem tranquilizado. Infelizmente, ela pegou outro daqueles olhares furtivos em direção à janela e pensou que ele poderia estar tão preocupado quanto ela.

O problema era que ela não sabia o que os dois podiam fazer sobre isso.

Aldair não permitiria que as preocupações de Jillian o perturbassem. Agora não, quando eles acabaram de descobrir a alegria de estar nos braços um do outro. Pelo menos ela não apresentou mais argumentos, terminou o jantar enquanto especulavam quanto tempo duraria a

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a white, torn-paper-like border. The background is a soft green with faint, dark green silhouettes of trees or foliage. The title 'FORBIDDEN' is written in a large, serif font at the top right, and the author's name 'CHRISTINE POPE' is at the bottom right.

FORBIDDEN

tempestade e depois sorriu com espanto e apreciação quando ele acenou com a mão e fez com que todas as sobras da mesa e todos os pratos sujos desaparecessem. , a comida não consumida foi levada para ser guardada na geladeira, os pratos e os copos esfregando-se a uma novidade cintilante quando voltaram para seus respectivos armários.

E depois eles subiram para o quarto dele - o quarto deles agora - e fizeram um amor lento e doloroso por boa parte da noite, explorando os corpos um do outro, se beijando ou simplesmente se abraçando. Por fim, adormeceram, compartilhando seu respectivo calor, enquanto a chuva ainda batia no céu, embora finalmente o trovão e o relâmpago tivessem desaparecido quando o coração da tempestade finalmente começou a se afastar.

Na manhã seguinte, ele ficou feliz ao ver que Jillian não levantou nenhuma das preocupações dela na noite anterior. Em vez disso, ela se aconchegou nele e ficou muito feliz em compartilhar o banho mais uma vez, depois que eles finalmente se levantaram da cama. E como o dia estava tão cintilante e claro, sem nenhuma indicação da tempestade que havia encharcado o vale, exceto algumas poças no quintal e na estrada, ela sugeriu que fossem para a próxima cidade, pequenos Cerrillos, a poucos quilômetros até a estrada.

CHRISTINE POPE

— Certamente isso será seguro o suficiente, não é? —

Ela perguntou.

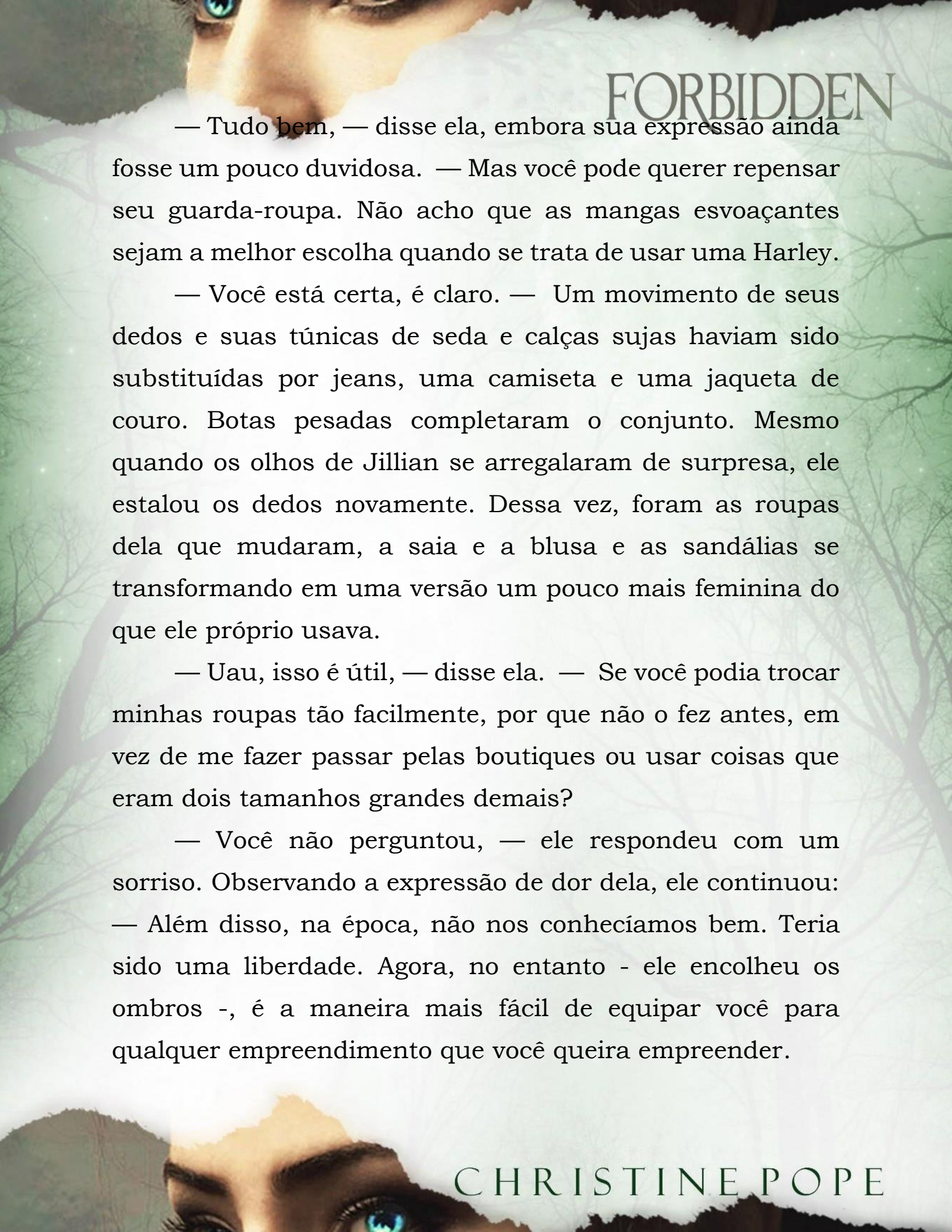
— É claro, — ele disse suavemente. — Eu fui lá no início da semana. Não há muito a ser visto, mas uma mudança de cenário - pelo menos uma tão próxima - não deve ser um problema.

Para diverti-la, e porque ele achava que também poderia gostar da novidade, ele encontrou uma motocicleta mais antiga, mas bem conservada, no anexo de uma das casas. A bateria estava descarregada há muito tempo, mas um djinn sempre podia fornecer a carga necessária. A Harley-Davidson rugiu à vida enquanto Jillian observava com os olhos arregalados.

— Você realmente sabe montar uma dessas coisas? — Ela perguntou.

— Sim, — ele disse, o que não era mais que a verdade. Um djinn poderia fazer muitas coisas para se divertir ao visitar este mundo - jantando em bons restaurantes, indo à sinfonia. Ou dirigindo carros velozes ou andando de moto. Tudo dependia de como alguém queria se desviar. Já fazia algum tempo desde que ele o fizera, mas sabia que não havia esquecido.

Um djinn nunca se esqueceu.



FORBIDDEN

— Tudo bem, — disse ela, embora sua expressão ainda fosse um pouco duvidosa. — Mas você pode querer repensar seu guarda-roupa. Não acho que as mangas esvoaçantes sejam a melhor escolha quando se trata de usar uma Harley.

— Você está certa, é claro. — Um movimento de seus dedos e suas túnicas de seda e calças sujas haviam sido substituídas por jeans, uma camiseta e uma jaqueta de couro. Botas pesadas completaram o conjunto. Mesmo quando os olhos de Jillian se arregalaram de surpresa, ele estalou os dedos novamente. Dessa vez, foram as roupas dela que mudaram, a saia e a blusa e as sandálias se transformando em uma versão um pouco mais feminina do que ele próprio usava.

— Uau, isso é útil, — disse ela. — Se você podia trocar minhas roupas tão facilmente, por que não o fez antes, em vez de me fazer passar pelas boutiques ou usar coisas que eram dois tamanhos grandes demais?

— Você não perguntou, — ele respondeu com um sorriso. Observando a expressão de dor dela, ele continuou: — Além disso, na época, não nos conhecíamos bem. Teria sido uma liberdade. Agora, no entanto - ele encolheu os ombros -, é a maneira mais fácil de equipar você para qualquer empreendimento que você queira empreender.

CHRISTINE POPE

— Suponho que posso ver isso. — Os olhos dela assumiram um certo brilho. — De qualquer forma, enquanto eu gosto de suas roupas de djinn, tenho que dizer que você está muito bem nessa jaqueta de couro.

Sua admiração aberta o agradou. Ele sempre achou as roupas humanas bastante desagradáveis, mas se Jillian preferia elas, achava que poderia usar jeans algumas vezes por semana. A jaqueta era outra questão. Necessário para o passeio, já que até um djinn pode ser ferido por uma queda de uma motocicleta, embora o processo de cicatrização seja sobrenaturalmente rápido. Mas ele tinha que admitir que, com o sol brilhante de setembro brilhando no alto, o couro grosso estava bastante quente.

Se Jillian estava igualmente desconfortável, ela não fez nenhuma menção a isso. Ela subiu um pouco sem jeito no banco atrás dele, sem dizer nada. Talvez ela nunca tivesse andado de moto antes. Pelo que ela disse sobre seu falecido marido, ele não parecia exatamente o tipo de pessoa que possui ou monta uma.

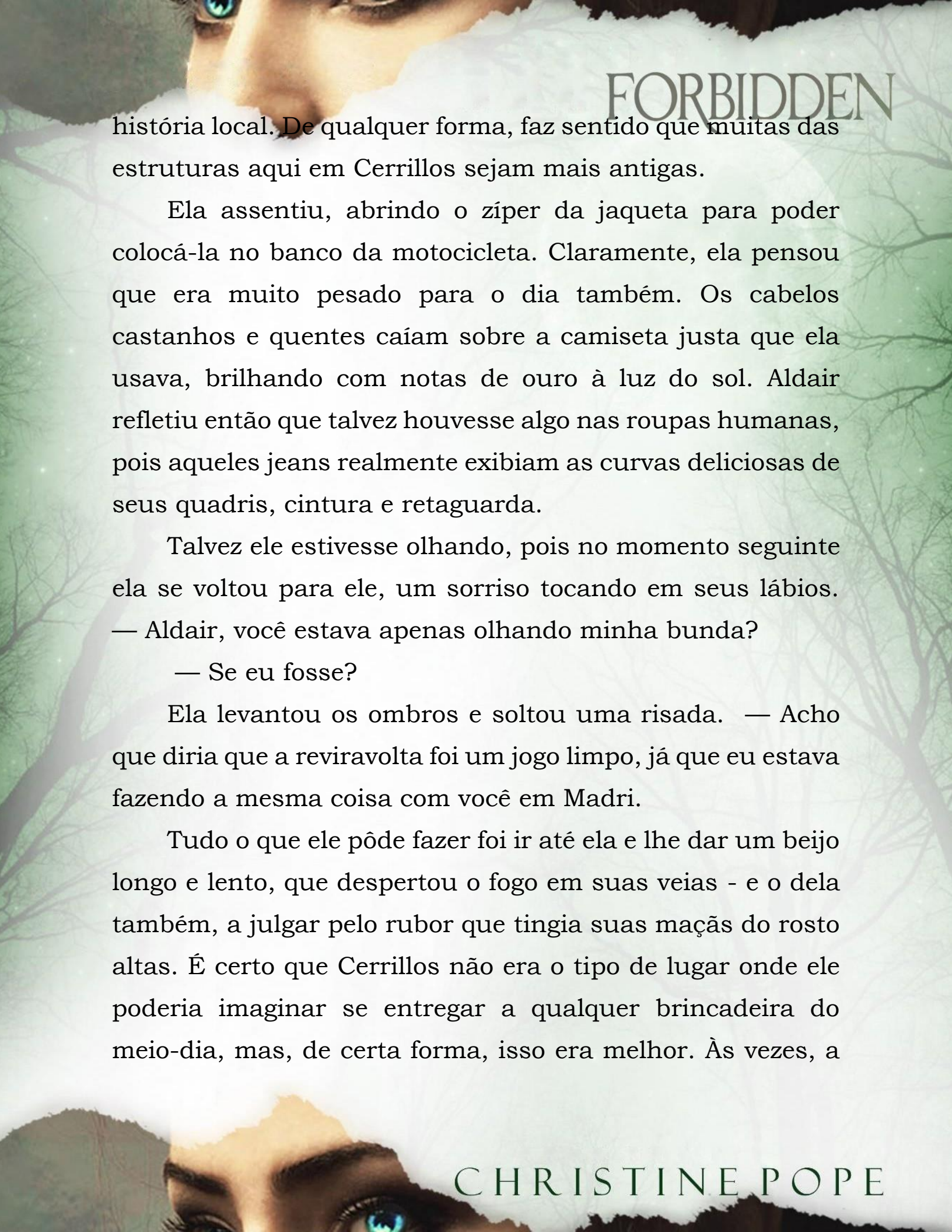
Quando Aldair ajustou o acelerador e mudou de marcha, ela soltou um pequeno suspiro animado. Eles não podiam andar muito rápido aqui na cidade, não com esta parte da estrada 14 ainda asfixiada com veículos abandonados. No entanto, não demorou muito tempo para

entrar e sair dos aglomerados de carros e utilitários esportivos, e em poucos minutos, eles estavam seguindo a estrada em velocidades altas o suficiente para que ele pudesse sentir os braços de Jillian apertando ainda mais sua cintura, a bochecha dela pressionou seu ombro enquanto eles seguiam as curvas da estrada até a saída de Cerrillos.

A última vez que ele veio aqui, ele voou à moda djinn, mas a viagem também não demorou muito tempo sobre duas rodas. Em apenas alguns minutos, eles estavam se movendo lentamente pela pequena estrada pavimentada do vilarejo, passando por antigas casas de adobe com paredes de dois metros de espessura. Aldair viu um lugar provável para estacionar a Harley- Davidson sob um par de árvores de algodão, e então parou ali para que Jillian pudesse descer e dar uma olhada ao redor.

O que ela fez, olhos arregalados. — Parece tão velho, — disse ela finalmente. — Quero dizer, sei que Madri é antiga, mas isso parece ainda mais antiga.

— Acredito que seja, ou parte dela, qualquer taxa. A turquesa foi extraída aqui muito antes de começarem a tirar carvão das encostas acima de Madri. — Jillian lançou lhe um olhar surpreso com esse comentário e acrescentou: — Estive lendo alguns dos livros das lojas de presentes, os da



FORBIDDEN

história local. De qualquer forma, faz sentido que muitas das estruturas aqui em Cerrillos sejam mais antigas.

Ela assentiu, abrindo o zíper da jaqueta para poder colocá-la no banco da motocicleta. Claramente, ela pensou que era muito pesado para o dia também. Os cabelos castanhos e quentes caíam sobre a camiseta justa que ela usava, brilhando com notas de ouro à luz do sol. Aldair refletiu então que talvez houvesse algo nas roupas humanas, pois aqueles jeans realmente exibiam as curvas deliciosas de seus quadris, cintura e retaguarda.

Talvez ele estivesse olhando, pois no momento seguinte ela se voltou para ele, um sorriso tocando em seus lábios. — Aldair, você estava apenas olhando minha bunda?

— Se eu fosse?

Ela levantou os ombros e soltou uma risada. — Acho que diria que a reviravolta foi um jogo limpo, já que eu estava fazendo a mesma coisa com você em Madri.

Tudo o que ele pôde fazer foi ir até ela e lhe dar um beijo longo e lento, que despertou o fogo em suas veias - e o dela também, a julgar pelo rubor que tingia suas maçãs do rosto altas. É certo que Cerrillos não era o tipo de lugar onde ele poderia imaginar se entregar a qualquer brincadeira do meio-dia, mas, de certa forma, isso era melhor. Às vezes, a

CHRISTINE POPE

queima lenta e longa era muito mais agradável, mesmo que isso significasse algum desconforto nesse meio tempo.

Jillian se afastou quando o beijo terminou, depois olhou em volta novamente. — Então qual é o plano?

— Nenhum plano real, — ele admitiu. — Embora eu tenha visto um lugar na periferia da cidade por onde um riacho fluía, árvores e sombra. Depois das chuvas da noite passada, o riacho deve estar fluindo bem.

— Soa amável. Vamos.

O lugar que ele descrevera não estava a um quarto de milha de onde eles estavam, perto o suficiente para que eles caminhassem até lá sob seu próprio poder, a irritavam do que piscar à moda djinn. Ao passarem sob os enormes choupos que pairavam sobre o riacho, Jillian soltou um suspiro.

— Oh, isso é legal. O sol está lindo hoje, mas está começando a ficar um pouco quente.

— E foi por isso que propus este local. Olha, lá é um bom lugar para se sentar.

E era um galho baixo e horizontal, robusto o suficiente para suportar o peso deles. A apenas alguns metros, o riacho batia dentro de suas margens, a água fluindo rapidamente por causa do escoamento das chuvas de ontem. Aldair não sabia onde sua fonte poderia estar; ele só sabia que estava feliz com a presença dele naquele dia quente de fim de verão.

Jillian se acomodou no galho, e Aldair sentou-se ao lado dela. Nenhum dos dois disse nada por um momento, embora ele estendeu a mão para que ela pudesse entrelaçar os dedos com os dele, depois apoiou a cabeça no ombro dele.

Ah, sim, foi uma boa ideia. Parecia protegido e seguro aqui, ainda mais escondido do mundo do que a pequena Madri. O ar frio tocou sua bochecha e brincou com os cabelos na parte de trás do pescoço, e ele se permitiu suspirar.

— Como você encontrou este lugar, afinal? — Jillian perguntou.

— Quando eu estava explorando a paisagem local. Era fácil ver o próprio Cerrillos, mas então notei a linha das árvores e percebi que devia haver um riacho aqui. Naquele dia estava seco, porque não chovia há algum tempo, mas pensei que as árvores por si só proporcionariam uma boa pausa do calor. — Ele apertou os dedos nos dela, apenas um pouco, o suficiente para mostrar que achava que suas próximas palavras eram importantes. — Meu amor, já nos saímos bem em Madri e, no entanto, não posso deixar de pensar que talvez devamos discutir sobre seguir em frente.

— 'Se movendo'? — Ela repetiu e levantou a cabeça do ombro dele. — Mas Madri está seguro. Para onde iríamos?

— Ontem, encontrei uma casa em Albuquerque.

— Albuquerque? Isso não tornaria mais fácil para os outros djinn nos encontrarem?

— Não necessariamente. Eu não conseguia sentir nenhum djinn na cidade, nem humanos. Parecia que poderia ter havido alguém do meu tipo uma vez, mas agora o lugar parece totalmente deserto. Se tivesse sido abandonado pelos djinn, eles não teriam motivos para voltar para lá. O que a torna uma escolha muito boa para nós.

Jillian não respondeu. Ela olhou para longe dele, para os choupos de ambos os lados, as flores roxas pálidas e brancas que cresciam na base de seus troncos. — Você não gosta daqui?

Esse era o menor traço de decepção em sua voz? Possivelmente. Ele podia ver por que ela poderia ter se apegado à casa de Madri. Afinal, foi onde eles haviam explorado sua atração um pelo outro. Mas ele esperava que ela entendesse que uma alternativa muito melhor os esperava em Albuquerque.

— Não é uma questão de gostar, precisamente, — respondeu ele, escolhendo suas palavras com cuidado. — A casa em que vivemos nos serviu bem. Mas não é tão grande assim, na verdade. Você parece querer ter uma família. Superaríamos rapidamente o local se tivéssemos mais de um ou dois filhos.

As sobrancelhas dela se ergueram. — Em quantos você estava planejando?

Ele não pôde deixar de rir. — Apenas quantos você quiser, meu amor. Se esse for apenas um, ficarei feliz. Se são seis ou sete, bem... — ele fez uma pausa e lançou lhe um sorriso malicioso - — então acho que vou conseguir de alguma forma.

— Isso é um pouco demais, até para mim. Eu digo que começamos com um e depois partimos de lá. — Ela usava uma expressão divertida até aquele momento, mas desapareceu um pouco. — Mas não será difícil ter um filho sem hospital, sem ninguém para ajudar?

— Teria sido, — respondeu Aldair. Ele entendeu a preocupação dela, mas a situação não era nada que deveria preocupá-la. — Mas lembre-se, agora você tem o dom de um djinn de curar. O parto de um de nós não é nada parecido com o que seria para um mortal. Ou seja, suponho que o processo real seja mais ou menos o mesmo, mas com muito menos dor e uma recuperação muito mais curta.

— Isso é bom. — Mas, embora as palavras de Jillian indicassem que ela deveria ter ficado aliviada, ela ainda parecia perturbada.

— O que foi?

— Eu... — Ela se curvou e pegou uma das muitas flores roxas e girou-a entre os dedos. — Isso é realmente sábio? Para criar nossos filhos sem mais ninguém por perto. O que aconteceria com eles quando tivessem idade suficiente para realmente entender seu isolamento? Parece egoísta impedi-los de ter qualquer interação com os outros.

Embora Aldair não pudesse culpá-la por ter essas dúvidas, ele também pensou que talvez estivesse emprestando problemas que podem não ocorrer por várias décadas. — Meus pecados são meus, não deles. Quando chegasse a hora, eles poderiam sair para o mundo, seja o mundo dos djinn em Santa Fe, ou talvez o seu próprio povo em Los Alamos, se nessa época Miles Odekirk finalmente tivesse criado um dispositivo que não afetaria adversamente os djinn uma vez, eles estavam dentro de sua barreira. Porque eu vou estar ajudando a criá-los, eles ainda entrarão em seus poderes de djinn, mesmo que sejam de metade do sangue. Então essa será sua escolha, suponho.

— Eu suponho, — ela ecoou, depois olhou para ele e conseguiu dar um sorriso torto. — E suponho que estou me adiantando. Por que você não me mostra esta casa em Albuquerque? Se você realmente acha que é seguro — - ela acrescentou.

— Eu sei que é seguro. Não há djinn na área, e não tenho motivos para acreditar que haverá. Este mundo é vasto e existem - se você me perdoar - outros lugares que seriam muito mais atraentes.

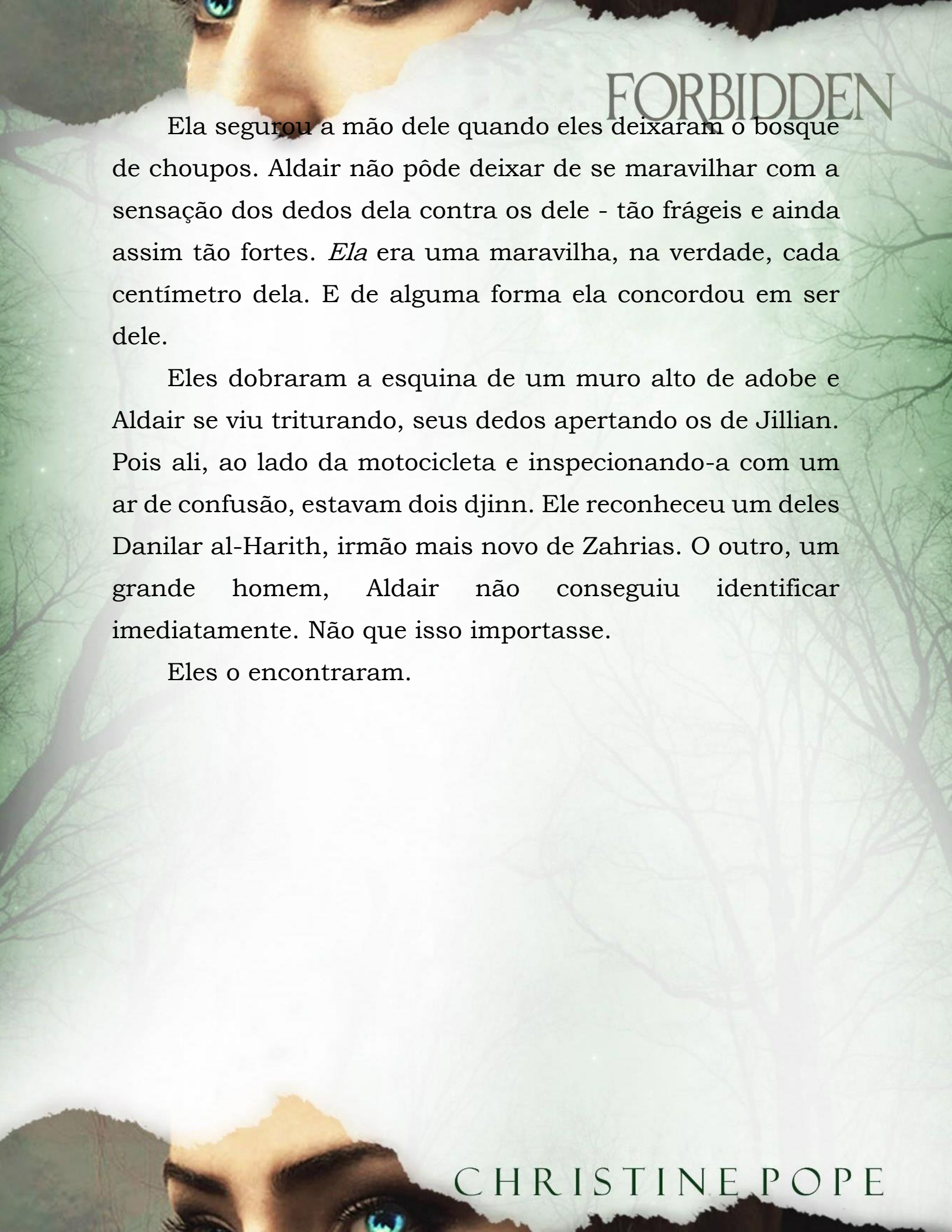
Pela maneira como sua boca se apertou, parecia que ela não estava muito satisfeita com essa aparente negligência em sua antiga cidade natal. No entanto, ela apenas deu de ombros e disse: — Suponho que sim. Quero dizer, se eu tivesse todo o mundo para escolher, provavelmente iria querer um lugar na praia ou no prado da montanha. Então, eu acredito em você quando você diz que nenhum outro djinn se estabeleceu em Albuquerque.

Aliviado, Aldair se afastou do galho onde estavam sentados e estendeu a mão para Jillian, para que ela pudesse descer também. — Vamos levar a motocicleta de volta a Madri e depois podemos ir a Albuquerque.

— O que, você não pode simplesmente 'piscar' lá, junto com nós dois?

— Eu poderia, mas é um objeto grande e pesado. Além disso, a estrada que leva à casa que encontrei é íngreme e coberta de cascalho. A moto pode dar um jeito, mas acho melhor deixá-la para trás.

— Faz sentido.



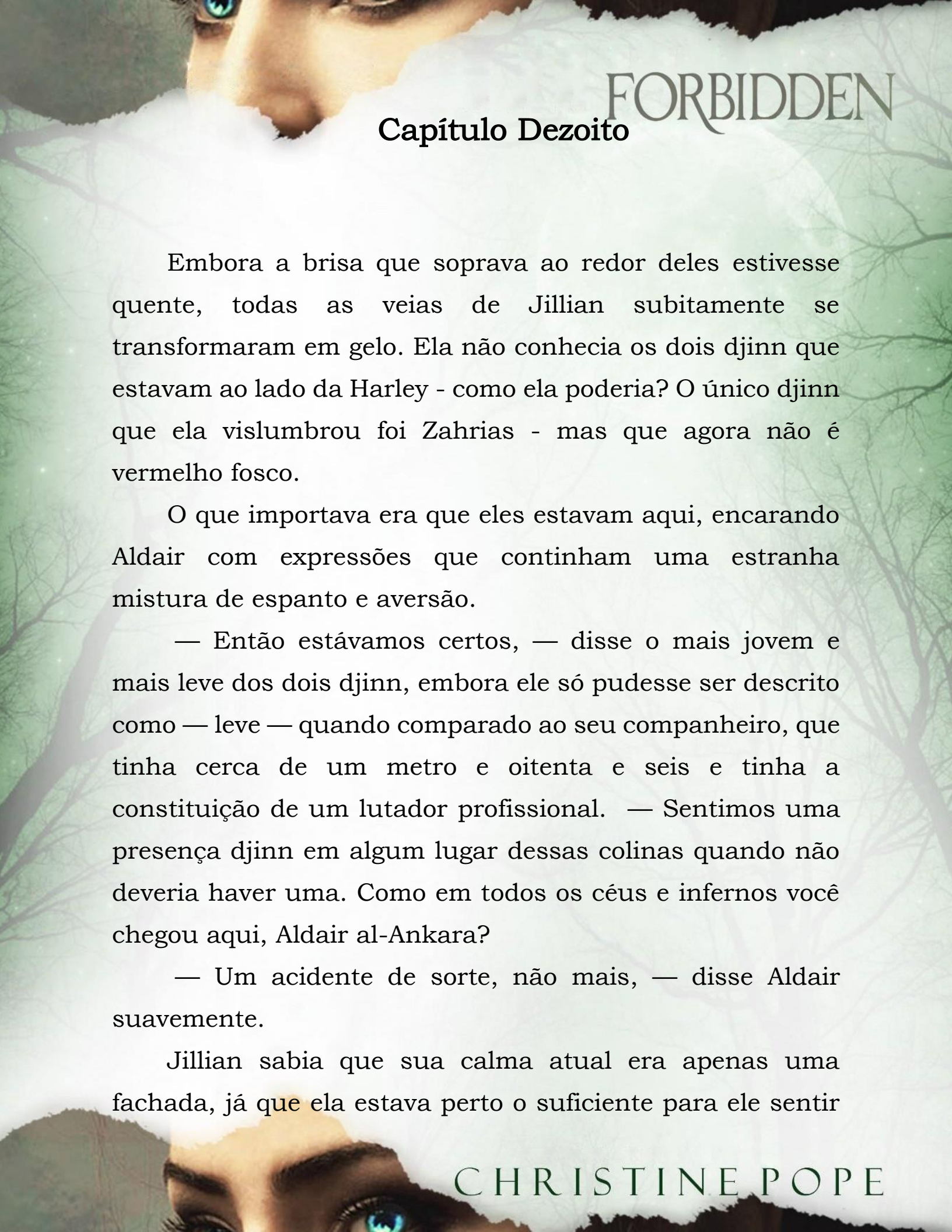
FORBIDDEN

Ela segurou a mão dele quando eles deixaram o bosque de choupos. Aldair não pôde deixar de se maravilhar com a sensação dos dedos dela contra os dele - tão frágeis e ainda assim tão fortes. *Ela* era uma maravilha, na verdade, cada centímetro dela. E de alguma forma ela concordou em ser dele.

Eles dobraram a esquina de um muro alto de adobe e Aldair se viu triturando, seus dedos apertando os de Jillian. Pois ali, ao lado da motocicleta e inspecionando-a com um ar de confusão, estavam dois djinn. Ele reconheceu um deles Danilar al-Harith, irmão mais novo de Zahrias. O outro, um grande homem, Aldair não conseguiu identificar imediatamente. Não que isso importasse.

Eles o encontraram.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Capítulo Dezoito

Embora a brisa que soprava ao redor deles estivesse quente, todas as veias de Jillian subitamente se transformaram em gelo. Ela não conhecia os dois djinn que estavam ao lado da Harley - como ela poderia? O único djinn que ela vislumbrou foi Zahrias - mas que agora não é vermelho fosco.

O que importava era que eles estavam aqui, encarando Aldair com expressões que continham uma estranha mistura de espanto e aversão.

— Então estávamos certos, — disse o mais jovem e mais leve dos dois djinn, embora ele só pudesse ser descrito como — leve — quando comparado ao seu companheiro, que tinha cerca de um metro e oitenta e seis e tinha a constituição de um lutador profissional. — Sentimos uma presença djinn em algum lugar dessas colinas quando não deveria haver uma. Como em todos os céus e infernos você chegou aqui, Aldair al-Ankara?

— Um acidente de sorte, não mais, — disse Aldair suavemente.

Jillian sabia que sua calma atual era apenas uma fachada, já que ela estava perto o suficiente para ele sentir

CHRISTINE POPE

o quão tenso ele realmente era enrolado como uma mola de relógio. O que ele faria? Ele era forte o suficiente para superar os dois djinn que o enfrentavam? Ela não viu como, não quando o homem parecia grande o suficiente para colocar Aldair através de uma parede, mesmo que os poderes dos djinn não estivessem envolvidos.

— Você quebrou seu exílio, — continuou o djinn. — Você não pode estar aqui.

— Estou machucando alguém? — Aldair voltou. Seu tom ainda era enganosamente suave, mas um músculo trabalhava em sua bochecha. — Eu fiz alguma coisa para atrapalhar suas vidas em Santa Fe?

Os dois djinn se entreolharam. Pela primeira vez, o maior falou. — Isso não importa. O banimento é eterno. Você ainda tem muito a responder, Aldair.

— Responder a quem, Murrah al-Tayyar?.

— Para meu irmão, antes de tudo, — disse o djinn mais baixo. — Mas tenho certeza que os anciãos também desejam ouvir isso.

As mãos de Aldair se fecharam em punhos. O vento ao redor deles aumentou, girando como um demônio da poeira implorando para se mover em direção aos dois djinn. Ao mesmo tempo, o chão roncou, com tanta força que Jillian

quase perdeu o equilíbrio. Ela tropeçou e Aldair a segurou pelo pulso antes que ela pudesse cair.

— Você não pode lutar contra nós dois, — continuou o djinn. Pela primeira vez, seu olhar se voltou para Jillian antes de retornar a Aldair. — E você realmente quer ver algum mal a sua mulher?

O aperto dele no pulso dela era tão forte que em outra ocasião, ela poderia ter protestado. Agora, porém, ela sabia que ele se agarrava a ela assim porque tinha medo do que poderia acontecer se deixasse ir.

— Você a deixará em paz, — Aldair disse, seu olhar tão feroz que ele poderia estar disparando raios laser azuis daqueles olhos.

— E nós vamos, — disse o djinn. — Se você vier conosco. Caso contrário, não posso responder pelo que pode acontecer se tivermos de exercer força indevida para subjugá-lo.

Por um longo momento, Aldair não respondeu. Um tremor o atravessou, mas um tão leve que Jillian não achou que o outro djinn pudesse ter notado. A única razão que ela fez foi que ela e Aldair estavam tão perto.

Por fim, ele soltou o braço dela e deu um passo à frente. — Muito bem. Leve-me se for necessário, mas deixe-a de fora.

— Não! — Jillian explodiu. Ela tentou avançar para poder ficar ao lado dele, mas era como bater em uma parede invisível. O djinn que estava falando a maior parte do tempo deve ter implantado algo como o campo de força que Aldair usara naquela noite, quando ela tentou sair da sala de jantar. Furiosa, ela continuou: — Você não pode fazer isso. Ele... — E então ela se conteve. Ela estava prestes a dizer: *Ele não fez nada de errado*. Mas ele tinha. Não para ela. Mas para o seu próprio povo.

Claramente, eles não o perdoaram.

O djinn menor lançou lhe um olhar que era quase pena. — Me desculpe. Mas ele deve vir conosco.

Um turbilhão de vento, outro estrondo da terra sob seus pés, e então os três se foram - os dois djinn desconhecidos, Aldair. Algumas folhas de algodão amarelado caíram para baixo, claramente perturbadas pela passagem dos elementais.

E Jillian estava sozinha.

Aldair não conhecia esta casa. Como ele pôde, quando rompeu com Zahrias al-Harith e seu povo, antes de virem morar aqui em Santa Fé? Por seu tamanho e opulência

discreta, no entanto, Aldair imaginou que esse deveria ser o lar de Zahrias.

Ele também não conhecia a mulher loira incrivelmente bonita que estava ao lado de Zahrias, mas ele imaginou que ela devia ser Julia Innes, a mortal Zahrias havia tomado como sua Escolhida. Ela ficou ao lado de seu parceiro, mas não falou, como se soubesse que isso era problema dos djinn e não deveria interromper.

O líder do djinn de Santa Fe usava uma carranca assustadora enquanto olhava para o cativo diante dele. De um lado, estava seu irmão Danilar, juntamente com Murrah al-Tayyar, que aparentemente havia ficado para trás, para o caso de qualquer força bruta ser necessária para subjugar o prisioneiro.

— Aldair al-Ankara, — disse Zahrias pesadamente. — Eu nunca pensei em colocar os olhos em você novamente.

— Eu mantive a mesma crença, — Aldair retornou.

Essa resposta parecia fazer pouco para divertir o outro djinn. Sua sobrancelha se enrugou ainda mais e ele cruzou os braços. — Como isso aconteceu? E com quem foi aquela mulher que meu irmão e Murrah encontraram você?

— Deixe-a fora disso, — disse Aldair imediatamente. Se ele deve ser enviado de volta ao exílio, que assim seja, mas

ele não suportava o pensamento de Jillian ser vítima do senso de justiça de Zahrias.

— Não tenho motivos para trazê-la, a menos que você me diga o contrário.

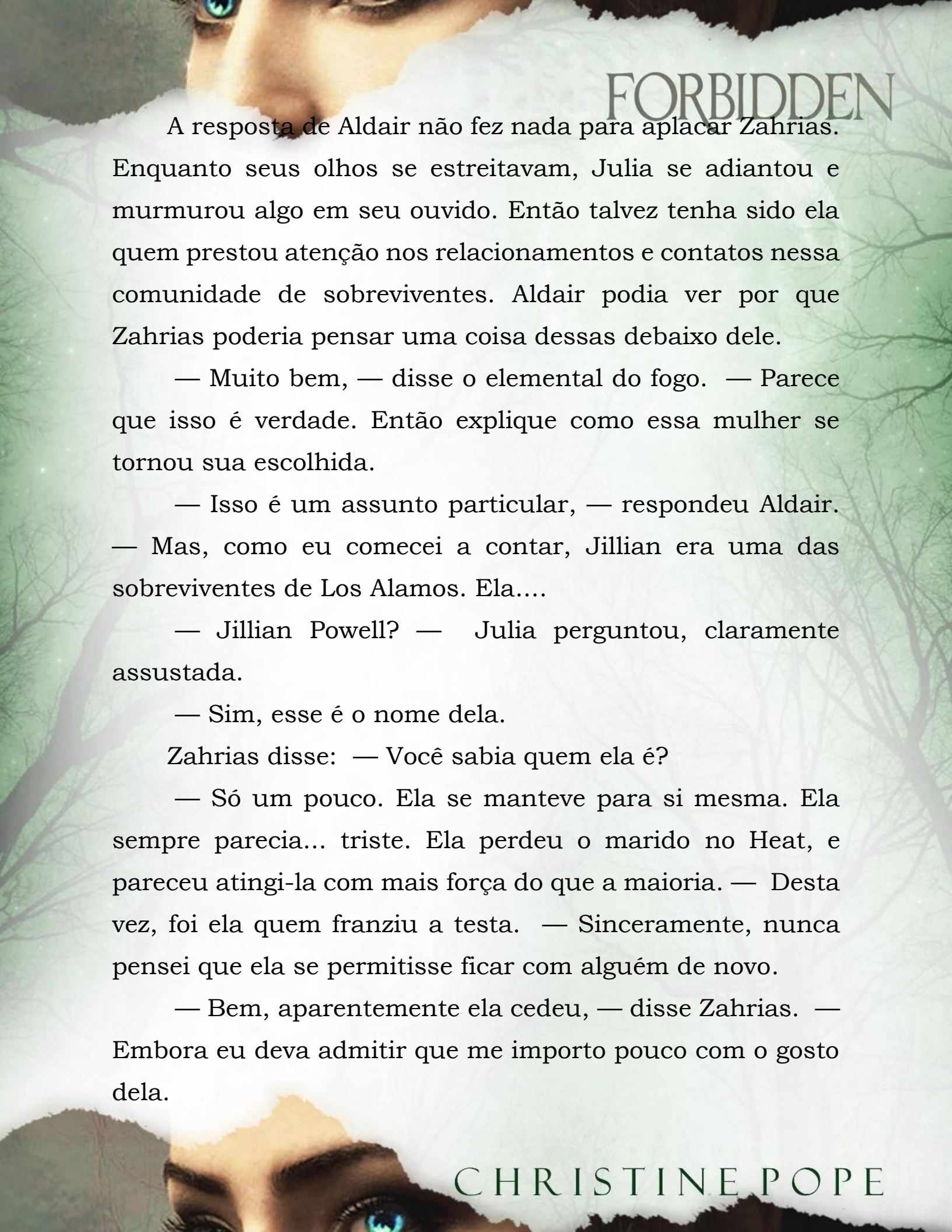
Quanto ele deveria contar a Zahrias? Pois Aldair desejava proteger Jillian, mas, ao mesmo tempo, talvez se ele explicasse que não havia feito nada errado, que seu retorno a este mundo foi apenas por mero acidente e não por suas próprias maquinações, ele seria capaz de fazer um apelo credível a alguns tipos de clemência.

Uma chance muito pequena disso, mas ele teria que tentar.

— É por causa dela que eu estou aqui, — disse ele. — Ela é uma das sobreviventes da comunidade de Los Alamos. Ou melhor, ela era. Agora ela é minha escolhida.

Essa revelação fez os olhos escuros de Zahrias brilharem, e chamas brilhavam dentro e fora de estar ao seu redor, ecoando sua raiva. — Você não tinha o direito de fazer uma coisa dessas. Você teve um escolhido.

— Quem não está mais ligado a mim, — Aldair interrompeu. — Na verdade, ela está com o líder da comunidade de Los Alamos. Estou surpreso que você não sabia disso, considerando o quão aparentemente você trabalha com eles agora.



FORBIDDEN

A resposta de Aldair não fez nada para aplacar Zahrias. Enquanto seus olhos se estreitavam, Julia se adiantou e murmurou algo em seu ouvido. Então talvez tenha sido ela quem prestou atenção nos relacionamentos e contatos nessa comunidade de sobreviventes. Aldair podia ver por que Zahrias poderia pensar uma coisa dessas debaixo dele.

— Muito bem, — disse o elemental do fogo. — Parece que isso é verdade. Então explique como essa mulher se tornou sua escolhida.

— Isso é um assunto particular, — respondeu Aldair. — Mas, como eu comecei a contar, Jillian era uma das sobreviventes de Los Alamos. Ela....

— Jillian Powell? — Julia perguntou, claramente assustada.

— Sim, esse é o nome dela.

Zahrias disse: — Você sabia quem ela é?

— Só um pouco. Ela se manteve para si mesma. Ela sempre parecia... triste. Ela perdeu o marido no Heat, e pareceu atingi-la com mais força do que a maioria. — Desta vez, foi ela quem franziu a testa. — Sinceramente, nunca pensei que ela se permitisse ficar com alguém de novo.

— Bem, aparentemente ela cedeu, — disse Zahrias. — Embora eu deva admitir que me importo pouco com o gosto dela.

CHRISTINE POPE

Aldair se irritou, mas disse a si mesmo que não devia ceder à raiva. Se ele estivesse calmo e calmo, talvez esses djinn que o olhassem com esse julgamento em seus olhos veriam que ele havia mudado.

Jillian o havia mudado.

— Como pode ser, — disse Aldair, um tom de voz que ele não conseguiu evitar. — De qualquer forma, ela estava trabalhando para Miles Odekirk em seu laboratório. Ainda não sabemos exatamente o que aconteceu, mas ela sofreu um acidente enquanto trabalhava em um dos dispositivos mais recentes dele. Aquele acidente a levou aos círculos externos, onde eu a encontrei e a impedi de morrer.

Zahrias e os outros dois djinn trocaram olhares assustados. — Um humano sobreviveu aos círculos externos?

— Apenas o tempo suficiente para ela reverter o acidente e nos trazer de volta aqui. Mas não fomos enviados para Los Alamos, mas para a pequena cidade que as pessoas aqui chamavam de Madri.

— Onde você se escondeu.

Um turbilhão de ar irrompeu de Aldair antes que ele pudesse impedi-lo. Danilar e Murrah se enrijeceram, claramente preparados para agir como guarda-costas de

Zahrias, se necessário, embora o líder do djinn de Santa Fé não se mexesse.

— Você não faria a mesma coisa? — Aldair exigiu. — Você já esteve nos círculos externos, Zahrias?

— Claro que não tenho. Eu não transgredi como você.

Bem, Aldair não se incomodaria em contestar esse argumento. Zahrias sempre foi lamentavelmente perfeito. — Se você anuncia, pode não me julgar com tanta severidade. Mas sim, permanecemos em Madri. Parecia um lugar seguro o suficiente para se abrigar. Eu não tinha intenção de vir para Santa Fé, de causar qualquer problema. Certamente você deve ver isso.

— É verdade que você não nos procurou, — respondeu Zahrias. — Mas acho que sua discrição decorreu de um desejo de salvar sua própria pele, em vez de escrúpulos que poderiam ter lhe dito para nos deixar em paz. De qualquer forma, não acredito que sou quem pode julgá-lo agora. Isso depende dos anciãos. Vou pedir que Dani fale com eles e não tenho dúvidas de que eles estarão aqui em breve para pronunciar seu próprio julgamento.

Danilar não parecia especialmente satisfeito por ser acusado deste dever, mas não protestou, apenas inclinou a cabeça e disse: — Eu irei agora.

Ele desapareceu quase assim que falou. Ninguém presente sequer piscou, nem mesmo Julia Innes, pois é claro que ela já deve estar acostumada a tais idas e vindas.

— E até que eles venham, — continuou Zahrias, — Murrah e vários outros do meu povo vão vigiar você.

— E o meu irmão? — Aldair perguntou, pois se sentia um pouco desconcertado por Zahrias ainda não ter feito menção a Jasreel. Como seu odiado meio-irmão reagiria quando soubesse que o prisioneiro não estava mais preso?

— Ele será informado da sua presença aqui. Sem dúvida, ele desejará estar lá para ver os anciãos sentenciar você pela segunda vez. Mas, por enquanto, você deve esperar. — Zahrias inclinou a cabeça na direção de Murrah, que se adiantou.

— Por aqui, — disse ele, apontando por um longo corredor à esquerda. Claramente, Aldair seria mantido aqui em casa.

E porque não? Uma cela de prisão significava muito pouco para um djinn. Somente aqueles que vigiavam ele o impedia de escapar. Ele poderia muito bem esperar aqui, mantido por perto contra a chegada dos anciãos.

Enquanto Aldair seguia Murrah pelo corredor, no entanto, ele percebeu que seu próprio destino não era o que ocupava seus pensamentos.

O que Jillian faria agora? Ele poderia confiar em Zahrias para deixá-la em paz? Aldair percebeu que devia, mas isso não foi o pior. Não, o pior era a possibilidade muito real de que ele fosse mandado de volta ao exílio, e Jillian saiu daqui sozinha, o vínculo entre eles se separou.

Talvez ela fosse forte o suficiente para suportar tal calamidade..., mas ele não tinha certeza se ele próprio era.

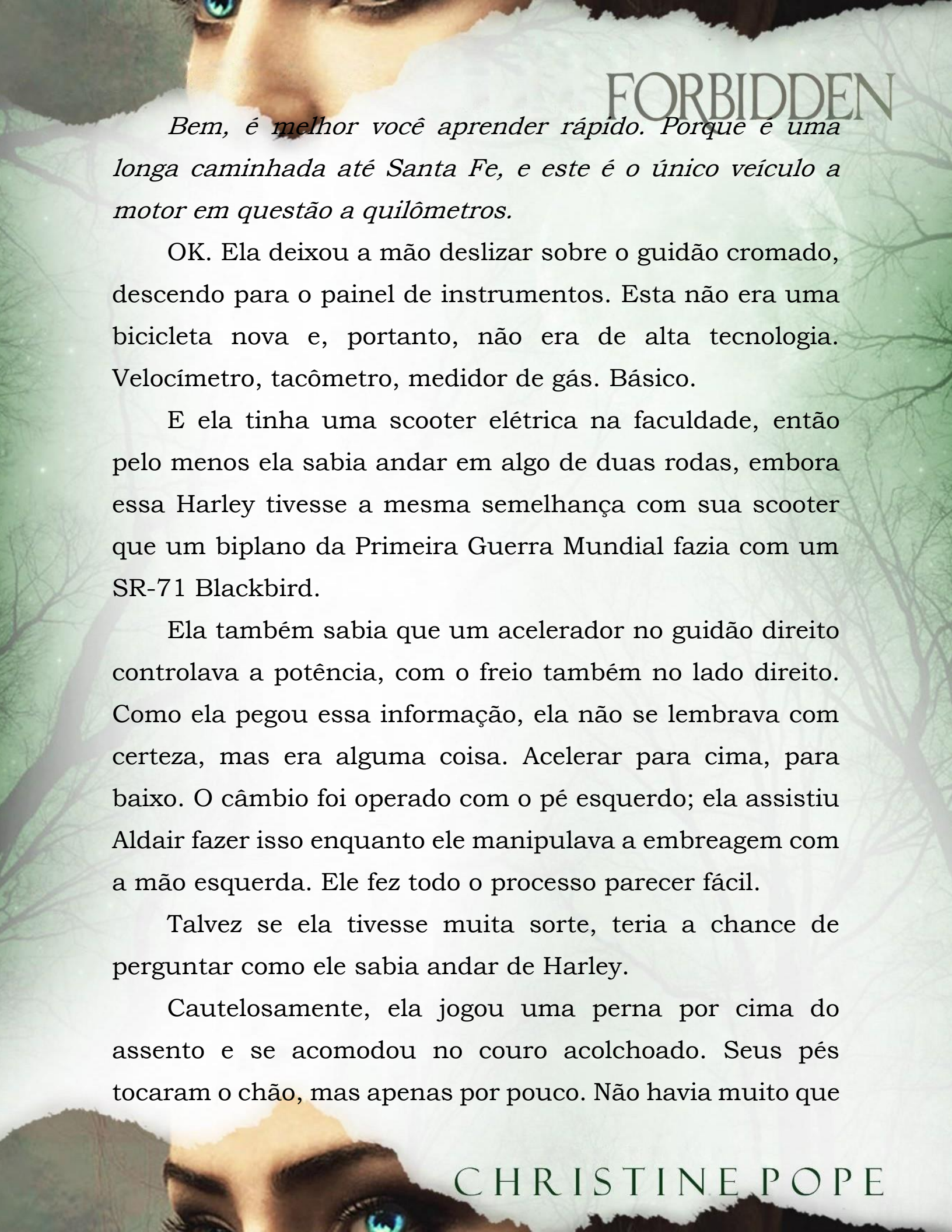
Calma, você tem que ficar calma, Jillian se repreendeu. Se ela a perdesse agora, seria inútil para Aldair.

Infelizmente, respirar fundo não fazia muito para acalmar as batidas assustadas de seu coração, a trêmula nas pernas.

Pelo menos ela sabia uma coisa, que seu amante teria sido levado para Santa Fé. Não era como se ela tivesse que vasculhar o país e procurá-lo. Ela sabia exatamente onde ele deveria estar.

Ok, então esse foi um problema resolvido. O muito maior que restava era exatamente como chegar lá.

Ela ficou ao lado da Harley, olhando para ela. Sua viagem com Aldair apenas uma hora antes tinha sido a única vez em sua vida que ela já esteve em uma motocicleta. Ela certamente não sabia montar um.



FORBIDDEN

Bem, é melhor você aprender rápido. Porque é uma longa caminhada até Santa Fe, e este é o único veículo a motor em questão a quilômetros.

OK. Ela deixou a mão deslizar sobre o guidão cromado, descendo para o painel de instrumentos. Esta não era uma bicicleta nova e, portanto, não era de alta tecnologia. Velocímetro, tacômetro, medidor de gás. Básico.

E ela tinha uma scooter elétrica na faculdade, então pelo menos ela sabia andar em algo de duas rodas, embora essa Harley tivesse a mesma semelhança com sua scooter que um biplano da Primeira Guerra Mundial fazia com um SR-71 Blackbird.

Ela também sabia que um acelerador no guidão direito controlava a potência, com o freio também no lado direito. Como ela pegou essa informação, ela não se lembrava com certeza, mas era alguma coisa. Acelerar para cima, para baixo. O câmbio foi operado com o pé esquerdo; ela assistiu Aldair fazer isso enquanto ele manipulava a embreagem com a mão esquerda. Ele fez todo o processo parecer fácil.

Talvez se ela tivesse muita sorte, teria a chance de perguntar como ele sabia andar de Harley.

Cautelosamente, ela jogou uma perna por cima do assento e se acomodou no couro acolchoado. Seus pés tocaram o chão, mas apenas por pouco. Não havia muito que

CHRISTINE POPE

ela pudesse fazer sobre isso, no entanto. Mesmo com o motor silencioso, a bicicleta grande parecia pesada, ameaçadora. Claro, talvez ela pudesse fazê-lo funcionar, mas o que aconteceria se ela desse um vazamento?

Você se curaria, porque é escolhido. Pare de ser um bebê.

Jillian girou a chave na ignição, depois se assustou quando o motor grunhiu para a vida. Os pais dela não gostavam de motocicletas, tinham considerado muito arriscado sua scooter quando ela teve que negociar o tráfego de Albuquerque a caminho da aula. Ela só podia imaginar seus horrores se eles a vissem tentando andar de Harley.

Tudo bem, hora do acelerador. Ela afrouxou o acelerador e a bicicleta balançou para a frente enquanto seus pés se arrastavam pelo chão. Droga. Ela tinha esquecido essa parte. Um pouco mais de aceleração quando ela colocou os pés nos apoios dos pés e, de repente, estava avançando. Não muito rápido, apenas o suficiente para manter a Harley descendo a rua, mas era alguma coisa.

Mais uma vez ela acelerou, e desta vez ela podia realmente sentir a brisa se movendo sobre seu rosto. Um rápido olhar para o velocímetro disse que ela alcançara o ritmo relâmpago de dezessete quilômetros por hora. Tudo bem - se Santa Fé estivesse a aproximadamente vinte e cinco

milhas daqui ela estaria lá em cerca de uma hora e meia. E pode ser que ela seja capaz de subir até vinte ou trinta quando estiver na estrada, momento em que teria de esperar que Deus não parasse ao tentar mudar de marcha.

Pensando bem, trinta provavelmente estava pressionando. Seria muito mais fácil andar em marcha lenta até Santa Fe. Mas ainda.

Ela gostava de se concentrar na mecânica de não bater na Harley. Dessa forma, ela não precisava pensar no que poderia estar acontecendo com Aldair agora. Porque o que quer que fosse, ela não podia fazer nada sobre isso. Não até que ela chegou lá, pelo menos.

Ao entrar na estrada 14, porém, ela teve um pensamento de pânico sobre Patches, que ainda estava esperando na casa de Madri. Ela não sabia o que faria sobre ele, porque ele não podia se encaixar exatamente na Harley, mas -

Não, ele ficaria bem. Eles o haviam dado o almoço e lhe dado uma tigela de água fresca logo antes de partirem nesta expedição, para que ele ficasse bem por um bom tempo. Entediada e querendo dar uma volta no momento em que voltou, mas....

Se ela voltasse.

Claro que ela faria. A carne dos djinns estava com Aldair, não ela. Ela não gostava muito de deixá-lo para trás e voltar a Madri para cuidar de Patches, mas não tinha dúvida de que o faria.

Provavelmente.

Com a mandíbula sombria, ela seguiu para o norte na estrada, gradualmente diminuindo cerca de trinta quilômetros por hora e, de alguma forma, conseguindo passar com sucesso para a segunda marcha. Mesmo que ela se sentisse mais confortável com a bicicleta do que ela, ela sabia que não seria seguro ir mais rápido do que isso. Não era como se esse trecho da Rodovia 14 fosse como a Interestadual 40 em Albuquerque, mas ainda havia carros abandonados suficientes para que ela tivesse que prestar atenção ao que estava fazendo, diminuindo de velocidade de vez em quando para poder manobra em torno deles.

Ela não conhecia Santa Fe como as costas da mão ou algo assim, mas já visitou várias vezes que se lembrava de seguir as placas que a guiavam na estrada Cerrillos. Ao contrário da estrada que ela acabara de sair, a artéria principal de Santa Fe estava completamente limpa, todos os veículos deixados para trás agora empurrados para os lados, se não tivessem sido levados completamente. Afinal, muitos

caminhões e utilitários esportivos da piscina de Los Alamos foram recolhidos daqui, na antiga capital do estado.

Por isso, sentiu-se segura o suficiente para subir até os vinte e cinco anos ao passar pelos shoppings, postos de gasolina e mercearias de Cerrillos, finalmente chegando ao Paseo de Peralta, já que não sabia exatamente aonde ir. Downtown, claro, porque era ali que a comunidade djinn aqui se concentrava. Mas isso não significava que ela tinha conhecimento do local exato onde eles levaram Aldair. Desde que o Paseo de Peralta fez uma grande volta pelo centro da cidade, ela achou que a coisa mais inteligente a fazer era segui-la até encontrar alguém... espero que não literalmente.

O que ela quase fez, quando estava prestes a passar pela Old Santa Fe Trail. De repente, dois djinn corpulentos ficaram na estrada na frente dela, bloqueando seu caminho. Jillian soltou o acelerador e apertou o freio, e a Harley começou a deslizar para o lado.

Oh, merda, eu vou -

— Crash — nunca chegou a sua mente, porque era como se uma mão invisível segurasse a moto, impedindo-a de tombar. Ao mesmo tempo, sentiu-se levantada do assento da Harley e depositada na estrada. Gentilmente, porém, seus dentes nem chocalharam quando seus pés tocaram a calçada.

— Que negócio você tem aqui, mortal? — Um deles perguntou.

— Eu... — A sílaba mal saiu da garganta. *Deus, Jillian, tente não soar como se estivesse prestes a ter um ataque de pânico.* — Eu vim aqui para ver Zahrias al-Harith.

Os dois djinn se entreolharam. Fisicamente, eram bem parecidos, com cabelos pretos como carvão e olhos escuros a condizer. Jillian se perguntou se eles poderiam ser irmãos. Então um deles franziu a testa e lançou lhe um olhar perdedor, como se tivesse acabado de perceber algo estranho nela.

— Você é... você é escolhida!? Mas como você pode ser? Conhecemos todos os escolhidos nesta área.

Claro que sim. Ela não estava prestes a confessar sua conexão com Aldair, porque tinha a sensação de que não ganharia muitos pontos de brownie com a dupla que a encarava agora. O problema era que ela não tinha ideia de onde outras comunidades djinn / Escolhidos poderiam estar localizadas. Aldair fez parecer que eles estavam amplamente espalhados, talvez apenas um por estado, mesmo que muitos. Dizer que ela havia vindo de outro desses enclaves não soaria muito plausível.

— Eu não posso explicar agora. Eu preciso falar com Zahrias.

Os dois djinn se entreolharam novamente. Um deles levantou uma sobrancelha. Eles estavam se comunicando mentalmente um com o outro? Jillian sabia que djinn poderia falar dessa maneira com os Escolhidos, embora Aldair não tivesse feito isso com ela. Provavelmente não há necessidade; não era como se houvesse mais alguém em Madri para ouvir suas conversas.

Mas então um dos djinn, aquele com as sobrancelhas expressivas, deu de ombros, como se tivesse decidido que uma fêmea humana solitária não era uma grande ameaça. — Nós vamos levá-la.

Ele deu um passo à frente e, antes que ela pudesse reagir, deslizou um braço em volta da cintura. Não em nenhum tipo de intimidade forçada, ela percebeu, mas porque, no segundo seguinte, eles piscaram no meio do Paseo de Peralta e ficaram em um jardim murado cheio de flores no final do verão, rosas, arbustos de borboleta e malva-rosa. Imediatamente o djinn a soltou e foi até a porta da frente da casa que pertencia ao jardim, uma imponente e atualizada residência em estilo de fazenda, com um telhado de azulejos e um pórtico coberto que parecia percorrer toda a extensão da casa.

Para sua surpresa, o djinn tocou a campainha, como qualquer pessoa comum. Um momento ou dois depois, a

porta se abriu e Julia Innes olhou para eles, os olhos arregalados de surpresa ao reconhecer o visitante que acompanhava o djinn.

— Jillian?

— Sim, — respondeu ela, tentando soar como se tudo estivesse completamente normal, que cair do nada na porta de casa era algo que acontecia todos os dias. — Posso entrar?

— É claro, — disse Julia, parecendo confusa e não muito parecida com sua personalidade habitual imperturbável. Ou pelo menos, ela sempre parecia imperturbável quando estava dirigindo coisas em Los Alamos. Desde que ela morava aqui em Santa Fé há mais de um ano, Jillian não podia realmente comentar se esse aspecto da personalidade da outra mulher havia mudado ou não.

Mas ela supôs que estava prestes a descobrir.

Julia se afastou para que Jillian pudesse entrar, depois olhou de volta para o djinn que a trouxe aqui. — Obrigado, Hamidh. Zahrias e cuidaremos disso daqui.

Hamidh assentiu e curvou-se formalmente a partir da cintura, logo antes de se afastar - talvez voltando ao serviço de guarda no Paseo de Peralta. Jillian não teve muito tempo para pensar sobre isso, porque Julia a conduzia pelo

corredor de dois andares, dizendo: — Suponho que não deveria ter ficado tão feliz em vê-la aparecer. Depois que Aldair nos disse.

— Então ele está aqui.

— Sim. Zahrias está vigiando dois de seus homens até os anciãos chegarem. — A essa altura, elas haviam entrado no que devia ser a sala de estar, um espaço tão imponente quanto o resto da casa, com seu teto alto e a arte abstrata obviamente cara que estava pendurada na parede. Dois sofás de couro cor de osso se encaravam através de uma mesa de café de vidro e bronze. O ar fresco de uma unidade central de A / C fluiu para fora dos respiradouros.

Apesar de se preocupar com Aldair, Jillian não pôde deixar de fazer alguns cálculos mentais ao dar uma rápida olhada ao redor - o risco de trabalhar por vários anos em um escritório imobiliário, ela supôs. — Quanto custa esse lugar quando a propriedade valorizava? Dois milhões?

— Provavelmente mais perto de três. — Não que isso importasse agora. Os agonizantes haviam tornado desnecessário esse tipo de consideração.

— Os mais velhos? — Jillian perguntou. — Eles estão no comando de tudo, certo?

— Eu acho que 'no comando' é provavelmente um pouco extremo demais. Pelo que vi, eles geralmente tentam

ficar fora do caminho, a menos que surja algum tipo de crise que exija absolutamente sua intervenção. Mas, por favor — Julia acrescentou, como se tivesse acabado de perceber que não estava sendo uma anfitriã muito boa, — sente-se, posso pegar algo para você? Chá gelado? Água? Limonada?

Considerando o calor do dia e como ela não bebia nada desde que ela e Aldair haviam deixado a casa várias horas atrás, todos os três pareciam muito bons. Mas um pouco de cafeína pode não ser uma má ideia. — Chá gelado seria ótimo.

Julia sorriu. — Apenas espere aqui. Eu vou buscá-lo.

Ela saiu da sala, dirigindo-se pelo corredor à direita, enquanto Jillian foi deixada para sentar e olhar em volta um pouco mais. Agora que ela teve a chance de inspeciona-los um pouco mais de perto, ela teve a sensação de que as pinturas na parede haviam sido feitas pelo mesmo artista cuja casa ela e Aldair haviam se apropriado em Madri. Fale sobre coincidências.

Ou talvez não, ela pensou. Obviamente, Natalie Márquez era bem conhecida e bem-sucedida. Não é uma surpresa tão grande que algumas de suas pinturas tenham acabado em uma casa como essa.

Ela não teve tempo de especular mais e continuar a se distrair, porque naquele momento Julia voltou, um copo de

chá gelado nas duas mãos. Depois de dar uma a Jillian, ela se sentou no sofá em frente ao dela e a encarou com um olhar muito direto. — Então, — ela disse. — Você e Aldair. Você quer me contar como isso aconteceu?

Na verdade, não, pensou Jillian. Como ela começou a explicar a atração que os unira quando ainda estava com dificuldade de entender? Enfim, não era hora de confissões. Era a hora de fazer o que fosse necessário para garantir que seu amante estivesse seguro. Então ele deu de ombros e respondeu: — Ele não lhe disse nada?

— Ele disse que você era inocente, que não devemos arrastá-la para os problemas dele. Não que tivéssemos feito algo assim, mas devo dizer que Aldair al-Ankara agindo desinteressadamente é novo para mim.

Pelo tom de voz de Julia, Jillian teve a impressão de que não tinha uma opinião muito alta sobre Aldair. Não é realmente uma surpresa, considerando o que ele já havia dito a ela sobre suas relações com a comunidade djinn aqui.

— Mas ele contou como eu o ajudei a escapar dos círculos externos.

Um encolher de ombros. — Sim, mas ele também deixou claro que, na época, você realmente não sabia o que estava fazendo, que estava apenas tentando sair de lá. Como qualquer outra pessoa sã faria. — Julia tomou um gole de

chá, depois extraiu uma montanha-russa do suporte de bronze onde atualmente residia e colocou-a sobre a mesa. Sua expressão se suavizou, e Jillian pôde ver a preocupação em seus grandes olhos cinza-azulados. — Mas... Jillian... me perdoe por dizer isso, mas Aldair?

Mesmo tendo a sensação de que isso estava chegando, ela ainda não gostava muito da insinuação na voz de Julia. — Ele não é quem você pensa que é.

Naquele comentário, as sobrancelhas de Julia se levantaram e ela cruzou os braços enquanto se sentava contra as costas do sofá. — Você não sabe nada sobre ele?

— Eu sei tudo.

As sobrancelhas da outra mulher não conseguiram mais se levantar, mas ela ainda conseguiu registrar espanto suficiente quando seus olhos se arregalaram. — Tudo?

— Sim, porque ele me disse. Ele me contou tudo sobre tentar se vingar de seu irmão. Como ele se juntou ao pessoal de Khalim quando seus planos com Jessica se desfizeram. Tudo. —

— Isso não parece nada com ele.

— Talvez não, mas isso não muda o que aconteceu entre nós. — Jillian se inclinou para frente, as mãos cruzadas sobre os joelhos. Possivelmente não havia como convencer Julia de como Aldair havia mudado, mas ela sabia

que tinha que pelo menos tentar. O ouvido de Julia seria um ouvido muito mais simpático do que o de Zahrias, isso era certo. Se Jillian pudesse colocar Julia do seu lado, talvez houvesse alguma maneira de convencer o líder do djinn de Santa Fe de que Aldair realmente não era mais uma ameaça. — Não estávamos machucando ninguém, morando lá em Madri.

— Engraçado - ele disse basicamente a mesma coisa. E eu realmente não acho que você era. Mas nada disso depende de mim. Você entende isso, não é?

A raiva brilhou em Jillian, mas ela empurrou-a para trás o melhor que pôde. Na verdade, Julia realmente parecia meio simpática. Mas claramente ela mantinha a opinião de que Zahrias não seria influenciado pelo assunto. E, no final, também não dependia de Zahrias, estava? Todos estavam esperando os anciãos chegarem e julgarem.

— Eu entendo, — disse Jillian. — Eu não gosto, mas eu entendo. Ou pelo menos, estou tentando. Mas todos vocês precisam me encontrar no meio do caminho. Ou você não acredita que as pessoas podem mudar?

Julia sorriu, embora houvesse algo quase triste em sua expressão. — Eu não costumava. Ultimamente... acho que você poderia dizer que sou cautelosamente otimista. Mas....

— Ela fez uma pausa, um pequeno cenho franzindo as

sobrancelhas, como se quisesse dizer alguma coisa, mas não soubesse o quão bem seria recebida.

— Mas o que?

Dessa vez, o olhar que Julia deu a Jillian foi extremamente direto. Foi o tipo de olhar que fez Jillian querer se sentar mais ereta no sofá. — Mas... tudo bem, eu sei que não éramos amigas íntimas em Los Alamos. Tive a impressão de que você realmente não era amiga íntima de ninguém. Tudo bem - a escolha foi sua. A notícia na rua era que você abateu qualquer homem que já tentasse se aproximar de você. Bem, é claro. Mas parecia que você não estava pronta para parar de lamentar, e agora... — A cabeça dela inclinou para o lado. — Há quanto tempo você esteve lá com a Aldair em Madri?

— Uma semana. — Provavelmente foi um pouco melhor do que cair na cama com alguém depois de conhecê-los durante a noite toda, mas não muito tempo para decidir que você queria ficar por toda a eternidade. Jillian poderia dizer que Julia estava pensando na mesma coisa, embora claramente ela fosse educada demais para dizer isso. — Eu sei que parece loucura. E eu sei que todos vocês estão julgando pelas coisas terríveis que ele fez - e eu não estou desculpando, não estou - mas.... — Jillian teve que parar por aí. Porque quando você olhava toda a situação através

dos olhos sem embaraços do amor, ela sabia que parecia loucura. E não era como se ela fosse a pessoa que geralmente gostava dos tipos de livros ou filmes do — bad boy reformado. — Deus sabe, Jack tinha sido a antítese de um garoto mau. Ao mesmo tempo, ela podia ver por que Aldair estava tão bravo, por que ele deixou essa raiva e ressentimento inflamar dentro dele por tanto tempo. Ela tinha que estar feliz por ele ter conseguido superar, afinal, mesmo que ele tivesse feito coisas muito horríveis antes de se conhecerem.

— Mas...? — Julia sondou gentilmente.

— Mas ele *foi* punido. Ele passou dezoito meses do nosso tempo nos círculos externos. Talvez os mais velhos não pensem que isso foi suficiente. Mas também não é como se ele não tivesse que pagar um preço pelo que fez. — Fechando os olhos, Jillian lembrou-se da paisagem de pesadelo daquela arte do outro mundo dos djinn, do céu bilioso e do ar tóxico, da maneira como os ventos pareciam esfolar a pele de você, com tempo suficiente. — Você não tem ideia de como era lá.

— Não, e eu nunca quero descobrir. Estive na parte do mundo djinn onde eles realmente moravam, e isso já era ruim o suficiente. Então, vou acreditar na sua palavra. — Ela parou por aí, porque naquele momento, o som de vozes

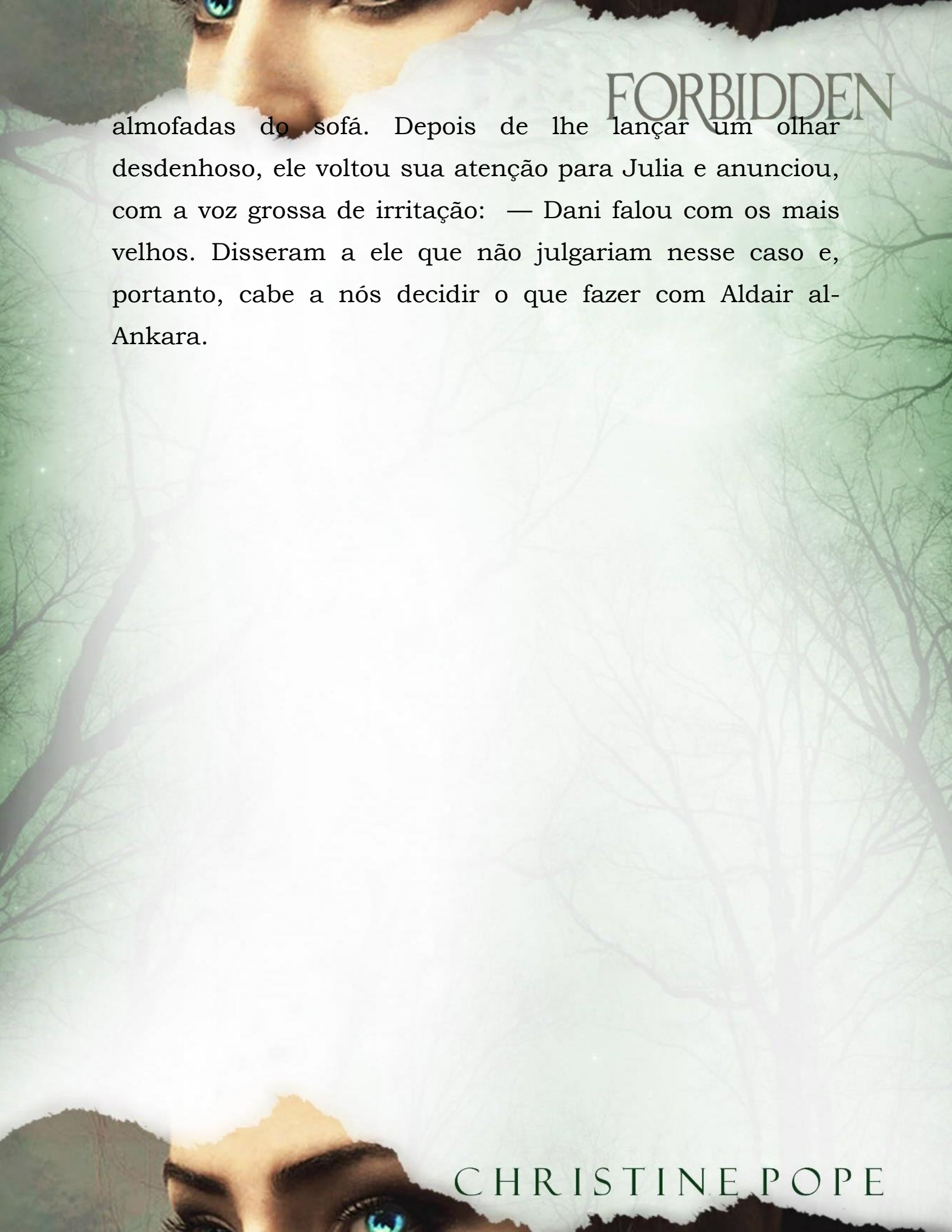
masculinas flutuou pelo corredor. — Acho que Dani - irmão de Zahrias - deve estar de volta. Ele teve que buscar os anciãos.

Uma dor nervosa começou na boca do estômago de Jillian. Se os anciãos estavam aqui, isso significava que não demoraria muito para que eles julgassem Aldair e depois retornassem para onde quer que fossem. Eles permaneceram no avião dos djinn esse tempo todo, ou se estabeleceram em algum lugar da Terra também... talvez em um belo castelo no Loire, ou possivelmente em uma mansão multimilionária em algum lugar nos penhascos acima de Malibu?

Não que isso importasse. O que importava era que ela nunca mais pudesse ver Aldair.

Dois djinn entraram na sala de estar. Jillian reconheceu um deles ao mesmo tempo - ele era o mais lento dos dois djinn que haviam levado Aldair de Cerrillos. O outro parecia um pouco mais velho, embora a idade da mistura tivesse que ser uma coisa arriscada quando se tratava de djinn. Ele era extremamente bonito, com pesados cabelos escuros presos em um rabo de cavalo na base do pescoço e feições aristocráticas.

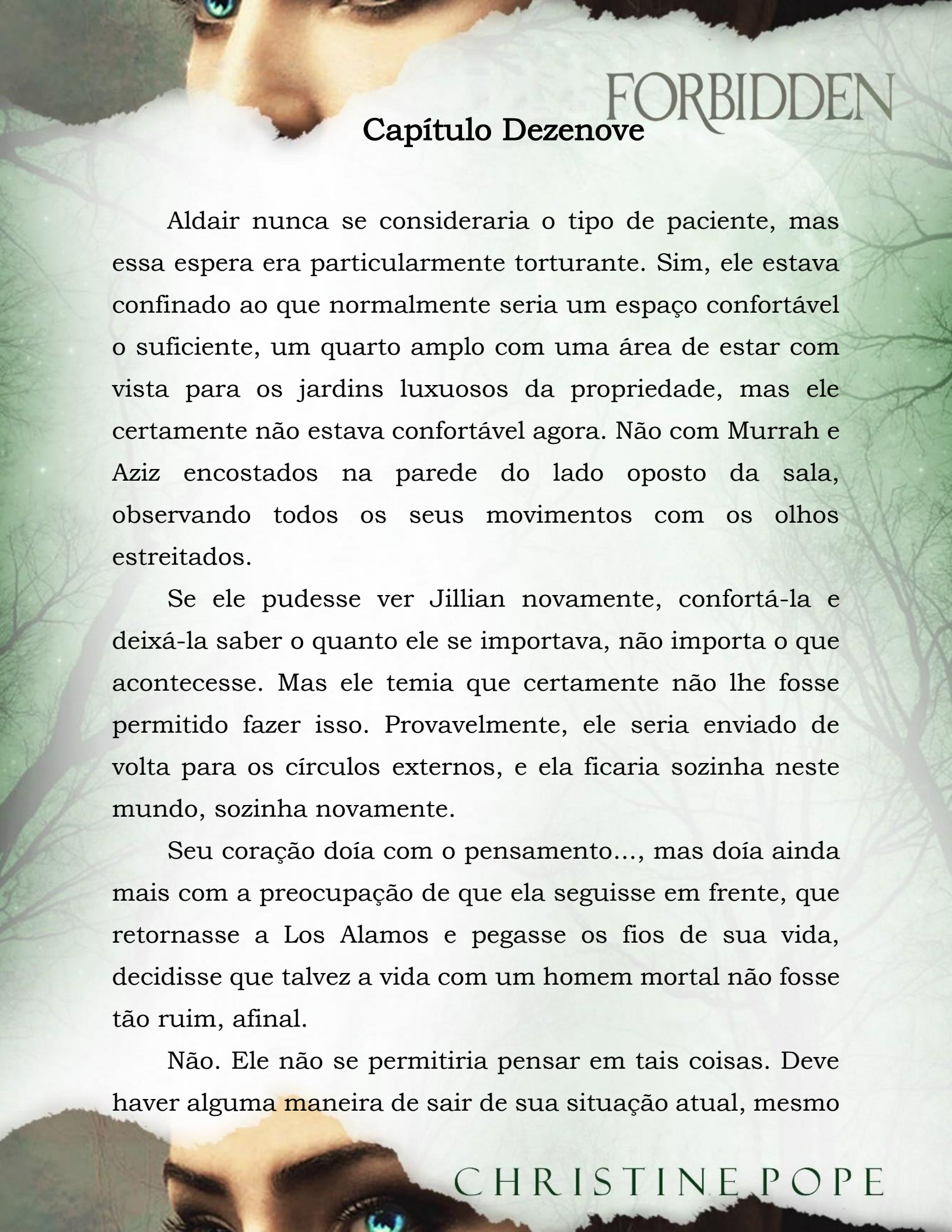
Ele também estava franzindo a testa de uma maneira tão proibida que Jillian não pôde deixar de recuar nas



FORBIDDEN

almofadas do sofá. Depois de lhe lançar um olhar desdenhoso, ele voltou sua atenção para Julia e anunciou, com a voz grossa de irritação: — Dani falou com os mais velhos. Disseram a ele que não julgariam nesse caso e, portanto, cabe a nós decidir o que fazer com Aldair al-Ankara.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Capítulo Dezenove

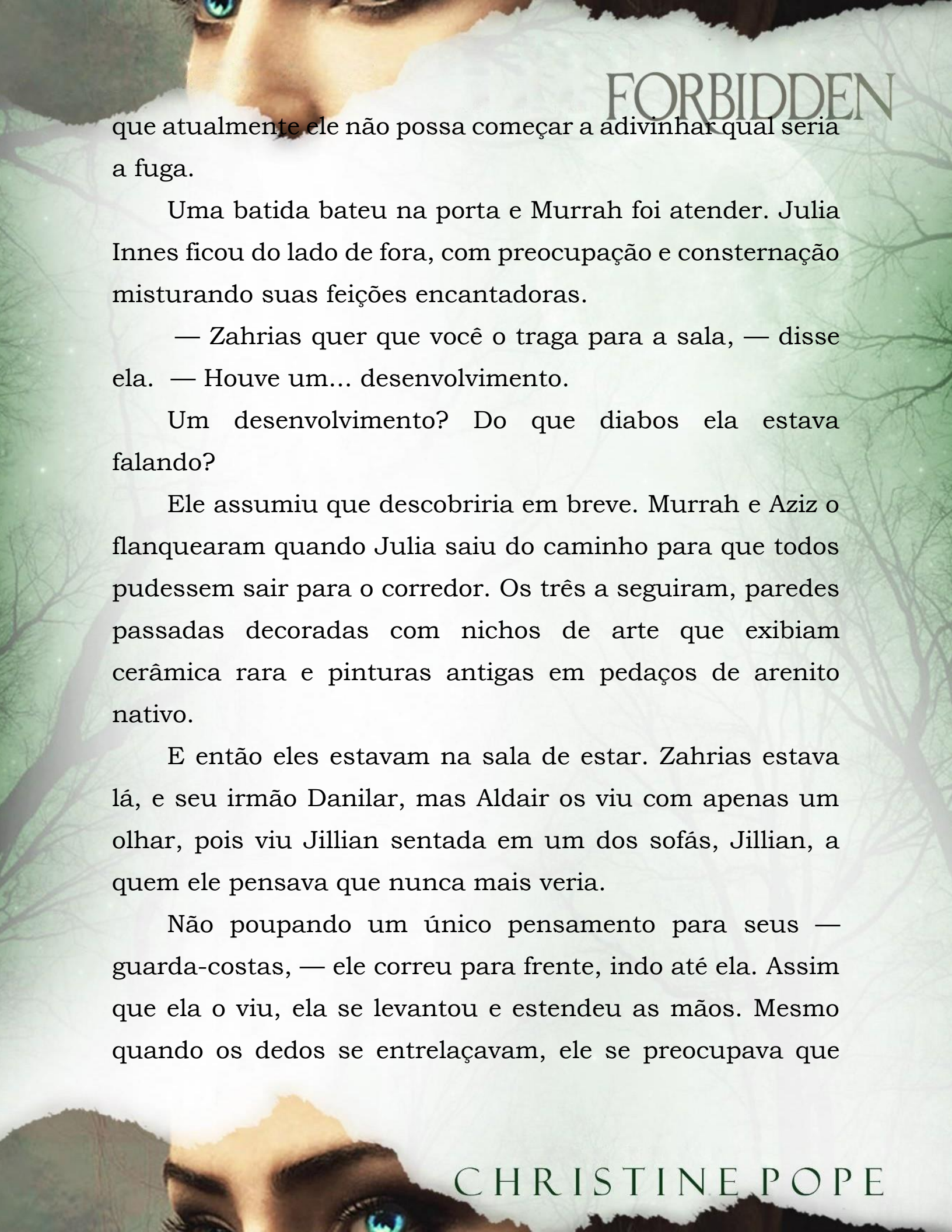
Aldair nunca se consideraria o tipo de paciente, mas essa espera era particularmente torturante. Sim, ele estava confinado ao que normalmente seria um espaço confortável o suficiente, um quarto amplo com uma área de estar com vista para os jardins luxuosos da propriedade, mas ele certamente não estava confortável agora. Não com Murrah e Aziz encostados na parede do lado oposto da sala, observando todos os seus movimentos com os olhos estreitados.

Se ele pudesse ver Jillian novamente, confortá-la e deixá-la saber o quanto ele se importava, não importa o que acontecesse. Mas ele temia que certamente não lhe fosse permitido fazer isso. Provavelmente, ele seria enviado de volta para os círculos externos, e ela ficaria sozinha neste mundo, sozinha novamente.

Seu coração doía com o pensamento..., mas doía ainda mais com a preocupação de que ela seguisse em frente, que retornasse a Los Alamos e pegasse os fios de sua vida, decidisse que talvez a vida com um homem mortal não fosse tão ruim, afinal.

Não. Ele não se permitiria pensar em tais coisas. Deve haver alguma maneira de sair de sua situação atual, mesmo

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

que atualmente ele não possa começar a adivinhar qual seria a fuga.

Uma batida bateu na porta e Murrah foi atender. Julia Innes ficou do lado de fora, com preocupação e consternação misturando suas feições encantadoras.

— Zahrias quer que você o traga para a sala, — disse ela. — Houve um... desenvolvimento.

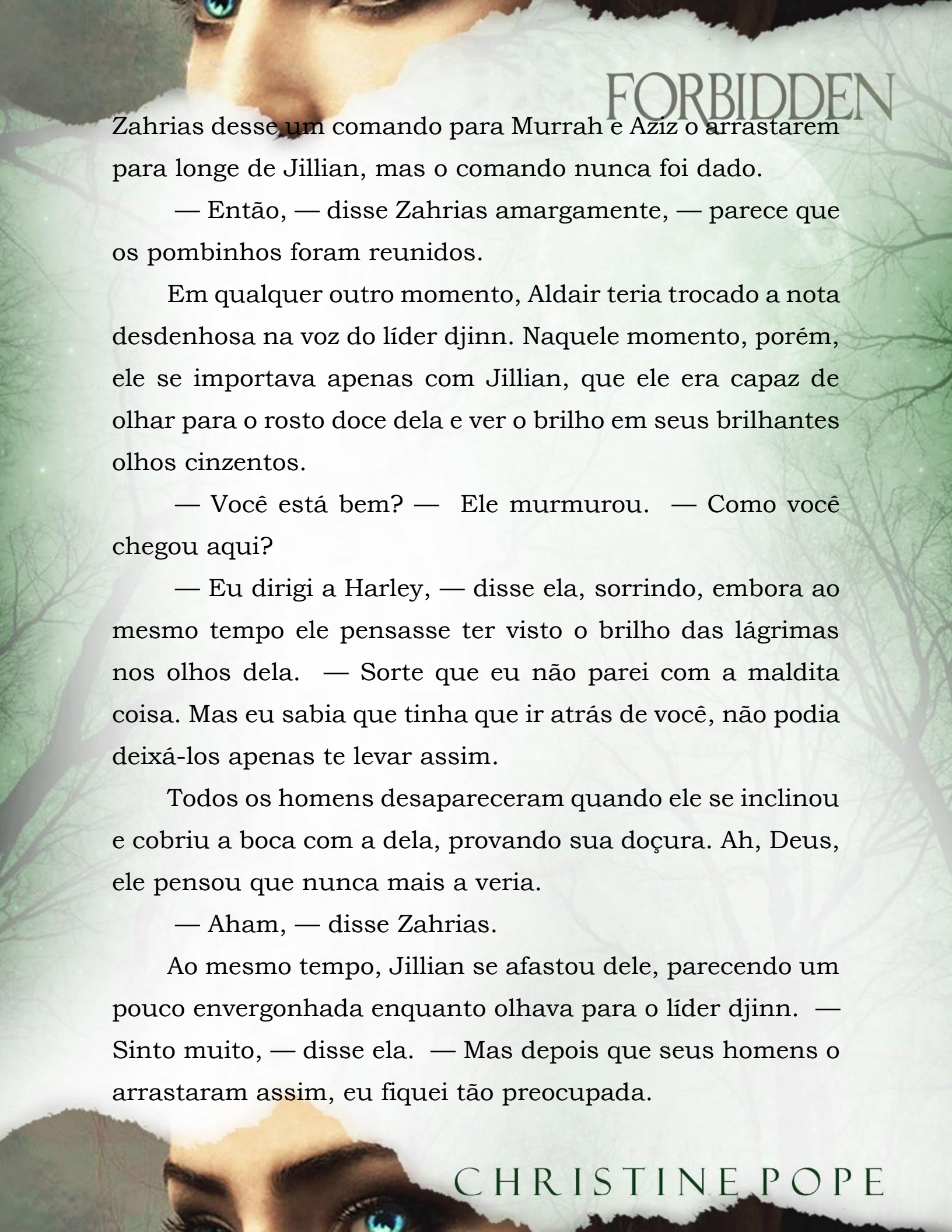
Um desenvolvimento? Do que diabos ela estava falando?

Ele assumiu que descobriria em breve. Murrah e Aziz o flanquearam quando Julia saiu do caminho para que todos pudessem sair para o corredor. Os três a seguiram, paredes passadas decoradas com nichos de arte que exibiam cerâmica rara e pinturas antigas em pedaços de arenito nativo.

E então eles estavam na sala de estar. Zahrias estava lá, e seu irmão Danilar, mas Aldair os viu com apenas um olhar, pois viu Jillian sentada em um dos sofás, Jillian, a quem ele pensava que nunca mais veria.

Não poupando um único pensamento para seus — guarda-costas, — ele correu para frente, indo até ela. Assim que ela o viu, ela se levantou e estendeu as mãos. Mesmo quando os dedos se entrelaçavam, ele se preocupava que

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Zahrias desse um comando para Murrah e Aziz o arrastarem para longe de Jillian, mas o comando nunca foi dado.

— Então, — disse Zahrias amargamente, — parece que os pombinhos foram reunidos.

Em qualquer outro momento, Aldair teria trocado a nota desdenhosa na voz do líder djinn. Naquele momento, porém, ele se importava apenas com Jillian, que ele era capaz de olhar para o rosto doce dela e ver o brilho em seus brilhantes olhos cinzentos.

— Você está bem? — Ele murmurou. — Como você chegou aqui?

— Eu dirigi a Harley, — disse ela, sorrindo, embora ao mesmo tempo ele pensasse ter visto o brilho das lágrimas nos olhos dela. — Sorte que eu não parei com a maldita coisa. Mas eu sabia que tinha que ir atrás de você, não podia deixá-los apenas te levar assim.

Todos os homens desapareceram quando ele se inclinou e cobriu a boca com a dela, provando sua doçura. Ah, Deus, ele pensou que nunca mais a veria.

— Aham, — disse Zahrias.

Ao mesmo tempo, Jillian se afastou dele, parecendo um pouco envergonhada enquanto olhava para o líder djinn. — Sinto muito, — disse ela. — Mas depois que seus homens o arrastaram assim, eu fiquei tão preocupada.

CHRISTINE POPE

— Bem, como você pode ver, seu amante é sadio e caloroso. Nenhum mal lhe ocorreu. — Zahrias parou por aí, um — ainda — não dito pairando no ar. — Mas Dani tem algo que ele precisa dizer para todos nós. Ou melhor — acrescentou ele às partes envolvidas. Murrah, Aziz, obrigado por seu serviço. Meu irmão e eu vamos administrar al-Ankara daqui.

Os dois djinn não discutiram, apenas se curvaram e piscaram para fora da sala.

— Muito bom, — disse Zahrias. — Dani, se você nos dissesse tudo o que acabou de experimentar?

Dani usava uma expressão um tanto confusa, como se ele ainda estivesse aceitando o que deveria relacionar com o grupo de observadores. — Como você pediu, irmão, eu fui ao palácio dos anciãos no outro mundo. Eles ainda têm sua sede lá, embora eu veja sinais de que finalmente planejam se mudar para a Terra. De qualquer forma — continuou ele apressadamente, enquanto as sobrancelhas de Zahrias se erguiam, aparentemente sinalizando sua preocupação com a morada atual dos anciãos, — eu tive uma audiência com eles e expliquei a situação. Eu disse que pensávamos que eles deviam descer aqui e enviar Aldair de volta aos círculos externos, pois é claro que são apenas eles que têm o poder de acessar essa região amaldiçoada.

— E parece que a resposta não foi a que esperávamos.

— O tom de Zahrias já era suficiente, mas ele franziu o cenho com alguma ferocidade. Claramente, ele não estava satisfeito com o que os anciãos haviam dito.

— Não, de jeito nenhum, — Danilar admitiu. Ele lançou um olhar incerto para Aldair e depois Jillian, como se tentasse determinar se eles tinham alguma coisa a ver com a caprichos dos anciãos, embora, é claro, isso fosse completamente impossível. — Eles expressaram surpresa por Aldair al-Ankara ter conseguido escapar, mas depois de conversar com o resto dos colegas por alguns minutos, Ibram, chefe dos anciãos, me disse que se Deus tivesse sorrido para Aldair e permitido ele escapasse, então eles certamente não interfeririam em Seu julgamento. Ele não seria devolvido aos círculos externos, mas teria permissão para permanecer aqui na Terra. Além disso, ele disse que essa era, no fundo, uma disputa pessoal entre os dois irmãos al-Ankara e, portanto, era para eles se estabelecerem.

A esperança surgiu no seio de Aldair ao ouvir essas palavras. Se ele podia ficar aqui, então pelo menos tinha uma chance de lutar. Ele se permitiu olhar rapidamente para Jillian; suas mãos estavam cruzadas no colo, e ela se manteve muito quieta, mas ele podia ver como seus olhos começaram a brilhar, como alguma cor voltou a suas

bochechas. Ela pode não ter entendido todas as ramificações das notícias que Danilar acabara de contar, mas entendeu o suficiente para perceber que seu amante havia recebido um alívio inesperado.

— Resolver como? — Zahrias perguntou então. A tensão era clara o suficiente em sua voz. Ele não gostou dessa decisão dos anciãos. Não, ele não gostava disso. — Pois Aldair e Jasreel já se encontraram em combate em duas ocasiões distintas, e obviamente serem superados não impediram Aldair de buscar sua vingança uma e outra vez.

Aldair abriu a boca para protestar, depois decidiu que não faria sentido discutir esse ponto em particular mais uma vez. Ele ainda argumentaria que, na batalha inicial, Jasreel trapaceou e, no segundo confronto, certamente o fez, recrutando a ajuda de seus Escolhidos. É verdade que os mais velhos haviam julgado sua intervenção justa o suficiente, mesmo que certamente não parecesse assim com Aldair. Mas quando ele falou, ele tentou parecer o mais leve e despreocupado possível. — Eu sei que nossas relações um com o outro foram... controversas. Mas, por favor, saiba que não tenho mais má vontade contra meu irmão. Não desejo interferir na vida dele. Estou mais do que feliz em retornar a Madri com Jillian e deixar todos vocês em paz.

— É mesmo possível? — Julia perguntou então, entrando na conversa pela primeira vez. — Ou seja, Jillian é sua escolhida, Aldair. Essa é uma coisa sobre a qual os anciãos são bastante rigorosos - qualquer djinn que selecionou um mortal como seu Escolhido deve viver dentro de uma comunidade. Ou eu estou esquecendo de alguma coisa?

— Não, você não perdeu nada, — disse Zahrias. — As regras são muito claras. Mas como podemos ter você aqui entre nós, Aldair, quando você cometeu tais erros contra seu irmão? E não apenas ele, mas também Aidan, o escolhido de Lílias, que foi desfigurado por Khalim.

— Não tive nada a ver com isso, — protestou Aldair. Isso era verdade, pois ele não havia acompanhado Khalim na expedição que culminou na emboscada de Aidan e seu grupo de caça. — Mas sim, eu esqueço - a culpa por associação é suficiente para você, não é?

Zahrias fez uma careta e Julia interrompeu antes que mais alguém pudesse falar. — Eu acredito em você, Aldair. Não porque eu esteja tão firmemente convencido de sua inocência — acrescentou ela rapidamente, — mas porque Aidan teria nos dito se ele a tivesse visto entre os homens de Khalim. Mas Zahrias está certo - há uma grande quantidade

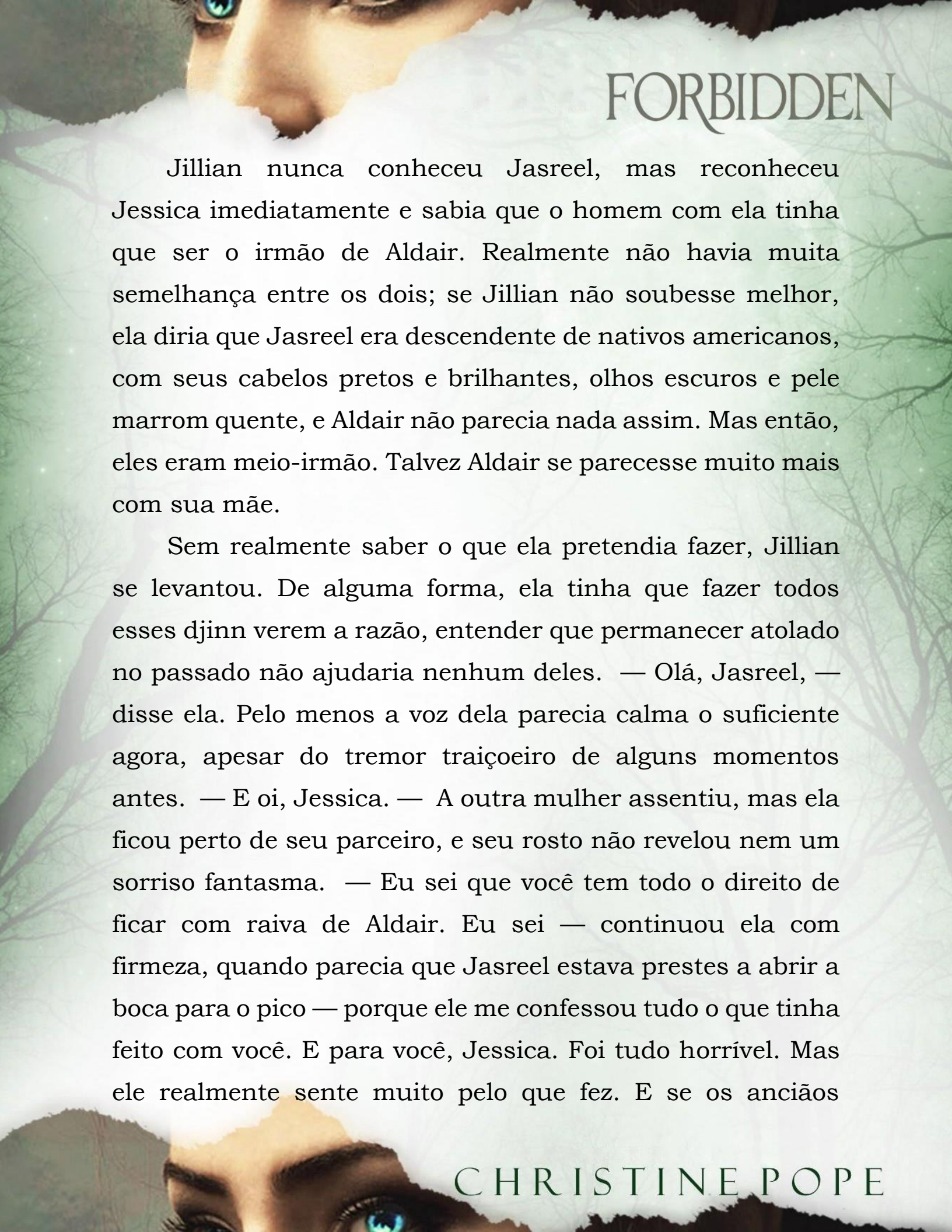
de sangue ruim aqui em Santa Fé que não tem nada a ver com sua disputa com Jasreel.

Um silêncio inquieto caiu então. Aldair viu como Jillian olhava de Zahrias para Julia e depois para Danilar, como se tentasse descobrir o quão profundo esse sangue ruim realmente estava. Um pouco da cor deixou seu rosto, mas ela levantou o queixo e disse: - Não vou desculpar o que Aldair fez no passado. E sim, ele me disse a verdade, para que todos vocês parem de pensar que ele de alguma forma me enganou, tentou se parecer melhor comigo. Porque ele não fez. Mas ainda... — Sua voz tremeu por um segundo, e então ela balançou a cabeça como se estivesse impaciente consigo mesma, e continuou: — Não existe perdão entre os djinn? Não há realmente nenhuma chance de que você se permita acreditar que ele pode ter mudado, que ele queira reparar o que fez?

— Perdão? — Veio uma nova voz da porta. — Não acho que a Aldair entenda o significado da palavra.

Aldair desviou o olhar de Jillian e viu Jasreel parado na entrada da sala, Jessica Monroe imediatamente atrás dele. A boca de Jasreel estava apertada de raiva, e seus olhos escuros brilhavam ameaçadoramente.

Provavelmente isso não estava indo bem.



FORBIDDEN

Jillian nunca conheceu Jasreel, mas reconheceu Jessica imediatamente e sabia que o homem com ela tinha que ser o irmão de Aldair. Realmente não havia muita semelhança entre os dois; se Jillian não soubesse melhor, ela diria que Jasreel era descendente de nativos americanos, com seus cabelos pretos e brilhantes, olhos escuros e pele marrom quente, e Aldair não parecia nada assim. Mas então, eles eram meio-irmão. Talvez Aldair se parecesse muito mais com sua mãe.

Sem realmente saber o que ela pretendia fazer, Jillian se levantou. De alguma forma, ela tinha que fazer todos esses djinn verem a razão, entender que permanecer atolado no passado não ajudaria nenhum deles. — Olá, Jasreel, — disse ela. Pelo menos a voz dela parecia calma o suficiente agora, apesar do tremor traiçoeiro de alguns momentos antes. — E oi, Jessica. — A outra mulher assentiu, mas ela ficou perto de seu parceiro, e seu rosto não revelou nem um sorriso fantasma. — Eu sei que você tem todo o direito de ficar com raiva de Aldair. Eu sei — continuou ela com firmeza, quando parecia que Jasreel estava prestes a abrir a boca para o pico — porque ele me confessou tudo o que tinha feito com você. E para você, Jessica. Foi tudo horrível. Mas ele realmente sente muito pelo que fez. E se os anciãos

CHRISTINE POPE

acham que ele merece alguma misericórdia, talvez todos vocês também procurem alguma misericórdia em seus corações.

— Isso é verdade? — Jasreel exigiu, não se incomodando em responder diretamente a ela, mas em vez disso dirigiu a pergunta a Zahrias. — Os anciãos não o mandariam de volta aos círculos externos?

— Eu não tenho medo, — disse Zahrias pesadamente. — É um enigma, pois sei que nenhum de nós deseja ir contra a vontade dos anciãos. Mas, ao mesmo tempo, não vejo como podemos permitir que ele viva entre nós.

Jillian assistiu essa troca silenciosamente, com o coração batendo forte, enquanto esperava que Zahrias e Jasreel cedessem, mas então ela sabia que não poderia mais se conter. — Então o que você vai fazer? Colocá-lo em sua própria prisão? Forçar ele e seu irmão a lutar de novo?

— Eu não tenho certeza que você teria que me forçar, — Jasreel disse sombriamente, mesmo quando Jessica colocou a mão em seu braço.

— Olha, — ela disse então, — isso foi como um choque para nós. Podemos apenas ... ter algum tempo para pensar em nossas opções?

— Quais opções? — Jasreel respondeu. — Como a coisa mais lógica seria deixar que os anciões o colocassem

de volta onde ele pertence, mas, como aparentemente eles permitiram que o capricho os governasse nesse assunto, estamos presos a ter que descobrir o que podemos fazer com ele.

Eles estavam conversando sobre o parceiro dela como se ele nem estivesse na sala. Mais uma vez, Jillian podia sentir-se prestes a erguer-se, mas Aldair a impediu.

— Eu sei que isso é difícil para todos, — disse ele. — Inclusive eu, embora tenha certeza de que não deseja ouvir sobre isso. Se Jasreel deseja me encontrar em combate, eu o farei. No entanto, não importa o quão zangado ele esteja comigo, eu sei que ele não é um assassino. E, no entanto, eu sei que isso é o que aconteceria, no final. Parece que não temos outras opções.

A respiração de Jillian ficou presa na garganta. Aldair estava realmente dizendo que eles não tinham escolha a não ser duelar até a morte? Ela olhou de Julia para Jessica, de alguma forma sabendo que teria que ser as mulheres que entraram aqui, que precisariam ser as vozes da razão. Aparentemente, até Djinn teve problemas com testosterona.

— Acho que ainda não precisamos ir lá, — disse Julia. Seu rosto estava tenso de preocupação, mas ela parecia calma e segura. Por outro lado, era fácil para ela ficar calma. Não era a vida de seu amante em risco. — Não podemos

simplesmente, não sei, apresentar isso por enquanto? Tenho certeza de que Aldair não se importará se o colocarmos em algum lugar da noite para o dia com alguns guardas vigiando.

A julgar pela ligeira alteração na expressão de Aldair, pela maneira como sua boca se comprimia, Jillian pensou que se arrependeria. Mas isso ainda era melhor do que ter que sair para a praça e lutar um duelo naquele momento. Ela teve uma súbita imagem incongruente dele e de seu irmão indo atrás um do outro com espadas, como algo dos *Três Mosqueteiros*, mesmo sabendo que o djinn provavelmente se entregou a uma forma muito mortal de duelo.

— Não, eu não me importo, — disse Aldair.

— Eu acho que é uma boa ideia, — Jessica colocou. Ela também parecia tensa, e Jillian não podia culpá-la. Sim, aparentemente o parceiro dela havia praticado contra Aldair no passado, mas talvez Aldair não estivesse desesperada o suficiente até agora.

Afinal, naquela época ele estava apenas lutando por vingança. Agora ele estaria lutando por uma chance de estar com a mulher que amava.

No final, eles decidiram colocá-lo em uma das celas sob o prédio do antigo marechal dos EUA, onde há pouco tempo prenderam Richard Margolis, o ex-líder de Los Alamos. Normalmente, aquelas portas trancadas e paredes de concreto armado teriam muito pouco a ver com manter um djinn em cativeiro. No entanto, parecia que os djinn de Santa Fe tinham um dos dispositivos infernais de Miles Odekirk, e então eles o ativaram e o deixaram na companhia de dois guardas humanos.

Os efeitos foram excruciantes. Para impedir que o dispositivo afete qualquer outro djinn nas proximidades, eles aumentaram o nível de potência, que por sua vez diminuiu sua área de efeito. Aldair tinha pensado que os círculos externos eram ruins o suficiente, mas isso - isso era como ter cada grama de energia drenada dele enquanto seu corpo zumbia como se estivesse cheio de mil abelhas zangadas, e cada centímetro de sua pele doía como se fosse perfurado por uma mil agulhas de uma só vez.

Ainda mais doloroso, no entanto, estava sendo separado de Jillian. Ela implorou para ficar aqui em baixo com ele, mas Zahrias não permitiria. — Você ficará aqui como hóspede de honra em nossa casa, — ele disse, — pois você não fez nada errado, e Julia diz que você é uma boa mulher.

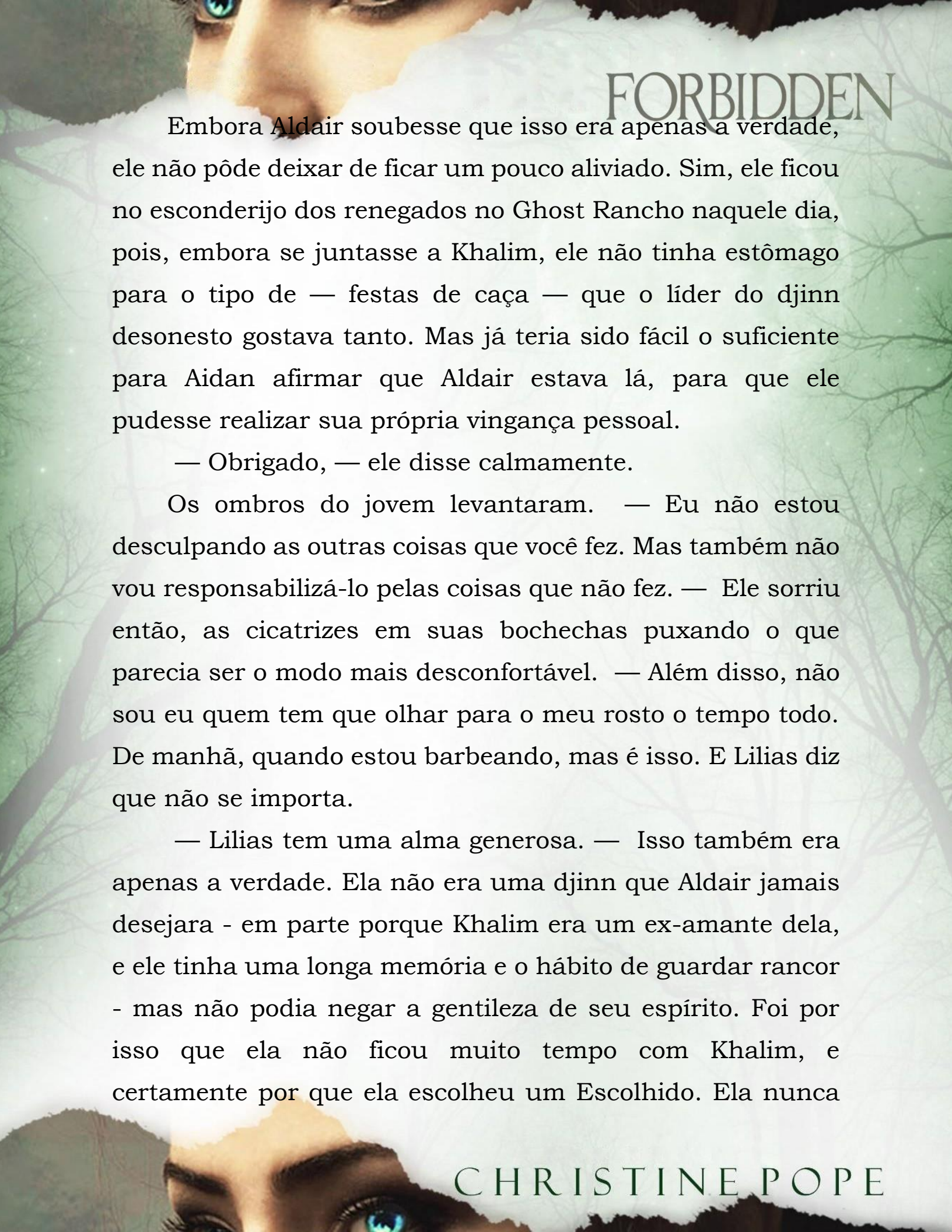
Mas não vou confortar Aldair permitindo que você permaneça na presença dele.

E assim ele foi levado e o dispositivo foi ativado imediatamente depois. O único conforto que ele podia ter era que, pelo menos, parecia que eles tratariam Jillian bem, não guardariam seus pecados contra ela.

Um dos guardas era um jovem loiro, seu rosto outrora bonito agora marcado por profundas cicatrizes nas duas bochechas. Ao vê-lo, Aldair sabia que devia ser Aidan, que havia sido mutilado por Khalim. Sem dúvida, ele seria um cão de guarda muito entusiasmado. O outro jovem Aldair não reconheceu. Não que isso importasse. Em sua condição atual, com o dispositivo martelando em seu próprio ser, Aldair mal teve forças para se sentar de pé na maca de sua cela, sem falar em fazer qualquer tentativa de fuga.

No entanto, ele não pôde impedir de falar enquanto Aidan se aproximava das barras da gaiola. — Eu não tive nada a ver com isso, — disse Aldair, olhando cintilando para as cicatrizes nas bochechas do homem.

— Eu sei, — respondeu Aidan. Ele parecia muito menos preocupado do que Aldair pensava que ele próprio ficaria, se tivesse sido tratado da mesma maneira. — Todos os djinn que estavam lá naquele dia com Khalim - seus rostos estão queimados em minha memória. O seu não é um deles.



FORBIDDEN

Embora Aldair soubesse que isso era apenas a verdade, ele não pôde deixar de ficar um pouco aliviado. Sim, ele ficou no esconderijo dos renegados no Ghost Rancho naquele dia, pois, embora se juntasse a Khalim, ele não tinha estômago para o tipo de — festas de caça — que o líder do djinn desonesto gostava tanto. Mas já teria sido fácil o suficiente para Aidan afirmar que Aldair estava lá, para que ele pudesse realizar sua própria vingança pessoal.

— Obrigado, — ele disse calmamente.

Os ombros do jovem levantaram. — Eu não estou desculpando as outras coisas que você fez. Mas também não vou responsabilizá-lo pelas coisas que não fez. — Ele sorriu então, as cicatrizes em suas bochechas puxando o que parecia ser o modo mais desconfortável. — Além disso, não sou eu quem tem que olhar para o meu rosto o tempo todo. De manhã, quando estou barbeando, mas é isso. E Lílias diz que não se importa.

— Lílias tem uma alma generosa. — Isso também era apenas a verdade. Ela não era uma djinn que Aldair jamais desejara - em parte porque Khalim era um ex-amante dela, e ele tinha uma longa memória e o hábito de guardar rancor - mas não podia negar a gentileza de seu espírito. Foi por isso que ela não ficou muito tempo com Khalim, e certamente por que ela escolheu um Escolhido. Ela nunca

CHRISTINE POPE

teria se permitido desistir da chance de salvar nem uma vida.

— Ela tem. — O olhar de Aidan desviou-se para a bandeja intocada de papel na cela de Aldair. Sim, eles o prenderam, mas também forneceram uma refeição generosa, pois, embora Zahrias pudesse ter uma mente determinada em sua busca pela justiça, ele não era um homem cruel. — Você não vai comer isso?

— Receio não ter muito apetite.

— Ainda assim, você deveria comer. — Uma pausa, e Aidan olhou para cima, como se estivesse pensando no mundo dos djinn de Santa Fe, a trinta metros acima de suas cabeças. — Tenho a sensação de que você precisará de suas forças amanhã.

Aldair não podia contestar essa afirmação. Ele sabia que era demais esperar que Jasreel cedesse, permitisse deixar suas diferenças de lado. A última vez que ele enfrentou o irmão, eles se enfrentaram em um campo vazio um pouco fora do centro de Taos. Eles fariam o mesmo aqui, ou uma das áreas abertas dentro do Plaza seria suficiente?

E da última vez, ele estava saudável e bem. Agora ele teria que enfrentar Jasreel depois de passar a noite sendo torturado pelo dispositivo. Se ele conseguisse dormir, seria um milagre.

— Você provavelmente está certo, — disse ele, e se forçou a pegar o garfo e colocar alguns bocados do prato de porco apimentado - algo chamada carne adoçada - na boca.

Afinal, até um homem condenado teve permissão para sua última refeição.

Jillian rolou para o lado e olhou para a suave luz da lua entrando pela janela do quarto. No começo, ela pensou que era isso que a estava incomodando, e então virou para o outro lado para poder encarar a parede. Mas o sono a iludiu lá também. Claro que não era o luar que a mantinha acordada, mas seus nervos estremecidos. Não importa o que ela fizesse - respirando profundamente, contando centenas de vezes para trás, murmurando: — Vá dormir, vá dormir — repetidamente - nada funcionou.

Como ela podia dormir quando Aldair deveria estar morta em algumas horas?

O horrível era que todos tinham sido incrivelmente legais com ela. Danilar, o irmão mais novo de cara feia de Zahrias, a piscou de volta a Madri para que ela pudesse reunir alguns itens pessoais e uma muda de roupa, além de buscar Patches. O cachorro não ficou muito emocionado por ser segurado com força enquanto Dani os trazia de volta para Santa Fé, mas ele se animou quando lhe foi permitido

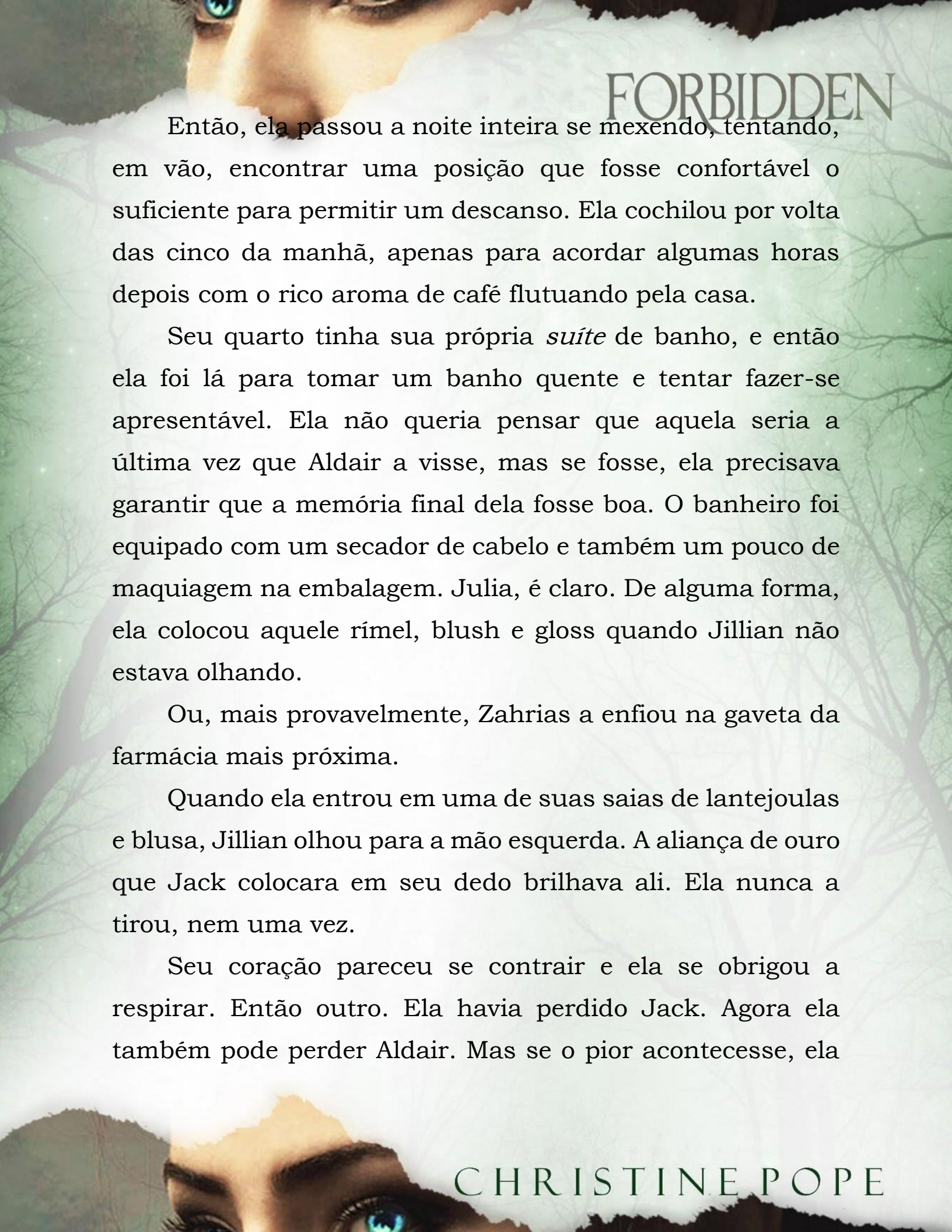
explorar os belos jardins que cercavam a casa que Zahrias e Julia compartilhavam.

Agora o cachorro estava dormindo no tapete ao lado de sua cama, sem nenhuma ideia de que ele poderia perder seu mestre adotivo no dia seguinte. Jillian desejou poder encontrar esse tipo de esquecimento feliz, mas sabia que não teria tanta sorte.

Quando ela tentou pegar o cérebro de Julia, perguntar se ela achava que Jasreel iria lutar com seu irmão no dia seguinte, Julia apenas balançou a cabeça e disse: — Eu realmente não sei. Geralmente, Jace é um tipo de perdão. Mas essa briga com Aldair já dura mais tempo do que estamos vivos. Ele pode estar feliz por ter uma chance de terminar de uma vez por todas.

Se ela conhecesse Julia melhor, Jillian poderia ter comentado amargamente: — Obrigado pela garantia. — Mas ela tinha a sensação de que Julia estava apenas tentando ser realista, não queria adoçar a situação. O horrível era que, não importa quem ganhasse, alguém perderia. Jillian não desejou nenhum dano a Jasreel e Jessica. Depois de tudo o que haviam passado, eles mereciam um pouco de paz.

O problema era que ela acreditava na mesma coisa sobre Aldair.



FORBIDDEN

Então, ela passou a noite inteira se mexendo, tentando, em vão, encontrar uma posição que fosse confortável o suficiente para permitir um descanso. Ela cochilou por volta das cinco da manhã, apenas para acordar algumas horas depois com o rico aroma de café flutuando pela casa.

Seu quarto tinha sua própria *suíte* de banho, e então ela foi lá para tomar um banho quente e tentar fazer-se apresentável. Ela não queria pensar que aquela seria a última vez que Aldair a visse, mas se fosse, ela precisava garantir que a memória final dela fosse boa. O banheiro foi equipado com um secador de cabelo e também um pouco de maquiagem na embalagem. Julia, é claro. De alguma forma, ela colocou aquele rímel, blush e gloss quando Jillian não estava olhando.

Ou, mais provavelmente, Zahrias a enfiou na gaveta da farmácia mais próxima.

Quando ela entrou em uma de suas saias de lantejoulas e blusa, Jillian olhou para a mão esquerda. A aliança de ouro que Jack colocara em seu dedo brilhava ali. Ela nunca a tirou, nem uma vez.

Seu coração pareceu se contrair e ela se obrigou a respirar. Então outro. Ela havia perdido Jack. Agora ela também pode perder Aldair. Mas se o pior acontecesse, ela

CHRISTINE POPE

queria que ele soubesse que ela era dele completamente, que finalmente deixaria de lado os fantasmas do passado.

Muito gentilmente, ela tirou o anel do dedo e colocou-o sobre a cômoda, depois voltou ao banheiro para escovar os cabelos pela última vez. Depois, ela seguiu o nariz e foi em direção à cozinha. Quando ela entrou na sala, ele viu Julia lá, mas não Zahrias.

— Ele e Dani já foram ao Plaza para marcar a área do duelo, — explicou ela, servindo café a Jillian. Aparentemente, percebendo a expressão ferida no rosto de Jillian, ela acrescentou rapidamente: — Isso não significa que é um acordo. Ainda dá tempo de encerrar tudo. Mas eles queriam estar preparados.

— É claro, — respondeu Jillian, a voz plana. Isso não parecia real. Talvez se ela continuasse dizendo a si mesma que nada disso estava acontecendo...

Mas é claro que sim. A cozinha, com seus armários de bordo caros e bancadas em granito, certamente era real, assim como Patches no canto, mastigando avidamente as rações que Julia havia preparado para ele.

Julia não disse nada, apenas se levantou e colocou alguns pedaços de pão na torradeira. Como ela descobriu que era a única comida que seu convidado seria capaz de

suportar, Jillian não sabia. Mas Julia sempre foi assim. Ela cuidou das pessoas.

Depois que seu café da manhã improvisado terminou, Jillian voltou ao banheiro para que ela pudesse escovar os dentes. Julia já havia se oferecido para deixar Patches no quintal, então ele foi atendido no futuro imediato.

E então ela chegou à porta do quarto de Jillian e disse suavemente: — Eles estão esperando no Plaza.

A torrada que ela acabara de comer congelou em um caroço na parte inferior do estômago. — Então Jasreel está passando por isso?

— Parece que sim. — Uma hesitação, e então Julia acrescentou: — Sinto muito.

Claramente, ela não achava que Aldair tivesse muita chance. Por mais que ela tenha admitido, Jillian não pôde deixar de se sentir da mesma maneira. Ela sabia que eles usaram um dos dispositivos de Miles para impedir que Aldair escapasse, então ele deve estar uma bagunça esta manhã. Se ele não podia derrotar Jasreel quando estava no topo de sua forma, como ele poderia esperar fazê-lo agora?

E o fato é que ela também não queria que nada acontecesse com Jasreel. Ele não era uma pessoa má. Se alguém deve enfrentar Aldair no Plaza, deve ser o pai bastardo deles. Foi ele quem começou tudo isso.

Depois de garantir que Patches estivesse em segurança e tivesse água em abundância, as duas mulheres foram para o Plaza. Como ficavam a apenas alguns quarteirões de distância, eles caminharam. O sol estava quente, mas a brisa surpreendentemente agradável. Engraçado como estava mais frio aqui em Santa Fé, mesmo estando a apenas 50 quilômetros de Madri. Mas a elevação foi bem maior.

Ao se aproximarem da área designada para o duelo, Jillian viu um grande número de pessoas marcando o local. Seu estômago se apertou ainda mais, mas ela se forçou a respirar. Ela não iria se permitir ficar doente aqui. Não, ela aguentaria e mostraria a Aldair que acreditava nele, que de alguma forma ele prevaleceria. Mas isso não estava certo. Ela não queria que nenhum deles prevalecesse. Ela só queria tudo dele, com todos ainda seguros e capazes de viver suas vidas.

Zahrias assentiu para eles quando eles se aproximaram. — Estamos quase prontos. Estamos apenas esperando por Jasreel.

Jillian olhou através do círculo de espectadores e viu Aldair de pé no lado oposto, flanqueado novamente por Murrah e Aziz. Parecia óbvio o suficiente que eles recebessem guarda, porque eram os dois maiores djinn da comunidade.

Não que Aldair parecesse estar em condições de tentar escapar. Seu rosto estava desenhado, sombras profundas sob os olhos que não estavam lá no dia anterior. Não importava, no entanto. Ele ainda parecia mais bonito para ela do que qualquer homem que ela já conheceria, e seus brilhantes olhos azuis brilhavam com amor e calor enquanto olhava através do espaço que os separava.

— Posso falar com ele? — Ela perguntou a Zahrias.

— Eu não tenho medo.

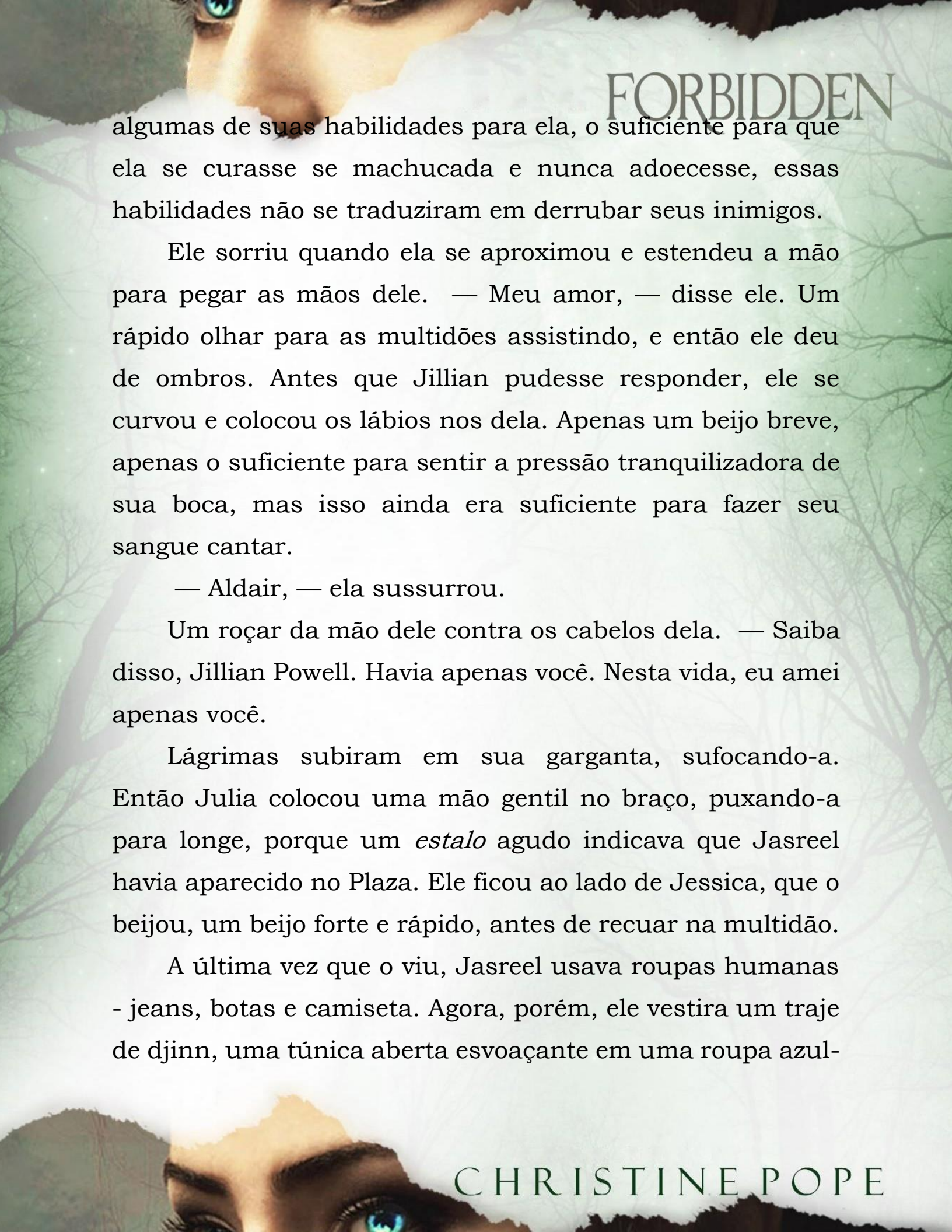
— Mas...

— Sério, Zahrias? — Julia interrompeu. No momento, ela não parecia muito satisfeita com seu parceiro. — Você não vai deixá-los falar, nem por um momento?

Sua mandíbula endureceu, mas então ele assentiu com relutância. — Um momento. E você irá com ela, Julia.

— Bem. — Ela se virou e ofereceu um sorriso tranquilizador para Jillian. — Vamos lá. É melhor fazer isso antes que Jasreel apareça.

Tudo o que Jillian pôde fazer foi assentir. Ela não tinha ideia do que diria para Aldair. Ele reconheceria quaisquer palavras de encorajamento como apenas isso - meras palavras. Ela não podia fazer nada para ajudá-lo. Naquele momento, ela desejou ser djinn também, só para poder lutar ao lado de seu amante. Mas enquanto ele emprestou



FORBIDDEN

algumas de suas habilidades para ela, o suficiente para que ela se curasse se machucada e nunca adoecesse, essas habilidades não se traduziram em derrubar seus inimigos.

Ele sorriu quando ela se aproximou e estendeu a mão para pegar as mãos dele. — Meu amor, — disse ele. Um rápido olhar para as multidões assistindo, e então ele deu de ombros. Antes que Jillian pudesse responder, ele se curvou e colocou os lábios nos dela. Apenas um beijo breve, apenas o suficiente para sentir a pressão tranquilizadora de sua boca, mas isso ainda era suficiente para fazer seu sangue cantar.

— Aldair, — ela sussurrou.

Um roçar da mão dele contra os cabelos dela. — Saiba disso, Jillian Powell. Havia apenas você. Nesta vida, eu amei apenas você.

Lágrimas subiram em sua garganta, sufocando-a. Então Julia colocou uma mão gentil no braço, puxando-a para longe, porque um *estalo* agudo indicava que Jasreel havia aparecido no Plaza. Ele ficou ao lado de Jessica, que o beijou, um beijo forte e rápido, antes de recuar na multidão.

A última vez que o viu, Jasreel usava roupas humanas - jeans, botas e camiseta. Agora, porém, ele vestira um traje de djinn, uma túnica aberta esvoaçante em uma roupa azul-

CHRISTINE POPE

celeste, brilhante contra sua pele quente, as calças vários tons mais escuros.

Ele levantou a voz e gritou: — Aldair al-Ankara, eu vou te ver neste campo de batalha de uma vez por todas. Seus erros são numerosos demais para serem listados aqui, mas todos os que assistem sabem o que você fez e me apoiam nesse empreendimento.

Nem todos, Jillian pensou ferozmente, agora de volta a Zahrias. Ela imaginou que Julia a trouxera lá para que o líder djinn pudesse ficar de olho nela.

Aldair deu um passo à frente. Eles também forneceram roupas de djinn para ele, mesmo que ele estivesse vestido para andar de moto quando foi capturado. Embora ele parecesse reto e alto o suficiente, Jillian ainda podia ver o cansaço nele. Ele não estava em condições para esta luta.

E quando ele falou, um pouco dessa exaustão apareceu em sua voz. Jasreel, não há necessidade disso. Você deseja lutar contra um homem que não existe mais.

— Acho que não, porque o vejo parado aqui diante de mim.

Ele não desistiu. Jillian estava prendendo a respiração pela metade, esperando que ele cedesse, mas parecia que séculos de conflito finalmente o haviam esgotado até o ponto em que tudo o que ele queria era um fim. Ela não sabia se

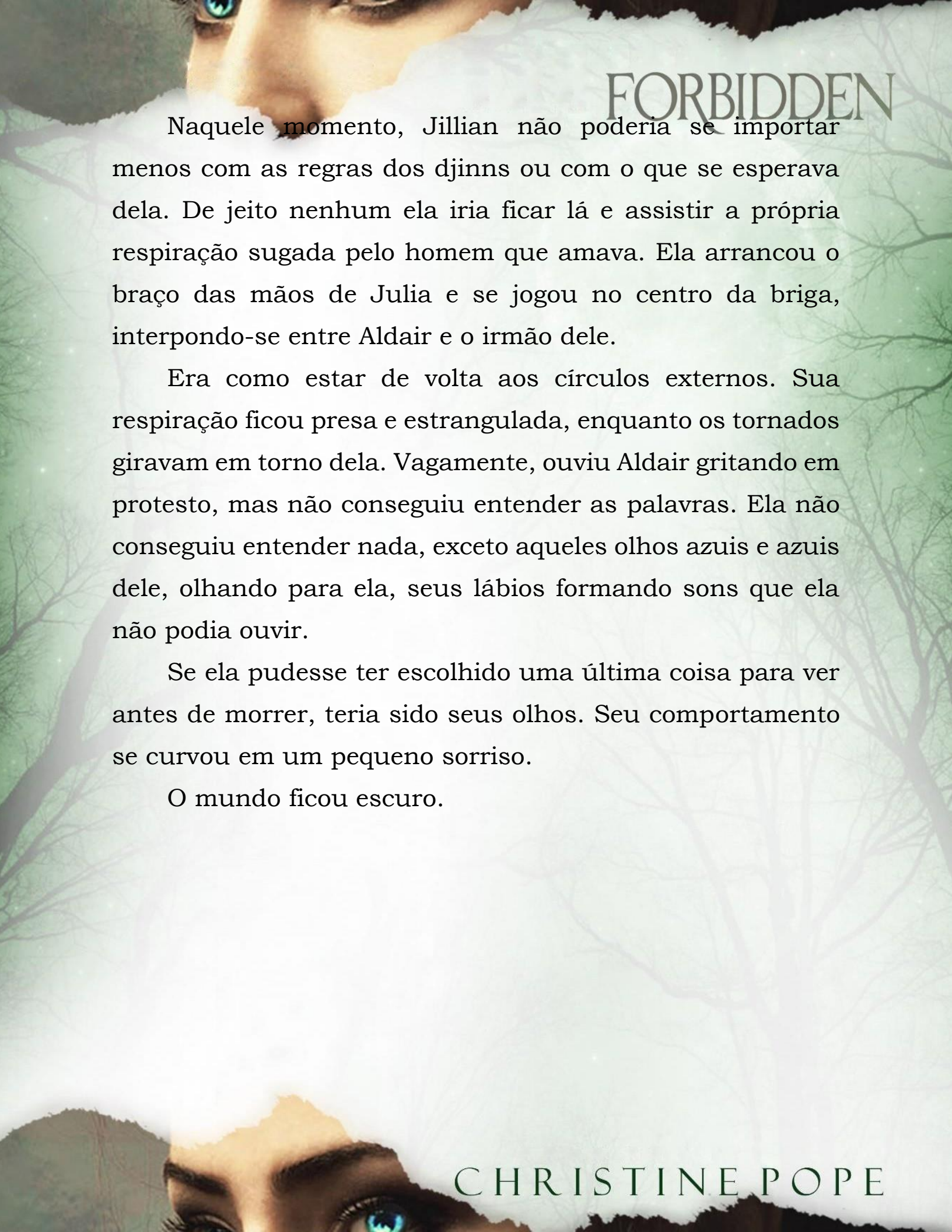
poderia culpá-lo. Ou melhor, ela não o culparia... se o objeto de sua ira fosse alguém e não Aldair.

Os dois se enfrentaram no centro da praça. Imediatamente, um vento forte começou a girar em torno deles, soprando em seus cabelos, fazendo com que a seda de suas vestes batesse e ondulasse. O vento tomou forma, coalescendo no que parecia um furacão em miniatura, que rodeava Aldair e o fazia tropeçar. Jillian respirou fundo, com medo de que ele perdesse o equilíbrio completamente. Ele tinha que ser tão fraco depois de ter aquele dispositivo batendo nele a noite toda...

Mas de alguma forma ele conseguiu permanecer em pé, e até enviou um segundo tornado girando para fora, indo direto para Jasreel. Ele ergueu as duas mãos em um movimento bloqueador, no entanto, um que desviou o furacão de volta para quem o invocara.

Aldair tropeçou novamente, e desta vez, com os dois tornados caindo sobre ele, a força foi suficiente para derrubá-lo de joelhos. Jillian gritou: — Não! — E começou a dar um passo à frente.

Julia pegou o braço dela. — Você não pode interferir, — disse ela, sua voz suave, mas urgente. — Eu sei que é terrível, mas....



FORBIDDEN

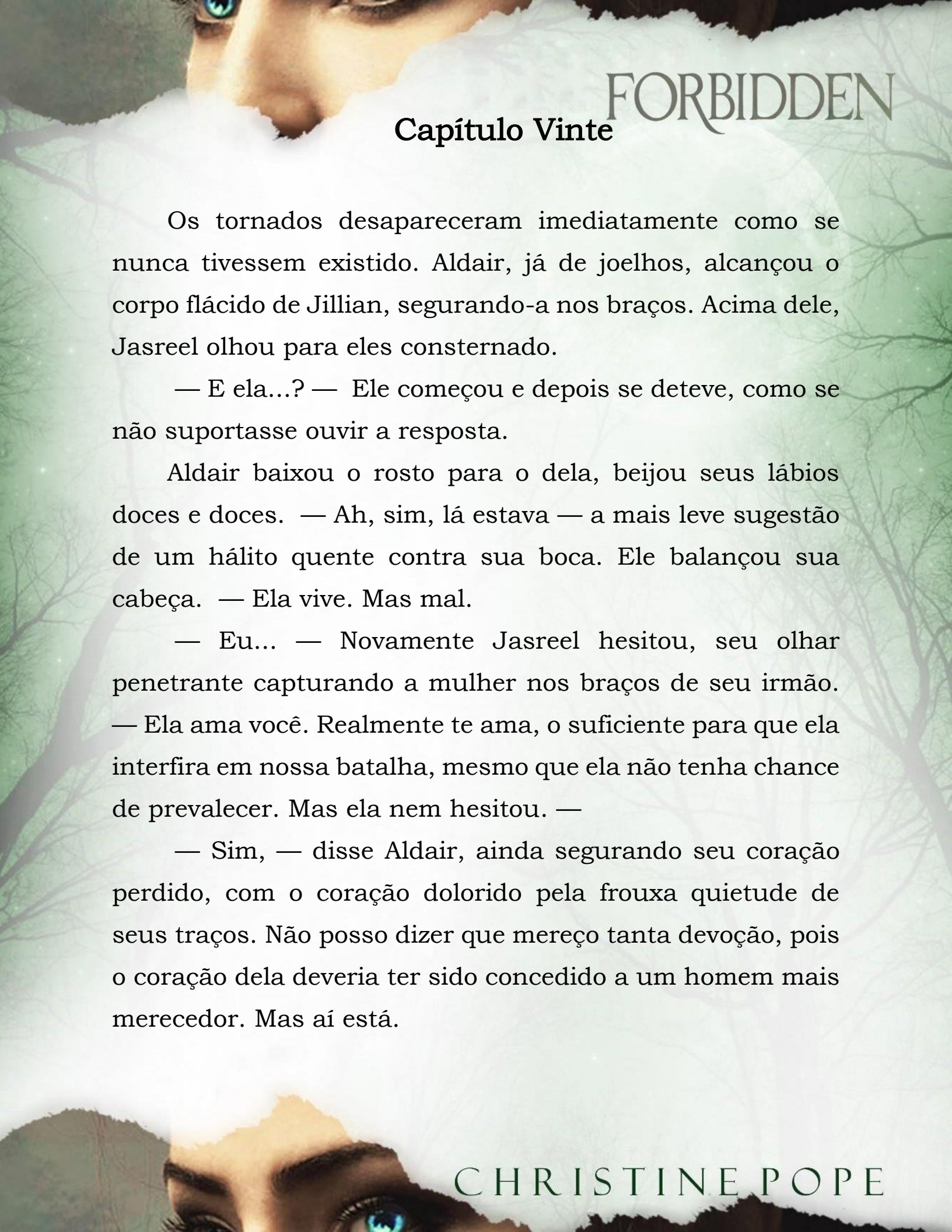
Naquele momento, Jillian não poderia se importar menos com as regras dos djinns ou com o que se esperava dela. De jeito nenhum ela iria ficar lá e assistir a própria respiração sugada pelo homem que amava. Ela arrancou o braço das mãos de Julia e se jogou no centro da briga, interpondo-se entre Aldair e o irmão dele.

Era como estar de volta aos círculos externos. Sua respiração ficou presa e estrangulada, enquanto os tornados giravam em torno dela. Vagamente, ouviu Aldair gritando em protesto, mas não conseguiu entender as palavras. Ela não conseguiu entender nada, exceto aqueles olhos azuis e azuis dele, olhando para ela, seus lábios formando sons que ela não podia ouvir.

Se ela pudesse ter escolhido uma última coisa para ver antes de morrer, teria sido seus olhos. Seu comportamento se curvou em um pequeno sorriso.

O mundo ficou escuro.

CHRISTINE POPE



FORBIDDEN

Capítulo Vinte

Os tornados desapareceram imediatamente como se nunca tivessem existido. Aldair, já de joelhos, alcançou o corpo flácido de Jillian, segurando-a nos braços. Acima dele, Jasreel olhou para eles consternado.

— E ela...? — Ele começou e depois se deteve, como se não suportasse ouvir a resposta.

Aldair baixou o rosto para o dela, beijou seus lábios doces e doces. — Ah, sim, lá estava — a mais leve sugestão de um hálito quente contra sua boca. Ele balançou sua cabeça. — Ela vive. Mas mal.

— Eu... — Novamente Jasreel hesitou, seu olhar penetrante capturando a mulher nos braços de seu irmão. — Ela ama você. Realmente te ama, o suficiente para que ela interfira em nossa batalha, mesmo que ela não tenha chance de prevalecer. Mas ela nem hesitou. —

— Sim, — disse Aldair, ainda segurando seu coração perdido, com o coração dolorido pela frouxa quietude de seus traços. Não posso dizer que mereço tanta devoção, pois o coração dela deveria ter sido concedido a um homem mais merecedor. Mas aí está.

CHRISTINE POPE

Da multidão, um mortal de cabelos escuros correu. Ajoelhou-se na rodada ao lado de Aldair e disse: — Sou Miguel, o médico daqui. Posso vê-la, por favor?

Por mais relutante que Aldair fosse entregar Jillian, ele sabia que esse jovem mortal teria muito mais chances de reviver sua amada do que ele. Então ele assentiu e permitiu que Miguel a levasse e sentisse o pulso dela, depois abrisse as pálpebras frouxas para que ele pudesse espiar dentro dos olhos dela. Por fim, ele assentiu.

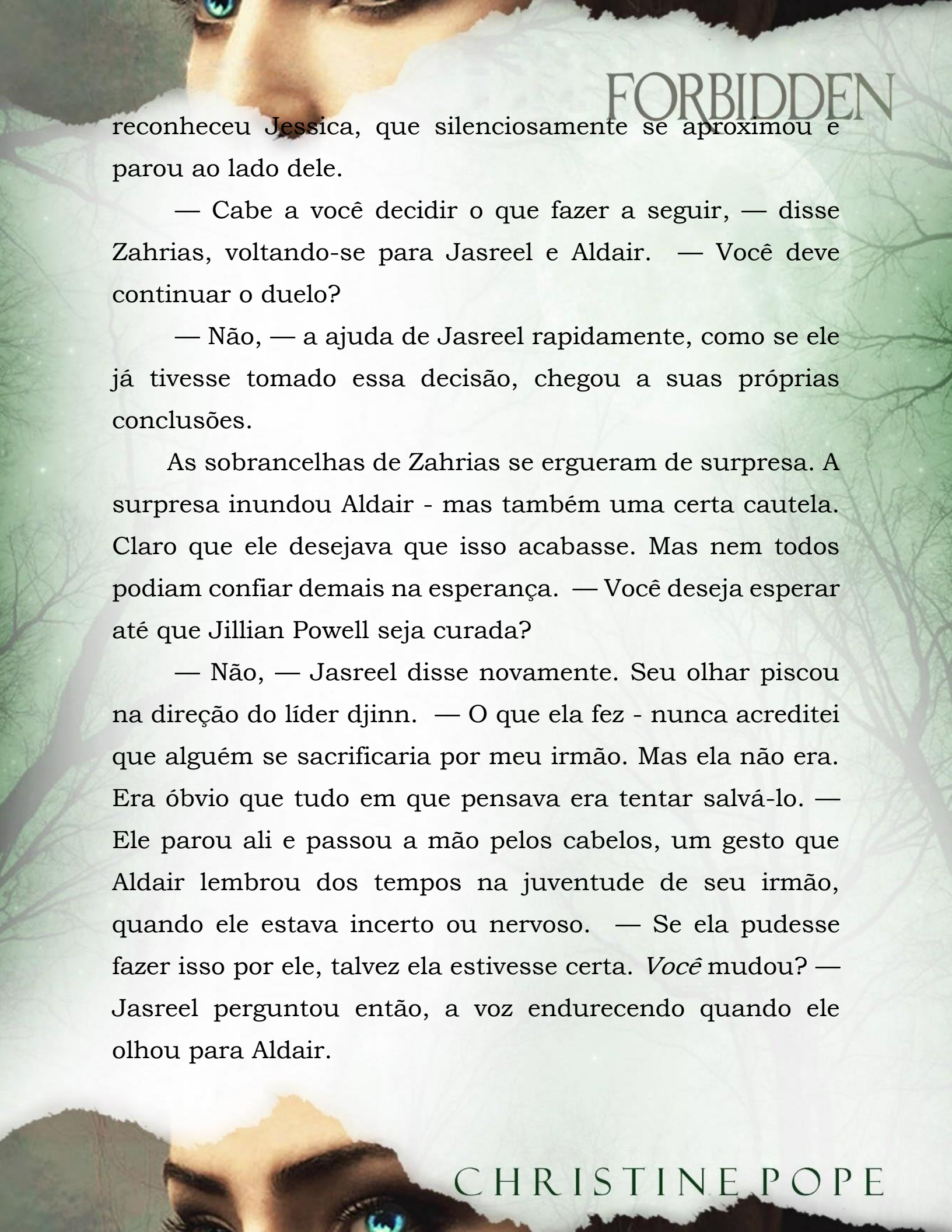
— Eu acho que ela vai ficar bem. Mas precisamos colocá-la na cama para que ela possa descansar.

Aldair assentiu. Miguel se levantou devagar, o corpo mole de Jillian nos braços. Júlia e Zahrias se apressaram. — Você consegue? — Zahrias perguntou.

— Acho que sim, desde que não precise levá-la longe demais.

— Para o La Fonda, — disse Julia rapidamente. — É o mais próximo. Eu irei com você.

O médico assentiu e caminhou em direção a um grande edifício no lado sudeste do Plaza, Dani movendo-se rapidamente para acompanhá-los, caso Miguel precisasse de alguma ajuda. Durante tudo isso, Jasreel ficou de lado, de alguma forma vazio e preocupado ao mesmo tempo, como se ele não soubesse o que deveria fazer agora. Ele mal



FORBIDDEN

reconheceu Jessica, que silenciosamente se aproximou e parou ao lado dele.

— Cabe a você decidir o que fazer a seguir, — disse Zahrias, voltando-se para Jasreel e Aldair. — Você deve continuar o duelo?

— Não, — a ajuda de Jasreel rapidamente, como se ele já tivesse tomado essa decisão, chegou a suas próprias conclusões.

As sobranceiras de Zahrias se ergueram de surpresa. A surpresa inundou Aldair - mas também uma certa cautela. Claro que ele desejava que isso acabasse. Mas nem todos podiam confiar demais na esperança. — Você deseja esperar até que Jillian Powell seja curada?

— Não, — Jasreel disse novamente. Seu olhar piscou na direção do líder djinn. — O que ela fez - nunca acreditei que alguém se sacrificaria por meu irmão. Mas ela não era. Era óbvio que tudo em que pensava era tentar salvá-lo. — Ele parou ali e passou a mão pelos cabelos, um gesto que Aldair lembrou dos tempos na juventude de seu irmão, quando ele estava incerto ou nervoso. — Se ela pudesse fazer isso por ele, talvez ela estivesse certa. *Você mudou?* — Jasreel perguntou então, a voz endurecendo quando ele olhou para Aldair.

CHRISTINE POPE

— Eu gostaria de pensar assim. Foi isso que tentei contar a todos. Mas por favor, devo ir ver Jillian.

Os olhos de Zahrias se estreitaram. — Isso é algum truque, então você pode tentar fugir agora?

A raiva explodiu em Aldair, superando seu cansaço, sua preocupação. — Envie guardas comigo, se quiser! Mas devo estar ao lado do meu escolhido!

— Deixe-o ir, — Jasreel disse então. Ele ainda usava aquela expressão levemente confusa, como se não pudesse decidir como deveria se sentir sobre o que acabara de ocorrer. — Eu não acho que ele tem intenção de fugir. — E eu acho que todos nós vamos ter que aprender a viver com ele.

— Você está dizendo o que eu acho que está dizendo, Jasreel. — Zahrias apareceu como se não pudesse acreditar no que acabara de ouvir.

— Sim, — Jasreel respondeu, dando ao líder do djinn de Santa Fé um sorriso relutante. — A briga acabou. Que ele seja um de nós agora.

Os olhos de Jillian se abriram lentamente. No começo, ela pensou que estava de volta ao quarto de hóspedes na casa de Zahrias e Julia, mas depois que ela piscou e o

ambiente ficou mais concentrado, ela percebeu que esse espaço era muito maior, os tetos ainda mais altos. E os móveis pintados - provavelmente locais - não eram familiares.

Mas todos esses detalhes desapareceram quando ela percebeu que Aldair estava sentado em uma cadeira de madeira que ele puxara para a cabeceira dela. A expressão de preocupação que ele usava desapareceu quando seus olhos se encontraram.

— Como esta minha querida?

— Eu... — Como ela estava? O peito e as costas doíam como se alguém a tivesse espancado com um graveto, mas, até onde ela sabia, ela parecia intacta. De qualquer forma, ela sabia que se curaria rapidamente, graças à conexão que ela e Aldair compartilhavam. — Estou bem. —

— Isso foi muito corajoso da sua parte, — disse ele enquanto pegava a mão dela. Sua carne era quente e acolhedora, e tão maravilhosamente real.

— Mas... — Jillian olhou em volta novamente. O quarto era bonito, mas ela esperava ver Murrah e Aziz ainda vigiando, ficando de lado enquanto observavam o cativo para garantir que ele não pudesse fugir. — Você está aqui sozinha, — disse ela sem rodeios.

— Sim. — Sua boca se torceu em um sorriso. — Você teria preferido mais companhia?

— Não, claro que não. Mas...

— Você está se perguntando onde estão os guardas.

— Sim. — Como ele podia estar tão calmo, tão relaxado? Ela pulou no meio da batalha dele com Jasreel porque ela não sabia o que mais fazer. Claramente, as forças que os dois djinn estavam lançando um contra o outro também a afetaram, mesmo que ela já estivesse começando a se sentir melhor. Mas isso não explicava por que haviam permitido que Aldair chegasse aqui desacompanhada.

— Não haverá guardas, porque Jasreel e eu fizemos nossa paz um com o outro.

— Você o que? — Ela bateu a cabeça no chão quando desmaiou? Isso explicaria por que Aldair não parecia estar fazendo nenhum sentido.

Parece que o seu auto- sacrifício o comoveu. Os dedos de Aldair apertaram os dela, e ele se levantou da cadeira para poder ir até ela, depois se dobrar e colocar o mais leve dos beijos em sua boca. — Ele não deseja mais lutar comigo.

Isso tudo foi um sonho? Tinha que ser, com o homem que ela amava ao seu lado, e as notícias inacreditáveis de que sua briga secular havia finalmente acabado. De alguma forma, ela conseguiu encontrar sua voz. — Bem, bom.

' — Bom'? — Aldair repetiu, rindo. — É tudo o que você tem a dizer?

— Não, mas acho que estou com um pouco de dificuldade agora. — Ela olhou para o rosto dele. Ele parecia melhorado também, as sombras desapareciam sob seus olhos, a cor voltou ao seu rosto. — E como você está?

— Muito melhor, agora que sei que você está segura. E os efeitos do dispositivo estão desaparecendo mais rapidamente do que eu esperava. Ele estremeceu então, como se se lembrasse muito bem do que lhe havia feito durante aquelas horas em que estivera operando. — Embora talvez não seja rápido o suficiente.

Jillian gentilmente soltou sua mão para poder empurrar o elfo dela contra os travesseiros. O quarto vacilou um pouco, mas então os centros de equilíbrio em seu cérebro pareciam assumir o controle, tornando tudo tranquilizadamente sólido novamente. — Então o que acontece agora?

— Bem, — ele respondeu. — Você vai melhorar, em primeiro lugar. Miguel acha que você deveria ficar na cama por pelo menos esta noite.

— Sério? — Ela voltou e lançou um olhar significativo para o espaço vazio na cama king size ao lado dela.

— Para *dormir*, — disse Aldair em tom falso-severo. —

Depois disso, teremos que procurar uma casa.

— Aqui em Santa Fe. — Era uma vez, ela ficaria emocionada com a perspectiva. Ela sempre adorou visitar aqui com Jack. Mas as circunstâncias atuais podem tornar a residência dela e de Aldair na antiga capital um toque problemático.

— Sim, é claro. Essas são as regras. Você é minha escolhida, e devemos residir com a comunidade aqui.

— E todo mundo está bem com isso?

Mais uma vez ele se inclinou e a beijou, a carícia muito mais prolongada dessa vez. Seu corpo doía por ele, terminações nervosas ganhando vida com a necessidade, mas ela sabia que teria que esperar. Não muito tempo, isso era certo. Mas provavelmente esta noite, apenas para estar seguro.

— 'Ok' pode ser um pouco otimista. Eu acho que eles vão se acostumar com a ideia. E eles vão te amar. Ele afastou uma mecha de cabelo rebelde do rosto dela. — Eu não vou mentir - acho que vai ajudar Jasreel e Jessica morarem fora de Santa Fé propriamente dita, e não se aventurarem muito na cidade, de acordo com o que Zahrias me disse. Não será tão difícil impedir que nossos caminhos se cruzem, pelo

menos até que meu irmão tenha tido mais tempo para se acostumar com a ideia.

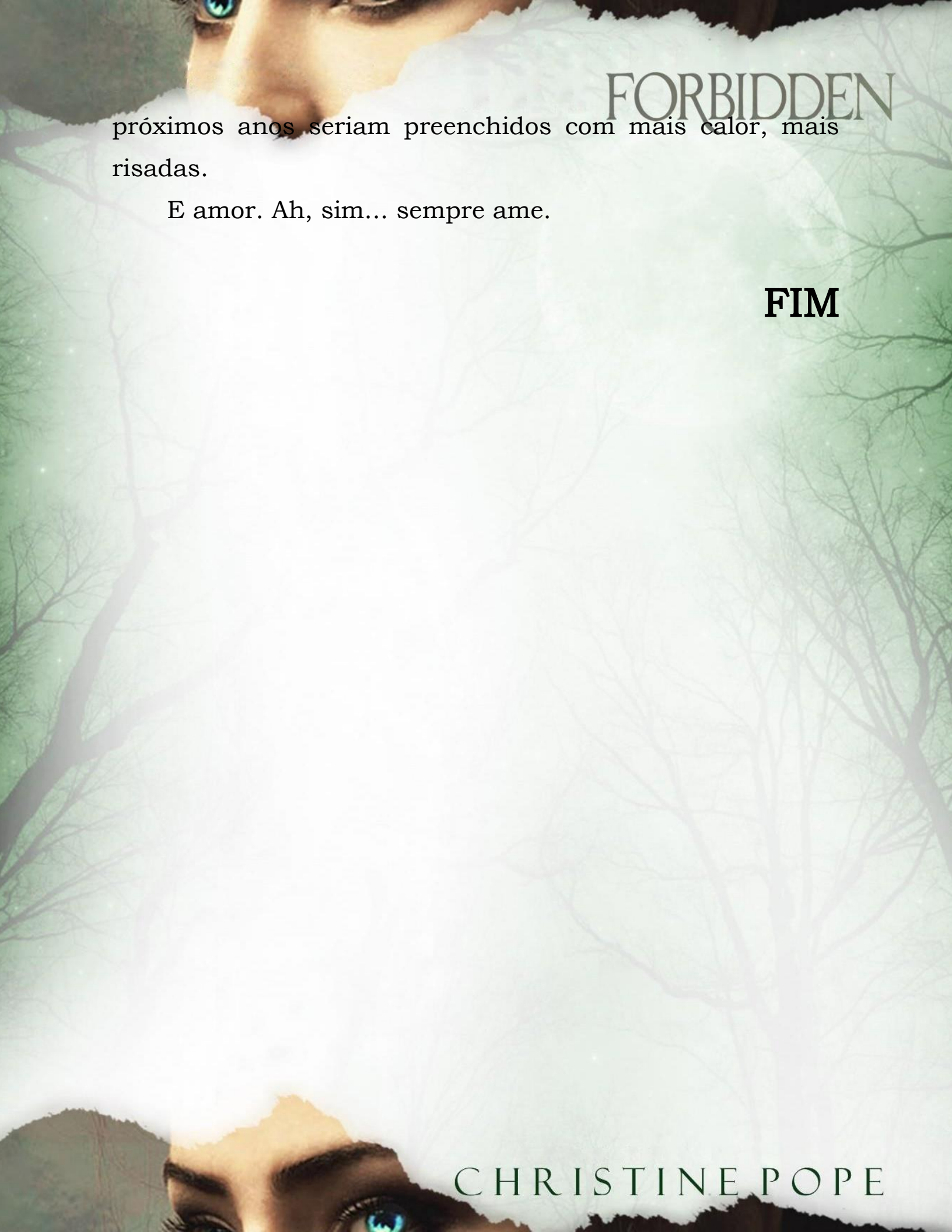
— Você provavelmente está certo. — E talvez com o tempo, ela e Aldair pudessem se tornar verdadeiros membros da comunidade daqui, tão firmemente entrelaçados em seu tecido quanto qualquer um dos que estiveram aqui desde o início. Seria bom, ela pensou, não se sentir uma pessoa de fora, realmente fazer parte das coisas, em vez de observar de fora. Isso tinha sido culpa dela em Los Alamos, ela sabia. Eles tentaram recebê-la, mas ela não aceitou.

As coisas seriam diferentes aqui, apenas por causa do homem que estava ao lado dela e a olhava com todo o amor do mundo em seus olhos. Ela abençoou o acidente que os unira. A mão de Deus? Ela não era tão vaidosa a ponto de pensar que merecia uma atenção tão especial.

Mas se tivesse sido... bem, ela teria que fazer o possível para provar que era digna de tal consideração.

Ela sorriu para Aldair. — Será preciso ser uma casa grande. Você sabe, para aqueles seis ou sete filhos.

Ele riu e se inclinou para beijá-la, seus braços passando ao redor dela para que ele pudesse abraçá-la. E ela se agarrou a ele, respirando seu calor nela, sabendo que os



próximos anos seriam preenchidos com mais calor, mais risadas.

E amor. Ah, sim... sempre ame.

FIM

CHRISTINE POPE